00100096

BOMBAY BRANCH
OF THE
Royal Asiatic Society.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016

1666

00.d.17

RIMAS
DE
LVIS DE CAMOÊS
PRINCEPE DOS POETAS
PORTVGVESES.

PRIMEIRA, SEGVNDA, E
TERCEIRA PARTE,

NESTA NOVA IMPRESSAM
emmendadas, & acrescentadas,

PELLO LECENCIADO
IOAM FRANCO BARRETO

100086

LISBOA.

Com as licenças necessarias.

Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello,
Impressor de Casa Real. Anno 1666.

Pw 891.12
Cam Pim
100096

00100096

SONETO.

QVem he efte, que na harpa Lufitana
Abate as Mufas Gregas, & Latinas?
E faz que ao mundo efqueção as plantinas
Graças, com graça, alegre, lyra ufana?
Luis de Camoens he, que a foberana
Potencia lhe influio partes divinas,
Por quem efpirão as flores, & boninas
Da Homerica Mufa, & Mantuana.
Se tu (triumphante Roma) efte alcançaras
No teu theatro, & Scena luminofa,
Nunca do graõ Terencio te admiràras
Mas antes fem contraftes, curiofa
Eftatua d'ouro alli lhe levantaras,
Contente de ventura tam ditofa.

A fepultura de Luis de Camoẽs Soneto, tirado de verfos de fuas Rimas por Ioão Gomes do Pego.

DEbaixo defta pedra eftá metido
Hum varão fapiente, em quem Thalia,
Nos verfos faudofos que efcrevia,
Alegra o mundo todo entriftecido.
Sempre ferà famofo, & conhecido:
Que ao juizo das gentes merecia
Da fama eterna, ter perpetuo dia,
Que já por exercicio lhe he devido.
Mufica com voz alta, & muy fubida
Copiofo exemplario para a gente,
Onde fua fineza mais fe apura.
Hũa memoria nova, & nunca ouvida,
Hum peito magoado, & defcontente
Jazem debaixo defta fepultura.

A DOM FRANCISCO DE SOVSA

Capitão da Guarda de S. ALTEZA, Alcaide Mòr das Villas do Crato, & Belver, Commendador das Cõmendas de S. MARIA de Belmonte, & S. Salvador da Insesta da Ordem de Christo.

ASSIM como fora improprio aplicar ao jaculador Apollo a Clava do forçoso Hercules, & indigno dedicar ao rebusto Thebano o arco do Pastor de Admeto (pois sô este sabe acertar com o alvo, & só aquelle manejar tanto pezo) assim fora tambem inconveniente fiar de outrem o patrocinio das Obras do Grande Luis de Camoẽs, pois sómente no amparo de V. S. pódem achar o maior seguro, & lograr o melhor asilo, que quem sabe guardar os Principes Politicos de seus emulos, tambem saberâ defender o Principe Poetico de seus Aristarcos; que nunca pezou a Hercules a Clava para dar morte â Idra, nem a Apollo o Arco para jácular Phitona, como nem a mim me faltarà nunca o conhecimento das muitas razoens que tenho para agradecer a V. S. o favor de nomearme entre seus affeiçoados. Guarde Deos a Pessoa de V. S. Lisboa 6. de Novembro de 669.

Maior affeiçoado de V. S.

Antonio Craesbeeck de Mello.

LICENÇAS.

PODemse tornar a imprimir as Obras de Luis de Camoẽs, & despois de impressas tornarão ao Conselho para se conferirem, & se dar licença para correrem, & sem ella não correrão. Lisboa 23. de Março de 1668.

Diogo de Sousa. *Rocha.*
D. Verissimo de Lencastro. *Fr. Pedro de Magalhaẽs.*

POdese imprimir. Lisboa, & Cabido Sède Vacante de Julho 6. de 1668.

Cordes. *Peixoto.*

QUe se possaõ imprimir, visto a licença do S. Officio, & Ordinario, & despois de impressas tornem para se taxar, & conferir, & sem isso naõ correrà. Lisboa, & 7. de Julho de 668.

Marquez Mordomo mòr P. *Magalhaẽs de Meneses.*
Miranda. *Carneiro.*

TAxaõ estas Obras de Luis de Camões em dois cruzados. Lisboa 30. de Outubro 669.

O Marquez Mordomo mor P. *Monteyro.*
Magalhaẽs de Menezes, *Carneyro.*

VIDA DO GRANDE LVIS de Camões.

NASCEO Luis de Camões em Lisboa falto tanto de bẽs da Fortuna, quanto rico das prendas da natureza. Pellas do sangue, & linha de seu pay Simão Vaz de Camoẽs, foi illustre, & da mãy Anna de Macedo nobilissimo. Pellas do engenho, protento ao mundo, forçosa enveja a todas as Nasçoẽs, & da Portuguesa unica estimaçaõ. Floreceo cõ ventagẽs em as Academias do Reyno. Servio depois na Corte, donde por certos amores foi desterrado pera Africa: não como Ouvidio pera o Ponto, com a pena na mão pera os Versos; mas cõ a espada na Campanha contra os Mouros. Ahi valeroso cõbatente perdeo hũ olho, grande castigo pera o autor de suas culpas, dezimadas à razão de ametade. Restituido passou à India a reconhecer aquelles campos, teatro das glorias immortais dos Portugueses, a essas consagrou todos seus suores, servindo a Patria, no Veraõ cõ as Armas em o Mar, no Inverno cõ a Pena em a Terra. Sua fortuna adversa q̃ desde seu nascimẽto emprendeo seguilo, como sombra (nisso só differente, q̃ cõ mudar pòlo, muda sito) não se mudou cõ elle se mudar ao Antartico. Sẽpre o seguio proterva, desterrãdoo como criminoso, senão a Macào, à China. Dizẽ foi o delito pique de algũa poesia. Là algũ arrependimento de sua desgraça, lhe offerecia alivio à sua sorte: mas erão dons dos Gregos por lhe encubrir, & facilitar mais sua fereza. Tornando pera Goa, padeceo naufragio, em q̃ (qualquer Cesar) nadando cõ

hũa maõ deu vida a ſua Poeſia, cõ outra liberdade à ſua vida, bẽs q̃ ſó lhe ficàraõ, perdendo de todo ahy os outros todos. Foi o recebimẽtò de ſeus naturaes em hũ carcere de Goa, & a condenação neſſe pouco q̃ lhe perdoàraõ as ondas. Vioſe depois a innocencia, ſeguio a enveja ſua obſtinação tanto peor, quãto mais diſſimulava. Brindoulhe ao gôſto cõ ſaudade da Patria, de quẽ jà eſcrevia, q̃ não veria ſeus oſſos. Fezlhe pera ella ponte de ouro nas deſpezas, q̃ lhe offertou hum amigo. Mas ainda arrependida deſſa meſma facilidade, inſtrumento de ſeus males, em o meyo da jornada o fez parar em Moçambique cõ o amigo, & pedirlhe paga da deſpeza de duzentos cruzados, obrigandoo a nova prizão ſe outros amigos dando a divida lhe não reſgatàrão a liberdade. Tornoulhe a picar o deſejo da Patria, a quẽ ternamẽte amava, ainda à viſta de tanta ingratidão. O contagio em q̃ ardia quando chegou, lhe retardou por dous annos o parto jà maduro de ſuas fadigas, deſvelo de vinte & ſinco annos. A igual paſſo ſe virão os frutos de ſeu engenho encontrados de envejoſo deſprêſo, q̃ os trabalhos de ſua milicia, atropellados de larga enfermidade, q̃ tardando ſete annos em o matar, por lhe alargar na vida mayor pena q̃ a morte, o veyo a pòr em a mayor miſeria da vida, eſtado q̃ elle muyto tempo antes ſe tinha vaticinado na ultima oitava do ſeu deſconcerto do mundo, & de q̃ ſe queixava a hũ amigo, a quẽ eſcreveo, q̃ o que ſentia mais era, q̃ em tão pequeno theatro, qual o de hũ pobre leito, quizeſſe a fortuna repreſentar tão grande deſventura, &c. Hũ eſcravo ſeu, de noite pedia de porta em porta eſmola, cõ que ſuſtentar aquella boca, oraculo da fama em o mundo todo. Acabou em reſolução

aquelle

quelle despojo da fortuna, escandalo do merecimẽto, hũs dizem que no Hospital de Lisboa, outros, q̃ entre as lastimas de tanta pobresa, que nẽ hũ lançol seu o quiz amortalhar. Seria porque só de si necessitava, quem só como quẽ era se levantava Mausoleo nas azas da Fama, & bronzes da eternidade. Dom Gonçalo Coutinho lhe trasladou seus ossos pera a Igreja de Santa Anna, renovando sua memoria com este epitafio.

Aqui jaz Luis de Camoẽs, Principe dos Poetas de seu tempo; viveo pobre, & miseravelmente, & assi morreo no anno 1579.

SONETO.

Em louvor de Luis de Camoens.

QVem louvarà Camoẽs, que elle não seja?
Quẽ não vé q̃ em vão cansa engenho, & arte,
Elle em si só se louva em toda a parte;
Toda a parte, elle sò enche d'enveja.
Quem juntos num espirito ver deseja,
Quantos doẽs entre mil Phebo repartẽ,
Quer elle d'amor cante, quer de Marte:
Por mais não desejar a elle sò veja.
Honrou a Patria em tudo imiga sorte.
A fez com elle sò ser encolhida,
Em premio de estender della a memoria:
Mas se lhe foy fortuua escassa em vida
Não lhe pode tirar despois da morte
Hum rico emparo de sua fama, & gloria.

PRIVILEGIO

PRIVILEGIO.

EV o PRINCEPE como Regẽte, & Governador destes Reynos, & Senhorios: faço saber aos q̃ este Alvarà virem, q̃ Antonio Craesbeeck de Mello, meu Impressor me inviou dizer por sua petiçaõ imprimira à sua custa as Obras de Luis de Camoẽs, Lusiadas, & Rimas com seus acrescentamentos. Pedindome lhe concedesse Privilegio para senão poderem imprimir, nem vender, nem trazer de fòra impressas por tempo de dez annos. E visto seu requerimento, & por lhe fazer mercê. Hey por bem & me praz que por tempo de dez annos, nenhum impressor, livreiro, ou outra pessoa possa nestes Reynos, & Senhorios de Portugal imprimir, vender nem trazer de fòra delle os livros referidos sem sua licença. E qualquer que durante o dito tempo de dez annos imprimir, ou vẽder as ditas obras, ou nos ditos Reynos, & Senhorios, ou trouxer de fòra delles sẽ licẽça do dito Antonio Craesbeeck de Mello perderà pera elle todos os volumes, q̃ assi imprimir, vender ou trouxer de fòra. E alem disso encorrerà em pena de duzentos cruzados ametade pera a minha Camara, & outra parte pera quem o acuzar. E mando às Justiças, & Officiaes a que pertẽcer que cumpraõ, & façaõ comprir este Alvarà como nelle se cõthem que valerà posto que seu effeito haja de durar mais de hũ anno, sem embargo da Ord. do. l. 2. t. 40. em contrario. E pagarà os novos direitos que dever conforme minhas ordens. Manoel do Couto o fez em Lisboa a 23. de Outubro de 1669 Iacinto Fagundez Bezerra o fez escrever.

PRINCEPE

O Marquez Mordomo mòr P.

SONETO IV.

DEspois que quis Amor, que eu sô passasse
Quanto mal jà por muitos repartio,
Entregoume à fortuna, porque vio,
Que nam tinha mais mal, que em mi mostrasse,
Ella porque do amor se avantejasse
No tormento, que o Ceo me permitio,
O que para ninguem se consentio,
Para mi sô mandou que se inventâsse.
Eisme aqui vou com vario som gritando
Copioso exemplario para a gente,
Que destes dous tyranos he sugeita:
Desvarios em versos concertando,
Triste, quem seu descanço tanto estreita,
Que deste tam pequeno està contente.

SONETO V.

EM prisoẽs baixas fui hum tempo atado,
Vergonhoso castigo de meus erros,
Inda agora arrojando levo os ferros,
Que amor a meu pesar tem jà quebrado.
Sacrifiquei a vida a meu cuidado,
Que amor nam quer cordeiros, nem bezerros:
Vi magoas, vi miserias, vi desterros,
Pareceme que estâva assi ordenado.
Contenteime com pouco, conhecendo,
Que era o contentamento vergonhoso,
Sò por ver, que cousa era viver ledo,
Mas minha estrella, que eu jà agora entendo,
A morte cega, & caso duvidoso,
Me fizerão de gostos haver medo.

SONETO VI.

ILlustre, & dino ramo dos Meneses,
Aos quaes o prudente, & largo Ceo,
(Que errar nam sabe) em dote concedeo
Rompese os Mahometicos arneses.
Desprezando à Fortuna, & seus reveses,
Ide para onde o Fado vos moveo,
Erguei flamas no mar alto Erithreo;
E sereis nôva luz aos Portugueses.
Oprimi com tam firme, & forte peito
O pirata insolente, que se espante,
E trema Taprobana, & Gedrolia,
Dai nòva causa à cor do Arabio estreito,
Assi, que o roxo mar daqui em diante
O seja, sô co sangue de Turquia.

SONETO VII.

NO tempo, que de amor viver sohia,
Nem sempre andava ao remo ferrolhado,
Antes agora livre, agora atado
Em varias flamas variamente ardia
Que ardesse num só fogo nam queria,
O Ceo, porque tivesse exprimentado,
Que nem mudar as causas ao cuidado,
Mudança na ventura me faria.
E se algum pouco tempo andava izento,
Fui como quem co pêso descansou,
Por tornar a cansar com mais alento.
Louvado seja amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou
Este meu tam cansado sofrimento.

SONETO VIII.

AMor, que o gesto humano n'alma escreve
Vivas faiscas me mostrou hum dia,
Donde hum puro cristal se derretia
Por entre vivas rosas, & alva neve.
A vista que em si mesma nam se atreve,
Por se certificar do que alli via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dor ao sofrimento doce, & leve,
Iura amor, que brandura de vontade,
Causa o primeiro effeito, o pensamento
Endoudece, se cuida que he verdade:
Olhai como amor géra num momento,
De lagrimas de honesta piedade,
Lagrimas de immortal contentamento.

SONETO IX.

TAnto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou d'frio,
Sem causa juntamente choro, & rio,
O mundo todo abarco, & nada aperto,
He tudo quanto sinto hum desconcerto,
D'alma hum fogo me sae, da vista hum rio,
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.
Estando em terra chego ao Ceo voando,
Nũa hora acho mil annos, & de geito,
Que em mil annos nam posso achar hum hora.
Se me pregunta alguem porque assi ando?
Respondo, que nam sei, porem suspeito,
Que sò porque vos vi, minha senhora.

SONETO X.

TRansformase o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar,
Nam tenho logo mais, que desejar,
Pois em mi tenho a parte desejada.
Se nella està minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sòmente póde descansar,
Pois consigo tal alma està liada.
Mas esta linda, & pura semidêa,
Que como o accidente em seu sugeito,
Assi com a alma minha se conforma;
Està no pensamento como idèa,
E o vivo, & puro amor, de que sou feito,
Como materia simples busca a fòrma.

SONETO XI.

PAsso por meus trabalhos tam izenta,
De sentimento grande, nem pequeno,
Que sò pola vontade, com que peno,
Me fica amor devendo mais tormento.
Mas vaime amor matando tam atento,
Temperando a triaga, co veneno,
Que do penar a ordem desordeno,
Porque nam mo consente o sofrimento.
Porèm se esta fineza o amor sente,
E pagarme meu mal com mal pretende,
Tornàme co prazer como ao Sol neve;
Mas se me vè cos males tam contente,
Fazse avàro da pena, porque entende,
Que quanto mais me paga, mais me deve.

SONETO XII.

EM flor vos arrancou, de então crescida,
Ah senhor Dom Antonio, a dura sorte,
Donde fazendo andava o braço forte,
A Fama dos antigos esquecida.
Hũa sò razão tenho conhecida,
Com que tamanha magoa se conforte,
Que pois no mundo havia honrada morte,
Que nam podieis ter mais larga vida.
Se meus humildes versos pòdem tanto,
Que co desejo meu se iguale a arte,
Especial materia me sereis,
E celebrado em triste, & longo canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes vivireis.

SONETO XIII.

NUm jardim adornado de verdura,
A que esmaltão por cima varias flores
Entrou hum dia a Deosa dos amores
Com a Deosa da caça, & da espessura,
Diana tomou logo hũa Rosa pura,
Venus hum roxo Lirio dos melhores,
Mas excediaõ muito ás outras flores,
As Violas na graça, & fermosura,
Perguntaõ a Cupido, que alli estáva,
Qual d'aquellas tres flores tomaria,
Por mais suave, pura, & mais fermosa?
Sorrindose o minino lhes tornáva,
Todas fermosas saõ, mas eu queria
Viola antes, que Lirio, nem que Rosa.

SONETO XIV.

TOdo animal da calma repousava,
Só Liso o ardor della nam sentia,
Que o repouso do fogo, em que elle ardia,
Consistia na Ninfa, que buscava.
Os montes parecia, que abalava
O triste som das magoas, que dizia,
Mas nada o duro peito commovia,
Que na vontade d'outrem posto estàva.
Cansado jà de andar pola espessura,
No tronco de hũa faya, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza:
Nunqua ponha ninguem sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

SONETO XV.

BUsque Amor nóvas artes, & novo engenho
Para matarme, & nóvas esquivanças,
Que nam póde tirarme as esperanças,
Pois mal me tirarà, o que eu nam tenho.
Olhai de que esperanças me mantenho,
Vede que perigosas seguranças,
Que nam temo contrastes, nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.
Mas com quanto nam póde haver desgosto,
Onde esperança falta, là mo esconde
Amor num mal, que mata, & nam se vé,
Que dias ha que n'alma me tem posto,
Hum nam sei que, que nasce, naõ sei donde,
Vem, nam sei como, & doe, nam sei porque.

SO-

SONETO XVI.

QUem vê, senhora, claro, & manifesto
O lindo ser de vossos olhos bellos,
Se nam perder a vista só em vellos,
Iá nam paga, o que deve a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto,
Mas eu por deventagem merecellos,
Dei mais a vida, & alma por querellos,
Donde já me fica mais de resto.
Assi, que a vida, & alma, & esperança,
E tudo quanto tenho, tudo he vosso,
E o proveito disso eu sò o levo:
Porque he tamanha bemaventurança,
O darvos quanto tenho, & quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

SONETO XVII.

QUando da bella vista, & doce riso
Tomando estaõ meus olhos mantimento,
Tam enlevado sinto o pensamento,
Que me faz ver na terra o paraizo.
Tanto do bem humano estou diviso,
Que qualquer outro bem julgo por vento,
Assi que em caso tal, segundo sento,
Assaz de pouco faz, quem perde o siso.
Em vos louvar senhora, nam me fundo,
Porque quem vossas cousas claro sente,
Sentirà que nam póde conhecellas.
Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Que nam he de estranhar, dama excellente,
Que, quem vos fez, fizesse Ceo, & Estrellas.

SONETO XVIII.

DOces lembranças da passada gloria,
Que me tirou Fortuna roubadora,
Deixaime repousar em paz hũa hora
Que comigo ganhais pouca vitoria.
Impressa tenho n'alma a larga historia
Desse passado bem, que nunqua fora;
Ou fora, & nam passára, mas já agora
Em mi nam póde haver mais que a memoria.
Vivo em lembranças, mouro de esquecido,
De quem sempre devera ser lembrado,
Se lhe lembrára estado tam contente.
Oh quem tornar pudêra a ser nascido!
Souberame lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

SONETO XIX.

ALma minha gentil, que te partiste
Tam cedo desta vida descontente,
Repousa là no Ceo eternamente,
E viva eu cà na terra sempre triste.
Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Nám te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que jâ nos olhos meus tam puro viste.
E se vires, que póde merecerte
Algũa cousa a dor, que me ficou
Da magoa sem remedio de perderte;
Roga a Deos, que teus annos encurtou,
Que tam cedo de cà me leva a verte,
Quam cedo de meus olhos te levou.

SONETO XX.

NUm bosque, que das Ninfas se habitàva,
Sybila Ninfa linda andàva hum dia,
E sobida n'uma arvore sombria,
As amarellas flores apanhàva.
Cupido, que alli sempre costumàva
A vir passar a sesta à sombra fria,
Num ramo o arco, & setas, que trazia,
Antes, que adormecesse pendurava.
A Ninfa, como idoneo tempo vira,
Para tamanha empreza, nam dilata,
Mas com as armas foge ao moço esquivo.
As setas traz nos olhos, com que tira,
Oh pastores fugi, que a todos mata,
Senaõ a mi, que de matarme vivo.

SONETO XXI.

OS Reynos, & os Imperios poderosos,
Que em grandeza no mũdo mais crescèraõ,
Ou por valor de esforço florecéraõ,
Ou por varoẽs nas letras espantosos.
Teve Grecia Themistocles famosos,
Os Scipioẽs a Roma engrandecêraõ,
Doze pares a França gloria dêraõ,
Cides a Espanha, & Laras bellicosos.
Ao nosso Portugal (que agora vemos
Tam differente de seu ser primeiro)
Os vossos dèrão honra, & liberdade.
E em vós graõ sucessor, & novo erdeiro,
Do Bragançaõ estàdo ha mil estremos,
Iguais ao sangue, & mòres, que a idade.

SO-

SONETO XXII.

DE vós me aparto, ó vida, & em tal mudança,
Sinto vivo da morte o sentimento,
Nam sei para que he ter contentamento,
Se mais ha de perder, quem mais alcança.
  Mas dou vos esta firme segurança,
Que posto que me mate meu tormento,
Polas agoas do eterno esquecimento,
Segura passarà minha lembrança.
  Antes sem vós meus olhos se entristeção,
Que com qualquer cousa outra se contentem,
Antes os esqueçais, que vos esqueção,
  Antes nesta lembrança se atormentem,
Que com esquecimento desmereção
A gloria, que em sofrer tal pena sentem.

SONETO XXIII.

CAra minha inimiga em cuja mão
Poz meus contentamentos a ventura,
Faltoute a ti na terra sepultura,
Porque me falte a mi consolação.
  Eternamente as agoas lograrão,
A tua peregrina formosura,
Mas em quanto me a mi a vida dura,
Sempre viva em min'halma te acharão,
  E se meus rudos versos podem tanto,
Que possão prometerte longa historia,
Daquelle amor tam puro, & verdadeiro:
  Celebrada serás sempre em meu canto,
Porque em quanto no mundo ouver memoria,
Será minha escritura teu letreiro.

SONETO XXIV.

AQuella triste, & leda madrugada,
Chea toda de magoa, & de piedade,
Em quanto ouver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada,
Ella só quando amena, & marchetada
Sahia dando ao mundo claridade,
Vio apartarse de hũa outra vontade,
Que nunqua poderá verse apartada.
Ella sò vio as lagrimas em fio,
Que de hũs, & de outros olhos dirivadas,
Se acrescentaõ em grande, & largo rio,
Ella vio as palavras magoadas,
Que puderaõ tornar o fogo frio,
E dar descanso ás almas condenadas.

SONETO XXV.

SE quando vos perdi minha esperança,
A memoria perdera juntamente,
Do doce bem passado, & mal presente,
Pouco sentira a dor, de tal mudança:
Mas amor, em quem tinha confiança,
Me representa muy miudamente,
Quantas vezes me vi ledo, & contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.
De cousas, de que nam havia sinal,
Por as ter postas jà em esquecimento,
Destas me vejo agora perseguido,
Ah dura estrella minha! ah gram tormento!
Que mal pòde ser mór, que no meu mal
Ter lembrança do bem, que he já perdido?

SONETO XXVI.

EM fermosa Lethea se confia,
Por onde a vaidade tanto alcança,
Que tornada em soberba a confiança,
Com os Deoses celestes competia.
Porque nam fosse avante a ousadia,
(Que nascem muitos erros da tardança.)
Em effeito puzerão a vingança,
Que tamanha doudice merecia.
Mas Oleno perdido por Lethea,
Nam lhe sofrendo amor, que soportasse
Castigo duro tanta fermosura;
Quiz padecer em si a pena alhea,
Mas porque a morte o amor nam apartasse,
Ambos tornados são em pedra dura.

SONETO XXVII.

MAles, que contra mi vos conjurastes,
Quanto ha de durar tam duro intento?
Se dura, porque dura meu tormento?
Bastevos quanto jà me atormentastes.
Mas se assi porfiais, porque cuidastes
Derrubar meu tam alto pensamento,
Mais pòde a causa delle, em que o sustento,
Que vós, que della mesma o ser tomastes.
E pois vossa tençaõ com minha morte,
Ha de acabar o mal destes amores,
Dai jà fim a tormento tam comprido:
Porque de ambos contente seja a sorte,
Vòs, porque me acabastes, vencedores,
E eu, porque acabei de vòs vencido.

SO-

SONETO XXVIII.

EStasse a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa, & honesta,
Nas lindas faces, & olhos, boca, & testa,
Boninas, Lirios, Rosas dibuxando.
De sorte vosso gesto matizando,
Natura quanto póde manifesta,
Que o monte, o campo, o rio, & a floresta,
Se estaõ de vós, senhora, namorando.
Se agora nam quereis, que quem vos ama,
Possa colher o fruito destas flores,
Perderáõ toda a graça vossos olhos:
Porque pouco aproveita, linda dama,
Que semeásse amor em vós amores,
Se vossa condiçaõ produze abrolhos.

SONETO XXIX.

SEte annos de Pastor Iacob servia,
Labão, pay de Rachel, serrana bella,
Mas nam servia ao pay, servia a ella,
Que a ella sò por premio pretendia.
Os dias na esperança de hum sò dia
Passava, contentandose com vella;
Porêm o pay usando de cautella,
Em lugar de Rachel, lhe dava Lya.
Vendo o triste Pastor, que com enganos
Lhe fora assi negada sua Pastora,
Como se a nam tivera merecida:
Começa de servir outros sete annos,
Dizendo, mais servira, senão fora
Para tam longo amor tam curta a vida.

SONETO XXX.

EStà o lascivo, & doce Passarinho,
Com o biquinho as penas ordenando,
O verso sem medida, alegre, & brando
Expedindo no rustico raminho.
O cruel caçador, que do caminho
Se vem calàdo, & manso, desviando,
Na pronta vista a fera endereitando,
Em morte lhe converte o caro ninho.
Desta arte o coração, que livre andâva
(Posto que jà de longe destinado)
Onde menos temia, foi ferido.
Porque o frecheiro cego me esperâva,
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

SONETO XXXI.

PEde o desejo, dama, que vos veja,
Nam entende, o que pede, està enganado;
He este amor tam fino, & tam delgado,
Que quem o tem, nam sabe, o que deseja.
Nam ha ahi cousa, a qual natural seja,
Que nam queira perpetuo seu estado,
Nam quer logo o desejo o desejado,
Porque nam falte nunqua onde sobeja.
Mas este puro affecto em mi se dana,
Que como a grave pedra tem por arte,
O centro desejar da natureza,
Assi o pensamento pela parte,
Que vai tomar de mi terreste, & humana,
Foi, senhora, pedir esta baixeza.

SONETO XXXII.

POrque quereis, senhora, que offereça
A vida a tanto mal, como padeço?
Se vos nasce do pouco, que mereço,
Bem por nascer está, quem vos mereça.
Sabei em fim, por muito, que vos peça,
Que posso merecer, quanto vos peço;
Que nam consente amor, que em baixo preço,
Tam alto pensamento se conheça.
Assi que a paga igual de minhas dores,
Com nada se restaura, mas deveisma,
Por ser capaz de tantos disfavores.
E se o valor de vossos servidores,
Houver de ser igual comvosco mesma,
Vòs sò comvosco mesma andai de amores.

SONETO XXXIII.

SE tanta pena tenho merecida,
Em pago de sofrer tantas durezas,
Provai, senhora, em mi vossas cruezas;
Que aqui tendes hũa alma offerecida,
Nella esperimentai, se sois servida,
Desprezos, disfavores, & asperezas,
Que mores sofrimentos, & firmezas
Sustentarei na guerra desta vida.
Mas contra vossos olhos, quaes serão?
He forçado, que tudo se lhe renda,
Mas porei por escudo o coração:
Porque em tam dura, & aspera contenda,
He bem, que pois nam acho defensaõ,
Com me meter nas lanças me defenda.

SONETO XXXIV.

QUando o Sol encuberto vai mostrando,
Ao mundo a luz quièta, & duvidosa,
Ao longo de hũa praya deleitosa,
Vou na minha inimiga imaginando.
Aqui a vi os cabellos concertando,
Alli co a mão na face tam fermosa,
Aqui fallando alegre, alli cuidosa,
Agora estando queda, agora andando.
Aqui esteve assentada, alli me vio,
Erguendo aquelles olhos tam izentos;
Aqui movida hum pouco, alli segura,
Aqui se entristeceo, alli se rio.
Em fim nestes cansados pensamentos,
Passo esta vida van, que sempre dura.

SONETO XXXV.

HUm mover de olhos brando, & piedoso;
Sem ver de que, hum riso brando, & honesto,
Quasi forçado, hum doce, & humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso.
Hum despejo quièto, & vergonhoso;
Hum repouso gravissimo, & modesto;
Hũa pura bondade, manifesto
Indicio d'alma, limpo, & gracioso.
Hum encolhido ousar, hũa brandura,
Hum medo sem ter culpa, hum ár sereno,
Hum longo, & obediente sofrimento:
Esta foi a celeste fermosura,
Da minha Circe, & o magico veneno,
Que póde transformar meu pensamento.

SONETO XXXVI.

TOmoume vossa vista soberana,
Adonde tinha as armas mais à mão,
Por mostrar, que quem busca defensaõ
Contra esses bellos olhos, que se engana.
Por ficar da vitoria mais ufana,
Deixoume armar primeiro da razão;
Cuidei de me salvar, mas foi em vão,
Que contra o Ceo nam val defensa humana.
Mas porém se vos tinha prometido
O vosso alto destino esta vitoria,
Servos tudo bem pouco està sabido.
Que posto que estivesse apercebido,
Nam levais de vencerme grande gloria,
Mayor a levo eu de ser vencido.

SONETO XXXVII.

NAm passes caminhante, quem me chama?
Hũa memoria nova, & nunca ouvida,
De hum, que trocou finita, & humana vida
Por divina, infinita, & clara Fama.
Quem he, que tam gentil louvor derrama?
Quem derramar seu sangue nam duvida,
Por seguir a bandeira esclarecida
De hum capitão de Christo, que mais ama.
Ditoso fim, ditoso sacrificio,
Que a Deos se fez, & ao mundo juntamente,
Apregoando direi tam alta sorte.
Mais poderás contar a toda a gente,
Que sempre deo sua vida claro indicio,
De vir a merecer tam santa morte.

SONETO XXXVIII.

FErmosos olhos, que na idade nossa,
Mostrais do Ceo certissimos sinais,
Se quereis conhecer quanto possais,
Olhaime a mi, que sou feitura vossa,
Vereis, que de viver me desapossa
Aquelle riso, com que a vida dais,
Vereis, como de amor nam quero mais,
Por mais que o tempo corra, & o dano possa.
E se dentro nesta alma ver quiserdes,
Como num claro espelho, alli vereis
Tambem a vossa angelica, & serena:
Mas eu cuido, que sò por nam me verdes,
Vervos em mi, senhora, nam quereis,
Tanto gosto levais de minha pena.

SONETO XXXIX.

O Fogo, que na branda cera ardia,
Vendo o rosto gentil, que eu nalma vejo,
Se acendeo de outro fogo do desejo,
Por alcançar a luz, que vence o dia.
Como de dous ardores se encendia,
Da grande impaciencia fez despejo,
E remetendo com furor sobejo,
Vos foi beijar na parte onde se via.
Ditosa aquella flama, que se atreve,
Apagar seus ardores, & tormentos,
Na vista, de que o mundo temer deve,
Namorãose, senhora, os elementos,
De vós, & queima o fogo aquella neve,
Que queima coraçoẽs, & pensamentos.

SONETO XL.

ALegres campos, verdes arvoredos,
Claras, & frescas agoas de cristal,
Que em vòs os dibuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos.
Silvestres montes, asperos penedos,
Compostos em concerto desigual,
Sabei, que sem licença de meu mal,
Jâ nam podeis fazer meus olhos ledos.
E pois me jà não vedes como vistes,
Nam me alegrem verduras deleitosas,
Nem agoas, que correndo alegres vem.
Semearei em vòs lembranças tristes,
Regandovos com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

SONETO XLI.

QUantas vezes do fuso se esquecia
Daliana banhando o lindo seyo,
Tantas vezes de hum aspero receyo,
Salteádo Laurenio a cor perdia.
Ella, que a Silvio, mais que a si queria,
Para podelo ver nam tinha meyo:
Ora como curarà o mal alheyo,
Quem o seu mal tam mal curar sabia?
Elle, que vio tam claro esta verdade,
Com soluços dizia (que a espessura
Comovia de magoa a piêdade)
Como pòde a desordem da natura
Fazer tam differentes na vontade,
A quem fez tam conformes na ventura?

SONETO XLII.

LIndo ſutil trançado, que ficaſte
Em penhor do remedio, que mereço,
Se sò contigo, vendote, endoudeço,
Que fora cos cabellos, que apertaſte?
Aquellas tranças de ouro, que ligaſte,
Que os rayos do Sol tem em pouco preço,
Naõ ſei, ſe para engano, do que peço,
Se sò para me atar os deſataſte.
Lindo trançado, em minhas mãos te vejo
E por ſatisfação de minhas dores,
Como quem naõ tem outra, hei de tomarte,
E ſe naõ for contente meu deſejo,
Dirlhehei, que neſta regra dos amores,
Pelo todo tambem ſe toma a parte.

SONETO XLIII.

O Ciſne quando ſente ſer chegada
A hora, que poem termo a ſua vida,
Muſica com voz alta, & muy ſubida
Levanta pela praya inhabitàda.
Deſeja ter a vida prolongada,
Chorando do viver a deſpedida,
Com grande ſaudade da partida,
Celebra o triſte fim deſta jornada.
Aſſi, minha ſenhora, quando via
O triſte fim, que davaõ meus amores,
Eſtando poſto jà no eſtremo fio.
Com mais ſuave canto, & armonia
Deſcantei pelos voſſos disfavores,
La vueſtra falſa fè, y el amor mio.

SONETO XLIV.

PElos extremos raros, que moſtrou
Em ſaber Pallas, Venus em fermoſa,
Diana em caſta, Juno em animoſa;
Africa, Europa, & Aſia, as adorou.
Aquelle ſaber grande, que ajuntou
Eſprito, & corpo em liga generoſa,
Eſta mundana machina luſtroſa,
De sò quatro Elementos fabricou.
Mas mòr milagre fez a natureza
Em vós, ſenhoras, pondo em cada hũa,
O que por todas quatro repartio.
A vòs ſeu reſplandor deu Sol, & Lua,
A vòs com viva luz, graça, & pureza,
Ar, Fogo, Terra, & Agoa vos ſervio.

SONETO XLV.

TOmava Deliana por vingança
Da culpa do paſtor, que tanto amava
Caſar com Gil vaqueiro, & em ſi vingàva
O erro alheyo, & perfida eſquivança.
A diſcrição ſegura, à confiança,
As roſas, que ſeu roſto dibuxava,
O deſcontentamento lhas ſecava,
Que tudo muda hũa aſpera mudança.
Gentil planta diſpoſta em ſeca terra,
Lindo fruito de dura mam colhido.
Lembranças d'outro amor, & ſe perjura:
Tornârão verde prado em dura ſerra;
Intereſſe enganoſo, amor fingido,
Fizerão deſditoſa a fermoſura.

SONETO XLVI.

GRam tempo ha jà que ſoube da ventura,
A vida, que me tinha deſtinàda,
Que a longa experiencia da paſſada,
Me dàva claro indicio da futura.
Amor fero, cruel, Fortuna eſcura,
Bem tendes voſſa força exprimentâda,
Aſſolai, deſtrui, nam fique nada,
Vingaivos deſta vida, que inda dura.
Soube amor da ventura, que a nam tinha,
E porque mais ſentiſſe a falta della,
De imagẽs impoſſiveis me mantinha.
Mas vòs, ſenhora, pois que minha eſtrella
Nam foi melhor, vivei neſta alma minha,
Que nam tem a Fortuna poder nella.

SONETO XLVII.

SE algũa hora em vòs a pièdade,
De tam longo tormento ſe ſentira,
Nam conſentira amor, que me partira
De voſſos olhos, minha ſaudade.
Aparteime de vòs, mas a vontade,
Que pelo natural n'alma vos tira,
Me faz crer, que eſta auſencia he de mentira,
Mas ainda mal porem, porque he verdade.
Irmehei, ſenhora, & neſte apartamento,
Tomaràõ triſtes lagrimas vingança
Nos olhos, de quem foſtes mantimento:
E aſſi darei vida a meu tormento,
Que em fim me acharà minha lembrança
Sepultado no voſſo eſquecimento.

SONETO XLVIII.

O Como ſe me alonga de anno em anno
A peregrinaçaõ canſada minha!
Como ſe encurta, & como ao fim caminha
Eſte meu breve, & vão diſcurſo humano!
Vaiſe gaſtando a idade, & creſce o dano,
Perdeſeme hum remedio, que inda tinha,
Se por experiencia ſe adivinha,
Qualquer grande eſperança he grande engano.
Corro apoz eſte bem, que nam ſe alcança,
No meyo do caminho me fallece,
Mil vezes cayo, & perco a confiança:
Quando elle foge, eu tardo, & na tardança
Se os olhos ergo a ver ſe inda aparece,
Da viſta ſe me perde, & da eſperança.

SONETO XLIX.

TEmpo he jâ, que minha confiança
Se deça de hũa falſa opinião,
Mas ſe amor nam ſe rege por razão,
Nam poſſo perder logo a eſperança:
A vida ſi, que hũa aſpera mudança
Nam deixa viver tanto hum coração,
E eu na morte tenho a ſalvaçaõ?
Si, mas quem a deſeja nam a alcança.
Forçado he logo, que eu eſpere, & viva,
Ah dura ley de amor, que nam conſente,
Quiêtaçaõ n'hũa alma, que he cativa,
Se hei de viver em fim forçadamente,
Para que quero a gloria fugitiva,
D'hũa eſperança van, que me atormenta?

SONETO L.

AMor, co a esperança jà perdida,
Teu soberano templo visitei,
Por sinal do naufragio, que passei,
Em lugar dos vestidos puz a vida.
Que queres mais de mi, que destruhida
Me tens a gloria toda, que alcancei?
Naõ cuides de forçarme, que naõ sei
Tornar a entrar onde naõ ha sahida.
Vès aqui alma, vida, & esperança,
Despojos doces de meu bem passado,
Em quanto quiz aquella, em quem eu mòro.
Nella pódes tomar de mi vingança,
E se inda nam estâs de mi vingado,
Contentate co as lagrimas, que choro.

SONETO LI.

APollo, & as nove Musas descantando,
Com a dourada lyra me influyam
Na suave armonia, que fazião,
Quando tomei a pena, começando:
Ditoso seja o dia, & hora quando
Tam delicados olhos me feriāo,
Ditosos os sentidos, que sentião,
Estarse em seu desejo traspassando,
Assi cantàva, quando amor virou
A roda à esperança, que corria,
Tam ligeira, que quasi era invisivel.
Converteoseme em noite o claro dia,
E se algũa esperança me ficou,
Serà de mayor mal, se for possivel.

SO-

SONETO LII.

LEmbranças saudosas, se cuidais
De me acabar a vida neste estàdo,
Nam vivo com meu mal tam enganàdo,
Que não espere delle muito mais.
De muito longe jà me costumais
A viver de algum bem desesperàdo,
Jà tenho co a Fortuua concertàdo
De sofrer os trabalhos, que me dais.
Atada ao remo tenho a paciencia,
Para quantos desgostos dèr a vida.
Cuide em quanto quizer o pensamento,
Que pois não ha ahi outra resistencia,
Para tam certa quèda de subida,
Apararlhehei debaixo o soffrimento.

SONETO LIII.

APartavase Nise de Montano,
Em cuja alma partindose ficàva,
Que o pastor na memoria a dibuxàva,
Por poder sustentarse deste engano.
Pelas prayas do Indico Occèano,
Sobre o curvo cajado se encostàva,
E os olhos pelas agoas alongàva,
Que pouco se dohiaõ de seu dano.
Pois com tamanha magoa, & saudade
(Dizia) quiz deixarme a em que eu mòro,
Por testemunhas tomo Ceo, & Estrellas:
Mas se em vòs ondas mora piedade,
Levai tambem as lagrimas, que choro,
Pois assi me levais a causa dellas.

SONETO LIV.

QUando vejo, que meu deſtino ordena;
Que por me exprimentar d'vôs m'aperte,
Deixando de meu bem tam grande parte,
Que a meſma culpa fica grave pena.
O duro disfavor, que me condena,
Quando pela memoria ſe reparte,
Endurece os ſentidos de tal arte,
Que a dor d'auſencia fica mais pequena.
Pois como póde ſer, que na mudança
D'aquillo, que mais quero, eſtè tam fòra,
Deme nam apartar tambem da vida,
Eu refrearei tam aſpera eſquivança,
Porque mais ſentirei partir, ſenhora,
Sem ſentir muito a pena da partida.

SONETO LV.

DEpois de tantos dias mal gaſtados,
Depois de tantas noites maldormidas,
Depois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos ſuſpiros vãos vanmente dados.
Como nam ſois vós já deſenganados,
Deſejos, que de couſas eſquecidas
Quereis remediar mortaes feridas,
Que amor fez ſem remedio, o tempo, os Fados?
Senaõ tivereis já experiencia
Das ſem razoẽs de amor, a quem ſerviſtes,
Fraqueza fora em vôs a reſiſtencia,
Mas pois por voſſo mal ſeus males viſtes,
Que tempo nam curou, nem longa auſencia,
Que bem delle eſperais deſejos triſtes?

SO-

SONETO LVI.

NAyades vós, que os rios habitais,
Que os saudosos campos vão regando,
De meus olhos vereis estar manando
Outros, que quasi aos vossos são iguais:
Driades, vòs que as setas atirais,
Os fugitivos cervos derribando,
Outros olhos vereis, que triunfando,
Derribão coraçoẽs, que valem mais,
Deixai lògo as aljavas, & agoas frias,
E vinde Nynfas minhas, se quereis
Saber como de hũs olhos nascem magoas,
Vereis còmo se pàssaõ em vão os dias.
Mas nam vireis em vão, que cà achareis,
Nos seus as setas, & nos meus as agoas.

SONETO LVII.

MUdaõse os tempos, mudaõse as vontades,
Mudase o ser, mudase a confiança,
Todo mundo he composto de mudança,
Tomando sempre nòvas qualidades.
Continuamente vemos novidades,
Differentes em tudo da esperança,
Do mal, ficaõ as magoas da lembrança,
E do bem (se algum houve) as saudades.
O tempo cobre o chão de verde manto,
Que jà cuberto foi de neve fria,
E em mi converte èm choro o doce canto,
E a fòra este mudarse cada dia,
Outra mudança faz de mòr espanto,
Que nam se muda jà como sohia.

SONETO LVIII.

SE as penas, com que amor tam mal me trata,
Quizer, que tanto tempo viva dellas,
Que veja escuro o lume das estrellas,
Em cuja vista o meu se acende, & mata;
E se o tempo, que tudo desbarata,
Secar as frescas rosas sem colhellas,
Mostrando a linda cor das tranças bellas,
Mudada de ouro fino em branca prata.
Vereis, senhora, entaõ tambem mudado
O pensamento, & aspereza vossa,
Quando nam sirva já sua mudança,
Suspirareis entaõ pelo passado,
Em tempo, quando executar se possa,
Em vosso arrepender minha vingança.

SONETO LIX.

QUem jaz no gram sepulcro, que descreve,
Tam illustres sinais no forte escudo?
Ninguem, que nisso em fim se torna tudo,
Mas foi, quem tudo pode, & tudo teve.
Foi Rey, fez tudo quanto a Rey se deve,
Poz na guerra, & na paz devido estudo,
Mas quão pesado foi ao Mouro rudo,
Tanto lhe seja agora a terra leve.
Alexandre será, ninguem se engane,
Que sustentar, mais que adquirir se estima,
Será Adriano gram senhor do mundo?
Mais observante foi da ley de cima,
He Numa? Numa nam, mas he Joanne,
De Portugal Terceiro, sem segundo.

SONETO LX.

QUem póde livre ser, gentil senhora,
Vendovos com juizo sossegàdo,
Se o minino, que de olhos he privàdo,
Nas mininas dos vossos olhos mora?
Alli manda, alli reyna, alli namora,
Alli vive das gentes veneràdo,
Que o vivo lume, & o rosto delicàdo,
Imagẽs saõ de amor em toda hora.
Quem vê, que em branca neve nacem rosas,
Que fios crespos de ouro vão cercando,
Se por entre esta luz a vista passa,
Hũs rayos de ouro vè, que as duvidosas
Almas estão no peito traspassando,
Assi como hum cristal o Sol traspassa.

SONETO LXI.

COmo fizeste, Porcia, tal ferida,
Foi voluntaria, ou foi por innocencia?
Mas foi fazer amor experiencia,
Se podia sofrer tirarme a vida.
E com teu proprio sangue te convida,
A nam pores á vida resistencia?
Andome costumando à paciencia,
Porque o temor a morte nam impida.
Pois porque comes logo fogo ardente,
Se a ferro te costumas? porque ordena
Amor, que morra, & pene juntamente.
E tens a dor do ferro por pequena?
Si, que a dor costumáda nam se sente,
E eu nam quero a morte sem a pena.

SONETO LXII.

DE tam divino acento, & voz humana,
De tam doces palavras peregrinas,
Bem sei, que minhas obras nam saõ dinas
Que o rudo engenho meu me desengana.
Mas de vossos escritos corre, & mana
Licor, que vence as agoas Cabalinas,
E comvosco do Tejo as flores finas,
Faráõ enveja á copia Mantuana.
E pois a vòs, de si nam sendo avàras,
As filhas de Mnemosine formosa,
Partes dadas vos tem ào mundo cáras:
A minha Musa, & a vossa tám famosa,
Ambas posso chamar ao mundo ràras,
A vossa de alta, a minha de envejosa.

SONETO LXIII.

DEbaixo desta pedra está metido,
Das sanguinosas armas descansado,
O Capitão illustre assinaládo,
Dom Fernando de Castro esclarecido.
Por todo o Oriente tam temido,
E da enveja da Fama tam cantâdo,
Este pois só agora sepultàdo,
Està aqui já em terra convertido.
Alegrate, ò guerreira Lusitania,
Por este Viriato, que criaste,
E chora o perdido eternamente.
Exemplo toma nisto de Dardania,
Que se a Roma com elle aniquilaste,
Nem por isso Cartago està contente.

SO-

SONETO LXIV.

QUe vençais no Oriente tantos Reys,
Que de novo nos deis da India o estado,
Que escureçais a Fama, que ganhado
Tinhaõ, os que a ganhàraõ a infieis:
Que do tempo tenhais vencido as leys,
Que tudo em fim vençais co tempo armado,
Mais he vencer na patria desarmado,
Os monstruos, & as chimeras, que venceis.
E assi sobre vencerdes tanto imigo,
E por armas fazer, que sem segundo
Vosso nome no mundo ouvido seja:
O que vos dà mais nome inda no mundo,
He vencerdes, senhor, no Reyno amigo,
Tantas ingratidoẽs, tam grande inveja.

SONETO LXIX.

FErido sem ter cura perecia
O forte, & duro Telepho temido,
Por aquelle, que na agoa foi metido,
A quem ferro nenhum cortar podia.
Ao Apollineo oraculo pedia,
Conselho para ser restituído;
Respondeo, que tornasse a ser ferido,
Por quem o jà ferira, & sararia.
Assi, senhora, quer minha ventura,
Que ferido de ver vos claramente,
Com vos tornar a ver, amor me cura:
Mas he tam doce vossa fermosura,
Que fico como hidropico doente,
Que co beber lhe cresce mór secura.

SONETO LXX.

NA metade do Ceo ſubido ardia,
O claro Almo paſtor, quando deixavão
O verde paſto as cabras, & buſcavão
A freſcura ſuave da agoa fria.
Com a folha das arvores ſombria,
Do rayo ardente as aves ſe amparávaõ,
O modulo cantar, de que ceſſávaõ,
Só nas roucas Cigarras ſe ſentia.
Quando Liſo paſtor, num campo verde,
Natercia crua Ninfa sò buſcàva,
Com mil ſuſpiros triſtes, que derrama,
Porque te vás, de quem por ti ſe perde,
Para quem pouco te ama? (ſuſpirâva)
O Eco lhe reſponde, pouco te ama.

SONETO LXXI.

IA a ſaudoſa Aurora deſtoucàva
Os ſeus cabellos de ouro delicados,
E as flores nos campos eſmaltados,
Do criſtalino orvalho borrifava:
Quando o fermoſo gado ſe eſpalhàva
De Silvio, & de Laurente pellos pràdos,
Paſtores ambos, & ambos apartàdos,
De quem o meſmo amor nam ſe apartàva.
Com verdadeiras lagrimas Laurente,
Nam ſei (dizia) ó Ninfa delicàda,
Porque nam morre jà, quem vive auſente,
Pois a vida ſem ti, nam preſta nada?
Reſponde Silvio, amor nam o conſente,
Que offende as eſperanças da tornàda.

SONETO LXXII.

Quando de minhas magoas a comprida
Maginaçaõ, os olhos me adormece,
Em sonhos aquella alma me aparece
Que para mi foi sonho nesta vida.
Là n'uma soledade, onde estendida
A vista pelo campo desfalece,
Corro para ella, & ella entaõ parece,
Que mais de mi se alonga compelida.
Brâdo, nam me fujais sombra benina,
Ella (os olhos em mi cum brando pejo,
Como quem diz, que jà nam póde ser)
Torna a fugirme, & eu gritando, Dina,
Antes que diga Mene, acôrdo, & vejo,
Que nem hum breve engano posso ter.

SONETO LXV.

Vossos olhos, senhora, que competem
Co Sol em fermosura, & claridade,
Enchem os meus de tal suavidade,
Que em lagrimas de velos se derretem.
Meus sentidos vencidos se sometem,
Assi cegos a tanta magestade,
E da triste prisaõ da escuridade,
Cheyos de medo por fugir remetem.
Mas se nisto me vedes por acerto
O aspero desprezo, com que olhais,
Torna a espertar a alma enfraquecida.
Oh gentil cura, & estranho desconcerto,
Que farà o favor, que vòs nam dais,
Quando o vosso desprezo torna a vida?

SONETO LXVI.

FOrmosura do Ceo a nòs descida,
Que nenhum coração deixas izento,
Satisfazendo a todo pensamento,
Sem seres de nenhum bem entendida.
Que lingua póde haver tam atrevida,
Que tenha de louvarte atrevimento,
Pois a parte mayor do entendimento,
No menos, que em ti ha, se vè perdida;
Se teu valor contemplo, a melhor parte
Vendo, que abre na terra hum paraìso,
O engenho me falta, o esprito mingua:
Mas o que mais me tolhe inda louvarte
He, que quando te vejo, perco a lingua,
E quando te nam vejo, perco o siso.

SONETO LXVII.

POis meus olhos nam cansaõ de chorar
Tristezas, que nam cansaõ de cansarme:
Pois nam abranda o fogo, em que abrasarme
Póde, quem eu jàmais pude abrandar.
Nam canse o cego amor de me guiar,
A parte donde nam saiba tornarme,
Nem deixe o mundo todo de escutarme,
Em quanto me a voz fraca nam deixar.
E se nos montes, rios, ou em vales,
Piêdade móra, ou dentro móra amor,
Em feras aves, prantas, pedras, agoas.
Oução a longa historia de meus males,
Escutem sua dor, com minha dor,
Que grandes magoas pódem curar magoas.

SO-

SONETO LXVIII.

DAime hũa ley, senhora, de querervos,
Que a guarde sopena de enojarvos,
Que a fê, que me obriga a tanto amarvos,
Farà, que fique em ley de obedecervos.
Tudo me defendei, senam sò vervos,
E dentro na minh'alma contemplarvos,
Que se assi nam chegar a contentarvos,
Ao menos que nam chegue aborrecervos.
E se essa condiçãõ cruel, & esquiva,
Que me deis ley de vida nam consente,
Daima, senhora jà, seja de morte:
Se nem essa me dais, he bem que viva,
Sem saber como vivo, tristemente,
Mas contente porèm de minha sorte.

SONETO LXXVII.

O Culto divinal se celebràva
No templo, donde toda a creatura,
Louva o Feitor divino, que a feitura,
Com seu sagrado sangue restauràva.
Alli amor, que à tempo me aguardàva,
Onde a vontade tinha mais segura
Nũa celeste, & angelica figura
A vista da razão me salteàva.
Eu crendo, que o lugar me defendia,
E seu livre costume nam sabendo,
Que nenhum confiado lhe fugia.
Deixeime cativar, mas jà que entendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo, que fui livre, me arrependo.

SONETO LXXVIII.

LEda ſerenidade deleitoſa,
Que repreſenta em terra hum parayſo,
Entre rubís, & perlas doce riſo,
De baixo de ouro, & neve, cor de roſa.
Preſença moderada, & graciosa,
Onde enſinando eſtão deſpejo, & ſiſo,
Que ſe póde por arte, & por aviſo,
Como por natureza ſer fermoſa.
Fala, de quem a morte, & vida pende,
Rara, ſuave, em fim, ſenhora, voſſa,
Repouſo nella alegre, & comedido,
Eſtas as armas ſaõ, com que me rende,
E me cativa Amor, mas nam que poſſa
Deſpojarme da gloria de rendido.

SONETO LXXIX.

BEm ſei Amor, que he certo, o que receo,
Mas tu porque com iſſo mais te apuras,
De manhoſo mo negas, & mo juras,
Em teu dourado arco, & eu to creo.
A mão tenho metida no teu ſeo,
E nam vejo meus danos âs eſcuras,
E tu com tudo tanto me aſſeguras,
Que me digo, que minto, & que me enleo,
Nam ſómente conſinto neſte engano,
Mas inda to agradeço, & a mi me nego
Tudo, o que vejo, & ſinto de meu dano,
Oh poderoſo mal, a que me entrego,
Que no meyo do juſto deſengano,
Me poſſa inda cegar hum moço cego.

SONETO LXXX.

COmo quando do mar tempestuoso,
O marinheiro lasso, & trabalhádo,
D'hum naufragio cruel já salvo auádo,
Sô ouvir fallar nelle o faz medroso.
E jura, que em que veja bonançoso
O violento mar, & sossegàdo,
Nam entre nelle mais, mas vai forçado,
Pelo muito interesse cubiçoso.
Assi, senhora eu que da tormenta
De vossa vista fujo, por salvarme,
Jurando de nam mais em outra verme:
Minh'alma, que de vôs nunca se ausenta,
Dame por preço vervos, faz tornarme,
Donde fugi tam perto de perderme.

SONETO LXXIII.

SUspiros inflamádos, que cantais
A tristeza, com que eu vivi tam ledo,
Eu mouro, & nam vos levo, porque ei medo
Que ao passar do Lethe vos percais.
Escritos para sempre jâ ficais,
Onde vos mostrarâõ todos co dedo,
Como exemplo de males, que eu concedo,
Que para aviso de outros estejais.
Em quem pois virdes falsas esperanças,
De Amor, & da Fortuna, cujos danos
Algũs terâõ por bemaventuranças;
Dizeilhe, que os servistes muitos annos,
E que em Fortuna tudo saõ mudanças,
E que em Amor, nam ha senam enganos.

SONETO LXXIV.

AQuella fèra humana, que enriquéce
Sua presumptuosa tyrania,
Destas minhas entranhas, onde cria
Amor hum mal, que falta quando crece.
Se nella o Ceo mostrou (como parece)
Quanto mostrar ao mundo pretendia,
Porque de minha vida se injuria?
Porque de minha morte se ennobrece?
Hora em fim sublimai vossa vitoria,
Senhora, com vencerme, & cativarme,
Fazei disto no mundo larga historia:
Que por mais que vos veja maltratarme.
Já me fico logrando desta gloria
De ver, que tendes tanta de matarme.

SONETO LXXV.

DItoso seja aquelle, que sómente
Se queixa de amorosas esquivanças,
Pois por ellas nam perde as esperanças
De poder algum tempo ser contente:
Ditoso seja, quem estando ausente,
Nam sente mais, que a pena das lembranças;
Porque inda que se tema de mudanças,
Menos se teme a dor, quando se sente.
Ditoso seja em fim qualquer estàdo,
Onde enganos, desprezos, & izenção,
Trazem o coraçaõ atormentádo:
Mas triste, quem se sente magoádo,
De erros, em que nam pòde haver perdão,
Sem ficar n'alma a magoa do peccádo.

SONETO LXXVI.

QUem fosse acompanhando juntamente,
Por esses verdes campos a avesinha,
Que despois de perder hum bem, que tinha,
Nam sabe mais, que cousa he ser contente,
E quem fosse apartandose da gente.
Ella por companheira, & por vizinha,
Me ajudasse a chorar a pena minha,
Eu a ella o pezar, que tanto sente.
Ditosa ave, que ao menos se a natura
A seu primeiro bem nam dá segundo,
Dàlhe o ser triste a seu contentamento.
Mas triste, quem de longe quiz ventura,
Que para respirar lhe falte o vento
E para tudo, em fim, lhe falte o mundo.

SONETO LXXXI.

AMor he hum fogo, que arde sem se ver,
He ferida, que doe, & nam se sente,
He hum contentamento descontente,
He dor, que desatina sem doer.
He hum nam querer mais, que bem querer,
He hum andar solitario entre a gente,
He nunqua contentarse de contente,
He hum cuidar, que ganha em se perder.
He querer estar preso por vontade,
He servir a quem vence o vencedor,
He ter, com quem nos mata, lealdade.
Mas como causar pòde seu favor
Nos coraçoẽs humanos amizade,
Se tam contrario a si he o mesmo amor?

SO:

SONETO LXXXII.

SE pena por amarvos se merece,
Quem della livre està, ou quem izento?
Que alma, que razão, que entendimento
Em vervos senam rende, & obedece?
Que mór gloria na vida se offerece,
Que ocuparse em vòs o pensamento?
Toda a pena cruel, todo o tormento,
Em vervos senam sente, mas esquece.
Mas se merece pena, quem amando
Contino vos està, se vos offende,
O mundo matareis, que todo he vosso.
Em mi podeis, senhora, ir começando,
Que claro se conhece, & bem se entende,
Amarvos quanto devo, & quanto posso.

SONETO LXXXIII.

QUe levas cruel morte? hum claro dia,
A que horas o tomaste? amanhecendo,
Entendes o que levas? nam o entendo,
Pois quem to faz levar? quem o entendia.
Seu corpo quem o goza? a terra fria,
Como ficou sua luz? anoitecendo:
Lusitania, que diz? fica dizendo,
Em fim, nam mereci dona Maria.
Mataste quem a vio? jà morta estàva,
Que diz o cruel amor? falar nam ousa,
E quem o faz calar? minha vontade.
Na corte, que ficou? saudade brava:
Que fica lá que ver? nenhũa cousa,
Mas fica, que chorar sua beldade.

SONETO LXXXIV.

ONdados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos
Agora sobre as rosas estendidos,
Fazeis que sua belleza se acrescente.
Olhos, que vos moveis tam docemente,
Em mil divinos rayos acendidos,
Se de cá me levais alma, & sentidos,
Que fora, se de vòs nam fora ausente?
Honesto riso, que entre a mòr fineza,
De perlas, & coraes nasce, & perece,
Se n'alma em doces eccos nam o ouvisse?
Se imaginando sò tanta belleza,
De si, em nòva gloria a alma se esquece,
Que será quando a vir? ah quem a visse.

SONETO LXXXV.

FOi jâ num tempo doce cousa amar,
Em quanto me enganava a esperança,
O coração com esta confiança,
Todo se desfazia em desejar;
Oh vam, caduco, & debil esperar,
Como se desengana hũa mudança!
Que quanto he mòr a bemaventurança,
Tanto menos se crè, que ha de durar.
Quem jà se vio contente, & prosperado,
Vendose em breve tempo em pena tanta,
Razão tem de viver bem magoàdo.
Porêm quem tem o mundo exprimentádo,
Nam o magoa a pena, nem o espanta,
Que mal se estranharà o costumádo.

SONETO LXXXVI.

DOs illustres antigos, que deixárão,
Tal nome, que igualou Fama á memoria,
Ficou por luz do tempo a larga historia
Dos feitos, em que mais se assinalàrão.
Se se com cousas destes cotejàrão
Mil vossas, cada hũa tam notoria,
Vencerâ a menor dellas a mòr gloria,
Que elles em tantos annos alcançarão.
A gloria sua foi, ninguem lha tòme,
Seguindo cada hum varios caminhos,
Estàtuas levantando no seu templo.
Vòs honra Portugueza, & dos Coutinhos,
Illustre Dom João, com melhor nome,
A vòs encheis de gloria, & a nòs de exemplo.

SONETO LXXXVII.

COnversação domestica affeiçoa,
Hora em forma de boa, & san vontade,
Hora de hũa amorosa piédade,
Sem olhar qualidade de pessoa.
Se despois por ventura vos magoa
Com desamor, & pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando amor, que tudo em si perdoa,
Nam são isto, que fallo, conjeturas,
Que o pensamento julga na aparencia,
Por fazer delicadas escrituras,
Metido tenho a mão na consciencia,
E nam fallo senam verdades puras,
Que me ensinou a viva experiencia.

SONETO LXXXVIII.

Esforço grande igual ao pensamento,
Pensamentos em obras divulgados,
E nam em peito timido encerrados,
E desfeitos despois em chuva, & vento:
Animo de cobiça baixa izento,
Dino por isso só de altos estados,
Fero açoute dos nunqua bem domados
Povos do Malabar sanguinolento:
Gentileza de membros corporaes,
Ornados de pudica continencia,
Obra por certo rara de natura.
Estas virtudes, & outras muitas mais,
Dinas todas da Homerica eloquencia,
Jazem debaixo desta sepultura.

SONETO LXXXIX.

NO mundo quiz hum tempo, que se achasse
O bem, que por acerto, ou sorte vinha,
E por exprimentar, que dita tinha,
Quiz que a Fortuna em mi se exprimentasse.
Mas porque meu destino me mostrasse,
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunqua nesta tam longa vida minha,
Cousa me deixou ver, que desejasse.
Mudando andei costume, terra, & estado,
Por ver se se mudava a sorte dura,
A vida puz nas mãos de hum leve lenho,
Mas segundo o que o Ceo me tem mostrado,
Já sei, que deste meu buscar ventura,
Achado tenho já, que nam a tenho.

SO-

SONETO XC.

A Perfeiçaõ, a graça, o doce geito,
A Primavera chea de frescura,
Que sempre em vós floreçe, a que a ventura,
E a razão entregàraõ este peito:
Aquelle cristalino, & puro aspeito,
Que em si comprende toda a fermosura,
O resplandor dos olhos, & a brandura,
De que amor a ninguem quiz ter respeito:
Se isto, que em vòs se vè, ver desejais,
Comodino de verse claramente,
Por mais, que vòs de amor vos izentais:
Traduzido o vereis tam bellamente,
No meyo deste espirito, onde estais,
Que vendovos sintais, o que elle sente.

SONETO XCI.

VOs, que de olhos suaves, & serenos,
Com justa causa a vida cativais,
E que os outros cuidados condenais,
Por insullos, por baixos, & pequenos.
Se inda do amor domesticos venenos,
Nunca provastes, quero que saibais,
Que he tanto mais o amor despois que a mais,
Quanto saõ mais as causas de ser menos.
E nam cuide ninguem, que algum defeito,
Quando ua causa amada se apresenta,
Possa diminuir o amor perfeito:
Antes o dobra mais, & se atormenta,
Pouco, & pouco desculpa o brando peito,
Que amor com seus contrarios se acrescenta.

SONETO XCII.

QUe poderei do mundo jà querer,
Que naquillo, em que puz tamanho amor,
Nam vi senam desgosto, desamor,
E morte em fim, que mais nam pôde ser.
Pois vida me nam farta de viver,
Pois jà sei, que nam mata grande dor,
Se cousa ha hi, que magoa dê mayor,
Eu a verei, que tudo posso ver.
A morte a meu pesar me assegurou,
De quanto mal me vinha, já perdi,
O que perder o medo me ensinou:
Na vida, desamor sòmente vi,
Na morte, a grande dor, que me ficou,
Parece, que para isso sò nasci.

SONETO XCIII.

PEnsamentos, que agora nôvamente
Cuidados vãos em mi resuscitais,
Dizeime, ainda nam vos contentais,
De terdes, quem vos tem tam descontente?
Que fantasia he esta, que presente
Cada hora ante meus olhos me mostrais?
Com sonhos, & com sombras atentais,
Quem nem por sonhos pòde ser contente?
Vejovos pensamentos alterádos,
E nam quereis de esquivos declararme,
Que he isto, que vos traz tam enleâdos.
Nam me negueis, se andais para negarme,
Que se contra mi estais alevantàdos,
Eu vos ajudarei mesmo a matarme.

SONETO XCIV.

SE tomar minha pena em penitencia,
Do erro, em que cahio o pensamento,
Nam abranda, mas dobra meu tormento,
A isto, & a mais obriga a paciencia.
E se hũa cor de morto na aparencia,
Hum espalhar suspiros vãos ao vento,
Em vòs nam faz, senhora, movimento,
Fique meu mal em vossa consciencia.
E se de qualquor aspera mudança,
Toda a vontade izenta amor castiga,
(Como eu vi bem no mal, que me condena,)
E se em vós nam se entende aver vingança,
Serà forçado (pois amor me obriga)
Que eu sò de vossa culpa pague a pena.

SONETO XCV.

AQuella, que de pura castidade,
De si mesma tomou cruel vingança,
Por hũa breve, & subita mudança,
Contraria â sua honra, & qualidade:
Venceo a fermosura a honestidade,
Venceo no fim da vida a esperança,
Porque ficasse viva tal lembrança,
Tal amor, tanta fè, tanta verdade.
De si, da gente, & do mundo esquecida,
Ferio com duro ferro o brando peito,
Banhando em sangue a força do tyrano.
Oh estranha ousadia, estranho feito,
Que dando morte breve ao corpo humano,
Tenha sua memoria larga vida!

SO-

SONETO XCVI.

OS vestidos Elisa revolvia,
Que lhe Eneas deixára por memoria,
Doces despojos da passada gloria,
Doces, quando o seu Fado o consentia.
Entre elles a fermosa espada via,
Que o instrumento foi da triste historia;
E como quem de si tinha a vitoria,
Com ella assi fallando, lhe dizia:
Fermosa, & nóva espada, se ficaste,
Sò para executares os enganos,
De quem te quiz deixar em minha vida:
Sabe, que tu comigo te enganaste,
Que para me tirar de tantos danos,
Sobejame a tristeza da partida.

SONETO XCVII.

O Quaõ caro me custa o entenderte,
Molesto Amor, que só por alcançarte
De dor em dor me tẽs trazido a parte,
Onde em ti, odio, & ira se converte;
Cuidei, que para em tudo conhecerte,
Me nam faltasse experiencia, & arte,
Agora vejo n'alma acrescentarte
Aquillo, que era causa de perderte.
Estàvas tam secreto, no meu peito,
Que eu mesmo, que te tinha, nam sabia,
Que me senhoreávas deste geito:
Descubristete agora, & foi por via,
Que teu descobrimento, & meu defeito,
Hum me envergonha, & outro me injuria.

SONETO XCVIII.

SE despois de esperança tam perdida,
Amor pola ventura consentisse,
Que ainda algũa hora alegre visse,
De quantas tristes vio tam longa vida:
Hũa alma jà tam fraca, & tam cahida,
Por mais alto, que a sorte me subisse,
Nam tenho para mi, que consentisse
Alegria tam tarde consentida.
Nam tam sòmente Amor, me nam mostrou
Hum hora, em que vivesse alegremente,
De quantas nesta vida me negou:
Mas inda tanta pera me consente,
Que co contentamento me tirou
O gosto d'algum hora ser contente.

SONETO CXIX.

O Rayo cristalino se estendia
Pelo mundo, da Aurora marchetàda,
Quando Nise pastora delicáda,
Donde a vida deixava se partia.
Dos olhos, com que o Sol escurecia,
Levando a vista em lagrimas banhàda,
De si, do Fado, & tempo magoàda,
Pondo os olhos no Ceo, assi dizia:
Nasce sereno Sol, puro, & luzente,
Resplandece Fermosa, & roxa Aurora,
Qualquer alma alegrando descontente:
Que a minha, sabe tu, que desde agora,
Jà mais na vida a pòdes ver contente,
Nem tam triste nenhũa outra pastora.

SONETO C.

NO mundo poucos annos, & cansados
Vivi, cheos de vil miseria dura,
Foime tam cedo a luz do dia escura,
Que nam vi sinco lustros acabados,
Corri terras, & mares apartados,
Buscando à vida algum remedio, ou cura,
Mas aquillo, que em fim nam quer ventura,
Nam no alcanção trabalhos arriscados.
Crioume Portugal na verde, & cara
Patria minha Alam quer, mas ár corruto,
Que neste meu terreno vaso tinha,
Me fez manjar de peixes, em ti bruto
Mar, que bates na Abasia fera, & avâra,
Tam longe da ditosa patria minha.

SONETO CI.

QUe me quereis perpetuas saudades,
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo, que se vai, nam torna mais,
E se torna, nam tornaõ as idades:
Razaõ he jà ò annos, que vos vades,
Porque estes tam ligeiros, que passais,
Nem todos para hum gosto saõ iguais,
Nem sempre saõ conformes as vontades.
Aquillo, a que já quiz, he tam mudado,
Que quasi he outra cousa, porque os dias
Tem o primeiro gosto jà danado.
Esperanças de nôvas alegrias,
Nam mas deixa a Fortuna, & o tempo errado,
Que do contentamento saõ espias.

SONETO CII.

VErdade, amor, razão, merecimento,
Qualquer alma farão segura, & forte,
Porèm Fortuna, caso, tempo, & sorte,
Tem do confuso mundo o regimento.
Effeitos mil revolve o pensamento,
E nam sabe, a que causa se reporte,
Mas sabe, que o que he mais, que vida, & morte,
Que nam o alcança humano entendimento.
Doutos varoẽs daráõ razões subidas,
Mas saõ experiencias mais provàdas,
E por isto he melhor ter muito visto.
Cousas hahi, que passaõ sem ser cridas,
E cousas cridas ha, sem ser passadas,
Mas o melhor de tudo he crer em Christo.

SONETO CIII.

FIouse o coração de muito izento,
De si, cuidando mal, que tomaria
Tam illicito amor, tal ousadia,
Tal modo nunqua visto de tormento,
Mas os olhos pintàrão tam atento,
Outros, que visto tem na fantasia,
Que a razão temerosa, do que via,
Fugio, deixando o campo ao pensamento.
O Hypolito casto, que de geito
De Fedra, tua madrasta foste amado,
Que nam sabia ter nenhum respeito:
Em mi vingou o Amor teu casto peito,
Mas està desse agravo tam vingado,
Que se arrepende jà, do que tem feito.

SONETO CIV.

QUem quizer ver d'Amor hũa excellencia,
Onde sua fineza mais se apura,
Atente onde me poem minha ventura,
Por ter de minha fê experiencia.
Onde lembranças matão a longa ausencia,
Em temeroso mar, em guerra dura,
Alli a saudade està segura,
Quando môr risco corre a paciencia.
Mas ponhame a Fortuna, & o duro Fado
Em nojo, morte, dano, & perdiçaõ,
Ou em sublime, & prospera ventura:
Ponhame em fim, em baixo, ou alto estâdo,
Que atè na dura morte me acharâõ,
Na lingoa o nome, n'alma a vista pura.

SONETO CV.

VOs Ninfas da Gangetica espessura,
Cantai suavemente em voz sonora,
Hum grande Capitão, que a roxa Aurora
Dos filhos defendeo da noite escura.
Ajuntouse a caterva negra, & dura,
Que na Aurea Chersoneso affouta mòra,
Para lançar do caro ninho fóra
Aquelles, que mais pòdem, que a ventura.
Mas hum forte Leão com pouca gente,
A multidão tam fera, como necia,
Destruindo castiga, & torna fraca.
Pois, ò Ninfas, cantai, que claramente,
Mais do que Leonidas fez em Grecia,
O nobre Leonis fez em Malaca.

SONETO CVI.

DOce contentamento jà paſſado,
Em que todo meu bem sò conſiſtia,
Quem vos levou de minha companhia,
E me deixou de vòs tam apartàdo?
  Quem cuidou, que ſe viſſe neſte eſtâdo,
Naquellas breves horas d'alegria,
Quando minha ventura conſentia,
Que de enganos viveſſe meu cuidado?
  Fortuna minha foi cruel, & dura,
Aquella, que cauſou meu perdimento,
Com a qual ninguem pòde ter cautela,
  Nem ſe engane nenhũa creatura,
Que nam pòde nenhum impedimento,
Fugir do que lhe ordena ſua eſtrella.

CANCAM I.

FErmosa, & gentil dama, quando vejo
A testa d'ouro, & neve, o lindo aspeito,
A boca graciosa, o riso honesto,
O côlo de cristal, o branco peito,
De meu nam quero mais, que meu desejo,
Nem mais de vôs, que ver tam lindo gesto,
Alli me manifesto
Por vosso a Deos, & ao mundo; alli m'inflamo
Nas lagrimas, que choro,
E de mi, que vos amo,
Em ver, que soube amarvos, me namoro;
E fico por mi sò perdido de arte,
Que ei ciumes de mi por vossa parte.
Se por ventura vivo descontente,
Por fraqueza de esprito padecendo
A doce pena, que entender nam sei;
Fujo de mi, & acolhome correndo
A vossa vista, & fico tam contente,
Que zombo dos tormentos, que passei,
De quem me queixarei,
Se vòs me dais a vida deste geito,
Nos males, que padeço,
Senam de meu sogeito,
Que nam cabe com bem de tanto preço?
Mas inda isso de mi cuidar nam posso,
De estar muito soberbo com ser vosso.
Se por algum acerto amor vos erra,
Por parte do desejo cometendo

Algum nefando, & torpe desatino:
Se ainda mais, que ver em fim pretendo,
Fraquezas saõ do corpo, que he da terra,
Mas nam do pensamento, que he divino:
Se tam alto imagino,
Que de vista me perco, ou pecco nisto,
Desculpame o que vejo,
Porque se em fim resisto,
Contra tam atrevido, & vaõ desejo,
Façome forte em vossa vista pura,
E armome de vossa fermosura.
Das delicadas sobrancelhas pretas
Os arcos, com que tira, amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos:
E porque de vós tudo lhe quadrou,
Dos rayos desses olhos fez as setas,
Com que fere, quem alça os seus a vellos;
Olhos, que saõ tam bellos,
Daõ armas de ventagem ao amor,
Com que as almas destrue;
Porêm se he grande a dor,
Com a alteza do mal a restitue,
E as armas, com que mata saõ de sorte,
Que ainda lhes ficais devendo a morte.
Lagrimas, & suspiros, pensamentos,
Quem delles se queixar, fermosa dama,
Mimoso está do mal, que por vós sente:
Que mayor bem deseja, quem vos ama,
Que estar desabafando seus tormentos,
Chorando, & imaginando docemente?
Quem vive descontente,
Nam ha de dar alivio a seu desgosto,

Porque se lhe agradeça:
Mas com alegre rosto,
Solta seus males, para que os mereça:
Que quem do mal se queixa, que padece,
Fallo, porque esta gloria, nam conhece.
De modo, que se cae o pensamento,
Em algũa fraqueza de contente,
He porque este segredo nam conheço:
Assi que com razões, nam tam somente
Desculpo ao amor de meu tormento,
Mas inda a culpa sua lhe agradeço:
Por esta fè mereço,
A graça, que esses olhos acompanha,
O bem do doce riso:
Mas porém nam se ganha,
Com hum paraiso, outro paraiso,
E assi de enleada a esperança,
Se satisfaz co bem, que nam alcança.
Se com razões escuso meu remedio,
Sabe cançam, que he porque nam vejo,
Engano com palavras o desejo.

CANCAM II.

A Instabilidade da Fortuna,
Os enganos suaves de amor cego,
(Suaves se duràrão longamente
Direi, por dar á vida algum sossego:
Que pois a grave pena me importuna,
Importune meu canto a toda a gente,
E se o passado bem co mal presente,

Me endurecer a voz no peito frio,
O grande deſvario,
Dará da minha pena final certo,
Que hum erro em tantos erros he concerto:
E pois neſta verdade me confio
(Se verdade ſe achar no mal, que digo)
Saiba o mundo de amor o deſconcerto,
Que já com a razão ſe fez amigo,
Só por nam deixar culpa ſem caſtigo.
Já amor fez leys, ſem ter comigo algũa,
Já ſe tornou de cego arrazoàdo,
Sô por uſar comigo ſem razoẽs,
E ſe em algũa couſa o tenho errado,
Com ſiſo grande dor nam vi nenhũa,
Nem elle deo ſem erros affeiçoẽs,
Mas por uſar de ſuas izençoẽs,
Buſcou fingidas cauſas por matarme,
Que para derrubarme
Em o abiſmo infernal de meu tormento,
Nam foi ſoberbo nunqua o penſamento,
Nem pretende mais alto levantarme
Daquillo, que elle quiz, & ſe elle ordena,
Que eu pague ſeu ouſado atrevimento,
Saiba, que o meſmo amor, que me condena,
Me fez cahir na culpa, & mais na pena.
Os olhos, que eu adoro, aquelle dia,
Que deſcèraõ ao baixo penſamento,
N'alma os apoſentei ſuavemente:
E pretendendo mais, como avarento,
O coraçaõ lhe dei por iguaria,
Que a meu mandado tinha obediente;
Porèm como ante ſi lhe foi preſente,

Que

Que entendêrão o fim de meu desejo,
Que por outro despejo,
Que a lingoa descubrio por desvario,
De sede morto estou posto num rio,
Onde de meu serviço o fruito vejo,
Mas logo se alça, se a colhello venho,
E fogeme a agoa, se beber porfio,
Assi, que em fome, & sede me mantenho,
Nam tem Tantalo a pena, que eu sostenho.
Despois que aquella, em quem minh'alma vive
Quiz alcançar o baixo atrevimento,
Debaixo deste engano a alcancei:
A nuvem do contino pensamento,
Ma afigurou nos braços, & assi tive,
Sonhando, o que acordado desejei,
E porque a meu desejo me gabei,
De alcançar hum bem de tanto preço,
Alèm do que padeço,
Atàdo em hũa roda estou penando,
Que em mil mudanças me anda rodeando,
Onde se a algum bem subo, logo deço,
E assi ganho, & perco a confiança:
E assi de mi fugindo, tras mi ando,
E assi me tem atado hũa vingança,
Como Ixiam, tam firme na mudança.
Quando a vista suave, & inhumana,
Meu humano desejo de atrevido,
Cometeo, sem saber, o que fazia,
Que de sua fermosura foi nascido,
O cego moço, que co a seta insana,
O peccado vingou desta ousadia:
E afòra este mal, que eu merecia,

Me

Me deo outra maneira de tormento,
Que nunqua o pensamento,
Que sempre voa de hũa a outra parte,
Destas entranhas tristes bem se farte,
Imaginando, como o famulento,
Que come mais, & a fome vai crescendo,
Porque de atormentarme nam se aparte,
Assi que para a pena estou vivendo,
Sou outro novo Ticio, & nam me entendo.
De vontades alheas, que eu roubàva,
E que enganosamente recolhia,
Em meu fingido peito me mantinha,
De maneira o engano lhe fingia,
Que despois que a meu mando as sugigàva,
Com amor as matâva, que eu nam tinha,
Porém logo o castigo, que convinha,
O vingativo amor me fez sentir,
Fazendome subir
Ao monte de aspereza, que em vòs vejo,
Co pesado penedo do desejo,
Que do cume do bem me vai cahir,
Torno a subilo ao desejado assento,
Torna a cahirme, em balde em fim pelejo,
Sisifo, nam te espantes deste alento,
Que às costas o subì do sufrimento.
Desta arte o summo bem se me offerece
Ao faminto desejo, porque sinta,
A perda de perdello mais penosa,
Como o avàro, a quem o sonho pinta,
Achar thesouro grande, onde enriquece
E farta sua sede cobiçosa,
E acordando com furia presurosa,

Vai

Vai cavar o lugar, onde sonhàva:
Mas tudo, o que buscàva,
Lhe converte em carvão a desventura,
Alli sua cobiça mais se apura,
Por lhe faltar aquillo, que esperáva;
Desta arte amor me faz perder o siso;
Porque aquelles, que estão na noite escura,
Nunqua sentirâõ tanto o triste abiso,
Se ignorarem o bem do paraiso.
Cançam, nam mais, que jâ nam sei, que digo,
Mas porque a dor me seja menos forte,
Diga o pregão a causa desta morte.

CANÇAM III.

IA a roxa manhaã clara,
Do Oriente as portas vinha abrindo,
Dos montes descubrindo
A negra escuridaõ da luz avàra:
O Sol, que nunqua pàra,
De sua alegre vista saudoso,
Tras ella pressuroso,
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respiraõ nas ervas fresco orvalho,
Se estende claro, alegre, & luminoso:
Os passaros voando,
De raminho, em raminho, vaõ saltando,
E com suave, & doce melodia,
O claro dia estaõ manifestando.
A manhaã bella, & amena,
Seu rosto descubrindo, a espessura

Se cobre de verdura,
Clara, suave, angelica, serena.
Oh deleitosa pena!
Oh effeito de amor, alto, & potente!
Que permite, & consente,
Que onde quer, que me ache, & onde esteja,
Sempre o Serafim veja,
Por quem de viver triste sou contente:
Mas tu Aurora pura,
De tanto bem dá graças à ventura,
Pois a foi por em ti tam excellente,
Que representes tanta fermosura.
A luz suave, & leda,
A meus olhos me mostra, por quem mouro,
E nos cabellos de ouro,
Nam iguala os que vi, mas arremeda;
Esta he a luz, que arreda,
A negra escuridão do sentimento,
Ao doce pensamento:
O orvalho das flores delicadas,
Saõ nos meus olhos lagrimas cansadas,
Que eu choro co prazer de meu tormento:
Os passaros, que cantaõ,
Meus espiritos saõ, que a voz levantão,
Manifestando o gesto peregrino,
Com tam divino som, que o mundo espantaõ.
Assi como acontece,
A quem a cara vida està perdendo,
Que em quanto vai morrendo,
Algũa visaõ santa lhe aparece:
A mi, em quem fallece
A vida, que sois vós, minha senhora,

A esta

A esta alma, que em vôs móra
(Em quanto da prisaõ se está apartando)
Vos estais juntamente apresentando,
Em fòrma da fermosa, & roxa Aurora;
Oh ditosa partida!
Oh gloria soberana, alta, & subida!
Se mo nam impedir o meu desejo,
Porque o que vejo em fim, me torna a vida.
Porèm a natureza,
Que nesta vista pura se mantinha,
Me falta tam asinha,
Quaõ asinha o Sol falta â redondeza:
Se houverdes, que he fraqueza,
Morrer em tam penoso, & triste estádo,
Amor serà culpado,
Ou vôs, onde elle vive tam izento,
Que causastes tam largo apartamento,
Porque perdesse a vida co cuidado;
Que se viver nam posso,
Homem formado sou de carne, & osso,
Esta vida, que perco, amor ma deo,
Que nam sou meu, se mouro, o dano he vosso.
Cançam de Cisne, feita em hora estrema,
Na dura pedra fria
Da memoria, te deixo em companhia
Do letreiro de minha sepultura,
Que a sombra escura já me impede o dia.

CAN-

CANÇAM IV.

VAõ as serenas agoas,
Do Mondego descendo,
Tam mansamente, que até o mar nam paraõ,
Por onde minhas magoas,
Pouco a pouco crescendo,
Para nunqua acabar se começàraõ,
Alli se me ajuntàraõ,
Neste lugar ameno,
Aonde agora mouro,
Testa de neve, & ouro,
Riso brando, & suave, olhar sereno,
Hum gesto delicado,
Que sempre na alma me estarà pintado,
Nesta florida terra,
Leda, fresca, & serena,
Ledo, & contente para mi vivia:
Em paz com minha guerra,
Contente com a pena,
Que de tam bellos olhos procedia,
Hum dia no outro dia,
O esperar me enganàva,
Longo tempo passei,
Com a vida folguei,
Só porque em bem tamanho me empregáva:
Mas que me presta já,
Que tam fermosos olhos nam os ha?
Oh quem me alli dissera,
Que de amor tam profundo,
O fim pudesse ver inda algum hora!

Oh

Oh quem cuidar pudêra,
Que houvesse ahi no mundo
Apartarme eu de vòs, minha senhora,
Para que desde agora,
Perdesse a esperança,
E o vaõ pensamento,
Desfeito em hum momento,
Sem me poder ficar mais, que a lembrança
Que sempre estarâ firme
Atè o derradeiro despedirme.
Mas a môr alegria,
Que daqui levar posso,
Com a qual defenderme triste espero,
He, que nunqua sentia,
No tempo, que fui vosso,
Quererdesme vòs, quanto vos eu quero,
Porque o tormento fero,
De vosso apartamento,
Nam vos darà tal pena,
Como a que me condena,
Que mais sentirei vosso sentimento,
Que o que minha alma sente:
Moura eu, senhora, & vòs ficai contente.
Cançam, tu estarás
Aqui acompanhando,
Estes campos, & estas claras agoas,
E por mi ficaràs,
Chorando, & suspirando,
E ao mundo mostrando tantas magoas,
Que de tam larga historia,
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

CAN-

CANÇAM V.

SE eſte meu penſamento
Como he doce, & ſuave,
Da alma pudeſſe vir gritando fóra,
Moſtrando ſeu tormento,
Cruel, aſpero, & grave,
Diante de vòs sò, minha ſenhora,
Pudera ſer, que agora
O voſſo peito duro,
Tornàra manſo, & brando,
E eu que ſempre ando
Paſſaro ſolitario, humilde, obſcuro.
Tornádo hum Ciſne puro,
Brando, & ſonóro pelo âr voando,
Com canto manifeſto,
Pintára meu tormento, & voſſo gêſto.
Pintàra os olhos bellos,
Que trazem nas mininas
O minino, que os ſeus nelle cegou:
E os dourados cabellos,
Em tranças de ouro finas,
A quem o Sol ſeus rayos abaixou:
A treſta, que ordenou
Natura tam fermoſa,
O bem proporcionado
Nariz lindo, afiládo,
Que cada parte tem da freſca roſa,
A boca gracioſa,
Que querella louvar he eſcuſado,
Em fim he hum theſouro,

Pero-

Perolas dentes, & palavras ouro.
Viraſe claramente,
O dama delicada,
Que em vòs ſe eſmerou mais a natureza,
E eu de gente em gente
Trouxera traſladada
Em meu tormento voſſa gentileza;
Sômente a aſpereza
De voſſa condiçaõ,
Senhora, nam diſſéra,
Porque ſenam ſoubera
Que em vós podia haver algum ſe nam:
E ſe alguem com razão,
Porque morres, diſſeſſe, reſpondera,
Mouro, porque he tam bella,
Que inda nam ſou para morrer por ella.
E ſe pela ventura,
Dama, vos offendeſſe
Eſcrevendo de vòs o que nam ſento:
E voſſa fermoſura
Tanto à terra deſceſſe,
Que a alcançaſſe humilde entendimento,
Sèria o fundamento
Daquillo, que cantaſſe,
Todo de puro amor,
Porque voſſo louvor
Em figura de magoas ſe moſtraſſe;
E onde ſe julgaſſe
A cauſa pelo effeito, minha dor
Diria alli, ſem medo,
Quem me ſentir verà, de quem procedo.
Entaõ a moſtraria,

 Os

Os olhos saudosos,
E o suspirar, que traz a alma consigo:
A fingida alegria,
Os passos vagarosos,
O fallar, & esquecerme do que digo;
Hum pelejar comigo,
E logo disculparme
Hum recear ousando,
Andar meu bem buscando,
E de poder achallo acovardarme,
Em fim averiguarme,
Que o fim de tudo quanto estou fallando,
Saõ lagrimas, & amores,
Saõ vossas izenções, & minhas dores.
Mas quem terà, senhora,
Palavras, com que iguale
Com vossa fermosura minha pena,
Que em doce voz de fôra
Aquella gloria falle,
Que dentro na minh'alma amor ordena,
Nam pode tam pequena
Força de engenho humano,
Com carga tam pesada,
Senam for ajudada,
De hum piédoso olhar, de hum doce engano,
Que fazendo me o danno
Tam deleitoso, & a dor tam moderáda,
Em fim se convertesse
Nos gostos dos louvores, que escrevesse.
Cançam, nam digas mais, & se teus versos
A a pena vem pequenos,
Nam queirão de ti mais, que dirás menos.

CAN-

CANÇAM VI.

COm força desusáda,
  Aquenta fogo eterno,
Hũa Ilha là nas partes do Oriente,
De estranhos habitáda,
Aonde o duro inverno,
Os campos reverdece alegremente,
A Lusitana gente,
Por armas sanguinosas,
Tem della o senhorio:
Cercada està de hum rio,
De maritimas agoas saudosas,
Das ervas, que aqui nascem,
Os gados juntamente, & os olhos pacem.
  Aqui minha ventura,
Quiz que hũa grande parte
Da vida, que nam tinha, se passasse,
Para que a sepultura,
Nas mãos do fero Marte,
De sangue, & de lembranças, matizasse;
Se amor determinasse,
Que a troco desta vida,
De mi qualquer memoria,
Ficasse como historia,
Que de hũs fermosos olhos fosse lida,
A vida, & alegria,
Por tam doce memoria trocaria.
  Mas este fingimento,
Por minha dura sorte,
Com falsas esperanças me convida,

Nam cuide o pensamento,
Que pòde achar na morte,
O que nam pode achar tam longa vida:
Està já tam perdida
A minha confiança,
Que de desesperado,
Em ver meu triste estàdo,
Tambem da morte perco a esperança:
Mas oh, que se algum dia
Desesperar pudesse, viviria!
De quanto tenho visto,
Já agora nam me espanto,
Que atê desesperar se me defende:
Outrem foi causa disto;
Que eu nunqua pude tanto;
Que causasse este fogo, que me encende,
Se cuidaõ, que me offende,
Temor de esquecimento,
Oxalà meu perigo,
Me fora tam amigo,
Que algum temor deixára ao pensamento
Quem vio tamanho enleo,
Que houvesse ahi esperança sem receo?
Quem tem, que perder possa,
Sò pôde recear,
Mas triste quem nam pòde já perder,
Senhora, a culpa he vossa,
Que para me matar,
Bastàra hum hora sò de vòs nam ver:
Posesteme em poder
De fallas esperanças,
E do que mais me espanto,

Que

Que nunqua valli tanto,
Que visse tanto bem como esquivanças:
Valia tam pequena,
Nam pode merecer tam doce pena,
Ouvese amor comigo
Tam brando, & pouco irado,
Quanto agora em meus males se conhece,
Que nam ha mór castigo,
Pera quem tem errado,
Que negarlhe o castigo, que merece,
E bem como acontece,
Que assi como ao doente,
Da cura despedido,
O medico sabido,
Tudo quanto deseja lhe consente:
Assi me consentia,
Esperança, desejo, & ousadia.
E agora venho a dar
Conta do bem passado,
A esta triste vida, & longa ausencia:
Quem póde imaginar,
Que houvesse em mi peccado,
Que mereça tam grave penitencia?
Olhai, que he consciencia,
Por hum tam pequeno erro,
Senhora, tanta pena:
Nam vedes, que he onzena?
Mas se tam longo, & misero desterro,
Vos dá contentamento,
Nunqua me acabe nelle meu tormento.
Rio fermoso, & claro,
E vós ó arvoredos,

 Que

Que os justos vencedores coroais,
E ao cultor avàro,
Continuamente ledos,
De hum tronco só diversos frutos dais:
Assi nunqua sintais,
Do tempo injuria algũa,
Que em vòs achem abrigo
As magoas, que aqui digo,
Em quanto dér o Sol virtude â Lũa;
Porque de gente, em gente,
Saibaõ, que jâ nam mata a vida ausente.
Cançam, neste desterro vivirâs
Voz nũa, & descuberta,
Atè que o tempo em ecco te converta.

CANÇAM VII.

MAndame amor, que cante docemente,
O què elle jà em minh'alma tem impresso,
Com presuposto de desabafarme;
E porque com meu mâl seja contente,
Diz, que ser de tam lindos olhos preso,
Contallo bastaria a contentarme:
Este excellente modo de enganarme,
Tomàra eu só de amor por interesse,
Senam se arrependesse
Com a pena o engenho escurecendo:
Porêm a mais me atrevo,
Em virtude do gesto, de que escrevo,
E se he mais o que canto, que o que entendo,
Invoco o lindo aspeito,

Que

Que póde mais, que amor, em meu defeito,
Sem conhecer amor viver sohia,
Seu arco, & seus enganos desprezando,
Quando vivendo delles me mantinha:
O amor enganoso, que fingia
Mil vontades alheas, enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha,
No touro entrava Febo, & Progne vinha;
O corno de Acheloo Flora entornáva,
Quando o amor soltàva
Os fios de ouro, as tranças encrespàdas,
Ao doce vento esquivas,
Os fios rutilando chamas vivas,
E as rosas entre a neve semeádas,
Co riso tam galante,
Que hum peito desfizera de diamante.
Hum nam sei que suave respirando,
Causava hum admirado, & novo espanto,
Que as cousas insensiveis o sentiaõ:
E as garrulas aves levantando
Vozes desordenadas em seu canto,
Como no meu desejo se encendiaõ:
As fontes cristalinas nam corriaõ,
Inflamadas da linda vista pura,
Florecia a verdura,
Que, andando, cos divinos pés tocàva,
Os ramos se abaxávão,
Ou de inveja das hervas, que pisavão,
Ou porque tudo ante ella se abaixàva.
Nam houve cousa em fim,
Que nam pasmasse della, & eu de mim.
Porque quando vi dar entendimento

As cousas, que o nam tinhaõ, o temor
Me fez cuidar, que effeito em mi faria:
Conhecimento nam ter conhecimento,
E nisto só o tive, por amor
Mo deixou, porque visse o que podia:
Tanta vingança amor de mi queria,
Que mudava a humana natureza,
Nos montes, & a dureza
Delles em mi por troca traspassava;
Oh que gentil partido,
Trocar o ser do monte sem sentido,
Pello que num juizo humano estava:
Olhai que doce engano,
Tirar comum proveito de meu dano.
Assi que indo perdendo o sentimento,
A parte racional me entristecia:
Vella a hum apetite sometida,
Mas dentro na alma o fim do pensamento,
Por tam sublime causa me dizia,
Que era razaõ ser a razaõ vencida:
A mesma perdiçaõ a restaurava
E em mansa paz estava,
Cada hum com seu contrario num sugeito:
Oh grande concerto este!
Quem sera, que nam julgue, por celeste,
A causa, donde vem tamanho effeito,
Que faz num coraçâo,
Que venha o apetite a ser razaõ?
Aqui senti de amor a mor fineza,
Como foi ver sentir o insensivel,
E o ver a mi de mi mesmo perderme,
Em fim senti negarse a natureza,

Por

Por onde cri, que tudo era possivel,
Aos lindos olhos seus, senam quererme,
Despois, que jà senti desfallecerme,
Em lugar do sentido, que perdia,
Nam sei quem me escrevia,
Dentro n'alma cò as letras da memoria,
O mais deste processo,
Co claro gesto juntamente impresso,
Que foi à causa de tam longa historia,
Se bem a declarei,
Eu nam a escrevo, d'alma a trasladei.
Cançam, se quem te ler,
Nam crer dos olhos lindos, o que dizes,
Pello que em si se esconde:
Os sentidos humanos lhe responde,
Nam pòdem dos divinos ser juizes,
Senam de hum pensamento,
Que a falta supra a fè do entendimento.

CANÇAM VIII.

TOmei a triste pena,
Jà de desesperado,
De vos lembrar as muitas, que padeço,
Vendo, que me condena
A ficar eu culpado,
O mal, que me tratais, & o que eu mereço:
Confesso que conheço,
Que em parte a causa dei
Ao mal, em que me vejo,
Pois sempre meu desejo,

A tam

A tam largas promessas entreguei:
Mas nam tive suspeita,
Que seguisseis tençaõ tam imperfeita.
Se em vosso esquecimento,
Tam condenado estou,
Como os sinais demostraõ, que mostrais,
Vivo neste tormento,
Lembranças mais nam dou,
Que as que de esta razão tomar queirais:
Olhai que me tratais,
Assi de dia, em dia,
Com vossas esquivanças,
E as vossas esperanças,
De que vanmente eu jà me enriquecia,
Renovaõ a memoria,
Pois com tella de vòs sô tenho gloria.
E se isto conhecesseis
Ser a verdade pura,
Mais que de Arabia o ouro reluzente,
Inda que nam quisesseis,
A condição tam dura,
Mudáreis noutra muito differente;
E eu como innocente,
Que estou em este caso,
Isto em as mãos pusera,
De quem sentença, dèra,
Que ficasse o direito justo, & razo,
Quando nam receâra,
Que a vòs por mi, & a mi por vós matâra.
Em vôs escrita vi
Vossa grande dureza,
E na alma escrita està, que de vòs vive;

Nam que acabasse alli
Sua grande firmeza
O triste desengano, que então tive;
Porque antes que a dor prive
De todo meus sentidos,
Ao grande tormento
Acode o entendimento,
Com dous fortes soldados, guarnecidos
De rica pedraria,
Que ficão sendo minha luz, & guia.
Destes acompanhado,
Estou posto sem medo
A tudo, o que o fatal destino ordene;
Pôde ser que cansado,
Ou seja tarde, ou cedo.
Com pena de penarme me despene?
E quando me condene
(Que isto he que mais espero)
Inda a mayores dores,
Perdidos os temores,
Por mais que venha, nam direi nam quéro:
Com tudo estou tam forte,
Que nem mudarme pòde a mesma morte.
Cançam, se jà nam queres
Ver tanta crueldade,
Lá vàs onde verás minha verdade.

CANÇAM IX.

IUnto de hum seco, fero, & esteril monte
Inutil, & despido, calvo, & informe,

Da natureza em tudo aborrecido,
Onde nem ave voa,ou fera dorme,
Nem rio claro corre,ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido:
Cujo nome do vulgo introduzido,
He felix por antiphrasi infelice:
O qual a natureza
Situou junto á parte,
Onde hum braço de mar alto reparte
Abasia,de Arabica aspereza,
Onde fundada já foi Berenice,
Ficando a parte donde
O Sol,que nella ferve, se lhe esconde.
Nelle aparece o cabo,com que a costa
Africana,que vem do Austro correndo,
Limite faz,Aromata chamado;
Aromata outro tempo,que correndo
O tempo,a ruda lingua mal composta
Dos proprios outro nome lhe tem dado:
Aqui no mar,que quer apresurado
Entrar pola garganta deste braço,
Me trouxe hum tempo,& teve
Minha fera ventura;
Aqui nesta remota,aspera, & dura
Parte do mundo,quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse hum breve espaço,
Porque ficasse a vida
Pello mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando hũs tristes dias,
Tristes,forçados,maos,& solitarios,
Trabalhosos,de dor,& de ira cheos,
Nam tendo tam somente por contrarios

A vida, o Sol ardente, & agoas frias,
Os ares grossos, fervidos, & feos,
Mas os meus pensamentos, que saõ meyos,
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi,
Trazendome à memoria
Algũa jà passada, & breve gloria,
Que eu no mundo vi já quandi vivi,
Por me dobrar dos males a aspereza,
Por me mostrar, que havia
No mundo muitas horas de alegria.
Aqui estive eu com estes pensamentos
Gastando o tempo, & a vida, os quaes tam alto
Me subiaõ nas azas, que cahia
(E vede se seria leve o salto)
De sonhados, & vãos contentamentos,
Em desesperaçaõ de ver hum dia,
Aqui o imaginar se convertia,
Num subito chorar, & nũs suspiros,
Que rompião os ares;
Aqui a alma cativa,
Chagada toda estava em carne viva,
De dores rodeada, & de pesares,
Desamparada, & descuberta aos tiros
Da soberba Fortuna,
Soberba, inexoravel, & importuna.
Nam tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança algũa onde a cabeça,
Hum pouco reclinasse por descanso:
Tudo dor lhe era, & causa, que padeça:
Mas que pereça nam, porque passasse
O que quiz o destino nunqua manso.

O que

O que este irado mar gritando amanso,
Estes ventos da voz importunados,
Parece que se enfreão;
Sòmente o Ceo severo,
As estrellas, & o Fado sempre fero,
Com meu perpetuo dano se recreão,
Mostrandose potentes, & indignados,
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil, & tam pequeno.
Se de tantos trabalhos só tivesse
Saber inda por certo, que algum hora
Lembrava a hũs claros olhos, que jà vi,
E se esta triste voz rompendo fôra,
As orelhas angelicas tocasse
Daquella, em cuja vista jâ vivi:
A qual tornada hum pouco sobre si,
Revolvendo na mente presurosa,
Os tempos jà passados,
De meus doces errores,
De meus suaves males, & furores,
Por ella padecidos, & buscados,
Tornada (inda que tarde) piêdosa,
Hum pouco lhe pesasse,
E consigo por dura se julgasse:
Isto só, que soubesse, me seria
Descanso para a vida, que me fica,
Com isto afagaria o sofrimento:
Ah senhora, senhora, & que tam rica
Estais, que cà tam longe de alegria,
Me sustentais cum doce fingimento,
Em vós assegurando o pensamento,
Foge todo o trabalho, toda a pena:

Sò com vossas lembranças,
Me achõ seguro, & forte,
Contra o rosto feroz da fera morte;
E se me ajuntaõ logo as esperanças,
Com que a fronte tornada mais serena,
Torna os tormentos graves,
Em saudades brandas, & suaves.
Aqui com elles fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respirão
Da parte donde estais, por vôs senhora,
As aves, que alli voaõ, se vos viraõ,
Que fazeis, & que estaveis praticando?
Onde, cõmo, com quem, que dia, & que hora?
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos nóvos, com que vença
A Fortuna, & trabalhos:
Sò por tornar a vervos,
Só por ir a servirvos, & querervos,
Dizme o tempo, que a tudo darà talho,
Mas o desejo ardente, que detença
Nunqua sofreo, sem tento
Me abre as chagas de novo ao sofrimento.
Assi vivo, & se alguem te preguntasse,
Cançam, como nam mouro,
Podeslhe responder, que porquẽ mouro.

CANÇAM X.

VInde cá meu tam certo secretario,
Dos queixumes, que sempre ando fazendo,
Papel, com quem a pena desafogo:

As semrazoẽs digamos, que vivendo
Me faz o inexoravel, & contrario
Destino, surdo à lagrimas, & a rogo:
Deitemos agoa pouca em muito fogo,
Acendase com gritos hum tormento,
Que a todas as memorias seja estranho;
Digamos mal tamanho
A Deos, ao mundo, â gente, & emfim ao vento,
A quem jà muitas vezes o contei,
Tanto de balde, cómo o conto agora:
Mas já que para errores fui nascido,
Vir este a ser hum delles nam duvido,
Que pois já de acertar estou tam fóra,
Nam me culpem tambem se nisto errei:
Se quer este refugio só terei,
Fallar, & errar sem culpa livremente,
Triste quem de tam pouco està contente.
Jâ me desenganei, que de queixarme,
Nam se alcança remedio, mas quem pena,
Forçado lhe he gritar, se a dor he grande:
Gritarei, mas he debil, & pequena
A voz para poder desabafarme,
Porque nem com gritar a dor se abrande:
Quem me dará se quer, que fôra mande,
Lagrimas, & suspiros infinitos,
Iguais ao mal, que dentro n'alma mòra?
Mas quem pòde algum hora,
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
Emfim direi aquillo, que me ensinaõ
A ira, a magoa, & dellas a lembrança,
Que he outra dor por si mais dura, & firme,
Chegai desesperados para ouvirme,

E fu-

E fujão os que vivem de esperança,
Ou aquelles, que nella se imaginão,
Porque Amor, & Fortuna determinaõ
De lhe darem poder para entenderem,
A medida dos males, que tiverem.
Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizerão
Estrellas infelices obrigado:
Com ter livre alvedrio mo nam deraõ,
Que eu conheci mil vezes na ventura
O melhor, & o peor segui forçado,
E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade, quando abrisse,
Inda minino os olhos brandamente,
Mandaõ que diligente
Hum minino sem olhos me ferisse:
As lagrimas da infancia jà manavão,
Com hũa saudade namorada:
O som dos gritos, que no berço dava,
Jà como de suspiros me soava,
Com a idade, & Fado concertado,
Porque quando por caso me emballavaõ,
Se versos de amor tristes me cantavaõ,
Logo me adormecia a natureza,
Que tam conforme estava co a tristeza.
Foi minha ama hũa fera, que o destino
Nam quiz, que mulher fosse, a que tivesse
Tal nome para mi, nem a haveria;
Assi criado fui, porque bebesse
O veneno amoroso de minino,
Que na mayor idade beberia,
E por costume nam me mataria.

Logo então vi a imagem, & semelhança,
D'aquella humana fera tam fermosa,
Suave, & venenosa,
Que me criou aos peitos da esperança;
De quem eu vi despois o original;
Que de todos os grandes desatinos,
Faz a culpa soberba, & soberana:
Pareceme que tinha forma humana,
Mas cintillava espiritos divinos,
Hum meneo, & presença tinha tal,
Que se vangloriava todo o mal
Na vista della: a sombra, co a viveza,
Excedia o poder da natureza.
Que genero tam novo de tormento,
Teve amor, que nam fosse, nam somente
Provado em mi, mas todo executado?
Implacaveis durezas, que o fervente
Desejo, que dà força ao pensamento,
Tinhaõ de seu proposito aballado;
E de se ver corrido, & injuriado,
Aqui sombras fantasticas, trazidas,
De algũas temerarias esperanças,
As bemaventuranças,
Nellas tambem pintadas, & fingidas,
Mas a dor do desprezo recebido,
Que a fantasia me desatinava,
Estes enganos punha em desconcerto:
Aqui o adevinhar, & ter por certo,
Que era verdade quanto adevinhava,
E logo o desdizerme de corrido,
Dar ás cousas, que via, outro sentido:
E para tudo em fim buscar razoẽs,

Mas

Mas erão muitas màis as semrazões.

Nam sei como saiba estar roubando
Cos rayos as entranhas, que fugião
Por ella pellos olhos sutilmente:
Pouco a pouco invenciveis me sahião,
Bem como do véo humido exalando
Està o sutil humor o Sol ardente;
Em fim o gesto puro, & transparente,
Para quem fica baixo, & sem valia
Deste nome de bello, & de fermoso:
O doce, & piêdoso,
Mover de olhos, que as almas suspendia,
Foraõ as hervas magicas, que o Ceo
Me fez beber, as quaes por longos annos,
Noutro ser me tiverão transformado:
E tam contente de me ver trocado,
Que as magoas enganava cos enganos,
E diante dos olhos punha o véo,
Que me encobrisse o mal, que assi creceo
Como quem com afagos se criava,
Daquelle, para quem crecido estava.

Pois quem pòde pintar a vida ausente,
Com hum descontentarme quanto via,
E aquelle estar tam longe donde estava;
O fallar, sem saber, o que dizia,
Andar, sem ver por onde, & juntamente
Suspirar, sem saber, que suspirava,
Pois quando aquelle mal me atormentava,
E aquella dor, que das Tartareas agoas,
Sahio ao mundo, & mais que todas doe,
Que tantas vezes soe,
Duras iras tornar em brandas magoas,

Agora co furor da magoa irado,
Querer, & nam querer deixar de amar,
E mudar noutra parte por vingança
O desejo privado de esperança,
Que tam mal se podia jâ mudar,
Agora a saudade do passado
Tormento puro, doce, & magoado,
Fazia converter estes furores
Em magoadas lagrimas de amores.
Que desculpas comigo só buscava,
Quando o suave amor me nam sofria
Culpa na cousa amada, & 'tam amada?
Em fim eraõ remedios, que fingia
O medo do tormento, que ensinava
A vida sustentarse de enganada:
Nisto hũa parte della foi passada,
Na qual se tive algum contentamento,
Breve, imperfeito, timido, indecente,
Nam foi senam semente,
De hum cumprido, & amarissimo tormento,
Este curso contino de tristeza,
Estes passos tam vanmente espalhados,
Me foraõ apagando o ardente gosto,
Que tam de siso n'alma tinha posto,
De aquelles pensamentos namorados,
Em que eu criei a tenra natureza,
Que do longo costume da aspereza,
Contra quem força humana nam resiste,
Se converteo no gosto de ser triste.
Desta arte a vida noutra fui trocando,
Eu nam, mas o destino fero irado,
Que eu inda assi por outra a nam trocàra,

Fesine

Fesme deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteve a vida cara;
Agora experimentando a furia rara
De Marte, que cos olhos quiz que logo
Visse, & tocasse o acerbo fruto seu,
E neste escudo meu,
A pintura verão do infesto fogo;
Agora peregrino, vago, & errante,
Vendo nações, linguagēs, & costumes,
Ceos varios, qualidades differentes,
Sò por seguir com passos diligentes,
A ti Fortuna injusta, que consumes
As idades, levandolhe diante
Hũa esperança em vista de diamante;
Mas quando das mãos cae se conhece,
Que he fragil vidro aquillo, que aparece.
A pièdade humana me faltava,
A gente amiga já contraria via,
No primeiro perigo, & no segundo:
Terra, em que pòr os pês me fallecia,
Ar para respirar se me negava,
E faltavame em fim o tempo, & o mundo.
Que segredo tam arduo, & tam profundo,
Nascer para viver, & para a vida,
Faltarme quanto o mundo tem para ella,
E nam poder perdella,
Estando tantas vezes já perdida!
Emfim nam houve trance da Fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos
Injustiças daquelles, que o confuso
Regimento do mundo antigo abuso

 Faz

Faz sobre os outros homẽs poderosos)
Que eu nam passasse atado á fiel coluna
Do sofrimento meu, que a importuna
Perseguiçaõ de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços.
Nam conto tantos males, como aquelle,
Que despois da tormenta procellosa,
Os casos della conta em tempo ledo,
Que inda agora a Fortuna fluctuosa,
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar hum sò passo tenho medo;
Jà de mal, que me venha, nam me arredo,
Nem bem, que me falleça, jà pretendo,
Que para mi nam val astucia humana,
De força soberana;
Da providencia em fim divina pendo:
Isto que cuido, & vejo, ás vezes tomo,
Para consolação de tantos danos,
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos na que corre, & nam alcança,
Senam memoria dos passados annos;
As agoas que então bebo, & o paõ que cómo,
Lagrimas tristes saõ, que eu nunqua domo,
Senam com fabricar na fantasia,
Fantasticas pinturas de alegria.
Que se possivel fosse, que tornasse
O tempo para trâs, como a memoria,
Pellos vestigios da primeira idade;
E de novo tecendo a antiga historia,
De meus doces errores me levasse
Pellas flores, que vi da mocidade:
E a lembrança da longa saudade,

Entaõ

Então fosse mayor contentamento,
Vendo a conversação leda, & suave,
Onde hũa, & outra chave,
Esteve de meu novo pensamento.
Os campos, as passadas, os sinais,
A fermosura, os olhos, a brandura,
A graça, a mansidão, a cortesia,
A singella amizade, que desvia
Toda a baixa tenção, terrena impura;
Como a qual outra algũa nam vi mais;
Ah vãs memorias onde me levais
O fraco coração, que inda nam posso
Domar este tam vaõ desejo vosso?
No mais Cançam, no mais, que irei fallando,
Sem o sentir mil annos, & se acaso
Te culparem de larga, & de pesada,
Nam póde ser (lhe dize) limitada
A agoa do mar em tam pequeno vaso;
Nem eu delicadezas vou cantando,
Co gosto do louvor, mas explicando
Puras verdades jà por mi passadas,
Oxalâ foraõ fabulas sonhadas.

ODE I

A LUA.

DEtem hum pouco, Musa, o largo pranto,
Que amor te abre do peito,
E vestida de rico, & ledo manto,
Demos honra, & respeito,
Aaquella, cujo objeito,
Todo o mundo alumia
Trocando a noite escura em claro dia,
Oh Delia, que a pesar da nevoa grossa,
Cos teus rayos de prata,
A noite escura fazes, que nam possa
Encontrar, o que trata,
E o que n'alma retrata,
Amor, por teu divino
Rosto, porque endoudeço, & desatino.
Tu, que de fermosissimas estrellas,
Coroas, & rodeas
Teus cabellos de prata, & faces bellas,
E os campos fermoseas,
Co as rosas, que semeas,
Co as boninas, que gêra
O teu celeste amor na primavera.
Pois, Delia, dos teus Ceos vendo estàs quantos
Furtos de puridades,
Suspiros, magoas, ays, musicas, prantos,
As conformes vontades,
Hũas por saudades,

Outras

Outras por crùs indicios,
Fazem das proprias vidas sacrificios.
Jà veyo Endimiaõ por estes montes,
O Ceo suspenso olhando,
E teu nome cos olhos feitos fontes;
Em vaõ sempre chamando,
Pedindo, & suspirando
Mercès á tua beldade,
Que ache em ti algũa hora piedade.
Por ti feito pastor de branco gado,
Nas selvas solitarias,
Sô de seu pensamento acompanhado,
Conversa as alimarias,
De todo amor contrarias,
Mas nam como tù duras,
Onde lamenta, & chora desventuras.
Para ti guarda o sitio fresco de Ilio,
Suas sombras fermosas,
Para ti no Erymantho o lindo Opilio,
As mais purpureas rosas,
E as drogas cheirosas
De este nosso Oriente,
Guarda a felice Arabia mais contente.
De que Panthera, Tigre, ou Leopardo,
As asperas entranhas,
Nam temeraõ o agudo, & fero dardo,
Quando pellas montanhas
Muy remotas, & estranhas,
Ligeira atravessavas,
Tam fermosa, que amor de amor matavas?
Das castas virgẽs sempre os altos gritos,
Clara Lucina, ouviste,

Renovandolhe a força, & os espritos:
Mas os daquelle triste
Jà nunqua consentiste.
Ouvillos hum momento,
Para ser menos grave seu tormento.
Nam fujas de mi assi, nèm assi te escondas
De hum tam fiel amante,
Olha como suspirão estas ondas,
E como o velho Atlante,
O seu collo arrogante,
Move piedosamente,
Ouvindo a minha voz fraca, & doente.
Triste de mi, que me he peor queixarme,
Pois minhas queixas digo,
A quem jà ergueo a mão para matarme,
Como a cruel imigo,
Mas eu meu Fado sigo,
Que a isto me destina,
E sò isto pretende, & só me ensina.
Oh quanto ha já, que o Ceo me desengana,
E eu sempre porfio
Cada vez mais na minha teima insana!
Tendo livre alvedrio,
Nam fujo o desvario,
E este, que em mi vejo,
Engana co a esperança meu desejo,
Oh quanto melhor fora, que dormisse,
Hum sono perennal,
Estes meus olhos tristes, & nam vissem
A causa de seu mal!
Fugira hum tempo tal,
Mais que de antes proterva,

Mais cruel que Uſſa, mais fugaz, que Cerva.
  Ay de mi, que me abraſo em fogo vivo,
Com mil mortes ao lado,
E quando mouro mais, entaõ mais vivo!
Porque aſſi me ha ordenado
Meu infelice eſtado,
Que quando me convida,
A morte para a morte tenha vida.
  Secreta noite amiga, a que obedeço,
Eſtas roſas (por quanto
Meus queixumes ouviſte) te offereço,
Eſte freſco Amarantho,
Inda humido do pranto,
E lagrimas da eſpoſa
Do cioſo Tithaõ branca, & fermoſa.

ODE II.

Tam ſuave, tam freſca, & tam fermoſa,
  Nunqua no Ceo ſahio
A Aurora, no principio do veraõ:
Aas flores dando a graça coſtumada,
Como a fermoſa minha fera, quando
Hum penſamento vivo me inſpirou,
Por quem me deſconheço.
  Bonina pudibunda, ou freſca roſa,
Nunqua no campo abrio,
Quando os rayos do Sol no Touro eſtaõ,
De cores differentes eſmaltada,
Como eſta flor, que os olhos inclinando,
O ſofrimento triſte coſtumou.

A pe-

A pena,que padeço.
Ligeira,bella Ninfa,linda,irosa,
Nam creo,que seguío
Satyro,cujo brando canção,
De amores commovesse fera irada,
Que assi fosse fugindo,& desprezando
Este tormento,adonde amor mostrou
Tam prospero começo.
Nunqua em fim cousa bella,& rigurosa
Natura produzio,
Que iguale aquella forma,& condiçaõ,
Que as dores,em que vivo, estima em nada:
Mas com tam doce gesto,irado,& brando,
O sentimento,& a vida me enlevou,
Que a pena lhe agradeço.
Bem cudei de exaltar em verso,ou prosa
Aquillo, que a alma vio,
Antre a doce dureza, & mansidaõ,
Primores de belleza desusâda,
Mas quando quiz voar ao Ceo cantando,
Entendimento, & engenho me cegou,
Luz de tam alto preço.
Naquella alta pureza deleitosa,
Que ao mundo se encubrío,
E nos olhos angelicos, que saõ
Senhores desta vida destinada,
E naquelles cabellos,que soltando
Ao manso vento,a vida me enredou,
Me alegro,& entristeço.
Saudade,& suspeita perigosa,
Que amor constituhio,
Por castigo daquelles, que se vaõ:

Te.

Temores, penas, da alma desprezada,
Fera esquivança, que me vai tirando
O mantimento, que me sustentou,
A tudo me offereço.

ODE III.

SE de meu pensamento,
Tanta razaõ tivera de alegrarme,
Quanto de meu tormento
A tenho de queixarme,
Poderàs triste Lyra consolarme.
E minha voz cansada,
Que noutro tempo foi alegre, & pura,
Nam fora assi tornada,
Com tanta desventura,
Tam rouca, tam pesada, nem tam dura.
A ser como sohia,
Pudera levantar vossos louvores,
Vòs minha Hierarchia
Ouvireis meus amores,
Que exemplo saõ ao mundo jâ de dores.
Alegres meus cuidados,
Contentes dias, horas, & momentos,
Oh quaõ bem alembrados
Sois de meus pensamentos,
Reinando agora em mi duros tormentos.
Ai gostos fugitivos,
Ai gloria já acabada, & consumida,
Crueis males esquivos,
Qual me deixais a vida,

Quaõ chea de pesar, quaõ destruida!
Mas como nam he morta
A triste vida jà, que tanto dura?
Como nam abre a porta
A tanta desventura,
Que em vaõ co seu poder o tempo cura?
Mas para padecella,
Se esforça meu sugeito, & convalece,
Que só para dizella,
A força me falece,
E de todo me cansa, & enfraquece.
O bem afortunado,
Tu, que alcançaste com lira toante,
Orfeo ser escutado,
Do fero Rhadamante,
E cos teus olhos ver a doce amante.
As infernaes figuras,
Moveste com teu canto docemente,
As tres furias escuras,
Implacaveis á gente,
Quiêtas se tornàraõ de repente.
Ficou como pasmado,
Todo o Stygio Reyno co teu canto,
E quasi descansado,
De séu eterno pranto,
Cessou de alçar Sisifo o grave canto.
A ordem se mudava,
Das penas, que ordenava alli Plutaõ,
Em descanso tornava
A roda de Ixiaõ,
E em gloria quantas penas alli saõ.
Pelo qual admirada

A Raynha infernal,& commovida,
Te deo a desejada
Esposa, que perdida
De tantos dias já tivera vida.
  Pois minha desventura
Como jâ nam abranda hũa alma humana,
Que he contra mi mais dura,
E mui mais deshumana,
Que o furor de Caliroe profana?
  Oh crùa, esquiva, & fera,
Duro peito, cruel, empederuido,
De algũa tigre fera,
Da Hyrcania nascido,
Ou d'antre as duras rochas produzido.
  Mas que digo coitado,
E de quem fio em vaõ minhas querellas?
Só vòs, ò do sagrado
Humido Reyno, bellas,
E claras Ninfas, condoeivos dellas.
  E de ouro guarnecidas
Vossas louras cabeças levantando,
Sobola agoa erguidas,
As tranças gotejando,
Sahi alegres todas, ver qual ando.
  Sahi em companhia,
Cantando, & mais colhendo as lindas flores,
Vereis minha agonia,
Ouvireis meus amores,
E sentireis meus prantos, meus clamores.
  Vereis o mais perdido,
E mais mofino corpo, que he gèrado,
Que está jà convertido

Em choro,& neste estado,
Sómente vive nelle o seu cuidado.

ODE IV.

FErmosa fera humana,
Em cujo coraçaõ soberbo,& rudo,
A força soberana
Do vingativo Amor,que vence tudo,
As pontas amoladas,
De quantas setas tinha,tem quebradas.
Amada Circe minha
Posto que minha nam,com tudo amada,
A quem hum bem,que tinha
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei,
E se mais tenho inda entregarei.
Pois natureza irosa
Da razão,te deo partes tam contrarias,
Que sendo tam fermosa,
Folgues de te queimar em flamas varias,
Sem arder em nenhũa,
Mais que em quanto alumia o mundo a Lũa.
Pois triunfando vás
Com diversos despojos de perdidos,
Que tu privando estàs
De razaõ,de juizo,& de sentidos,
E quasi a todos dando,
Aquelle bem,que a todos vás negando.
Pois tanto te contenta,
Ver o nocturno moço em ferro envolto,

De-

Debaixo da tormenta
De Jupiter, em agoa, & vento solto,
A porta, que impedido
Lhe tem seu bem de magoa adormecido.
  Porque nam tens receyo,
Que tantas insolencias, & esquivanças,
A Deosa, que poem freyo,
A soberbas, & doudas esperanças,
Castigue com rigor,
E contra ti se ascenda o fero amor?
  Olha a fermosa Flora,
De despojos de mil suspiros rica,
Pelo Capitaõ chora,
Que là em Thessalia em fim vencido fica,
E foi sublime tanto,
Que altare lhe deo Roma, & nome santo.
  Olha em Lesbos aquella,
No seu psalterio insigne conhecida,
Dos muitos, que por ella
Se perdèraõ, perdeo a cara vida,
Na tocha, que se infama,
Com ser remedio estremo, de quem ama.
  Pelo moço escolhido;
Onde mais se mostravão as tres graças,
Que Venus escondido
Para si teve hum tempo entre as alfaças,
Pagou com morte fria,
A mà vida, que a muitos jà daria.
  E vendose deixada
Daquelle, por quem tantos jà dexàra,
Se foi desesperada
Precipitar da infame rocha cara,

Que o mal de mal querida,
Sabe, que vida lhe he perder a vida.
Tomaime bravos mares,
Tomaime vòs, pois outrem me dexou,
E assi dos altos ares,
Pendendo com furor se arremeçou:
Acóde tu suave,
Acòde poderosa, & divina ave.
Tomaa nas azas tuas,
Minino pio, illesa, & sem perigo,
Antes que nessas crùas,
Agoas cahindo, apague o fogo antigo.
He dino amor tamanho,
De viver, & ser tido por estranho?
Nam, que he razaõ, que seja,
Para as lobas izentas, que amor vendem,
Exemplo onde se veja,
Que tambem ficaõ prezas, as que prendem.
Assi deo por sentença
Nemesis, que amor quiz, que tudo vença.

ODE V.

NUnqua manhaã suave,
Estendendo seus rayos pelo mundo,
Despois de noite grave,
Tempestuosa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto nao, que jâ no fundo,
Se vio em mares grossos,
Como a luz clara a mi dos olhos vossos.
Aquella fermosura,

Que sò no virar delles resplandece,
Com quem a sombra escura
Clara se faz,& o campo reverdece,
Quando a meu pensamento se entristece
Ella,& a sua viveza,
Me desfazem a nuve da tristeza.
O meu peito,onde estais,
He para tanto bem pequeno vaso,
Quando acaso virais
Os olhos,que de mi nam fazem caso:
Todo,gentil senhora,então me abraso
Na luz,que me consume,
Bem como a borboleta faz no lume.
Se mil almas tivera,
Que a tam fermosos olhos entregàra,
Todas quantas pudera,
Polas pestanas delles pendurâra,
E enlevada na vista pura,& clara
(Posto que disso indinas)
Se andáraõ sempre vendo nas mininas.
E vôs que descuidada
Agora vivireis de tais querellas,
D'almas minhas cercada,
Nam pudesseis tirar os olhos dellas,
Nam pòde ser,que vendo a vossa entre ellas,
A dor,que lhe mostrassem
Tantas,hũa alma só nam abrandassem.
Mas pois o peito ardente
Hũa sô pôde ser fermosa dama,
Basta que esta sômente,
Como se fossem duas mil vos ama:
Para que a dor de sua ardente flama,

100096

Comvosco tanto possa,
Que nam queirais ver cinza hũa alma vossa.

ODE VI

PОde hum desejo immenso
Arder no peito tanto,
Que à branda, & à viva alma o fogo intenso
Lhe gaste as nodas do terreno manto,
E purifique em tanta alteza o espirito,
Com olhos immortais,
Que faz que lea mais, do que vê escrito,
Que a flama, que se ascende,
Alto tanto alumia,
Que se o nobre desejo ao bem se estende,
Que nunca vio ausente claro dia,
E lá vê do que busca o natural,
A graça, a viva cor,
Noutra especie melhor, que a corporal.
Pois vòs ò claro exemplo
De viva fermosura,
Que de tam longe cà nóto, & contemplo
N'alma, que este desejo sobe, & apura,
Nam creais, que nam vejo aquella imagem,
Que as gentes nunqua vem,
Se de humanos nam tem muita ventagem,
Que se os olhos ausentes,
Nam vem a compassada
Proporção, que das cores excellentes
De pureza, & vergonha he variada:
Da qual a poesia, que contou

Atê.

Atéqui sò pinturas,
Com mortaes fermosuras igualou,
Senam vem os cabellos,
Que o vulgo chama de ouro,
E senam vem os claros olhos bellos,
De quem cantaõ, que saõ do Sol thesouros
E senam vem do rosto as excellencias,
A quem diráõ, que deve
Rosa, cristal, & neve as aparencias:
Vem logo a graça pura,
A luz alta, & severa,
Que he rayo da divina fermosura,
Que n'alma imprime, & fòra reverbera,
Assi como cristal do Sol ferido,
Que por fòra derrama
A recebida flamma, esclarecido.
E vem a gravidade
Com a viva alegria,
Que misturada tem, de qualidade,
Que hũa da outra nunqua se desvia,
Nem deixa hũa de ser arreceada,
Por lèda, & por suave,
Nem outra por ser grave muito amada.
E vem do honesto siso,
Os altos resplandores,
Temperados co doce, & lèdo riso,
A cujo abrir abrem no campo as flores,
As palavras discretas, & suaves,
Das quaes o movimento,
Fará deter o vento, & as altas aves.
Dos olhos o virar
Que torna tudo raso,

Do qual nam ſabe o engenho diviſar;
Se foi por artificio, ou feito a caſo:
Dà preſença os meneos, & a poſtura,
O àndar, & o moverſe
Donde pòde aprenderſe fermoſura.
Aquelle nam ſei que,
Que eſpira nam ſei como,
Que inviſivel ſahindo a viſta o vè,
Mas para o comprender nam lhe acha tomo;
O qual toda a Toſcana poéſia,
Que mais Febo reſtaura,
Em Beatriz, nem Laura nunqua via.
Em vòs a noſſa idade,
Senhora, o póde ver,
Se engenho, & ſciencia, & habilidade,
Igual à fermoſura voſſa der:
Como eu vi no meu longo apartamento,
Qual em auſencia o vejo:
Tais azas dá o deſejo ao penſamento.
Pois ſe o deſejo afina
Hũa alma aceſa tanto,
Que por vòs uſe as partes da divina;
Por vòs levantarei nam viſto canto,
Que o Bethis me ouça, & o Tibre me levante;
Que o noſſo claro Tejo
Envolto hum pouco o vejo, & diſſonante.
O campo nam o eſmaltão
Flores, mas ſó abrolhos,
O fazem feo, & cuido, que lhe faltão;
Ouvidos para mi, para vòs olhos:
Mas faça o que quizer o vil coſtume,
Que o Sol, que em vós eſtà
Nã

Na eſcuridaõ darà mais claro lume.

O D E . VII.

A Quem daráõ de Pindo as moradoras
Tam doutas como bellas,
Florecentes capellas
Do triunfante louro, ou myrto verde,
Da glorioſa palma, que nam perde
A preſumpçaõ ſublime,
Nem por força do peſo algum ſe oprime?
A quem traraõ na fralda
Roſas a roxa Cloris,
Conchas a branca Doris,
Eſtas flores do mar, da terra aquellas,
Argenteas, ruiuas, brancas, & amarellas,
Com danças, & corêas,
De fermoſas Nereidas, & Napeas?
A quem faraõ os Hymnos, Odes, Cantos,
Em Thebas Anfion,
Em Lesbos Arion,
Senam a vôs, por quem reſtituìda
Se vè da poèſia jà perdida
A honra, & gloria igual,
Senhor Dom Manoel de Portugal?
Imitando os eſpritos jà paſſados,
Gentis, altos, reais,
Honra benigna dais
A meu tam baixo, quaõ zeloſo engenho:
Por Mecenas a vòs celebro, & tenho,
E ſacro o nome voſſo
Farei, ſe algũa couſa em verſo poſſo.

O rudo canto meu, que resuscita
As horas sepultadas,
As palmas jà passadas,
Dos bellicosos nossos Lusitanos,
Para thesouro dos futuros annos,
Comvosco se defende
Da ley Lethea, â qual tudo se rende.
Na vossa arvore ornada de honra, & gloria
Achou tronco excellente,
A era florecente,
Para mim atéqui de baixa estima,
Na qual para trepar se encósta, & arrima,
E nella subireis
Tam alto, quanto os ramos estendeis.
Sempre forão engenhos peregrinos
Da Fortuna envejados,
Que quanto levantados
Por hum braço nas azas saõ da Fama,
Tanto por outro a sorte, que os desama,
Co peso, & gravidade,
Os opprime da vil necessidade.
Mas altos coraçoẽs, dinos de imperio,
Que vencem a Fortuna,
Foraõ sempre coluna
Da sciencia gentil: Octaviano,
Scipiaõ, Alexandre, & Graciano,
Que vemos immortais,
E vós, que nosso seculo dourais.
Pois logo em quanto a cythara sonora
Se estimar pelo mundo,
Com som douto, & jucundo,
E em quanto produzir o Tejo, & o Douro,

Peitos de Marte, & Febo crespo, & louro;
Tereis gloria immortal,
Senhor Dom Manoel de Portugal.

ODE VIII.

AQuelle unico exemplo,
De Fortaleza heroica, & ousadia,
Que mereceo no tempo
Da Fama eterna ter perpetuo dia,
O graõ filho de Thetis, que dez annos
Flagello foi dos miseros Troyanos.
Nam menos ensinado
Foi nas ervas, & medica policia,
Que destro, & costumado,
No soberbo exercicio da milicia,
Assi que as mãos, que a tantos morte dérão
Tambem a muitos vida dar pudèraõ.
E nam se desprezou
Aquelle fero, & indomito mancebo,
Das artes, que ensinou
Para o languido corpo o intonso Febo,
Que se o temido Heitor matar podia,
Tambem chagas mortaes curar sabia.
Tais artes aprendeo,
Do semiviro mestre, & douto velho,
Onde tanto cresceo
Em virtude, sciencia, & em conselho,
Que Thelefo por elle vulnerado,
Sò delle pode ser despois curado.
Pois a vòs, ò excellente,

E illustrissimo Conde, do Ceo dado,
Para fazer presente
De altos Heroes o seculo passado,
Em quem bem trasladada està a memoria
De vossos ascendentes, honra, & gloria.
Posto que o pensamento
Occupado tenhais na guerra infèsta,
Ou do sanguinolento
Taprobano, ou Achem, que o mar molesta,
Ou co Cambayo oculto imigo nosso,
Que qualquer delles teme o nome vosso.
Favorecei a antiga
Sciencia, que jà Achiles estimou:
Olhai, que vos obriga
Verdes, que em vosso tempo rebentou
O fruto daquella Orta, onde florecem
Plantas nóvas, que os doutos nam conhecem.
Olhai, que em vossos annos
Hũa Orta produze varias ervas,
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doutas, & protervas,
Medea, & Circe nunqua conhecerão,
Posto que â ley da Magica excedêrão.
E vede carregado
D'annos, & traz a varia experiencia
Hum velho, que ensinado
Das Gangeticas Musas na sciencia
Podaliria sutil, & arte silvestre,
Vence o velho Chiron de Achiles mestre.
O qual està pedindo
Vosso favor, & ajuda ao grão volume,
Que impresso a luz sahindo,

Dará

Darâ da medicina hum vivo lume,
E descubrirnos ha segredos certos
A todos os antigos encubertos.
Assi que nam podeis
Negar (como vos pede) benigna aura,
Que se muito valeis
Na sanguinosa guerra Turca, & Maura,
Ajudai, quem ajuda contra a morte,
E sereis semelhante ao Grego forte.

ODE IX.

FOgem as neves frias
Dos altos montes, quando reverdecem
As arvores sombrias,
As verdes ervas crecem,
E o prado ameno de mil cores tecem.
Zefiro brando espira,
Suas setas amor afia agora,
Progne triste suspira,
E Filomela chora
O Ceo da fresca terra se namora.
Vai Venus Cytherea
Com os coros das Ninfas rodeada,
A linda Panopea
Despida, & delicada,
Com as duas Irmaãs acompanhada:
Em quanto as officinas
Dos Cyclopes Vulcano està queimando,
Vaõ colhendo boninas
As Ninfas, & cantando,

A terra co ligeiro pè tocando;
Dece do duro monte.
Diana jà cansada da espessura,
Buscando a clara fonte,
Onde por sorte dura,
Perdeo Acteon a natural figura.
Assi se vai passando
A verde primavera, & seco estió,
Tras elle vem chegando
Despois o inverno o frio,
Que tambem passarà por certo fio.
Irseha embranquecendo
Com a frigida neve o seco monte,
E Jupiter chovendo
Turbarà a clara fonte,
Temerà o marinheiro o Orizonte.
Porque emfim tudo passa,
Nam sabe o tempo ter firmeza em nada,
E nossa vida escassa
Foge tam apressada,
Que quando se começa he acabada.
Que forão dos Troyanos,
Hector temido, Eneas piedoso?
Consumiraõte os annos,
O Cresso tam famoso,
Sem te valer teu ouro precioso.
Todo o contentamento
Crias, que estava no thesouro ufano?
Oh fallo pensamento,
Que à custa de teu dano,
Do douto Solon creste o desengano.
O bem, que aqui se alcança,

Nam

Nam dura por possante, nem por forte,
Que a bemaventurança
Duravel, de outra sorte
Se ha de alcançar na vida para a morte:
Porque em fim nada basta
Contra o terrivel fim da noite eterna,
Nem pode a Deosa casta,
Tornar à luz superna
Hypolito da escura noite Averna.
Nem Theseo esforçado
Com manha, nem com força rigurosa,
Livrar pode o ousado
Pirithoo da espantosa
Prisaõ Lethea, escura, & tenebrosa.

O D E X.

AQuelle moço fero,
Na Peletronia cova doutrinado,
Do Centauro severo,
Cujo peito esforçado,
Com tutanos de Tygres foi creado,
Na agoa fatal minino
O lava a mãy, presaga do futuro,
Para que ferro fino
Nam passe o peito duro,
Que de si mesmo a si se tem por muro.
A carne lhe endurece,
Que ser nam possa d'armas offendida,
Cega, que nam conhece,
Que pòde haver ferida.

N'al-

N'alma, que menos doe perdera vida;
Que aonde o braço irado
Dos Troyanos passava arnès, & escudo.
Alli se vio passado
Daquelle ferro agudo
Do minino, que em todos póde tudo.
Alli se vio cativo
Da cativa gentil, que serve, & adora,
Alli se vio, que vive
Em vivo fogo mòra,
Porque de seu senhor se vè senhora.
Já toma a branda lyra
Na maõ, que a dura pelias meneara;
Alli canta, & suspira,
Nam como lhe ensinàra
O velho, mas o moço, que o cegàra.
Pois logo, quem culpado
Será, se de pequeno offerecido
Foi logo a seu cuidado,
No berço instituido,
A nam poder deixar de ser ferido?
Quem logo fraco infante,
Doutro mais poderoso foi sugeito,
Que para cego amante
Foi de principio feito;
Com lagrimas banhando o brando peito?
Se agora foi ferido
Da penetrante seta, & força de serva;
E se amor he servido,
Que sirva a linda serva,
Para que minha estrella me reserva
O gèsto bem talhado,

O ai-

O airoso meneo, & a postura,
O rosto delicado,
Que na vista assegura,
Que se ensina por arte a fermosura.
Como pòde deixar
De cativar, quem tenha entendimento?
Que a quem nam penetrar
Hum doce gêsto atento,
Nam lhe he nenhum louvor viver izento.
Que aquelles, cujos peitos
Ornou d'altas sciencias o destino,
Esses foraõ sugeitos
Ao cego, & vaõ minino,
Arrebatados do furor divino.
O Rey famoso Hebreo,
Que mais que todos soube, mais amou,
Tanto que a Deos alheo,
Falso sacrificou,
Se muito soube, & teve, muito errou.
E o graõ sabio, que ensina,
Passeando os segredos da Sofia,
Aa baixa concubina
Do vil Eunucho Hermia
Ergueo aras, que aos Deoses sò devia.
Aras ergue, a quem ama,
O Filosofo insigne namorado,
Doese a perpetua Fama,
E grita, que culpado
De lesa divindade he accusado.
Jà foge donde habita,
Jâ paga a culpa enorme com desterro,
Mas ò grande desdita!

Bem moſtra tamanho erro,
Que doutos corações nam ſaõ de ferro
Antes na altiva mente,
No ſutil ſangue,& engenho mais perfeito,
Ha mais conveniente,
E conforme ſugeito,
Onde ſe imprima o brando,& doce effeito.

SEXTINAS.

FOgeme pouco a pouco a curta vida
(Se por caſo he verdade, que inda vivo)
Vaiſeme o breve tempo d'ante os olhos,
Choro pello paſſado,& em quanto fallo,
Se me paſſaõ os dias paſſo,& paſſo.
Vaiſeme em fim a idade,& fica a pena.
Que maneira tam aſpera de pena,
Que nunqua hũa hora vio tam longa vida,
Em que poſſa do mal moverſe hum paſſo,
Que mais me monta ſer morto,que vivo?
Para que choro em fim,para que fallo,
Se lograrme nam pude de meus olhos?
Oh fermoſos gentis, & claros olhos,
Cuja auſencia me move a tanta pena,
Quanta ſe nam comprende em quanto fallo,
Se no fim de tam longa,& curta vida
De vòs me inda inflamaſſe o rayo vivo,
Por bem teria tudo quanto paſſo.
Mas bem ſei, que primeiro o eſtremo paſſo

Mo

Me hà de vir a cerrar os triſtes olhos,
Que amor me moſtre aquelles, porque vivo,
Teſtemunhas ſeraõ a tinta, & pena,
Que eſcreveraõ de tam moleſta vida,
O menos que paſſei, & o mais, que fallo.
Oh que nam ſei, que eſcrevo, nem que fallo!
Que ſe de hum penſamento noutro paſſo,
Vejo tam triſte genero de vida,
Que ſe lhe nam valerem tantos olhos,
Nam poſſo imaginar qual ſeja a pena,
Que traslade eſta pena, com que vivo.
N'alma tenho contino hum fogo vivo,
Que ſe nam reſpiraſſe no que fallo,
Eſtaria jà feita cinza a pena,
Mas ſobre a mayor dor, que ſofro, & paſſo,
Me temperaõ as lagrimas dos olhos,
Com que fugindo nam ſe acaba a vida.
Morrendo eſtou na vida, & em morte vivo,
Vejo ſem olhos, & ſem lingoa fallo,
E juntamente paſſo gloria, & pena.

ELEGIA I.

O Poèta Simonides fallando
Co capitaõ Temiſtocles hum dia,
Em couſas de ſciencia praticando,
Hũa arte ſingular lhe prometia,
Que entaõ compunha, com que lhe enſinaſſe

A se lembrar de tudo, o que fazia.
Onde tam sutis regras lhe mostrasse,
Que nunqua lhe passasse da memoria,
Em nenhum tempo as cousas, que passasse:
Bem merecia certo Fama, & gloria,
Quem dava regra contra o esquecimento,
Que enterra em si qualquer antiga historia.
Mas o capitão claro, cujo intento
Bem differente estava, porque havia
As passadas lembranças por tormento.
O illustre Simonides dizia,
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que mostras á memoria nòva via;
Se me desses hũa arte, que em meus dias
Me nam lembrasse nada do passado,
Oh quanto melhor obra me farias!
Se este excellente dito ponderado
Fosse, por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado;
Oh como brádaria justamente,
Simonides, inventa nòvas artes,
Nam messas o passado co presente!
Que se he forçado andar por varias partes,
Buscando á vida algum descanso honesto,
Que tu Fortuna injusta, mal repartes;
E se o duro trabalho he manifesto,
Que por grave que seja ha de passarse,
Com animoso esprito, ledo gesto,
De que serve às pessoas alembrarse
Do que se passou jà, pois tudo passa,
Senam de entristecerse, & magoarse?
Se nostro corpo hũa alma se traspassa,

Nam como quiz Pythagoras na morte,
Mas como manda amor na vida escassa,
E se este amor no mundo està de sorte,
Que na virtude sô de hum lindo objecto,
Tem hum corpo sem alma vivo, & forte,
Onde este objecto falta, que he defecto
Tamanho para a vida, que jà nella,
Me està chamando á pena a dura Alecto;
Porque me nam criàra minha estrella,
Selvatico no mundo, & habitante
Na dura Scythia, ou nà aspereza della?
Ou no Caucaso horrendo fero infante,
Criado ao peito de hũa tygre Hyrcana,
Homem fora formado de diamante.
Porque a cerviz ferina, & inhumana,
Nam sometera ao jugo, & dura ley,
Daquelle, que dá vida, quando engana,
Ou em pago das agoas, que estilei,
As que do mar passei forão do Lethe,
Para que me esquecêra, o que passei,
Que o bem, que a esperança vaõ promete,
Ou a morte o estorva, ou a mudança.
Que he mal, que hũa alma em lagrimas derrete.
Já senhor cahirà como a lembrança
No mal do bem passado he triste, & dura,
Pois nace adonde morre a esperança;
E se quizer saber como se apura
N'uma alma saudosa, nem se enfade
De ler tam longa, & misera escritura.
Soltava Eolo a redea, & liberdade
Ao manso Favonio brandamente,
E eu jà a tinha solta à saudade.

Neptuno tinha posto seu Tridente
A proa a branca escuma dividia,
Com a gente maritima contente.
O Coro das Nereidas nos seguia,
Os ventos namorada Galathea,
Consigo sossegados os movia.
Das argenteas conchinhas Panopea,
Andava pelo mar fazendo molhos,
Melanto, Dinamene, com Legea.
Eu trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos na agoa sossegada,
E a agoa sem sossego nos meus olhos.
A bemaventurança jà passada,
Diante de mi tinha tam presente,
Como senam mudasse o tempo nada.
E com o gêsto immòto, & descontente,
Cum suspiro profundo, & mal ouvido,
Por nam mostrar meu mal a toda a gente;
Dizia, ò claras Ninfas, se o sentido
Em puro amor tivestes, & inda agora
Da memoria o nam tendes esquecido;
Se por ventura fordes algum hora,
Aonde entra o graõ Tejo dar tributo
A Thetis, que vôs tendes por senhora:
Ou por verdes o prado verde enxuto,
Ou por colherdes ouro rutilante,
Das tagicas arèas rico fruto,
Nellas em verso heroico, & elegante,
Escrevei nũa concha, o que em mi vistes,
Pôde ser que algum peito se quebrante,
E contando de mi memorias tristes,
Os pastores do Tejo, que me ouvião,

Ou-

Ouçaõ de vòs as magoas, que me ouviſtes.
    Ellas, que jà no gêſto me entendiaõ,
Nos meneos das ondas me moſtravaõ,
Que em quanto lhe pedia conſentiaõ.
    Eſtas lembranças, que me acompanhavaõ,
Pola tranquilidade da bonança,
Nem na tormenta grave me deixavaõ:
    Porque chegando ao Cabo da Eſperança
Começo da ſaudade, que renova,
Lembrando a longa, & aſpera mudança:
    Debaixo eſtando já da eſtrellà nova,
Que no novo Emisferio reſplandece,
Dando do ſegundo axe certa prova;
    Eis a noite com nuves ſe eſcurece,
Do ár ſubitamente foge o dia,
E o largo Occeano ſe embravece;
    A machina do mundo parecia,
Que em tormenta ſe vinha desfazendo,
Em ſerras todo o mar ſe convertia.
    Lutando Boreas fero, & Noto horrendo,
Sonoras tempeſtades levantavão,
Das naos as vellas concavas rompendo.
    As cordas co ruìdo áſſoviavão,
Os marinheiros jà deſeſperados,
Com gritos para o Ceo o àr coalhavaõ.
    Os rayos por Vulcano fabricados,
Vibrava o fero, & áſpero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de aſſombrados.
    Alli amor moſtrandoſe poſſante,
E que por nenhum medo nam fugia,
Mas quanto mais trabalho, mais conſtante.
    Vendo a morte diante, em mi dizia,

Se algũa hora, senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria.
Emfim nunqua houve causa, que mudasse
O firme amor intrinseco daquelle,
Cujo peito hũa vez de siso entrasse.
Hũa cousa, senhor, por certo asselle,
Que nunqua amor se affina, nem se apura
Em quanto està presente a causa delle.
Desta arte me chegou minha ventura,
A esta desejada, & longa terra,
De todo o pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nòs se encerra,
E dos proprios quaõ pouca, contra quem
Foi logo necessario termos guerra.
Que hũa Ilha, que o Rey de Porcà tem,
Que o Rey da Pimenta lhe tomâra,
Fomos tomarlha, & succedeonos bem.
Com hũa armada grossa, que ajuntàra
O Visorrey, de Goa nos partimos
Com toda a gente d'armas, que se achàra,
E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada,
Com mortes, com incendios os punimos.
Era a Ilha com agoas alagada;
De modo, que se andava em almadias;
Em fim outra Veneza trasladada.
Nella nos detivemos sòs dous dias,
Que foraõ para algũs os derradeiros,
Que passáraõ de Styge as agoas frias.
Que estes saõ os remedios verdadeiros,
Que para a vida estão aparelhados,
Aos que a querem ter por cavaleiros.

Oh

Oh lavradores bemaventurados,
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo sossegados!
Dàlhes a justa terra o mantimento,
Dàlhes a fonte clara a agoa pura,
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Nam vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente,
Nam temem o furor da guerra dura.
Vive hum com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o sono sossegado,
Algum cuidado do ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
E da fermosa cor de *Assyria* tinto,
E dos torçais Atalicos lavrado:
Senam tem as dilicias de Corintho,
E se de Pario os marmores lhe faltão,
O Piropo, a Esmeralda, & o Jacinto.
Se suas casas douro nam se esmaltão,
Esmalta selhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltão.
Alli amóstra o campo varias cores,
Vemse ramos pender co fruto ameno,
Alli se affina o canto dos pastores.
Alli cantàra Titiro, & Sileno,
Emfim por estas partes caminhou
A san justiça para o Ceo sereno,
Ditoso, seja aquelle, que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas, que criou.
Este bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda a cousa,

Como se gera a chuva, & neve fria.
Os trabalhos do Sol, que nam repousa,
E porque nos dá a Lũa a luz alhea,
Se tolhernos de Febo os rayos ousa.
E como tam depressa o Ceo rodèa,
E como hum só os outros traz consigo,
E se he benigna, ou dura Cytherea.
Bem mal pòde entender isto, que digo,
Quem ha de andar siguindo o fero Marte,
Que traz os olhos sempre em seu perigo.
Porêm seja, senhor, de qualquer arte,
Que posto, que a Fortuna possa tanto,
Que tam longe de todo o bem me aparte.
Nam poderà apartar meu duro canto
Desta obrigaçaõ sua, em quanto a morte
Me nam entrega ao duro Radamanto,
Se para tristes ha tam léda sorte.

ELEGIA II.

AQuella, que de amor descomedido,
Pelo fermoso moço se perdeo,
Que só por si de amores foi perdido;
Despois que a Deosa em pedra a converteo,
De seu humano gesto verdadeiro,
A ultima voz sò lhe concedeo.
Assi meu mal do proprio ser primeiro,
Outra cousa nenhũa me consente,
Que este canto, que escrevo derradeiro:
E se inda algũa vida estando ausente,
Me deixa amor, he porque o pensamento

Sinta a perda do bem de eſtar preſente.
Senhor, ſe vos eſpanta o ſentimento,
Que tenho em tanto mal para eſcrevelo;
Furto eſte breve tempo a meu tormento:
Porque quem tem poder para ſofrelo,
Sem ſe acabar a vida co cuidado,
Tambem terà poder para dizelo.
Nem eu eſcrevo mal tam coſtumado,
Mas n'alma minha triſte, & ſaudoſa,
A ſaudade eſcreve, & eu traslado,
Ando gaſtando a vida trabalhoſa,
Eſpalhando a continua ſaudade,
Ao longo de hũa praya ſaudoſa.
Vejo do mar a inſtabilidade,
Como com ſeu ruido impetuoſo,
Retumba na mayor concavidade,
E com ſua branca eſcuma furioſo,
Na terra a ſeu peſar lhe eſtà tomando
Lugar onde ſe eſtenda cavernoſo.
Ella como mais fraca lhe eſtà dando
As concavas entranhas, onde eſteja
Suas ſalgadas ondas eſpalhando,
A todas eſtas couſas tenho inveja
Tamanha, que nam ſei determinarme,
Por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal deſeſperarme,
Nam poſſo, porque amor, & ſaudade,
Nem licença me daõ para matarme,
Aas vezes cuido em mim ſe a novidade,
E eſtranheza das couſas co a mudança,
Se poderão mudar hũa vontade,
E com iſto afiguro na lembrança.

A nova terra, o novo trato humano,
A estrangeira gente, & estranha usança.
Subome ao monte, que Hercules Thebano,
Do altissimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar Mediterrano,
Dalli estou tenteando aonde vio
O pomar das Hesperidas, matando
A serpe, que a seu passo resistio.
Em outra parte estou afigurando
O poderoso Antheo, que derrubado
Mais força se lhe estava acrescentando.
Mas dos Herculios braços sogigado,
No ár deixou a vida, nam podendo
Da madre Terra jà ser ajudado,
E nem com isso em fim, que estou dizendo,
Nem com as armas tam continuadas,
De lembranças passadas me defendo.
Todas as cousas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeiro nam consente,
Que estejão de firmeza acompanhadas.
Vi jà que a Primavera de contente
De mil cores alegres revestia
O monte, o rio, o campo alegremente,
Vi jâ das altas aves a armonia,
Que atè aos montes duros convidava,
A hum modo suave de alegria.
Vi jâ que tudo em fim me contentava,
E que de muito cheyo de firmeza,
Hum mal por mil prazeres nam trocava.
Tal me tem a mudança, & estranheza,
Que se vou pellos campos, a verdura
Parece que se seca de tristeza.

Mas

Mas isto he jâ costume da ventura,
Que aos olhos, que vivem descontentes,
Descontente o prazer se lhe afigura.
Oh graves, & insufriveis accidentes,
De Fortuna, & de Amor, que penitencia
Tam grave dais aos peitos innocentes!
Nam basta exprimentarme a paciencia
Com temores; & falsas esperanças,
Sem que tambem me atente o mal de ausencia?
Trazeis a hum brando animo em mudanças
Para que nunqua possa ser mudado,
De lagrimas, suspiros, & lembranças.
E se estiver ao mal acostumado,
Tambem no mal nam consentis firmeza,
Para que nunqua viva descansado.
Vivia eu sossegado na tristeza,
E alli nam me fartava hum brando engano,
Que tirasse os desejos da fraqueza:
E vendome enganado estar ufano,
Deo â roda Fortuna, & deo comigo,
Onde de novo choro o novo dano.
Já deve de bastar, o que aqui digo,
Para dar a entender o mais, que callo,
A quem jâ vio tam aspero perigo.
E se nos bravos peitos faz aballo,
Hum peito magoado, & descontente,
Que obriga, a quem o houve, a confortallo.
Nam quero mais senam, que largamente,
Senhor, me mandeis novas dessa terra,
Ao menos poderei viver contente.
Porque se o duro Fado me desterra,
Tanto tempo do bem, que o fraco esprito,

Desempare a prisaõ, onde se encerra:
Ao som das negras agoas do Cocito,
Ao pè dos carregados arvoredos,
Cantarei, o que n'alma tenho escrito.
E por entre esses horridos penedos,
A quem negou natura o claro dia,
Entre tormentos asperos, & medos:
Com a tremula voz cansada, & fria,
Celebrarei o gèsto claro, & puro,
Que nunqua perderei da fantasia,
E o musico de Thracia jà seguro
De perder sua Eurydice tangendo,
Me ajudarà ferindo o àr escuro.
As namoradas sombras revolvendo
Memorias do passado me ouviràõ,
E com seu choro o rio irà crescendo.
Em Salmoneo as penas faltaràõ,
E das filhas de Belo juntamente,
De lagrimas os vasos se encheràõ.
Que se amor nam se perde em vida ausente,
Menos se perderà por morte escura,
Porque em fim a alma vive eternamente,
E amor he effeito d'alma, & sempre dura.

ELEGIA III.

O Sulmonense Ovidio desterrado
Na asperéza do Ponto, imaginando
Verse de seus parentes apartado:
Sua cara mulher desemparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,

De

De sua patria os olhos apartando:
Nam podendo encubrir o sentimento,
Aos montes,& às agoas se queixàva:
De seu escuro,& triste nascimento.
O curso das estrellas contemplava,
E como por sua ordem discurria
O Ceo,o Ar,& a Terra adonde estava.
Os peixes pelo mar nadando via,
As feras pelo monte,procedendo
Como seu natural lhes permitia.
De suas fontes via estar nacendo
Os saudosos rios de cristal,
A sua natureza obedecendo.
Assi sò de seu proprio natural,
Apartado se via em terra estranha,
A cuja triste dor nam acha igual,
Sò sua doce Musa o acompanha,
Nos versos saudosos,que escrevia,
E choro,com que alli o campo banha,
Desta arte me afigura a fantasia,
A vida,com que vivo desterrado,
Do bem,que noutro tempo possuhia,
Alli contemplo o gosto jà passado,
Que nunqua passarà pela memoria,
De quem o tem na mente debuxado.
Alli vejo a caduca,& debil gloria,
Desenganar meu erro co a mudança,
Que faz a fragil vida transitoria,
Alli me representa esta lembrança,
Quaõ pouca culpa tenho,& me entristece,
Ver sem razão a pena,que me alcança.
Que a pena,que com causa se padece,

A cau-

A causa tira ao sentimento della,
Mas muito doe, a que se nam merece.
Quando a roxa manhaã fermosa, & bella
Abre as portas ao Sol, & cae o orvalho,
E torna a seus queixumes Filomela;
Este cuidado, que co sono atalho,
Em sonhos me parece, que, o que a gente,
Por seu descanso tem, me dà trabalho:
E despois de acordado cegamente
(Ou por melhor dizer desacordado,
Que pouco acordo tem hum descontente)
Dalli me vou com passo carregado,
A hum outeiro erguido, & alli me assento,
Soltando a redea toda a meu cuidado,
Despois de farto já de meu tormento,
Dalli estendo os olhos saudosos
A parte aonde tinha o pensamento:
Nam vejo senam montes pedregosos,
E os campos sem graça, & secos vejo,
Que jà floridos vira, & graciosos.
Vejo o puro, suave, & brando Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vaõ pondo em doce effeito seu desejo.
Hũas co brando vento navegando,
Outras cos leves remos brandamente
As cristalinas agoas apartando.
Dalli fallo co a agoa, que nam sente,
Com cujo nascimento a alma sae
Em lagrimas desfeita claramente.
Oh fugitivas ondas esperai,
Que pois me nam levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai,

Atè

Atè que venha aquelle alegre dia,
Que eu và onde vos his, contente, & ledo:
Mas tanto tempo, quem o passaria?
Nam pòde tanto bem chegar tam cedo,
Porque primeiro a vida acabarà,
Que se acabe tam aspero degredo.
Mas esta triste morte, que virà,
Se em tam contrario estado me acabasse
A alma impaciente, adonde irà?
Que se às portas Tartareas chegasse,
Temo, que tanto mal pela memoria,
Nem ao passar do Lethe lhe passasse.
Que se a Tantalo, & Tycio for notoria
A pena, com que vai, que a tormenta,
A pena, que là tem, teràõ por gloria.
Esta imaginação sò me acrescenta
Mil magoas no sentido, porque a vida
De imaginaçoēs tristes se sustenta.
Que pois de todo vive consumida,
Porque o mal, que possue, se resuma
Imagina na gloria possuìda.
Atè que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado,
Em que Fortuna faça, o que costuma,
Se nella hahi mudar hum triste estado.

DOM LEONIS PEREIRA, sobre o livro, que Pero de Magalhaês lhe offereceo do descobrimento da terra Santa Cruz.

DEspois que Magalhaês teve tecida
A breve historia sua, que illustrasse
A terra Sancta Cruz, pouco sabida,
Imaginando, à quem a dedicasse,
Ou com cujo favor defenderia
Seu livro, de algum Zoilo, que ladrasse.
Tendo nisto ocupada a fantasia,
Lhe sobreveo hum sono repousado,
Antes que o Sol abrisse o claro dia.
Em sonhos lhe aparece todo armado
Marte, brandindo a lança furiosa,
Com que fez, quem o vio todo enfiado:
Dizendo em voz pesada, & temerosa,
Nam he justo, que a outrem se offereça
Nenhũa obra, que possa ser famosa,
Senam, a quem por armas resplandeça
No mundo todo, com tal nome, & Fama,
Que louvor immortal sempre mereça.
Isto assi dito, Apollo, que da flama
Celeste guia os carros, de outra parte
Se lhe apresenta, & por seu nome o chama:
Dizendo, Magalhaês, posto que Marte,
Com seu terror te espante, todavia
Comigo deves sò de aconselharte.
Hum varaõ sapiente, em quem Talia,
Pôz seus thesouros, & eu minha sciencia,

De-

Defender tuas obras poderia.
He justo que a escritura na prudencia
Ache sò defensaõ, porque a dureza
Das armas he contraria da eloquencia.
Assi disse, & tocando com destreza
A cythara dourada, começou
De mitigar de Marte a fortaleza.
Mas Mercurio, que sempre costumou
A despartir porfias duvidosas,
Co Caduceo na maõ, que sempre usou;
Determina compor as perigosas
Opinioẽs dos Deoses inimigos,
Com razoẽs boas, justas, & amorosas:
E disse, bem sabemos dos antigos
Heroes, & dos modernos, que provàraõ
De Bellona os gravissimos perigos.
Que tambem muitas vezes ajuntàraõ
Aas armas eloquencia, porque as Musas
Mil Capitaẽs na guerra acompanhàraõ.
Nunca Alexandre, ou Cesar nas confusas
Guerras deixàraõ o estudo em breve espaço,
Nem as armas da sciencia saõ escusas.
Nũa maõ livros, noutra ferro, & aço,
A hũa rege, & ensina, a outra fere:
Mais co saber se vence, que co braço.
Pois logo varaõ grande se requere,
Que com teus doẽs, Apollo illustre seja,
E de ti Marte, palma, & gloria espere.
Este vos darei eu, em quem se veja
Saber, & esforço no sereno peito,
Que he Dom Leonis, que faz ao mundo enveja.
Deste as irmaãs em vendo o bom sogeito,

Todas nove nos braços o tomàraõ,
Criandoo co seu leite no seu leito.
   As artes, & as sciencias lhe ensinàraõ,
Inclinação divina lhe influiraõ,
As virtudes morais, que o logo ornàraõ.
   Daqui os exercicios o seguiraõ,
Das armas no Oriente, onde primeiro,
Hum soldado gentil instituiraõ:
   Alli taes provas fez de cavaleiro,
Que de Christão magnanimo, & seguro,
A si mesmo venceo por derradeiro.
   Despois jà capitaõ forte, & maduro,
Governando toda Aurea Chersoneso,
Lhe defendeo co braço o debil muro:
   Porque vindo a cercalla todo o peso
Do poder dos Achens, que se sustenta
Do sangue alheo, em furia todo aceso.
   Este sò que a ti Marte representa,
O castigou de sorte, que o vencido
De ter, quem fique vivo, se contenta.
   Pois tanto que o graõ Reyno defendido,
Deixou segunda vez com mayor gloria,
Para o ir governar foi elegido.
   E nam perdendo ainda da memoria
Os imigos o seu governo brando,
Os imigos o dano da vitoria:
   Hũs com amor intrinseco esperando
Estaõ por elle, & os outros congelados,
O vaõ com temor frio receando,
   Pois vede se seràõ desbaratados
De todo por seu braço, se tornasse,
E dos mares da India degradados.

Porque he justo, que nunqua lhe negasse
O conselho do Olympo alto, & subido
Favor, & ajuda, com que pelejasse.
   Pois aqui certo està bem dirigido
De Magalhaẽs o livro, este sò deve
De ser de vòs, ó Deoses, escolhido.
   Isto Mercurio disse, & logo em breve
Se conformárão nisto Apollo, & Marte,
E voou juntamente o sono leve.
   Acorda Magalhaẽs, & já se parte
A vos offerecer, senhor famoso,
Tudo o que nelle poz sciencia, & arte.
   Tem claro estilo, engenho curioso
Para poder de vòs ser recebido,
Com mão benigna de animo amoroso.
   Porque sò de nam ser favorecido
Hum claro esprito, fica debaixo, & escuro:
Pois seja elle comvosco defendido,
Como o foi de Malaca o fraco muro.

CAPITVLO.

AQuelle mover de olhos excellente,
Aquelle vivo esprito inflamado
Do cristalino rosto transparente;
Aquelle gésto immòto, & repousado,
Que estando n'alma propriamente escrito,
Nam pòde ser em verso trasladado:
   Aquelle parecer que he infinito,
Para se comprender de engenho humano,

O qual offendo em quanto tenho dito;
Me inflama o còraçaõ d'hum doce engano,
Me enleva, & engrandece a fantasia,
Que nam vi mayor gloria, que meu dano.
Oh bemaventurado seja o dia,
Em que tomei tam doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia.
E bemaventurado o sofrimento,
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento.
Façame, quem me mata, o mal, que ordena,
Trateme com enganos, desamores,
Que então me salva, quando me condena.
E se de tam suaves disfavores,
Penando vive hũa alma consumida,
Oh que doce penar, que doces dores!
E se hũa condição endurecida,
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh que doce morrer, que doce vida!
E se me mostra hum gesto brando, & humano,
Como que de meu mal culpada se acha,
Oh que doce mentir, que doce engano!
Eu em quererlhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
Oh que doce fingir, que doce cacha!
Assi que ponho jà no sofrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.
Se sinto tanto bem sò na memoria
De vos ver, linda dama, vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa a vitoria?
Se tanto vossa vista mais namora,

Quan-

Quanto eu sou menos para merecervos,
Que quero eu mais que tervos por senhora?
Se procede este bem de conhecervos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, senhora, que querervos.
Se em meu proveito faz qualquer partido,
Sô na vista de hũs olhos tam serenos,
Que quero eu mais ganhar, que ser perdido?
Se meus baixos espritos de pequenos,
Ainda nam merecem seu tormento;
Que quero eu mais, que o mais nam seja menos?
A causa emfim me esforça o sofrimento,
Porque a pesar do mal, que me resiste,
De todos os trabalhos me contento,
Que a razaõ faz a pena alegre, ou triste.

OVTAVAS.

A DOM ANTONIO DE NORONHA, sobre o desconcerto do mundo.

QUem póde ser no mundo tam quieto,
Ou quem terà tam livre o pensamento,
Quem tam exprimentado, & tam discreto
Tam fòra emfim de humano entendimento,
Que ou com publico effeito, ou com secreto
Lhe nam resolva & espante o sentimento
Deixandolhe o juizo quasi incerto,

Ver, & notar do mundo o desconcerto?
Quem ha, que veja aquelle, que vivia
De latrocinios, mortes, & adulterios,
Que ao juizo das gentes merecia
Perpetua pena, immensos vituperios;
Se a Fortuna em contrario o leva, & guia,
Mostrando emfim, que tudo saõ mysterios,
Em altéza de estados triunfante,
Que por livre que seja, nam se espante?
Quem ha, que veja, aquelle, que tam clara
Teve a vida, que em tudo por perfeito,
O proprio Momo ás gentes o julgàra,
Ainda que lhe vira aberto o peito?
Se a mà Fortuna, ao bem sòmente avàra,
O reprime, & lhe nega seu direito,
Que lhe nam fique o peito congelado,
Por mais, & mais que seja exprimentado?
Democrito dos Deoses proferia,
Que eraõ sós dous, a pena, & beneficio,
Segredo algum será da fantasia,
De que eu achar nam posso claro indicio,
Que se ambos vem por nam cuidada via,
A quem os nam merece, he grande vicio,
Em Deoses sem justiça, & sem razão;
Mas Democrito o disse, & Paulo nam.
Dirmeeis, que se este estranho desconcerto
Novamente no mundo se mostrasse,
Que por livre que fosse, & por esperto,
Nam era de espantar, se me espantasse:
Mas que seja de Socrates foi certo,
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, ou de prudente, ou de constante,
Que

Que tome exemplo delle, & nam me espante.
  Parece a razão boa, mas eu digo,
Que este uso da Fortuna tam danado,
Que quanto he mais usado, & mais antigo,
Tanto he mais estranhado, & blasfemado,
Porque se o Ceo das gentes tam amigo,
Nam dâ â Fortuna tempo limitado,
Nam he para causar muy grande espanto,
Que mal tam mal olhado dure tanto?
  Outro espanto mayor aqui me enlea,
Que com quanto Fortuna tam profana
Com estes desconcertos senhorea,
A nenhũa pessoa desengana:
Nam ha ninguem, que assente, nem que crea
Este discuso vaõ da vida humana;
Por mais que filosofe, nem que entenda,
Que algum pouco do mundo nam pretenda.
  Diogenes pisava de Plataõ
Com seus sordidos pês o rico estrado,
Mostrando outra mais alta presunçaõ,
Em desprezar o fausto tam prezado:
Diogenes, nam vês, que estremos saõ
Esses, que segues de mais alto estado,
Que se de desprezar te prezas muito,
Jà pretendes do mundo Fama, & fruito?
  Deixo agora Reys grandes, cujo estudo,
He fartar esta sede cubiçosa,
De querer dominar, & mandar tudo;
Com fama larga, & pompa suntuosa:
Deixo àquelles, que tomão por escudo
De seus vicios, & vida vergonhosa,
A nobreza de seus antecessores,

E nam cuidaõ de si, que saõ peores.
Deixo aquelles, a quem o sono esperta
O graõ favor do Rey, que serve, & adora,
Que se mantem desta aura falsa, & incerta,
Que de coraçoẽs tantos he senhora:
Deixo aquelles, que estaõ co a boca aberta
Por se encher de thesouros d'hora, em hora
Doentes desta falsa hidropesia,
Que quanto mais alcança, mais queria.
Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
A quem nam ha ninguem, que contradiga,
Nem d'outra cousa algũa he sojugado,
Que de hũa opinião, & usança antiga:
Mas pergunto ora a Cesar esforçado,
Ora a Platão divino, que me diga,
Este das muitas terras, em que andou,
Essoutro de vencellas, que alcançou?
Cesar dirà, sou digno de memoria,
Vencendo varios povos esforçados:
Fui Monarca do mundo, & larga historia,
Ficarà de meus feitos sublimados:
He verdade, mas esse mando, & gloria
Lograsteo muito tempo? os conjurados
Bruto, & Cassio o diraõ, que se venceste
Emfim, emfim às mãos dos teus morreste.
Dirà Platão, por ver o Ethna, & o Nilo,
Fui a Sicilia, Egypto, & outras partes,
Sò por ver, & escrever em alto estilo,
Da natural sciencia em muitas artes:
O tempo he breve, & queres consumilo
Plataõ; todo em trabalhos, & repartes,
Tam mal de teu estudo as breves horas,
Que

Que emfim do falso Febo o filho adoras?
Pois despois que do mundo està apartada
A alma desta prisaõ terreste, & escura,
Està em tamanhas cousas occupada,
Que da Fama, que fica, nada cura:
Pois se o corpo terreno sinta nada,
O Cynico o dirà, se por ventura
No campo onde deitado morto estava,
De si os caẽs, & as aves enxotava.
Quem tam baixa tivesse a fantasia,
Que nunqua em móres cousas a metesse,
Que em sò levar seu gado à fonte fria,
E mugirlhe do leite, que bebesse!
Quaõ bemaventurado que seria,
Que por mais que Fortuna revolvesse,
Nunqua em si sentiria mayor pena,
Que pesarlhe da vida ser pequena.
Veria erguer do Sol a roxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a agoa donde nasce,
Nem quem a luz esconde no Orizonte:
Tangendo a frauta donde o gado pace,
Conheceria as ervas do alto monte,
Em Deos creria simples, & quièto,
Sem mais especular nenhum secreto.
De hum certo Thrasilao se lé, & escreve,
Entre as cousas da velha antiguidade,
Que perdido hum graõ tempo o siso teve,
Por causa de hũa grande enfermidade:
E em quanto de si fòra doudo esteve,
Tinha por teima, & cria por verdade,
Que erão suas as naos, que navegavão,

Quan-

Quantas no porto Pireo ancoravaõ.
Por hum senhor mui grande se teria
(Alem da vida alegre, que passava)
Pois nas que se perdião nam perdia,
E das que vinhaõ salvas se alegrava:
Nam tardou muito tempo, quando hum dia
Huncrito seu irmaõ, que ausente estava,
Aa terra chega, & vendo o irmaõ perdido
Do fraternal amor foi comovido.

Aos medicos o entrega, & com aviso
O faz estar á cura refusada:
Triste, que por tornarlhe o claro siso,
Lhe tira a doce vida descansada:
As hervas Apolineas de improviso,
O tornaõ à saude atraz passada,
Sesudo Trasilao, ao claro irmão;
Agradece a vontade, a obra nam.

Porque despois de verse no perigo,
Dos trabalhos, que o siso lhe obrigava.
E despois de nam ver o estado antigo,
Que a van opinião lhe apresentava;
Oh inimigo irmaõ com cor de amigo,
Para que me tiraste, suspirava,
Da mais quièta vida, & livre em tudo,
Que nunqua póde ter nenhum sesudo?

Porque Rey, porque Duque me trocâra,
Porque senhor de grande fortaleza?
Que me dava, que o mundo se acabára?
Ou que a ordem mudasse a naturéza?
Agora heme pesada a vida cara,
Sei, que cousa he trabalho, & que he tristeza,
Tornamе a meu estado, que eu te aviso,

Que na doudice sò consiste o siso.
Vedes aqui, senhor, mui claramente
Como Fortuna em todos tem poder,
Senam sò, no que menos sabe, & sente,
Em quem nenhum desejo pòde haver:
Este se pòde rir da cega gente,
Neste nam pòde nada acontecer,
Nem estarà suspenso na balança,
Do temor mao da perfida esperança.
Mas se o sereno Ceo me concedera,
Qualquer quièto, humilde, & doce estado,
Onde com minhas Musas só vivera,
Sem verme em terra alhea degradado;
E alli outrem ninguem me conhecera,
Nem eu conhecera outro mais honrado,
Senam a vòs, tambem como eu contente,
Que bem sei, que o serieis facilmente.
E ao longo de hũa clara, & pura fonte,
Que em burbulhas nascendo convidasse,
Ao doce passarinho, que nos conte,
Quem da clara consorte o apartasse:
Despois cubrindo a neve o verde monte,
Ao gasalhado o frio nos levasse,
Avivando o juizo ao doce estudo,
Mais certo manjar d'alma em fim que tudo.
Cantàranos aquelle, que tam claro
O fez o fogo da arvore Febea,
A qual elle em estilo grande, & raro,
Louvando o cristalino Sorga enfrea:
Tangeranos na frauta Sannazaro,
Ora nos montes, ora pela arèa,
Passára celebrando o Tejo ufano,

O brani

O brando, & doce Lasso Castelhano.
E com vosco tambem se achára aquella,
Cuja lembrança, & cujo claro gêsto,
N'alma somente vejo, porque nella
Está em essencia puro, & manifesto:
Por alta influiçaõ de minha estrella,
Mitigandolhe o firme peito honesto:
Entretecendo rosas nos cabellos,
De que tomasse a luz o Sol em vellos.
Alli em quanto as flores acolhesse,
Ou pelo inverno ao fogo acomodado,
Quanto de mi sentira nos dissesse,
De puro amor o peito salteado:
Nam pedira eu entaõ, que amor me desse
De Trasilao, o insano, & doudo estado,
Mas que entaõ me dobrasse o entendimento
Por ter de tanto bem conhecimento.
Mas para onde me leva a fantasia?
Porque imagino em bemaventuranças,
Se tam longe a Fortuna me desvia,
Que inda me nam consente as esperanças?
Se hum novo pensamento amor me cria,
Onde o lugar, o tempo, as esquivanças,
Do bem me fazem tam desemparado,
Que nam pode ser mais que imaginado?
Fortuna em fim co amor se conjurou
Contra mi, porque mais me magoasse,
Amor a hum vaõ desejo me obrigou,
Sò para que a Fortuna mo negasse.
O tempo a este estado me chegou,
E nelle quiz que a vida se acabasse,
Se ha em mi acabarse, o que eu nam creo,
Que

Que atê da muita vida me receo.

A DOM CONSTANTINO Viso-rey da India.

COmo nos vossos hombros tam constantes
(Principe illustre,& raro)sustenteis
Tantos negocios arduos,& importantes,
Dignos do largo Imperio,que regeis:
  Como sempre nas armas rutilantes
Vestido,o mar,& a terra segureis
Do pirata insolente,& do tyrano,
Jugo do potentissimo Ottomano.
  E como com virtude necessaria,
Mal entendida do juizo alheo,
A desordem do vulgo temeraria,
Na santa paz ponhais o duro freo;
Se com minha escritura longa,& varia,
Vos ocupasse o tempo certo creo,
Que com ridiculosa fantasia,
Contra o commum proveito pecaria.
  E nam menos seria reputado
Por doce adulador sagaz,& agudo,
Que contra meu tam baixo,& triste estado
Busco favor em vòs,que podeis tudo.
Se contra a opiniaõ do vulgo errado,
Vos celebrasse verso humilde,& rudo,
Diràõ,que com lisonja ajuda peço,
Contra a miseria injusta,que padeço.
  Porêm porque a virtude pôde tanto
No livre arbitrio (como disse bem
A Dario Rey,& moço sabio,& santo,

Que foi reedificar Hyerusalem)
Esta me obriga, que em humilde canto,
Contra a tenção, que a plebe ignara tem,
Vos faça claro, a quem vos nam alcança,
E nam de premio algum vil esperança.
Romulo, Bacco, & essoutros, que alcançàraõ
Nomes de semideoses soberanos,
Em quanto pelo mundo exercitàraõ
Altos feitos, & quasi mais que humanos:
Com justissima causa se queixàraõ,
Que nam lhe responderaõ os mundanos
Favores do rumor justos, & iguaes,
A seus merecimentos immortaes.
Aquelle, que nos braços poderosos
Tirou a vida ao Tingitano Antheo,
A quem os seus trabalhos, tam famosos,
Cidadão o fizeraõ do alto Ceo:
Achou, que a mà tenção dos envejosos
Nam se dòma, senam despois que o vèo
Se rompe corporal, porque na vida
Ninguem alcança a gloria merecida.
Pois logo se varoẽs tam excellentes
Foraõ do baixo vulgo molestados,
O vituperio vil das rudas gentes,
Em louvor dos reaes, & sublimados:
Quem no lume dos vossos ascendentes,
Poderà pór os olhos, que abalados
Lhe nam fiquem da luz, vendo os mayores
Vossos passados, Reys, & Emperadores?
Quem verâ aquelle pay da patria sua,
Açoute do soberbo Castelhano,
Que o duro jugo só co espada nùa,

Remo-

Removeo do pescoço Lusitano,
Que nam diga,ò graõ Nuno,eterna tua
Memoria causarà,senam me engano,
Que qualquer teu menor tanto se estime,
Que nunqua possa ser senam sublime?
Nisto nam fallo mais,porque conheço,
Que da materia se me abaixa o engenho,
Mas pois que a dizer tudo me offereço,
Que dias ha,que no deséjo o tenho:
Sendo vós de tam alto,& illustre prêço,
A vida fostes pòr num fraco lenho,
Por largo mar,& undosa tempestade,
Sò por servir a Regia Magestade.
E despois de tomar a redea dura
Na mão do povo indomito,que estava
Costumado a larguezas,& â soltura
Do pesado governo,que acabava:
Quem nam terà por santa,& justa a cura,
Qual de vosso conceito se esperava,
A tam desenfreada enfermidade,
Aplicarlhe contraria qualidade?
¿Nam he muito,senhor,se o moderado
Governo se blasfema,& se desama,
Porque o povo à largueza costumado
A ley serena,& justa dura chama:
Pois o zelo em virtude sò fundado
De salvar almas da Tartarea flamma,
Com a agoa salutifera de Christo,
Poderá por ventura ser malquisto?
Quem quizesse negar tam graõ verdade
Qual he o seu effeito santo,& pio,
Negue tambem ao Sol a claridade,

E certifique mais,que o fogo he frio:
Que o successo he contrario da vontade,
As obras,que saõ boas,& o desvio,
Està nas mãos dos homẽs cometellas,
E nas de Deos està o successo dellas.
Sei eu,& sabem todos,que os futuros
Veràõ por vòs o Estado acrescentado;
Seráõ memoria vossa os fortes muros
Do Cambayco Dàmaõ bem sustentado;
Da ruina mortal seraõ seguros,
Tendo todo o alicerse seu fundado,
Sobre orfans emparadas com maridos,
E pagos os serviços bem devidos.
Quanta infamia ao Principe he perderse,
Ponto do estado seu,que inteiro erdou,
Por tam celebre gloria póde terse,
Se acrescentado,& prospero o deixou,
Nunqua consentio Roma ennobrecerse
Com triunfo ninguem,senam ganhou
Provincia,que ao Imperio acrescentasse,
Por mayores vitorias,que alcançasse.
Pôde tomar o vosso nome digno
Dámaõ,por honra sua clara,& pura,
Como já do primeiro Constantino
Tomou Bizancio aquelle,que inda dura,
E tu Rey,que no Reyno Neptunino,
Lá no seyo Gangetico a natura
Te aposentou,de seres inimigo
Deste Estado,nam ficas sem castigo.
Bem viste contra ti nadantes aves
Cortar a espumosa agoa navegando;
Ouviste o som das tubas nam suaves,

Mas com temor horrifero soando;
Sentiste os golpes asperos,& graves
Do braço Lusitano,nunqua brando;
Nam sofreste o graõ brado penetrante,
Que os trovoẽs imitava do Tonante.
Mas antes dando as còstas,& a vitoria
A Barganceѕ ventura nam corrido,
Disto vẽs a entender tamanha gloria
He de tal vencedor seres vencido:
Quem fez obras tam dinas de memoria,
Sempre serà famoso,& conhecido,
Onde os juizos altos se estimarem,
Que estes sòs tem poder de Fama darem.
Nam vos temais, senhor, do povo inaro,
E ingrato,a quem tanto fez por elle:
Mas sabei,que he sinal de serdes claro,
Serdes agora tam malquisto delle:
Themistocles da patria sua amparo,
O forte liberal Cimon,& aquelle,
Que leys ao povo deo de Esparta antigo,
Testemunhas seràõ disto,que digo.
Pois ao justo Aristides hum robusto,
Votando no ostracismo costumado,
Lhe disse claro assi,porque era justo,
Desejava,que fosse desterrado.
Pachitas por fugir do povo injusto,
Calumnioso dando no senado
Conta de Lesbos,que elle jà mandára,
Se tirou com sua espada a vida cara.
Demosthenes deitado das tormentas
Populares,a Pallas foi dizendo,
De que tres monstros grandes te contentas

Do Drago, Mocho,& do vil povo horrendo?
Que glorias immortais ouve, que izentas
Do veneno vulgar fossem vivendo?
Pois mil exemplos deixo de Romanos,
E vós tambem sois hum dos Lusitanos.

A SETA, QVE O PAPA
mandou a elRey D. Sebastiaõ.

MUi alto Rey, a quem os Ceos em sorte
Derão o nome Augusto & sublimado,
Daquelle cavalleiro, que 'na morte,
Por Christo foi de mil setas passado:
Pois delle o fiel peito casto, & forte,
Com o nome Imperial tendes tomado,
Tomai tambem a seta veneranda,
Que a vós o successor de Pedro manda.
Jà por sorte do Ceo, que o consentio,
Tendes o braço seu reliquia cara,
Defensor contra o gladio, que ferio
O povo, que David contar mandàra:
No qual, pois tudo em vós se permitio,
Presagio temos, & esperança clara,
Que sereis braço forte, & soberano,
Contra o soberbo gladio Mauritano.
E o que este presagio agora encerra,
Nos faz ter por mais certo, & verdadeiro
A seta, que vos dà, quem he na terra
Das reliquias celestes despenseiro,
Que as vossas setas saõ na justa guerra,
Agudas, & entraráõ por derradeiro,

Cahindo à vossos pês povo sem ley,
Nos peitos, que inimigos saõ do Rey.
Quando vossas bandeiras despregava
Albuquerque fortissimo com gloria,
Polas prayas de Persia, & alcançava
De nasções tam remotas a vitoria,
As sêtas embebidas, que tirava
O arco Ormusiano, he larga historia,
Que no âr, Deos querendo, se viravão,
Pregandose nos peitos, que as tiravão.
O querido de Deos, por quem peleja
O ar tambem, & o vento conjurado,
Ao atambor acode, porque veja,
Que quem a Deos ama, he de Deos amado
Os contrarios reveis á Madre Igreja,
Atroáraõ com som do Ceo irado,
Que assi deo já favor, mayor que humano,
A Josuè Hebreo, Theodosio Ispano.
Pois se as setas tiradas da inimiga
Corda, contra si sô nocivas saõ,
Que faràõ Rey, as vossas, que tem liga,
Com a que já tocou Sebastiaõ?
Tinta vem do seu sangue, com que obriga
A levantar a Deos o coração,
Crendo, que as que vòs atirareis,
No sangue Sarraceno as tingireis.
Ascanio, se trazer he concedido,
Entre santos exemplos, hum profano,
Rey do largo Imperio conhecido,
Romano, & sò reliquia do Troyano,
Vingou com seta, & animo atrevido
As soberbas palavras de Numano,

E logo foi dalli remunerado,
Com louvores de Apollo celebrado.
Assi vòs Rey, que fostes segurança
De nossa liberdade, & que nos dais
De grandes bẽs certissima esperança,
Nos costumes, & aspeito, que mostrais:
Concebemos segura confiança,
Que Deos, a quem servis, & veneraïs,
Vos farà vingador dos seus reveis,
E os premios vos darâ, que mereceis.
Estes humildes versos, que pregão
Saõ destes vossos Reynos com verdade,
Recebei com begnina, & lèda mão,
Pois he devida a Reys begninidade,
Tenhaõ, senam merecem galardão,
Favor se quer da Regia Magestade,
Assi tenhais de quem já tendes tanto,
Com o nome, & reliquia favor santo.

ECLOGA. I.

A MORTE DE D. ANTONIO DE NORONHA, que morreo em Africa, & à morte de D. Joaõ Principe de Portugal, pay delRey D. Sebastiaõ.

Umbrano, & Frondelio Pastores.

Vmbrano.

Que grande variedade vaõ fazendo,
Frondelio amigo, as oras apressadas,

Como

Como se vaõ as cousas convertendo,
E n outras cousas varias, & insperadas?
Hum dia a outro dia vai trazendo,
Por suas mesmas horas já ordenadas:
Mas quaõ conformes saõ na quantidade
Tam differentes saõ na qualidade.
Eu vi já deste campo as varias flores,
Aas estrellas do Ceo fazendo inveja,
Vi andar adornados os pastores
De quanto pelo mundo se deseja:
E vi co campo competir nas cores
Os trajos de obra tanta, & tam sobeja,
Que se a rica materia nam faltava,
A obra de mais rica sobejava.
E vi perder seu preço as brancas rosas,
E quasi escureçerse o claro dia,
Diante de hũas mostras perigosas,
Que Venus mais que nunqua engrandecia;
Emfim vì as pastoras tam fermosas,
Que o amor de si mesmo se temia;
Mas mais temia o pensamento falto,
De nam ser para ter temor tam alto.
Agora tudo està tam differente,
Que move os coraçoẽs a grande espanto,
E parece, que Jupiter potente
Se enfada jà do mũdo durar tanto:
O Tejo corre turvo, & descontente,
As aves deixão seu suave canto,
E o gado em ver, que a erva lhe faleçe,
Mais que de a nam comer, nos emmagreçe.

Frondelio.

Umbrano irmão, decreto he da natura

Inviolavel, fixo, & ſempiterno,
Que a todo o bem ſucceda deſventura;
E nam haja prazer, que ſeja eterno:
Ao claro dia ſegue a noite eſcura,
Ao veraõ ſuave o duro inverno,
E ſe hahi quem ſaiba ter firmeza,
He sòmente eſta ley da natureza.

Toda alegria grande, & ſuntuoſa
A porta abrindo vem ao triſte eſtado:
Se hũa hora vejo alegre, & deleitoſa,
Temendo eſtou do mal aparelhado:
Nam ves, que mora a ſerpe venenoſa
Entre as flores do freſco, & verde prado?
Nam te engane nenhum contentamento,
Que mais inſtavel he que o penſamento.

E praza a Deos que o triſte, & duro Fado,
De tamanhos deſaſtres ſe contente:
Que ſempre hum grande mal inopinado,
He mais do que o eſpera a incauta gente:
Que vejo eſte carvalho, que queimado
Tam gravemente foi do rayo ardente,
Nam ſeja ora prodigio, que declare
Que barbaro cultor meus campos are?

Umbrano.

Em quanto do ſeguro azambugeiro
Nos paſtores de Luſo houver cajados,
E o valor antigo, que primeiro
Os fez no mundo tam aſſinalados:
Nam temas tu Frondelio companheiro;
Que em nenhum tempo ſejão ſojugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo algum, que ſe offereça.

E po-

E posto que a soberba se levante
Do inimigo a torto, & a direito,
Nam creas tu, que a força repuuante
Do fero, & nunqua jâ vencido peito,
Que desde quem possue o monte Athlante,
Atê onde bebe o Idaspe, tem sugeito,
O possa nunqua ser de força alhea,
Em quanto o Sol a terra, & o Ceo rodea.

Frondelio.

Umbrano, a temeraria segurança,
Que em força, ou em razaõ nam se assegura,
He falsa, & vaã; que a grande confiança,
Nam he sempre ajudada da ventura:
Que là junto das aras da esperança,
Nemesis moderada, justa, & dura,
Hum freyo lhe està pondo, & ley terrivel,
Que os limites nam passe do possivel.

E se atentares bem os grandes danos,
Que se nos vaõ mostrando cada dia,
Porás freyo tambem a esses enganos,
Que te està afigurando a ousadia;
Tu nam ves como os lobos Tingitanos,
Apartados de toda a covardia,
Mataõ os caẽs do gado guardadores,
E nam sòmente os caẽs, mas os pastores?

E o grande curral seguro, & forte,
Do alto monte de Athlas, nam ouviste,
Que com sanguinolenta, & fea morte,
Despovoado foi por caso triste?
Oh caso desestrado! ò dura sorte!
Contra quem força humana nam resiste,
Que alli tambem da vida foi privado,

Tionio meu, ainda em flor cortado.

Vmbrano.

De lagrimas me banha todo o peito,
Desse caso terrivel a memoria,
Quando vejo, quaõ sabio, & quaõ perfeito,
E quaõ merecedor de longa historia,
Era esse teu pastor, que sem direito,
Deo âs Parcas a vida transitoria;
Mas nam hahi quem de erva o gado farte,
Nem do juvenil sangue o fero Marte.
Porèm se te nam for muito pesado,
Já que esta triste morte me lembraste,
Cantares desse caso desestrado
Aquelles brandos versos, que cantaste,
Quando ontem recolhendo o manso gado,
De nosoutros pastores te apartaste,
Que eu tambem, que as ovelhas recolhia,
Nam te podia ouvir como queria.

Frondelio.

Como ques, que renove ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desventura?
Porque espalhar suspiros vãos ao vento,
Para os que tristes saõ, he falsa cura;
Mas pois tambem te move o sentimento
Da morte de Tionio triste, & escura,
Eu porei teu desejo em doce effeito,
Se a dor me nam congela a voz no peito.

Vmbrano.

Canta agora pastor, que o gado pace
Antre as humidas hervas sossegado,
E là nas altas serras, onde nace
O sacro Tejo á sombra recostado,

Com ſeus olhos no chaõ,a maõ na face,
Eſtà para te ouvir aparelhado,
E com ſilencio triſte eſtão as Ninfas,
Dos olhos eſtilando claras lynfas.
O prado as flores brancas, & vermelhas,
Eſtà ſuavemente apreſentando,
As doces,& ſolicitas abelhas,
Com hum brando ſuſurro vaõ voando;
As manſas,& pacificas ovelhas,
Do comer eſquecidas,inclinando
As cabeças eſtão ao ſom divino,
Que faz paſſando o Tejo criſtalino.
O vento dentre as arvores reſpira,
Fazendo companhia ao claro rio,
Nas ſombras a ave garrula ſuſpira,
Suas magoas eſpalhando ao vento frio;
Toca,Frondelio,toca a doce lira,
Que daquelle verde alamo ſombrio,
A branda Filomela entriſtecida,
Ao ſaudoſo canto te convida.

Frondelio.

Aquelle dia as agoas nam goſtàraõ,
As mimoſas ovelhas,& os cordeiros,
O campo enchèraõ de amoroſos gritos,
Nam ſe dependuràraõ dos ſalgueiros
As cabras de triſteza,mas negâraõ
O paſto a ſi,& o leite aos cabritos;
Prodigios infinitos,
Moſtrava aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caſo triſte,
E tu tambem,ó corvo,o deſcubriſte,

Quan

Quando da mão direita em voz escura,
Voando repetiste
A tyranica ley da morte dura.
Tionio meu, o Tejo cristalino,
E as arvores, que jà desamparaste,
Chorão o mal de tua ausencia eterna:
Nam sei porque tam cedo nos deixaste!
Mas foi consentimento do destino,
Por quem o mar, & a terra se governa:
E a noite sempiterna,
Que tu tam cedo viste,
Cruel, acerba, & triste,
Se quer de tua idade, nam te dêra,
Que lográras a fresca primavera?
Nam usara com nosco tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.
Os Faunos, certa guarda dos pastores,
Jà nam seguem as Ninfas na espessura,
Nem as Ninfas aos cervos daõ trabalho,
Tudo, qual ves, he cheo de tristura
Aas abelhas o campo nega as flores,
E às flores a Aurora nega o orvalho:
Eu, que cantando espalho
Tristezas todo o dia,
A frauta, que sohia
Mover as altas arvores tangendo,
Se me vai de tristeza enrouquecendo,
Que tudo vejo triste neste monte,
E tu tambem correndo,
Manas envolta, & triste, ó clara fonte.
As Tagides no rio, & na aspereza
Do

Do monte as Oreadas conhecendo,
Quem te obrigou ao duro,& fero Marte:
Como gèral sentença vaõ dizendo,
Que nam pòde no mundo haver tristeza,
Em cuja causa amor nam tenha parte;
Porque assi desta arte
Nos olhos saudosos,
Nos passos vagarosos,
No rosto, a que o amor, & a fantasia,
Da pallida viola lhe tingia,
A todos de si dava sinal certo,
Do fogo, que trazia,
Que nunqua soube amor ser encuberto.
Jà diante dos olhos lhe voavão
Imagẽs,& fantasticas pinturas,
Exercicios do falso pensamento:
E pelas solitarias espessuras,
Entre os penedos sòs, que nam falavão,
Falava,& descubria seu tormento;
Num longo esquecimento,
De si todo embebido,
Andava tam perdido,
Que quando algum Pastor lhe perguntava,
A causa de tristeza, que mostrava,
Como quem para penas sò vivia,
Sorrindo lhe tornava,
Se nam vivesse triste morreria.
Mas como este tormento o assinalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendido mui bem do pay sesudo,
Porque do pensamento lho tirasse,
Longe da causa delle o apartou,

Por-

Porque emfim longa ausencia acaba tudo,
Mas ò tu Marte rudo,
Das vidas cobiçoso,
Que aonde o generoso
Feito resuscitava em tanta gloria,
De seus antecessores a memoria,
Alli fero, & cruel lhe destruiste,
Por injusta vitoria,
Primeiro, que o cuidado, a vida triste.
Pareceme, Tionio, que te vejo,
Por tingires a lança cobiçoso,
Naquelle infido sangue Mauritano,
Em Ispano ginete bellicoso,
Que ardendo tambem vinha no desejo,
De derrubar por terra o Tingitano;
Oh confiado engano!
Oh encurtada vida!
Que a virtude oprimida
Da multidão forçosa do inimigo,
Nam pôde defenderse do perigo:
Porque assi o destino o permitio,
E assi levou consigo,
O mais gentil pastor, que o Tejo vio.
Qual o mancebo Euryalo enredado,
Entre o poder dos Rutulos fartando
As iras, da soberba, & dura guerra,
Do cristalino rosto a cor mudando,
Cujo purpureo sangue derramado,
Pelas alvas espaldas tinge a ferra,
Que como flor, que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo avarento,

Tambem o largo humor lhe tem negado,
O collo inclina languido, & cansado;
Tal te pinto Tionio dando o esprito,
A quem to tinha dado,
Que este he sòmente eterno, & infinito.
Da boca congelada a alma pura,
Co nome juntamente da inimiga,
E excellente Marfida derramava;
E tu, gentil senhòra, nam te obriga
A pranto sempiterno a morte dura,
De quem por ti sômente a vida amava?
Por ti aos eccos dava
Acentos numerosos,
Por ti aos bellicosos
Exercicios se deo do fero Marte,
E tu ingrata, o amor jà noutra parte
Porâs, como acontece, ô fraco intento,
Que emfim desta mesma arte,
Se muda o feminino pensamento.
Pastores deste valle ameno, & frio,
Que de Tionio o caso desestrado
Quereis nas altas serras, que se cante:
Hum tumulo, de flores adornado,
Lhe edificai ao longo deste rio,
Que a vella enfree ao duro navegante:
E ao lasso caminhante,
Vendo tamanha magoa,
Arraze os olhos de agoa,
Lendo na pedra dura o verso escrito,
Que diga assi, Memoria sou que grito,
Para dar testemunho em toda a parte,
Do mais gentil esprito,

Que

Que tiràraõ do mundo amor, & Marte.

Vmbrano.

Qual o quièto ſono aos canſados,
Debaixo d'algũa arvore ſombria,
Ou qual aos ſequioſos, & encalmados,
O vento reſpirante, a fonte fria,
Taes me foraõ teus verſos delicados,
Teu numeroſo canto, & melodia;
E ainda agora o tom ſuave, & brando,
Os ouvidos me fica adormentando.
Em quanto os peixes humidos tiverem
As arenoſas covas deſte rio,
E correndo eſtas agoas conhecerem
Do largo mar o antigo ſenhorio:
E em quanto eſtas ervinhas paſtò derem
Aas petulantes cabras, eu te fiò
Que em virtude dos verſos, que cantaſte,
Sempre viva o paſtor, que tanto amaſte.
Mas jà que pouco a pouco o Sol nos falta,
E dos montes as ſombras ſe acreſcentão,
De flores mil o claro Ceo ſe eſmalta,
Que tam ledas aos olhos ſe apreſentão,
Levemos pelo pè deſta ſerra alta,
Os gados, que jà agora ſe contentão,
Do que comido tem, Frondelio amigo;
Anda que atè o outeiro irei contigo.

Frondelio.

Antes por eſte valle amigo Umbrano,
Se te aprouver, levemos as ovelhas,
Que ſe eu por deſacerto nam me engano,
Daqui me ſoa hum ecco nas orelhas:
O doce accento nam parece humano,

E ſe

E se tu neste caso me aconselhas,
Eu quero ver daqui, que cousa seja,
Que o tom me espanta,& a voz me faz enveja.

Vmbrano.

Contigo vou,que quanto mais me chego
Mais gentil me parece a voz,que ouviste,
Peregrina,excellente,& nam te nego,
Que me faz cà no peito a alma triste:
Vès como tem os ventos em sossego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste,
Nenhum passaro voa,mas parece,
Que do canto vencido lhe obedece.

Porèm,irmão,melhor me parecia,
Que nam fossemos là,que estorvaremos;
Mas subidos nesta arvore sombria,
Todo o valle daqui descubriremos:
Os çurroẽs,& cajados todavia,
Neste comprido tronco penduremos,
Para subir,fica homem mais ligeiro,
Deixame tu Frondelio ir primeiro.

Frondelio.

Espera assi,dartehei de pè,se queres,
Subiràs sem trabalho,& sem ruido,
E despois que subido là estiveres,
Darmehas a maõ decima,que he partido,
Mas primeiro me dize,se puderes
Ver,donde nasce o canto nunqua ouvido,
Quem lança o doce acento delicado:
Fala,que jà te vejo estar pasmado.

Vmbrano.

Cousas nam costumadas na espessura;
Que nunqua vi,Frondelio,vejo agora,

Fermosas Ninfas, vejo na verdura,
Cujo divino gésto o Ceo namora;
Hũa de desusada fermosura,
Que das outras parece ser senhora,
Sobre hum triste sepulcro nam cessando
Está perlas dos olhos destilando.
De todas estas altas semideas,
Que em torno estaõ do corpo sepultado,
Hũas regando as humidas arêas,
De flores tem o tumulo adornado:
Outras queimando lagrimas Sabèas,
Enchem o ár de cheiro sublimado,
Outras em ricos panos mais avante,
Envolvem brandamente hum novo infante.
Hũa, que d'antre as outras se apartou,
Com gritos, que a montanha entristecéraõ,
Diz que despois que a morte a flor cortou,
Que as estrellas sómente merecèraõ:
Que este penhor charissimo ficou
Daquelle, a cujo Imperio obedecêraõ
Douro, Moudego, Tejo, & Guadiana,
Tê o remoto mar da Taprobana.
Diz mais, que se encontrar este minino,
A noite intempestiva amanhecendo,
Que o Tejo agora claro, & cristalino,
Tornarà a fera Alecto em vulto horrendo:
Mas se for conservado do destino,
Que as estrellas beninas prometendo
Lhe estaõ o largo pasto de Ampelusa,
Co monte, que em mao ponto vio Medusa.
Este prodigio grande a Ninfa bella,
Com abundantes lagrimas recita,

Mas qual a eclypsada clara estrella,
Que entre as outras o Ceo primeiro habita,
Tal cuberta de negro vejo aquella,
A quem só n'alma toca a grão desdita:
Dacâ, Frondelio, a mão, & sobe a ver,
Tudo o mais que eu de dor nam sei dizer.

Frondelio.

Oh triste morte, esquiva, & mal olhada,
Que a tantas fermosuras injurias,
Daquella Deosa bella, & delicada,
Se quer algum respeito ter devias:
Esta he por certo Aonia, filha amada
Daquelle grão pastor, que em nossos dias
Danubio enfrea; & manda o claro Ibêro,
Espanta o morador do Euxino fero.
Morreolhe o excellente, & poderoso,
(Que a isto està sugeita a vida humana)
Doce Aonio de Aonia caro esposo,
Ah ley dos Fados aspera, & tyrana!
Mas o som peregrino, & piedoso,
Com que a fermosa Ninfa a dor engana;
Escuta hum pouco, nota, & vè Umbrano,
Quão bem que soa o verso Castelhano.

Aonia.

Alma, y primero amor del alma mia,
Espiritu dichoso, en cuya vida,
La mia estuvo, en quanto Dios queria;
Sombra gentil de su prision salida,
Que del mundo a la patria te bolviste,
Donde fuiste engendrada, y procedida;
Recibe allà el sacrificio triste,
Que te ofrecen los ojos, que te vieron,

 Si la

Si la memoria dellos no perdiſte,
Que pues los altos cielos permitieron,
Que no te acompañaſſe en tal jornada,
Y para ornarſe ſolo a ti quiſieron:
Nunqua permitiràn, que acompañada
De mi no ſea eſta memoria tuya,
Que eſtà de tus deſpojos adornada.
Ni dexarán, por màs que el tiempo huya,
De eſtar en mi con ſempiterno llanto,
Haſta que vida, y alma ſe deſtruya,
Mas tu gentil eſpirito entretanto,
Que otros campos, y flores vás piſando,
Y otras çampoñas oyes, y otro canto;
Aora embevecido eſtès mirando
'Allà en el Empireo aquella idea,
Que el mundo enfrena, y rige con ſu mando:
Aora te poſſea Cytherea,
En ſu tercero aſſiento, ò porque amaſte,
O porque nueva amante allà te ſea:
Aora el Sol te admire, ſi miraſte,
Como và por los ſignos encendido,
Las tierras alumbrando, que dexaſte:
Si en ver eſtos milagros no has perdido
La memoria de mi, ó fue en tu mano
No paſſar por las agoas del olvido;
Buelve un poco los ojos á eſte llano,
Verâs una, que a ti con triſte lloro,
Sobre eſte marmol ſordo llama en vano:
Pero ſe entraren en los ſignos de oro
Lagrimas, y gemidos amoroſos,
Que muevan el ſupremo ſanto coro,
La lumbre de tus ojos tan hermoſos,

Yo

Yo la verè muy presto, y podrê verte,
Que a pesar de los hados enojosos,
Tambien para los tristes huvo muerte.

ECLOGA II.

Almeno, & Agrario.

AO longo do sereno
Tejo suave, & brando,
Num valle de altas arvores sombrio,
Estava o triste Almeno
Suspiros espalhando
Ao vento, & doces lagrimas ao rio,
No derradeiro fio
O tinha a esperança,
Que com doces enganos
Lhe sustentâra a vida tantos annos,
Numa amorosa, & branda confiança,
Que quem tanto queria,
Parece que nam erra se confia.
  A noite escura dava
Repouso aos cansados
Animais, esquecidos da verdura:
O valle triste estava
Cũs ramos carregados,
Que a noite fazião mais escura:
Mostrava a espessura
Hum temeroso espanto;
As roucas rãs soavão,
Num charco de agoa negra, & ajudavão,
Do passaro nocturno o triste canto:

O Tejo com ſom grave,
Corria mais medonho, que ſuave.
Como toda a triſteza,
No ſilencio conſiſte;
Parecia que o valle eſtava mudo,
E com eſta graveza
Eſtava tudo triſte,
Porèm o triſte Almeno mais que tudo:
Tomando por eſcudo
De ſua doce pena,
Para poder ſofrella,
Eſtar imaginando a cauſa della;
Que em tanto mal he cura bem pequena,
Mayor he o tormento,
Que toma por alivio o penſamento.
Ao rio ſe queixava,
Com lagrimas em fio,
Com que as ondas creſcião outro tanto,
Seu doce canto dava
Triſtes agoas ao rio,
E o rio triſte ſom ao doce canto:
Ao canſado pranto,
Que as agoas refreava,
Reſponde o valle umbroſo:
Da manſa voz o acento temeroſo
Na outra parte do rio retumbava.
Quando da fantaſia,
O ſilencio rompendo, aſſi dizia;
Corre ſuave, & brando,
Com tuas claras agoas,
Sahidas de meus olhos (doce Tejo)
Fè de meus males dando,

Para

Para que minhas magoas
Sejão castigo igual de meu desejo;
Que pois em mi nam vejo
Remedio, nem o espero,
E a morte se despreza
De me matar, deixandome à crueza
Daquella, por quem meu tormento quero
Saiba o mundo meu dano,
Porque se desengane em meu engano.
Jâ que minha ventura,
Ou quem me a causa ordena,
Que por paga da dor tome sofrella,
Serà mais certa cura,
Para tamanha pena,
Desesperar de haver jà cura nella:
Porque se minha estrella,
Causou tal esquivança,
Consinta meu cuidado,
Que me farte de ser desesperado,
Para desenganar minha esperança,
Que para isso nasci,
Para viver na morte, & ella em mi.
Nam cesse meu tormento
De fazer seu officio,
Que aqui hũa alma tem ao jugo atada,
Nem falte o sofrimento,
Porque parece vicio,
Para tam doce mal, faltarme nada:
Oh Ninfa delicada,
Honra da natureza,
Como pòde isto ser,
Que de tam peregrino parecer,
 Pudes-

Pudesse proceder tanta crueza?
Nam vem de nenhum geito,
Da causa divinal contrario effeito.
Pois como pena tanta
He contra a causa della?
Fòra he de natural minha tristeza;
Mas a mi que me espanta,
Nam basta ô Ninfa bella,
Que pódes perverter a natureza?
Nam he a gentileza
De teu gêsto celeste
Fòra de natural?
Nam póde a natureza fazer tal,
Tu mesma, bella Ninfa, te fizeste;
Porèm porque tomaste
Tam dura condiçaõ, se te formaste?
Por ti alegre o prado
Me he pesado, & duro,
Abrolhos me parecem suas flores;
Por ti do manso gado,
Como de mi nam curo,
Por nam fazer offensa a teus amores,
Os jogos dos pastores,
As lutas entre a rama,
Nada me faz contente,
E sou já do que fui tam differente,
Que quando por meu nome alguem m'chama,
Pasmo quando conheço,
Que inda comigo mesmo me pareço.
O gado, que apacento,
Saõ n'alma meus cuidados,
E as flores, que no campo sempre vejo,

Saõ, no meu pensamento,
Teus olhos debuxados,
Com que estou enganando meu desejo:
As agoas frias do Tejo,
De doces se tornáraõ
Ardentes, & salgadas,
Despois que minhas lagrimas cansadas,
Com seu puro licor se misturáraõ:
Como quando se mistura
Hypanis co Exampeo sua agoa pura.
  Se ahi no mundo houvesse,
Ouviresme algũa hora,
Assentada na praya deste rio,
E de arte te dissesse,
O mal, que passo agora,
Que pudesse moverte o peito frio?
Oh quanto desvario,
Que estou afigurando!
Já agora meu tormento
Nam póde pedir mais ao pensamento,
Que este fantasiar, que imaginando
A vida me reserva,
Querer mais de meu mal serà soberba.
  Jà a esmaltada Aurora
Descobre o negro manto
Da sombra, que as montanhas encubria,
Descansa, frauta, agora,
Que meu cansado canto,
Nam merece, que veja o claro dia,
Nam canse a fantasia,
De estar em si pintando
O gèsto delicado,

Em

Em quanto traz ao pasto o manso gado,
Este pastor, que lá sò vem fallando:
Calarmehei sòmente,
Que meu mal nem ouvir se me consente.

Agrario pastor.

Fermosa manhaã clara, & deleitòsa,
Que como fresca rosa na verdura;
Te mostras bella, & pura, marchetando
As Ninfas, espalhando seus cabellos
Nos verdes montes bellos, tu sò fazes,
Quando a sombra desfazes, triste, & escura,
Fermosa a espessura, & fresca a fonte,
Fermoso o alto monte, & o rochedo,
Fermoso o arvoredo, & deleitoso,
Em fim tudo fermoso com teu rosto,
Douro, & rosas composto, & claridade.
Trazes a saudade ao pensamento,
Mostrando n'hum momento o roxo dia,
Com a doce armonia nos cantares
Dos passaros a pares, que voando,
Seu pasto andão buscando nos raminhos
Para os amados ninhos, que mantem,
Oh grande, & sumo bem da natureza;
Estranha sutileza de pintora;
Que matiza n'hũa hora de mil cores
O Ceo, a terra, as flores, monte, & prados;
Oh tempo jà passado, quaõ presente
Te vejo abertamente na vontade;
Quamanha saudade tenho agora
Do tempo, que a pastora minha amava,
E de quanto prezava minha dor.

Entaõ tinha o amor mayor poder,
Entaõ num sò querer nos igualava;
Porquè quando hum chamava, a quem queria,
O ecco respondia de affeiçaõ,
No brando coraçaõ da doce imiga,
Nesta amorosa liga concertavaõ,
Os tempos, que passavão com prazeres,
Mostrava a flava Ceres polas eiras,
Das brancas sementeiras lêdo fruto,
Pagando seu tributo aos lavradores,
E enchia aos pastores todo o prado,
Pales do manso gado guardadora:
Zefiro, & fresca Flora passeando,
Os campos esmaltando de boninas,
Nas agoas cristalinas triste estava
Narciso, que inda olhava na agoa pura,
Sua linda figura delicada;
Mas Ecco namorada de seu gêsto,
Com pranto manifesto, seu tormento
No derradeiro acento lamentava;
Alli tambem se achava o sangue tinto
Do purpureo Jacintho, & o destroço
De Adonis, lindo moço, morte fea,
Da bella Cytherêa tam chorada,
Toda a terra esmaltada destas rosas,
Alli as Ninfas fermosas pellos prados,
Os Fauvos namorados apoz ellas,
Mostrandolhe capellas de mil cores,
Que faziaõ das flores, que colhião,
As Ninfas lhe fugião amedrentadas,
As fraldas levantadas pellos montes,
A fresca agoa das fontes espalharse.

Vertumno transformarse alli se via,
Pomona, que trazia os doces fruytos,
Alli pastores muitos, que tangiaõ
As gaitas, que traziaõ, & cantando
Estavão enganando suas penas,
Tomando das Sirenas o exercicio,
Ouviase Salicio lamentarse;
Da mudança queixarse crùa, & fea,
Da dura Galathea tam fermosa,
E da morte envejosa Nemeroso,
Ao monte cavernoso se querella,
Que sua Elisa bella em pouco espaço,
Cortára inda em agraço a dura sorte.
O immatura morte, que a ninguem
De quantos vidas tem nunqua perdoas.
Mas tu tempo, que voas apressado,
Hum deleitoso estado, quaõ asinha
Nesta vida mesquinha transfiguras
Em mil desaventuras, & a lembrança,
Nos deixas por herança do que levas,
Assi que se nos cevas com prazeres,
He para nos comeres no melhor,
Cada vez em peor te vàs mudando,
Quanto vês inventando, que hoje aprovas,
Logo à manhaã reprovas com instancia,
Oh estranha inconstancia, & tam profana;
De toda a causa humana inferior,
A quem o cego error sempre anda anexo,
Mas eu de que me queixo, ou o que digo?
Vive o tempo comigo, ou elle tem
Culpa no mal, que vem da cega gente?
Por ventura elle sente, ou elle entende.

Aquillo, que defende o ser divino?
Elle usa de contino seu officio,
Que jà por exercicio lhe he devido;
Dànos fruito devido na sazão
Do fermoso verão, & no inverno;
Com seu humor eterno congelado,
Do vapor levantado co a quentura
Do Sol à terra dura lhe dà alento,
Para que, o mantimento produzindo,
Estè sempre cumprindo seu custume,
Assi que nam consume de si nada,
Nem muda da passada vida hum dedo,
Antes sempre està quedo no devido,
Porque este he seu partido, & sua usança.
E nelle esta mudança he mais firmeza:
Mas quem a ley despreza, & pouco estima,
De quem de là de cima està movendo
O Ceo sublime, & horrendo, o mundo puro
Este muda o seguro, & firme estado
Do tempo, nam mudado da verdade.
Nam foi naquella idade de ouro claro,
O firme tempo caro, & excellente?
Vivia entaõ a gente moderada,
Sem ser a terra arada dava paõ,
Sem ser cavado o chaõ as frutas dava,
Nem chuva desejava, nem quentura,
Supria então natura o necessario:
Pois quem foi tam contrario a esta vida?
Saturno, que, perdida a luz serena,
Causou, que em dura pena desterrado,
Fosse do Ceo deitado onde vivia,
Porque os filhos comia, que gèrava,

Por isso se mudava o tempo igual
Em mais baixo metal, & assi decendo
Nos veyo assi trazendo a este estado;
Mas eu desatinado adonde vou?
Para onde me levou a fantasia?
Que estou gastando o dia em vãs palavras?
Quero ora minhas cabras ir levando
Ao manso Tejo brando, porque achar
No mundo, que emendar, nam he de agora,
Basta que a vida fòra delle tenho;
Com meu gado me avenho, estou contente,
Porêm se me nam mente a vista, eu vejo
Nesta praya do Tejo estar deitado
Almeno, que enlevado em pensamentos,
As horas, & momentos vai gastando,
Parelle vou chegando sò por ver
Se poderei fazer, que o mal que sente,
Hum pouco se lhe ausente da memoria.

Almeno sonhando.

Oh doce pensamento, ò doce gloria,
Saõ estes por ventura os olhos bellos,
Que tem de meus sentidos a vitoria?
Saõ estas, Ninfa, as tranças dos cabellos,
Que fazem de seu preço o ouro alheo,
E a mi de mi mesmo sò com vellos?
He esta a alva columna, o lindo esteo,
Sustentador das obras mais que humanas,
Que eu nos meos braços tenho, & nam no creo?
Ah falso pensamento, que me enganas,
Fazesme pôr a boca onde nam devo,
Com palavras de doudo, & quasi insanas.

Como

Como alçarte tam alto assi me atrevo?
Taes azas, doutas eu, ou tu mas dás?
Levasme tu a mim, ou eu te levo?
Nam poderei eu ir onde tu vàs?
Porém pois ir nam posso onde tu fores,
Quando fores nam tornes onde estâs.

Agrario.

Oh que triste successo foi de amores,
O que a este pastor aconteceo,
Segundo ouvi contar a outros pastores,
Que tanto por seu dano se perdeo,
Que o longo imaginar em seu tormento,
Em desatino o amor lho converteo.
O forçoso vigor do pensamento,
Que póde noutra cousa estar mudando
A forma, a vida, o siso, o entendimento!
Estasse hum triste amante transformando,
Na vontade daquella, que tanto ama,
De si sua propria essencia trasportando;
E nenhũa outra cousa mais desama,
Que a si, se vê; que em si ha algum sentido,
Que deste fogo insano nam se inflama.
Almeno, que aqui està tam influido
No fantastico sonho, que o cuidado
Lhe traz sempre ante os olhos esculpido;
Estàselhe pintando de enlevado,
Que tem já da fantastica pastora
O peito diamantino mitigado.
Em este doce engano estava agora,
Falando como em sonhos, mas achando
Ser vento o que sonhava, grita, & chora.

Desta

Dsta arte andavaõ sonhos enganando,
O pastor sonolento, que a Diana
Andava entre as ovelhas celebrando.
Desta arte a nuvem falsa em forma humana
O vaõ pay dos Centauros enganava
(Que amor quando contenta sempre engana)
Como a este, que consigo sò falava,
Cuidando, que falava de enlevado
Com quem lhe o pensamento figurava.
Nam pòde, quem quer muito, ser culpado
Em nenhum erro, quando vem a ser
O amor em doudice transformado,
Nam he amor, amor se nam vier
Com doudices, deshonras, dissençoẽs,
Pazes, guerras, prazer, & desprazer,
Perigos, linguas màs, murmuraçoẽs,
Ciumes, arroidos, competencias,
Temores, mortes, nojos, perdiçoẽs:
Estas saõ verdadeiras penitencias
De quem poem o desejo onde nam deve,
De quem engana alheas innocencias.
Mui isto tem amor, que nam se escreve,
Senam onde he illicito, & custoso,
E onde he mòr perigo, mais se atreve,
Passava o tempo alegre, & deleitoso,
O Troyano pastor, em quanto andava
Sem ter alto desejo, & perigoso,
Seus furiosos touros coroava,
E nos alamos altos escrevia,
Teu nome, Enone, quando a ti sò amava,
Creciāo os altos alamos, crecia
O amor, que te tinha, sem perigo,

E sem

E sem temor contente te servia.
Mas despois que deixou entrar consigo
Illicito desejo, & pensamento,
De sua quietação tam inimigo.
A toda a patria poz em detrimento,
Com mortes de parentes, & de irmãos,
Com crù incendio, & grande perdimento.
Nisto fenecem pensamentos vãos,
Tristes serviços mal galardoàdos,
Cujà gloria se passa d'antre as mãos.
Lagrimas, & suspiros arrancados
D'alma, todos se pagaõ com enganos,
E oxálá fossem muitos enganados.
Andaõ com seu tormento tam ufanos,
Gastando na doçura de hum cuidado,
Apoz hũa esperança tantos annos.
E qual ha tam perdido namorado,
Tam contente co pouco, que daria
Por hum sò mover de olhos todo o gado,
E em todo o povoado, & companhia,
Sendo ausentes de si, estaõ presentes,
Com quem lhe pinta sempre a fantasia,
Com hum certo nam sei que andaõ contentes.
E logo hum nada os torna ao contrario,
De todo o ser humano differentes.
Oh tyranico amor, ò caso vario,
Que obriga a hum querer, que sempre seja
De si contino, & aspero adversario!
E outra hora nenhũa alegre esteja,
Se nam quando do seu despojo amado
Sua inimiga estar triunfando veja.
Quero fallàr com este, que enredado

Nesta cegueira està, sem nenhum tento;
Acorda jà, Pastor desacordado.

Almeno.

Oh porque me tiraste hum pensamento,
Que agora estava aos olhos debuxando,
De quem aos meus foi doce movimento?

Agrario.

Nessa imaginação estàs gastando
O tempo, & a vida, Almeno, ò perda grande,
Nam vès quaõ mal os dias vàs passando?

Almeno.

Fermosos olhos, ande a gente, & ande,
Que nunqua vos ireis desta alma minha,
Por mais, que o tempo corra, & a morte mande.

Agrario.

Quem pudèra cuidar, que tam azinha
Se perca o curso assi do siso humano,
Que corre por direita, & justa linha?
Que sejas tam perdido por teu dano,
Almeno irmão, nam he por certo aviso,
Mas mui grande doudice, & grande engano.

Almeno.

Oh Agrario, que vendo o doce riso,
E o rosto tam fermoso, como esquivo,
O menos que perdi foi todo o siso.
E nam entendo, desque fui cativo,
Outra cousa de mi, senam que mouro,

Nem

Nem isto entendo bem, pois inda vivo,
A sombra deste umbroso, & verde louro,
Passo a vida, ora em lagrimas cansadas;
Ora em louvores dos cabellos d'ouro.
Se perguntares porque saõ choradas,
Ou porque tanta pena me consume,
Revolvendo memorias magoadas?
Desque perdi da vista o claro lume,
E perdi a esperança, & a causa della,
Nam choro por razão, mas por costume,
Jà mais pude co Fado ter cautela,
Nem houve nunqua em mi contentamento,
Que nam fosse trocado em dura estrella:
Que bem livre vivia, & bem izento,
Sem nunqua ser ao jugo sometido,
De nenhum amoroso pensamento.
Lembrame, Agrario amigo, que o sentido
Tam fòra de amor tinha, que me ria,
De quem por elle via andar perdido.
De varias cores sempre me vestia,
De boninas a fronte coroava,
Nenhum pastor cantando me vencia.
A barba então nas faces me apontava,
Na luta, no correr, & em qualquer manha,
Sempre a palma entre todos alcançava.
Da minha idade tenra em tudo estranha,
Vendo, como acontece, affeiçoadas
Muitas Ninfas do rio, & da montanha.
Com palavras mimosas, & forjadas
Da solta liberdade, & livre peito,
As trazia contentes, & enganadas,
Mas nam querendo Amor, que deste geito

Dos coraçoẽs andasse triunfando,
Em quem elle criou tam puro effeito.
Pouco & pouco me foi de mi levando,
Dissimuladamente às mãos, de quem
Toda esta injuria agora está vingando.

Agrario.

Deste teu caso, Almeno, eu sei mui bem,
O principio, & o fim, que Nemoroso
Isso tudo contado, & mais me tem.
Mas querote dizer, se o enganoso
Amor he costumado a desconcertos,
Que nunqua amando fez pastor ditoso.
Já que nelle estes casos saõ tam certos,
Porque os estranhas tanto, que de magoa
Te choraõ as montanhas, & os desertos?
Vejote estar gastando em viva fragoa,
E juntamente em lagrimas, vencendo
A graõ Sicilia em fogo, & o Nilo em agoa;
Vejo que as tuas cabras, nam querendo
Gostar as verdes hervas se emmagrecem,
As tetas aos cabritos encolhendo;
Os campos, que co tempo reverdecem,
Os olhos, alegrando descontentes,
Em te vendo parece, que entristecem.
Todos os teus amigos, & parentes,
Que là da serra vem por consolarte,
Sentindo n'alma a pena, que tu sentes:
Se querem de teus males apartarte,
Deixando a casa, & gado, vás fugindo,
Como cervo ferido, a outra parte.
Nam vês que Amor as vidas consumindo

Vive

Vive sò de vontades enlevadas,
No falso parecer de hum gèsto lindo?
Nem as hervas das agoas desejadas
Se fartaõ, nem de flores as abelhas,
Nem este Amor de lagrimas cansadas.
Quantas vezes, perdido entre as ovelhas,
Chorou Febo de Dafne as esquivanças,
Regando as flores brancas, & vermelhas?
Quantas vezes as asperas mudanças,
O namorado Gallo tem chorado,
De quem o tinha envolto em esperanças?
Estava o triste amante recostado,
Chorando ao pê de hum freixo o triste caso,
Que o falso amor lhe tinha destinado,
Por elle o sacro Pindo, & o graõ Parnaso
Na fonte de Aganipe distilando,
O faziaõ de lagrimas hum vaso.
Vinha o intonso Apollo alli culpando
A sobeja tristeza perigosa,
Com asperas palavras reprovando.
Gallo, porque endoudeces, que a fermosa
Ninfa, que tanto amaste, descubrindo
Por falsa a fê, que dava, & mentirosa,
Polas Alpinas neves vai seguindo
Outro amor, outro bem, outro desejo,
Como inimiga em fim de ti fugindo.
Mas o misero amante, que o desejo
Mal empregado, Amor lhe defendia,
Ter de tamanha fé vergonha, ou pejo;
Da falsifica Ninfa nam sentia,
Senam, que o frio do gelado Rheno,
Os delicados pès lhe offenderia.

Ora se tu vês claro, amigo Almeno,
Que de Amor os desastres saõ de sorte,
Que para matar basta o mais pequeno.
Porque nam poẽs hum freyo a mal tam forte,
Que em estado te poem, que sendo vivo,
Jà nam se entende em ti, vida, nem morte?

Almeno.

Agrario, se do gésto fugitivo,
Por caso da Fortuna desestrado,
Algũa hora deixar de ser cativo,
Ou sendo para as Ursas degradado,
Aonde Boreas tem o Occeano,
Cos frios Hyperboreos congelado;
Ou onde o filho de Clymene insano
Mudando a cor das gentes totalmente,
As terras apartou do trato humano;
Ou se por qualquer outro accidente
Deixar este cuidado tam ditoso,
Por quem sou, de ser triste, tam contente;
Este rio, que passa deleitoso,
Tornando para traz irâ negando
A a natureza o curso presuroso:
As feras pelo mar iraõ buscando
Seu pasto, andarsehaõ pola espessura,
Das hervas os Delfins apacentando.
Ora se tu ves n'alma quaõ segura
Tenho esta fè, & amor, para que insistes
Nesse conselho, & pratica tam dura?
Se de tua porfia nam desistes,
Vaite pastar teu gado a outra parte,
Que he dura a companhia para os tristes,

Hũa

Hũa sò cousa quero encomendarte,
Para repouso algum de mèu engano,
Antes, que o tempo em fim de mi te aparte,
Que se esta fera, que anda em trajo humano,
Vires pela montanha andar vagando,
De meu despojo rica, & de meu dano:
Com os vivos espritos inflamando
O ar, o monte, & a serra, que consigo
Continuamente leva namorando:
Se queres contentarme como amigo,
Passando lhe dirás, gentil pastora,
Nam ha no mundo vicio, sem castigo.
Tornada em duro marmore nam fora,
A fera Anaxarete, se amoroso
Mostrára o rosto angelico algum hora:
Foi bem justo o castigo riguroso;
Porèm quem te ama, Ninfa, nam queria
Noda tam fea em gèsto tam fermoso.

Agrario.

Tudo farei, Almeno, & mais faria,
Por te ver algum dia descansado,
Se se acabão trabalhos algum dia.
Mas bem vès como Febo já empinado
Me manda, que da calma iniqua, & crùa
Recolha em algum valle o manso gado;
Tu nessa fantasia falsa, & núa,
Para engano mayor de teu perigo,
Nam queres companhia senam sua.
Voume daqui, & fique Deos contigo,
E ficarès melhor acompanhado.

Almeno.
Elle contigo vá, como comigo
Me fica acompanhando meu cuidado.

ECLOGA III.

De Almeno & Belisa, continuando com a passada.

PAssado jà algum tempo, que os amores
De Almeno, por seu mal eraõ passados,
Porque nunqua Amor cumpre, o que promete,
Entre hũs verdes ulmeiros apartados,
Regando pelo campo as brancas flores,
Em lagrimas cansadas se derrete,
Quando a linda pastora, que compete
Co monte em aspereza,
Co prado em gentileza,
Por quem o triste Almeno endoudecia,
Pella praya do Tejo discurria
A lavar a beatilha, & o trançado;
Já o Sol consentia,
Que sahisse da sombra o manso gado.
E acordado jà do pensamento,
Que tam desacordado o sempre teve,
Vio por acerto o bem, que incerto tinha,
E porque donde Amor a mais se atreve,
Alli mais enfraquece o entendimento,
Nam lhe soube dizer, o que convinha;
Como homem, que á aprazada briga vinha,
A quem de fòra engana
A confiança humana,

E des-

E despois vendo o rosto, a quem resiste,
Treme, teme o perigo, & nam insiste,
Jà se arrepende, a audácia lhe fallece:
Desta arte o pastor triste,
Ousa, arrecea, esforça, & enfraquece.
E tendo assi atonito o sentido,
Cometeo com furor desatinado,
E tirou da fraqueza coração:
Cometimento foi desesperado,
Que hũa sò salvação tem hum perdido,
Perder toda a esperança à salvação,
As magoas, que passárão se dirão:
Mas as que ella dizia,
Lembrandolhe, que via
As agoas murmurar do Tejo amenas,
Remeto a vòs, ô Tagides Camenas,
Que de magoa nam posso dizer tanto,
Porque em tamanhas penas,
Me causa a pena, & a dor me impede o canto.

Belisa.

Que alegre campo, & praya deleitosa,
E quão saudosa faz esta espessura,
A fermosura Angelica, & serena,
Da tarde amena, & quão saudosamente
A sesta ardente abranda, suspirando
De quando em quando o vento alegre, & frio,
No fundo rio os mudos peixes saltão,
No ár se esmaltão os Ceos d'ouro, & verde,
E Febo perde a força da quentura,
Pola espessura levão passeando
O gado brando, ao som das sanfoninas

Pisando as finas, & fermosas flores,
Os guardadores, que cantando o gèsto
Fermoso, & honesto das pastoras, que amão,
Ao àr derramão mil suspiros vãos,
Hum louva as mãos, & outro os olhos bellos,
Outro os cabellos de ouro, em som suave,
A amorosa ave leva o contraponto,
Mas ò que conto, & saudosa historia,
Que na memoria aqui se me offerece!
Senam me esquece, jà neste lugar
Ouvi soar nos valles, algum dia,
E respondia o ecco o nome em vaõ
Num coração, Belisa retumbando;
Estou cuidando como o tempo passa,
E quaõ escassa he toda alegre vida,
E quaõ cumprida quando he triste, & dura:
Nesta espessura longo tempo amei,
Se me enganei, com quem do peito amava,
Nam me pesava de ser enganada,
Fui salteàda emfim de hum pensamento,
Que hum movimento tinha casto, & sam,
Conversação foi fonte deste engano,
Que por meu dano entrou com falsa cor,
Porque o amor na Ninfa, que he segura,
Entra em figura de vontade honesta,
Mas que me presta agora dar disculpa,
Se ahi houve culpa pola o firme amor,
Sò num pastor, que nunqua o Sol, nem Lua,
Ou serra algũa desde o Ibero ao Indo,
Outro tam lindo viraõ tam manhoso,
Neste amoroso estado, & fé que tinha,
Que n'alma minhà tam secretamente,

Vivi contente amando, & encobrindo,
Elle fingindo mentirosos danos,
Que saõ enganos, que nam custaõ nada,
Tendo alcançada jà no entendimento,
A fê, & intento meu sô nelle posto,
Que logo o rosto mostra os coraçoẽs,
E as affeiçoẽs cos olhos se praticão,
Que mais publicão muito, que palavras
Com suas cabras sempre à parte vinha,
Onde eu mantinha os olhos; & o desejo;
Tu manso Tejo, & tu florido prado,
Do mais passado emfim, que aqui nam digo,
Sereis me obrigo testemunho certo,
Que descuberto vos foi tudo, & claro,
Oh tempo avaro; ô sorte nunqua igual!
Quamanho mal quereis á humana gente,
Porque hum contente estado assi trocastes!
Vòs me tirastes, do meu peito isento,
O pensamento honesto, & repousado,
Jà dedicado ao coro de Diana.
Vôs nũa ufana vida me pusestes,
E alli quisestes que gozasse o dano,
Do doce engano, que se chama amor,
Com cujo error passava o tempo lèdo;
E vòs tam cedo me tirais hum bem,
Que amor já tem impresso n'alma minha.
Despois que a tinha envolta em esperanças,
E com lembranças tristes me deixais,
Mal me pagais a fè, que sempre tive;
Mas assi vive, quem sem dita nace,
Mas jà que a face alegre o Sol esconde,
E nam responde alguem a tantas magoas,

Senam as agoas, que dos olhos saem,
As sombras caem, & vaõse as alimarias,
Das ervas varias fartas, seu caminho,
Buscando o ninho os passaros sem dono,
Já pelo sono esquecem o comer,
Quero esqueçer tambem tam doce historia,
Pois he memoria, que traz mòr cuidado,
Isto he passado, & se me deo paixaõ;
Os dias vaõ gastando o mal, & o bem,
E nam convem quererme magoar,
Do que emmendar nam posso jâ com magoas;
Nas claras agoas deste rio brando,
Que vaõ regando o campo matizado,
Este trançado lavar quero em fim,
Que já de mi me esqueço co a lembrança
Desta mudança, que esquecer nam sei:
Bem, que eu virei mudar opinião,
Que em fim saõ homẽs a que o esquecimento,
Depressa faz mudar o pensamento.

Almeno.

Se a vista nam me engana a fantasia,
Como jà me enganou mil vezes, quando
Minha ventura enganos me sofria;
Pareceme, que vejo estar lavando
A hũa Ninfa hum vêo no claro Tejo,
Que se me està Belisa afigurando.
Nam póde ser verdade isto que vejo,
Que facilmente aos olhos se afigura
Aquillo, que se pinta no desejo.
Oh acontecimento, que a ventura
Me dá para mór dano, esta he por certo,

Que

Que nam he doutrem tanta fermosura.
Se poderei falarlhe de mais perto?
Mas fugirmeha, nam póde ser, que o rio
Para acolà nam tem caminho aberto.
Oh temor grande, ó grande desvario!
Que a voz me impede, & a lingua negligente
Desta arte està tornando o peito frio.
De quanto me sobeja estando ausente,
Que para lhe fallar sempre imagino,
Tudo me falta agora em estar presente.
Oh aspeito suave, & peregrino!
Pois como tam azinha assi se esquece,
Hũa fè verdadeira, hum amor fino?

Belisa.

Oh altas semidéas, pois padece
Em vosso rio a honra delicada,
De quem tamanha força nam merece;
Ou seja por vòs, Ninfas, reservada,
Ou nalgũa arvore alta, ou pedra dura,
Seja por vós azinha transformada.

Almeno.

Ah Ninfà, nam te mudes a figura,
Nem Vós Deosas queirais, que eu seja parte
De se mudar tamanha fermosura.
Porque a quem falta a voz para fallarte,
E a quem fallece a lingua, & ousadia,
Tambem faltàraõ mãos para tocarte.

Belisa.

Que me queres Almeno, ou que porfia

Foi a tua tam aſpera comigo?
Minha vontade nam to merecia.
Se com amor o fazes, eu te digo,
Que amor, que tanto mal me faz em tudo,
Nam pòde ſer amor, mas inimigo.
Nam es tu de ſaber tam falto, & rudo,
Que tam ſem ſiſo amaſſes, como amaſte.

Almeno.

Onde viſte tu, Ninfa, amor ſeſudo?
Porque te nam alembra, que folgaſte
Com meus tormentos triſtes, & algum hora
Com teus fermoſos olhos jà me olhaſte?
Como te eſquece já gentil paſtora,
Que folgavas de ler nos freixos verdes,
O que de ti eſcrevia cada hora?
Como tam preſtes a memoria perdes
Do amor, que me moſtravas, que eu nam digo
Se o vòs, ò altos montes nam differdes?
Porque te nam alembras do perigo,
A que sò por me ouvir te aventuravas,
Buſcando horas de ſeſta, horas de abrigo?
Co a maçan da diſcordia me tiravas,
Que a Venus, que a ganhou por fermoſura,
Tu como mais fermoſa lha ganhavas.
E eſcondendote entre a eſpeſſura,
Hia fugindo como vergonhoſa
Da namorada, & doce travеſſura.
Nam era eſta a maçan d'ouro fermoſa,
Com que encuberta aſſi de aſtucia tanta,
Cidipe ſe enganou de cobiçoſa.
Nem a que o curſo teve de Athalanta,

Mas era aquella, com que Galathea
O paſtor cativou, como elle canta.
Se màs tençoẽs puſerão noda fea
Em noſſo firme amor de enveja pura,
Porque pagarei eu a culpa alhea?
Quem deſta fè, quem deſte amor nam cura,
Nunqua teve ſugeito o coração,
O firme amor, cõ alma eterna dura.

Beliſa.

Mal conheces, Almeno, hũa affeição,
Que ſe eu deſſe amor tenho eſquecimento,
Meus olhos magoados to dirão.
Mas teu ſobejo, & livre atrevimento,
E teu pouco ſegredo deſcuidando,
Foi cauſa deſte longo apartamento.
Vès as Ninfas do Tejo, que mudando
Me vaõ jà pouco a pouco o claro gèſto,
Noutra forma mais dura traſpaſſando?
Hum sò ſegredo meu te manifeſto.
Que te quiz muito, em quanto Deos queria.
Mas de pura affeição, & amor honeſto,
E pois teu mao cuidado, & ouſadia
Cauſou tam dura, & aſpera mudança,
Folgo, que muitas vezes to dizia.
Ficate embora, & perde a confiança,
Que mais me nam veràs, como jà viſte,
Que aſſi ſe deſengana hũa eſperança.

Almeno.

Oh duro apartamento, ò vida triſte,
Oh nunqua acontecida deſventura!

Pois

Pois como, ò Ninfa, assi te despediste?
Assi se ha de ir tornando sem ter cura,
Nessa silvestre, & aspera dureza,
Tam branda, & excellente fermosura?
Tua nunqua entendida gentileza
E teus membros assi se transformàraõ,
Negandoselhe a propria natureza?
Desta arte teus cabellos se tornáraõ,
Deixando jà seu preço ao ouro fino,
Em folhas, que a cor tem do, que negâraõ?
Se este consentimento foi divino,
Consintame tambem, que perca a vida,
Antes que a mais me obrigue o desatino.
Que se a Fortuna dura, embravecida,
Tanto no meu tormento se desmede,
Nam viva mais hũa alma tam perdida.
E vòs feras do monte, pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro,
Fartai jà de meu sangue vossa sede.
E vòs pastores rudos deste outeiro,
Porque a todos em fim se manifeste,
Que cousa he amor puro, & verdadeiro.
Ao pè deste funereo acipreste,
Me fareis hum sepulcro sem arreo,
De boninas, que o prado ameno veste.
Com desusadas musicas de Orfeo,
Que me vòs cantareis, & desta sorte
Nam haverei inveja ao Mausoleo;
E porque minha cinza se conforte
Em vossos metros doces, & suaves,
As exequias fareis de minha morte,
Alli responderaõ as altas aves,

Nam

Nam modulas no canto, nem lascivas,
Mas de dor, hora roucas, hora graves.
Nam correrão as agoas fugitivas
Alegres por aqui, mas saudosas,
Que pareção, que vem dos olhos vivas.
Naceraõ pelas prayas deleitosas
Os asperos abrolhos, em lugar
Dos roxos lirios, das pudicas rosas.
Nam traraõ as ovelhas a pastar
Derredor do sepulcro os guardadores,
Que nam comeraõ nada de pezar.
Viraõ os Faunos, guarda dos pastores,
Se morri por amores preguntando,
Responderão os eccos, por amores.
Dos que por aqui forem caminhando,
Hum epitafio triste se lerà,
Que esteja minha morte declarando,
E no tronco de hũa arvore estará,
Nũa ruda cortiça pendurado,
Escrito cuma fouce, assi dirá.
Almeno fui pastor de manso gado,
Em quanto o consentio minha ventura,
De Ninfas, & pastoras celebrado.
Se algũa hora por dita na espessura,
O amor se perder, & a affeição,
Tirem a pedra desta sepultura,
E em figura de cinza os acharão.

ECLOGA IV.

Frondoso, & Duriano.

CAntando por hum valle docemente,
Decião dous pastores, quando Febo
No Reyno de Neptuno se escondia:
De idade cada hum era mancebo,
Mas velho no cuidado, & descontente,
Do que lhe elle causava parecia:
O que cada hum dizia,
Lamentando seu mal, seu duro Fado,
Nam sou eu tam ousado,
Que o ouse a cantar sem vossa ajuda;
Porque se a minha ruda
Frauta deste favor vosso for digna,
Posso escusar a fonte Caballina.
Em vós tenho Helicon, tenho Pegaso,
Em vòs tenho Caliópe, em vôs Thalia,
E as outras sete irmãs co fero Marte,
Em vós perde Minerva sua valia,
Em vós estaõ os sonhos de Parnaso,
Das Pierides em vòs se encerra a arte,
Co a mais pequena parte,
Senhora, que me deis de ajuda vossa,
Podeis fazer, que eu possa
Escurecer ao Sol resplandecente,
Podeis fazer, que a gente
Em mi do graõ poder vosso se espante,
E que vossos louvores sempre cante.
Podeis fazer, que creça d'hora em hora

Ono-

O nome Lusitano, & faça enveja
A Smirna, que de Homero se engrandece,
Podeis fazer tambem, que o mundo veja
Soar na ruda frauta, o que a sonora
Cithara Mantuana só merece,
Já agora me parece,
Que pòdem começar os meus pastores
Tratar de seus amores,
Porque inda que presentes nam estejão,
As que elles ver desejão
Mudança do lugar, menos de estado,
Nam muda hum coração de seu cuidado
Jà deixava dos montes a altura,
E nas salgadas ondas se escondia
O Sol, quando Frondoso, & Duriano,
Ao longo de hum ribeiro, que corria
Pela mais fresca parte da verdura,
Claro, suave, & manso todo o anno,
Lamentando seu dano,
Vinha já recolhendo o manso gado,
E hum estando calado,
Em quanto hum pouco o outro se queixava,
Apoz elle tornava
A dizer de seu mal, o que sentia,
E em quanto elle fallava, o outro ouvia.
Vinhaõse alli queixando aos penedos,
Aos silvestres montes, & aspereza,
Que quasi de seus males se dohião,
Alli as pedras perdião sua dureza,
Alli os correntes rios estar quedos,
Prontos a suas queixas parecião,
E só, as que podião

Estes males curar, que ellas causavão,
O ouvido lhe negavão,
Por perderem de todo a esperança.
Mas elles, que mudança
De amor com tantos males nam faziaõ,
Fallando inda com ellas lhes dizião.

Frondoso.

Isto he o que aquella verdadeira
Fê, com que te amei sempre, merecia,
Sem nunqua te deixar hum só momento?
Como, cruel Belisa, te esquecia
Hum mal, cuja esperança derradeira
Em ti sò tinha posto seu assento?
Nam vias meu tormento?
Nam vias tu a fè, com que te amava?
Porque nam te abrandava,
Este amor, que me tu tam mal pagaste?
Mas pois jà me deixaste,
Co a esperança de ti toda perdida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Se os males, que por ti tenho sofrido,
(O Silvana em meus males tam constante)
Quiseras, que algũa hora te dissera,
Ainda, que de duro diamante,
Fora teu cruel peito endurecido,
Creo, que a piedade te movera.
Jà agora em branda cera
Os montes saõ tornados, & os penedos,
E os rios, que estão quedos,
Sentiráõ meus suspiros, minhas queixas,
Tu sò, cruel, me deixas,

Que es mais, que montes, & penedos dura,
E fugitiva mais, que a agoa pura.

Frondoſo.

Onde eſtá aquella falla, que ſohia
Sò com ſeu doce tom, que me chegava
Avivarme os eſpiritos canſados?
Onde eſtâ o olhar brando, que cegava
O Sol reſplandecente ao meyo dia?
Onde eſtão os cabellos delicados,
Que ao vento eſpalhados,
Eſcureciaõ o ouro, & a mim mataváõ?
E a quantos os olhavaõ,
Cauſavaõ tambem nòvos accidentes?
Porque cruel conſentes,
Que goze outro da gloria a mi devida?
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Duriano.

Nenhum bem vejo, que a meu mal eſpere,
Senam ſe he eſperar, que morte dura,
Emfim me venha dar tua ſaudade,
Vejo faltarme a tua fermoſura,
A vontade me diz, que deſeſpere,
Contradizme a razão eſta vontade;
Diz, que nũa beldade,
Em quem moſtrou o cabo a natureza,
Nam ha tanta crueza,
Que a hum tam firme amor deſprezar queira,
E hũa fè verdadeira,
Mas tu, que de razão nunqua curaſte,
Porque era darme a vida, ma tiraſte,

Frondoso.

A quem, Belisa ingrata, te entregaste?
A quem dèste, cruel, a fermosura,
Que sò a meu graõ tormento se devia?
Porque hũa fè deixaste firme, & pura?
Porque tam sem respeito me trocaste,
Porque sò nem olhar te merecia?
E o bem, que te queria,
Que nunqua perderei senam por morte,
Nam he de mayor sorte,
Que quanto a cega gente estima, & preza?
Sò a tua crueza,
Foi nisto contra mim endurecida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Levasteme meu bem num sò momento,
Levasteme com elle juntamente,
De cobrallo jà mais a confiança,
Deixasteme em lugar delle sòmente,
Hũa continua dor, & hum tormento,
Hum mal, de que nam pòde haver mudança,
Tu que eras a esperança
Dos males, que me tu cruel causaste,
De todo te trocaste,
Com Amor conjurada em minha morte,
Porém se minha sorte
Consente, que por ti seja causada,
Morte nam foi mais bemaventurada.

Frondosa.

Nam naceste de algũa pedra dura,

Nam

Nam tè gèrou algũa tigre Hircana,
Nam foi tua criação entre a rudeza,
A quem, cruel, sahiste deshumana?
No Ceo formada foi tua fermosura,
Onde a mesma brandura he natureza;
Esta tua dureza,
Donde teve principio, ou a tomaste?
Porque dura engeitaste
Hum verdadeiro amor, que tu bem vias?
Afè, que conhecias,
Por outra de ti nunqua conhecida?
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Vaise co seu pastor o manso gadó,
Porque de amor entende aquella parte,
Que a natureza irracional lhe ensina,
O rustico Leaõ sem nenhũa arte,
Do instinto natural sò ensinado,
Aonde sente amor alli se inclina,
E tu, que de divina
Nam tens menos, que Venus, & Cupido,
Porque se quer co ouvido,
Hum amor verdadeiro nam soccorres?
Ou porque te nam corres
Que te vença o Leão em piedade,
Se Venus nam te vence na beldade?

Frondoso.

A mim nam me faltava, o que se preza,
Entre os celestes Deoses, que formáraõ
A tua mais que humana fermosura,

Em mim os voluntarios Ceos faltàraõ,
Em mim se perverteo a natureza
De hũa cruel fermosa creatura;
Mas pois, Belisa dura,
Que do mais alto Ceo a nòs vieste,
Em teu peito celeste
Hum tal contrario pôde aposentarse;
Nam he contrario acharse
Tamanha fé, tam mal agradecida?
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Por ti a noite escura me contenta,
Por ti o claro dia me aborrece,
Abrolhos para mi saõ frescas flores:
A doce Filomela me entristece,
Todo o contentamento me atormenta,
Com a contemplaçaõ de teus amores;
As festas dos pastores,
Que pòdem alegrar toda a tristeza,
Em mim tua crueza
Faz, que o mal cada hora và dobrando:
Oh cruel, atê quando
Durará em ti hum aborrecimento?
E a vida em mim, que sofre tal tormento?

Frondoso:

Fugiste de hum amor tam conhecido,
Fugiste de hũa fê tam clara, & firme,
E fugiste, a quem nunqua conheceste:
Nam por fugir de amor, mas por fugirme,
Que bem vias, que tinha merecido

O amor,

O'amor, que tu a outrem concedeste;
A mi nam me fizeste
Nenhũa semrazão, que bem conheço,
Que tanto nam mereço:
Fizeste àquelle bem firme, & sincêro,
Que sabes, que te quero,
Em lhe tirar a gloria merecida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Crece cada hora em mim mais o cuidado,
E vejo, que em ti crece juntamente,
Cada hora mais de mim o esquecimento:
Oh Silvana cruel, porque consente
O teu feminil peito delicado,
Esquecerlhe hum tam aspero tormento?
Tal aborrecimento
Merece hum capital teu inimigo;
Namja eu, que sò contigo
Estou contente, & nada mais desejo:
Se algũa hora te vejo,
Tu es hum só bem meu, hũa só gloria,
Que nunqua se me aparta da memoria.

Frondoso.

Olhos, que virão jà tua fermosura;
Vida, que só de verte se sostinha,
Vontade, que em ti era transformada,
Hũa alma, que a tua em si sò tinha,
Tam unida consigo, quanto a pura
Alma co debil corpo està liada;
E agora apartada

Se

Se vê de si com tal apartamento,
Qual será seu tormento?
Qual serà aquelle mal, que tem presente?
Mayor he, que o que sente
O triste corpo na ultima partida:
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Regendo noutro tempo o manso gado,
Tangendo minha frauta nestes vales,
Passava a doce vida alegremente:
Nam sentia o tormento destes males,
Menos sentia o mal deste cuidado,
Que tudo então em mim era contente;
Agora nam sómente
Desta vida suave me apartaste,
Mas outra me deixaste,
Que ao duro mal, que sinto cá no peito,
Me tem jà tam affeito,
Que sinto jà por gloria minha pena,
Por natureza o mal, que me condena.

Frondoso.

Juntamente viver compridos annos,
Os Fados te concedão, que quiserão
Ajuntarte com tal contentamento:
Pois os bẽs todos para ti nascerão,
Tormentos para mim, males, & danos,
Logra tu sò teu bem em meu tormento.
Nenhum apartamento,
Belisa, me fará deixar de amarte,
Porque em nenhũa parte

Pude-

Puderas nunqua estar sem mim hũa hora:
Consente pois agora,
Que em pago desta fè tam conhecida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Vejate eu, crúa, amar, quem te desame,
Porque saibas, que cousa he ser amada,
De quem tu aborreces, & desprezas:
Vejate eu ser ainda desprezada,
De quem tu mais desejas, que te ame,
Porque sintas em ti tuas cruezas:
Sintas tuas durezas,
E quanto póde o seu cruel effeito,
Num coração sogeito,
Porque em sentindo o mal, que eu sinto agora:
Espero, que algũa hora,
Faça o teu proprio mal de mim lembrarte
Já que nam pode o meu nunqua abrandarte.

Frondoso.

Mil annos de tormento me parece
Cada hora, que sem ti, & sem esperança,
Vivo de poder mais tornar a verte;
Sustentame esta vida tua lembrança,
A vida sobre tudo me entristece,
A vida antes perdera, que perderte:
Mas eu se por querer te
Hum bem, que em ti sô tem seu firme assento,
Padeço tal tormento,
Que inda espera de ti, quem te desama,
Ou ao menos te ama,

Com algum falſo amor; ou fé fingida?
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Entaõ, cruel, verás ſe te merece
Com tamanho deſprezo ſer tratada
Hũa alma, que de amarte ſó ſe preza;
Mas como pòdes tu ſer deſprezada,
Se o menos, que em ti fóra aparece,
Abrandar pòde montes, & aſpereza?
Porque ſe a natureza
Em ti o remate poz da fermoſura,
Qual ſerà a pedra dura,
Que a teu valor reſiſta brandamente?
Quanto mais fraca gente
Que ao humano parecer nam ſe defende,
E a meſma Venus Deoſa ao tèu ſe rende.

Frondoſo.

E pois fê verdadeira, amor perfeito,
Tormento deſigual, & vida triſte,
Junta com hum continuo ſofrimento,
E hum mal, em que todo o mal conſiſte,
Nam pudêraõ mover teu duro peito,
A moſtrares ſequér contentamento
De veres meu tormento,
Mas antes iſto tudo deſprezaſte,
E a outrem te entregaſte,
Por me nam ficar nada, em que eſperaſſe,
Senam quando acabaſſe
A vida, que a meu mal he tam cumprida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Longo curſo de tempo, & apartado
Lugar, a hum coraçaõ, que eſtà entregue,
Nam pódem apartar de ſeu intento;
Porque foges, cruel, a quem te ſegue?
Nam vês, que teu fugir he eſcuſado,
Que ſem mim nunqua eſtâs hum ſó momento?
Nenhum apartamento
(Inda, que a alma do corpo ſe me aparte)
Poderà auſentarte
Deſta alma triſte, que continuamente
Em ſi te tem preſente.
Torna cruel, nam fujas, a quem te ama,
Vem dar a morte, ou vida, a quem te chama.
A noite eſcura, triſte, & tenebroſa,
Que jà tinha eſtendido o negro manto,
De eſcuridade a terra toda enchendo,
Fez pòr a eſtes paſtores fim ao canto,
Que ao longo da ribeira deleitoſa,
Vinhaõ ſeu manſo gado recolhendo,
Se aquillo que eu pretendo
Deſte trabalho haver, que he todo voſſo,
Senhora, alcançar poſſo,
Nam ſerà muito haver tambem a gloria,
E o lauro da vitoria,
Que Virgilio procura, & haver pretende,
Pois o meſmo Virgilio a vòs ſe rende.

ECLOGA V.

De sua puericia.

A Quem darei queixumes namorados,
Do meu pastor queixoso namorado?
Abranda voz, suspiros magoados,
A causa, porque n'alma he magoado?
De quem serão seus males consolados,
Quem lhe farà devido gasalhado?
Só vòs, senhor fermoso, & excellente,
Especial em graças entre a gente.
Por partes mil lançando à fantasia,
Busquei n'a terra estrella, que guiasse
Meu rudo verso, em cuja companhia
A santa piedade sempre andasse
Luzente, & clara, como a luz do dia,
Que o rude engenho meu me alumiasse,
Em vossas perfeiçoẽs, graõ senhor, vejo,
Ainda alêm cumprido o meu desejo.
A vôs se dem, a quem junto se ha dado
Brandura, mansidão, engenho, & arte,
De hum esprito divino acompanhado,
Dos sobrehumanos hum em toda a parte;
Em vòs as graças todas se haõ juntado,
De vôs em outras partes se reparte;
Sois claro rayo, sois ardente chama,
Gloria, & louvor do tempo, azas da Fama.
Em quanto eu aparelho hum novo esprito
E voz de Cisne tal, que o mundo espante,
Com que de vòs, senhor, em alto grito,

Lou-

Louvores mil em toda a parte cante:
Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
Entre vacas, & gado petulante;
Que quando tempo for em melhor modo,
Ha me de ouvir por vòs o mundo todo.
  As vís querelas brandas, & amorosas,
Sejão de vós tratadas brandamente,
Verdades d'alma pouco venturosas,
Sahidas com suspiro vivo, & ardente,
Que em vossas mãos se entregão valerosas
Para despois viverem entre a gente,
Chorando sempre a antiga crueldade,
E os coraçoẽs moverem à piêdade.
  Jà declinava o Sol contra o Oriente,
E já do dia o mais era passado,
Quando o pastor co grave mal, que sente,
Por dar alivio em parte à seu cuidado,
Se queixa da pastora docemente,
Cuidando de ninguem ser escutado,
Eu, que o ouvi, nũa arvore escrevia
As magoas, que cantou, & assi dizia.
  Ou tu no monte Caucaso es nacída,
Ou marmor te pario, fermosa, & dura,
Que nam pòde ser seja concebida
Dureza tal de humana creatura:
Ou es quiçà em pedra convertida,
E tẽs da natureza tal ventura;
Porèm nam fez em ti boa impressaõ,
Sô de marmor tornarte o coração.
  Já esta minha vóz rouca, & chorosa,
A gente mais remota moveria,
E se soltasse a vea lagrimosa,

Os Tigres em Hircania amansaria:
Senam foras cruel quanto fermosa,
Meu longo suspirar te abrandaria,
Mas suspirar por ti,& bem quererte,
Que fazem,senam mais endurecerte?
Se deixàras vencer a crueldade
De tua tam perfeita fermosura,
Hum pouco,viras bem minha vontade,
E viras esta fê tam limpa,& pura:
Por ventura,que houveras piedade,
E tivera eu quiçâ melhor ventura;
Mas nunqua achou igual tua belleza,
Senam se foi em ti tua dureza.
Já hum peito abrandára;que nam sente
Meu duro,& grave mal,segundo he forte,
Se descera ao inferno fero,& ardente,
Movera á piedade a mesma morte;
Se hũa só gota de agoa brandamente
Torna brando hum penedo duro,& forte,
Tantas lagrimas minhas nam faràõ
Hum pequeno sinal num coração?
Na testa tenho fonte viva de agoa
Que por meus olhos tristes se derrama,
No peito està de fogo viva fragoa,
Que tudo em si converte,& tudo inflama:
Amor ao derredor,por mayor magoa,
Voando,mais acende a ardente chama;
E se ques ver se ardentes saõ seus tiros,
Olha se saõ ardentes meus suspiros.
Quando grita,& rumor grande se sente,
Que se acende algum fogo em casa,ou torre,
De pura compaixão vai toda a gente
Gritan-

Gritando, agoa ao fogo, & cada hum corre;
Assi anda meu peito em chama ardente,
E co a agoa dos olhos se socorre,
Que quem me abrasa, outra agoa me defende,
Porque com esta o fogo mais se acende.
Quando vemos, que sae lá no Oriente
O Sol, seu curso antigo começando,
Fermoso, intenso, puro, & refulgente,
O monte, campo, mar, tudo alegrando:
Quando de nós se esconde no Ponente,
E noutras terras sae alumiando,
Sempre em quanto vai dando ao mundo giro,
Por ti meus olhos choraõ, & eu suspiro.
Caminha o dia todo o caminhante,
Vem, acabado, a noite, em que descansa,
Trabalha na tormenta o mareante,
Goza o dia sereno, & de bonança:
Recobra o anno fertil, & abundante
Na terra o lavrador, se nella cansa,
Mas eu de meu trabalho, & mal tam forte
Tormento espero emfim, & crùa morte.
De ouvir meu mal às rosas matutinas,
Com dò de mi se cerraõ, & eumurchecem,
Com meu suspiro ardente as cores finas
Perdem o cravo, & lirio, & nam florecem:
Co a roxa Aurora as pallidas boninas
Em vez de se alegrarem, se entristecem,
Deixa seu canto Progne, & Filomena,
Que mais lhe doe, que a sua, a minha pena.
Responde o monte concavo a meus ays,
E tu como aspid cerraslhe o ouvido,
As arvores do campo, os animaes,

Mostraõ sentir meu mal, sem ter sentido:
E a ti as minhas dores desiguais,
Nam movem esse peito endurecido:
Por mais, & mais que chamo, nam respondes,
E quanto mais te busco, mais te escondes.
Naquella parte adonde costumavas
Apacentar meus olhos, & teu gado,
Alli onde mil vezes me mostravas,
Ser eu de ti o Pastor mais desejado,
Mil vezes te busquei, por ver se davas
Ainda algum descanso a meu cuidado,
No campo em vaõ te busco, & busco o monte,
Qual o ferido cervo busca a fonte.
Este lugar de ti desemparado,
Com cujas sombras frias jà folgaste,
Agora triste, & escuro he jà tornado,
Que todo o bem contigo nos levaste:
Tu eras nosso Sol mais desejado,
Nam temos luz, despois que nos deixaste.
Torna, meu claro Sol, vem já meu bem,
Qual he o Josuè, que te detem?
Despois que deste valle te apartaste,
Nam pace o manso gado com secura,
Secouse o campo, des que lhe negaste,
Dos teus fermosos olhos a luz pura:
Secouse a fonte, donde jà te olhaste,
Quando menos, que agora, aspera, & dura,
Nega sem ti a terra dando gritos,
Pasto ás cabras, & leite aos cabritos.
Sem ti, doce cruel, minha inimiga,
A clara luz, escura me parece,
Este ribeiro, quando amor me obriga,

Com

Com meu chorar por ti continuo crece,
Nam ha fera, que a fome nam persiga;
Nem o campo sem ti jà nam florece,
Cegos estão meus olhos, já nam vem,
Pois que nam pódem ver meu claro bem.
O campo como dantes nam se esmalta
De boninas azues, brancas, vermelhas,
Nam vem ao pasto, & sentem da agoa a falta
As mansas, & pacificas ovelhas;
Tambem, cruel, contigo, o Ceo lhe falta,
Nam achaõ flor melifluas abelhas,
Com lagrimas, que manam dos meus olhos,
A terra nos produz duros abrolhos.
Torna pois já, pastora, a este prado,
E restituirás esta alegria,
Alegrarás o monte, o campo, & gado.
Alegraràs tambem a fonte fria:
Torna, vem jà, meu sol, tam desejado,
Faràs a noite escura claro dia,
E alegra já esta magoada vida,
Em tua ausencia toda consumida.
Vem como quando o rayo transparente,
Deste nosso Orizonte, que escondido
Deixa hum certo temor à mortal gente,
Que lhe causa ver o orbe escurecido,
E quando torna a vir claro, & luzente,
Alegra o mundo todo entristecido,
Assi he para mim tua luz pura
Claro Sol, & a ausencia noite escura.
Tu esquecida já do bem passado,
E do primeiro amor, que me mostraste,
Teu coraçaõ de mim tens apartado,

E tambem o lugar desemparaste:
Nam te quero eu a ti, mais que a meu gado?
Nam sou eu mesmo aquelle, que tu amaste?
Pois onde mereci tam grão desvio?
Ouveme, pois me vès jà morto, & frio.
Bem vês, que por amor se move tudo,
E nam ha, quem de amor se veja izento,
O animal mais simples baixo, & rudo,
O de mais levantado pensamento:
Atê debaixo da agoa o peixe mudo,
Là tem de amor tambem seu movimento,
A ave, que no àr cantando voa,
Tambem por outra ave se affeiçoa.
A musica do leve passarinho,
Que sem concerto algum solta, & derrama,
Dum raminho saltando a outro raminho,
Cantando com amor, suspira, & chama:
Em quanto em seu amado, & doce ninho
Nam acha aquelle, a quem sò busca, & ama,
Nam cessa do trabalho, que tomára,
Tendo sò seu descanso, em quem achâra.
A fera, que he mais fera, & o Leão,
Sempre acha outro Leão, & outra fera,
Em quem possa empregar hũa affeição,
Que lhe a conversação no peito gèra:
Tambem sabe sentir sua paixão,
Tambem suspira, morre, & desespera,
Acena, salta, brada, ferve, & geme,
E, nam temendo nada, amor sò teme.
O cervo, que escondido, & emboscado,
Temendo o cubiçoso caçador,
Està na selva, monte, bosque, ou prado,

Alli

Alli onde anda, & vive, vive amor;
De amor, & de temor acompanhado,
Com justa causa amor tem, & temor,
Temor, de quem alli ferilo vinha,
E amor, a quem jà ferido o tinha.
Se o animal insensivel, que nam sente,
Tambem sente de amor a frecha dura,
Porque te nam abranda o fogo ardente,
Que procede de tua fermosura?
Porque escondes a luz do Sol á gente,
Que nesses olhos trazes bella, & pura?
Mais bella, mais suave, & mais fermosa,
Que lirio, que jasmin, que cravo, & rosa.
Póde ser, se me viras, que sentiras,
Ver desfazer hum peito em triste pranto,
E bem pouco fizeras se me viras,
Já que eu sò por te ver suspiro tanto:
As magoas, & suspiros, que me ouviras,
Te puderão mover a grande espanto,
A dor, a piedade, & sentimento,
E a mais, que para mais he meu tormento.
Os pensamentos vãos ao vento leve,
O suspirar em vão tambem ao vento,
O esperar à calma, à chuva, à neve,
E nam te poder ver hum sò momento:
Tormento he, que sómente a ti se deve,
E se póde inda haver mayor tormento,
Quem te vio, & se vê de ti ausente,
Muito mais passarâ mais levemente.
Faz mossa a pedra dura em sua dureza,
Co agoa, que lhe toca brandamente,
Abranda o ferro forte a fortaleza

Se

Se lhe toca tambem o fogo ardente:
Sò em ti nam conheço a natureza,
Que a ser de pedra, ferro, ou de serpente,
Já teu peito cruel fora desfeito,
Ou do fogo, ou das lagrimas, que deito.
Quando a fermosa Aurora mostra a fronte,
Alegra toda a terra vendo o dia,
Quando Febo aparece no Orizonte,
Manifesta tambem grande alegria:
Contente come o gado ao pé do monte,
Alegre vai beber à fonte fria,
Tudo contente està, & alegre tudo,
Eu sô, sò pensativo, triste, & mudo.
Se da alma, & do corpo tês a palma,
E do corpo sem alma nam tês dò,
Ha dò do corpo sò, que està sem alma,
Pois sem alma nam vive o corpo sô:
Em a chama, no ardor, no fogo, & calma,
Na affeição, no querer, eu sou hum sô,
Nam acharàs vontade, mais cativa,
Nem outra como a tua, tam esquiva.
Se te apartas por nam ouvir meu rogo,
Onde estiveres te ei de importunar,
Posto que vás por agoa, ferro, ou fogo,
Contigo em toda a parte me has de achar:
Que o fogo, em q̃ arso, & a agoa, em q̃ me afogo,
Em quanto eu vivo for ha de durar,
E o nò, que me tem preso, he de tal sorte,
Que nam se ha de soltar em vida, ou morte.
Neste meu coração sempre estarás,
Em quanto a alma estiver com elle unida,
Meu espritu tambem possuirás,

Desp ois que a alma do corpo for partida:
Por mais, & mais, que faças, nam fará,
Que nam te ame nesta, & na outra vida,
Impossivel será, que eternamente
Estès de mi ausente, estando ausente.
Cà me acompanhará tua memoria,
Se o nó, que se diz do esquecimento,
Da minha, nam borrar tam longa historia,
Tam grave mal, tam duro apartamento:
Atè quando te veja entrar na gloria,
Vivirei num continuo sentimento,
E ainda entaõ irà, se isto ser possa,
Esta minha alma lá servir a vossa.
Aqui com grave dor, com triste acento,
Deo o triste pastor fim a seu canto,
Co rosto baixo, & alto o pensamento,
Seus olhos começarão novo pranto:
Mil vezes fez parar no ar o vento,
E apiedou no Ceo o coro santo,
As circunstantes selvas se abaixaraõ,
De dô das tristes magoas, que escutáraõ.
Com hũa mão na face, & encostado,
Em sua dor tam enlevado estava,
Que como em grave sono sepultado,
Nam vio o Sol, que já no mar entrava:
Berrando andava em roda o manso gado,
Que o seguro curral já desejava,
Nas covas as raposas, & em seus ninhos
Se recolhem os simples passarinhos.
Jà sobre hum seco ramo estava posto
O mocho, com funesto, & triste canto,
A cujo som o pastor ergueo o rosto,

E vio a terra envolta em negro manto;
Quebrando então o fio a seu desgosto,
Mas nam quebrando o fio a seu pranto;
Para melhor cuidar em seu cuidado,
Levou para os curraes o manso gado.

ECLOGA VI.

AO DUQUE DE AVEIRO.

Alicuto pescador. *Agrario pastor.*

A Rustica contenda desusada,
Entre as Musas do bosque, & das arèas,
De seus rudos cultores modulada;
A cujo som attonitas, & alheas
Do monte as mansas vacas estiverão,
E do rio as saxatiles lampreas:
Desejo de cantar, que se moverão
Os troncos as avenas dos pastores,
E os silvestres brutos suspenderão:
Nam menos o cantar dos pescadores,
As ondas amansou já do alto pégo,
E fez ouvir os mudos nadadores:
E se por sustentarse o moço cego
Nos trabalhos agrestes a alma inflama,
O que he mais proprio no ocio, & no sossego.
Mais maravilhas dando à voz da Fama,
No mesmo mar undoso, & vento frio,
Brasas vivas acende a roxa flama.
Vòs ó ramo d'hum tronco alto, & sombrio.

Cuja frondente coma jà cobrio
De Luso todo o gado, & senhorio;
E cujo saõ madeiro já sahio
A lançar a forçosa, & larga rede,
No mais remoto mar, que o mundo vio.
E vós cujo valor tam alto excede,
Que a cantalo com voz alta, & divina,
A fonte de Parnaso move a sede:
Ouvi da minha humilde çanfonina,
A armonia, que vós alevantais
Tanto, que de vòs mesmo a fazeis dina.
E se agora, que afavel me escutais,
Nam ouvirdes cantar com alta tuba,
O que vos deve o mundo, que dourais;
Se os Reys, avòs vossos, que de Juba
Os Reynos devassàraõ, nam ouvis,
Que nas azas do verso excelso suba:
Senam sabem as frautas pastoris,
Pintar de Toro os campos semeados,
De armas, de corpos fortes, & gentis,
Por hum moço animoso sustentados,
Contra o indomito pay de toda Espanha,
Contra a Fortuna van, & injustos Fados.
Hum moço, cujo esforço, animo, & manha
Fez do Olimpo decer o duro Marte,
E darlhe a quinta Esfera, que acompanha:
Senam sabem cantar a menor parte
Do sapiente peito, & graõ conselho,
Que póde, ò Reyno illustre, descansarte.
Peito, que o douto Apollo fez vermelho,
Deixar o sacro monte, & as nove irmãs,
Diz que a elle se affeitem, como a espelho:

Sabe-

Saberão sò cantar as suas vãs
Contendas de Alicuto vil, & Agrario,
Hum de escamas coberto, outro de lãs.
Vereis, Duque Fernando, o estillo vario
A nòs novo, mas noutro mar cantado,
D'hum que só foi das Musas secretario.
O pescador Sincero, que amansado
Tem o peito de Procrita co canto,
Polas sonoras ondas compassado.
Deste seguindo o som, que póde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façaos novo estillo, & novo pranto.
Partirase do monte Agrario insano,
Para onde a força sò do pensamento
Lhe encaminhava o lasso peso humano;
Embebido num longo esquecimento
De si, & do seu gado, & pobre fato,
Apos hum doce sonho, & fingimento.
Rompendo as silvas horridas do mato
Vai por cima de outeiros, & penedos,
Fugindo emfim de todo humano trato.
Ante os seus olhos leva os olhos lêdos
Da branca Dinamene, que enverdece
Sô co meneo os valles, & os rochedos.
Ora se ri consigo, quando tece
Na fantasia algum prazer fingido,
Hora falla, hora mudo se entristece.
Qual a tenra novilha, que corrido
Tem montanhas fragosas, & espessuras,
Por buscar o cornigero marido:
E cansada nas humidas verduras
Cahir se deixa ao longo do ribeiro,

Já quando as sombras vem decendo escuras,
E nem co a noite ao valle seu primeiro,
Se lembra de tornar, como sohia,
Perdida pelo bruto companheiro:
Tal Agrario chegado emfim se via,
Onde o graõ pègo horrisono suspira,
Nũa praya arenosa, humida, & fria.
Tanto que ao mar estranho os olhos vira,
Tornando em si de longe ouvio tocarse
De douta mão, nam vista, & nova lyra.
Pelo som desusado desviarse,
Para onde mais soava, desejando
De ouvir, & conversar, & de provarse
Nam tinha muito espaço andado, quando
Nũa concavidade de hum penedo,
Que pouco, & pouco fora o mar cavando:
Topou hum pescador, que pronto, & quedo,
Nũa pedra assentado brandamente
Tangendo, fazia o mar sereno, & lèdo.
Mancebo era de idade florecente,
Pescador grande do alto; conhecido
Pelo nome de toda a humida gente.
Alicuto se chama, que perdido
Era pela fermosa Lemnoria,
Ninfa, que tem o mar ennobrecido.
Por ella as redes lança noite, & dia,
Por ella as ondas tumidas despreza,
Por ella sofre o Sol, & a chuva fria.
Co seu nome mil vezes a braveza
Dos ventos feros amansou co verso,
Que remove das rochas à dureza.
E agora em som de voz suave, & terso,

Està

Està seu nome aos eccos ensinando,
Por estilo do agreste som diverso:
Do qual Agrario attonito afrouxando
Da fantasia hum pouco seu cuidado,
Suspenso esteve, os numeros notando,
Mas Alicuto vendose estorvado
Pelo pastor da musica divina,
Alevantando o rosto sossegado,
Lhe diz assi: Vaqueiro da campina,
Que vẽs buscar as arenosas prayas,
Onde a bella Anfitritè sò domina?
Que razaõ ha pastor, porque te sayas
Para o nosso escamoso, & vil terreno,
Dos mui floridos myrtos, & altas fayas?
Que se agora o mar vês brando, & sereno,
E estenderemse as ondas pela arêa,
Amansadas das agoas, com que peno:
Logo veràs o como desenfrea
Eolo o vento pelo mar undoso,
De sorte, que Neptuno o arrecea.
Responde Agrario, ò musico, & amoroso
Pescador, eu nam venho a ver o lago
Bravo, & quiêto, ou vento brando, & iroso;
Mas o meu pensamento, com que apago
As flamas ao desejo, me trazia
Sem ouvir, & sem ver suspenso, & vago.
Atè que a tua angelica armonia
Me acordou, vendo o som, com que aqui cantas
A tua perigosa Lemnoria.
Mas se de verme cà no mar te espantas,
Eu me espanto tambem do estillo novo,
Com que as ondas horrisonas quebrantas.

O qual,

O qual, posto que certo, louvo, & aprovo,
Desejo de provar contra o silvestre
Antigo pastoril, que eu mal renovo,
E tu, que no tocar pareces mestre,
Pódes julgar se he clara a differença
Entre o canto maritimo, & o campestre,
Nam ha, disse Alicuto, em mi detença,
Mas antes alvoroço, inda que veja,
Que essa tua confiança sò me vença.
Mas porque saibas, que nenhũa enveja
Os pescadores temos aos pastores,
No som, que pelo mundo se deseja:
Toma a lyra na mão, que os moradores
Do vitreo fundo vejo jà juntarse,
Pera ouvir nossos rusticos amores.
E bem vês pela praya apresentarse
Nas conchas varia cor à vista humana,
E o mar vir por entre ellas, & tornarse;
Sossegada do vento a furia insana,
Encrespa brandamente o ameno rio,
Que aqui de seu licor mistura, & dana.
Este penedo concavo, & sombrio,
Que de cangrejos ves estar cuberto,
Nos dâ abrigo do Sol quièto, & frio.
Tudo nos mostra emfim reposo certo,
E nos convida ao canto, com que os mudos
Peixes saem ouvindo ao àr aberto.
Assi se desafiaõ estes rudos
Poetas, nos officios discrepantes,
Nos engenhos porèm sutis, & agudos.
E jà mil companheiros circunstantes
Estavão para ouvir, & aparelhavão

Ao vencedor os premios semelhantes,
Quando já as lyras subito tocavão,
Agrario começava, & da armonia
Os pescadores todos se admiravão;
E desta arte Alicuto respondia.

Agrario.

Vòs semicapros Deoses do alto monte,
Faunos longevos, Satyros, Sylvanos,
E vôs Deosas do bosque, & clara fonte,
Ou dos troncos, que vivem largos annos,
Se tendes pronta hum pouco a sacra fronte
A nossos versos rusticos, & humanos,
Ou me dai jà a coroa de loureiro,
Ou penda a minha lyra dum pinheiro.

Alicuto.

Vòs humidas deidades deste pêgo,
Tritoẽs ceruleos, Proteo, com Palemo,
Vòs Nereidas do sal, em que navego,
Por quem do vento as furias pouco temo:
Se ás vossas ricas áras nunqua nego,
O congro nadador na pâ do remo,
Nam consintais, que a musica marinha,
Vencida seja aqui na lyra minha.

Agrario.

Pastor se fez hum tempo o moço louro,
Que do Sol as carretas move, & guia,
Ouvio o rico Anfriso a lyra douro,
Que o seu sacro inventor alli tangia:
Jo foi vaca, Jupiter foi touro,

Mansas

Mansas ovelhas junto da agoa fria
Guardou o bello Adonis, & tornado
Em Bezerro Neptuno foi já achado.

Alicuto.

Pescador já foi Glauco, o qual agora
Deos he do mar, & Proteo Focas guarda
Naceo no pègo a Deosa, que he Senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda:
Se foi bezerro o Deos, que o mar adora,
Tambem jà foi Delfim, & quem resguarda
Verà, que os moços pescadores erão,
Que o escuro enima ao vate dêrão.

Agrario:

Fermosa Dinamene, se dos ninhos
Os implumes penhores já furtei,
A doce Filomela, & dos murtinhos,
Para ti, fera, as flores apanhei:
E se os crespos medronhos nos raminhos,
A ti com tanto gosto apresentei,
Porque nam dâs a Agrario desditoso,
Hum sò revolver de olhos piedoso?

Alicuto.

Para quem trago de agoa em vaso cavo
Os curvos camarões vivos saltando?
Para quem as conchinhas ruivas cavo,
Na praya os secos buzios apanhando?
Para quem de mergulho no mar bravo
Os ramos de coral venho arrancando,
Senam para a fermosa Lemnoria,
Que cum só riso a vida me daria?

Agra:

Agrario.

Quem vio o deſgrenhado, & creſpo inverno
De altas nuves veſtido, horrido, & feo,
Ennegrecendo a viſta o Ceo ſuperno,
Quando os troncos arranca o rio cheo:
Rayos, chuvas, trovoẽs, hum triſte inferno,
Moſtra ao mundo hum pallido receo,
Tal he o amor cioſo, a quem ſuſpeita,
Que outrem de ſeus trabalhos ſe aproveita.

Alicuto.

Se alguem vio pelo alto o ſibilante
Furor, deitando flamas, & bramidos,
Quando as paſmoſas ſerras tras diante,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos,
A braços derrubando o já nutante
Mundo, cos elementos deſtruidos;
Aſſi me repreſenta a fantaſia,
A deſeſperação de ver hum dia.

Agrario.

Minha alva Dinamene, a Primavera,
Que os campos deleitoſos pinta, & veſte,
E rindoſe hũa cor aos olhos gêra,
Com que na terra vem o arco celeſte,
O cheiro, roſas, flores, a verde era,
Com toda a fermoſura amena agreſte,
Nam he para meus olhos tam fermoſa,
Como a tua, que abate o lirio, & roſa.

Alicuto.

Alicuto.

As conchinhas da praya, que apresentaõ
A cor das nuves, quando nace o dia,
O canto das Sirenas, que adormentão,
A tinta, que no murice se cria;
Navegar pelas agoas, que se assentão
Co brando bafo, quando a sesta he fria,
Nam póde Ninfa minha assi aprazerme,
Como verte hũa hora alegre verme.

Agrario.

A Deosa, que na Lybica alagoa
Em forma virginal apareceo,
Cujo nome tomou, que tanto soa,
Os olhos bellos tem da cor do Ceo:
Garços os tem; mas hũa, que a coroa
Das fermosas do campo mereceo,
Da cor do campo os mostra graciosos,
Quem diz, que nam saõ estes os fermosos?

Alicuto.

Perdoemme as deidades, mas tu diva,
Que no liquido marmor ês gérada,
A luz dos olhos teus celeste, & viva,
Tẽs por vicio amoroso atravessada:
Nos petos lhes chamamos, mas quem priva
De luz o dia baixa, & sossegada,
Traz a dos seus nos meus, que o nam nego,
E com tudo isso ainda assi estou cego.
Assi cantavão ambos os cultores
Do monte, & praya, quando os atalhárão,

A hum pastores, a outro pescadores.
E quaesquer a seu vate coroárão
De capellas idoneas, & fermosas,
Que as Ninfas lhe teceram, & ordenârão.
A Agrario de murtinhos, & de rosas,
A Alicuto de hum fio de torcidos
Buzios, & conchas ruivas, & lustrosas.
Estavão na agoa os peixes embebidos,
Com as cabeças fóra, & quasi em terra,
Os musicos delfins estão perdidos.
Julgârão os pastores, que na serra
O cume, & preço está do antigo canto,
Que quem o nega contra as Musas erra.
Dizem os pescadores, que outro tanto
Tem da sonora frauta, quanto teve
O campo pastoril do antigo Manto.
Mas jà o pastor de Admeto o carro leve
Molhava n'agoa amára, & compellia
A recolher a roxa tarde, & breve,
E foi fim da contenda o fim do dia.

ECLOGA VII.

Dos Faunos.

AS doces cantilenas, que cantavão
Os semicapros Deoses amadores
Das Napèas, que os montes habitavão,
Cantando escreverei; que se os amores
Aos silvestres Deoses maltratârão,
Jà ficão desculpados os Pastores.

Vòs, senhor Dom Antonio, aonde acharaõ
O claro Apollo, & Marte hum ser perfeito,
Em quem suas altas mentes assuàraõ.
  Se meu engenho he rudo, & imperfeito,
Bem sabe onde se salva, pois pretende
Levantar com a causa o baixo effeito:
  Em vôs minha fraqueza se defende,
Em vós instilla a fonte de Pegaso,
O que meu canto pelo mundo estende.
  Vedes as altas Musas do Parnaso,
Cantando vos estão na doce lyra,
Tomandome das mãos tam alto caso;
  Vedes o louro Apollo, que me tira
De louvar vossa estirpe, & escurece,
O que em vosso louvor meu canto aspira;
  Ou por me haver enveja me fallece,
Ou por nam ver soar na frauta ruda,
O que a sonora cythara merece.
  Pois sei, senhor, dizer, que a lingua muda,
Em quanto Progne triste o sentimento
Da corrompida irmã co pranto ajuda:
  E em quanto Galathea ao manso vento
Solta os cabellos louros da cabeça,
E Tytiro nas sombras faz assento,
  E em quanto flor ao campo nam faleça,
(Se nam recebeis isto por afronta)
Fará que o Douro, & o Ganges vos conheça.
  E jà que a lingoa nisto fica pronta,
Consenti que a minha Ecloga se conte,
Em quanto Apollo as vossas cousas conta.
  No cume do Parnaso duro monte,
De silvestre arvoredo rodeado,

Nace hũa cristalina, & clara fonte,
  Donde hum manso ribeiro deriva,
Por cima d'alvas pedras mansamente
Vai correndo suave, & sossegado.
  O murmurar das ondas excellente
Os passaros excita, que cantando
Fazem o monte verde mais contente.
  Tam claras vaõ as agoas caminhando,
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se pódem hũa, & hũa estar contando.
  Nam se veráõ ao redor pisadas
De fera, ou de pastor, que alli chegasse,
Porque do espesso monte saõ vedadas.
  Herva nam se verà, que alli criasse
O monte ameno triste, ou venenosa,
Senam, que lá no centro as igualasse.
  O roxo lirio apar da branca rosa,
A cecem branca, & a flor, que dos amantes
A cor tem magoada, & saudosa.
  Alli se vem os myrthos circunstantes,
Que a cristalina Venus encobrirão,
Da companhia dos Faunos petulantes.
  Ortelan, manjarona, alli respiraõ,
Onde nem frio inverno, ou quente estio
As marchâraõ jà mais, ou secas virão.
  Desta arte vai seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado, & o deserto,
Sempre com verdes arvores sombrio.
  Aqui hũa linda Ninfa por acerto
Perdida da fragueira companhia,
A quem este alto monte era encuberto;
  Cansada jà da caça vindo hum dia,

Quiz

Quiz defcanfar à fombra da florefta,
E tirar [illegible] aos alvas da agoa fria.
E vendo a novidade manifefta
Do fitio, & como as arvores co vento
As calmas defendião da alta fèfta,
Das aves o lafcivo movimento,
Queem feus modulos verfos ocupadas
As azas daõ ao doçe penfamento.
Tendo notado tudo, jà paffadas
As horas da graõ fêfta fe tornou
A bufcar as irmaãs no centro amadas.
Defpois que largamente lhes contou,
Do nam vifto lugar, que perto eftava,
Que tanto por eftremo a namorou;
Que ao outro dia foffem, lhes rogava,
A lavarfe naquella fonte amena,
Que tam fermofas agoas deftilava.
Jà tinha dado hum giro a luz ferena,
Do graõ paftor de Admeto, & já nacia
Aos ditofos amantes nova pena,
Quando as fermofas Ninfas à porfia,
Para o lugar do monte caminhavão,
Rompendo a manhaã roxa, alegre, & fria,
De hũa os cabellos louròs fe efpalhavão
Pelo fermofo collo fem concerto,
Com dous mil nòs fuaves fe enlaçavão.
Outra levando o collo defcuberto,
Por mais defpejo em tranças os atara,
Havendo por prezado o defconcerto,
Dinamene, & Efire a quem topàra
Nùas Febo, num rio, & encobriraõ
Seus delicados corpos na agoa clara;

Sirene, & Nise, que das mãos fugirão
Do Tegeo Pan, Amanta, & mais Elysa
Déstras nos arcos mais, que quantas tirão:
A linda Daliana, com Belisa.
Ambas vindas do Tejo, que como ellas
Nenhũa tam fermosa as hervas pisa.
Todas estas angelicas donzellas,
Pelo viçoso monte alegres hiaõ,
Quaes no Ceo largo as nitidas estrellas.
Mas dous silvestres Deoses, que trazião
O pensamento em duas ocupado,
A quem de longe mais, que a sy querião:
Nam lhe ficava monte, valle, ou prado,
Nem arvore, por onde quer que andavão,
Que nam soubesse delles seu cuidado.
Quantas vezes ao rio, que passavão,
Detiverão seu curso, ouvindo os danos,
Que atê os duros montes magoavão?
Quantas vezes amor de tantos annos
Abrandâra qualquer vontade izenta,
Sem em Ninfas coraçoẽs ouvesse humanos?
Mas quem de seu cuidado se contenta,
Offereça de longe a paciencia,
Que Amor de alegres magoas se sustenta.
Que o moço Idalio quiz nesta ciencia,
Que se compadecessem dous contrarios,
Digao quem tiver delle experiencia.
Indo os Deoses emfim por montes varios
Exercitando os olhos saudosos,
Ao cristalino rio tributarios;
Topàraõ dũs pès alvos, & mimosos
As pisadas na terra conhecidas,

As quaes forão ſeguindo preſſuroſos:
   Mas encontrando as Ninfas, que deſpidas
Na clara fonte eſtavão, nam cuidando,
Que d'alguem foſſem viſtas, ou ſentidas:
   Deixaraõſe eſtar quedos, contemplando
As feiçoẽs nunqua viſtas, de maneira,
Que viſſem ſem ſer viſtos, eſpreitando.
   Porèm a eſpeſſa mata menſageira
Da futura cilada, co rugido
Dos raminhos de hũa aſpera aveleira,
   Moſtrando a hum dos Deoſes eſcondidos;
Todas tamanha grita levantáraõ,
Como ſe fôſſe o monte deſtruìdo.
   E logo aſſi deſpidas ſe lançàraõ
Pela eſpeſſura tam ligeiramente,
Que mais então, que os ventos avoàraõ.
   Qual o bando das pombas, quando ſente
A fermoſa Aguia, cuja viſta pura
Nam obedece ao Sol reſplandecente:
   Empreſtalhe o temor da morte dura
Nas azas nova força, & nam parando
Cortaõ o àr, & rompem a eſpeſſura.
   Deſta arte vaõ as Ninfas, que deixando
De ſeu deſpojo os ramos carregados,
Nùas por entre as ſilvas vaõ voando,
   Mas os amantes jà deſeſperados,
Que para as alcançar em fim ſe viāo,
Nada dos pés caprinos ajudados:
   Com amoroſos brados as ſeguiāo,
Hum ſó, que o outro ainda nam tomava
Folego algum, da preſſa que traziāo,
Mas deſpois de canſado ſe queixava.

Primeiro Satyro

Ah Ninfas fugitivas
Que só por nam usar humanidade,
Os perigos dos matos nam temeis!
Para que sois esquivas,
Que inda de nòs nam peço piêdade,
Mas dessas alvas carnes,que offendeis?
Ah Ninfas nam vereis,
Que Eurydice,fugindo dessa sorte,
Fugio do amante,& nam da fera morte?
Tambem assi Eperie foi mordida
Da bibora escondida:
Olhai a serpe, Ninfas,na erva verde,
Quem a condição nam perde, perde a vida.
Que tygre,ou que leão,
Que peçonhenta fera venenosa,
Ou que inimigo emfim vos vai siguindo?
De hum brando coração,
Que preso dessa vista rigurosa,
De si para vòs foge,andais fugindo?
Olhai,que em gesto lindo,
Nam se consente peito tam disforme.
Senam quereis,que tudo se conforme:
Posto que bellas na agoa vos vejais,
A fonte nam creais,
Que vos tras enganadas por vingança
Desta nossa esperança,que enganais.
Mas ah,que nam consinto,
Que nem palavra minha vos offenda,
Posto que me desculpa a magoa pura:

Ninfa.

Ninfas digo que minto,
Que nam ha de haver nunqua quem pretenda
De desfazer em vossa fermosura:
Se amor de tanta dura
Por tanto mal tam pouco bem merece,
Nam estranheis minha alma, que endoudece,
Que se falla doudices de improviso,
Sem tento, nem aviso,
Queira Deos, que dureza tam crecida,
Que me nam tire a vida alêm do siso.
Cousas grandes, & estranhas
Tem pelo mundo feito, & faz natura,
Que a quem vos nam vio, Ninfas, muito espantão.
Nas Libicas montanhas
As Scitales saõ feras da pintura
Tam singular, que só co a vista encantaõ.
As Hiènas levantão
A voz tam natural á voz humana,
Que a quem as ouve facilmente engana.
E vós (ó gentis feras) cujo aspeito
O mundo tem sugeito,
Tendes da natureza juntamente;
A vista, & voz de gente, & fero o peito.
Das amorosas leys,
Com que liga natura os coraçoẽs,
Andais fugindo, Ninfas, na espessura?
Como nam vos correis,
Que em vòs ajaõ tam duras condiçoẽs,
Que possaõ mais, que a provida natura?
Se vossa fermosura
He sobrenatural, nam he forçado,
Que assi tenha tambem o peito irado:

Mas

Mas antes ao amor em cuja mão
Os coraçoẽs eſtão,
Por voſſa gentileza tam fermoſa,
Lhes deveis amoroſa [illegible]aõ,
Amor he hum brando affeito,
Que Deos no mundo poz, & a natureza,
Para aumentar as couſas, que criou;
D'amor eſtà ſugeito,
Tudo quanto poſſue a redondeza,
Nada ſem eſte effeito ſe gêrou,
Por elle conſervou
A cauſa principal, o mundo amado,
Donde o pay famulento foi deitado,
As cauſas elle as ata, & as conforma
Com o mundo, & reforma
A materia, quem ha que nam o veja?
Quanto meu mal deſeja ſempre fôrma.
Entre as hervas dos prados
Nam ha machos, & femeas conhecidas,
E junto hũa da outra permanece:
Nam eſtaõ carregados
Os ulmeiros das vides retorcidas,
Onde o cacho esforçado amadurece?
Nam vedes, que padece
Tanta triſteza a Rola pela morte
Da ſua amada, & unica conſorte?
Pois lâ no Olimpo a quantos cativou
Cupido, & maltratou;
Melhor, que eu, o dirà a ſutil donzela,
Que lá na ſua tella o dibuxou.
Ah caſo grande, & grave,
Ah peitos de diamante fabricados,

E das

E das leys absolutos naturais,
Aquelle amor suave,
Aquelle poder alto, que forçados
Os Deoses obedecem, desprezais?
Pois para que saibais,
Que contra o fero amor nunqua ouve escudo,
O seu costume he ter vingança em tudo;
Eu vos verei deitar em hum momento,
Suspiros mil ao vento,
Lagrimas tristes, pranto, nova dor,
Por quem tenha outro amor no pensamento.
  Mais quizera dizer
O desditoso amante, que ajudado
Se via entaõ da magoa, & da tristeza,
Mas foilho defender
O outro companheiro como irado,
Com tam disforme, & aspera dureza,
Aquillo, que a rudeza,
E a ciencia agreste lhe ensinára,
Imaginando, como que acordára
D'algum sonho, arrancando dalma hum grito;
O mais, que alli foi dito,
Vôs montes o direis, & vòs penedos,
Que em vossos arvoredos anda escrito.

Satyro segundo.

Nem vòs nascidas sois de gente humana,
Nem foi humano o leite, que mamastes,
Mas d'algũa disforme fera Hircana,
Lâ no Caucaso monte vos creastes:
Daqui tomastes a aspereza insana,

Daqui

Daqui o frio peito congelastes,
Sois Sphinges nos gèstos naturaìs,
Que o rosto sò de humanas amostrais.
Se vòs fostes criada na espessura,
Onde nam houve cousa que se achasse
Animal, erva, planta, ou pedra dura,
Que em seu tempo passado nam amasse;
Nem a quem a affeição suave, & pura,
Nessa presente fórma nam mudasse,
Porque nam deixareis tambem memoria
De vôs, em namorada, & longa historia?
Olhai como na Arcadia soterrando
O namorado Alfeo sua agoa clara,
Lâ na ardente Sicilia vai buscando
Por debaixo do mar a Ninfa cara;
Assi mesmo vereis passar nadando
Acis, que Galathea tanto amára,
Por onde do Ciclope a grande magoa,
Converteo do mancebo o sangue em agoa.
Virai os olhos, Ninfas, à Erycina
Espessura, vereis alli mudarse
Egeria, & em fonte clara, & cristalina,
Pela morte da Numa destilarse:
Olhai, que a triste Biblis vos ensina
Com perderse de todo, & transformarse
Em lagrimas, que emfim pudérão tanto,
Que acrescentârão sempre o verde manto.
E se entre as claras agoas ouve amores,
Os penedos tambem forão perdidos,
Olhai os dous conformes amadores,
Là no monte Ida em pedra convertidos:
Lethea por cahir em vãos errores,

De

De sua fermosura procedidos,
Oleno, porque a culpa em si tomava,
Por nam ver castigar, quem tanto amava.
Tomai exemplo, & vede em Cypro aquella
Por quem Ifis no laço posta vida,
Tambem vereis em pedra a Ninfa bella,
Cuja voz foi por Juno consumida,
E se queixar se quer de sua estrella,
A voz estrema sò lhe he concedida;
E tu tambem, ò Dafnis, que trouxeste
Primeiro ao monte o doce verso agreste.
Tamanho amor lhe tinha a branda amiga,
Que em inimiga emfim se foi tornando,
Que porque Ninfa estranha outra o sogiga,
Suas magicas ervas vai buscando;
Olhai a crùa dor a quanto obriga,
Que por vingar sua ira transformando
Se foi em pedra, ò dura confusaõ!
Despois lhe pesaria, mas em vaõ.
Olhai, Ninfas, as arvores alçadas,
A cuja sombra andais colhendo flores;
Como em seu tempo forão namoradas,
Que ainda agora o tronco sente as dores;
Vereis tambem, se fordes alembradas,
Como a cor das amoras he de amores,
O sangue dos amantes na verdura,
Testemunha de Tisbe a sepultura.
E là pela odorifera Sabèa,
Nam vedes, que de lagrimas daquella,
Que com seu pay se ajunta, & se recrea,
Arabia se enriquece, & vive della?
Vede mais a verde arvore Penca,

Que foi já noutro tempo Ninfa bella,
E Cyparisso angelico mancebo,
Ambos verdes com lagrimas de Febo.
Está o moço de Frigia delicado
No mais alto arvoredo convertido,
Que tantas vezes fere o vento irado,
Galardão de seus erros merecido:
Que da alta Berecinthia sendo amado,
Por hũa Ninfa baixa foi perdido,
E a Deosa, a quem perdeo do pensamento
Quiz, que tambem perdesse o entendimento.
O subito furor lhe afigurava,
Que o monte, as casas, & arvores cahião,
Já dos pudicos membros se privava,
Que a Deosa, & a furia grande o constrangião:
Já no indino monte se lançava,
De sua morte as feras se dohião:
Desta arte perdeo Athis na espessura,
Despois de tantas perdas a figura.
Lembrevos quando as gentes celebravão
Em Grecia as grandes festas de Lyèo,
Onde as fermosas Ninfas se juntavão,
E os sacros moradores de Lyceo:
Todos em doce sono se ocupavão
Pelo monte despois, que anoiteceo,
Mas o Deos do Helesponto nam dormia,
Que hum novo amor o sono lhe impedia.
Mas ella emfim os braços estendendo,
Em ramos se lhe forão transformando,
Em raizes os pês se vão torcendo,
E o nome de Lotho sò lhe vai ficando:
Vedes Napeas este caso horrendo,

Que vos está de longe ameaçando?
Que assi tambem daquella, a quem seguia,
O sacro Pam, a forma se perdia.
E que direis de Filis, que perdida
Da saudosa dor, em que vivia,
Aa desesperação emfim trazida
Do comprido esperar de dia em dia:
Por desatar do corpo a triste vida,
Atava ao colo a cinta, que trazia,
Mas o tronco sem folha pelo monte
Rhodope abraça o lento Demofonte.
Nas boninas tambem vereis Jacintho,
Por quem Febo de si se queixa em vaõ,
Vereis o monte Idalio em sangue tinto
Do neto de seu pay, da mãy irmam:
Chora Venus a dor do moço extinto,
Maldiz o Ceo, & a terra com razão,
A terra porque logo nam se abrio,
O ceo porque tal morte permitio.
E tu constante clycie, a quem falece
A fé de teus amores enganosos,
No louro amante, que de ti se esquece,
Se esquecem os teus olhos saudosos:
Nenhum alegre estado permanece,
Que saõ do mundo os gostos mentirosos,
E a tua clara luz, por quem suspiras,
Ainda agora em herva a folha viras.
Tragovos estas cousas à lembrança,
Porque se estranhe mais vossa crueza,
Com ver que a creação, & a longa usança
Vos nam perverte, & muda a natureza:
Dou as lagrimas minhas em fiança,

Que

Que em tudo quanto està na redondeza,
Cousa de amor izenta, se atentais,
Em quanto vos nam virdes nam vejais.
Jà dice, que de amor sempre tiverão
As cousas insensiveis pena, & gloria,
Vede as sensiveis como se perderaõ,
E dirvoshei das aves larga historia,
Que as penas, que em sua alma se sofrerão
Nas azas lhe ficàraõ por memoria,
E aquelle altivo, & leve movimento,
Lhe ficou do voar do pensamento.
O doce Roxinol, & a Andorinha,
De donde ellas se forão transformando,
Senam do puro amor, que o Tracio tinha
Que em poupa ainda a amada anda chamando?
Clama sem culpa a misera avezinha,
Que na praya de Fasis habitando,
Do rio toma o nome, & assi se vai
Chamando à mãy cruel, & injusto o pay.
Vede a quem engeitou Pallas por fallar,
Que dos amores he mayor deffeito,
E aquella, que sucede em seu lugar,
Ambas aves de amor usado effeito,
Hũa, porque fugia ao Deos do mar,
Outra, porque tentàra o patrio leito,
E Scylla, que a seu pay poz em perigo,
Sò por ser muito amiga do inimigo.
E Pico a quem ficàrão ainda as cores
Da purpura Real, que ter sohia,
E Esaco, que o seguir de seus amores,
O trouxe a ver tam cedo o estremo dia;
Ou vede os dous tam firmes amadores,

Que

Que amor aves tornou na praya fria,
Do Rey dos ventos era genro o triste,
Que Alcione na praya morto viste.
Estava a triste Alcione esperando
Com longos olhos o marido ausente,
Mas os irados ventos assoprando,
Nas agoas o afogarão tristemente:
Em sonhos se lhe està representando,
Que o coração presago nunqua mente,
Sò do bem as suspeitas mentirão,
Porque as do mal futuro certas são.
Ao pranto os olhos seus a triste ensaya,
Buscando o mar com elles hia, & vinha,
Quando o corpo sem alma achou na praya
Sem alma o corpo achou, que nalma tinha,
Oh Nereidas do Egeo consolaya,
Pois este triste officio vos convinha,
Consolaya, sahi das vossas agoas,
Se consolação ha em grandes magoàs.
Mas ò necio de mi, que estou fallando
Das avezinhas mansas, & amorosas,
Se tambem teve amor, poder, & mando
Entre as feras montèzes venenosas:
O Leão, & a Leoa, como, ou quando
Taes fòrmas alcançàrão temerosas?
Sabeo da Deosa Dindymene o templo,
E a que o deu a Adonis por exemplo.
Quem fosse a mansa vaca dilohia,
Mas o grão Nilo o diga, que a adora:
Que fòrma teve a Ursa saberſehia
Do Polo Boreal, onde ella mòra;
O caso de Acteon tambem diria

Em cervo transformado, & melhor foi,
Que dos olhos perdesse a vista pura,
Que escolher nos seus galgos sepultura.
Tudo isto Acteon vio na fonte clara;
Onde assy de improviso em cervo vio,
Que quem assi desta arte alli o topâra,
Que se mudasse em cervo permitio;
Mas como o triste amante em si notàra
A desusada fòrma se partio;
Os seus, que o nam conhecem, o vaõ chamando,
E estando alli presente o vaõ buscando.
Cos olhos, & co gèsto lhes fallava,
Que a voz humana jâ mudada tinha,
Qualquer delles por elle entaõ chamava,
E a multidão dos caẽs contra elle vinha;
Que viesse ver hum cervo lhe gritava,
Acteon aonde estàs? acude asinha,
Que tardar tanto he este? lhe dizia,
He este, he este o ecco respondia.
Quantas cousas em vaõ estou fallando,
(O esquivas Napeas) sem que veja
O peito de diamante hum pouco brando,
De quem meu dano tanto sô deseja:
Pois por mais que de mi me andeis tirando,
E por mais longa emfim, que a vida seja;
Nunqua em mi se verâ tamanha dor,
Que amor a nam converta em mais amor:
Aqui (ò Ninfas minhas) vos pintei,
Todo de amores hum jardim suave,
Das aves, pedras, agoas vos contei,
Sem me ficar bonina, fera, ou ave:
Se este amor que no peito aposentei,

Que

Que dos contentamentos tem a chave,
Por di[illegible]u tempo algum determinasse,
Que de tam longos annos vos pesasse;
Quanto mais devagar vos contaria,
De minha larga historia, & nam alhea,
E com quanta mais agoa regaria
De contente, que o rio, a branca arêa:
Novo contentamento me seria,
Formar de meu cuidado a nova idêa,
E vós gostando deste estado ufano,
Zombarieis então de vosso engano.
Mas com quem fallo, ou o que estou gritando,
Pois nam ha nos penedos sentimento?
Ao vento estou palavras espalhando,
A quem as digo, corre mais que o vento:
A voz, & a vida a dor me està tirando,
E nam me tira o tempo o pensamento,
Direi em fim as duras esquivanças,
Que só na morte tenho as esperanças,
Aqui o triste Satyro acabou,
Com soluços, que a alma lhe arrancavão,
E os montes insensiveis, que abalou,
Nas ultimas repostas o ajudavão:
Quando Febo nas agoas se encerrou,
Cos animaes, que o mundo alumiavão,
E co luzente gado appareceo,
A celeste pastora pelo Ceo.

ECLOGA VIII.

Piscatoria.

ARde, por Galathea branca, & loura,
Sereno pescador, pobre forçado,
D'hũa estrella, que quer á mingoa moura,
Os outros pescadores tem lançado.
No Tejo as redes, elle sò fazia
Este queixume ao vento descuidado.
Quando virá, ô Ninfa bella, o dia
Em que te possa dar a conta estreita
Desta doudice triste, & van porfia?
Nam vès, que me foge alma, & que me engeita;
Buscando num sò riso da tua boca,
Nos teus olhos azuis mansa colheita?
Se neste espirito algũa magoa toca,
Se d'amor fica nelle hũa pègada,
Que te vai Galathea nesta troca?
Dartehei minha alma, lâ ma tês roubada
Nam ta demandarei, dame por ella
Hũa só volta de olhos descuidada.
Se muito te parece, & minha estrella,
Nam consentir ventura tam ditosa,
Doute as azas do amor perdidas nella:
Que mais te posso dar, Ninfa fermosa,
Inda que o mar de aljofar me cubrira
Toda esta praya lêda, & graciosa?
Calão as ondas, quebra o vento a ira,
Minha tormenta triste nam sossega,
O peito arde em vaõ, em vaõ suspira.

Ao

Ao romper da alva anda à nevoa cega,
Sobre os montes da Arrabida viçosos,
Em quanto a elles a luz do Sol nam chega.
Eu vejo aparecèr outros fermosos
Rayos, que a graça, & cor ao Ceo roubàraõ,
Ficão meus olhos cegos mais saudosos.
Quantas vezes as ondas se encrespâraõ
Com meus suspiros, quantas com meu pranto,
Se paràraõ com magoa, & me escutàraõ?
Se na força da dor a voz levanto,
E ao som do remo, que a agoa vai ferindo,
Perante a Lùa meu cuidado canto;
Os maviosos delfins me estão ouvindo,
A noite sossegada, o mar calado,
Sò Galathea foges, & vas rindo.
Estranhas por ventura o mar cercado
Da fraca rede, a barca ao vento solta,
E hum pobre pescador aqui lançado?
Antes que dè no Ceo o Sol hũa volta,
Se pòde melhorar minha ventura:
Como acontece aos outros n'agoa envolta.
Igual preço nam he da fermosura,
A arêa de ouro, que do Tejo espraya,
Mas hum amor, que para sempre dura.
Vejão teus olhos, bella Ninfa, a praya,
Veràs teu nome na mimosa arêa,
Nunqua sobre elle o mar com furia saya.
Vento, ou àr, atègora o nam saltèa,
Tres dias ha, que escrito aqui o deixou
Amor, guardandoo a toda força alhea.
Elle com suas mãos mesmo ajudou,
Escolher estas conchas, que guardando

Para ti hũa, & hũa, só ajuntou.
Hum ramo te colhi de coral brando,
Antes que o ar lhe desse, parecia,
O que de tua boca estou cuidando,
Ditoso se o soubesse inda algum dia.

REDONDILHAS.

SObolos rios, que vaõ
Por Babylonia me achei
Onde sentado chorei
As lembranças de Syão,
E quanto nella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foi manado,
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Syão ao tempo passado.
Alli lembranças contentes,
N'alma se representàraõ,
E minhas cousas ausentes,
Se fizerão tam presentes,
Como se nunqua passàraõ.
Alli despois de acordado,
Co rosto banhado em agoa,
Deste sonho imaginando,
Vi que todo o bem passado,
Nam he gosto, mas he magoa.
E vi, que todos os danos
Se causavão das mudanças,

E as mudanças dos annos,
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo ás esperanças.
Alli vi o mayor bem,
Quaõ pouco espaço, que dura,
O mal quaõ depressa vem,
E quaõ triste estado tem,
Quem se fia da ventura.
Vi aquillo, que mais val,
Que entaõ se entende melhor,
Quando mais perdido for;
Vi o bem suceder mal,
E o mal muito peor.
E vi com muito trabalho,
Comprar arrependimento:
Vi nenhum contentamento,
E vejome a mi, que espalho
Tristes palavras ao vento.
Bem saõ rios estas agoas,
Com que banho este papel,
Bem parece ser cruel,
Variedade de magoas,
E confusaõ de Babel,
Como homem, que por exemplo
Dos trances, em que se achou,
Despois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou:
Assi despois que assentei,
Que tudo o tempo gastava
Da tristeza, que tomei,
Nos salgueiros pendurei

Os orgãos, com que cantava.
Aquelle instrumento lèdo,
Deixei da vida passada,
Dizendo, musica amada,
Deixovos neste arvoredo
Aa memoria consagrada.
Frauta minha, que tangendo
Os montes fazieis vir,
Para onde estaveis, correndo,
E as agoas, que hião decendo,
Tornavão logo a subir;
Já mais vos nam ouviráõ
Os tigres, que se amansavão,
E as ovelhas, que pastavão
Das ervas se fartarâõ,
Que por vos ouvir deixavão.
Já nam fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos,
Na ribeira florecente,
Nem poreis freo â corrente,
E mais se for dos meus olhos.
Nam movereis a espessura,
Nem podereis jà trazer
Atraz vós a fonte pura,
Pois nam pudestes mover
Desconcertos da ventura.
Ficareis offerecida
Aa Fama, que sempre vella,
Frauta de mim tam querida,
Porque mudandose a vida,
Se mudaõ os gostos della,
Acha a tenra mocidade
Praze-

Prazeres acomodados,
E logo a mayor idade
Jà sente por pouquidade
Aquelles gostos passados.
Hum gosto, que hoje se alcança,
Aa menhan já o nam vejo,
Assi nos traz a mudança
De esperança em esperança,
E de desejo em desejo,
Mas em vida tam escassa,
Que esperança serà forte?
Fraqueza de humana sorte,
Que quanto da vida passa,
Està recitando a morte,
Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade,
Nam cuide a gente futura,
Que serà obra da idade,
O que he força da ventura.
Que a idade, tempo, & espanto
De ver quaõ ligeiro passe,
Nunqua em mi puderaõ tanto,
Que posto que deixo o canto,
A causa delle deixasse.
Mas em tristezas, & nojos,
Em gosto, & contentamento,
Por Sol, por neve, por vento,
Teràm presente a los ojos,
Por quien muero tan contento,
Orgãos, & frauta deixava,
Despojo meu tam querido,
No salgueiro, que alli estava,

Que

Que para trofeo ficava,
De quem me tinha vencido.
 Mas lembranças da affeição,
Que alli cativo me tinha,
Me perguntàraõ então,
Que era da musica minha,
Que eu cantava em Syão:
Que foi daquelle cantar,
Das gentes tam celebrado,
Porque o deixava de usar,
Pois sempre ajuda a passar,
Qualquer trabalho passado?
 Canta o caminhante lèdo,
No caminho trabalhoso,
Por entre o espesso arvoredo,
E de noite temeroso
Cantando refrea o medo.
Canta o prezo docemente,
Os duros grilhoẽs tocando,
Canta o segador contente,
E o trabalhador cantando,
O trabalho menos sente.
 Eu que estas cousas senti
N'alma de magoas tam chea,
Como dirà, respondi,
Quem tam alheo está de sy,
Doce canto em terra alhea?
Como poderá cantar,
Quem em choro banha o peito?
Porque se quem trabalhar,
Canta por menos cansar,
Eu sô descansos engeito.

Que nam parece razão,
Nem ſeria couſa idonia,
Por abrandar a paixão,
Que cantaſſe em Babylonia
As cantigas de Syão.
Que quando a muita graveza
De ſaudade quebrante
Eſta vital fortaleza,
Antes morra de triſteza,
Que por abrandala cante.
Que ſe o fino penſamento,
Sò na triſteza conſiſte,
Nam tenho medo ao tormento,
Que morrer de puro triſte,
Que mayor contentamento?
Nem na frauta cantarei,
O que paſſo, & paſſei jà,
Nem menos o eſcreverei,
Porque a pena cauſarâ,
E eu nam deſcanſarei.
Que ſe vida tam pequena,
Se acrecenta em terra eſtranha,
E ſe amor aſſi o ordena,
Razão he que canſe a pena,
De eſcrever pena tamanha:
Porém ſe para aſſentar,
O que ſente o coração,
A pena jà me canſar,
Nam canſe para voar
A memoria em Syaõ.
Terra bemaventurada,
Se por algum movimento

Da alma me fores,
Minha pena ſeja dada,
A perpetuo eſquecimento,
A pena deſte deſterro,
Que eu mais deſejo eſculpida,
Em pedra, ou em duro ferro,
Eſſa nunqua ſeja ouvida,
Em caſtigo de meu erro.
E ſe eu cantar quizer,
Em Babylonia ſugeito,
Hieruſalem ſem te ver,
A voz quando a mover
Se me congele no peito:
A minha lingua ſe apegue
Aas ſauces pois te perdi,
Se em quanto viver aſſi
Houver tempo, em que te negue,
Ou que me eſqueça de ti.
Mas ó tu terra de gloria,
Se eu nunqua vi tua eſſencia,
Como me lembras na auſencia,
Nam me lembras na memoria,
Senam na reminiſcencia:
Que a alma he taboa raza,
Que com a eſcrita doutrina
Celeſte, tanto imagina,
Que vóa da propria caſa,
E ſobe â patria divina.
Nam he logo a ſaudade
Das terras, onde naceo,
A carne, mas he do Ceo,
Daquella ſanta Cidade,

Donde esta alma descendeo:
E aquella humana figura,
Que cà me pode alterar,
Nam he, quem se ha de buscar,
He rayo da fermosura,
Que sô se deve de amar.
 Que os olhos, & a luz, que atea
O fogo, que cà sugeita,
Nam do Sol, mas da candèa,
He sombra daquella idêa,
Que em Deos está mais perfeita:
E os que cá me cativârão,
Saõ poderosos affeitos,
Que os coraçoẽs tem sugeitos,
Sofistas, que me ensinárão
Maos caminhos por direitos.
 Destes o mando tyrano,
Me obriga com desatino,
A cantar ao som do dano,
Cantares de amor profano,
Por versos de amor divino:
Mas eu lustrado co santo
Rayo na terra de dor,
De confusoẽs, & de espanto,
Como hei de cantar o canto,
Que só se deve ao Senhor?
 Tanto pòde o beneficio
Da graça, que dá saude,
Que ordena, que a vida mude,
E o que eu tomei por vicio,
Me faz grao para a virtude,
E faz, que este natural

Amor, que tanto se preza,
Suba da sombra ao real,
Da particular belleza,
Para a belleza gèral.
Fique logo pendurada
A frauta, com que tangi,
Oh Hierusalem sagrada,
E tome a lyra dourada,
Para sò cantar de ti,
Nam cativo, & ferrolhado
Na Babylonia infernal,
Mas dos vicios desatado,
E cà desta a ti levado,
Patria minha natural.
E se eu mais dêra a cerviz
A mundanos accidentes,
Duros, tyranos, & urgentes,
Risquese quanto jà fiz
Do graõ livro dos viventes,
E tomando já na maõ
A lyra santa, & capaz
Doutra mais alta invenção,
Calese esta confusaõ,
Cantese a visaõ de paz.
Ouçame o pastor, & o Rey,
Retumbe este acento santo,
Movase no mundo espanto,
Que do que já mal cantei,
A Palinodia já canto.
A vós sò me quero ir,
Senhor, & graõ Capitão
Da alta torre de Syaõ,

Aa qual nam posso subir,
Se me vôs nam dais a mão.
  No graõ dia singular,
Que na lyra o douto som,
Hierusalem celebrar,
Lembraivos de castigar
Os ruins filhos de Edom.
Aquelles, que tintos vão
No pobre sangue innocente,
Soberbos co poder vaõ,
Arrazalos igualmente,
Conheção, que humanos saõ.
  E aquelle poder tam duro
Dos affeitos, com que venho,
Que encendem alma, & engenho,
Que jà me entràraõ o muro
Do livre arbitrio, que tenho;
Estes, que tam furiosos
Gritando vem a escalarme,
Maos espiritos danosos,
Que querem como forçosos,
Do alicerse derribarme.
  Derribayos, fiquem sôs,
De forças fracos, imbelles,
Porque nam podemos nós,
Nem com elles ir a vòs,
Nem sem vòs tirarnos delles:
Nam basta minha fraqueza,
Para me dar defensaõ,
Se vós sauto Capitão,
Nesta minha fortaleza,
Nam puzerdes guarnição.

E tu ò carne, que encantas,
Filha de Babel tam fea,
Toda de miseria chea,
Que mil vezes te levantas,
Contra quem te senhorea:
Beato sò pòde ser,
Quem com a ajuda celeste,
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal, que lhe tu fizeste.
Quem com disciplina crua
Se fere mais, que hũa vez,
Cuja alma de vicios nua,
Faz nodas na carne sua,
Que jà a carne nalma fez.
E beato quem tomar
Seus pensamentos rezentes,
E em nascendo os afogar,
Por nam virem a parar
Em vicios graves, & urgentes.
Quem com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer
Na pedra, que veo a ser.
Emfim cabeça do canto:
Quem logo quando imagina
Nos vicios da carne má,
Os pensamentos declina,
A aquella carne divina,
Que na Cruz esteve jà.
Quem do vil contentamento
Cà deste mundo visivel,

Quan-

Quanto ao homem for possivel,
Passar logo o entendimento
Para o mundo intelligivel:
Alli achará alegria
Em tudo perfeita, & chea
De tam suave armonìa,
Que nem por pouca recrêa,
Nem por sobeja enfastia.
Alli verâ tam profundo
Misterio na summa alteza;
Que, vencida a natureza,
Os mòres faustos do mundo
Julgue por mayor baixeza:
Oh tu divino aposento,
Minha patria singular,
Se sò com te imaginar,
Tanto sobe o entendimento
Que farâ se em ti se achar?
Ditoso quem se partir
Para ti, terra excellente,
Tam justo, & tam penitente,
Que despois de a ti subir
Là descanse eternamente.

CARTA

A hũa dama.

QUerendo eſcrever hum dia
O mal, que tanto eſtimei,
Cuidando, no que poria,
Vi Amor, que me dizia,
Eſcreve, que eu notarei.
E como para ſe ler
Nam era hiſtoria pequena,
A que de mi quiz fazer,
Das azas tirou a pena,
Com que me fez eſcrever.
E logo como a tirou,
Me diſſe, aviva os eſpritos,
Que pois em teu favor ſou,
Eſta pena, que te dou,
Farà voar teus eſcritos.
E dandome a padecer
Tudo, o que quiz, que puzeſſe,
Pude emfim delle dizer,
Que me deo com que eſcreveſſe,
O que me deo a eſcrever.
Eu, que eſte engano entendi,
Diſſelhe, que eſcreverei?
Reſpondeo, dizendo aſſi:
Altos effeitos de ti,
E daquella a quem te dei.
E jà que te manifeſto

Todas

To das minhas eſtranhezas,
Eſcreve, pois que te prezas.
Milagres de hum claro gêſto,
E de quem o vio triſtezas.
Ah ſenhora, em quem ſe apura
A fê de meu penſamento,
Eſcutai, & eſtai atento,
Que com voſſa fermoſura,
Iguala amor meu tormento;
E poſto que tam remota
Eſtejais de me eſcutar,
Por me nam remediar,
Ouvi, que pois Amor nota,
Milagres ſaõ de notar.
Eſcrevem varios authores,
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flores,
Que nacem naquelle monte,
Se os ſentidos pòdem dar
Mantimento ao viver,
Nam he logo de eſpantar,
Se eſtes vivem de cheirar,
Que viva eu ſô de vos ver.
Hũa arvore ſe conhece,
Que na gèral alegria,
Ella tanto ſe entriſtece,
Que como he noite florece,
E perde as flores de dia.
Eu que em ver vos ſinto o preço,
Que em voſſa viſta conſiſte,
Em a vendo me entriſteço,

Pórque sei, que nam mereço
A gloria de verme triste.
Hum Rey de grande poder,
Com veneno foi creado,
Porque sendo costumado,
Nam lhe pudesse empecer,
Se despois lhe fosse dado.
Eu, que criei de pequena
A vista a quanto padece,
Desta sorte me acontece,
Que nam me faz mal a pena,
Senam quando me fallece.
Quem da doença Real,
De longe enfermo se sente,
Por segredo natural,
Fica saõ vendo sômente
Hum volatil animal.
Do mal, que Amor em mi cria,
Quando aquella Fenix vejo,
Saõ de todo ficaria,
Mas ficame hydropesia,
Que quanto mais, mais desejo.
Da bibora he verdadeiro,
Se a consorte vai buscar,
Que em se querendo juntar,
Deixa a peçonha primeiro,
Porque lhe impede o gèrar:
Assi quando me apresento
A vossa vista inhumana,
A peçonha do tormento
Deixo a parte, porque dana
Tamanho contentamento,

Querendo amor sustentarse,
Fez hũa vontade esquiva,
De hũa estatua namorarse,
Despois por manifestarse,
Converteoa em mulher viva,
De quem me irei queixando,
Ou quem direi, que me engana,
Se vou siguindo, & buscando
Hũa imagem, que de humana,
Em pedra se vai tornando?

De hũa fonte se sabia,
Da qual certo se provava,
Que quem sobre ella jurava,
Se falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava.
Vòs que minha liberdade,
Senhora tyranizais,
Injustamente mandais,
Quando vos fallo verdade,
Que vos nam possa ver mais.

Da palma se escreve, & canta
Ser tam dura, & tam forçosa,
Que peso nam a quebranta,
Mas antes de presunçosa,
Com elle mais se levanta.
Co pezo do mal, que dais,
A constancia, que em mi vejo,
Nam sómente ma dobrais,
Mas dobrase meu desejo,
Com que então vos quero mais.

Se alguem os olhos quizer
As andorinhas quebrar,

Logo a mãy, sem se deter,
Hũa erva lhe vai buscar,
Que lhes faz outros nacer,
Eu que os olhos tenho atento
Nos vossos, que estrellas saõ,
Cegaõse os do entendimento,
Mas nacemme os da razão,
De folgar com meu tormento.
  Là para onde o Sol sae,
Descubrimos navegando
Hum novo rio admirando,
Que o lenho, que nelle cae,
Em pedra se vai tornando.
Nam se espantem disto as gentes:
Mais razão serà, que espante
Hum coração tam possante,
Que com lagrimas ardentes,
Se converte em diamante.
  Pôde hum mudo nadador
Na linha, & cana influir
Tam venenoso vigor,
Que faz mais nam se bulir
O braço do pescador.
Se começão de beber
Deste veneno excellente,
Meus olhos sem se deter,
Nam se sabem mais mover
A nada, que se apresente.
  Isto saõ claros sinais
Do muito, que em mi podeis:
Nem podeis desejar mais,
Que se vervos desejais,

Em

Em mi claro vos vereis,
E querereis ver,a que fim,
Em mi tanto bem se pos,
Porque quiz amor assim;
Que por vos verdes a vòs,
Tambem me visseis a mim.
Dos males,que me ordenais,
Que inda tenho por pequenos,
Sabei se mos escutais,
Que jà nam sei dizer mais,
Nem vòs podeis saber menos,
Mas jà que a tanto tormento,
Nam se acha,quem resista,
Eu senhora,me contento,
De terdes meu sofrimento,
Por alvo de vossa vista.
Quantos contrarios consente
Amor por mais padecer,
Que aquella vista excellente,
Que me faz viver contente,
Me faça tam triste ser.
Mas dou este entendimento
Ao mal,que tanto me offende,
Como na vella se entende,
Que se se apaga co vento,
Co mesmo vento se acende.
Experimentouse algum hora,
D'ave,que chamão Camaõ,
Que se da casa,onde móra,
Vê adultera a senhora,
Morre de pura paixão.
A dor he tam sem medida,

Que remedio lhe nam val;
Mas ó ditoso animal,
Que póde perder a vida,
Quando vè tamanho mal!
Nos gostos de vos querer,
Estava agora enlevado,
Senam fora salteado
Das lembranças de temer,
Ser por outrem desamado.
Estas suspeitas tam frias,
Com que o pensamento sonha,
Saõ assi como as Harpias,
Que as mais doces iguarias
Vaõ converter em peçonha.
Fazme este mal infinito,
Nam poder já mais dizer,
Por nam vir a corromper
Os gostos, que tenho escrito,
Cos males que hei de escrever.
Nam quero, que se apregoe
Mal tanto para encubrir,
Porque em quanto aqui se ouvir,
Nenhũa outra cousa soe,
Que a gloria de vos servir.

Outras.

Dama de estranho primor,
Se vos for
Pesada minha firmeza,
Olhai nam me deis tristeza,
Porque a converto em amor,
E se cuidais,

De

De me matar, quando usais,
De esquivança,
Irei tomar por vingança
Amarvos cada vez mais.
 Porêm vosso pensamento
Como izento,
Seguirá sua tenção,
Crendo, que em tanta affeição
Nam aja acrecentamento.
Nam creais,
Que desta arte vos façais
Invencivel,
Que amor sobre o impossivel
Amostra, que pòde mais.
 Mas jà da tenção, que sigo,
Me desdigo,
Que se ha tanto poder nelle,
Tambem vòs podeis mais que elle
Neste mal, que usais comigo.
Mas se for
O vosso poder mayor,
Antre nôs,
Quem poderà mais que vós,
Se vòs podeis mais que Amor?
 Despois que dama vos vi,
Entendi,
Que perdera Amor seu preço,
Pois o favor, que lhe eu peço,
Vos pede elle para si.
Nem duvido,
Que nam póde de sentido
Resistir,

Pois em vez de vos ferir,
Ficou de vos ver ferido,
Mas pois vossa vista he tal,
Em meu mal,
Que posso de vòs querer?
Que mal poderei valer,
Onde o mesmo Amor nam val.
Se atentar,
Nenhum bem posso esperar,
E oxalá,
Que vos alembrasse já,
Se quer para me matar.
Mas nem com isto creais,
Que façais
Meus serviços mais pequenos;
Porque eu quando espero menos,
Sabei, que entam quero mais,
Nada espero,
Mas de mi crede este fero,
Que em ser vosso,
Vos quero tudo, o que posso,
E nam posso quanto quero.
Sò por esta fantasia
Merecia
De meus males algum fruyto,
E nam era certo muito
Para o muito, que queria.
De maneira,
Que nam he na derradeira
Grande espanto,
Que quem, dama, vos quer tanto,
Que outro tanto de vòs queira.

A būas suspeitas.

Suspeitas, que me quereis,
Que eu vos quero dar lugar,
Que de certas me mateis,
Se a causa, de que naceis,
Vos quizesse confessar.
Que de nam lhe achar disculpa,
A grande magoa passada,
Me tem a alma tam cansada,
Que se me confessa a culpa,
Telahei por desculpada.
Ora vede, que perigos
Tem cercado o coração,
Que no meyo da opressaõ,
A seus proprios inimigos
Vai pedir a defensaõ.
Que suspeitas eu bem sei,
Como se claro vos visse,
Que he certo, o que já cuidei,
Que nunqua mal suspeitei,
Que certo me nam sahisse.
Mas queria esta certeza
Daquella, que me atormenta,
Porque em tamanha estreiteza,
Ver que disso se contenta,
He descanso da tristeza.
Porque se esta sò verdade
Me confessa limpa, & nua,
De cautela, & falsidade,
Nam póde a minha vontade

Disconforme ser da sua.
Por segredo namorado
He certo estar conhecido,
Que o mal de ser engeitado,
Mais atormenta sabido,
Mil vezes, que suspeitado.
Mas eu sò, em quem se ordena
Novo modo de querella,
De modo da dor pequena,
Venho a achar na mayor pena
O refrigerio para ella.
Jà nas iras me inflamei,
Nas vinganças, nos furores,
Que já doudo imaginei,
E já mais doudo jurei
De arrancar d'alma os amores,
Jà determinei mudarme
Para outra parte com ira,
Despois vim a concertarme,
Que era bom certificarme
No que mostrava a mentira.
Mas despois já de cansadas
As furias do imaginar,
Vinha em fim a rebentar
Em lagrimas magoadas,
E bem para magoar.
E deixandose vencer
Os meus fingidos enganos,
De tam claros desenganos,
Nam posso menos fazer,
Que contentarme cos danos.
E pedir, que me tirassem,
Este

Este mal de suspeitar,
Que me vejo atormentar,
Inda que me confessassem,
Quanto me pòde matar.
Olhai bem se me trazeis,
Senhora, posto no fim,
Pois neste estado, a que vim,
Para que vós confesseis,
Se daõ os tratos a mim,
Mas para que tudo possa
Amor, que tudo encaminha,
Tal justiça lhe convinha,
Porque da culpa, que he vossa
Venha a ser a morte minha.
Justiça tam mal olhada,
Olhai, com que cor se doura,
Que quero ao fim da jornada,
Que vòs sejais confessada,
Para que eu seja, o que moura,
Pois confessarvos jâ agora,
Inda que tenho temor,
Que nem nesta ultima hora
Me ha de perdoar Amor,
Vossos pecados, senhora.
E assi vou desesperado,
Porque estes saõ os costumes
D'amor, que he mal empregado,
Do qual vou já condenado
Ao inferno de ciumes.

Laberinto queixandose do mundo.

Corre sem vella, & sem leme

O tempo desordenado,
De hum grande vento levado,
O que perigo nam teme,
He de pouco exprimentado.
As redeas trazem na mão,
Os que redeas nam tiverão,
Vendo quanto mal fizerão
A cobiça, & ambição,
Disfraçados se acolhèraõ,
A nao, que se vai perder,
Destrue mil esperanças,
Vejo o mao, que vem a ter,
Vejo perigos correr,
Quem nam cuida, que ha mudanças.
Os que nunqua em sella andáraõ,
Na sella pòstos se vem,
De fazer mal nam deixáraõ,
De demonio habito tem,
Os que o justo profanáraõ:
Que poderá vir a ser
O mal nunqua refreado?
Anda, por certo, enganado
Aquelle, que quer valer,
Levando o caminho errado.
He para os bõs confusaõ,
Ver que os maos prevalecèraõ,
Que posto se detiveraõ
Com esta simulação,
Sempre castigos tivéraõ.
Nam porque governe o leme
Em mar envolto, & turbado,
Que tem seu rumo mudado,

Se

Se perece grita,& geme
Em tempo desordenado,
Terem justo galardão,
E dor dos que merecerão,
Sempre castigos tivêraõ.
Sem nenhũa redempção,
Posto que se detivêraõ.
Na tormenta se vier
Desespere na bonança,
Quem manhas nam sabe ter,
Sem que lhe valha gemer,
Verà falsar a balança.
Os que nunqua trabálhâraõ,
Tendo o que lhe nam convem.
Se ao innocente enganâraõ,
Perdèraõ o eterno bem,
Se do mal nam se apartàraõ.

Convite que fez na India a certos fidalgos.

A primeira iguaria foi posta a Vasco de Ataide, & dizia.

Senam quereis padecer,
Hũa,ou duas horas tristes,
Sabeis que haveis de fazer?
Bolveros por do venistes,
Que aqui nam ha que comer.

E po-

E posto que aqui leais,
Trovinha, que vos enlea,
Corrido nam estejais,
Porque por mais, que corrais,
Nam eis de alcançar a cea.

A segunda a D. Francisco d'Almeida.

Heliogabalo zombava
Das pessoas convidadas,
E de sorte as enganava,
Que as iguarias, que dava,
Vinhaõ nos pratos pintadas;
Nam temais tal travessura,
Pois já nam pòde ser nova,
Porque a cea està segura
De vos nam vir em pintura,
Mas ha de vir toda em trova.

A terceira a Eytor da Silveira.

Cea, nam a papareis,
Com tudo, porque nam minta,
Para beber achareis,
Nam Caparica, mas tinta,
E mil cousas, que papeis.
E vòs torceis o focinho
Com esta amfibologia?
Pois sabei, que a poesia
Vos dà aqui tinta por vinho,
E papeis por iguaria.

A quar-

A quarta a Ioaõ Lopes Leitaõ, a quem o Autor fez hum mote, que vai adiante, sobre hũa peça de cacha, que deo a hũa dama.

Porque os que vos convidàraõ,
Vosso estamago nam danem,
Por justa causa ordenàraõ,
Se trovas vos enganàraõ,
Que trovas vos desenganem.
Vòs tereis isto por tacha,
Converter tudo em trovar,
Pois se me virdes zombar,
Nam cuideis, senhor, que he cacha,
Que aqui nam ha que cachar.

Responde Ioaõ Lopes.

Pesar ora nam de sam,
Eu juro pelo Ceo bento,
Se de de comer nam me daõ,
Que eu nam sou Cameleão,
Que me hei de manter no vento?

Responde o Autor.

Senhor, nam vos agasteis,
Porque Deos vos proverà,
E se mais saber quereis,
Nas côstas deste lereis,
As iguarias, que ha.

Vira o papel, que dizia assi.

Tendes nem migalha assada,
Cousa nenhũa de molho,
E nada feito em empada,
E vento de tigelada,
Picar no dente em remolho:
De fumo tendes tassalhos,
Ave da pena, que sente
Quem de fome anda doente,
Bocejar de vinho, & dalhos,
Manjar em branco excellente.

A derradeira a Francisco de Mello.

De hum homem, que teve o cetro
Da vea maravilhosa,
Nam foi cousa duvidosa,
Que se lhe tornava em metro,
O que hia a dizer em prosa.
De mi vos quero affirmar,
Que faça cousas mais novas,
De quanto podeis cuidar,
E esta cea, que he manjar,
Vos faça na boca em trovas.

Na India ao Visorrey, com o mote adiante.

Conde, cujo illustre peito
Merece nome de Rey,
Do qual muito certo sei,

Que

Que lhe fica sendo estreito
O cargo de Visorrey.
Servirdesvos de ocuparme
Tanto contra meu planeta;
Nam foi senam azas darme,
Com as quaes vou a queimarme,
Como o faz a borboleta.
E se eu a pena tomar,
Que tam mal cortada tenho,
Serà para celebrar
Vosso valor singular,
Dino de mais alto engenho.
Que se o meu vos celebrasse
Necessario me seria,
Que os olhos d'Aguia tomasse,
Sò para que nam cegasse
No sol de vossa valia.
Vossos feitos sublimados,
Nas armas dignos de gloria,
Saõ no mundo tam soados,
Que em vòs de vossos passados,
Se resuscita a memoria.
Pois aquelle animo estranho,
Pronto para todo effeito,
Espanta todo o conceito,
Como coração tamanho
Vos póde caber no peito?
A clemencia, que asserena
Coração tam singular,
Se eu nisso puzesse a pena,
Seria encerrar o mar
Em cova muito pequena.

Bem basta, senhor, que agora
Vos sirvais de me ocupar,
Que assi fareis aparar
A pena, com que algum hora,
Vós vereis ao Ceo voar.
Assi vos irei louvando,
Vós a mi do chaõ erguendo,
Ambos o mundo espantando,
Vòs com a espada cortando,
Eu com a pena escrevendo.

Mote, que lhe mandou o Visorrey, para lhe fazer hũas Voltas.

Muito sou meu inimigo,
Pois que nam tiro de mi
Cuidados, com que naci,
Que poem a vida em perigo,
Oxalà, que fora assi.

O Autor.

Viver eu sendo mortal
De cuidados rodeado,
Parece meu natural,
Que a peçonha nam faz mal
A quem foi nella criado.
Tanto sou meu inimigo,
Que por nam tirar de mi
Cuidados com que naci,
Porei a vida em perigo,
Oxalá que fora assi.

Tanto

Tanto vim a acrecentar
Cuidados, que nunqua amansaõ,
Em quanto a vida durar,
Que canso já de cuidar,
Como cuidados nam cansaõ.
Se estes cuidados, que digo,
Dêssem fim a mi, & a si,
Fariaõ pazes comigo,
Que pòr a vida em perigo,
O bom fora para mi.

A hũa dama, que lhe mandou pedir algũas obras suas.

Senhora, se eu alcançasse
No tempo, que ler quereis,
Que a dita dos meus papeis,
Pola minha se trocasse,
E por ver
Tudo o que posso escrever,
Em mais breve relação,
Indo eu aonde elles vaõ,
Por mi sò quizesseis ler.
Despois de ver hum cuidado
Tam contente de seu mal,
Verieis o natural,
Do que aqui vedes pintado,
Que o perfeito
Amor, de que sou sugeito,
Vereis aspero, & cruel,
Aqui com tinta, & papel,
Em mi com sangue no peito.

Que hum continuo imaginar
Naquillo, que Amor ordena,
He pena, que emfim por pena
Senam pòde declarar;
Que se eu levo
Dentro n'alma quanto devo
De tresladar em papeis,
Vede, que melhor lereis,
Se a mi, se aquillo que escrevo?

A hũa senhora, a quem derão hum pedaço de sitim amarello.

Se derivais da verdade
Esta palavra, *Sitim*,
Achareis sem falsidade,
Que apos o si, tem o tim,
Que tine em toda a cidade.
Bem vejo, que me entendeis,
Mas porque nam falle em vão,
Sabei, que a esta nação,
Tanto que o si concedeis,
O tim logo està na mão.
E quem da Fama se arreda,
Que tudo vai descubrir,
Deve sempre de fugir
De sitins, porque da seda
Seu natural he rugir.
Mas pano fino, & delgado,
Qual a raxa, & outros assi,
Dura, aquenta, & he callado,
Amoroso, & dá de si,

Mais

Mais que sitim, nem brocado.
Mas estes, que sedas saõ,
Com quem se enganaõ mil damas,
Mais vos tomão, do que dão,
Prometem, mas nam daràõ,
Senam nodas para as Famas.
E se nam me quereis crer,
Ou tomais outro caminho,
Por exemplo o podeis ver,
Quando lá virdes arder
A casa d'algum vizinho.
Oh feminina simpreza,
Donde estaõ culpas a pares,
Que por hum dom de nobreza,
Deixão doẽs da natureza,
Mais altos, & singulares:
Hum dom, que anda enxertado
No nome, & nas obras nam,
Fallo como exprimentado,
Que sitim desta feição,
Eu tenho muito cortado.
Dizemme, que era amarelo,
E quem assi o quiz dar,
Só para me Deos vingar,
Se vem à maõ amarelo,
O que eu nam posso cuidar,
Porque quem sabe viver
Por estas artes manhosas,
Isto bem póde nam ser,
Dá a mininas fermosas,
Sòmente polas fazer.
Quem vos isto diz, senhora,

Servio nas vossas armadas
Muito, mas anda já fóra,
E póde ser que inda agora
Tras abertas as frèchadas,
E posto que disfavores
O tirão de servidor,
Quervos ventura melhor,
Que dos antigos amores,
Inda lhe fiça este amor.

A hũa senhora rezando por hũas contas.

Peçovos, que me digais,
As oraçoẽs, que rezastes,
Se saõ pelos, que matastes,
Se por vós, que assi matais?
Se saõ por vós, saõ perdidas,
Que qual será a oração,
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?
Que se vedes quantos vem
A só vida vos pedir,
Como vos ha Deos de ouvir,
Se vós nam ouvis ninguem?
Nam podeis ser perdoada
Com mãos a matar tam prontas,
Que se numa trazeis contas,
Na outra trazeis espada.
Se dizeis, que encomendando
Os que matastes andais,
Se rezais, por quem matais,
Para que matais rezando?

Que

Que se hũa força do orar
Levantais as mãos aos Ceos,
Nam as ergueis para Deos,
Ergueilas para matar,
E quando os olhos cerrais,
Toda enlevada na fè,
Cerrãose os de quem vos vê,
Para nunqua verem mais.
Pois se assi forem tratados
Os que vos vem quando orais,
Essas horas, que rezais,
São as horas dos finados.
Pois logo se sois servida,
Que tantos mortos nam sejão,
Nam rezeis onde vos vejão,
Ou vede para dar vida.
Ou se quereis escusar
Estes males, que causastes,
Resucitai, quem matastes,
Nam tereis, por quem rezar.

A hũa dama, que lhe deo hũa pena.

Se n'alma, & no pensamento
Por vosso me manifesto,
Nam me pesa do que sento,
Que senam sofrer tormento,
Faço offensa a vosso gesto.
E pois quanto Amor ordena,
E quanto esta alma deseja,
Tudo à morte me condena,
Nam quero senam que seja
Tudo pena, pena, pena.

A hũa dama, que lhe chamou cara sem olhos.

Sem olhos vi o mal claro,
Que dos olhos se seguio:
Pois cara sem olhos vio
Olhos, que lhe custão caro,
De olhos nam faço menção,
Pois quereis que olhos nam sejão,
Vendovos olhos sobejão,
Nam vos vendo olhos nam saõ.

Disparates na India.

Este mundo es el camino,
Ado ay duzientos váos,
O por onde bõs, & maos,
Todos somos del merino,
Mas os maos saõ de teor,
Que, desque mudão a cor,
Chamão logo a ElRey compadre,
E emfim dexaldos mi madre,
Que sempre tem hum sabor,
De quem torto nace, tarde se endereita.
Deixai a hum, que se abone,
Diz logo de muito sengo,
Villas, y castillos tengo,
Todos a mi mandar sone,
Então eu, que estou de molho
Com a lagrima no olho,
Polo virar do envès,

Digo-

Digolhe, tu ex illis es,
E por isso nam te olho,
Pois hõra, & proveito naõ cabẽ nũ saco.
Vereis hũs, que no seu seyo,
Cuidão, que trazem Paris,
E querem com dous ceitis,
Vender anca pelo meyo,
Vereis mancebinho de arte
Com espada em talabarte,
Nam ha mais Italiano:
A este direis, meu mano,
Vòs sois galante, que farte,
Mas pan, y vino anda el camino,
moço garrido.
Outros em cada teatro,
Por officio lhe ouvireis,
Que se mataràn con tres,
Y lo mismo haran con quatro:
Prezaõse de dar repostas,
Com palavras bem compostas,
Mas se lhe meteis a mão,
Na paz mostraõ coração,
Na guerra mostraõ as costas,
Porque aqui torce a porca o rabo.
Outros vejo por ahi,
A que se acha mal o fundo,
Que andão emmendando o mundo,
E nam se emmendão a si:
Estes respondem a quem
Delles nam entende bem,
El dolor, que està secreto,
Mas porèm quem for discreto,

Responderlheha muito bem,
Assi entrou o mundo, assi ha de sahir.
Achareis rafeiro velho,
Que se quer vender por galgo,
Diz que o dinheiro he fidalgo,
Que o sangue todo he vermelho,
Se elle mais alto o dissera,
Este pelote puzera,
Que o seu echo lhe responda,
Que su padre era de Ronda;
Y su madre de Antequera,
E quer cubrir o Ceo cuma joeira.
Fraldas largas, gravè aspeito
Para senador Romano,
Oh que grandissimo engano,
Que Momo lhe abrisse o peito.
Conciencia, que sobeja,
Siso, com que o mundo reja,
Mansidão outro que si,
Mas que lobo està em ti,
Metido em pele de oveja,
E sabemno poucos.
Guardaivos de hũs meus senhores,
Que ainda comprað, & vendem,
Hũs, que he certo, que descendem
Da gèração de pastores:
Mostraõsevos bõs amigos,
Mas se vos vem em perigos,
Escarraõvos nas paredes,
Que de fòra dormiredes,
Irmão, que he tempo de figos,
Porq̃ de rabo de porco nũqua bõ virote,
Que

Quẽ direis de hũs, que as entranhas
Lhe estão ardendo em cobiça,
E se tem mando, a justiça
Fazem de teas de aranhas:
Com suas hypocresias,
Que saõ de vossas espias:
Para os pequenos hũs Neros,
Para os grandes tudo feros:
Pois tu, parvo, nam sabias,
Que lã vaõ leys onde querem cruzados?

Mas tornando a hũs enfadonhos,
Cujas cousas saõ notorias,
Hũs, que contaõ mil historias,
Mais desmanchadas, que sonhos,
Hũs mais parvos, que zamboas,
Que estudão palavras boas,
A que ignorancia os atiça,
Estes paguem por justiça,
Que tem morto mil pessoas,
Por vida de quanto quero.

Adonde tienen las mentes
Hũs secretos trovadores;
Que fazem cartas de amores,
De que ficão mui contentes,
Nam querem sahir á praça,
Trazem trova por negaça,
E se lha gabais, que he boa,
Diz, que he de certa pessoa:
Hora que quereis que faça,
Senam irme por esso mundo?

O tu, como me atarraças,
Escudeiro de Solia,

Com

Com bocais de fidalguia,
Trazido quasi com vacas,
Importuno a importunar,
Morto por desenterrar
Parentes, que cheirão jà,
Voto a tal, que me farà
Hum destes nunqua fallar
Mais com viva alma.
Hũs, que fallão, muito vĩ,
De que quizera fugir,
Hũs, que emfim sem se sentir,
Andão fallando entre si:
Porfiosos sem razão;
E desque tomaõ a mão,
Fallaõ sem necessidade,
E se algũa hora he verdade,
Deve ser na confissaõ,
Poque quem nam mente,
Jâ me entendeis.
Oh vòs, quem quer, que me lerdes
Que haveis de ser avisado,
Que dizeis ao namorado,
Que caça vento com redes?
Jura por vida da dama,
Falla consigo na cama,
Passea de noite, & escarra,
Por fallecer na guitarra
Poem sempre, viva quem ama;
Porque calça a seu proposito,
Mas deixemos, se quizerdes,
Por hum pouco as travessuras,
Porque entre quatro maduras

Leveis tambem finco verdes
Deitemonos mais ao mar,
E se algum se recear,
Passe tres, ou quatro trovas,
E vós tomais cores nòvas?
Mas nam he para espantar,
Que quem porcos ha menos,
Em cada mouta lhe roncão.
Oh vós, que sois secretarios
Das conciencias Reais,
Que entre os homẽs estais,
Por senhores ordinarios:
Porque nam pondes hum freo
Ao roubar, que vai sem meo,
Debaixo de bom governo?
Pois hum pedaço de inferno,
Por pouco dinheiro alheo,
Se vende a Mouro, & a Judeu?
Porque a mente affeiçoada
Sempre à Real dinidade,
Vos faz julgar por bondade
A malicia desculpada?
Move a presença Real
Hũa affeição natural,
Que logo inclina ao Juiz
A seu favor, & nam diz
Hum rifaõ muito gèral,
Que o Abbade donde canta, dahi janta.
E vòs bailais a esse som,
Por isso gentis pastores,
Vos chama a vós mercadores,
Hum, que sò foi pastor bom.

A Ioaõ Lopez Leitão, sobre hũa peça de cacha, que mandou a hũa dama, que se lhe fazia donzella.

Mote.

Se vossa dama vos dà,
Tudo quanto vós quizestes,
Dizei, para que lhe dèstes,
O que vos ella fez já?
Sendo os restos envidados,
E vós de cachas mil contos,
Sabeis com quão poucos pontos,
Que lhos achastes quebrados:
Se o que tem isso vos dà,
Vòs mui bem lho merecestes,
Porque se a cacha lhe dèstes,
Tinhavola feita já.

A Dona Francisca de Aragaõ, que lhe mandou glosar esta regra.

Mas porém a que cuidados.

Tanto mayores tormentos
Forão sempre, os que sofri,
Daquillo, que cabe em mi,
Que nam sei, que pensamentos,
Saõ os para que naci.
Quando vejo este meu peito
A perigos arriscados,
Inclinado, bem suspeito,

Que

Que a cuidados sou sugeito,
Mas porêm a que cuidados?

Ao mesmo.

Que vindes em mim buscar,
Cuidados, que sou cativo?
Eu nam tenho, que vos dar,
Se vindes a me matar,
Já ha muito, que nam vivo:
Se vindes, porque me dais
Tormentos desesperados,
Eu, que sempre sofri mais,
Nam digo, que nam venhais,
Mas porêm a que cuidados?

Ao mesmo.

Se as penas, que amor me deu,
Vem por tam suaves meos,
Nam ha que temer receos,
Que val hum cuidado meu,
Por mil descansos alheos.
Ter nũs olhos tam fermosos
Os sentidos enlevados,
Bem sei, que em baixos estados,
Saõ cuidados perigosos,
Mas porêm a que cuidados.

Carta com a glosa acima.

DExeime enterrar no esquecimento de v.m. crendo me seria assi mais seguro: mas agora que he servida de me tornar a resuscitar, por mostrar seus poderes, lembrolhe, que hũa vida trabalhosa, he menos de agradecer, que hũa morte descansada. Mas se esta vida, que agora de novo me dà, for para ma tornar a tomar, servindose della, nam me fica mais, que desejar, que poder acertar com este mote de v.m. ao qual dei tres entendimẽtos, segundo as palavras delle puderaõ sofrer, se forem bõs, he mote de v.m. se maos, saõ as glosas minhas.

Mote alheo.

Campos bemaventurados,
Tornaivos agora tristes,
Que os dias, em que me vistes
Alegres, jà saõ passados.

Glosa.

Campos cheos de prazer,
Vòs, que estais reverdecendo,
Jà me alegrei com vos ver,
Agora venho a temer,
Que entristeçais em me vendo,
E pois a vista alegrais
Dos olhos desesperados,
Nam quero, que me vejais,

Para

Para que sempre sejais,
Campos bemaventurados.
Porêm se por accidente
Vos pesar de meu tormento,
Sabereis, que amor consente,
Que tudo me descontente,
Senam descontentamento.
Por isso vòs, arvoredos,
Que já nos meus olhos vistes
Mais alegrias, que medos,
Se mos quereis fazer lèdos,
Tornaivos agora tristes,
Jà me vistes lèdo ser,
Mas despois que o fallo Amor
Tam triste me fez viver,
Lêdos folgo de vos ver,
Porque me dobreis a dor.
E se este gosto sobejo
De minha dor me sentistes,
Julgai quanto mais desejo
As horas, que vos nam vejo,
Que os dias, em que me vistes.
O tempo, que he desigual,
De secos, verdes vos tem,
Porque em vosso natural,
Se muda o mal para o bem,
Mas o meu para mòr mal.
Se perguntais, verdes prados,
Pelos tempos differentes,
Que de amor me foraõ dados
Tristes, aqui saõ presentes,
Alegres, jà saõ passados.

Mote alheo.

Trabalhos descansariaõ,
Se para vós trabalhasse;
Tempos tristes passariaõ,
Se alguã hora vos lembrasse.

Glosa.

Nunqua o prazer se conhece,
Senam despois da tormenta,
Tampouco o bem permanece,
Que se o descanso florece,
Logo o trabalho arrebenta:
Sempre os bẽs se lograriaõ,
Mas os males tudo atalhaõ,
Porém já que assi porfiaõ,
Onde descansos trabalhaõ,
Trabalhos descansariaõ.

Qualquer trabalho me fora
Por vòs graõ contentamento,
Nada sentira, senhora,
Se vira disto algum hora,
Em vôs hum conhecimento,
Por mal, que o mal me tratasse,
Tudo por bem tomaria,
Posto que o corpo cançasse,
A alma descansaria,
Se para vôs trabalhasse.

Quem vossas cruezas já
Sofreo, a tudo se poz,
Costumado ficará,

E muito melhor serà,
Se trabalhar para vós.
Tristezas esquecerião,
Agosto que mal me tratârão,
Annos nam me lembrariaõ,
Que como estoutros passáraõ,
Tempos tristes passarião.
Se fosse galardoado
Este trabalho tam duro,
Nam vivera magoado,
Mas nam o foi o passado,
Como o será o futuro?
De cansar nam cansaria,
Se quizereis, que cansasse,
Cavar, morrer, falohia,
Tudo emfim esqueceria,
Se algum hora vos lembrasse.

Mote alheo.

Triste vida se me ordena,
Pois quer vossa condição,
Que os males, que dais por pena,
Me fiquem por galardão.

Glosa.

Despois de sempre sofrer,
Senhora, vossas cruezas,
A pesar de meu querer,
Me quereis satisfazer
Meus serviços com tristezas,
Mas pois em balde resiste,

Quem vossa vista condena,
Prestes estou para a pena,
Que de galardão tam triste,
Triste vida se me ordena.
De contente do mal meu
A tam grande estremo vim,
Que consinto em minha fim,
Assi que vòs, & mais eu,
Ambos somos contra mim.
Mas que sofra meu tormento,
Sem querer mais galardão,
Nam he fóra de razaõ,
Que queira meu sofrimento,
Pois quer vossa condição.
O mal, que vòs dais por bem,
Esse, senhora, he mortal,
Que o mal, que dais como mal
Em muito menos se tem,
Por costume natural,
Mas porèm nesta vitoria,
Que comigo he bem pequena,
A mayor dor me condena,
A pena, que dais por gloria,
Que os males, que dais por pena.
Que mòr bem me possa vir,
Que servirvos nam o sei,
Pois que mais quero eu pedir,
Se quanto mais vos servir,
Tanto mais vos deverei?
Se vossos merecimentos
De tam alta estima saõ,
Assaz de favor me daõ,

Em querer, que meus tormentos
Me fiquem por galardão.

Mote alheo.

Jà nam posso ser contente,
Tenho a esperança perdida,
Ando perdido entre a gente,
Nem morro, nem tenho vida.

Glosa.

Despois que meu cruel Fado
Destruhio hũa esperança,
Em que me vi levantado,
No mal fiquei sem mudança,
E do bem desesperado:
O coração, que isto sente,
A sua dor nam resiste,
Porque vé mui claramente,
Que pois naci para triste,
Jâ nam posso ser contente.
Por isso contentamentos,
Fugi de quem vos despreza,
Jà fiz outros fundamentos,
Jà fiz senhora a tristeza
De todos meus pensamentos.
O menos, que lhe entreguei,
Foi esta cansada vida,
Cuido, que nisto acertei,
Porque de quanto esperei,
Tenho a esperança perdida.
Acabar de me perder

Fora já muito melhor,
Tivera fim esta dor,
Que nam podendo mór ser,
Cada vez a sinto mòr:
De vôs desejo esconderme,
E de mi principalmente,
Onde ninguem possa verme,
Que pois me ganho em perderme,
Audo perdido entre a gente.

Gostos de mudanças cheos,
Nam me busqueis, nam vos quero,
Tenhovos por tam alheos,
Que do bem, que nam espero,
Inda me ficão receos.
Em pena tam sem medida,
Em tormento tam esquivo,
Que moura, ninguem duvida,
Mas eu se morro, ou se vivo,
Nem morro, nem tenho vida.

Mote a hũa dama.

A morte, pois que sou vosso,
Nam na quero, mas se vem,
Hade ser todo meu bem.

Glosa.

Amor, que em meu pensamento
Com tanta fê se fundou,
Me tem dado hum regimento,
Que quando vir meu tormento,
Me salve com cujo sou,

E com

E com esta defensaõ,
Com que tudo vencer posso,
Diz a causa ao coração,
Nam tem em mi jurdição,
A morte, pois que sou vosso.
Por exprimentar hum dia
Amor, se me achava forte,
Nesta fè, como dizia,
Me couvidou com a morte,
Sò por ver se a tomaria.
E como ella sejà a cousa,
Onde està todo meu bem,
Respondilhe, como quem
Quer dizer mais, & nam ousa,
Nam a quero, mas se vem.
Nam disse mais, porque então
Entendeo quanto me toca,
E se tinha dito o nam,
Muitas vezes diz a boca,
O que nega o coração.
Toda a cousa defendida,
Em mais estima se tem,
Por isso he cousa sabida,
Que perder por vôs a vida,
Ha de ser todo meu bem.

Mote a hũa dama que se chamava Anna.

Vejoa nalma pintada,
Quando me pede o desejo,
A natural, que nam vejo.

Glosa.

Glosa.

Se sò de ver puramente,
Me transformei no que vi,
De vista tam excellente,
Mal poderei ser ausente,
Em quanto o nam for de mi.
Porque a alma namorada
A traz tambem debuxada,
E a memoria tanto voa,
Que se a nam vejo em pessoa,
Vejoa na alma pintada.
O desejo, que se estende,
Ao que menos se concede,
Sobre vòs pede, & pretende
Como o doente, que pede,
O que mais se lhe defende:
Eu, que em ausencia nam vejo,
Tenho piedade, & pejo,
De me ver tam pobre estar,
Que então nam tenho, que dar,
Quando me pede o desejo.
Como aquelle, que cegou,
He cousa vista, & notoria,
Que a natureza ordenou,
Que se lhe dobre em memoria,
O que em vista lhe faltou,
Assi a mim, que nam rejo
Os olhos, ao que desejo,
Na mẽmoria, & na firmeza
Me concede a natureza
A natural, que nam vejo.

Mote

Mote alheo.

Sem vós,& com meu cuidado,
Olhai com quem,& sem quem?

Glosa.

Vendo amor,que com vos ver
Mais levemente sofria
Os males,que me fazia,
Nam me pode isto sofrer:
Conjurouse com meu Fado,
Hum novo mal me ordenou,
Ambos me levão forçado,
Nam sei onde,pois que vou
Sem vòs,& com meu cuidado.
Nam sei qual he mais estranho,
Destes dous males,que sigo,
Se nam vos ver,se comigo
Levar imigo tamanho.
O que fica,& o que vem,
Hum me mata,outro desejo
Com tal mal,& sem tal bem,
Em tais estremos me vejo,
Olhai com quem, & sem quem?

Ao mesmo.

Amor,cuja providencia
Foi sempre,que nam errasse,
Porque n'alma vos levasse,
Respeitando o mal de ausencia,

Quiz

Quiz que em vòs me transformasse.
E vendome ir maltratado,
Eu, & meu cuidado sòs,
Proveo nisso de attentado,
Por nam me ausentar de vós,
Sem vós, & com meu cuidado.
Mas est'alma, que eu trazia,
Porque vós nella morais,
Deixame cego, & sem guia,
Que ha por melhor companhia,
Ficar onde vós ficais.
Assi me vou de meu bem,
Onde quer a forte estrella,
Sem alma, que em si vos tem,
Co mal de viver sem ella,
Olhai com quem, & sem quem?

Mote alheo.

Sem ventura he por demais

Glosa.

Todo o trabalhado bem,
Promete gostoso fruito:
Mas os trabalhos, que vem,
Para quem dita nam tem,
Valem pouco, & custaõ muito.
Rompe em toda a pedra dura,
Faz os homẽs immortais
O trabalho quando atura,
Mas querer achar ventura
Sem ventura, he por demais.

Mote alheo.

Minh'alma lembraivos della.

Glosa.

Pois o vervos tenho em mais,
Que mil vidas, que me deis,
Assi como, a que me dais,
Meu bem, jà que mo negais,
Meus olhos, nam mo negueis.
E se a tal estado vim,
Guiado de minha estrella,
Quando houverdes dô de mim,
Minha vida, dailhe a fim,
Minh'alma lembraivos della.

Mote alheo.

Tudo póde hũa affeição.

Glosa.

Tem tal jurdição amor,
N'alma donde se aposenta,
E de que se faz senhor,
Que a liberta, & izenta
De todo humano temor,
E com mui justa razão,
Como senhor soberano,
E pois me sofre tenção,
Gritarei por desengano,
Tudo pòde hũa affeição.

Trovas de Boscaõ.

Justa fue mi perdicion,
De mis males soi contento,
Ya no espero galardon,
Pues vuestro merecimento
Satisfizo a mi passion.

Glosa.

Despues que amor me formó,
Todo de amor, qual me veo,
En las leyes, que me diò,
El mirar me consintió,
Y defendiôme el desseo.
Mas el alma como injusta,
En viendo tal perfeccion,
Dió al desseo ocasion,
Y pues quebrê ley tan justa,
Justa fue mi perdicion.
Mostrandoseme el amor,
Màs benigno, que cruel,
Sobre tyrano traidor,
De zelos de mi dolor,
Quiso tomar parte en èl.
Yo, que tan dulce tormento
No quiero dallo, aunque peco,
Resisto, y no lo consiento;
Mas si me lo toma a trueco,
De mis males soy contento.
Señora, ved lo que ordena
Este amor tan falso nuestro,

Por

Por pagar a costa agena,
Manda que de un mirar vuestro
Haga el premio de mi pena.
Mas vòs, para que veais
Tan engañosa intencion,
Aunque muerto me sintais,
No mireis, que si mirais,
Ya no espero galardon.

Pues que premio, me direis,
Esperas, que serâ bueno?
Sabed, sino lo sabeis,
Que es lo mas de lo que peno
Lo menos, que mereceis.

Quien haze al mal tan usano,
Y tan libre al sentimiento,
El desseo? No, que es vano,
El amor? No, que es tyranno,
Pues? Vuestro merecimiento,

No pudiendo amor robarme
De mis tan caros despojos,
Aunque fue por más honrarme,
Vòs sola para matarme
Le prestastes vuestros ojos.
Mataraume ambos a dos,
Mas a vòs con mâs razon
Deve êl la satisfacion,
Que a mi por èl, & por vòs,
Satisfizo mi passion.

Mote.

Menina fermosa, & crua,
Bem sei eu,

Quem

Quem deixarà de ser seu,
Se vós quizereis ser sua.

Voltas.

Minina mais que na idade,
Se, para me querer bem,
Vos nam vejo ter vontade,
He, porque outrem vola tem,
Temvola, & fazvola crua,
Porém eu
Já tomára nam ser meu,
Se vós nam foreis tam sua.
Nos olhos, & na affeiçāo
Vos vi, quando vos olhava,
Tanta graça, que vos dava
De graça este coraçāo:
Nam no quizestes de crua,
Por ser meu,
Se outrem vos dèra o seu,
Pòde ser foreis mais sua.
Minina tende maneira,
Que ainda nam venha a ser,
Pois nam quereis, quem vos quer,
Que queirais, quem vos nam queira,
Olhai nam me sejais crua,
Que pois eu
Quero ser vosso, & nam meu,
Sede vós minha, & nam sua.

A hũa dama doente.

Da doença, em que hora ardeis,
Eu fora vossa mêzinha
Só com vòs serdes a minha.
He muito para notar,
Cura tam bem acertada,
Que pudereis ser curada
Sòmente com me curar.
Se quereis, dama, trocar,
Ambos temos a mézinha,
Eu a vossa, & vós a minha.
Olhai, que nam quer Amor,
Porque fiquemos iguais,
Pois meu ardor nam curais,
Que se cure vosso ardor:
Eu cá sinto vossa dor,
E se vòs sentis a minha,
Dai, & tomai a mèzinha.

Outro.

Deo, senhora, por sentença
Amor, que fosseis doente,
Para fazerdes á gente
Doce, & fermosa a doença.
Nam sabendo amor curar,
Foi a doença fazer
Fermosa para se ver,
Doce para se passar.
Então vendo a differença,
Que ha de vós a toda a gente,

Mandou, que fosseis doente,
Para gloria da doença.
E digovos de verdade,
Que a saude anda envejosa,
Por ver estar tam fermosa
Em vòs essa enfermidade.
Nam façais logo detença,
Senhora, em estar doente,
Porque adoecerá a gente,
Com desejos da doença.
Que eu por ter, fermosa dama
A doença, que em vós vejo,
Vos confesso, que desejo
De cahir comvosco em cama.
Se consentis, que me vença
Deste mal, nam houve gente
Da saude tam contente,
Como eu serei da doença.

Ao mesmo.

Olhai, que dura sentença,
Foi amor dar contra mi,
Que porque em vós me perdi,
Em vòs me busque a doença.
Claro està,
Que em vòs só me acharà,
Que em mi se me vem buscar,
Nam poderá mais achar,
Que a fòrma, do que foi jà.
Que se em vós Amor se poz,
Senhora, he forçado assi,

Que o mal,que me busca a mi,
Que vos faça mal a vòs,
Sem mentir,
Amor me quiz destruir,
Por modo nunqua cuidado,
Pois ha de ser jà forçado,
Pesarvos de vos servir,
Mas sois tam desconhecida,
E saõ meus males de sorte,
Que vos ameaça a morte,
Porque me negais a vida;
Se por boa
Tal justiça se pregoa,
Quando desta sorte for,
Havei vós perdão de amor,
Que a parte jà vos perdoa.
Mas,o que mais temo emfim,
He que nesta differença,
Que senam torne a doença,
Se me nam tornais a mim.
De verdade,
Que já vossa humanidade,
De que se queixe nam tem,
Pois para as almas tambem
Fez Amor enfermidade.

Mote a hũa dama vestida de dó.

De atormentado,& perdido,
Já vos nam peço,senam,
Que tenhais no coração,
O que tendes no vestido.

Voltas.

Se de dò veſtida andais,
Por quem jà vida nam tem,
Porque nam no haveis, de quem
Vós tantas vezes matais?
Que brado ſem ſer ouvido,
E nunqua vejo, ſenam
Cruezas no coração,
E grande dô no veſtido.

A Dona Guiomar de Blasfé, queimandoſe com hũa vela no roſto.

Mote.

Amor, que todos offende,
Teve, ſenhora, por goſto,
Que ſentiſſe o voſſo roſto,
O que nas almas acende.

Volta.

Aquelle roſto, que traz
O mundo todo abrazado,
Se foi de flamma tocado,
Foi porque ſinta, o que faz.
Bem ſei que amor ſe vos rende,
Porêm o ſeu preſupoſto,
Foi ſentir o voſſo roſto,
O que nas almas acende.

A hũa

A hũa mulher açoutada por hum homem, que chamavão Coresma.

Nam estejais agravada,
Senam se for de vòs mesma,
Porque a mulher, que he errada,
Com razão pola Coresma,
Deve ser disciplinada,

Volta.

Quererdes profano Amor
Em Coresma, he conciencia,
Açoutes, & penitencia
Vos está muito melhor.
Nam fiqueis disto afrontada,
Pois a culpa he vossa mesma,
Que mulher, que he tam malvada,
He bem, que pela Coresma
Seja bem disciplinada.
Se a penitencia vos val,
Mui bem açoutada estais,
Pois por Coresma pagais,
Vossos vicios do carnal.
Nam torneis a ser errada,
Nem condeneis à vòs mesma,
Pois estais jà enmendada,
E nam sereis por Coresma
Outra vez disciplinada.

A hum fidalgo, que lhe tardava com hũa camiza, que lhe prometeo.

Quem no mũdo quizer ser
Havido por singular,
Para mais se engrandecer,
Ha de trazer sempre o dar
Nas ancas do prometer.
E já que vossa mercè,
Largueza tem por diviza,
Como o mundo todo vé,
Ha mister, que tanto dè,
Que venha a dar a camiza.

A hũa dama, que lhe chamou diabo, por nome Foam dos Anjos.

Mote.

Senhora, pois me chamais
Tam sem razão tam mao nome,
Inda o diabo vos tome.

Volta.

Quem quer que vio, ou que leo,
Terà por novo, & moderno,
Ter quem vive no inferno,
O pensamento no Ceo.
Mas se a vós vos pareceo,
Que me estava bem tal nome,
Esse diabo vos tome.

Perdido mais, que ninguem,
Confesso, senhora, ser,
Mas o diabo nam quer
Aos Anjos tamanho bem:
Pois logo nam me convem,
Ou se me convem tal nome,
Serà para que vos tome.

Se vos benzeis com cautela,
Como de Anjo, & nam de luz,
Mal pôde fugir da Cruz,
Quem vós tendes posto nella,
Mas jà que foi minha estrella,
Ser diabo, & ter tal nome,
Guardaivos, que vos nam tome.

Jà que chegais tanto ao cabo,
Com as mãos pòstas aos Ceos,
Vou sempre pedindo a Deos,
Que vos leve este diabo.
Eu, senhora, nam me gabo,
Mas pois que me dais tal nome,
Tomoo para que vos tome.

A hum amigo, que nam podia encontrar.

Mote.

Qual terá culpa de nòs
Neste mal, que todo he meu?
Quando vindes nam vou eu,
Quando vou nam vindes vòs.
Reinando amor em dous peitos,
Tece tantas falsidades,

Que de conformes vontades
Faz desconformes effeitos.
Igualmente vive em nós,
Mas por desconcerto seu
Vos leva se venho eu,
Me leva se vindes vós.

Mote seu.

Descalça vay pela neve,
Assi faz, quem amor serve.

Voltas.

Os privilegios, que os Reys
Nam pódem dar, pòde Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leys,
Mortes, & guerras crueis,
Ferro, frio, fogo, & neve,
Tudo sofre, quem o serve.
Moça fermosa despreza
Todo o frio, & toda a dor,
Olhai quanto pòde Amor,
Mais que a propria natureza;
Medo, nem delicadeza
Lhe impede, que passe a neve,
Assi faz, quem amor serve.
Por mais trabalhos, que leve,
A tudo se offereceria,
Passa pela neve fria,
Mais alva, que a propria neve;
Com todo frio se atreve,

Vede em que fogo ferve
O trifte,que a amor ferve.

Outro alheo.

A dor,que a minha alma fente,
Nam na fabe toda a gente.

Voltas.

Que eftranho cafo de amor,
Que defejado tormento,
Que venho a fer avarento
Das dores de minha dor.
Por me nam tratar peor,
Se fe fabe,ou fe fente,
Nam na digo a toda a gente.
Minha dor,& a caufa della,
De ninguem oufo fiar,
Que feria aventurar
A perderme,ou a perdela;
E pois fó com padecela,
A minha alma eftá contente;
Nam quero,que o faiba a gente.
Ande no peito efcondida,
Dentro n'alma fepultada,
De mi fó feja chorada,
De ninguem feja fentida;
Ou me mate,ou me dè vida,
Ou viva trifte,ou contente,
Nam ma faiba toda a gente.

Outro seu.

D'alma, & de quanto tiver,
Quero, que me despojeis,
Com tanto, que me deixeis
Os olhos para vos ver.

Volta.

Cousa este corpo nam tem,
Que já nam tenhais rendida,
Despois de tirarlhe a vida,
Tirailhe a morte tambem:
Se mais tenho, que perder,
Mais quero, que me leveis,
Com tanto, que me deixeis
Os olhos para vos ver.

Mote alheo.

Amores de hũa casada,
que eu vi pelo meu mal.

Voltas.

Nũa casada fui pór
Os olhos de si senhores,
Cuidei, que fossem amores;
Elles fizeraõse amor.
Fazse o desejo mayor
Donde o remedio nam val,
Em perigo de meu mal.
Nam me pareceo, que Amor

Pudesse tanto comigo,
Que donde entra por amigo,
Se levante por senhor:
Levame de dor em dor,
E de final em final,
Cada vez para mòr mal.

Outro seu.

Enforquei minha esperança;
Mas Amor foi tam madraso,
Que lhe cortou o baraço.

Voltas.

Foi a esperança julgada
Por sentença da ventura,
Que pois me teve â pendura,
Que fosse dependurada.
Vem Cupido com a espada,
Cortalhe cerce o baraço,
Cupido, foste madraço.

Outro seu.

Puz o coração nos olhos,
E os olhos puz no chão,
Por vingar o coração.

Voltas.

O coração envejoso
Como dos olhos andava;
Sempre remoques me dava,

Que

Que nam era o meu mimoso,
Venhŏ eu de piedoso,
Do senhor meu coração,
E boto os olhos no chaõ.

Outro seu.

Puz meus olhos nũa funda,
E fiz hum tiro com ella
Aas grades de hũa janella.

Voltas.

Hũa dama de malvada,
Tomou seus olhos na mão,
E tiroume hũa pedrada
Com elles ao coração.
Armei minha funda então,
E puz os meus olhos nella,
Trape, quebreilhe a janella.

Alheo.

De pequena tomei amor,
Porque o nam entendi,
Agora, que o conheci,
Matame com disfavor.

Voltas.

Vi o moço, & pequenino,
E a mesma idade ensina,
Que se incline hũa minina,
Aas amostras de hum minino:
Ouvilhe chamar Amor,

Pelo nome me venci,
Nunqua tal engano vi,
Nem tamanho desamor.
Creceome de dia em dia,
Com a idade a affeição,
Porque amor de criação,
Nalma, & na vida se cria.
Criouse em mi este amor,
E senhoreouse de mi,
Agora que o conheci,
Matame com disfavor.
As flores me torna abrolhos,
A morte me determina,
Quem eu trouxe de minina,
Nas mininas de meus olhos.
Desta magoa, & desta dor,
Tenho sabido, que em fim
Por amor me perco a mim,
Por quem de mi perde o amor.
Parece ser caso estranho,
O que amor em mim ordena,
Que em idade tam pequena,
Haja tormento tamanho.
Sejaõ milagres de amor,
Heyos de sofrer assi,
Até que haja dò de mi,
Quem entender esta dor.

Cantiga velha.

Apartaraõse os meus olhos
De mi tam longe,

Falſos amores,
Falſos maos enganadores.

Voltas.

Trataraõme com cautella,
Por me enganar mais azinha,
Deilhe poſſe d'alma minha,
Foraõme fugir com ella.
Nam ha vellos, nem ha vella
De mi tam longe,
Falſos amores,
Falſos maos enganadores.
Entregueilhe a liberdade,
E emfim da vida o melhor,
Foraõſe, & do deſamor,
Fizeraõ neceſſidade,
Quem teve a ſua vontade,
De mi tam longe,
Falſos amores,
E oxalà enganadores.

Outra.

Falſo cavaleiro ingrato,
Enganaiſme,
Vòs dizeis, que eu vos mato,
E vòs mataiſme.

Voltas.

Coſtumadas artes ſaõ
Para enganar innocencias,
Piedoſas aparencias
Sobre izento coração:

Eu vos amo, & vòs ingrato
Magoaiſme,
Dizendo,que eu vos mato,
E vôs mataiſme.
Vede agora qual de nòs,
Anda mais perto do fim,
Que a juſtiça fazſe em mim,
E o perdão diz,que ſois vòs.
Quando mais verdade trato
Levantaiſme,
Que vos deſamo, & vos mato,
E vós mataiſme.

Proprio.

Se de meu mal me contento,
He porque para vòs vejo
Em todo o mundo deſejo,
E em ninguem merecimento.

Voltas.

Para quem vos ſoube olhar
Tam impoſſivel foi ſer,
O podervos merecer,
Como o nam vos deſejar.
Pois logo a meu penſamento
Nenhum remedio lhe vejo,
Senam ſe dêr o deſejo,
Azas ao merecimento.

Aalheo.

Vòs ſenhora tudo tendes,
Senam que tendes os olhos verdes.

Voltas.

Voltas.

Dotou em vôs natureza.
O summo da perfeição,
Que o que em vós he senam,
He em outras gentileza:
O verde nam se despreza,
Que agora que vòs o tendes,
Saõ bellos os olhos verdes.
   Ouro, & azul he a melhor
Cor, porque a gente se perde,
Mas a graça desse verde,
Tira a graça a toda a cor.
Fica agora sendo a flor
A cor, que nos olhos tendes,
Porque saõ vossos, & verdes.

Alheo.

Para que me dan tormento,
Aprovechando tan poco,
Perdido, mas no tan loco,
Que descubra lo que siento.

Voltas.

Tiempo perdido es aquel,
Que se passa en darme afan,
Pues quanto màs me lo dan,
Tanto menos siento dèl.
Que descubra lo que siento?
No lo harè, que no es tan poco,
Que no puede ser tan loco,
Quien tiene tal pensamiento.

Sepan,

Sepan, que me manda Amor,
Que de tan dulce querella,
A nadie dê parte della,
Porque la sienta mayor.
Es tan dulce mi tormento,
Que aun se me antoja poco,
Y si es mucho, quede loco
De gusto de lo que siento.

Albeo.

De vuestros ojos centellas,
Quien encienden pechos de yelo,
Suben por el ayre al cielo,
Y en llegando son estrellas.

Voltas.

Falsos loores os dan,
Que essas centellas tan raras,
No son nel cielo màs claras,
Que en los ojos donde estan,
Porque quando miro en ellas
El como alumbran al suelo,
No sê que seran nel cielo
Mas se que acá son estrellas.
Ni se puede presumir,
Que al cielo suban, señora,
Que la lumbre, que en vòs mòra,
No tiene mâs, que subir,
Mas pienso, que dan querellas
A Dios nel octavo cielo,
Porque son acá en el suelo
Dos tan hermosas estrellas.

Alheo.

De dentro tengo mi mal,
Que de fuera no ay señal.

Voltas.

Mi nueva,y dulce querella.
Es invisible a la gente,
El alma solo la siente,
Que el cuerpo no es dino della,
Como la viva centella
Se encubre en el pedernal,
De dentro tengo mi mal.

Alheo.

Amor loco,amor loco,
Yo por vôs,y vòs por otro.

Voltas.

Diòme Amor tormentos dos,
Para que pene doblado,
Uno es verme desamado,
Otro es manzilla de vós,
Ved que ordena Amor en nôs?
Porque,vós hazeisme loco,
Que seais loca por otro.
Tratais amor de manera,
Que porque assi me tratais,
Quiere que pues no me amais,
Que ameis otro,que no os quiera,
Mas con todo sino os viera
De todo loca por otro,

Con

Con más razon fuera loco.
Y tan contrario viviendo,
Affin, alfin, conformamos,
Pues ambos a dos buscamos,
Lo que màs nos vá huyendo.
Voy tras vós siempre siguiendo,
Y vòs huyendo por otro,
Andais loca, y me hazeis loco.

Albeo.

Todo es poco lo possible.

Glosa.

Ved, que engaño señorea,
Nuestro juizio tan loco,
Que por mucho que se crea,
Todo el bien, que se dessea,
Alcançado, queda poco.
Un bien de qualquiera grado,
Si de averse es impossible,
Queda mucho desseado,
Mas para mucho alcançado?
Todo es poco lo possible.

Otra.

Possible es a mi cuidado,
Poderme hazer satisfecho,
Si fuera possible al hado
Hazer no hecho lo hecho,
Y futuro lo passado.
Si olvido pudiera haver,
Fuera remedio sufrible:

Mas ya que no puede ſer,
Para contento me hazer,
Todo es poco lo poſſible.

Alheo.

Vede bem ſe nos meus dias
Os deſgoſtos vi ſobejos,
Pois tenho medo a deſejos,
E quero mal a alegrias.

Voltas:

Se deſejos fui já ter,
Serviraõ de atormentarme,
Se algum bem pode alegrarme,
Quizme antes entriſtecer.
Paſſei annos, paſſei dias,
Em deſgoſtos tam ſobejos,
Que sò por nam ter deſejos,
Perderei mil alegrias.

Proprio.

Pois he mais voſſo, que meu,
Senhora, meu coração,
Eu voſſo captivo ſam,
Meus olhos, lembrevos eu.

Volta.

Lembrevos minha triſteza,
Que jà mais nunqua me deixa,
Lembrevos com quanta queixa,
Se queixa minha firmeza:
Lembrevos que nam he meu

Este triste coração,
E pois ha tanta razão,
Meus olhos, lembrevos eu.

Outro.

Senhora, pois minha vida
Tendes em vosso poder,
Por serdes della servida.
Nam queirais, que destruida
Possa ser.

Voltas.

Isto nam por me pesar
De morrer, se vós quizerdes,
Que melhor me he acabar
Mil vezes, que soportar
Os males, que me fizerdes,
Mas sò por serdes servida
De mim, em quanto viver,
Vos peço que minha vida,
Nam queirais, que destruida
Possa ser.

Outro.

Pois dano me faz olharvos,
Nam quero, por nam querervos,
Que ninguem me veja, vervos.

Volta.

De vervos a nam vos ver,
Ha dous estremos mortaes,
E saõ elles em si taes,

Que hum por hum me faz morrer:
Mas antes quero escolher,
Que possa viver sem vervos,
Minh'alma, por nam perdervos.
Deste tamanho perigo,
Que remedio posso ter?
Se vivo só com vos ver,
Se vos nam vejo, perigo,
Mas quero acabar comigo,
Que ninguem me veja vervos,
Senhora, por nam perdervos.

A tres damas, que lhe dizião, que o amavão.

Nam sei se me engana Helena,
Se Maria, se Joanna,
Nam sei, qual dellas me engana.

Volta.

Hũa diz, que me quer bem,
Outra jura, que mo quer,
Mas em jura de mulher,
Quem crerá se ellas nam crem?
Nam posso nam crer a Helena,
A Maria, nem Joanna,
Mas nam sei, qual mais me engana.
Hũa fazme juramentos,
Que sò meu amor estima,
A outra diz, que se fina,
Joanna, que bebe os ventos.
Se cuido, que mente Helena,

Tambem mentirà Joanna,
Mas quem mente nam me engana.

A hũa dama mal empregada.

Minina, nam sei dizer,
Vendovos tam acabada,
Quaõ triste estou por vos ver,
Fermosa, & mal empregada.

Voltas.

Quem tam mal vos empregou,
Pouco de mim se dohia,
Pois nam vio o quanto me hia,
Em tirarme, o que tirou;
Obriga o primor, que tem
Lindeza tam estremada,
Que digão quantos a vem,
Fermosa, & mal empregada.
Tomastes da fermosura,
Quanto della deseja stes,
E com ella me guardastes
Para tam triste ventura.
Mataveis sendo solteira,
Matais agora em casada,
Matais de toda a maneira,
Fermosa, & mal empregada.

A hũa Foã Gonçalves.

Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora, cativo tendes,
Este meu coração Mendes.

Voltas.

Eu ſou boa teſtemunha,
Que amor tem por couſa mà,
Que olhos, que ſaõ homẽs já,
Se nomeem ſem alcunha,
Pois o coraçaõ apunha,
E diz olhos pois vos tendes,
Chamaime coração Mendes.

Outro.

De que me ſerve fugir
De morte, dor, & perigo,
Se me eu levo comigo?

Voltas.

Tenhome perſuadido,
Por razaõ conveniente,
Que nam poſſo ſer contente,
Pois que pude ſer nacido.
Anda ſempre tam unido
O meu tormento comigo,
Que eu meſmo ſou meu perigo.
E ſe de mi me livraſſe,
Nenhum goſto me ſeria:
Quem ſenaõ eu nam teria
Mal, que eſſe bem me tiraſſe,
Força he logo que aſſi paſſe,
Ou com deſgoſto comigo,
Ou ſem goſto, & ſem perigo.

A hũa dama, que jurava pelos seus olhos.

Quando me quer enganar,
A minha bella perjura,
Para mais me confirmar,
O que quer certificar,
Pelos seus olhos me jura.

Como meu contentamento
Todo se rege por elles,
Imagina o pensamento,
Que se faz agravo a elles,
Nam crer tam graõ juramento.

Porêm como em casos taes
Ando jà visto, & corrente,
Sem outros certos finaes,
Quanto me ella jura mais,
Tanto mais cuido, que mente.

Então vendolhe offender
Hũs taes olhos como aquelles,
Deixome antes tudo crer,
Sò pela nam constranger,
A jurar falso por elles.

Albeo.

Vòs teneis mi coraçon.

Glosa.

Mi coraçon me han robado,
Y Amor viendo mis enojos,
Me dixo, fuete llevado

Por los más hermosos ojos,
Que desque vivo hè mirado,
Gracias sobrenaturales
Te lo tienen en prision,
Y si amor tiene razon,
Señora, por las señales,
Vòs teneis mi coraçon.

Aalheo.

Ha hum bem, que chega, & foge,
E chamase este bem tal,
Ter bem para sentir mal.

Volta.

Quem viveo sempre num ser,
Inda que seja em pobreza,
Nam vio o bem da riqueza,
Nem o mal de empobrecer,
Nam ganhou para perder,
Mas ganhou com vida igual,
Nam ter bem, nem sentir mal.

A hũa dama, que lhe virou o rosto.

Olhos nam vos mereci,
Que tenhais tal condição,
Tam liberaes para o chaõ,
Tam irosos para mi.

Voltas.

Baixos, & honestos andais,
Por vos negardes, a quem

Nam

Nam quer mais, que aquelle bem,
Que vós no chaõ espalhais,
Se pouco vos mereci,
Nam me estimeis mais que o chaõ
A quem vòs o galardão,
Dais, & mo negais a mi,

Proprio.

Venceome amor, nam o nego,
Tem mais força que eu assaz,
Que como he cego, & rapàz,
Dame porrada de cego.

Volta.

Sò porque he rapaz ruim,
Deilhe hum bofete zombando,
Dizme, ó mao, estaisme dando,
Porque sois mayor que mim.
Pois se eu vos descarrego,
E em dizendo isto chaz,
Torname outra, tá rapaz,
Que dàs porrada de cego.

Ao desconcerto do mundo.

Os bõs vi sempre passar
No mundo graves tormentos,
E para mais me espantar,
Os maos vi sempre andar,
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assi
O bem tam mal ordenado,

Fui

Fui mao, mas fui castigado;
Assi, que sò para mi,
Anda o mundo concertado.

A hũa dama, perguntandolhe quem o amava.

Mote.

Perguntaisme, quem me mata,
Nam quero responder nada,
Por vos nam fazer culpada.

Voltas.

E se a pena nam me atiça,
A dizer pena tam forte,
Querome entregar à morte,
Antes que a vòs á justiça.
Porém se tendes cobiça
De vos verdes tam culpada,
Dizei, que nam sinto nada.

Mote.

Esconjurote Domingas,
Pois me dás tanto cuidado,
Que me digas se te vingas,
Vivirei menos penado.

Voltas.

Juravasme, que outras cabras
Folgavas de apacentar,
Eu por nam me magoar,
Fingia, que erão palavras.

Agora

Agora de arte te vingas,
De algum meu doudo peccado,
Que inda que queira Domingas,
Nam posso ser enganado.
Qualquer cousa busca o seu,
A fonte vai para o Tejo,
E tu para o teu desejo,
Por te vingardes do meu;
De mi te esqueces Domingas,
Como eu faço do meu gado:
Praza a Deos, que se te vingas,
Que morra desesperado.
Na fantasia te pinto,
Falote, responde o monte,
Busco o rio, busco a fonte,
Endoudeço, & nam o sinto:
Domingas no valle bràdo,
Responde o ecco, Domingas,
E tu inda te nam vingas
De me ver doudo tornado.

Alheos.

Se a alma ver se nam pòde
Onde pensamentos ferem,
Que farei para me crerem?

Voltas.

Se n'alma hũa sò ferida,
Faz na vida mil sinais,
Tanto se descobre mais,
Quanto he mais escondida:
Se esta dor tam conhecida,

Me nam vem, porque nam querem
Que farei para ma crerem?
Se se pudesse bem ver,
Quanto callo, & quanto sento
Despois de tanto tormento
Cuidaria alegre ser:
Mas senam me querem crer
Olhos, que tam mal me ferem,
Que farei para me crerem?

Alheo.

Vosso bem querer, senhora,
Vosso mal melhor me fora.

Voltas.

Já agora certo conheço,
Ser melhor todo o tormento,
Onde o arrependimento,
Se compra por justo preço:
Enganoume hum bom começo,
Mas o fim me diz agora,
Que o mal melhor me fora.
Quando hum bem he tam danoso,
Que sendo bem dá cuidado,
O dano fica obrigado
A ser menos perigoso,
Mas se a mim por desditoso,
Co bem me foi mal senhora,
Co vosso mal bem me fora.

Alheo.

Se me desta terra for,
Eu vos levarei Amor.

Voltas.

Se me for, & vos deixar,
(Ponho por caso, que possa)
Est'alma minha, que he vossa,
Comvosco me ha de ficar:
Assi que sò por levar
A minh'alma se me for,
Vos levarei meu amor.

Que mal pòde maltratarme,
Que comvosco seja mal,
Ou que bem pòde ser tal,
Que sem vòs possa alegrarme?
O mal nam pòde enojarme,
O bem me serà mayor,
Se vos levar meu amor.

Alheo.

Pequenos contentamentos,
Hi buscar, quem contenteis,
Que a mim, nam me conheceis.

Voltas.

Os gostos, que tantas dores
Fizerão jà valer menos,
Nam os aceita pequenos,
Quem nunqua teve mayores:
Bem parecem vãos favores,

Pois

Pois tam tarde me quereis,
Que inda me nam conheceis.
Offereceisme alegria,
Tendome jâ cego, & mouco;
He baixeza aceitar pouco,
Quem tanto vos merecia:
Idevos por outra via,
Pois o bem, que me deveis,
Nunqua no satisfareis.

Alheo.

Perdigão perdeo a pena,
Nam ha mal, que lhe nam venha.

Voltas.

Perdigão, que o pensamento
Subio em alto lugar,
Perde a pena do voar,
Ganha a pena do tormento:
Nam tem no ar, nem no vento,
Azas, com que se sostenha,
Nam ha mal, que lhe nam venha.
Quiz voar a hũa alta torre,
Mas achouse desazado;
E vendose despenado,
De puro penado morre.
Se a queixumes se socorre,
Lança no fogo mais lenha,
Nam ha mal, que lhe nam venha.

A hũas senhoras, que haviaõ de ser terceiras, para com hũa dama.

Pois a tantas perdiçoẽs,
Senhoras, quereis dar vida,
Ditosa seja a ferida,
Que tem tais cirurgioẽs,
Pois ventura
Me subio a tanta altura,
Que me sejais valedoras,
Ditosa seja a tristura,
Que se cura
Por vossos rogos, senhoras.
  Ser minha pena mortal,
Jà que entendeis, que he assi,
Nam quero fallar por mi,
Que por mi falla meu mal,
Sois fermosas;
Haveis de ser piedosas,
Por ser tudo de hũa cor:
Que pois Amor vos fez rosas
Milagrosas,
Fazei milagres de amor.
  Pedi a quem vòs sabeis,
Que saiba de meu trabalho,
Nam pelo, que eu nisso valho,
Mas pelo, què vòs valeis,
Que o valer
De vosso alto merecer,
Com lho pedir de geolhos,
Farà, que em meu padecer

Possa ver
O poder, que tem seus olhos,
Vossa muita fermosura
Com a sua tanto val,
Que me rio de meu mal,
Quando cuido, em quem me cura,
A meus ays
Peçovos, que lhe valhais,
Damas de Amor tam validas,
Que nunqua tal dor sintais,
Que queirais,
Onde nam sejais queridas.

ENDECHAS

A Barbora escrava.

AQuella cativa,
Que me tẽ cativo,
Porque nella vivo,
Já nam quer, que viva.
Eu nunqua vi rosa
Em suaves molhos,
Que para meus olhos,
Fosse mais fermosa.
Nem no campo flores,
Nem no Ceo estrellas
Me parecem bellas,
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos sossegados,
Pretos, & cansados,
Mas nam de matar.
Hũa graça viva,
Que nelles lhe mòra
Para ser senhora
De quem he cativa.
Pretos os cabellos,
Onde o povo vaõ,
Perde opiniaõ,
Que louros saõ bellos.
Pretidão de amor,
Tam doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocára a cor.

Leâ

Lèda mansidão,
Que o siso acompanha
Bem parece estranha,
Más Barbara nam he
Presença serena,
Que a tormenta amansa
Nella emfim descansa
Toda minha pena.
Esta he a cativa,
Que me tem cativo,
E pois nella vivo,
He força, que viva.

Outra.

Quem ora soubesse,
Onde o amor nace,
Que o semeasse.

Voltas.

D'amor, & seus danos
Me fiz lavrador,
Semeava amor,
E colhia enganos:
Nam vi em meus annos
Homem, que apanhasse,
O que semeasse.
Vi terra florida
De lindos abrolhos,
Lindos para os olhos
Duros para a vida,
Mas a res perdida,
Que tal herva pasce
Em forte hora nace.
Com quanto perdi
Trabalhava em vaõ
Se semeei graõ,
Grande dor colhi.
Amor nunqua vi,
Que muito durasse,
Que nam magoasse.

Alheo.

Se me levão agoas,
Nos olhos as levo.

Proprias.

Se de saudade
Morrerei, ou nam,
Meus olhos diráõ,
De mim a verdade.
Por elles me atrevo
A lançar as agoas,
Que mostrẽ as magoas,
Que nesta alma levo.
As agoas, que em vaõ
Me fazem chorar,
Se ellas saõ do mar
Estas de amar saõ,
Por ellas relevo
Todas minhas magoas

Que se força de agoas,
Me leva, eu as levo.
Todas me entristecẽ,
Todas saõ salgadas,
Porém as choradas,
Doces me parecem,
Correi doces agoas,
Que se em vòs me enlevo
Naõ doem as magoas,
Que no peito levo.

Alheo.

Minina dos olhos verdes
Porque me nam vedes.

Voltas proprias.

Elles verdes saõ,
E tem por usança,
Na cor esperança,
E nas obras nam:
Vossa condição
Naõ he d'olhos verdes
Porque me naõ vedes.
Isençoẽs a molhos,
Que elles dizem terdes,
Naõ saõ d'olhos verdes,
Nem de verdes olhos.
Sirvo de giolhos,
E vós nam me crêdes,
Porque me nam vedes.
Haviaõ de ser,
Porque possa vellos,
Que hũs olhos taõ bellos
Naõ se haõ de escõder:
Mas fazeisme crer,
Què já nam saõ verdes,
Porque me nam vedes.
Verdes nam o saõ,
No que alcanço delles,
Verdes saõ aquelles
Que esperança daõ.
Se na condição
Està serem verdes,
Porque me naõ vedes?

Alheo.

Trocai o cuidado,
Senhora comigo,
Vereis o perigo,
Que he ser desamado.

Voltas proprias.

Se trocar desejo
O amor entre nòs,
He para que em vòs
Vejais, o que vejo.
E sendo trocado,
Este amor comigo,
Servosha castigo,
Terdes meu cuidado.

Tendes o ſentido
D'amor livre,& izento,
E cuidais, que he vento,
Ser taõ mal querido.
Nam ſeja o cuidado,
Tam voſſo inimigo,
Que queira o perigo
De ſer deſamado.
Mas nunqua foi tal
Eſte meu querer,
Que quem tanto quer,
Queira tanto mal.
Seja eu maltratado,
E nunca o caſtigo
Vos moſtre o perigo,
Que he ſer deſamado.

A tençaõ de Miraguarda.

Ver, & mais guardar
De ver outro dia,
Quem o acabària?

Voltas.

A lindeza voſſa,
Dama, quem a vè,
Impoſſivel he,
Que guardar ſe poſſa
Se faz tanta moſſa,
Ver vos hum sò dia
Quem ſe guardaria?

Melhor deve ſer
Neſte aventurar,
Ver, & nam guardar,
Que guardar, & ver,
Ver, & defender
Muito bem ſeria,
Mas quem poderia?

Mote.

Irme quiero madre
A aquella galera,
Con el marinero,
A ſer marinera.

Voltas proprias.

Madre ſi me fuere,
Do quiera que vó,
No lo quiero yo,
Que el amor lo quiere
Aquel niño fiero,
Haze que me mueva
Por un marinero
A ſer marinera.
El que todo puede
Madre, no podrá,
Pues el alma vá,
Que el cuerpo ſe quede
Con él porque muere
Voi, porque no muera,
Que ſi es marinero,

Serê marinera.
Es tyrana ley,
Del niño señor,
Que por un amor
Se deseche un Rey,
Quiere, irme quiero
Por un marinero
A ser marinera.
Dezid ondas, quando
Visteis vòs donzella,
Siendo tierna, y bella
Andar navegando?
Mas que no se espera,
De aquel niño fiero,
Vea yo quien quiero,
Sea marinera.

Outra.

Saudade minha,
Quando vos veria?

Voltas proprias.

Este tempo vaõ,
Esta vida escassa,
Para todos passa,
Sò para mim nam.
Os dias se vaõ
Sem ver este dia,
Quando vos veria?
Vede esta mudança
Se està bem perdida;
Em tam curta vida,
Tam longa esperança.
Se este bem se alcança,
Tudo sofreria,
Quando vos veria.
Saudosa dor,
Eu bem vos entendo:
Mas nam me defendo,
Porque ofendo Amor.
Se fosseis mayor,
Em mayor valia
Vos estimaria.
Minha saudade,
Caro penhor meu,
A quem direi eu
Tamanha verdade?
Na minha vontade
De noite, & de dia,
Sempre vos teria.

Outra.

Vida da minha alma,
Nam vos posso ver,
Isto nam he vida
Para se sofrer.

Voltas proprias.

Quando vos eu via,
Esse bem lograva,

A vida estimava,
Mas então vivia.
Porque vos servia
Sò para vos ver,
Ja que vos nam vejo
Para que he viver?
Vivo sem razão,
Porque em minha dor,
Nam a poz Amor,
Que inimigos saõ,
Mui grande treição
Mé obriga a fazer,
Que viva, senhora,
Sem vos poder ver.
Nam me atrevo já,
Minha tam querida,
A chamarvos vida,
Porque a tenho mâ.
Ninguem cuidará,
Que isto pòde ser,
Sendome vôs vida,
Nam poder viver.

Outra.

Coisa de beirame,
Namorou Joanne.

Voltas proprias.

Por cousa tam pouca
Andas namorado?
Amas o toucado,
E nam, quem o touca?
Ando cega, & louca
Por ti meu Joanne,
Tu pelo beirame.
Amas o vestido,
Es falso amador,
Tu nam vès, que amor
Se pinta despido?
Cego, & muy perdido
Andas por beirame,
E eu por ti Joanne.
A todos encanta
Tua parvoice,
De tua doudice
Gonsalo se espanta,
E zombando canta,
Coisa de beirame,
Namorou Joanne.
Eu nam sei, que viste
Neste meu toucado,
Que tam namorado
Delle te sentiste,
Nam te veja triste,
Amame Joanne,
E deixa o beirame?
Joanne gemia,
Maria chorava,
Assi lamentava
O mal, que sentia,
Os olhos feria,
E nam o beirame,

 Que

Que matou Joanne:
Nam ſei do que vem
Amares veſtido,
Que o meſmo Cupido,
Veſtido nam tem.
Sabes, de que vem
Amares beirame,
Vem de ſer Joanne.

Mote.

Se Helena apartar
Do campo ſeus olhos,
Naſcerão abrolhos.

Voltas.

A verdura amena,
Gados, que paceis,
Sabei, que a deveis
Aos olhos de Helena,
Os ventos ſerena,
Faz flores d'abrolhos:
O ár de ſeus olhos,
Faz ſerras floridas,
Faz claras as fontes
S'iſto faz nos montes
Que fará nas vidas:
Tralas ſuſpendidas,
Como ervas em molhos.
Na luz de ſeus olhos
Os coraçoẽs prende
Com graça inhumana,
De cada peſtana
Hũa alma lhe pende,
Amor ſe lhe rende,
E poſto em giolhos,
Paſma nos ſeus olhos.

Alheo.

Verdes ſaõ os campos
De cor de limão,
Aſſi ſaõ os olhos
Do meu coração.

Voltas.

Campo, que te eſtendes,
Com verdura bella,
Ovelhas, que nella
Voſſo paſto tendes:
De ervas vós mantendes
Que traz o veraõ,
E eu das lembranças
Do meu coração.
Gados, que paceis,
Com contentamento,
Voſſo mantimento
Nam no entendeis.
Iſſo, que comeis,
Nam ſaõ ervas, nam
Saõ graça dos olhos
Do meu coração.

Alheo.

Alheo.

Verdes saõ as ortas
Com rosas, & flores
Moças, que as regaõ
Mataõme d'amores.

Voltas suas.

Entre estes penedos
Que daqui parecem
Verdes ervas crecem,
Altos arvoredos,
Vai destes rochedos
Agoa, com que as flores,
Doutras saõ regadas,
Que mataõ de amores.
Com agoa, que cae
Daquella espessura,
Outra se mestura,
Que dos olhos sae;
Toda junta vae
Regar brancas flores
Onde ha outros olhos,
Que mataõ de amores.
Celestes jardins,
As flores estrellas,
Horteloas dellas,
Saõ hũs serafins:
Rosas, & jasmins
De diversas cores,
Anjos, que as regaõ
Matacme d'amores.

Alheo.

Minina fermosa,
Dizei, de que vem,
Serdes rigurosa,
A quem vos quer bem?

Voltas suas.

Nam sei quem assella,
Vossa fermosura,
Que quem he tam dura
Nam póde ser bella.
Vós sereis fermosa,
Mas a razão tem,
Que quem he irosa,
Nam parece bem.
A mostra he de bela,
As obras saõ cruas:
Pois qual destas duas
Ficarà na sella?
Se ficar irosa,
Nam vos está bem,
Fique antes fermosa
Que mais força tem.
O amor fermoso
Se pinta, & se chama
Se he amor ama,
Se ama he piedoso.

Diz

Diz agora a glosa,
Que este texto tem,
Que quem he fermosa
Ha de querer bem.
Havei dò minina
Dessa fermosura,
Que se a terra he dura
Secase a bonina,
Sede piedosa,
Nam veja ninguem
Que por rigurosa,
Percais tanto bem.

Alhea.

Tendeme maõ nelle,
Que hũ real me deve.

Voltas suas.

Cum real de amor
Dous de confiança,
E tres de esperança
Me foge o tredor.
Falso desamor,
Se encerra naquelle
Que hum real me deve.
Pediome emprestado,
Nam lhe quiz penhor,
He mao pagador,
Tendemo afferrado
Cum cordel atado,
Ao tronco se leve,
Que hum real me deve.
Por esta travessa
Se vai acolhendo,
Eylo vai correndo
Fugindo a graõ pressa.
Nesta mão, & nessa
O falso se atreve,
Que hum real me deve.
Comproume o amor,
Sem lhe fazer preço,
Eu nam lhe mereço
Darme disfavor.
Dame tanta dor,
Que ando apos elle,
Pelo que me deve.
Eu de cà bradando,
Elle vai fugindo,
Elle sempre rindo,
Eu sempre chorando.
E de quando em quando
No amor se atreve,
Como que nam deve.
A fallar verdade
Elle jà pagou,
Mas inda ficou
Devendo ametade.
Minha liberdade
He a que me deve,
Só nella se atreve.

CAR.

CARTA I.

Da India a hum amigo.

DEsejei hũa vossa, cuido, que pela desejar a nam vi; porque este he o mais certo costume da Fortuna, consentir, que mais se deseje, o que mais presto se ha de negar. Mas porque outras Naos me nam fação tamanha offensa, como he fazeremme suspeitar, que vos nam lembro: determinei de vos obrigar agora com esta, na qual pouco mais, ou menos vereis, o que quero, que me escrevais dessa terra; em pago do qual dante mão vos pago com novas desta, que nam seráõ más no fundo de hũa arca, para aviso de algũs aventureiros, que cuidão, que todo o mato he ouregãos, & nam sabem, que cá, & là, más fadas ha.

Despois que dessa terra parti, como quem o fazia para o outro mundo, mandei enforcar a quantas esperanças dèra de comer até então, com pregaõ publico, por falsificadoras de moeda. E desenganei esses pensamentos, que por casa trazia, porque em mim nam ficasse pedra sobre pedra. E assi posto em estado, que me nam via, se nam por entre lusco, & fusco, as derradeiras palavras, que na Nao disse, foraõ as de Scipiaõ Africano. *Ingrata patria, Non possidebis ossa mea.* Porque quando cuido, que sem peccado, me obrigasse a tres dias de Purgatorio, passei tres mil de màs lingoas, peores tenções danadas vontades, nascidas de pura enveja, de verem

rem su amada yedra de si arrancada, y en otro muro asida, da qual tambem amizades mais brandas, que cera, se acendiaõ em odios, que desesperavão, & lume, que me deitava mais pingos na Fama, que nos couros de hum leitão. Então ajuntouse a isto acharemme sempre na pelle a virtude de Achilles, que nam podia ser cortado senaõ pelas solas dos pês, as quaes de mas nam verem nunqua, me fez ver as de muitos, & nam engeitar converſaçoẽs da mesma impressaõ, a quem fracos punhaõ mao nome, vingando com a lingoa, o que nam podião com o braço. Emfim senhor, eu nam sei com que me pague saber tambem fugir a quantos laços nessa terra me armàvaõ os acontecimentos, senam com me vir para esta onde vivo mais venerado, que os touros da Merciana, & mais quieto, que a cella de hum frade prêgador. Da terra vos sei dizer, que he mãy dos viloẽs ruins, & madrasta de homẽs honrados. Porque os que se cà lanção a buscar dinheiro, sempre se sustentão sobre agoa como bexigas, mas os que sua opinião deita a las armas Mouriscote, cõmo marè corpos mortos á praya, sabei que antes que amadureção, se secão. Jà estes, que tomávão esta opinião de valentes âs costas, crede, que nunqua riberas de Duero arriba cavalgaron Çamoranos, que roncas de tal soberbia entre si fuessen hablando; & quando vem ao effeito da obra, salvaõse cõ dizer, que senam pòdem fazer tamanhas duas cousas como he prometer, & dar. Informado disto veyo a esta terra Joaõ Toscano, que como se achava em algum magusto de rufioẽs verdadeiramente, q̃ alli era su comer las carnes crudas, su beber la viva san-

sangre. Calisto de Siqueira se veyo cà mais humanamente, porque assi o prometeo em hũa tormenta grande, em que se vio. Mas hum Manoel Sertaõ, que ficut & nos, manqueja de hum olho, se tem cà provado arrezoadamente, porque fui tomado por juiz de certas palavras, de que elle fez desdizer a hum soldado, o qual polla postura de sua pessoa esta câ tido em boa conta. Se das damas da terra quereis novas, as quaes saõ obrigatorias a hũa carta, como marinheiros à festa de Sam Frey Pero Gonçalves, sabei, que as Portuguezas todas caem de maduras, que nam ha cabo, que lhes tenha os pontos, se lhe quizerem lançar pedaço. Pois as que a terra dà, alèm de serem de rala, fazeime mercé, que lhe falleis algũs amores de Petrarca, ou de Boscão, respondemvos hũa lingoagem meada de ervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lança agoa na fervura da mòr quentura do mundo. Hora julgai, senhor, o que sentirá hum estamago costumado à resistir às falsidades de hum rostinho de tauxia de hũa dama Lisbonense, que chia, como pucarinho novo com agoa, vendose agora entre esta carne de salê, que nenhum amor dà de si, como nam chorarà las memorias de in illo tempore? por amor de mim, que às mulheres dessa terra digais de minha parte, que se querem absolutamẽte ter alçada cõ baraço, & pregaõ, q naõ receẽ seis meses de mà vida por mar, q eu as espero cõ procissão, & paleo, revestido em põtifical, adõde estoutras senhoras lhe irão entregar as chaves da cidade, & reconhecerão toda a obediẽcia, a q por sua muita idade saõ jà obrigadas. Por agora nam mais,

senam,

senaõ, que este Soneto, que aqui vai, que fiz á morte de Dom Antonio de Noronha, vos mando em final de quanto della me pesou. Hũa Ecloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata algũa cousa da morte do Principe, que me parece melhor, que quantas fiz. Tambẽ vola mandàra para a mostrardes lâ a Miguel Dias, que pela muita amizade de Dom Antonio, folgaria de a ver, mas ocupação de escrever muitas cartas para o Reyno, me nam deo lugar. Tambem lá escrevo a Luis de Lemos, em reposta doutra, que vi sua, se lha nam dèraõ saiba, que he culpa da viagem, na qual tudo se perde.

Vale.

O Soneto que aqui diz, fica entre os outros, & he o 12.

CARTA II.

ESta vai com a candea na mão, morrer nas de v. m. & se dahi passar seja em cinza, porque nam quero, que do meu pouco comão muitos. E se todavia quizer meter mais mãos na escudela, mandelhe lavar o nome, & valha sem cunhos.

La mar en medio, y tierras he dexado,
Y quanto bien coytado yo tenia:
Quaõ vano imaginar, quão claro engaño,
Es darme yo a entender, que con partirme
De mi se ha de partir un mal tamaño.

Quaõ

Quaõ màl está no caso, quem cuida; que à mudança do lugar muda a dor do sentimento. E senaõ digao quien dixo, que lá ausencia causa olvido. Porque em fim en la tierra queda, & o mais a alma acompanha. Ao alvo destes cuidados, jogaõ meus pensamentos à barreira, tendome já pelo costume tam contente de triste, que triste me faria ser contente, porque o longo uso dos annos se converte em natureza: Pois, o que he para mór mal, tenho eu para mòr bem. Ainda que para viver no mundo, me debruo doutro pano, por nam parecer curuja entre pardais, fazendome hum para ser outro, sendo outro para ser hum, mas a dor dissimulada darà seu fruito, que a tristeza no coração, he como a traça no pano, & por tam triste me tenho, que se sentisse alegria de triste nam viviria.

Porque a tal sorte vim,
Que nam vejo bem algum
Em quanto vejo,
Que nam nasceo para mi,
E por nam sentir nenhum,
Nenhum desejo.

Porque cousas impossiveis, he melhor esquecellas, que desejallas. E por isso

Sò tristeza ver queria,
Pois minha ventura quer,
Que só ella
Conheça por alegria:
E que se outra quiser,
Morra por ella.

Pouco sabe da tristeza quem (sem remedio para ella) diz ao triste que se alegre. Pois nam vem, que alheos contentamentos á hum coração descontente, nam lhe remediando o que sente, lhe dobraõ o que padece. Vòs, se bem á mão esperareis de mim palavrinhas jueiradas, & nforcadas de bõs propositos, pois desenganaivos, que desque professei tristeza, nunqua mais soube jogar a outro sito. E porque nam digais, que nam sou gente fóra do meu bairro; vedes vai hũa volta feita a este mote, que escolhi na manada dos engeitados, & cuido, que nam he tam dedo queimado, que nam seja dos que El Rey mandou chamar, o qual falla assi.

Nam quero, nam quero
Jubão amarelo.
Se de negro for,
Tambem me parece;
Quanto me aborrece
Toda a alegre cor:
Cor que mostra dor,
Quero, & nam quero
Jubão amarelo.

Parecevos que se pòde dizer mais? nam me respondais, quem gabarà a noiva? porque assentai, que foi comendo, & fazendo, ou assoprando, que nam he tam pequena habilidade. E porque vos nam pareça, que foi mais acertar, que querelo fazer; vedes vai outra do mesmo jaez, com tanto que se nam vá a pasmar.

Perdigaõ perdeo a pena,
Nam ha mal, que lhe nam venha.
Em hum mal outro comessa,
Que nunqua vem só nenhum;
E o triste, que tem hum,
A sofrer outro se ofreça:
E sò pelo ver conheça,
Que básta hum sò que tenha,
Para que outro lhe venha.

Que graça serà esperardes de *mi propósitos* em cousas que os nam tem *para comigo? pois ainda* que queira, nam *posso* o que quero, que *hum sentido remontado* de nam pòr pè em *ramo verde*, tudo lhe sucede assi, & cada hum acode, ao que lhe mais doe, & mais eu, que o que mais me entristece he ter contentamento, pois fugo delle, que minha alma o aborrece; porque lhe lembra que he virtude viver sem elle. Que já sabeis que magoa he, velohas, & nam o pagarâs. Por fugir destes inconvenientes.

Toda a cousa descontente,
Contentarme sò convinha
De meu gosto,
Que o mal, de que sou doente,
Sua mais certa mêsinha,
He desgosto.

Já ouvirieis dizer, Mouro, o que nam pòdes haver dáo pola tua alma. O mal sé remedio, o mais certo que tem, he fazer da necessidade virtude: quanto

mais, se tudo taõ pouco dura, como o passado prazer, porque em fim, Allegados son iguales, los que vienen por sus manos, &c. A este proposito, pouco mais, ou menos, se fizerão hũas voltas a hum mote de unchemão, que diz por sua arte zombando, mais que nam de sizo (que toda a galantaria he tirala donde senam espera) o qual crede, que tem mais que roer, do que hum praguento. Por tanto recuerde el alma adormida, & mande escumar o entendimento, que doutra maneira, Defuera dormiredes pastorzico. E o meu senhor diz assi

Davalhe o vento no chapeiraõ,
Quer lhe dê quer nam,
Bem o pode revolver,
Que o vento nam traz mais fruito,
E mais vento he sentir muito,
O que em fim fim ha de ter;
O melhor, he melhor ser,
Que o vento no chapeirão,
Quer lhe dè, quer nam.

Hũa cousa sabei de mim, que queria antes o bem do mal, que o mal do bem, porque muito mais se sente o por vir, que o passado, & a morte atè matar, mata. Nam sei se sereis marca de voar tam alto, porque para tomar a palha a esta materia, saõ necessarias azas de Nebri? Mas vòs sois homem de prol, & desculpame a conta, em que vos tenho. E a que de mi vos sei dar he,

Que

Que esperança me despede,
Tristeza nam me falece,
E tudo mais me aborrece,
Já que mais nam mereceo
Minha estrella,
Sò a tristeza conheço,
Pois que para mim nasceo,
E eu para ella.

No mundo nam tem boa sorte, senam, quem tem por boa a que tem. E daqui me vem contentarme de triste, mas olhai de que maneira:

Vivo assi ao revés,
Tomando por certa vida,
Certa morte,
Com que folgo em que me pès,
Pois minha sorte he servida,
De tal sorte.

Hũa cousa sabei, que o mal inda que às vezes o vejais louvar, nam ha quem o louve com a boca, que o nam tache com o coração.

Ajudame a sofrer,
Vida tam sem sofrimento,
E tam sem vida:
Ver que emfim, fim haõ de ter
Desgosto, & contentamento
Hũa medida.

Atentai que nam ſaõ maos confeitos de enforcado para os, que eſtaõ com o baraço na garganta, cuidar, que o bem, & o mal, ainda que ſejão differentes na vida, ſaõ conformes na morte, porq̃ vemos.

Que nam ha tam alta ſorte,
Nem ventura tam ſubida,
Ou deſeſtrada,
A quem nam aſſopre a morte,
Nam ſopre o fogo da vida.

A ſeu fim todas couſas vaõ correndo, nem ha couſa, que o tempo nam conſuma, nem vida, que de ſi tanto preſuma,

Que ſenam veja nada, em ſe vendo,
Que o mais certo, que temos,
He nam termos nada certo,
Cá na terra.
Pois para ſeus nam naſcemos,
Se o ſeu nos dà incerto,
Nada erra.

Querovos dar conta de hum Soneto ſem pernas, que ſe fez a hum certo recontro, que ſe teve com eſte deſtruidor de propoſitos, & naõ ſe acabou, porque ſe teve por mal empregada a obra: cujo teor he o ſeguinte.

Forçoume amor hum dia, que jugaſſe,
Deo as cartas, & de ouros levantou:
E ſem reſpeitar maõ, logo triunfou,

Cuidan-

Cuidando, que o metal, que me enganasse!
Dizendo, pois triunfou, que triunfasse
A hũa Sota de ouros, que jugou:
Eu entaõ por burlar, quem me burlou,
Tres paos juguei, & dice, que ganhasse.

Principes de condição, ainda que o sejão de sangue, saõ mais enfadonhos que a pobreza, fazem cõ sua fidalguia, com que lhe cavemos fidalguias de seus avós: onde nam ha trigo tam joeirado, que naõ tenha algũa ervilhacá. Jà sabeis, que basta hum frade ruim, para dar que fallar a hum Convento. Tres cousas nam se sofrem sem discordia; companhia, namorar, mandar vilaõ ruim, sobre cousa de seu interesse. Naõ se pòde ter paciencia, com quem quer, que lhe façāo, o que nam faz. Desagradecimentos de boas obras destruem a vontade para nam fazellas a amigo, que tem mais conta com o interesse, que com a amizade, rezai delle, que he dos cà nomeados.

Grande trabalho he querer fazer alegre rosto, quando o coração está triste, pano he, que nam toma nunqua bem esta tinta, que a Lùa recebe a claridade do Sol, & o rosto do coração. Nada dà quem nam dà honra, no que dá. Nam tem, que agradecer, quem, no que recebe, a nam recebe, porque bẽ comprado vai, o que com esta se compra. Nada se dà de graça, o que se pede muito. Està certo, que quem nam tem hũa vida, tem muitas. Onde a razaõ se governa pela vontade, ha muito q̃ praguejar, & pouco, que louvar. Nenhũa cousa homezia os homẽs tanto consigo, como males, de que se naõ guardàraõ,

daraõ, podendo. Nam ha alma sem corpo, que tantos corpos faça sem almas, como este purgatorio, a que chamais honra, donde muitas vezes os homẽs cuidão, que a ganhaõ, ahi a perdem. Onde ha inveja, nam ha amizade, nem a póde haver em desigual conversação. Bem mereceo o engano, quẽ crê mais, o que lhe dizem, que o que vê. Agora, ou se ha de viver no mundo sem verdade, ou com verdade sem mundo. E para muito pontual, perguntailhe dõde vem? Que algo tiene en el cuerpo, que le duele. Hora temperaime lá esta gaita, que nem assi, nem assi achareis meyo real de descanso nesta vida, ella nos trata sòmente, como alheos de si, & com razão.

P⟨o⟩is sòmente nos he dada,
Para que ganhemos nella
O que sabemos,
Se se gasta mal gastada,
Juntamente com perdela,
Nos perdemos.

Emfim esta minha senhora, sendo a cousa porque mais fazemos, he a mais fraca alfaya, de que nos servimos. E se queremos ver quaõ breve he,

Ponderemos, & vejamos,
Que ganhamos em viver,
Os que nacemos:
Veremos, que nam ganhamos,
Senam algum bem fazer,
Se o fazemos.

Nun-

Nunqua vi cousa mais para lembrar, & menos lembrada, que a morte, sendo mais aborrecida, que a verdade, temse em menos conta, que a virtude. Mas com tudo com seu pensamento, quando lhe vem á vontade acarrèta mil pensamentos vãos, que tudo para com ella he hum lume de palhas. Nenhũa cousa me enche tanto as medidas para com estes, que vivem na môr bonança, como ella; porque quando lhe menos lembra, então lhes arrauca as amarras, dando com os corpos á costá, & se vem à mão, com as almas no inferno, que he bem ruim gasalhado,

E pois todos isto temos,
Nam nos engane a riqueza,
Porque tanto esmorecemos,
Tras que vamos,
Já que temos por certeza,
Que quando mais a queremos,
A deixamos.
Gastamos em alcançalla
A vida, & quando queremos
Usar della,
Nos tira a morte lograla,
Assi que a Deos perdemos,
E a ella.

Porque jâ ouvirieis dizer, Ninho feito, Pega morta. Que me dizeis ao contentamento do mundo, que toda a dura delle está em quanto se alcançou. Porque acabado de passar, acabado de esquecer. E com razão, porque acabado de alcançar he passado, & mayor saudade deixa, do que he o contenta-

 mento,

mento, que deo. Esperai por me fazer mercè; que lhe quero dar hũas palavrinhas de proposito.

Mundo se te conhecemos,
Porque tanto desejamos,
Teus enganos?
E se assi te queremos,
Mui sem causa nos queixamos
De teus danos.
Tu nam enganas ninguem,
Pois a quem te desejar,
Vemos, que danas,
Se te querem qual tè vem,
Se se querem enganar,
Ninguem enganas.
Vejaõse os bẽs, que tiverão,
Os que mais em alcançarte
Se esmeraraõ,
Que hũs vivendo, nam viveraõ,
E outros sò com deixarte
Descansàraõ.
Se esta tam clara fè
Ao mundo de teus enganos,
Desengana,
Sobejamente mal vè,
Quem com tantos desenganos
Se engana.
Mas como tu te acomodes
No engano, em que andamos,
E que vemos,
Nam crẽmos, o que tu pòdes,
Senam, o que desejamos,

E que-

E queremos.
Nada te pòde estimar,
Quem bem quizer
Resguardarte,
E conhecerte,
Que em te perder, ou ganhar.
O mais seguro ganharte
He o perderte.
E quem em ti determina
Descanso poder achar,
Saiba, que erra;
Que sendo a alma divina,
Nam a pòde descansar
Nada da terra.
Nascemos para morrer,
Morremos para ter vida,
Em ti morrendo,
O mais certo he merecer
A vida mal conhecida
Cà vivendo.
Emfim mundo, es estalagem,
Em que pousaõ nossas vidas
De corrida,
De ti levão de passagem
Ser bem, ou mal recebidas
Na outra vida.

Afuera, afuera Rodrigo, que eu se muito for por este caminho, darei em enfadonho, de que me parece me nam livrará, nẽ ainda privilegio de cidadaõ do Porto. E pois me vendo a vòs, sofreime com meus encargos; & porque nam digais, que sou herege

do

do amor, & que lhe nam sei oraçoẽs, vedes vai hũa: Di, Juan, de que murió Blas? Com hum pè à Portugueza, & outro à Castelhana: & nam vos espanteis da librè, que eu em qualquer palmo desta materia perco o norte, & os suplicantes dizem assi;

Di, Juan de que muriô Blas,
Tan niño, y tan mal logrado?
Gil, muriô de desamado.
Dime, Juan, quien le engañò,
Que con amor se engañasse?
Pensando, que el bien hallasse,
Adonde el mal cierto halló.
Despues que el engaño viò,
Que hizo desengañado?
Gil, muriò de desamado.
Travou com elle pendença,
Em ter razaõ confiado,
Mas Amor, como he letrado,
Houve contra elle a sentença:
E co aquella differença,
Disse entre si o coitado,
Gil, morreo de desamado.
Quem tem razaõ tam cerrada,
Que nam saiba sendo rudo,
E sem respeito,
Que sem Deos he tudo nada,
E nada com elle tudo,
Sem defeito.
E sendo isto assi tam certo,
Como todos confessamos,
E sabemos,

Nam

Nam troquemos pelo incerto,
O em que tam certo estamos,
Pois o vemos.

A tudo isto podeis responder, que todos morremos do mal de Phaetam, porque del dicho al hecho, và gran trecho. E de saber as cousas, & passar por ellas, ha mais differença, que de consolar a ser consolado: mas assi entrou o mundo, & assi ha de sahir; muitos a reprendelo, & poucos a emendalo. E com isso amaino, beijando essas poderosas mãos hũa quatrinqua de vezes, cuja vida, & reverendissima pessoa nosso Senhor, &c.

Finge que em Goa nas festas, que se fizeraõ à successaõ de hum Governador, sairaõ a jogar canas certos homẽs, a que nam sabia mal o vinho, & outros notados de algũs vicios; com divisas nas bandeiras, & letras conformes suas tençoẽs, & inclinaçoẽs.

DUm que bebia excessivamente tirou por divisa hum Morcego, ave em que foi convertida Alcithoe com as irmaãs, por desprezarem os sacrificios de Bacco. E como aquelle, que se em tal erro cahisse, nam queira ser convertido em tam baixo animal, & tam nojoso, dizia a sua letra assi em Castelhano.

Si yo desobedeciere
A tu deidad santa, y pura,
En al mudes mi figura.

Algũs

Algũs praguentos quizeraõ dizer, que esta letra era maliciosa, & que nam queria dizer tanto desejar este galante de ser mudado em al, como desejava almudes deste licor. Mas he muito grande falsidade que sendo a letra assi feita acaso, acertou de sahir aquella palavra, com que molhava as suas, quem tirava a divisa. Do que o innocente autor despois ficou para se enforcar. Mas outro galante, que de fino bebado jà passava os limites de bom, & costumado beber, tirou por divisa hũa palmeira, arvore, que entre os antigos significava vitoria, & ao pé della algũs ramos de vides, & de parreiras pisadas, & dizia a letra assi.

Ficai vencidas sem gloria,
Vòs vides, & vòs parreiras;
Porque os ramos das palmeiras,
Saõ, os que tem a vitoria.

Tambem aqui nam faltàraõ praguentos, que quizeraõ dizer, que este devoto deixando já atraz Portugal, cometia com valeroso animo Orraças, & Fullas, tendo em pouco Caparicas, & Seixaes. Mas quem ha que fuja de màs lingoas, ou de mal costumadas gargantas?

Outro galante, a quem fazia mal ao estamago beber o vinho agoado, tirou por divisa hũa peça de chamalote sem agoas, que lhe apresentava Baccó, & dizia a letra como por parte do mesmo Bacco.

Sem agoas, senhor, levayo
Se for bom,

Que las agoas de Moncayo
Frias son.

Aqui nam tiveraõ praguentos, que dizer, por ser opiniaõ de fisica, serem melhores os mantimentos simples, que os compostos.

Outro, que no beber lançava a barra inda mais alèm que os assima escritos, tirou por divisa hũa Salamandra, passeando por cima de hũas brasas de fogo, & a letra dizia

En el fuego vivo yo.

Mas o pintor errando as letras acertou de pôr: De fuego la bebo yo. Donde os praguentos quizeraõ adevinhar, que este galante bebia Orraca de fogo. O demonio foi fazer tal erro, para delle sahir tamanho acerto.

Outro devoto, que desque estava quente, dizia dos companheiros, quaesquer que fossem, o que de cada hum sabia, sem respeito: tirou por divisa hum demoninhado, lançando os olhos em alvo, escumãdo, & apontando com o dedo para hum frasco de vinho, & dizia a letra.

Se fallar demasiado,
Nam mo tachem, porque emfim
Aquella alma falla em mi.

Sendo atêqui introduzidos os religiosos de Bacco, pediraõ dous doutra religião, que tambem os deixassem jogar as canas, & que elles tirariaõ tal divisa, com que se tirasse a limpo sua habilidade, & sen-

& sendo entrados ambos juntos por certa conformidade, que havia entre ambos, trouxeraõ pintados nas bandeiras cada hum seu par de pombas, & dizia a letra:

Se como vós ha ahi par,
Vòs o podereis julgar.

Certo, que atèqui chegou a malicia dos homẽs, porque tam sutilmente quizeraõ interpretar a innocencia desta letra, que tomaraõ a derradeira syllaba da primeira regra, & ajuntaraõna com a primeira da derradeira, que vem a dizer parvos, & disseraõ que juntos significavão isso aquelles dous innocentes. Mal pecado, tam errada anda a maldade humana, que logo tem por parvos aos que sabẽ pouco.

Outro homem entrou tambem por aderencia nas canas, o qual dizem, que tinha partes maravilhosas; porque era tam perfeito em suas cousas, que o seu comer havia de ser o melhor temperado, & mais suave do mundo, & os seus vestidos erão sempre dos mais finos panos, & sitins, que se pudessem descobrir, & esta perfeição atê nos amores, & amizades se lhe estendia; porque com os amigos sempre tinha sutilezas de conversação, & com as amigas hum fingir, que queria, o que nam queria. E emfim atè no jogar usava daquellas manhas todas, as que para ganhar eraõ necessarias. E tinha mais hum revès da Fortuna recebido, que se lhe estendia desde a ponta do nariz, atè hũa orelha. Este senhor tirou por divisa hũa camiza toda lavrada de ponti-

pontinhos, lavor antigo, & a letra dizia assi.

Pontos de honrado, & sesudo
Sempre na vida quiz ter,
Apontado no viver,
Apontado mais que tudo
Em meu vestir, & comer;
Pontos sutìs no meu gosto,
Mais sutìs no conversar,
Tanto me vim a apontar,
Que apontado trago o rosto,
E as cartas para jogar.

Muitos outros homẽs illustres quizeraõ ser admitidos nestas festas, & canas, & que se fizera memoria delles, conforme suas calidades, mas infinita escriptura fora, segundo todos os homẽs da India saõ assinalados, & por isto estes bastem para servirem de amostra do que ha nos mais.

Epita-

Epitafio, que està na sepultura do grande Luis de Camoẽs.

NAso elegis: Flaccus Liricis: epygrammate Marcus:
Hìc jacet Heroo carmine Virgilius.
Ense simùl, calamóque auxit tibi, Lysia, famam,
Una nobilitant Mars, & Apollo manum.
Castálium fontem traxit modulamine: at Indo,
Et Gangi telis obstupefecit aquas.
India mirata est; quando aurea carmina, lucrum
Ingenij: haud gazas e xOriente tulit.
Sic bene de patria meruit; dùm fulminat ense,
At plus, dùm calamo bellica facta canit.
Hunc Itali, Galli, Hispani vertére Poetam.
Quælibet hunc vellet terra vocare suum.
Vertere fas, æquàre Nefas: æquabilis uni
Est sibi, par nemo, nemo secundus erit.

Martim Gonsalves da Camera.

LAVS DEO.

RIMAS
DE
LVIS DE CAMÕES
PRINCEPE DOS POETAS PORTVGVESES.

Segunda Parte.

Emendadas, & acreſcentadas pello Lecenceado Ioão Franco Barreto.

LISBOA
Com as licenças neceſſarias

Por Antonio Craesbeeck de Mello Impreſſor da Caſa Real anno de 1669.

AO AVTOR.

De Diogo Tabor da Leitam.

SONETO.

ESpirito, que ao Empyreo Ceo voaste,
Das Musas cà na terra tam chorado,
Quanto melhor teràs ja là cantado,
Do muito que tambem cà nos cantaste?
Partistete de nòs, sòs nos deixaste,
A ser là doutro lauro laureado,
Differente daquelle que te hão dado
Os que cà com teus versos tanto honraste.
Lá Hymnos, Odes, cantos mais suaues
Podes cantar na Angelica Hierarchia,
Onde essa voz de Cisne mais se apura.
Nem te podem faltar materias graves,
Em que ocupes melhor a fantesia,
Que emfim o de cà passa, o de là dura.

SONETO II.

EU cantey já, & agora vou chorando,
O tempo, que cantey tam confiado,
Parece, que no canto já passado,
S'estavão minhas lagrymas criando.
Cantey: mas se me alguem pergunta, Quando?
Naõ sey: que tambem fuy nisso enganado:
He tam triste este meu presente estado,
Que o passado, por ledo, estou julgando.
Fizeraõme cantar manhosamente,
Contentamentos naõ, mas confianças,
Cantava; mas jâ era ao som dos ferros.
De quem me queixarey? que tudo mente,
Mas eu, que culpa ponho ás esperanças?
Onde a fortuna injusta he mais, que os erros?

SONETO III.

DOces agoas, & claras do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida, & perfida esperança,
Longo tempo apos si me trouxe cego.
De vós me aparto, mas porem não nego,
Que inda a memoria longa, que me alcança,
Me não deixa de vòs fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo mais me achego.
Bem pudera Fortuna este instromento
Dalma levar por terra nova, & estranha,
Offerecida ao mar remoto, & vento.
Mas a alma, que de cà vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento,
Para vòs, agoas voa, & em vós se banha.

SONETO IV.

POr ſua Nimpha Cephalo deixava,
A Aurora, que por elle ſe perdia:
Poſto que dà principio ao claro dia,
Poſto que as roxas flores imitava.
Elle, que a bella Pochris tanto amava,
Que sò por ella tudo engeitaria,
Deſeja d'atentar ſe lhe acharia,
Tam firme fé, como ella nelle achava;
Mudado o trajo, tece o duro engano,
Outro ſe finge prezo por diante,
Quebraſe a fê mudavel, & conſente,
Oh engenho ſotil para ſeu dãno!
Vede que manhas buſca hum cego amante,
Para que ſempre ſeja deſcontente.

SONETO V.

SEntindoſe tomada a bella eſpoſa
De Cephalo, no crime conſentido,
Para os montes fugia, do marido,
E naõ ſey ſe de aſtuta, ou vergonhoſa.
Porque elle emfim ſofrendo a dôr cioſa,
D'amor cego, & forçoſo compellido,
Apos ella ſe vay como perdido,
Jà perdoando a culpa criminoſa.
Deitaſe aos pès da Nimpha endurecida,
Que do cioſo engano eſtà agravada,
Já lhe pede perdão, jà pede a vida.
Oh força de afeição, deſatinada,
Que da culpa contra elle comettida,
Perdão pedia à parte, que he culpada!

SONETO VI.

SEnhor João Lopez, o meu baixo eſtado,
Ontem vi poſto em grao tam excellente,
Que vós, que ſois enveja a toda a gente,
Sò por mim vos quizereis ver trocado.
Vi o geſto ſuave, & delicado,
Que jà vos fez contente, & deſcontente,
Lançar ao vento a voz tam docemente,
Que fez ao ar ſereno, & ſocegado.
Vilhe em poucas palavras dizer, quanto
Ninguem diria em muitas. Eu sò cego,
Magoado fiquey na doce falla;
Mas mal aja a Fortuna, & o moço cego;
Hum porque os coraçoẽs obriga a tanto,
Outra porque os eſtados deſigualla.

SONETO VII.

O Ceo, a terra, o vento ſocegado,
As ondas, que ſe eſtendem pella area,
Os peixes, que no mar o ſomno enfrea,
O nocturno ſilencio repouſado.
O peſcador Aonio, que deitado,
Onde co vento a agoa ſe menea,
Chorando, o nome amado em vaõ nomea,
Que naõ pòde ſer mais, que nomeado.
Ondas, dizia, antes que amor me mate,
Tornayme a minha Nimpha, que taõ cedo,
Me fizeſtes á morte eſtar ſogeita.
Ninguem lhe falla, o mar de longe bate,
Moveſe brandamente o arvoredo,
Levalhe o vento a voz, que ao vento deita.

SONETO VIII.

ERros meus, mà Fortuna, amor ardente,
Em minha perdição ſe conjuraraõ,
Os erros, & a Fortuna ſobejaraõ,
Que para mim baſtava o amor ſomente.
Tudo paſſey, mas tenho tam preſente
A grande dór das couſas, que paſſaraõ,
Que as magoadas iras me enſinaraõ
A naõ querer jà nunca ſer contente.
Errey todo o diſcurſo de meus annos,
Dey cauſa, que a Fortuna caſtigaſſe
As minhas mal fundadas eſperanças,
D'amor naõ vi ſenão breves enganos,
O quem tanto podeſſe, que fartaſſe
Eſte meu duro genio de vinganças.

SONETO IX.

CA neſta Babilonia, donde mãna
Materia a quanto mal o mundo cria,
Cà onde o puro Amor naõ tem valia,
Que a mãy, que manda mais, tudo profana.
Cá onde o mal ſe afina, & o bem ſe dãna,
E pòde mais que a honra a tirania,
Cá onde a errada, & cega Monarchia,
Cuyda, que hum nome vão a deſengana.
Cá neſte labarintho, onde a nobreza,
Com esforço, & ſaber pedindo vaõ
As portas da cubiça, & da vileza.
Câ neſte eſcuro Chaòs de confuzão,
Comprindo o curſo eſtou da natureza,
Vè, ſe meſquecerey de ti, Sião.

SONETO X.

COrrem turvas as agoas deste Rio,
Que as do Ceo, & as do mõte as enturbàrão,
Os campos florecidos se secàraõ;
Intratavel se fez o valle, & frio;
Passou o verão, passou o ardente estio,
Hũas cousas por outras se trocàraõ,
Os fementidos fados jà deixàraõ,
Do mundo o regimento, ou desvario.
Tem o tempo sua ordem jà sabida,
O mundo naõ; mas anda tam confuzo,
Que parece, que delle Deos se esquece.
Casos, opiniões, natura, & uzo,
Fazem, que nos pareça desta vida,
Que naõ ha nella mais, que o que parece.

SONETO XI.

VOs outros, que buscais repouso certo
Na vida com diversos exercicios,
A quem vendo do mundo os beneficios,
O regimento seu està encuberto.
Dedicay, se quereis, ao desconcerto
Novas honras, & cegos sacrificios,
Que por castigo igual de antiguos vicios;
Quer Deos, que as cousas andem por acerto.
Naõ cahio neste modo de castigo,
Quem poz culpa à Fortuna, quem somente
Crè, que acontecimentos ha no mundo.
A grande experiencia he graõ perigo,
Mas o que à Deos he justo, & evidente,
Parece injusto aos homẽs, & profundo.

SONETO XII.

DEspois que vio Sibelle o corpo humano
Do fermoso Atis seu verde pinheiro,
Em piedade o vão furor primeiro,
Convertido, chorou seu grave danno.
E fazendo a sua dòr illustre engano,
A Jupiter pedio, que o verdadeiro,
Preço da nova palma, & do loureiro,
Ao seu pinheiro desse, soberano.
Mais lhe concede o filho poderoso,
Que as estrellas, subindo, tocar possa,
Vendo os segredos là do Ceo superno.
O ditoso Pinheiro, ò mais ditoso,
Quem se vir coroar da folha vossa,
Cantando à vossa sombra verso eterno.

SONETO XIII.

ILlustre, & digno ramo dos Menezes,
Aos quaes com larga mão o alto Ceo,
Que errar naõ sabe, em dote concedeo,
Romper os Mahometicos arnezes;
Desprezando a Fortuna, & seus revezes,
Ide, por onde a sorte vos moveo,
Erguey flammas no mar alto Eritreo,
E sereis nova luz aos Portuguezes.
Opprimi com taõ firme, & forte peito
O Pyrata insolente, que se espante,
E trema Taprobana, & Gedrosia.
Day nova causa á cor do Arabio Estreito,
Assi que o roxo mar d'aqui em diante,
O seja sô co sangue de Turquia.

SONETO XIV.

NA desesperaçaõ já repousava
O peito longamente magoado,
E com seu dano eterno concertado,
Jà naõ temia, jà naõ desejava.
Quando hũa sombra vaa me assegurava,
Que algum bem me podia estar guardado,
Em taõ fermosa imagem, que o treslado
N'alma ficou, que nella se enlevava.
Que credito, que dà taõ facilmente,
O coração àquillo, que deseja,
Quando lhe esquece o fero seu destino!
Oh deixem me enganar, qu eu sou contente,
Que posto que mayor meu dano seja,
Ficame a gloria jà do que imagino.

SONETO XV.

SEnhora minha, se a Fortuna imiga,
Que em minha fim com todo o Ceo cõspira,
Os olhos meus de ver os vossos tira,
Porque em mais graves casos me persiga.
Cõmigo levo est'alma, que se obriga,
Na môr pressa de mar, de fogo, de ira,
A darvos a memoria, que suspira,
Sò por fazer comvosco eterna liga.
Nest'alma, onde a Fortuna pòde pouco,
Tam viva vos terey, que frio, & fome,
Vos nam possaõ tirar, nem vãos perigos.
Antes com som da voz, tremulo, & rouco,
Bradando por vòs, sò com vosso nome,
Farey fugir os ventos, & os imigos.

SONETO XVI.

ARvore, cujo pomo bello & brando,
Natureza de leyte, & sangue pinta,
Onde a pureza de vergonha tinta,
Està virgineas faces imitando;
Nunca da ira, & do vento, que arrancando
Os troncos vaõ, o teu injuria sinta,
Nem por malicia de ar, te seja extinta,
A còr, que està teu fruyto debuxando.
Que pois me emprestas doce, & idoneo abrigo,
A meu contentamento, & favoreces,
Com teu suave cheiro, minha gloria;
Se naõ te celebrar como mereces,
Cantandote se quer farey contigo,
Doce, nos casos tristes, a memoria.

SONETO XVII.

POr cima d'estas agoas forte, & firme
Irey por onde as sortes ordenaraõ,
Pois por cima de quantas me choráraõ
Aquelles claros olhos, pude virme.
Já chegado era o fim de despedirme,
Jà mil impedimentos se acabáraõ,
Quando Rios d'amor se atravessâraõ,
A me impedir o passo de partirme.
Passey os eu com animo obstinado,
Com que a morte forçada, & gloriosa,
Faz o vencido jà desesperado.
Em que figura, ou gesto desuzado,
Pòde já fazer medo a morte irosa,
A quem tem a seus pês rendido, & atado?

SONETO XVIII.

O Filho de Latona esclarecido,
Que com seu rayo alegra a humana gente,
O horrido Phiton, brava serpente,
Matou, sendo das gentes taõ temido.
Ferio com arco, & de arco foy ferido,
Com ponta aguda de ouro reluzente,
Nas Thessalicas prayas docemente,
Polla Nympha Penea andou perdido:
Naõ lhe pòde valer para seu danno,
Sciencia, diligencias, nem respeito,
De ser alto, celeste, & soberano.
Se este nunca alcançou nem hum engano,
De quem era tam pouco em seu respeito;
Eu que espero de hũ ser, que he mais q̃ humano?

SONETO XIX.

PResença bella, angelica figura,
Em quem, quanto o Ceo tinha nos tẽ dado;
Gesto alegre, de rosas semeado,
Entre as quaes se està rindo a fermosura.
Olhos, onde tem feito tal mistura,
Em christal branco o preto marchetado,
Que vemos jà no verde delicado,
Naõ esperança, mas enveja escura.
Brandura, aviso, & graça, que augmentando
A natural belleza c'hum despreso,
Com que mais despresada mais se augmenta,
Saõ as prisoẽs d'hum coração, que preso,
Seu mal ao som dos ferros vay cantando,
Como faz a Serea na tormenta.

SONETO XX.

DIversos doẽs reparte o Ceo benigno,
E quer, que cada hũa hum só possua,
Assi ornou de casto peito a Lua,
Ornamento do assento Christalino;
De graça a mãy fermosa do menino,
Que n'essa vista tem perdido a sua:
Pallas de discriçaõ, que imite a tua:
Do valor junto, só de imperio digno.
Mas junto agora o mesmo Ceo derrama
Em ty o mais, que tinha; & foy o menos,
Em respeito do Author da natureza,
Que a seu pezar te dão, fermosa dama,
Diana honestidade, & graça Venos,
Pallas o aviso seu, Juno a nobreza.

SONETO XXI.

TAl mostra dà de si vossa figura,
Sibella, clara luz da redondeza,
Que as forças, & o poder da natureza,
Com sua claridade mais apura.
Quem vio hũa confiança taõ segura,
Taõ singular esmalte da belleza,
Que naõ padeça mais, se ter defeza
Contra vossa gentil vista procura?
Eu pois por escuzar essa esquivança,
A razaõ sogeitey ao pensamento,
Que rendida os sentidos lhe entregàraõ;
Se vos offende o meu atrevimento,
Inda podeis tomar nova vingança
Nas reliquias da vida, que escapârão.

SONETO XXIII.

A Morte que da vida o nò desata,
Os nós, que dà o amor, cortar quizera,
N'ausencia, que he contr'elle espada fera,
E cò tempo, que tudo desbarata.
Duas contrarias, que hũa a outra mata,
A morte contra o amor ajunta, & altera,
Hũa he razaõ contra a Fortuna austera,
Outra contra a razão Fortuna ingrata.
Mas mostre a sua imperial potencia
A morte, em apartar d'hum corpo a alma,
Duas n'um corpo o amor ajunte, & una.
Porque assi leve triumphante a palma
Amor da morte, a pezar d'ausencia,
Do tempo, da razão, & da Fortuna.

SONETO XXIV.

ORnou muy raro esforço ao grande Atlante,
Com que a celeste machina sustenta,
Honrou seu alto engenho esse, que intenta
Grecia do quarto Ceo levallo avante.
Coroou ja o Amor o firme amante
Orpheo, firme na paz, & na tormenta,
Aspirou a ventura em tudo izenta
A Cesar, de quem foy hum tempo amante.
Tu exaltaste, ò fama, a gloria alta
De Ercoles, sobre o monte, em que resides;
Mas Castro, em quem o Ceo seus does derrama,
Mais orna, honra, coroa, aspira, exalta,
Que Atlãte, Homero, Orpheo, Cesar, & Alcides,
Esforço, Engenho, Amor, Ventura, & Fama.

SO-

SONETO XXV.

COytado que em hum tempo choro, & rió,
Espero, & temo, quero & aborreço,
Juntamente me alegro, & entristeço,
De hũa cousa confio, & desconfio.
Voo sem azás, estou cego, & guio,
E no que valho mais, menos mereço,
Calando grito, falo, & emmudeço,
Nada me contradis, & eu porfio.
Queria se pudesse o impossivel,
Poder mudarme a hum tempo, & estar quedo,
Usar de liberdade, & ser captivo.
Queria visto ser, & invisivel,
Desenrredarme, & mais assi me enrredo,
Tais os estremos saõ em que hora vivo.

SONETO XXVI.

SE grande gloria me vem sò de olharte,
He pena desigual deixar de verte,
Se presumo com obras merecerte,
Grande paga do engano he desejarte.
Se quero por quem es tal vez louvarte,
Sei certo, por quem sou, que he offenderte,
Se mal me quero a mim por bem quererte,
Que premio quero eu mais que só o amarte?
Estremos saõ de amor, os que padeço,
O humano thesouro, ô doce gloria,
E se cuido que acabo entaõ começo.
Assi te trago sempre na memoria,
Nem sei se vivo, ou mouro, mas conheço,
Que ao fim da batalha he a victoria.

SO-

SONETO XXVII.

IUlgame a gente toda por perdido,
Vendome tam entregue a meu cuydado,
Andar sempre dos homẽs apartado,
E dos tratos humanos esquecido.
Mas eu, que tenho o mundo conhecido,
E quasi, que sobre elle ando dobrado,
Tenho por baixo, rustico, enganado,
Quem não he com meu mal engrandecido.
Vaõ revolvendo a terra, o mar, & o vento,
Busquaõ riquesas, & honras, a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio, & calma,
Que eu cum humilde estado me contento,
E trazer esculpido eternamente
Vosso fermoso gesto dentro n'alma.

SONETO XXVIII.

SEmpre a razaõ vencida foy d'Amor,
Mas porque assi o pedia o coração,
Quis Amor ser vencido da razaõ;
Ora que cazo pode aver mayor?
Novo modo de morte, & nova dòr,
Estranheza de grande admiraçaõ,
Que perde suas forças a afeiçaõ,
Porque naõ perca a pena o amador,
Pois nunca ouve fraqueza no querer,
Mas antes muito mais se esforça assim,
Hum contrario com outro por vencer.
Mas a razaõ, que a luta vence em fim,
Naõ creo, que he razaõ, mas ha de ser
Inclinaçaõ, que eu tenho contra mim.

SO.

SONETO XXIX.

DElgadas agoas claras do Mondego,
Doce repouzo de minha lembrança,
Onde a comprida, & lubrica esperança,
Longo tempo, apos si me trouxe cego.
De vòs me aparto, & porem naõ nego,
Que inda a memoria lõga, que me alcança,
Me naõ deixa de vòs fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo, mais me achego
Bem pudera a Fortuna este instrumento
D'alma levar por nova terra estranha,
Offerecida a mar romoto, & a vento.
Mas a alma, que de cà vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento,
Para vós, agoas voa, & em vós se banha.

SONETO XXX.

O Rayo de ouro fino se estendia
Pello mundo d'Aurora marchetada,
Quando Nise pastora delicada,
Donde a vida deixava se partia.
Dos olhos, com que as almas accendia,
Partindo, toda em lagrymas banhada,
Da Fortuna, & do tempo magoada,
Pondo os olhos no Ceo, assi dizia.
Nace sereno Sol alegre, & ardente,
Esclarese fermosa, & roxa Aurora,
Qualquer alma alegrando descontente.
Que a minha, sabe tu, que desde agora
Jà mais na vida a podes ver contente,
Nem, taõ triste, nenhũa outra pastora.

SONETO XXXI.

QUe modo taõ sotil da natureza,
Para fugir ao mundo, & seus enganos,
Permite, que se esconda em tenrros annos,
Debaixo de hum burel tanta belleza?
Mas naõ pode esconderse aquella alteza,
E gravidade d'olhos soberanos,
A cujo resplandor entre os humanos,
Resistencia naõ sinto, ou fortaleza.
Quem quer livre ficar de dòr, & pena,
Vendoa, ou trazendoa na memoria;
Na mesma razão sua se condena.
Porque quem mereceo ver tanta gloria,
Captivo ha de ficar, que amor ordena,
Que de juro tenha ella està victoria.

SONETO XXXII.

SEguia aquelle fogo, que o guiava
Leandro contra o mar, & contra o vento,
As forças lhe faltavão já, & o alento,
Amor lhas refazia, & renovava.
Despois que vio, que a alma lhe faltava,
Naõ esmorese, mas no pensamento
(Que a lingoa já naõ pode) seu intento,
Ao mar, que lho comprisse encomendava,
O mar (dizia o moço sô consigo)
Jà te naõ peço a vida, sò queria,
Que a de Ero me salves, naõ me veja.
Este meu corpo morto, lâ o desvia
Daquella Torre, seme nisto amigo,
Pois no meu mayor bem me ouveste enveja.

SO-

SONETO XXXIII.

A CONCEIÇAM

DA VIRGEM SENHORA NOSSA.

PAra se namorar do que criou,
Te fez Deos S. Phenix Virgem pura:
Vede, que tal seria esta feitura;
Que a fes quem para si só a guardou.
No seu sancto conceito te formou
Primeiro, que a primeira creatura,
Para que vnica fosse a compostura,
Que de tam longo tempo se estudou.
Naõ sey, se direy nisto quanto baste,
Para exprimir as santas calidades,
Que quis criar em ty, quem tu criaste?
Es filha, mãy, & esposa; E se alcansaste
Huã só, tres tão altas dignidades,
Foi; porque a tres, & hũ só, tãto agradaste.

SONETO XXXIV.

A ENCARNAÇAM DO VERBO ETERNO.

DEce do Ceo immenſo Deos benigno
Para encarnar na Virgem ſoberana,
Porque dece Divino em couſa humana
Para ſubir o humano a ſer Divino.
Pois como vem tam pobre,& tam minino,
Rendendoſe ao poder da mão tyrāna?
Porque vem receber morte inhumana,
Para pagar de Adão o deſatino.
Pois como? Adão,& Eva o fruito comem,
Que por ſeu proprio Deos lhe foi vedado?
Si,porpue o proprio ſer de Deoſes tomem.
E por eſſa razão foi humanado?
Si.Porque foi com cauſa decretado,
Se o homē quis ſer Deos,q̄ Deos ſeja homē.

SO-

SONETO XXXV.

A CHRISTO N. S.

NO PRESEPIO.

DOs Ceos à terra dece a mòr belleza,
Vnese à carne nossa, & fala nobre,
E sendo a humanidade d'antes pobre,
Hoje subida fica à mór alteza.
Busca o Senhor mais rico a mór pobreza,
Que como ao mũdo o seu amor descobre:
De palhas vis o corpo tenro cobre,
E por ellas o mesmo Ceo despreza.
Como, Deos em pobreza à terra dece?
O que he mais pobre tanto lhe contenta,
Que só rica a pobreza lhe parece.
Pobreza este Presepio representa,
Mas tanto por ser pobre jà merece,
Que quãto he pobre mais, mais lhe cõtẽta.

SONETO XXXVI.

A PAIXAM DE CHRISTO N. SENHOR, dealogismo.

POrque a tamanhas penas se offerece,
Pelo peccado alheyo, & erro insano,
O trino Deos? porque o sogeito humano
Naõ pode cò castigo, que merece.
Quem padecerá as penas, que padece,
Quem sofrerá deshonra, morte, & dãno?
Ninguem, senaõ se for o soberano,
Que reyna, & servos manda, & obedece.
Foy a força do homem tam pequena,
Que naõ pode soster tanta aspereza,
Pois naõ susteve a Ley, que Deos ordena.
Sofrea aquella immensa Fortaleza,
Por puro amor, que a humanal fraqueza,
Foy para o erro, & naõ ja para a pena.

ELE-

ELEGIA

A PAIXAM DE CHRISTO N. SENHOR.

SE quando contemplamos as ſecretas
Cauſas, porque o mundo ſe ſuſtenta,
O revolver dos Ceos, & dos Planetas;
E ſe quando á memoria ſe apreſenta
Eſte curſo do Sol, que he taõ medido,
Que hum ponto sò naõ mingua, nẽ ſe augmẽta;
Aquelle effeito, tarde conhecido,
Da Lũa, em ſer mudavel, tam conſtante,
Que minguar, & crecer he ſeu partido;
Aquella natureza tam poſſante
Dos Ceos, que tam conformes, & contrarios
Caminhaõ, ſem parar hum breve inſtante;
Aquelles movimentos ordinarios,
A que reſponde o tempo, que naõ mente,
Cos effeitos da terra neceſſario;
Se quando emfim revolve ſutilmente
Tantas couſas à leve fantaſia,
Sagaz, eſcrutadora, & diligente;
Vê bem (ſe da razão ſe naõ deſvia)
O Altiſſimo ſer, puro, & divino,
Que tudo pòde, manda, move, & cria.
Sem fim, & ſem começo, hum ſer contino;

Hum padre grande,a quem tudo he possivel,
Por mais arduo,que seja ao homem indino:
Hum saber infinito incomprehensivel,
Hũa verdade,que nas cousas anda,
Que mora no visivel, & invisivel;
Esta potencia em fim, que tudo manda,
Esta causa das causas,revestida
Foy desta nossa carne miseranda.
Do Amor, & da Justiça,compellida
Polos erros da gente, em mãos da gente,
Como se Deos naõ fosse,perde a vida.
O Christão descuydado & negligente
Pondera isto,que digo,repousado,
Naõ passes por aqui tam levemente.
Naõ,que aquelle Deos alto,& increado,
Senhor das cousas todas,que fundou
O Ceo,a terra,o fogo,& o mar irado;
Naõ do confuso Caos,como cuidou
A falta Theologia,& povo escuro,
Que nesta só verdade tanto errou:
Naõ dos atamos falsos de Epicuro;
Naõ do largo Oceano como Tales,
Mas sò do pensamento casto,& puro.
Olha,animal humano, quanto vales,
Que por ty este grande Deos padece,
Novo modo de morte,novos males.
Olha,que o Sol no Olympo se escurece,
Naõ por opposição d'outro Planeta,
Mas só porque virtude lhe falece.
Naõ ves,que a grande machina inquieta
Do mundo se des faz toda em tristeza,
E naõ por natural causa secreta?

Naõ

Naõ ves,como ſe perde a natureza,
O ar ſe turba,o mar batendo geme,
Desfazendo das pedras a dureza?
Naõ ves,que os montes caem?a terra treme?
E que até na remota,& grande Athenas,
O ſabio Dionyſio ſente,& teme?
O ſummo Deos,tu meſmo te condenas
Polo mal,em que eu ſò ſou taõ culpado,
A tamanhas afrontas,tantas penas!
Por mim,ſenhor,no mundo reputado
Por falſo,& por quebrantador da ley,
A fama a ty ſe poem de meu peccado.
Eu ſenhor ſou ladraõ,tu ſummo Rey,
Eu ſò furtey,tu com ladroẽs padeces,
A pena a ty ſe dâ,do que eu pequey.
Eu ſervo ſem valor,tu ſummo preço,
Em preço vil te poẽs por me tirares
Do cativeiro eterno,que mereço.
Eu por perderte,& tu por me ganhares
Te dás aos homẽs baixos,que te vendem
Só para os homẽs preſos reſgatares.
A ty,que as almas ſòltas,a ty prendem,
A ty ſummo Juiz ante Juizes
Te accuſaõ,polo error dos, que te offendem.
Chamaõte malfeitor,naõ contradizes,
Sendo tu dos Prophetas a certeza,
Dizem,que quem te fere,prophetizes.
Rimſe de ty;tu choras a crueza,
Que ſobre elles virà.A gente dura,
Por quem tu vẽs ao mundo,te deſpreza.
O teu roſto,de cuja fermoſura
Se veſte o Ceo,& o Sol reſplandecente,

Diante de quem muda està a Natura.
Com cruas bofetadas da vil gente,
De precioso sangue està banhado,
Cuspido, arrepellado cruelmente?
Aquelle corpo tenro & delicado,
Sobre todos os Santos Sacrosanto,
De açoutes rigurosos flagellado?
Despois cuberto mal de hum pobre manto,
Que se pegava às carnes magoadas,
Para dobrarlhe as dores outro tanto?
Magoavãono as chagas não curadas,
Hum tormento causandolhe excessivo,
Ao despir pelas mãos crueis, & iradas.
As santissimas barbas de Deos vivo,
De resplandor ornadas, lhe arrancavão,
Para desempenhar Adaõ captivo.
Com cordas pelas ruas o levavão,
Levando sobre os hombros o Tropheo
Das vitorias, que as almas alcançavão.
O, tu, que passas, homem Cyrineo,
Ajuda hum pouco este Homem verdadeiro,
Que agora como humano enfraqueceo.
Olha, que o corpo aflito do marteiro,
E dos longos jejũs debilitado,
Naõ pòde jà co peso do Madeiro.
O naõ enfraqueçais, Deos encarnado,
Essas quedas, que tanto vos magoão,
Sopportay Cavalleiro sublimado.
Que aquellas altas vozes, que lá soão,
Dos Padres saõ, que estaõ no Limbo escuro,
Que já de Louro, & Palma vos coroão.
Todos vos bràdão, que subais ao muro

Da Cidade infernal, & que arvoreis
Encima essa bandeira muy seguro.
O, Santos Padres, naõ vos appresseis,
Que muito mais a Deos, que a vós custarão
Essas duras prisoẽs, em que jazeis:
Aquellas mãos, que o mundo edificarão,
Aquelles pés, que pisaõ as Estrellas,
Com durissimos prègos se encravàraõ.
Mas qual serâ a pessoa, que as querellas
D'angustiada Virgem contemplasse,
Que naõ se mova a dòr, & á magoa d'ellas?
E que dos olhos seus naõ estillasse
Tanta copia de lagrimas ardentes,
Que carreiras no rosto assinalasse?
Oh quem lhe vira os olhos refulgentes
Desfazendose em lagrimas, regando
Aquellas bellas faces excellentes!
Quem a vira cos gritos ir tocando
Ás estrellas, a quem responde o Ceo,
Cos accentos dos Anjos retumbando!
Quem vira quando o claro rosto ergueo
A ver o Filho, que na Cruz pendia,
Donde a nossa saude descendeo!
Que magoas tam saudosas, que diria,
Que palavras tam miseras, & tristes
Para o Ceo, para a gente espalharia!
Pois que seria, Virgem, quando vistes
Com fel nojoso, & com vinagre amaro,
Matar a sede ao Filho, que paristes?
Naõ era este o licor suave, & claro,
Que para o confortar, então darieis
A quem vos era, mais que a vida, charo.

Com

Como, Virgem Senhora, naõ corrieis
A dar as tetas puras ao Cordeiro,
Que padecer na Cruz com sede vieis?
Naõ sò era esse, Senhora, o verdadeiro
Porto, que vosso filho desejava,
Morrendo pelo mundo n'hum madeiro.
Mas a salvação sò, que alli ganhava
Para o misero Adão, que alli bebia
Na fonte, que do peito lhe manava.
Pois, ò pura, & santissima Maria,
Que em fim sentistes esta magoa, quanto
A gravidade della o requeria,
D'essa fonte sagrada, & peito santo
Me alcançai hũa gota, com que lave
A culpa, que me agrava, & pesa tanto.
Do licor salutifero, & suave
Me abrangey, com que mate a sede dura
D'este mundo taõ cego, torpe & grave.
Assi, Senhora, toda a criatura,
Que vive, & vivirà, que não conhece
A ley do vosso Filho, santa & pura;
O falsissimo hereje, que carece
Da graça, & com danado, & falso sprito
Perturba a santa Igreja, que florece,
O povo pertinaz, no antigo rito,
Que sò o desterro seu, que tanto dura,
Lhe diz, que he pena igual ao seu delito.
O torpe Ismaelita, que mistura
As leys, & com preceitos viciosos
Na terra estende a ceita falsa impura;
Os idolatras maos supersticiosos,
Varios de opiniões, & de costume

Levados de conceitos fabuloſos.
As mais remotas gentes, onde o lume
Da noſſa Fè naõ chega: nem, que tenhaõ
Religiaõ algũa ſe preſume:
Aſſi todos em fim, Senhora, venhaõ,
Confeſſar hum sò Deos crucificado,
E por nenhum reſpeito ſe detenhaõ.
Mas de todos o vicio jâ paſſado,
O ſeu nome co voſſo neſte dia,
Seja por todo mundo celebrado,
E reſpondaõ os Ceos, JESUS MARIA.

ELEGIA

AO DOVTOR MESTRE BELCHIOR,

Em louvor de sua filha Dona Maria de Figueiroa, na India em Damão.

SE obrigaçoẽs de fama podem tanto,
Que inda de Helena vive hoje a memoria,
Fazendo cada vez mayor espanto;
Se tambem de Lucrecia a Livia historia,
Inda que jà passada, cá florece,
E por fama, & triumpho hoje tem gloria;
Se a perfeição de Laura nunca esquece,
Tambem he que por fama laureada,
Nos ficou por Petrarca, & hoje crece;
E se aquella cruel Troyana espada,
Deo com a morte vida à fermosura
De Dido, por Virgilio celebrada:
E se Venus fermosa, hoje segura
Se aprezenta em mil versos, & Diana
Com as nove Irmãs d'Apollo tem ventura,
Que farà a fermosura soberana,

De Figueiroa illustre, de quem quero
Cantar com doce Lira, & Mantuana?
Mas se me ella naõ falta, della espèro
Cantar, naõ destas jà, que jà acabaraõ:
Destas cante Virgilio, cante Homero:
Que se outras com seus versos celebraraõ,
Foy, que por sua idade, a desta dama
(Por inda estar no Ceo) naõ na alcançaraõ.
Mas tinhalhe a ventura Oriental cama,
Guardada lâ em Damão, porque nacendo,
Perder fizesse às outras gloria, & fama.
E em quanto alegre declarar pretendo;
Vòs Pay de tal thesouro, daime ouvidos,
Para delle dizer, mais do que entendo.
Naõ reproveis meus versos d'atrevidos,
Antes dailhe louvor, para que sejão
De tal dama, & de vós favorecidos:
Que milagres d'amor, farei que vejão?
Direi os olhos bellos, boca, & rizo,
Mil partes, que outras damas ter desejão.
Cabellos d'ouro, emfim seu grande auizo,
Sua arte, perfeição, & fermosura,
Que na terra nos mostra hum Parayso?
Que mais? o grave aspeito, & a brandura,
A boca de Rubis, chea de perlàs,
Das christalinas mãos a neve pura?
Senhora Dona Maria, entre as mais bellas;
Vòs sois, quem nossa idade hoje enriquece,
E entre ellas sois qual Sol entre às Estrellas.
Por vòs Damão, Senhora, hoje florece;
Por vós as Musas já do sacro monte,
Donde contino o Louro verde crece,

Vos

Vos vem aprezentar, da clara fonte,
De pallidas violas coroadas,
As pegaseas flores de Eliconte.
A vòs se vem cantando rodeadas
Das Nimphas, que o dourado Tejo cria,
Com suas doces Liras temperadas.
E com seu suave canto, & melodia,
Chegadas a vós jâ dizem cantando,
Esta he por quem Apollo emmudecia.
Esta he, por quem Veturno desprezando
Pomona, de contino se abrasava,
Na menos parte sua imaginando.
Esta he por quem em fonte se tornava
O avò de Phaetonte, & porque Orpheo
As furias infernais a quebrantava;
Esta he, por quem sô Troya se perdeo,
Esta he, a quem Paris deo à maçaã d'ouro,
E esta por quem Orlando endoudeceo.
Esta he, quem desdo Ganges atê o Douro,
Sò sem falta compoz a natureza,
Do Indico Oriental todo o thesouro;
Esta he, quem trouxe a luz toda à nobreza
Dos de Liaõ Fajardos, que descende
Do Real tronco Ingrez, na mòr alteza.
Esta he a flor do Lago; que se estende,
E em quem de novo nace a Real pranta,
Esta he, a quem o mesmo Amor se rende;
Esta he, por quem a Aurora se levanta,
Na parte Oriental, mais clara, & pura,
Esta he, por quem morrendo o Cisne canta;
Esta he, por quem nos dotou, sò a ventura,
De mil primores chea colocada,

Em

Em rara perfeição de fermosura.
Esta serà de nòs sempre cantada,
E dos novos Poetas mil louvores
Terá com fama eterna, & soblimada.
Na festa de Deos Pam cem mil pastores
Desta felice terra a ti cantando,
Mil ramos levarão cheos de flores.
Ati as suas lutas dedicando,
Seus jogos pastoris de cem mil partes,
Com versos te estarão sempre louvando.
E tu, que de teu ser nunca te partes
Com fermosura, & graça de contino,
Com que por fama ao mundo te repartes,
Com rosto branco, alegre, & peregrino
Aceitaràs seus versos, coroada
De rosas, & de louro ati sò dino.
Dali do nosso choro venerada
Teràs cargo da selva de Diana,
E entre nòs tu seràs, mais estimada.
Dali, ô alta Dea, & soberana
Governaràs o Indico Oriente,
E todo estado alem da Taprobana.
Dali correndo irà de gente em gente
Tua fama, fazendo esquecida
A das antigas Damas do Occidente,
Ganhando teu louvor immortal vida.

ODE DE CAMOÊS, que nunca foi impressa.

NAquelle tempo brando,
Em que se vè do mundo a fermosura,
Que Tetis descansando
De seu trabalho està fermosa, & pura,
Cansava Amor o peito
Do mancebo Peleo de hum duro afeito.

Com impeto forçoso
Lhe tinha já fugido a bella Nimpha,
Quando no tempo aquoso
Noto ligeiro move a clara limpha;
Serras no mar erguendo,
Que as altas vaõ da terra desfazendo.

Esperava o mancebo
Com a dor, que o seu peito n'alma sente,
Hum dos dias, que Phebo
O mundo todo abrasa em fogo ardente,
Soltando as tranças d'ouro,
Em que Clicie d'Amor faz seu thesouro.

Era no mes, que Apolo
Entre os irmãos celestes passa o tempo,
O vento enfrea Eolo,
Para que o deleitoso passatempo

Seja

Seja quieto, & mudo,
Que a tudo Amor obriga, & vence tudo.

O luminoſo dia
Os amoroſos corpos deſpertava,
Na cega idolatria,
Que o peito mais contenta, & mais agrava,
Onde o cego minino
Se faz crer dos humanos, que he divino;

Quando a fermoſa Nimpha,
Com todo ajuntamento venerando,
Na pura, & clara limpha
O chriſtalino corpo eſtà lavando,
O qual nas aguas vendo,
Nelle, alegre de o ver, ſe eſtà revendo.

O peito Diamantino,
Em cuja branca teta Amor ſe cria,
O geſto perigrino,
Cuja preſença torna a noite dia,
A gracioſa boca,
Que Amor a ſeus amores mais provoca.

Os rubins gracioſos,
E perolas, que eſcondem entre as roſas
Os jardins deleitoſos,
Que o Ceo plantou em faces taõ fermoſas;
O tranſparente collo,
Que ciumes a Daphne faz de Apollo,

O ſu-

O ſutil movimento
Dos olhos, cuja viſta o Amor cegou,
O qual com ſeu tormento
Nunca mais de taes olhos ſe apartou,
Mas antes de contino
Nas mininas o trazem por minino.

Os fios eſpalhados
D'amor, que aos mais dos peitos faz cobiça,
Onde Amor enredados
Os coraçoẽs humanos traz, & atiça,
Com fervido deſejo,
Por onde elle começa a ſer ſobejo.

O mancebo Peleo,
Que de Neptuno eſtàva aconſelhado,
Vendo na terra o Ceo
Em taõ bella figura tresladado,
Mudo hum pouco ficou,
Porque Amor logo a falla lhe tirou.

Emfim querendo ver,
Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A viſta foy perder,
Porque de puro amor Amor não via,
Ficando cego, & mudo
Contra as forças do Amor, que póde tudo.

Agora ſe aparelha
Para a batalha, agora arremetendo,
Agora ſe aconſelha,
Agora vay, agora eſtà tremendo,

Quan-

Quando jà de Cupido
 Com nova ſetta o peito vio ferido.

Remete o moço logo
 Para onde eſtàva a chaga ſem ſocego,
 E cò ſobejo fogo,
 Quanto mais perto eſtava,então mais cego
 Se via,& c'hum ſuſpiro,
 Na fermoſa donzella emprega o tiro.

Vingado aſſi Peleo,
 Naſceo deſte amoroſo ajuntamento
 O forte Lariſſeo
 Deſtruição do Phrigio penſamento,
 Que por naõ ſer ferido
 Foy nas ondas eſtigias ſummergido.

OVTRA ODE DO MESMO nunca impressa.

IA a calma nos deixou
Sem flores as ribeiras graciosas;
Jà de todo secou
Os cravos, lirios, & as purpureas rosas;
Fogem da calma grave os passarinhos,
Para o sombrio emparo de seus ninhos.

Menea os altos freixos
A branda viraçaõ, de quando em quando;
E d'entre varios seixos
O liquido cristal sae murmurando;
As gotas, que das alvas pedras saltaõ,
O prado, como perolas, esmaltaõ.

Da caça jà cansada
Busca a casta Titonia a espessura,
Onde à sombra deitada
Logre o doce repouso da verdura,
E sobre o seu cabello crespo, & louro,
Deixe cair o bosque o seu thesouro.

O Ceo desempedido
Mostra o eterno lume das estrellas,
E de flores vestido
Hũas vermelhas, & outras amarellas
Se mostra alegre o bosque, alegre o monte,

O rio, o arvoredo, o prado, a fonte.

Porque como o minino,
Que a Jupiter pola Aguia foi levado,
No cerco christalino
Foi do amador de Clicie visitado,
O busque chorarà, chorarâ a fonte
O rio, o arvoredo, o prado, o monte.

O mar, que agora brando
He das lindas Nereydas cortado,
Se irà alevantando
Todo em crespas escumas empollado:
O soberbo furor do negro vento
Fará por toda parte movimento.

Ley he da natureza
Mudarse desta sorte o tempo leve,
Socede a belleza
Da primavera, o fruto, a calma, a neve,
E tornar outra vez por certo fio,
Otono, Inverno, Primavera, Estio.

Tudo em fim faz mudança
Quanto o claro Sol vè, quanto alumia,
Nem se acha segurança
Em tudo, quanto alegra o bello dia,
Mudaõ se as condiçoẽs, mudase a idade,
A bonança, os estados & a vontade,

Sò a minha inimiga
A dura condição nunca mudou,

Para que o mundo diga,
Que nella ley tam certa se quebrou,
Sò ella em me não ver sempre està firme,
Ou por fugir d'Amor, ou por fugirme.

Mas jà sofrivel fora,
Só ella em me matar, mostrar firmeza:
Se naõ achara agora
Tão bem em mim mudada a'natureza:
Pois sempre o coração tenho turbado,
Sempre d'escuras nuves rodeado.

Sempre exprimento os fios
Que em continuo receo Amor me manda:
Sempre os dous caudaes rios,
Que em meus olhos abrio, que nos seus anda,
Corre sem chegar nunca o veraõ brando,
Que tamanha aspereza và mudando.

O Sol sereno, & puro,
Que no fermoso rosto resplandece,
Envolto em manto escuro
Do triste esquecimento nam parece,
Deixando em triste noite a triste vida,
Que nunca he de luz nova soccorrida.

Porem seja o que fôr,
Mudese por meu dano a natureza,
Perca a constancia Amor,
A fortuna inconstante ache firmeza,
E tudo se conjure contra mi.
Mas eu firme estarei, no que emprendi.

CAN.

CANÇAM.

NEm roxa flor de Abril,
Pintor do campo ameno, & da verdura,
Colhida entre outras mil
Foy nunca assi agradavel à donzella
Cortês, alegre, & bella,
De sua mãy deleite, & gloria pura,
Como a mim foy ã inculta fermosura,
Natural, que pudera
Render Saturno là na sua esphera.

Natural fonte agréste,
Naõ lavrada de artifice excelente,
Mas por arte celeste
Dirivada do rustico penedo,
Naõ fez nunca taõ ledo
Cansado caçador por sesta ardente;
Quanto o descuido a mim me fez contente,
Do ver desconcertado,
Que farà brando a Jupiter irado.

Fruta, que sem concerto
Natureza entre os ramos dependura,
Achada por acerto,
A quem pintada a vê de sangue, & leite;
Naõ lhe dà o deleite,
Que essa graça me dà sem compostura,
Ornamento da mesma fermosura,
E o toucado sem arte

Que tornàra pastor o bravo Marte.

A manhaã graciosa,
Que derramando sae d'entre os cabellos
A flor, o lirio, a rosa,
Sem ajuda de ornato, ou de artificio,
Naõ faz o beneficio,
Que faz a luz dos vossos olhos bellos,
A quem os vè taõ puros, & singellos,
E esse innocente riso,
Porque o Sol deixa, pelo Tejo, Amphriso.

Outeiros coroados
Das arvores, que fazem à espessura,
Cos ramos carregados,
Alegre, que mão destra os não cultiva;
Graça tão excessiva,
Naõ tem na sua natural verdura,
Quanta na desses olhos clara, & pura
Deposita a esperança,
Com que Amor gosto, & a māy tormēto alcāça.

Dos simples passarinhos
A musica sem arte concertada,
D'entre os verdes raminhos;
Taõ suave naõ hé, taõ deleitosa,
A quem no campo a gosa,
Quanto a mim essa falla alegre agrada;
E o natural aviso,
Tal que a Mercurio rouba o cetro, & o siso.

Dos rios frescos a agoa,

Que

Que clara entre arvoredos se diriva;
Caindo dalta fragoa,
Esmaltando de perolas no prado.
O verde delicado,
Com brando som, aos olhos fugitiva,
Naõ nos alegra, quanto a graça esquiva.
D'essa voz soberana,
Que faz cortès a rustica Diana.

SEXTINA.

Fogeme pouco, & pouco a curta vida,
Vayseme o breve tempo dante os olhos,
E do viver me vay levando o gosto,
Choro pelo passado, mas os dias
Naõ se detem por isso de seu curso
Passase emfim a idade, & fica a pena.

Que maneira taõ aspera de pena,
Que nunca hum passo deo tam longa vida,
Fora de trabalhoso, & triste curso,
Se no processo meu estendo os olhos,
Tam cheyos de trabalhos vejo os dias,
Que jâ naõ gosto, nem do mesmo gosto.

Os prazeres, o canto, o riso, o gosto,
A continuação da grave pena
Me levou, que naõ ponho culpa aos dias.
A culpa he do destino, porque a vida
Sempre celebrarà os bellos olhos,
Pôr mais que do viver se alongue o curso.

Sigaõ os Ceos o seu natural curso,
A toda gente dem tristeza, ou gosto:
Façaõ em fim mudanças, que meus olhos
Nunca veraõ no mundo se naõ pena,
Nem descanso terei jà nesta vida,
Para poder em paz passar os dias.

Vaõ soccedendo hũs dias a outros dias,
Nada de seu curso naõ perde o tempo,
Perde somente a curta, & breve vida,
Fogelhe como sombra a idade, & o gosto,
Vaysélh'acrecentando magoa, & pena,
De que saõ testemunhas os meus olhos.

Mas nunca da minh'alma, ò claros olhos,
Vos poderaõ tirar os longos dias,
Creça quanto quiser trabalho, & pena,
Que pois para detras naõ torna o curso.
Dos annos, isto sò terei por gosto,
Para poder passar o mais da vida.

Canção jà tive vida, jà meus olhos
Me deraõ algum gosto, mas os dias,
Com seu ligeiro curso màgoa, & pena.

CAN

CANCAM.

Esta Cançaõ duas vezes fez o Author cõ os mesmos conceitos, mas termos tam differentes que totalmente he outra, hũa se imprimio que começa, Mandame Amor que cante docemente; esta he tam boa, que naõ se deixa ver qual he a que elle aceitou, & assi ambas saõ merecedoras de se imprimir.

MAmdame Amor, que cante, o q̃ alma sente,
Caso, que nunca em verso foy cantado,
Nem d'antes entre gente acontecido;
Pagame assi em parte o meu cuidado,
Pois que quer, que me louve, & represente
Quaõ bem soube no mundo ser perdido.
Sou parte, & naõ serei dà gente crido,
Mas he tamanho o gosto de louvarme,
E de manifestarme,
Por cativo de gesto tam fermoso,
Que todo impedimento
Rompe, & desfaz a gloria do tormento:
Peregrino, suave, & deleitoso,
Que bem sei que, o que canto,
Ha d'achar menos credito, que espanto.

Eu

Eu vivia do cego Amor izento
Porem tam inclinado a viver preso,
Que me dava desgosto a liberdade:
Hum natural desejo tinha acceso
D'algum ditoso, & doce pensamento,
Que me illustrasse a insana mocidade:

Tornava do anno já a primeira idade,
A revestida terra se alegrava,
Quando Amor me mostrava
Em fios douro hũas tranças desatadas
Ao doce vento estivo,
Os olhos rutilando em lume vivo,
As rosas entre a neve semeadas,
O gosto grave, & ledo
Que juntos move em mim desejo, & medo.

Este ramo está quasi todo, na que está impressa.

Hum não sei que suave respirando,
Causava hum desusado, & novo espanto,
Que as cousas insensiveis o sentião:
Porque as garrulas aves entre tanto,
Vozes desordenadas levantando,
Como eu em meu desejo se acendião.

As fontes cristalinas não corrião,
Inflammadas na vista clara, & pura,
Florecia a verdura,

Que andando cos ditosos pès tocava.
Os ramos se abaixavão,
Ou denveja das hervas, que pizavão,
Ou porque tudo ante elles se abaixava;
O ar, o vento, o dia
Espiritos continuos influhia.

E quando vi, que dava entendimento
A cousas fòra delle, imaginei,
Que milagres faria em mim, que o tinha?
Vy, que me desatou da minha ley,
Privandome de todo sentimento,
E n'outras transformando a vida minha.

Com tamanhos poderes do Amor vinha
Que o uso dos sentidos me tirava,
E não sei como o dava
Contra o poder, & ordem de Natura.
As arvores, aos montes,
A rudeza das hervas, & das fontes,
Que conheceraõ logo a vista pura,
Fiquei eu sò tornado,
Quasi n'um rudo tronco de admirado.

Despois de ter perdido o sentimento
De humano, hum sò desejo me ficava,
Em que toda a razão se convertia;
Mas naõ sey quem no peito me bradara;
Que por taõ alto, & doce pensamento,
Com razão a razão se me perdia:
Assi que quando mais perdida a via
Na sua mesma perda se ganhava;

Em doce paz estava
Com seu contrario proprio num sogeito;
O caso estranho, & novo,
Por alta certamente, & grande approvo
A causa, donde vem tamanho effeito,
Que faz num coração,
Que hum desejo sem ser, seja razão.

Depois de jà entregue a meu desejo,
Ou quasi todo nelle convertido,
Solitario, silvestre, & inhumano,
Taõ contente fiquey de ser perdido,
Que me parece tudo, quanto vejo,
Escusado, se naõ meu proprio dano;

Bebendo esteve suave, & doce engano,
A troco do sentido, que perdia,
Vy, que Amor me insculpia
Dentro nalma a figura honesta, & bella,
A gravidade, o siso,
A mansidão, a graça, o doce riso,
E porque não cabia dentro nella,
De bẽs tamanhos tanto,
Sae pola boca convertido em canto.

Canção, se te não crerem
Daquelle claro gesto quanto dizes,
Polo que em si lhe esconde:
Os sentidos humanos (lhe responde)
Naõ podem do divino ser juizes,
Se naõ hum pensamento,
Que a falta supra a fé do entendimento.

PETI.

PETIÇAM FEITA ao Regedor de hũa nobre moça, presa no Limoeiro da Cidade de Lisboa, por se dizer, que fizera adulterio a seu marido, que era na India; feita por Luis de Camoẽs.

SPrito valeroso, cujo estado
O alto Deos prospere, & acrescente,
Regendo o fiel Reyno descansado,
Com vida felicissima, & contente:
A vòs, em quem o humil necessitado
Acha sempre favor, & amor ardente,
Peço queirais ouvir, que na verdade,
Zelo, & amor de Deos me persuade.

Naõ vos seja pesado o atreverme
A querer emprender sujeito alheyo,
Porque fizeraõ lagrimas moverme
Vir ante vòs ousado, & sem receyo.
E se por tal quiserdes conhecerme,
Servindovos de mim, por algum meyo,
O nome, o braço, a Musa, & quanto posso,
Ha jâ muito, senhor, que tudo he vosso.

Quem

Quem vos isto offerece dirà quanto
Desejo muito ha já servos aceito,
Porque com vosso zelo, o favor santo,
Faça meu rude verso algum proveito:
Que cobrindome vós com vosso manto,
A eu ser nobre tendo algum respeito,
Sey que posso ganhar, o que naõ tenho,
Pois me naõ faltaõ forças, nem engenho.

Porem isto, senhor, deixando a parte,
Que razão he devida, a que me guia,
A vós venho com força, engenho, & arte,
Por influxo do Ceo, que a vòs me envia:
A vòs, a quem tem dado Apolo, & Marte,
De seus thesouros parte, & melhoria,
Venho cantar com voz rouca, & chorosa,
Por hũa encarcerada desditosa.

A vòs venho, senhor, na confiança
Do vosso nome pondo meu sentido,
Que quem em vós confia, tudo alcança,
Sendo cousa, de que Deos he servido;
E pois elle vos deo justa balança,
Para pezar justiça, & dar ouvido,
Ouvi a petição da miseravel,
Com quem Fortuna foi taõ pouco affavel.

Ouvi da pobre Dona Catharina
O grande desemparo inopinado,
A quem nenhum remedio determina,
Ou permitte seu duro, & cruel fado;
Que se na tenra idade foi mofina,

Sua

Suà vida entregando ao vaõ cuidado,
Aja nisso castigo com brandura,
Porque o medo a farà viver segura.

Aja, senhor, cuidar, que he moça pobre,
Que pobreza naõ tem nenhum respeito,
E mais naõ tendo idade, que lhe sobre,
Para saber fugir do que he mal feito:
Aja tambem cuidar, que he sangue nobre,
E ao jugo da Igreja inda sugeito,
E que podem nacer de tal processo
Hum grande, & cruelissimo successo.

Certo, que com razão urgente, & clara
Tem algũa razão a infelice,
Que se ninguem recolhe, nem ampara
A triste orfaã na flor da meninice,
A Fortuna cruel, em tudo avara,
Para lhe acarretar triste velhice,
Lhe entrega a honra, & pura castidade
Nas mãos de hũa vital necessidade.

Bem sei, que de ter culpa não carece,
Só por naõ ser do sangue seu lembrada,
Mas deselhe o castigo, que merece,
E naõ para taõ longe desterrada:
Que se para là for, bem se conhece,
Quão vilmente serà vituperada,
Dando motivo ao rude marinheiro,
Que seja incontinente carniceiro.

Vede, senhor, o risco, a que se obriga
A desditosa, & fragil mocidade,
Se honra naõ vai buscar, ou parte amiga,
Que lhe defenda sua honestidade.
Naõ queirais naõ, senhor, que o mundo diga,
Ah, que grande rigor, & crueldade!
Como jà vai dizendo, & murmurando,
Sua grande ignorancia disculpando.

Eu certo não duvido, que o Piloto,
O Mestre, o Marinheiro, o Capitão
Usem do costumado vicio roto,
Com todas, as que em seus poderes vão:
Daime vòs, senhor, hum, que estê remoto
De tal dilicia, nesta occasiaõ.
E eu direi ser falso, o que vos digo,
Tomando sobre mim todo o castigo.

Já naõ ha hi Joâo posto em deserto,
Que seja ao Ceo, por casto, taõ aceito,
Nem ha, quem naõ cometta desconcerto,
Nessa torpeza brutta, & vil sugeito:
Jà não ha hi Hieronymo tão certo,
Que, com pedra na mão, ferindo o peito,
Da carne stimulado, assi lhe diga,
Naõ te chegues a mim, carne inimiga.

A culpa he dos parentes descuidados,
Que, vendoa sem amparo & sem abrigo,
Em tempo, que os mais ricos & esforçados,
Temendo a Deos, fugiaõ seu castigo:
Hũs para seus jardins determinados,

Ou.

Outros por onde o Ceo lhes fosse amigo,
A deixaraõ tam sò nesta Cidade,
Batalhando co a vil necessidade.

Pois, quem ouvera ahi, que não cahira,
Vendose em tal estremo, em tal miseria,
Qual Arthemisa aqui não consentira,
Qual Romana Sofronia, ou qual Valeria?
E qual Lucrecia fora, que isto vira,
Que naõ rendera o jugo à vil materia?
Qual Thebana Thimochia, ou linda Sara,
Ou qual mulher de Ulysses se negara?

Qual fora, a que se vira em taõ infesta
Batalha, turbulenta, & espantosa,
Exercitando a morte rija & mesta,
Seu duro officio, brava, & rigurosa.
Que Nympha ouvera ahi, que Deosa Vestà,
Em virginal estado poderosa,
Que naõ rendera a tudo o casto nome,
Por naõ morrer nas mãos da dura fome?

Ah valeroso sprito, caso he isto,
Para se dar perdão â fraca ovelha,
Naõ seja o perdão seu, seja de Christo,
Pois elle a perdoar nos aconselha:
Assi nos altos Ceos sejais bem quisto,
E vos incline Deos attenta orelha,
Que vos lembre, senhor, seu desemparo,
Pois sois dos pobres pay & amigo claro.

Por isso olhai, senhor, o quanto importa
Cortar occasiões com fio agudo,
Porque naõ se cortando, abrese porta
Do lascivo desejo ao Nauta rudo.
E, se, como vos digo, esta se corta,
Olhando bem as leys do claro estudo,
Será grandeza vossa muy sobida,
Dessa real prosapia produzida.

Olhai, que tem, senhor, hũa minina
Do ausente consorte, & filha sua,
Muito desemparada, & pequenina,
Fóra do natural, despida & nua.
Sede vós, senhor, agoa da Piscina,
A vosso zelo tudo se attribua,
Que, movendovos elle, naõ duvido,
Que tudo a ella seja concedido.

RE-

REDONDILHAS DO MESMO.

Cantigas alheas.

NA fonte està Leonor
Lavando a talha, & chorado,
As amigas perguntando,
Vistes là o meu amor?

Voltas do Camoes.

Posto o pensamento nelle,
Porque a tudo o Amor a obriga
Cantava, mas a cantiga
Eraõ sospiros por elle.
Nisto estava Leonor
O seu desejo enganando
As amigas perguntando
Vistes là ó meu amor?

O rostro sobre hũa mão,
Os olhos no chaõ pregados,
Que do chorar jà cansados,
Algum descanso lhe dão.
Desta sorte Leonor
Suspende de quando em quando,
Sua dor, & em sy tornando,
Mais pesada sente a dor.

Naõ deita dos olhos agua,
Que naõ quer que a dor se abrande.
Amor, porque em magua grande
Seca as lagrimas a magua.

Que despois de seu amor
Soube novas preguntando,
Demproviso, a vi chorando,
Olhai, que estremos de dor?

Estas trovas mandou o Author da cadea, em que o tinha embargado por hũa divida, Miguel Roiz, Fios Secos d'Alcunha, que se embarcava para fóra, ao Conde do Redondo D. Francisco Coutinho Viso-rey, pedindolhe o fizesse desembargar.

Que diabo ha taõ danado,
Que não tema a cutilada
Dos fios secos da espada
Do fero Miguel armado?

Pois se tanto hum golpe seu
Soa na infernal cadea,
Do que o demonio arrecea,

Como naõ fugirey eu?

Com razão lhe fugiria,
Se contr'elle, & contra tudo,
Naõ tivesse hum forte escudo
Só em vossa Senhoria.

Por tanto senhor proveja,
Pois me tem ao remo atado,
Que antes que seja embarcado,
Eu desembargado seja.

Estas trovas mandou Heitor da Silveira ao mesmo Conde, envernando em Goa.

Vossa Senhoria crea,
Que naõ apura o engenho
Fome, se he como, a que tenho,
Mas afraca & corta a vea.

E quem o contrario sente
Està farto em toda a hora,
Como estou faminto agora,
Mas Marta se està contente
Dalhe pouco, de quem chora.

E pois vossa senhoria
Em géral a tudo acode,
Acuda a mim, que sò póde

Darme no engenho valia.
Esperte esta musa minha,
Que ò tempo traz sonorenta,
Valhalhe nesta tormenta,
Com essa doce mezinha,
Que sò dà vida, & contenta.

Acuda com provisaõ
Naõ de papel mas provida
D'ouro, & prata: que esta vida
Naõ sustentaõ papeis, naõ.
De feitor a thesoureiro
Sermehia trabalho grande,
Vossa Senhoria mande
Algum remedio, prmeiro
Com que a morte o ferro abrande.

Ajuda de Luis de Camoẽs.

Nos livros doutos se trata,
Que o grande Achiles insano.
Deu a morte a Heitor Troiano.
Mas agora a fome mata
O nosso Heitor Lusitano.
Sò ella o pòde acabar,
Se essa vossa condição
Liberal, & singular,
Naõ mete entre elles bastão,
Bastante para o fartar.

AHVMA

A HVMA SENHORA, QVE LHE chamou diabo.

Esparsa.

NAõ posso chegar aó cabo
De tamanho desarranjo,
Que sendo vós Senhora, Anjo,
Vos queira tanto o diabo.
Dais manifesto sinál,
De minha muita firmeza,
Que os diabos querem mal
Aos Anjos, por natureza.

Em a primeira Parte fica hum Mote com suas voltas á mesma Senhora.

Cantiga.

Vy chorar hũs claros olhos,
Quando d'elles me partia,
O que magoá, ò que alegria!

Voltas.

Polo meu apartamento
Se arrazarão todos d'agoa,
Quem cuidou, que em tanta magoa
Achasse contentamento?
Julge todo entendimento:

Qual

Qual mais sentir se devia
Se esta dór, se est'alegria.

Quando mais perdido estive,
Então deo a est'alma minha,
Na mayor magoa, que tinha,
O mayor gosto, que tive.
Assi se minh'alma vive
Foy, porque me defendia
D'esta dor, esta alegria.

O bem, que Amor me não deu
No tempo, que o desejei,
Quando d'elle me apartey
Me confessou, que era meu.
Se a fortuna me desvia,
De lograr esta alegria?

Naõ sey se foy enganado,
Pois me tinha defendido
Das iras de mal querido,
No mal de ser apartado?
Agora peno dobrado,
Achando no fim do dia
O principio d'alegaia.

Mote al Rey.

Dò la my ventura
Que no ver alguna.

Volta.

Volta.

Sepa, quien padece,
Que en la ſepultura
Se eſconde ventura,
De quien la merece.
Allá me parece,
Que quiere Fortuna,
Que yo halle alguna.

Naciendo meſquino,
Dolor fuê mi cama,
Triſteza fue el ama,
Cuidado el padrino;
Veſtioſe el deſtino
Negra veſtidura,
Huyò la ventura.

No ſe hallò tormento;
Que ally no ſe hallaſſe,
Ni bien, que paſſaſſe,
Sino como viento.
Oh que nacimiento,
Que luego en la cuna
Me ſiguiò Fortuna!

Eſta dicha mia,
Que ſiempre buſquè;
Buſcandola, hallê,

Que

Que no la hallaria;
Que quien nace en dia
D'estrella tan dura,
Nunca halla ventura.

No puso mi estrella
Más venturà em mim,
Assi vive em fim
Quien nacè sin ella:
No me quexo della,
Quexome, que atura
Vida tan escura.

Vilancete pastoril.

Deos te salve Vasco amigo,
Naõ me fallas? como assi?
Bosè Gil, naõ estava aqui.

Volta.

Pois onde te haõ de fallar,
Se naõ estàs onde apareces?
Se Madanela conheces,
Nella me pódes achar.
E como te haõ d' ir buscar,
Aonde fogem de ti?
Pois nem eu estou em mim.

Porque te naõ acharei
Em ti, como em Madanella?
Porque me fuy perder nella
O dia, que me ganhei.
Quem taõ bem falla, naõ sei
Como anda fóra de si?
Ella falla dentro em mi.

Como estâs aqui presente;
Se là tẽs a alma, & a vida?
Porque he d'hũa alma perdida
Aparecer sempre à gente.
Se es morto, bem se consente
Que todos fujaõ de ti?
Eu tambem fujo de mi.

Outro pastoril.

Porque no miras Giraldo
Mi samponã como suena?
Porque no me mira Elena.

Voltas.

Buelve acà, no estês pasmado,
Mira, que gentil sonar?
Como te podrá mirar
Quien no puede ser mirado?
Y que bueno enamorado?
No diràs, si es mala ò buena?

No, que me hizo mudo Elena.

Mira tan dulce armonia,
Dexate d'essos enojos;
Tengo clavados los ojos,
Con que mirar te podia.
Ansi Dios te dè alegria,
No ves quan dulce que suena?
No, porque no veo Elena.

Outro pastoril.

Crecen Camilla os abrolhos
De chorares por Cincero:
Naõ he muito, que lhe quero,
Belisa, mais que meus olhos.

Voltas.

Sempre os teus olhos estão
Camilla, d'agoas banhados:
De se verem desamados,
Pôde ser, que choraraõ,
Si, mas crecem os abrolhos,
E tu cegas por Cincero;
Se eu não vejo, quem mais quero,
Para que quero mais olhos?

Se se foy ha mais de hum mes,

Teus

Teus olhos naõ cansaraõ?
Naõ, que apoz elle se vaõ
Estas lagrimas, que ves:
Fazem logo estes abrolhos
O mato espinhoso & fero:
Pois eu naõ vejo a Cincero,
Isso só veraõ meus olhos.

Chorando queres morrer?
Mais quero viver chorando:
Tu não ves, que vás cegando?
Se cego, como ey de ver?
Poem na vista outros antolhos:
Naõ posso nem menos quero,
Outra para outro Cincero,
Antes não quero ter olhos.

A hũa mulher, que se chamava Gracia de Morais.

Olhos, em que estão mil flores,
E com tanta graça olhais,
Que parece, que os amores
Moraõ, onde vòs morais.

Voltas.

Vemse rosas, & boninas

Olhos n'esse vosso ver,
Vemse mil'almas arder
No fogo d'essas mininas,

E dilohaõ minhas dores,
Meus sospiros,& meus ais,
E dirão mais, que os amores
Moraõ, onde vòs morais.

Do Mote.

Vida de minh'alma.

Volta.

Dous tormentos vejo
Grandes por estremo:
Se vos vejo, temo,
E se não, desejo.

Quando me despejo,
E venho a escolher,
Temendo o desejo,
Desejo temer.

Cantiga alhea.

Pastora da serra,

Da

Da serra da estrella,
Percome por ella.

Volta.

Nos seus olhos bellos
Tanto Amor se atreve,
Que abraza entre a neve
Quantos ousaõ velos:
Naõ solta os cabellos
Aurora mais bella,
Percome por ella.

Naõ teve esta serra
No meyo d'altura,
Mais que a fermosura,
Que nella se encerra.
Bem ceo fica a terra,
Que tem tal estrella;
Percome por ella.

Sendo entre Pastores
Causa de mil males,
Naõ se ouvem nos vales
Se não seus louvores.
Eu sô por amores
Naõ sei fallar nella,
Sei morrer por ella.

De algũs, que sentindo
Seu mal vaõ mostrando,

Se rim, não cuidando,
Que inda paga rindo:
Eu triſte encobrindo
Sò meus males della,
Percome por ella.

Se flores deſeja
Por ventura bellas,
Das que colhe dellas,
Mil morrem de enveja
Naõ ha quem naõ veja.
Todo o milhor nella;
Percome por ella.

Se na agoa corrente
Seus olhos inclina,
Faz a luz divina
Parar a corrente.
Tal ſe vê, que ſente
Por verſe a agoa nellas.
Percome por ella.

Mote.

Que verè, que me contente?

Gloſa de Luis de Camoes.

Desque una vez yo mirê
Senhora vueſtra beldad

Iamas por mi voluntad
Los ojos de vós quitê.
Pues si en vós plazer no siente
Mi vida, ni lo dessea,
Si no quereis, que yo os vea,
Que veré, que me contente?

Mote.

De Luis de Camoẽs.

Quem se confia em hũs olhos
Nas mininas delles vê,
Que mininas naõ tem fè.

Voltas suas.

Quem poem suas confianças
Em mininas sem assento,
Offereça o sofrimento
A duzentas mil mudanças:
Mostraõ no ar esperanças,
Mas em seus olhos se vé
Como naõ tem nalma fè.

Enganaõ ao parecer,
Porque no caso d'amar,
Saõ mulheres no matar,
E mininas no querer.

Quem em seus olhos se cree
Cem mil graças nelles vê,
Vellas sim, mas não ter fè.

Amostraõ vos num momento
Favores assi a molhos,
Mas na mudança dos olhos
Se lhe muda o pensamento.
Em nada jâ tem assento,
E o que mais nelles se vè
He fermosura sem fè.

Cantiga velha.

Sois fermosa, & tudo tendes
Se naõ que tendes os olhos ver

Ninguem vos pòde tirar
Serdes tam bem assombrada
Mas eisme dè perdoar;
Que os olhos não valem nada:
Fostes mal aconselhada
Em querer; que fossem verdes,
Trabalhay de os esconderdes.

A vossa testa he jardim,
Aonde amor se desensada,
He tam branca, & bem talhada;
Que parece de Marfim.
Assi he, & quanto a mim,
Isso vos nasce de a tardes

Taõ

Taõ perto dos olhos verdes.

Os cabellos desatados
O mesmo Sol escurecem,
Se naõ, que por serem ondados,
Augum tanto desmerecem:
Mas afé, que se parecem
A furto dos olhos verdes
Naõ vos pese naõ de os terdes.

As pestanas tem mostrado
Ser rayos, que abrazão vidas,
Se naõ forão tam compridas
Tudo o mais era pintado;
Ellas me tinhão levado
A alma sem o vòs saberdes,
Se naõ forão os olhos verdes.

O mimo desse caraõ,
Nem porlhe os olhos consente,
E ser liso, & transparente,
Rouba todo o coração:
Inda assim achareis nação,
Que lhe não pese de os verdes,
Mas naõ seja cos olhos verdes.

Esse riso que he composto
De quantas graças naceraõ,
Se não que algũs me disserão,
Vos faz covinhas no rosto;
Na vontade tenho posto
Darvos a alma, se quiserdes,

A troco dos olhos verdes.
Nunca se vio, nem s'escreve
Boca cuma graça igual,
Se naõ fora de coral,
E os dentes da cor da neve.
Doume eu à Deos, que me leve,
Sofrerei quanto teverdes,
Naõ me tenhais olhos verdes.

Essa garganta merece
Outras palavras naõ minhas,
Se naõ que feita em rosquinhas
Dalfenin, o que parece.
Eu sei bem quem se offerece
A tomar tudo o que tendes,
E tambem os olhos verdes.

Essas mãos saõ ferropeas,
Só o vellas enfeitiça,
Se naõ que saõ alvas, cheas,
E tem afeição roliça:
Com que apellais por justiça,
Pera com ellas prenderdes
Os que vem vossos olhos verdes.
A vossa galantaria.

Matarà à quem falardes,
Tendes hũs desdẽs, & tardes,
Que eu logo vos roubaria?
Oh doume a Santa Maria,
Sou cujo, de quanto tendes,
E tambem desses olhos verdes.

Outro

Outro Mote ſemelhante eſtá na primeira Parte, com ſuas voltas.

Outras ſuas ao meſmo.

Tudo tendes ſingular,
  Com que os corações rendeis
  Se naõ que rindo, fazeis
  Covinhas para enterrar;
  E para reſuſcitar
  Tem força a graça, que tendes
  Se não que tendes os olhos verdes.

Tudo ſenhora alcançais
  Quanto o ſer fermoſa alcança,
  Se naõ, que dais eſperança
  Cos olhos, com que matais:
  Se a caſo os alevantais,
  He para as almas renderdes,
  Senaõ, que tendes os olhos verdes.

EPISTOLA DE LVIS de Camoẽs.

DUvidosa esperança, certo medo
  Senhora de me naõ ouvir meus danos,
  Fizeraõ que naõ fiz isto mais cedo.
Mil remedios busquei, busquei enganos
  Por encobrir o mal, que me causais,
  Temendo outra mòr dor dos desenganos.
Mas tudo quanto fiz, fiz por demais,
  Amor, que como quér de mim ordena,
  Naõ sofre, que tal dor encubra mais.
A ser vosso, senhora, me condena,
  Nisto merce me faz se a vós offende;
  A culpa ao amor dài, a mim a pena;
Naõ cuideis, que minha alma se defende
  De cousa, de que vòs fordes contente,
  Porque sò isso busca, & isso pretende.
Ditosa dor, a que por vós se sente,
  Ditoso, pois conheço esta verdade,
  Pera naõ ser das minhas descontente.
Com tudo, a não poder hũa vontade
  Tam pura, & tanto a medo offerecida,
  Movervos de meu mal a piedade:
Naõ quero mais viver, naõ quero vida,
  Milhor me serâ morte, que desgosto,
  A quem tanto desejo ver ser vida.
Banhem, pois minhas lagrimas meu rosto,
  Sospire o coração, que treme, & arde,

Cho-

Chorar, & sospirar seja o meu gosto.
Naõ queirão os meus fados, que me guarde
De sentir nova dor, novo tormento,
Que sinto muito mais sentillo tarde.
Quisera des que tive entendimento,
Por ver, se com firmeza vos movia,
Naõ ter em outra cousa o pensamento,
Em vós cuidar a noite, em vós o dia,
Por vós sentir prazer, por vós tristeza,
Sem vós, ter para mim, que não vivia.
Màs nem por isso haja inda em vós crueza,
Sofrese mal num peito delicado,
Parece cousa contra a natureza.
Olhai, que em vivas chamas abrasado,
Por remedio, senhora, ante vós venho,
Buscalo noutra parte he escusado.
Porque naõ val saber, força, ou engenho,
Pedras, palavras, ervas de virtude,
Contra o golpe d'amor, que n'alma tenho.
Se vossos olhos podem dar saude,
Se neste grave mal me não soccorrem,
Deixem me morrer já, ninguem me ajude.
Ditosos saõ os tristes, quando morrem
No começo dos danos, que não sentem,
Quaõ vagarosas ás tristezas correm.
Porem se as esperanças me não mentem,
Espero deste conto inda ser fóra,
Que cruezas em vós naõ se consentem.
Emfim a fim de tudo isto he, senhora,
Que se me naõ valeis, tenhais por certo,
Que çedo verei a derradeira hora.
Já que meu mal vos tenho descuberto,

Ave:

Avei de mim dò, naõ seja isto em fim,
(Como dizem) dar vozes em deserto
Valeime, que por vòs me perco a mim.

DOM ANTONIO, SENHOR de Casquais, prometeo à Luis de Camoẽs seis galinhas recheadas por hũa Copla; que lhe fizera, & mãdandolhe por principio de pagua mea galinha recheada.

Elle lhe mandou esta Copla.

Sinco galinhas & mea
Deve o senhor de Casquais,
E a mea vinha chea
De apetite para as mais.

CANTO I.

Da creação, & composição do Homem.

I.

NA mais fresca & aprazivel parte do anno,
A Venus dos antigos dedicada,
Venus amor de Marte, & de Vulcano,
Clara estrella do mar, & terra amada:
Por cujo influxo amigo, doce, & humano,
Se mostra a Primavera namorada,
Guiando a destra mão da natureza,
O sumo Creador da redondeza.

2.

Quando a liberal terra guarnecida
Com a humidade do Ceo, & temperança,
De verde, & vario esmalte revestida
Mostra dos doces fructos a esperança;
Em toda a planta, & arvore florida,
Com coroa, & odorifera abundança,
Então parece mais fermosa, & bella,
Co rigor brando da amorosa estrella.

3.

Quando em sua liberdade as vagas aves,
Com ledo canto o ar sereno enchendo,
As manhaãs graciosas mais suaves,
E aprazíveis do fresco Abril fazendo;
Convidão a doce somno os corpos graves,
Em leves somnos vãos os entretendo,
Ajuda o rouco tom da clara fonte,
Que ao verde prado dece do alto monte.

4.

Em hũa manhaã destas prompto & esperto,
Me detinha hum profundo & graõ cuidado,
Da estranha providencia, & alto concerto
Do Creador de tudo, o que he creado:
Como despois de dar numero certo,
E ordem ao mundo espherico formado,
Formou logo com seu saber profundo,
Do alto artificio outro pequeno mundo.

5.

Que assi como fez sô pola virtude
Da sua alta palavra lá decima,
Naõ do fingido chaos disforme, & rude,
Nem da vazia, & vaã materia prima,
Com ordem certa, & tal, que não se mude,
Os Ceos de graõ vigor, virtude, & estima,
E os Elementos varios corruptivos,
Em suas qualidades compassivos.

E assi

6.

E assi como delles num momento
Formou diversos corpos de mistura,
Varios na creação, & nacimento,
No ser, composição, & na figura:
As aves dando o ar por quasi assento,
Aos peixes agua, aos brutos terra dura,
E das quatro compostas qualidades,
Tantas fez de animaes diversidades.

7.

Como despois de tudo ultimamente
Num lugar deleitoso, fresco, ameno,
Quis formar, & crear distinctamente,
Deste graõ mundo estoutro mais pequeno;
Assi em tudo nas partes differente,
Numa dellas caduco, vaõ, terreno,
Noutra immortal, esprito, alto, & divino,
De razão, & do Ceo capaz, & digno.

8.

Que como no Ceo quarto o illustre Pharo,
Aquelle olho do mundo luminoso,
De toda a luz visivel fonte, & emparo,
Corre como Gigante, & alegre esposo;
Assi o entendimento, outro Sol claro,
Anda de hũa a outra parte presuroso,
Lustra na parte delle mais superna,
Discorre com sua luz, tudo governa.

E quis

9.

E quis que os animaes inferiores,
Seu apetite só brutal tomando,
Da terra baixa, & vil habitadores:
Sò os pastos attentos vaõ buscando,
E que os homēs seus superiores,
A razaõ seus sentidos vaõ mandando,
Razaõ, que differir os faz da fera,
Que de espritual em bruto degenera.

10.

Porque em que o fez do mais baixo elemento,
Deolhe mil perfeiçoēs em abastança,
Deolhe alma racional, entendimento;
E felo emfim á sua semelhança:
De todo outro animal de baixo assento
Lhe deo o senhorio, & governança,
Tudo lhe sujeitou debaixo os pès,
Deixando só sujeito, a quem o fez.

11.

Como este breve mundo, homem chamado,
Prevaricando nesta obediencia,
Do Paraysso foy por Deos lançado,
Perdendo o bom estado da innocencia;
Mas da bondade immensa acompanhado,
De seu peccado fez sã penitencia,
Conhecendo o estado, que perdera,
E quaõ differente fora do que era.

Fazen-

12.

Fazendose homem Deos omnipotente,
Immortal, infinito, & sem medida;
Amando o homem assi taõ altamente,
Que a sua vida deo por darlhe vida;
Humilde em fim, mortal, pobre, paciente,
Sofreo pregado ser na Cruz erguida,
Com mil dores, tormentos, & deshonras,
Por dar consigo ao homem eternas honras

13.

Mas dentre os mortos logo resurgindo,
Com glorioso corpo triumphante,
E ao Imperio cos Santos seus subindo,
Na uniaõ da Igreja militante;
Deixa o homem com seu sangue remido,
De suaves remedios abundante,
Com que vencendo sempre com victoria,
Podesse entrar na pura, & eterna Gloria.

14.

Nesta imaginação assi passando,
Estava eu a manhaã de hum fresco dia,
Quando me em liquor humido banhando,
O lento somno, jà me adormecia:
E daquillo, que estava imaginando,
As especies tomando a phantasia,
Sonhava hum sonho assaz estranho, & doce,
Dado que verdadeiro, & certo fosse.

15.

Porque quanto os sentidos interiores,
Em sua figura assi me apresentavão,
Me parecia ser, que os exteriores
Em tudo claramente alli o tratavão,
Cousas maravilhosas, & mayores,
Que humano entendimento me mostravão,
Como aqui mostrarei, se copia tanta,
Me conceder, cantando, a Musa sancta,

16.

Já todos meus spritos sensitivos,
Dos humidos vapores congelados,
No frio cerebro donde estavão vivos,
Parecião de todo sepultados;
Impedindome as obras aos cativos
Membros, que todos tinha jà postrados
O somno vindo da cymeria cova,
Por me mostrar visaõ tam doce, & nova.

17.

Quando de hum alto sprito poderoso,
Arrebatado ser me parecia,
Elevado a hum graõ campo, & espaçoso,
Onde o seu corno a Copia diffundia;
Porque era fresco, verde, deleitoso,
De fruto, & flores cheo, & de alegria,
E assi o Ceo benigno o temperava,
Que hum perpetuo Verão sempre mostrava.

Qua-

18.

Quatro Rios fermosos,& caudaes,
Regavão este campo tam florido,
De arvores,ervas,plantas,& animaes,
De toda specie ornado,& bastecido:
Pastava o manso gado sem curraes,
Do Lobo,ou do Leaõ pouco timido,
Viaõse as feras de mayor braveza,
Aqui com mansidaõ,domestiqueza.

19.

Em tamanha abundancia,& variedade,
De individuos em perfeiçaõ creados,
Tudo era paz,amor,tranquilidade,
Hũs naõ sendo dos outros agravados;
Em conservaçaõ util,& amizade
Syncera & pura,todos conformados,
Na terra,na agua,no ar,bruto,peixe,ave,
Tinhão vida pacifica & suave.

20.

Por este fresco,& bom jardim do mundo,
A vista derramando alegremente,
Hum edificio vi nobre & jucundo,
De alta composição,& obra excellente;
E tal architectura,que segundo
O que se via de fóra,& mais presente,
O de dentro seria mais perfeito,
E muito mais para,quem fora feito.

21.

Mostrava ser no sitio, & bom assento,
Inexpugnavel, claro, alto, & puro,
Com justa proporção, arte, & ornamento
Cercado de lustroso, & forte muro;
Parecia com todo o pavimento
Por dentro, & fóra estar firem, & seguro,
E tudo vi, que a vista se estendia,
Em competente objecto, que a servia.

22.

Alevantarse ao modo de hum Castello
Sobre este campo, quasi senhor nelle,
Do qual vi, que outro mais fermoso, & bello
Parecia nacer das costas delle;
E por poder milhor notalo, & vello,
Querendome eu então chegar para elle,
Muy prestes não sey como parecião,
Que em chaõ subitamente ambos cahião.

23.

Desta infelice queda, triste sorte,
E subita mudança a mim me vinha,
Hum sentimento intrinseco, & taõ forte,
Como que neste mal graõ parte tinha;
Cria, que me causava a mesma morte
Esta desaventura tanto minha,
E com grande pesar, que me cerçava,
O fresco campo em lagrimas banhava.

Entaõ

24.

Entaõ mais miseravel, dura, & estranha,
Me pareceo a nova fortaleza,
Daquella quando ao perto a vi tamanha,
Tã obem feita, com tanta arte, & destreza;
E logo que por grande engano & manha,
E por traiçaõ mais que por natureza,
Caira este edificio hũa tal ruina,
Que erguello só podia a maõ Divina.

25.

Este assento jâ tam verde & taõ ameno,
Com pranto, & dór de tudo eu jà deixando,
Jà me naõ parecendo o ar sereno,
Mas triste, escuro, & gravido aspirando;
Quando naõ teràs tu quinhaõ pequeno
Nesta perda taõ grande (ouvi brádando)
Que o mal, que a todos toca geralmente,
Insensivel he bem, quem o naõ sente?

26.

E verás, que o divino entendimento
Tem de longe o remedio apercebido,
Que tudo vem de seu supremo assento,
Suavemente tudo tem provido:
E apos o erro o arrependimento,
He ter o mal em parte soccorrido,
Que o bem sem galardão, & o mal sem pena,
Naó deixa ao fim do bem, quem tudo ordena.

26.

O Castello, que viste em gloria tanta,
Que com prosperidade & graõ potencia,
Senhoreava tanta terra, quanta
Ver naõ pòdes: a summa providencia
Ordenou, & dispos com ordem sancta,
Que estivesse à sua obediencia,
E della em qualquer tempo se saindo,
Perdesse, o que estivesse possuindo.

27.

Que o Senhor a quem tem dado a menagem
Deste Castello os dous Alcaydes mòres,
Felos com grande amor à sua imagem,
De perfeiçoẽs dotados, & primores;
Por o fructo comerem de hum pomagem
Vedado, ficando elles transgressores,
E offendendo o Senhor, pagàraõ o erro,
Com penas, & trabalhos, & em desterro.

28.

Mas porque vejas, que ama piedade
Mais, que o rigor, este Senhor, que digo,
Como quem he toda a suma bondade,
Naõ quis ao fim chegar neste castigo:
Porque elle mesmo intenta adversidade,
Soccorrendo ao vassallo como amigo:
O remedio lhe deo, que não pudera
Outrem alguem darlho tal, se elle o naõ der:

Con-

30.

Consolate, que a bom Senhor servimos,
Que sempre quis, & quer que o homem viva,
O bem do summo bem vir sempre vimos
Da sua perfeição, & gloria altiva:
O mal, a quem o passa atribuimos,
E de sua mesma culpa se deriva,
E jà tem por não ser o homem desfeito,
Por elle o Senhor delle satisfeito.

31.

Olha o novo edificio reformado,
Capaz de outra mayor, & eterna gloria,
Que aquella em que jà o viste situado,
Que emfim, pois teve fim, foy transitoria:
Mil vezes soccorrido & visitado
Pelo Senhor, que lhe alcançou victoria,
Do mao que com enganos conquistando
Se andava, em sua penna vangloriando.

32.

Foy este em nossa etherea hierarchia
Dos principaes, mas ensoberbecendo,
Trocava gloria em penna, em noite o dia;
E em seu mao zello naõ permanecendo,
Com isto a este edificio combatia,
Até que enganosamente o foy vencendo,
Foge a soberba, segue a humildade,
Com firme fê, esperança & charidade.

33.

Então como eu jà claramente visse,
Ser este o esprito bom, que me guiara,
O creatura Angelica, lhe disse,
Se tua luz me não acompanhara
Em tanta escuridão, que não cahisse,
Nenhũa humana industria me livrara,
Pois para ver agora esta tamanha
Obra, & maravilhosa, me acompanha.

34.

As bellas mostras vejo, & boa figura,
Da fortaleza, que antes vi fermosa,
Mas quero notar bem sua compostura,
Seu fundamento, & traça artificiosa:
E especular por dentro obra taõ pura,
Tão polida, excellente, & sumptuosa,
Que mostra, sendo a obra em tanto estremo,
Ser della o Architector, alto, & supremo.

35.

E como vires tudo, porque estejas
Mais prompto no que vires, & notares,
Me respondeo o sprito, pois desejas
Ver deste assento as mais particulares
Peças; convem que sem ninguem te vejas,
Mas se em parte sem mim algũa andares,
Tornarmeàs ver despois que o correres
Por dentro, & fòra, se o entender quiseres.

Isto

36.

Isto disse, & de mim já se apartava,
Deixandome entre confusaõ, & medo;
Mas como sobre tudo me apertava
Desejo de saber este segredo;
Do Castello, que se me apresentava,
Com quanto me pezou irse taõ cedo
O bom espírito, que me alli guiara,
Movi o passo a ver cousa taõ rara.

37.

E como jà me achasse mais ao perto,
E do que visse me certificasse;
Maravilhoume o sitio, arte, & concerto
Deste forte, & que assi se reformasse:
Estava posto em hum graõ campo aberto,
Como que dali tudo senhoreasse;
Alto, grande & fermoso, era em tal modo,
Que em duas columnas sobre estava todo.

38.

Mais que d'alvo alabastro, & obra prima,
Eraõ lisas, pollidas, torneadas,
De sotil artificio & grande estima,
Sobre dous pedestais bem assentadas;
Mais delgadas embaixo do que emsima,
Por artificio raro bem lavradas;
E os dous pedestais, quando se moviaõ,
Todo o pezo comsigo em si traziaõ.

39.

Em tudo tão primo & tam perfeito,
Que alegremente a vista descansava,
No alto, baixo, largo, & mais estreito
Proporção ordenada se mostrava:
No chapitel tinha hum dourado teito,
Que a todo este edificio mais ornava,
Do qual hũs rayos de ouro dependião,
Que ao longe mais que o Sol resplandecião.

40.

Nunca acabara assaz de obra tam clara
Especular o engenho, arte & bondade,
Se a vista então dali me não cegara
Minha importuna, & vã curiosidade:
Porque senti, que então se começara,
Deste edificio, quasi na metade
Dos seus materiaes, hũa fortaleza,
Da mesma compostura, & natureza.

41.

Como nas linhas entendi, & na traça,
Ser este semelhante ao outro assento,
E que viria a ter a mesma graça,
E forma, nelle os olhos puz a tento:
E vi que da materia, & propria maça,
De que era feito o primeiro aposento,
De tres grandes sobrados, que em si tinha,
No mais baixo a fazer outro ali vinha.

Neste

42.

Neſte ſobrado baixo hũa caſa avia,
De grande engenho, & artificio feita,
Na qual com eſpantoſa geometria,
A hũa parte quaſi á mão direita,
Hum ſutil Meſtre de obra eſta fazia,
Muy regalada, certa, & muy perfeita,
Sendo o Meſtre para iſſo ardido, & quente,
Eſperto, vivo, & muito deligente.

43.

O qual, antes que nada começaſſe
De pôr em perfeiçaõ, & ſua figura,
Os materiaes tomou, com que cerraſſe
Hũa abobada aſſaz humida, & eſcura;
E deixou ſó por onde reſpiraſſe,
Hum pequeno buraco, & abertura,
E por onde vieſſe o mantimento,
A toda a obra, & ſeu ſuſtentamento.

44.

E como que não eſtava inda ſeguro,
Porque ficaſſe bem certificada,
Fez dous panos na abobada do muro,
Que aſſi de fóra a tinhaõ mais guardada;
E recolher o mais ſobejo, & impuro,
Da immundicia de toda a obra lançada,
E tudo o que para ella era contrario,
Admittindo ſómente o neceſſario.

Deſ-

45.

Deſpois de iſto aſſi ter neſta ordem poſto,
O forte começou perfeiçoarſe,
Tudo por tal ſaber, & arte compoſto,
Que pòde encarecerſe, & naõ contarſe;
Eſtando edificado, & jà diſpoſto,
Para poder de nòvo povoarſe,
Com ſeus quatro retretes, & apoſentos,
Janelas, atalayas, guarda ventos.

46.

Em parte parecia inda com tudò
Faltar algũa couſa á fortaleza,
Como quem vé a ſtatua de hum membrudò
Corpo, à que falta o eſprito, & a viveza;
Ou ve hum campo ſolitario, & mudo,
Sem couſa viva mais, que ſua rudezà;
Era emfim eſte forte àſſi acabado,
Como hum corpo ſem Alma afigurado.

47.

E deſejando eu ver, em que parava
Eſta obra tam eſtranha, & peregrina,
Hũa Donzela vi, que nella entrava,
Fermoſa, clara, pura, & emfim divina;
De improviſo ella delle ſe apoſſava,
Como ſenhora mais que delle digna,
A que logo no forte quanto a via,
Servindo alègremente, obedecia.

Taõ

48.

Taõ bem feita vinha esta alta senhora
A fortaleza, & armava tambem nella
Como que feita nella então sò fora:
Para ornamento ser, & forma della;
Logo as partes de dentro, & as de fóra,
Se começaraõ a mover com ella,
E se vivificaraõ de tal sorte,
Que o forte se fez muito mais forte.

49.

Viase tudo ir jà de dia, em dia,
Com taõ nova senhora em crecimento,
A fortaleza em perfeição crecia,
Em boa ordem, concerto, & regimento;
E jà que não coubesse parecia
Naquelle baixo, & humido aposento,
Onde fora composta, & bem traçada,
Pola mão de seu Mestre delicada.

50.

A grande fortaleza, que em si tinha,
Estoutra jà tambem se carregava
Com tanto impedimento, & mal sostinha
O grande peso, & pejo, que lhe dava;
Bem que quanto de fóra bom lhe vinha,
Para a fabrica della desejava,
E deste modo jà de dia, em dia,
Soportava este pejo, & agonia.

Atê

51.

Atè que vindo tempo conveniente,
E conjunçaõ para o effeito diſto,
Com força & com induſtria ſufficiente,
E ſaber deſte artifice previſto;
O forte quaſi milagroſamente
Lançado fòra dali foi viſto,
Ajudado porem, & ſoccorrido
Da fortaleza, de que foi nacido.

52.

E como dò apoſento fòra eſteve,
Donde fundando foy deſdo começo,
Logo outro parecer crecendo teve,
Outro ſer, & figura de mais preço:
A fermoſa Donzella, a quem ſe deve,
Deſte alto crecimento o bòm ſucceſſo,
E louvor muito, eſtava ſatisfeita,
De ter o mando em couſa taõ perfeita,

53.

Era de todos muito obedecida,
Era em tudo ſervida, & venerada,
E com quanto em priſaõ quaſi metida,
Eſtava em parte aqui neſta morada:
Naõ era erro por naõ ſer entaõ tida
Por ſua caſa propria em quanto amada,
Mas porque neſta a ſua origem vira,
Daquella antiga torre, que caira.

Por-

54.

Porque as achegas, & materiaes,
 De que era feito este novo artificio,
 Tinhão nas mesmas partes integraes
 Do outro primeiro o rasto ainda do vicio:
 Naõ sò na geração, & maleficio,
 Mas tambem na affeiçaõ, & tudo o mais,
 E deste mal deixaraõ por herança,
 Em a terra a semente, & semelhança.

55.

Daqui vinha, que no discurso, & augmento
 Da torre, que crecia sem detença,
 A real Donzella em seu proprio apozento
 Por vezes teve algũa dezavença:
 Foy logo no principio o regimento
 Sem algũa discordia, & differença,
 Mas desque a torre em forças foy crecendo,
 Mal foy a gente della obedecendo.

56.

Com tudo a bella dama amava tanto,
 Em que o original mal aborrecia,
 Que vezes mil dissimulava quanto
 Esta liberal gente lhe fazia:
 Outra hora ameaçava com espanto,
 Que a governança della deixaria,
 E que como ella della emfim se fosse,
 Perderiaõ seu ser, figura, & posse.

57.

Mas jà pella uniāo, & liança eſtreita,
Quem em caſa tinha, conſentia outra hora,
E da culpa em ſeu damno meſmo feita,
Parecia ſer della a cauſadora:
Porque os deſcubridores da ſoſpeita
Do mal, ou bem, que ſentiāo de fòra,
Muitas vezes o mal por bem traziāo,
E a ſenhora, & os criados conſentiaõ.

58.

Outra hora reſiſtia com prudencia,
Por ſer de alto, & real entendimento,
E convinha a ſua alta preminencia,
Naõ ter no mal nenhum conſentimento:
Que para tudo tinha ſufficiencia,
E do bem, & do mal conhecimento,
Mas jà da fortaleza parecia,
Que imperfeiçoēs ſofrer mais naõ podia.

59.

Com toda a policia edificada,
De todos os primores abundante,
Em tudo parecia conſumada,
E que em nada podia ir mais avante:
Toda de fòra ſe moſtrava ornada
De hũa viveza, & graça triumphante,
Forte, nova, alta, freſca, florecente,
Rica, ſervida bem, leda, contente,

60.

E como por de fòra aſſi eſtiveſſe,
Com tanto luſtro, graça, & fermoſúra,
Deſejei ver ſe a iſto reſpondeſſe
A fabrica de dentro, & compoſtura:
E porque niſto me ſatisfizeſſe,
Me pareceo com viſta clara, & pura,
Que a via por de dentro, & com eſpanto,
Tudo como direi neſtoutro Canto.

CANTO II.

1.

ALtas obras soberbas,& arrogantes,
D'espantosa,& sutil Architectura,
Ouve em tempo passado,outras galantes
De pincel,perspectiva,& de esculptura:
Mil illustres Varoẽs,como Tymanthes,
Prothogenes,Polides,na pinctura,
Hum Plydias,& hum Chrisipo,& hũ Praxitèles,
Zeusis,Parrasio,& o celebrado Apelles.

2.

Dedalo o laberintho embaraçado,
E Symiramis fez muro espantoso;
Fezse em Epheso o Templo celebrado,
E em Rhodes o colosso ao sol grandioso.
Fez ao marido seu Mausolo amado,
Archimisa sepulchro,alto,& honroso,
E outras torres & altos edificios,
E de maravilhosos artificios.

3.

Mas como feitos saõ por maõ humana,
Naõ podem dilatarse em infinito,
Por terra jaz o Templo de Diana,
E jazem as pyramides de Egypto:
Mil columnas de antiga obra Romana,
Arcos, statuas de alto, & vivo sprito,
O tempo duro, que de tudo aferra,
Os tem desfeitos, & postos por terra.

4.

Porem a cimetria compassada,
E sobrenatural proporção viva,
Em que naõ pode o tempo ter alçada,
Do corpo humano, & Architectura altiva;
De idade a idade a vemos propagada,
Para a fazer perpetua, & que reviva
Aquella maõ Divina lá de cima,
Que a fez de nada, & o ser lhe deo, & estima.

5.

Os Philosophos grandes com sciencia
De incançavel industria, que alcançaraõ
Das cousas naturaes a propria essencia,
E todos altamente especularaõ;
Nenhũa de mais alta arte, & excellencia,
Entre todas, que o corpo humano acharaõ,
De forma, & de materia hum sò supposto,
Com tamanho primor feito, & composto.

6.

Mas tornando a meu ſonho, que contente
Me tinha, deſejando eu ver de perto
O mais da Fortaleza, alta & excellente,
Que por dentro me eſtava ainda encuberto:
Naõ ſey como aſſi logo eſtranhamente
Me foy tudo moſtrado, & tudo aberto,
Como parte por parte aqui contara,
Se me a fraca memoria naõ faltara.

7.

Eſtava a Fortaleza repartida,
Aſſi toda por dentro, em tres ſobrados,
Ou tres principaes quartos, & cingida
Por de fòra de muros bem lavrados:
Corriaõſe eſtes com certa medida,
E juſta proporçaõ bem compaſſados,
E tinha cada hum delles ſeu Mòrdomo,
Ou Vèdor de grande cargo, & tomo.

8.

E querendo olhar eu para o do meyo,
Por lhe ver mais eſtado, ricàmente
De tudo ataviadò, ornadò & cheo,
Parecendo mancebo inda valente:
Maravilhoume ver hum bom meneo,
E movimento ſeu continuamente,
Com muito ar ſem força, nem defeito,
Mas de ſeu natural hum dom perfeito.

Dava-

9.

Dàvalhe grande authoridade, & brio
Hum tabardo de mangas, que vestia,
Com que mostrava mando, & senhorio
Em toda a gente, que na terra avia:
E por seu aposento ser de estio,
E muito caluroso, se servia
De muitos pagẽs seus, que o banhavaõ,
E de ar sereno, & frio o refrescavão.

10.

Por estar nũa estofa muito quente,
Movendose continuo, & assi convinha,
Para o qual, como mestre diligente,
Hũs dous abanos junto de si tinha:
Aos quais hum ar frio incessantemente
Para seu refrigerio bem lhe vinha,
Por hũs canos de fòra o admittindo,
O mais, & mais fumozo despedindo.

11.

Desta estofa era sempre bem provida,
E sustentada toda a Fortaleza,
Por seus canos lhe dando sprito, & vida,
E de seu vivo fogo a tendo aceza:
Para este fim hũa casa alli escondida
Com promptidão estava, & com vivesa,
O sotil mestre da obra, que servia
De acender este fogo, & o partia.

12.

E como esta graõ fabrica, & estranha obra;
Toda em tres regioẽs se devidia
Em partes principaes o mestre da obra.
Em todo o edificio, & companhia.
Se via deligente a toda a hora;
Porque em estas mais vivo residia,
E em que neste aposento mais morava;
Nos outros dous mudando o nome andava.

13.

Porem como o moverse he com graõ calma,
O mordomo, que dice valeroso,
Sujeito estava aos accidentes d'alma,
Hora ledo, hora triste, hora medroso:
Outra hora a ira, que està sempre em calma,
Dominava, & outro hora vergonhoso,
Com esperanças, sem as ter outra hora,
Se alterava, & mudavase cada hora.

14.

E com conhecimento falso, ou certo;
As cousas, que de fôra procediaõ,
Ao mestre da obra sempre vivo, & esperto,
Desse seu aposento como vião,
Fazendoo estar as tristes encuberto,
Por toda a torre as ledas o trazião,
Com tanta variação, que de tal verse,
Estava a risco às vezes de perderse.

Mas

15.

Mas tinha mais, a fim de recrearse:
Este rico mordomo os dous abanos,
Em que bem delles foy aproveitarse
Noutros serviços seus por outros caño.,
Porque no meyo delles vi formarse
Hũa frauta cuberta de dous panos,
E atè o centro da torre hia direita,
Fazendo varia musica, & perfeita.

16.

Com hũa sotil porta estava obrada,
No cabo della hũa cabeça, ou chave,
Que dos pagẽs, & de outros bem tocada,
Causava esta harmonia taõ suave;
No som, que elles queriaõ temperada,
Soava, ou alto, ou baixo, agudo, ou grave,
Com que gosto, & proveito recebia
O veador, & toda a companhia.

17.

Tinha fortificado este aposento,
E repairado em roda hum forte muro,
E da parte de fóra hum bom assento,
Duas fontes num quasi contra muro,
Que trazendo de dentro o nacimento,
O fazião de dentro mais seguro;
Mas estas duas fontes parecião,
Estar secas entaõ, & naõ corriaõ,

.18.

Depois de eu ter visto parte, por parte,
Desta casa do meyo, & forma della,
A fabrica, concerto, a ordem, & arte,
A providencia, & bom serviço della;
Como se ali montava cada parte,
De toda a fortaleza, assi por ella
Repartindo com grande provimento,
Seu liquido, & aparado mantimento.

.19.

Daqui ao aposento mais de cima,
Me passey logo, ao mais alto sobrado,
E se o do meyo tive em muita estima,
Deste inda fiquey mais maravilhado;
Por sua perfeiçaõ, sua obra prima,
E o lugar, em que estava situado,
Sobre a entrada da Torre com fermosa,
E aprazivel vista, & espaçoza.

20.

Procedia com muita authoridade,
Deste quarto o mordomo nobre, & antig
De hũa abobada forte, & na metade,
Por ser lugar muy alto, & de perigo;
De hum siso era maduro, & gravidade,
Velho, branco, & das letras muito amigo;
E assi gastar philosophando o tempo,
Avia por mòr gosto, & passa tempo.

Vesti-

21.

Veſtida tinha hũa opa roçagante,
Que por todas as partes o cobria;
Nũa caſa d'abobada galante,
E armada de gentil tapeçaria;
Atada por detraz, & por diante,
Por juntas, que a abobada fazia,
Noutro pano de fóra, que a guardava,
E para o mais ſerviço ali eſtava.

22.

Alem deſte graõ pano, que a cercava,
Por de fóra tinha outros dous em roda,
Com que provida, & mais fortificada,
E parecia eſtar cerrada toda;
Tambem de hum muſgo, & hervas ſe adornava,
De fóra a ſuperficie, & toda á roda;
Que eſtando alta aſſi, & do Sol luſtrada,
Moſtrava hũa fermoſa cor dourada.

23.

Em oito partes era dividida,
Bem que continua, & junta na figura,
Eſta abobada taõ cerrada, & unida,
Que naõ ſe deviſava ter coſtura;
Mas pellas, em que eſtava repartida,
Servindoſe exhalava de miſtura,
Todo o fumo ſobejo, que lhe vinha
Dos ſobrados debaixo da cozinha.

24.

Mas o Sabio ansiaõ, & bom mórdomo,
Que neste alto aposento residia,
Com graõ cuidado, & diligencia como
Esperto, & prompto, estava noite, & dia,
Em sua esphera, como em celeste tomo,
Hora do mundo a grande Monarchia,
Contemplava com grande, & vario estudo,
Hora o desfazer dellas, & de tudo.

25.

Para isto livraria de diversos
Authores tinha, grande, & muy polida,
De varios casos, prosperos, & adversos,
Em tres camaras juntas repartidas
A primeira, ou em prosa, ou doces versos,
Continha alegre fabula fingida,
Leys a segunda, & a Philosophia antiga,
A terceira historia grave tinha,

26.

E desta livraria de maneira,
Compassadas estavaõ as estantes,
Que a camara segunda, & a primeira
Tinhaõ livros mudaveis, & inconstantes:
Mas os outros da camara terceira
Estavão fixos quasi, & mais constantes,
E assi os que dos dous mais lhe aprazia,
Nesta terceira sempre os recolhia,

27.

Da sua condiçaõ, & natureza,
Apar de si o sabio outro tinha,
Que a fabrica de toda a Fortaleza
Quasi em lugar do velho pay sostinha:
E a torre hora inclinada, outra hora teza
Fazia estar, segundo lhe convinha,
Por meyo de hum esteyo de artificio,
A que encostado estava este edificio.

28.

E por detras da abobada decia
Esta coluna atê o fim dos sobrados,
Pella parte de dentro oca, & vasia,
Mas com trinta canudos bem ligados;
E em que de dentro vãos, de cantaria
Eraõ firmes, direitos, torneados:
Ficando assi a columna desta sorte,
Cuberta de dous paunos, & muy forte.

29.

Por dentro da columna discorrendo,
Do velho a filha andava diligente,
Ella, & o pay nas mãos atadas tendo
Setenta & finco cordas longamente:
As quais por toda a torre se estendendo,
Dispertavaõ para o serviço a gente,
Dando força, & vigor ao movimento,
Que necessario era, & ao sentimento.

Destas

30.

Destas nervozas cordas sete partes,
O velho estudioso governando,
Com sinco pares dellas os lugares
Mais secretos da abobada; & espertando
Os mais criados, & familiares
Da casa, & os dous mais hião liando,
E os trinta pares repartidos tinha,
Por toda a torre a filha, onde convinha.

31.

Mas porque dos trabalhos excessivos
Da torre os servidores, & exercicio,
Se pudesse fazer, & andar mais vivos,
E esforçados cada hum com seu officio:
Foy dado aos spritos sensitivos,
E aos motivos, por grande beneficio,
Hum repouzo, & descanso conveniente,
A que chamamos somnos vulgarmente.

32.

Delle era causa immediata, & certa,
O sotil mestre da obra, que habitava
No apozento do meyo, & tinha esperta
Da Fortaleza a gente, & alimentava;
E quando ainda mais tinha encuberta
Sua virtude, & o fogo a conservava,
Repousava da torre a companhia,
O velho, & a filha as cordas naõ movia.

Ajuda-

33.

Ajudava tambem, que, as humidades;
E fumos, que exalavão, & sobião
Da cozinha, & das mais concavidades,
A esta virtude o caminho impedião:
E adormecendo os velhos, & os Alcades
Da Torre, os servidores naõ boliaõ,
Do movimento a causa assi cessando,
O sentimento então nada operando.

34.

Pola parte de fôra do artificio,
No sobrado mais alto, & luminoso,
Junto do chapitel, & frontespicio,
Hum molde de janelas vi fermoso:
Eraõ tres pares, cada par officio
Diverso tinha, & muito proveitoso;
As mais altas de estranha fermosura,
Varios no sitio, officio, & na figura.

35.

Tinha cada hũa dellas sua espia,
E atalaya de grande vigilancia,
Que ao longe, & perto d'alto descubria
Tudo, o que parecia de importancia:
Aprezentando logo, o que sentia,
A hũa atalaya mòr, que noutra estancia
Desta abobada estava apozentada,
Para este cargo dentro deputada.

Assen-

36.

Assentados estavão sobre fino
Marfim duas janellas alterosas,
Com vidraças de hum puro cristalino,
Que as fazia mais claras, & lustrosas:
E para defenderse do ar malino,
Ou doutra cousa mà hũas fermosas
Cortinas de cadilhos se cerravão,
E quando era necessario abrir tornavão.

37.

Por cima da cortina, & corridiças,
Cada janella tinha sua cimalha,
Para reparo, arcadas, & maciças,
Cubertas de hũa curta, & seca palha:
Eraõ como convinha movediças,
Ambas de hum lavor mesmo, & de hũa igualha,
E alem de reparar da chuva, & vento,
Davaõ graça as janellas, & ornamento:

38.

Logo em direito estavaõ, & alem destas,
Duas de outro feitio, & de outra arte,
Discubertas ao vento, & manifestas,
Cada hũa a cada mão do baluarte:
E em caracol, & em voltas duas frestas
Tinhaõ feitas na mais ultima parte,
Das quais duas escutas de vigia,
Cada hũa dava aviso, do que ouvia.

39.

Abaixo destas quatro inda outras duas
Por cima do portal da Torre estavão,
Com grande engenho feitas, & com suas
Espias, que do cheiro só avisavão:
Dos dous sobrados altos duas ruas;
Aqui vinhaõ, por onde se purgavão
As superfluidades, que deciaõ,
E dentro o fresco alento recolhião.

40.

Destas janellas logo abaixo estava
O graõ portal da Torre, & serventia,
Nesta mais alta parte, em que mostrava
Estranha Architectura, & geometria:
Por aqui todo o necessario entrava,
De tudo quanto à Torre se servia,
E para isto poder ser sem trabalho,
Hum graõ remedio se ordenou, & trabalho.

41.

Que sobre os dous sobrados derradeiros,
E mais baixos cada hum á sua parte,
Estavão dous robustos carreteiros,
De muy grande serviço, engenho, & arte:
Que alem de grandes serem, eraõ ligeiros,
Que chegavão correndo a qualquer parte,
Acarretando tudo com presteza,
Para conservação da Fortaleza.

Estes

42.

Estes dous carreteiros sustentados,
Eraõ por seu serviço, & provimento,
Da mesma Torre, em que foraõ criados,
Com todo o necessario mantimento:
Tendo delles cada hum sinco criados,
Que a tudo davão grande aviamento,
E porque em seu trabalho sempre andavão,
As cabeças de bõs casos armavaõ.

43.

Serviaõ com cuidado, & diligencia,
Estes criados dez continuamente,
Sendo o principal toque, & experiencia,
Do humido, do seco, frio, ou quente:
Em qualquer mechanica arte, ou sciencia
Alem de obrarem necessariamente,
Com armas resistião toda offensa,
Da Torre, della sendo amor defensa.

44.

E de fòra da entrada, & serventia
Da Tòrre, dous porteiros sempre estavaõ
Lustrosos, & vestidos de alegria,
Que as pòrtas com cuidado bem guardavaõ:
Tambem o som da frauta, & armonia,
Com movimento seu perfeiçoavão,
E assi dos tres mòrdomos dos sobrados,
Eraõ por isto em tudo alimentados.

Das

45.

Das portas para dentro logo entrando,
De grande fabrica hum moinho tinha,
O qual moendo estava, & preparando
Tudo, o que avia de ir para a cozinha:
Moido & brando dentro assi mandando
O mantimento, que de fora vinha,
Com esta proporção conveniente,
Se repartia, & hia a toda a gente.

46.

Neste moinho junto os dous porteiros,
Estando juntamente em seu officio,
Duros, & rijos trinta & dous moleiros,
De grande força, & util exercicio:
Daqui tirados fóra outros primeiros,
Forão por grão fraqueza sua, & vicio;
E os que agora mohião com destreza,
Todos branco vestião por limpeza.

47.

Tinha cada hum delles sua morada,
Em dous lanços de penedo, que avia,
Entre elles hũa dona experimentada,
Esperta andava & prompta noite, & dia:
E della era approvada, ou reprovada
A farinha de quanto se mohia,
Provando se era saborosa & alva,
Porque era ella gentil mestra de salva.

Em

48.

Em toda a Fortaleza era importante
O cargo desta dona reverenda,
Sendo farauta, & interprete elegante
Em tudo, alem do mando, & da moenda:
Dava tambem ao som doce, & galante,
Da frauta, o ar, compasso, graça, emmenda,
Toda a fabrica emfim desta taõ clara
Torre, sem esta dona mal passara.

49.

Mas por ser ella femea, hum quasi freo,
Por naõ hir longe, a tinha preza, & atada,
Bem que em nove criados de hum arreo,
E de hũa librê andava ella encostada:
Que por ser de tal graça, & bom meneo,
Servida era de todos, & acatada,
E por julgar os gostos na verdade,
Cercada sempre andava de humidade.

50.

Mas porque quando em casa repousavà,
Esta humidade muita a naõ enojasse,
Duas esponjas tinha, em que tomava,
E recolhia o mais, que sobejasse:
E tambem porque là dentro importava
Todo o humido sobejo, ou ar, que entrasse,
Tinha logo alem mais hũa anteporta,
Que resistia ao sobejo ar da porta.

51.

Alem desta anteporta pareciaõ
Os dous principaes cannos desta Torre,
Por hum delles os frescos ares hiaõ,
Com que o Veador do meyo se soccorre:
Por outro canno tudo, o que mohiaõ
Os moleiros, & o que à cozinha corre,
E nella do primeiro cozimento,
Se preparava todo o mantimento.

52.

Mas ao quarto do meyo esta cozinha,
Hũa grossa parede dividia,
Porque aqui perto sua morada tinha
O môrdomo, que nelle presidia:
O fogo, & fumo della, que lhe vinha,
Todo tomado tem por esta via,
E co'a parede salvo, & defendido,
Fica seu apozento dividido.

53.

Cũs tres cannos por onde era provida
Toda a fabrica, & gente, que aqui estava,
Estando esta parede interrompida,
Nella o quarto do meyo se acabava:
Em hũa graõ cozinha, & bem servida,
Onde o quarto debaixo começava,
Ou tambem logo nella começando,
Tudo o que nella avia fuy notando.

54.

Capaz era a cozinha,& ſuficiente
Para cozerſe nella o mantimento,
Que pudeſſe baſtar a toda a gente,
E de muito artificio,& provimento:
Com vivo fogo eſtava ſempre quente,
Para todo o ſerviço,& cozimento,
Num vaſo de duas boças, bem obrado,
Sendo tudo cozido,& preparado.

55.

Pella boca mais alta ſe metia
O que vinha a cozerſe,& digerirſe,
Pella outra baixa o mais ſe deſpedia,
Do que menos avião de ſervirſe:
E junto deſta boca baixa avia
Hũs quatro cannos, para repartirſe
Hum certo manjar branco,& imperfeito,
Neſte primeiro cozimento feito.

56.

E aſſi deſta meſma obra outros mayores
Seis cannos juntamente procedião,
Por onde da cozinha os ſervidores
As fezes,& ſuperfluo deſpidião:
Deſtes cannos tambem outros mayores,
Por mais apurar tudo, inda nacião,
Por hũa tea groſſa derramados,
Com proveito,& limpeza aſſi ordenados.

57.

Destes seis em o baixo taõ somente
Hũs tres moços avia de serviço,
Que por estar entre elles mais corrente,
Estavaõ nelle postos jà para isso:
E no remate delle ultimamente
Estavaõ outros quatro tambem nisso,
Promptos em alimpar, cerrando, & abrindo,
E com outros na Torre bem servindo.

58.

Presidindo neste ultimo sobrado,
E quarto, inda outro principal mòrdomo,
De graõ negociamento, venerado,
Muito importante, & bem servindo como
Cada hum dos outros dous alcatruzado
Hum pouco, muito grave, & homem de tomo,
Triste no parecer, mas no supposto,
Alegre no albernoz de grã bem posto.

59.

Junto à cozinha tendo o apozento,
Mandava della vir por ordenança,
Sò da primeira estancia, & cozimento,
De todo o manjar branco em abastança:
Fazia entaõ todo este mantimento
Outra vez recozer com temperança,
Que mais puro, & cada hum por sua via,
Entre todos na Torre se partia.

60.

E assi despois de jà ser bem cozido
Este manjar, que a todos sustentava,
Sendo em quatro licores convertido,
Diverso ser hum só na cor mostrava:
Mas destes, mal conforme, ou desmedido
Se algum muito mingoava, ou sobejava,
Fòra de proporção, & saã concordia,
Em toda a Fortaleza avia discordia.

61.

Pello contrario em justa cantidade,
Em liquido vermelho misturado,
Se este manjar se dà com suavidade,
Todo este assento està delle abastado:
Daqui deste apozento, pór metade
Da Torre corre inda hum, & outro sobrado,
E por cubertos cannos vay mandando,
A toda a gente della alimentando.

62.

E com quanto assi leva sua mistura,
Por mais bastar a todos, em chegando
Ao apozento do meyo, ali se apura
Summamente, & se vay adelgassando:
E daqui o mórdomo com mão pura,
Despois que bem o atina està mandando,
Purificando a toda a Fortaleza,
Por outros sotis cannos com destreza.

63.

Mas tinha este mais baixo em sua estancia
Apar de si, por grande beneficio
Da torre, dous criados de importancia,
Providos cada qual com seu officio:
O primeiro com sua vigilancia,
Sentindo aver secura no edificio,
Por certos cannos, que para isso tinha,
Espertava graõ sede na cozinha.

64.

Vestiase de hum verde sempre escuro,
Por estremo colerico & agastado,
E tão azedo, que por todo o muro
Se via andar âs vezes de enojado:
Tambem causava ser manjar impuro,
Da cozinha o superfluo seu lançado
Por seis humidos cannos dali fóra;
Quando para isso avia tempo, & hora.

65.

O segundo criado era tristonho
No corpo, & no vestido, hum homem basso,
Menenconizadissimo & enfadonho,
De mà conversaçaõ, & pouco passo:
Era medrozo, & em si muito medonho,
Morto de fome sempre, & muito escasso,
Mas o comer pedia para a gente,
Nisto bem apurado, & diligente.

66.

Abaixo logo destes, dous estavão
No apurado comer tambem servindo,
No corpo, traça, & idade conformávão,
Num mesmo officio naõ se dezávindo:
Toda a superflua agoa á si chamava;
Por seus cannos dos outros igúaes vindo;
Tendo na mão hũs vazos coadores,
Que coavão esta agoa, & outros humores.

67.

Em si retendo só a potagem boa;
Toda a outra agoa coada se metia
Por dous cannos sotis nũa alagoa,
Que de grande artificio dentro avia:
Esta agoa que he salgada, & aqui se coa,
Da Torre fóra emfim se despedia,
Por outro canno em voltas; & deste modo,
Vinha assim a sair fóra de todo.

68.

Este apozento abaixo se cercava
Com paredes tambem, & com seu muro,
Com que emparado, & quente assi ficava
Aos perigos de fóra, & mais seguro;
Onde era necessario brando estava
Em parte, em outras partes firme, & duro;
Finalmente de tudo muy provido,
De gente de serviço bem servido.

69.

E porque esta tão bella Fortaleza
Nunca o tempo de todo a desfizesse,
Ordenou da obra o mestre com destreza,
Que de fóra da Torre sempre ouvesse
Dous naturaes Irmãos, cuja viveza,
Outros materiaes spritos desse,
Para se fazer o novo edificio,
Por dedicados meyos, & artificio.

70.

Todos tres apozentos, & sobrados,
Sobre duas columnas se assentavão,
E ao pé dellas entre elles gazalhados
Estes dous naturaes Irmãos estavão:
As columnas seus pedrestaes pegados
Nas mais delgadas partes ter mostravão
E o mais grosso para cima tinha,
A outra Torre, de que esta nascer vinha.

Sendo pois como dice taõ fermoso
Este novo edificio, & tão pollido,
Dentro, & fóra em estremo artificioso,
E tudo jà por mim visto, & corrido:
No Artifice cuidando poderoso,
Que de tudo o fizera tão provido,
Estava eu contentando a vista nelle,
Sem de todo a poder apartar delle.

72.

Quando enlevado aſſi me parecia,
Que com triſte mudança eſtranha, & dura,
Eſte grande edificio deſcahia
De ſua graça alegre, & fermoſura:
A maquina total ſe desfazia,
Vindo abaixo de ſua mòr altura,
The de todo cair por derradeiro,
Como no Canto cantarei terceiro.

CAN-

CANTO III.

O Vida humana taõ caduca,& breve,
O falsa gloria della,& imperfeita,
A que mais dura fica a hum somno leve,
Ao tempo,ao fado,á morte em fim sujeita:
Quem mais conta fez della,& em mais a teve,
Com mór dor,& tristeza a vio desfeita,
Passa,& seu fim remata em pranto,& magoa,
Enchendo como fumo os olhos de agoa.

Em que parou da terra o mór Tyrano?
Com prospera fortuna,ou com adversa?
Em que parou,o graõ cepero Romano,
Em que o Grego,o Medo,o Cyro,o Persa?
De hũa hora incerta hum certo dezengano,
Daquella hora final,dura,& perversa,
Triste,odiosa a todos,tudo em terra,
Em muito esquecimento,& pouca terra.

Na

Na antiga idade d'ouro, em que abundança
Saudavel da terra florecia,
Em que a ſaude, & util temperança,
Nos homẽs, & Elementos mais avia:
Dos innumeros annos a abaſtança,
A muitos pouca, & breve parecia,
Que o calado ladraõ a todos furta
A longa vida, & faz parecer curta.

Quem vive por viver ſó neſta vida
Docemente no fim ſe dobra, & amarga,
Em que do Ceo lhe ſeja concedida
Que a de Mathuſalem muito mais larga:
Que mais he que lha miſera partida
Em que ha de ir ter levar muita mais carga:
Mas quem ſomente aſpira à eterna, & ſancta,
Para ella alegre, & leve ſe levanta.

Levantaſe a alma leve à mór altura,
Do ſeu charo inimigo deſatada,
Ou das obras levada clara, & pura,
Ou à priſaõ perpetua condemnada:
Toda inferior couſa, & creatura,
De materia, & de forma fabricada,
Por mais que viva, emfim ſeu fim aſpera,
Que aſſi o quis, quem fez a grande ſphera.

Mas

6.

Mas nunca a ninguem basta esta certeza,
Para que a dura parca inexorável,
Espanto lhe não cause, dôr tristeza,
Com seu golpe cruel, & irreparavel:
Assi, vendoo da bella Fortaleza,
A misaravel queda, em que duravel,
Sabia fazer nada: entristiceome;
E cousa estranha, & grave pareceome.

7.

Não sonhava eu que via desfazerse,
Com subita ruina, este edificio,
Mas que por tempo avia envelhecerse,
Cada parte cessando em seu officio:
E o governo, & economia perderse,
Com sua ordem certa, & exercicio,
Não servindo os vasallos à senhora,
Te que ella triste se sahia fóra.

8.

Triste se hia, por mal obedecida,
Ao senhor, que a està envelhecida
Casa sua a mandara, & vir fizera,
Triste se hia confusa, & arrependida
Do mao viver, mas mais viver quisera
Na sua antigua, & tão chara morada,
Que sò por terra jaz desemparada.

Fazendo

9.

Fazendo mal os grandes, & os menores,
Cada qual seu devido regimento,
Naõ mandando os Mórdomos, & Veadores,
E naõ avendo em nada certo assento:
Veo o commum manjar com seus licores,
Todos quatro á hum tal corrompimento,
Que as partes principaes, & as outras logo,
Enfraqueciaõ, & se esfriou o fogo.

10.

Porque daqui naceo, que consumindo
Se foy o mestre da obra diligente,
E com elle de mal em peor indo,
Os Capitaẽs da Torre, & outra gente:
E os servidores todos mal servindo,
Os de dentro, & os de fóra juntamente,
Em todos se enxergava hũa frieza,
De estranha forma, & misera fraqueza.

11.

Os mais dos trinta, & dous brancos moleiros,
Que estavão no moinho, se fazião
Debilitados jà, como os primeiros,
E sem poder moer fòra cahião:
Outros, que em seu vigor, ainda que inteiros
Ficavão, por fraqueza naõ servião,
E por estarem ali mais arreigados
Ficavaõ com o velho apozentados.

12.

Envelhecendo assi tanto o edificio,
De fóra a graça,& lustre hia mudando,
Atê no chapitel,& frontispicio,
Murchando as flores se hião,& arrancando:
Porque já naõ lhes sendo taõ propicio
O calor,& alimento, como quando
Em seu vigor, & perfeição estavaõ,
Em fria,& branca a cor d'ouro tornavão.

13.

Aquelles dous robustos,& valentes
Carreteiros cansadamente andavão,
E jà mais floxamente,& negligentes,
O necessario à Torre acarretavão:
Tambem os dez criados diligentes,
Como tolhidos mal se meneavão,
E já as columnas grossas,que trazião
O pezo sobre si,fracas tremião.

14.

Com tal fraqueza,& continuos temores,
Torre ameaçavão á final queda,
Estavão sem repouso os Veadores,
E toda a gente fraca,& pouco leda:
Da salva a mestra jà deixa os sabores,
E cada hum de seu cargo jà se arreda:
Arruinando por mil partes o muro,
Abalado se mostra,& mal seguro.

Aton-

15.

Atonito com grande dòr, & espanto,
Que alli ficava entaõ me parecia,
Por tam fero spectàculo, & com tanto
Estrondo lachrymòso, como avia:
Porque de fòra estar em alto pranto
Muita gente funesta, & triste via,
A mortifera queda desta sorte,
Carpindo, & da sua gente a fera morte:

16.

E o que mais me espanta, sobre tudo,
Da machina lançada assi por terra;
Que o material todo, & o campo mudo,
Hum vil panno de lenço dentro encerra;
E a quem estando em pè foi pouco tudo,
A cobria cahindo hũa pouca terra,
Estando eu nisto cuidadoso, & aflicto,
Tornava a parecerme aquelle sprito.

17.

Aquelle sprito bom, fermoso, & puro,
Que ao entrar da Torre me deixara,
Em cuja companhia eu muy seguro,
Por arriscados passos jà passara:
Tornouseme com elle o triste, & escuro
Tempo, puro, & sereno, & a noite clara,
E pondo eu leve, & ledo os olhos nelle,
Assi me começou de fallar elle.

Que

18.

Que fazes, fraco, aqui? que cuydas triste,
Mortal, terreno, cego, & descuidado?
Porque naõ te aproveitas, do que viste,
No mal doutrem por teu bem doutrinado?
Naõ he vaõ sonho, naõ o em que consiste
Perdereste, ou salvareste coitado;
Os olhos abre jà esperto, & prompto,
Regù la a vida sô por este ponto.

19.

Quem te criou, & quem te fez de nada,
Dandote o ser, a forma intellectiva,
Te meteo nesta Torre encarcerada,
Naõ foy, para que nella sempre vivas:
Mas para merecer nesta jornada,
Com suas obras a outra eterna, & altiva,
Com suas obras tingidas no purissimo
Sangue do bom Cordeiro innocentissimo.

20.

Para isto vive sò, para isto estima
Qualquer bem temporal, que este *he seu* preço;
O que naõ for para isso desestima,
E no fim o despreza, & no começo:
O bem perfeito & firme là està emcima,
Sem falta là seguro, & sem excesso,
Dasse immenso a cada hum no claro assento,
Mas medido por *seu* merecimento.

21.

Dasse penna a quem isto desmerece,
Tambem sem nenhum fim, & sem medida,
As quais por sua culpa sò padece,
Propondo á vida eterna a breve vida:
Esta, que em torpes vicios envelhece,
Atè lhe ser de todo consumida;
Da alma a satisfação lho verefica,
E o que da terra he na terra fica.

22.

Isto he, o que tês visto; & o que notaste
No processo, & discurso deste sorte,
Que naõ he mais, se o bem consideraste,
Que hum vivo homem sujeito à commum morte:
Tu por dentro, & por fòra especulaste,
E viste cada parte, de tal sorte,
Que ser hum corpo humano organizado,
Declararte averey por escusado.

23.

Fello Deos como a ty mortal, terreno,
Mas fello racional capaz do Ceo,
Fez o graõ mundo, & fez este pequeno,
E nelle por salvalo emfim deceo
A homem se fazer: com hum aceno,
E quem o ser ao Ceo, & à terra deo,
Em hũa Cruz quiz ser alevantado,
Para trazer a si todo o criado.

Remir-

24.

Remirte, ô homem, quiz Deos sempiterno,
Cum resgate de amor maravilhoso,
Dando por si seu filho igual Coeterno,
O qual fazendose homem piedozo,
Por te livrar da morte, & escuro Inferno,
Deo sua vida, & sangue precioso;
Pois com que vidas tu pagarlhe entendes,
Se com a que te deo tanto o offendes?

25.

Serà razão que deçà de sua altura
A baixa terra, sò por darte vida,
A sua offerecendo sancta, & pura,
Com tanto excesso, & tanta dòr crecida,
Na Cruz a tanta injuria, â morte dura,
E que seja tão mal agradecida,
Que elle morra sò para tu viveres,
E tu que vivas sò para o offenderes?

26.

Enganado, perdido, ingrato, & cego,
Como dormir, como viver, te atreves?
Como afogarte no profundo pégo
Naõ temes, carregado do que deves?
Emmenda a vida não com o mao emprego,
Em quanto tempo tẽs, que as horas leves
Se vão, sem esperar, como a figura,
Para isso a derradeira, triste, & escura.

27.

No dilùvio crùel, & mar contrario,
De teus vicios, em que andas engolfado,
Buscar do bom Noê te he necessario
A sancta arca, que em terra tem lavrado:
Naõ no monte de Armenia, mas Calvario,
No graõ Calvario monte, celebrado,
Do Adão segundo busca a arvore sancta,
Que elle por te salvar no mundo pranta.

28.

Colhe pois sem receo, & confiado,
Della o fructo divido, & tão jucundo,
Naõ o que a Adão primeiro foy vedado,
Mas o que deo a todos o segundo:
Do Ceo vindo, na terra foy plantado,
Para que nella viva o morto mundo,
Dum puro Lyrio nace hũa flor taõ pura,
No valle por subir tudo à altura.

29.

Olha na sagrada arvore pendendo,
Do ventre virginal o fructo suave,
Para dar bẽs os braços estendendo,
Como posta lhe foy coroa grave;
Por te esperar se à vista o vàs perdendo,
Pregados pès, & mãos tem na alta trave,
E para recolherte no deserto,
Perdida ovelha, o lado tem aberto.

O lado

30.

O lado, fonte viva, donde mãna,
Com ſangue, & agua aſſaz graça infinita,
Que goſtandote bem a gente humana,
Que vive vida morta, reſuſcita:
Gloria fica da morte ſoberana,
Conſola, & apura em fogo a alma aflicta,
Tu purifica fonte tudo regas,
E a quem te quer goſtar nunca te negas.

31.

De tua perenal clara corrente,
Nacem divinos Rios ſem diſcordia,
Que eſſa Cidade regaõ refulgente
De Deos, que tem a terra em ſan concordia
Quatro Rios de graça ſufficiente,
De juſtiça, de amor, miſericordia,
E todo o bom, que a ſeu Deos communica,
Em ti ó fonte ſancta purifica.

32.

A ti, os que de vida ſede trazem,
Tua agua ſalutifera buſcando,
Quanto mais della em ti ſe ſatisfazem,
Tanto com goſto a eſtão mais dezejando:
De terrena jà pura ſer a fazem,
Seu bom eſtado em graça renovando,
Os que te bebem, & teus Rios habitaõ,
E baixo do guiaõ da Cruz militaõ.

33.

A taõ liquida vea, & fresca fonte,
Corre pois, peccador, lavarte nella,
Baixos olhos levanta ao alto monte,
Aquelle monte sancto donde nace ella:
E vella ensangoentada naõ te afronte,
Que hé mais fermosa assi, que toda a Estrella,
Esse divino sangue, em que tingida
Vez a sancta agua, te he saude, & vida.

34.

Faze tua morada nesta viva
Singular pedra onde a doce agua nace,
E donde mel, & leyte se deriva,
Que o Ceo, & a terra alegremente pace:
Por esta escada sobe à estranha altura,
Que o grande Jacob vio, que ao Ceo chegasse,
Por ella Anjos do Ceo à terra decem,
Sobem ladroẽs ao Ceo, que a reconhecem.

35.

Vay banharte doente, & tão leproso,
Neste divino, & sacro Rio Jordão,
Passa o da lepra jà saõ, & fermoso,
Para na terra entrar de promissaõ:
Foge, & sayte do Egypto trabalhoso,
Donde te tem teus erros em prizaõ,
Passa do sangue & agua o mar vermelho,
Livre do captiveiro antigo & velho.

36.

Olha a sagrada letra, que Ezechias,
Em Hierusalem vio impressa & escripta
Nas testas dos, que estavão de agonias,
E a alma tinhaõ triste, & muy aflicta;
Enche os coraçoẽs esta de alegrias
Perpetuas: & lhes dâ graça infinita,
Agora cũ sinal nellas impresso,
Escripta bem com sangue alto sem preço.

37.

De metal no deserto em Cruz erguida
Olha a medicinal mortal serpente,
Que só co a vista da saude, & vida,
Aos que feria co venenoso dente:
Representava ser serpe esculpida,
Serpe era no metal, serpe aparente,
Assi posto na Cruz como culpado,
Quem nunca o pode ter terà o peccado.

38.

Esta Arpa de David taõ branda, & sancta,
Com vozes taõ divinas, & acordadas,
Se tocaõ na Cruz postas com dòr tanta,
Os nervos seus, & cordas delicadas:
Afugenta o Demonio mao, & espanta,
Desfaz, & desbarata suas ciladas;
Toca pois a sancta Arpa, adora, & ama,
Mil lagrimas d'amor nella derrama.

39.

Com esperança, amor, & firme fè,
A teus taõ cegos olhos lava, & cura,
Na clarissima fonte Sylo é;
Sairas da cegueira triste, & escura:
Veràs por onde poẽs o enfermo pé,
Ser tudo engano, & má dezaventura,
Da vil carne do mundo vem pobrezas,
Do mao sempre malicias, & torpezas.

40.

Gozate desta certa medicina,
Bastante a estima a toda a enfermidade,
Que o bom & universal Medico ensina,
Com tão sincero amor & boa vontade:
Entra nesta probática piscina,
E á tua paralitica maldade,
Convertida verás pella virtude,
Desta agua efficacissima em saude.

41.

De Deos com puro amor olha o Cordeiro,
Cujo sangue purissimo innocente,
Derramado co amor taõ verdadeiro,
Do lobo te livrou percuciente:
Sangue tanto sem preço, & por dinheiro,
Por vil preço vendido injustamente,
Mas assi às màs culpas livramento,
E ás obras boas deo merecimento.

As

42.

As obras, que assi nelle resplandecem,
Como num taõ capaz & claro espelho;
E todas perfeiçoẽs sem fim parecem,
E os sanctos Doẽs do spirito, & saõ conselho:
As virtudes que mais aqui florecem,
Tinha no fino esmalte, & bom vermelho,
Vete bem neste espelho, & o tempo goza,
Verâs toda a virtude aqui fermoza.

43.

Se a sempre igual justiça firme & forte,
Ver queres, vê que o homem condenado
Por sua mesma culpa à eterna morte,
Pagando Deos por elle, he perdoado:
Deos fesse homem mortal, & mata a morte,
Morre innocente, & mata ao mao peccado,
Com suas chagas tira a antiga chaga,
Como Deos pòde, & quer, como homem paga.

44.

Essa misericordia branda, & amiga,
Que mais se pòde ver, que à piedade
Com que ao filho do Eterno pay castiga,
Por perdoar do mào servo à maldade:
Olha a que estado dece, & a que se obriga,
Se queres ver a altissima humildade,
Se a sam modestia vé, com que estreiteza
Naceo, & viveo sempre com pobreza.

45.

Vè, com que mansidaõ, com que innocencia
O Redemptor do mundo se offerece.
Ao summo Sacrificio, & obediencia,
Atè morte taõ crua, que padece:
Em tanta injuria, tanta paciencia,
Que por seus homicidios naõ se esquece,
Por imigos rogar assi os amando,
Tudo com alto amor bem rematando.

46.

Amor lhe fez que à terra do Ceo deça,
Amor da terra ser em Cruz subido,
Amor nos pês, & mãos, corpo, & cabeça,
Com cravos, lança, espinhas, ser ferido:
Amor, que com tormentos mil pareça
Ser hũa chaga, & por leproso avido,
Amor, que amasse o ingrato mundo tanto,
Que nelle fique em carne, & em corpo sancto.

47.

Deos sendo amor purissimo perfeito,
Quis pello mesmo amor communicarse,
Fazendose de hũa alma, & humano peito,
E nelle Deos, & homem agazalharse:
E em lugar taõ estreito, mais se alegra,
Que no espaçoso, & largo impirio acharse,
Que este he sô corporal morada sua
Dalma, & espirito, & outro imagem sua.

48.

Para esta união sancta, & amorosa,
A divina Eucharistia instituindo,
Com discreta invenção maravilhosa,
Dos Discipulos seus se despedindo:
Naquella final Cea lachrymosa,
Debaixo das especies se encobrindo,
De paõ, & vinho, em doce mantimento
Se dá a comer neste alto Sacramento.

49.

Que como trasformado, & convertido,
Em quem o come o mantimento fica,
Assi a alma do homem a Deos unida,
Por amor se sustenta, & vivifica:
Que este manjar divino recebido
Vida divina dâ, & glorifica
A quem sua carne come, & sangue bebe,
E morre, indignamente quem o recebe.

50.

Quem bem o come em Deos fica, & Deos nelle,
Fica em Deos como proprio membro vivo,
E o summo Deos, como cabeça delle,
Hum ser spiritual lhe dando altivo:
Fasse assi hum corpo mistico por elle,
Por este amor seu puro, & unitivo,
E o filho aili de Adão, & filho de ira,
Fica filho de Deos, & a Deos aspira.

Conten-

51.

Contente vive amando, & persevera,
Na fonte d'amor puro, alma embebida,
Abraça aquella amiga, & fiel hera,
Da saudavel Cruz arvore erguida:
Come o bom paõ da vida, & a vida fera
Perdendo iràs, ganhando eterna vida,
Paõ sobre substancial come, & de graça,
Que de terreno Angelico te faça.

52.

Esperta jà Christão dormente, esperta,
Para este paõ, que tanto te convida;
Que a satisfação tẽs taõ boa, & certa,
Cavando do Senhor sempre na vinha:
Ao peccado, & chaga nalma aberta,
Applica esta suave, & san mezinha,
Os bẽs do mundo tem por sonho & rizo,
E o que me ouviste em sonhos pór avizo.

53.

Assi me estava o bom Anjo fallando,
Que ao doce som de sua voz divina,
Dormia muy quieto repousando,
Na visaõ deleitosa, & matutina:
E naõ crendo eu que fosse isto sonhando,
Cũa vara de inspiração divina,
No coração tocarme parecia,
E despertar do somno me fazia.

Taõ

54.

Taõ confuso fiquey, taõ assombrado,
Jà de todo acordado, & sò em meu leyto,
Daquelle sprito bom dezemparado,
De seu colloquio sancto, & braudo aspeito:
E do que ouvira, & vira inda lembrado,
Que impresso me ficou dentro em meu peito,
Comecey a fazer contas comigo,
Quaes todo homem fazer deve consigo:

55.

Misero peccador, mortal, terreno,
De pò, de cinza, & terra hum triste saco,
Quero abarcar hum bicho taõ pequeno,
A terra, & o Ceo, como outro Zodiaco?
Eu me engano, eu me perco, eu me condeno,
Culpado vou perdido, cego, & fraco,
Nacido em dòr, em pranto & em peccado,
E nelle em mil miserias enterrado.

56.

Que espero mais, que naõ me dezengano,
Com tanta inspiraçaõ, tanta doctrina?
Que vou de dia em dia, de anno em anno,
A cura dilatando a esta alma indigna?
Ah cruel a mim mesmo, & deshumano,
Que taõ prezente, & sancta medicina,
Qual se me offerecendo esta tão certa,
Deixo de pòr na mortal chaga aberta!

57.

A viva fonte vejo permanente,
Sempre manancial, nunca escorrida,
De que manando està perpetuamente,
E sem cessar, saude, & luz de vida:
Vejome a mim mortal, cego, & doente,
Chegar naõ quero á cura offerecida;
Deixome ir obstinado sempre, & duro,
Traz o tempo a beber no lago escuro.

58.

A Fortaleza, que eu sonhando via,
Florente edificarse em tanto terse,
Tè que por tempo emfim me parecia,
Cahir por terra, & nella desfazerse:
Donde a immortal senhora se sahia,
E sem para onde fosse então saberse,
Era o meu triste, & fragil corpo humano,
E que de todo não me dezengano?

59.

Ah naõ seja assi, naõ, naõ dure tanto,
Minha vida no grave, & mao letargo,
Que esquecido da eterna com espanto
A perca, & sem fim morra em pranto amargo.
Daquella sancta fonte, & Rio sancto,
Sempre alto, copioso, doce, & largo,
Lá quero o pão gostar, & agua da vida,
Para que fique lá comigo unida.

Por-

60.

Por ti quero viver ò paõ divino,
Que dâs a vida, & es vida por essencia,
Por ti com tua graça eu fraco & indigno,
Quero, & posso fazer san penitencia:
E com ella mais limpo de contino
Quero amarte, & gostar com mais frequencia,
A ti, que es amor puro, & bem supremo,
Por ti suspiro eu jâ, & por ti gemo.

61.

Inda que eu merecer tanto naõ possa,
Nem por mim, ao que devo, satisfaça,
Teu purissimo amor a tudo adoça,
E tua misericordia a tudo abraça:
Tu queres sempre a conversação nossa
Amiga, se a tua graça nos dà graça;
Se o rico, ou pobre, ou alto, ou baixo pòde
Chamarte, o teu poder logo lhe acode.

62.

Tu usas sò Senhor de tal piedade,
Sò o remedio nos pòdes dar seguro,
Tu altissimo Deos tanta humildade,
Que o servo communicas baixo escuro:
Tu que vestiudo a nossa humanidade
No ventre virginal, & sangue puro,
Tu que por nòs na Cruz o teu derramas,
E te darem comer, tanto nos amas.

Em

63.

Em tal extremo vendo a Fortaleza,
Vigilante, & solicita accodia
A todas partes a immortal princeza,
Sempre animando a toda a companhia:
Com quanto via jà sua defeza,
Ser taõ fraca deixala naõ queria,
Todo o remedio exquisito, & raro,
Busca emfim seu proveito sem emparo.

64.

Nesta ultima agonia assi estando,
A desconfortadissima senhora,
Eu tambem triste assaz via sonhando,
Disforme hum velho feo vir de fòra:
Sumida a carne, os olhos só mostrando,
De corcomido rosto, os olhos fòra,
De espantosa, & terribel catadura,
Fraca a voz, mas sobetba, & com soltura.

65.

O qual as mãos lançando descarnadas,
E torpes sobre este edificio enfermo,
Deolhe hum medonho abalo, & alteradas,
Tremendo as partes nelle fez grão termo:
Traz isto com palavras muy pezadas,
A princesa fallando disse, o termo
Final, & triste, a tua hora he chegada,
Sayte jà da caduca, & van morada.

Ficou

66.

Ficou sobresaltada, & temerosa
A princesa com voz tam grave, & horrenda,
Mas ainda assi lhe respondeo chorosa,
Esperame algum tempo para emmenda
Minha: & desta morada perigosa,
E o prazo final mais se me estenda,
Darey ordem, que em tão triste partida,
Naõ deixe a casa toda destroida.

67.

Graõ tempo ha já lhe replicou o velho,
Que nesta Torre vives, & o tiveste,
Para tudo ordenar com graõ conselho,
Sabias isto bem, mal o fizeste:
Se a casa tem remedio outrem delho,
E a ti o que nella estando mereceste;
Naõ posso esperar mais, & vemte comigo,
Mais tenho que fazer, que aqui contigo.

68.

Isto disse, & pegando rijamente
Outra vez com mão dura, & com crueza,
Cahio toda por terra finalmente,
Com grande terremoto à Fortaleza,
Cahio com ella morta toda a gente,
E a graõ regente della, & alta princesa,
Desapareceo com o velho a essa hora,
Sem saber mais ninguem certo onde fora.

Pois

69.

Pois se ha de aver desagradecimento,
De merce tal a mim,& a todos feita,
Se nisto naõ se achar merecimento,
Dentro em minha alma seja sempre aceita:
E se eu della tiver esquecimento,
De mim se esqueça a minha mão direita,
E a lingoa se me apegue na garganta,
Se eu naõ louvar & amar merce taõ santa.

COME-

COMEDIA

DELREY SELEVCO.

COMPOSTA POR LUIS DE CAMOENS.

Diz logo o Mordomo, ou dono da casa.

EIs, senhores, o Autor, por me honrar nesta festival noite, me quiz representar hũa farça, & diz, que por naõ se encontrar com outras jà feitas, buscou hũs novos fundamentos para a quem tiver hum juizo assi arrezoado satisfazer. E diz que quem se della naõ contentar, querendo outros novos acontecimentos, que se và aos soalheiros dos Escudeiros da Castanheira, ou de Alhos Vedros, & Barreiro, ou converse na rua nova em casa do Boticario, & naõ lhe faltarà que comer: Porèm diz o Autor, que usou nesta obra da maneira de Isopete. Hora quanto a obra senaõ parecer bẽ a todos: o Autor diz, que entende della menos que todos, os que lha puderem emmendar. Todavia isto he para praguentos, aos quaes diz, que responde com hum dito de hum Philosopho, que diz, *Vós outros estudante para praguejar, & eu para desprezar praguentos*, & com tudo quero saber da farça, em que ponto vai.

Moço, Lança rote.

Moç. Senhor.
Escud. Saõ jà chegadas as figuras?
Moç. Chegadas saõ ellas quasi ao fim de sua vida.
Escud. Como assi?
Moç. Porque foi a gente tanta, que nam ficou capa com friza, nem talaõ de çapato, que naõ sahisse fòra do couce. Hora vieraõ hũs embuçadetes, & quizeraõ entrar por força, eilo arrancamento na mão: deraõ hũa pedrada na cabeça ao Anjo, & rasgaraõ hũa meya calça ao Ermitão, & agora diz o Anjo, que naõ ha de entrar, atê lhe naõ darem hũa cabeça nova, nem o Ermitão atè lhe naõ porem hũa estopada na calça. Este pantufo se perdeo alli, mandeo v.m. Domingo apregoar nos pulpitos, que naõ quero nada do alheo.
Escud. Se ella fora outra peça de mais valia, tu botàras a conciencia pela porta fòra, para o meteres em tua casa.
Moç. O se o elle fora, mais conciencia seria tornalo a seu dono, quem o havia mister para si.
Escud. Hora vem câ, vai daqui a casa de Martim Chinchorro, & dizelhe, que temos cá auto, com grande fogueira, que se venha sua mercè para cá, & que traga comsigo o senhor Romão d' Alvarenga, para que sobre o canto cham botemos nosso contraponto de zombaria. Ouves Lançarote? irlhehas abrir a porta do quintal, porque mudemos o vinte aos que cuidão de entrar por força.

Indo

Indose o Moço diz.

Chichello de Judeu, assi como foste pantufo, que te custava ser hũa bolça com hum par de reales, que saõ bõs para hum escudeiro hipocrita, que saõ muito, & valem pouco.

Escud. Moço, que estàs fazendo que nam vás?

Moç. Senhor estou tardando, & porèm estou cuidando, que se agora fora aquelle tempo, em que corrião as moedas dos sambarcos, sempre deste tiraria para hũas palmilhas: Mas jà q̃ assi he, digame v. m. que farei deste?

Escud. O fideputa bargante, esperai, que estoutro volo dirà.

Faz que lhe tira com outro pantufo, vaise o Moço, & diz o Escudeiro.

Naõ ha mais mao conselho, que ter hum villaõ destes mimoso, porque logo passaõ o pè alem da maõ, zombão assi da gravidade de seu amo. Mas tornãdo ao que importa, vossas mercès he necessario, que se cheguẽ hũs para os outros, para darẽ lugar aos outros senhores, q̃ haõ de vir, q̃ doutra maneira, se todo o corro se ha de gastar em palanques, serà bom mandar fazer outro alvalade, & mais, que me haõ de fazer mercê, que se haõ de desembuçar, porque eu naõ sei, quem me quer bem, nem quem me quer mal: este sô desgosto tem hum auto, que he como officio de Alcayde, ou haveis deixar entrar a todos, ou vos haõ de ter por villão ruim.

Entra Martim Chinchorro, fallando com outro Escudeiro por nome Ambrosio, & diz.
Martim Chinchorro.

Entre v.m.

Ambros. Dias ha, senhor, que ando de quebras com cortesias, & por isso vou diante. Beijo as mãos de v.m. A verdade he esta, passear com casa juncada, fogueira com castanhas, mesa pósta com alcatifa, & cartas; além disto auto para esgaravatar os dentes, esta he a vida, de que se ha de fazer conciencia.

Escud. Senhor, o descanso dizem lá, que se ha de ter em quanto homem puder, porque os trabalhos sem os chamarem de seu se vem por seu pè, que seu nome he.

Mart. Hora pois, senhor, o auto dizem, que he tal? porque hum auto enfadonho traz mais sono consigo, que hũa prêgação comprida.

Escud. Senhor, por bom mo vendèraõ, & eu o tomei á calla de sua boa fama, & se tal he, eu acho, que por outra parte, naõ ha tal vida, como ouvir hum villão, que arranca a falla da garganta, mais sem sabor, que hũa pera paõ, & hũa donzella, que vẽ mais podre de amor, fallando como Apostolo, mais piedosa que hũa lamentação.

Mart. Para estes taes he grande peça rapaz travesso com molho de junco, porque naõ andem mais ào coscorraõ, mais roucos, que hũa cigarra, trazendo de si enfadamento.

Mart. Hora te digo que es gracioso. Senhor donde houvestes este?

Escud. Aqui me veyo ás mãos sem piòs, nem nada, & eu por gracioso o tomei, & mais tem outra cousa que hũa trova falla tambem como vós, ou como eu, ou como o Chiado.

Ambr. Não quanto disso nós havemoslhe de ver fazer algũa cousa, em quanto se vestem as figuras; ainda que para que he mais auto, que vermos a este.

Escud. Vem cá moço, dize aquella trova, que fizeste à moça Briolanja, pór amor de mim.

Moç. Senhor, si direi, mas aquella trova, não he se não para quem a entender.

Mart. Como, tão escura he ella?

Moç. Senhor, assi a sei eu escrever, & a fiz na memoria, porque eu não sei escrever, senão com carvão, & porèm diz assi.

Por amor de vôs Briolanja,
Ando eu morto,
Pesar de meu avo torto.

Mart. Oh como he galante, que descuido tam gracioso, mas vem cà, que culpa te tem teu avò nos disfavores, que te tua dama dâ?

Moç. Pois senhor, se eu houve de pesar de alguem, não pesarei eu antes dos meus parentes, que dos alheos?

Escud. Pois oução vossas mercès a volta, q he mais chea de gavetas, que trombeta de serenissimo de la Valla.

Moç.

Moç. A volta senhores, he muy funda, & pareceme senhores, que nem de mergulho a entenderàõ, & por isso mandem assoar os engenhos, & metaõ mais hũa sardinha no entendimento, & póde ser que cõ esta servilha lhe calçarà melhor, & todavia palra assi.

Vossos olhos tam daninhos,
Me tratàraõ de feição,
Que naõ ha em meu coraçaõ,
Em que atem dous reis de cominhos,
Meu bem anda sem fucinhos
Por vòs morto,
Pesar de meu avò torto.

Mart. Hora bem, que tem dever os cominhos com o teu coraçaõ?

Moç. Pois, senhores, coraçaõ, bofes, baço, & toda a outra mais cabedella, naõ se pódem comer senaõ com cominhos, & mais, senhores, minha dama era tindeira, & este he o verdadeiro entendimento.

Mart. E aquella regra, que diz, meu bem anda sem fucinhos, me dà tu a entender, que ella naõ dá nada de si.

Moç. Nunqua vossas mercès ouviraõ dizer, meu bem, & meu mal lutàraõ hum dia, meu bem era tal, que meu mal o vencia, pois desta luta foi tamanha a quéda, que meu bem deu entre hũa pedra, que quebrou os fucinhos, & por ficarem taõ esfarrapados, porque lhe naõ podiaõ deitar pedaço, por conselho dos fisicos lhos cortáraõ por lhe nelles naõ saltarem erpes, & daqui ficou meu bem anda sem

 fuci-

focinhos, como diz o texto.
Ambros. Tu fazes jà melhores argumẽtos, que moços de estudo por dia de S. Nicolao.
Mart. Senhor, aquillo tudo he bem engenho, este moço he natural para logico.
Moç. Que, senhor, natural para logea? si mas nam tam faia como vossas mercès.
Escud. Pareceme, senhor, que entra a primeira figura, Moço, metete aqui por baixo desta mesa, & ouçamos este Representador, que vem mais amarlotado dos encontros, que hum capuz roxo de piloto, que sae em terra, & o tira da arca de cedro.
Mart. Senhor, elle parece que aprendeia cirurgiaõ.
Ambros. Mais parece ourinol capado, que anda de amores com a minina dos olhos verdes.
Escud. Emfim parece figura de auto em verdade.

Entra o Representador.

He ley de direito assaz verdadeira, julgar por si mesmos aquillo, que vem, porque eu cuido, que eu zombo d'alguem, & cuido, que zomba da mesma maneira, & se a qualquer parece que està mais dobrado, sem nenhum conhecer seu proprio engano; por grande que seja. Hora, senhores, a mim me esquece o dito todo de ponto em claro, mas naõ sou de culpar, porque nam ha mais que tres dias, que mo déraõ, mas em breves palavras direi a vossas mercés a summa da obra, ella he toda de rir do cabo até a p[illegible]nta. Entraràõ logo primeiramente quinze donzellas, que vaõ fugidas de casa de seus pays, & vão

vaõ com cabazes apanhar azeitona, & traz ellas vem logo oito mundanos, vestidos em hum covão cantando, quem os amores tem em Sintra, & despois de cantarem farâõ hũa dança de espadas, cousa muito para ver, entra mais ElRey Dom Sancho bailando os machatins, & entra logo Caterina Real com hũs poucos de parvos numa joeira, & semealos ha pela casa, de que nascerà muito mantimento ao riso, & nisto fenecerà o auto, com musica de chocalho, & bosinas, que Cupido vem dar a hũa alfeloeira a quem quer bem, & irseháõ vossas mercès cada hum para suas pouzadas, ou consoaràõ cá comnosco disso, que ahi houver. Pareceme que nenhum diz, que naõ, Hora pois ficareis em vano laboraverunt, porque atêgora zombei de vòs, por me forrar do erro da representação, como quẽ diz, digoto, antes que mo digas.

Ambros. Hora vos digo, senhores, que se as figuras saõ todas taes, que acertariaõ em errar os ditos, ainda que me parece que este o não fez, senaõ a ser mais galante. Mas se assi he ella he a melhor invenção, que eu vi: porque já agora representaçoẽs, todas he darem por praguentos, & saõ tam certas, que he melhor erralas, que acertalas.

Escud. Pareceme que entraõ as figuras de siso, vejamos se saõ tam galantes na pratica, como nos vestidos.

Entra

Entra ElRey Seleuco, com a Raynha Estratonica.

Rey. Senhora, desque a ventura
Me quiz darvos por mulher,
Me sinto emmeninecer,
Porque em vossa fermosura,
Perde a velhice seu ser.
Hum homem velho, cansado,
Naõ tem força, nem vigor;
Para em si sentir amor,
Senaõ he, que estou mudado,
Com ser vosso noutra cor.
Muito grande dita tem
A molher, que he fermosa.
Raynh. Senhor grande, mas porem
Se a tal he virtuosa,
Quer lhe a ventura mòr bem.
Rey. Si, mas porêm nunqua vemos
A natureza esmerar,
Donde haja, que tachar,
Que quando ella faz estremos,
Em tudo quer se estremar.
Eu fallo como quem sente
Em vòs esta calidade,
Pello que vejo presente,
E se me esta mostra mente,
Menteme a mesma verdade.
Hũa sò tristeza tenho,
Que naõ tem a meninice,
Que no mór contentamento

Otra.

O trabalho da velhice
Me embaraça o ſentimento.
Raynh. Senhor, novidades taes
Farmehaõ crer de verdade,
Rey. Novidades lhe chamais
Folgo, ſenhora, que achais
Na velhice novidades.
Raynh. Senhor, dias ha que ſento
Em o Principe Antiocho
Certo deſcontentamento,
Dèra algũa couſa a troco
Por ſaber ſeu ſentimento.
Vejolhe amarelo o roſto,
Ou de triſte, ou de doente,
Ou elle anda mal diſpoſto,
Ou là tem certo deſgoſto,
Que o naõ deixa ſer contente:
Mande ſenhor, voſſa Alteza
A chamallo por alguem,
Saberemos que mal tem,
Se he doença de triſteza,
De que nace, ou de que vem.
Rey. Certo que eu me maravilho
Do que vos ouço dizer,
Que mal pòde nelle haver?
Ide dizer a meu filho,
Que me venha logo ver,
Raynh. Se curar naõ ſe procura
Hũa couſa deſtas tais,
Vem deſpois a crecer mais
Quando ſenaõ acha cura,
Toda a cura he por demais.

Entra

Entra o Principe Antiocho, com seu pagem por nome Leocadeo.

Princ. Leocadeo se es avisado,
E naõ te falta saber,
Sabermehas dar a entender
Quem ama desesperado,
Que fim espera de aver?
Pag. Senhor, naõ,
Mas porêm porque razão
Lhe avem sabello, ou de que?
Princ. Perguntote a conclusaõ,
Naõ me perguntes porque,
Porque he minha pena tal,
E de taõ estranho ser,
Que me eide deixar morrer,
E por naõ cuidar no mal
O não ouzo inda dizer.
Que maneira de tormento
Tam estranho, & evidente,
Que nem cuidar se consente,
Porque o mesmo pensamento
Ha medo do mal que sente!
Pag. Não entendo a vossa Alteza:
Princ. Assi importa a minha dor.
Pag. E porque razão, senhor?
Princ. Para que seja a tristeza
Castigo de meu temor,
Porque ordena
O amor, que me condena,
Que se ajão de sentir,

E sem

E sem dizer, nem ouvir
Bemaventurada a pena
Que se pòde descubrir,
O caso grande, & medonho,
O duro tormento fero,
Verdade he isto, que eu quero?
Naõ he verdade, mas sonho,
De que acordar naõ espero.
Querome chegar a ElRey
Meu pay, que jà me està vendo,
Mas onde vou? naõ me entendo
Com que olhos eu olharei
Hum pay, a quem tanto ofendo?
Que novo modo de antolhos,
Porque neste atrevimento
Devera meu sentimento,
Para elle naõ ter olhos,
Nem para elles pensamento.

Chega aonde està el-Rey, & diz el-Rey.

Rey. Filho, como andais assi,
Que tanto desgosto tomo
De vos ver, como vos vi?
Princ. Naõ sei eu tanto de mim,
Que possa saber o como.
Dias ha jà, senhor, que ando
Mal disposto, sem saber
Este mal, que possa ser,
Que se nelle estou cuidando,
Quasi me vejo morrer.
Rey. Pois filho, serà razão,

Que meus fisicos vos vejão,
Princ. Os fisicos, senhor, naõ,
Que os males, que em mim estaõ,
Saõ curas, que me sobejão.
Raynh. Deitese, que na verdade
Hum corpo deitado, & manso
Descansa à sua vontade.
Princ. Senhora, esta enfermidade,
Naõ se cura com descanso.
Raynh. Todavia bom será
Que lhe façâo hũa cama.
Princ. Hum coxim abastará,
Que assi naõ descansará
O repouso de quem ama.
Rey. Vamos filho, para dentro,
Em quanto a cama se faz,
Repousai como capaz,
Que a mim me dâ cà no centro
A pena, que assi vos traz.

Vaõse, & vem hũa moça a fazer a cama, & diz.

Mimos de grandes senhores,
E suas estremidades
Me haõ de matar de amores,
Porque de meros dulçores
Adoecem.
Então logo lhes parecem,
Aos outros, que saõ mamados,
E os que saõ mais privados,
Sobre elles estremecem.

Certo,

Certo, & assi Deos me ajude,
Que saõ muito graciosos,
Porque de meros viçosos,
Naõ pôdem com a saude.
Mas deixallos,
Porque elles daráõ nos vallos,
Donde mais naõ se erguerâõ,
Inda que lhe dem a mão
Os seus privados vassallos.

Entra hum Porteiro de cana, & bate primeiro, & diz.

Port. Traz, traz, traz?
Moça. Jesu, quem està ahi.
Port. Já vòs, mana, ereis mamada,
Para vos levar furtada;
Nunqua tal ensejo vi;
E vòs estais descuidada?
Moça. E meus descuidos, que fazem?
Port. Vossos descuidos, cadella:
A minh'alma, sois tam bella,
Que esses descuidos me trazem
Dous mil cuidados á vella.
Pois sou vosso ha tantos annos,
Mana, tirai os antolhos,
E vereis meus tristes dannos.
Moça. Naõ tenhais esses enganos.
Port. Nem vòs tenhais esses olhos;
Que de vossos olhos vem
Esta minha pena fera.
Moça. De meus olhos, assim era?

Port.

Port. Moça, que tais olhos tem
Nenhũs olhos ver devera.
Moç. E porque?
Port. Porque cegais
A quantos olhos olhais,
Posto que por vós padecem:
Olhos, que tambem parecem,
Porque naõ nos castigais?
Moç. Deos dé siso, pois de vó
Tirou ao que aos outros deu.
Port. Desataime lá esses nós,
E que mais siso quero eu,
Que naõ ter siso por vós?
Moç. Fallais darte, eu vos prometo
Que a reposta vem á vella,
Isso he olho de panella:
Quanto ha já que sois discreto?
Port. Quanto ha já que vós sois bella?
Moç. Daisme logo a entender
Que eu sou fea a meu ver:
Port. E isso porque o entendeis?
Moç. Porque, porque me dizeis,
Que só de meu parecer
Vos procede o que sabeis.
Port. He verdade.
Moç. Pois infero,
Que o vosso saber he vento.
Fica a cousa declarada,
Meu parecer naõ ser nada.
Port. Olhai aquelle argumento,
Além de bella avisada:
Oh nem tanto, nem tam pouco,

Vede

Vede vôs o que fallais?
Moç. Cego no faber andais.
Port. No fiso, mas naõ tam louco
Como vòs, mana, cuidais:
Hora dizei dũa mà,
Que não amais, quem vos ama?
Moç. Ou vistes vòs cantar já,
Velho malo, em minha cama,
Jà me entendereis:
Port. Ha, ha
Senhora, estais enganada,
Que com hũa capa, & espada,
E com este capuz fôra.
Moç. Hora bem, tirayo hora,
E fazei hũa levada.
Port. Naõ, se me eu hoje alvoroço
Acharmeheis doutra feiçaõ.

Aqui tira o capuz, & diz:

Port. Tenho má disposiçaõ?
Estas obras saõ de moço,
Se as mostras de velho saõ.
Moç. Tendes mui gentis meneos:
Port. Naõ senhora, faço estremos:
Moç. Passeai hora, veremos
Se tendes tam bõs passeos:
Port. Tudo, senhora, faremos:
Moç. Virai hora a essoutra mão:
Port. Esta disposição vedea,
Que tenho gentil feição.
Moç. Tendes vòs mui boa rêdea,

Sofreis ancas?
Port. Isso não,
Moç. Por certo, que tendes graça
Em tudo quanto fizerdes,
Fazei mais, o que souberdes.
Port. Naõ sei cousa, que não faça,
Senhora, por me quererdes.
Moç. Tendes vós muito bom ar.
Port. Mais que isto faz, quem quer bem,
Moç. Hivos asinha, que vem
O Principe a se deitar.
Port. Nunqua hũa pessoa tem
Hũa hora para fallar.

Entrano Principe com o seu Pagem
Leocadeo, & diz

Princ. Seja a morte apercebida,
Porque jà o amor ordena
A dar a meu mal sahida,
Porque o fim da minha vida
O seja da minha pena.
Naõ tarde para tomar
Vingança de meu querer,
Pois naõ se pòde dizer,
Que naõ tem jà que esperar,
Nem com que satisfazer,
Os fisicos, vem, & vaõ,
Sem saberem minhas magoas,
Nem o pulso me acharàõ,
E se o querem ver nas agoas,
As dos olhos lho diràõ,

Se

Se com ſangrias tambem
Procuraõ verme curado
O temor de meu cuidado
O mais do ſangue me tem
Nas veas todo coalhado.
Querome aqui encoſtar,
Que já o eſprito me cay,
Leocadeo, vaime chamar
Os muſicos de meu pay,
Folgarei de ouvir cantar.

Aqui ſe deita, como que repouſa, & falla dizendo aſſi.

Princ. Senhora, qual deſatino
Me trouxe a tanta triſtura,
Foi, ſenhora, por ventura
A força, de meu deſtino,
Como voſſa fermoſura?
Bem conheço que não poſſo
Ter taõ alto penſamento,
Mas diſto sò me contento,
Que ſe paga com ſer voſſo
O mòr mal de meu tormento.

Entraõ os muſicos, & diz Alexandre da Fonſeca hum delles.

Alex. Senhor, de que ſe acha mal
O Principe, ou que mal ſente,
Pag. Senhor, ſei que eſtâ doente,
Mas ſua doença he tal,

Que entenderse naõ consente,
Os fisicos vem, & vão,
Hũs, & outros 'a meude,
Sem o poderem dar saõ.
Quanto mais cura lhe dão
Então tem menos saude.
O pay anda em sacrificios
Aos Deoses, que lhe dem
A saude, que convem:
Dizendo, que por seus vicios,
O mal a seu filho vem.
Eu suspeito que isto saõ
Algũs novos amorinhos,
Que terâ no coração.
Alex. Amores, com quem seráõ,
Que lha naõ dem de fucinhos?
Port. Senhores, que lhe parece
Da doença de Antioco?
Alex. Digalha, quem lha conhece:
Pag. Que toma morrer a troco
De calar, o que padece.
Port. Isso he estar emperrado
Na doença, que he peor;
Temno os fisicos curado?
Alex. Oh que de mal del amor,
No ha señor sanador,
Port. Fallais como exprimentado,
Que eu cuido, que esta fadiga,
Que o faz com que desespere,
Y por màs tormento quiere,
Que se sienta, & no se diga.
Alex. Pois, senhor meu, isso asselle;

Porque

Porque a pena, que ſabeis,
Que eu cuido, que eſtâ nelle,
Darlheha penas crueis.
Pues no ay quien la conſuele:
Port. Folgo porque me entendeis:
Pag. Hemonos ſenhores de hir,
Porque nos eſtá eſperando.
Port. Pois eu tambem hei de hir,
Que naõ me poſſo eſpedir
Donde vejo eſtar cantando:
Princ. Cantai por amor de mi
Algũa cantiga triſte,
Que todo meu mal cõnſiſte
Na triſteza em que me vi.
Port. Mandelhe cantar hum chiſte:
Alex. Chiſte naõ, que he deſoneſto,
E naõ tem eſſes eſtremos,
Outro canto mais modeſto:
Porèm naõ ſei que diremos,
Pag. Gaõleaõ o dirà preſto.
Port. Dà licença V. Alteza,
Que diga minha tençaõ:
Princ. Dizei, ſeja em canto chaõ.
Port. Pois crede, que he ſutileza,
Que os Anjos a comeraõ:
Digaõ eſta.

Enforquei minha eſperança,
E o amor foi tam madraço,
Que lhe cortou o baraço.

Alex. Naõ me parece eſſa boa.
Port. Haja eu perdaõ,
Porque naõ a entenderàõ,

Entender, bofa, que he boa,
Naõ lhe cahis na feição?
Alex. Dizei hora outra melhor
Com que nos atarraqueis.
Port. Hora esperai, & ouvireis,
Se a esta não dais louvor,
Quero que me degoleis.

Cantiga.

Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora, cativo tendes
Este meu coração Mendes.
Alex. Essa parece mui taibo,
Porque mostra bom indicio.
Port. Vòs cuidareis, que eu que raivo.
Alex. Todavia tem mao saibo,
Hora mal lhe correo o officio.
Princ. Tá não và mais por diante
A zombaria, que he má,
Cantai qualquer dellas jà,
Que esse porteiro he galante,
Ninguem o contentará.

Aqui cantão, & em acabando diz
o Pagem.

Pag. Parece que adormeceo.
Port. Pois será bom, que nos vamos.
Alex. Senhor, quer que nos vejamos?
Port. Senhor, virmeha do Ceo,
Relevame que o façamos.

Entra

Entra a Raynha com hũa ſua criada por nome Frolalta, & diz a Raynha.

Raynh. Frolalta, como ficava
Antioco em te tu vindo?
Moç. Ficavaſe deſpedindo
Da vida, que então levava,
E aſſi ſeus dias cumprindo.
Raynh. Oh grave caſo de amor,
Deſeſperada affeiçaõ,
Oh amor ſem redempção,
Que alli te fazes mayor
No mais alto, & fundo pêgo:
Alli tẽs mayor porfia:
Razão de ti naõ ſe fia,
Quem te a ti chamou cêgo
Muy bem ſoube o que dizia.
Por ventura hia chorando?
Frol. Chorando hia, & chamando
Ao amor, amor cruel,
E em, ſenhora, ſe deitando
Lhe cahio eſte papel:
Rayn. Que papel?
Frol. Eſte, ſenhora.
Rayn. Amoſtra, que quero lello,
Agora acabo de crello,
Que ao que moſtra por fóra
Aqui lhe lançou o ſello.

Aqui lê o papel, & diz.

Raynh. Oh estranha pena fera,
Desditosa vida cara,
Oh quem nunqua cà viera,
E com seu pay nam casára,
Ou em casando morrera.
Frol. Ainda que eu pesa sam,
Senhora tudo bem vejo,
Atente, que na eleição
O que lhe pede o desejo
Naõ consente o coração.
Raynh. Frolalta, pois que es discreta
Nada te posso encobrir,
Porque se queres sentir,
A hũa mulher discreta
Tudo se ha de descubrir:
O dia, que entrei aqui,
Que a Seleuco recebi,
Logo nesse mesmo dia
No Principe filho vi
Os olhos, com que me via:
Este principio sofrilho,
Para ver se se mudava,
Antes mais se acrecentava,
Eu amavao como filho,
E elle d'outra arte me amava
Agora vejoo no fim
Por se me naõ declarar,
Pois que jâ a isso vim,
A morte, que o levar

Me

Me leve tambem a mim.
Porque jà que minha ſorte
Foi tam crùa,& deſabrida,
Que me naõ quer dar ſahida,
Sejamos juntos na morte,
Pois o naõ ſomos na vida.
Oh quem me mandou cazar?
Para ver tal crueldade,
Ninguem venda a liberdade,
Pois não pòde reſgatar
Onde naõ tem a vontade.
Que não ha mór deſvario,
Que o forçado caſamiento
Por alcançar alto aſſento.
Que emfim todo o ſenhorio
Eſtâ no contentamento.
Naõ ſei ſe o vá ver agora
Se ſerà tempo conforme,
Ou ſe himos à deshora.
Moç. Depois iremos ſenhora,
Que agora dizem,que dorme.

Entra o *fiſico* a tomarlhe o pulſo,& tomandoo diz.

Fiſ. Su madrafta oy nombrar,
Y el pulſo ſe le alterò,
Eſto no entiendo yo,
Porque para le alterar
El coraçon ſe obligó:
Pues que el coraçon ſe altere,
Y porque en un momento

Algun nuevo vencimiento
De affícion terrible le hiere,
Que causa tal movimiento:
Pues que affícion cabe assi,
Con madrasta? digo yo,
Dos razones ay aqui;
La una dize, que si,
La otra dize, que no.
Empero yo determino
De exprimentar la verdad:
Y hazer una habilidad,
Que declare es agua, ò vino,
Esta su enfermedad.
Porque toda esta mañana
Tengo estudiado su mal,
Sin ver causa effetual
De su dolencia inhumana,
Ni otra de su metal.
Llamar quiero este asnejon,
Mas aun deve de dormir
Segun que es dormilon:
Sancho, ò Sancho?
San. A señor, à señor:
Fis. Ea aun estàs dormiendo?
San. Estoyme, señor, vestiendo.
Fis. Pues vellaco, & sin sabor
No me respondes dormiendo?
Vestios presto ladron:
Oh que moço, y que ventura.
San Mas que amo, y cararon;
Embieme el ropon,
Que no allo mi vestidura.

Fis.

Fis. Que embie el ropon acà,
Parece, que os desmandais.
San. Que vaya, senhor, ha, hà,
Que buenos dias ayais.

Entra o moço embrulhado em hũa manta, & diz o Fisico.

Fis. Di como vienes assi
Con la manta, y para que?
San. Yo senhor se lo diré:
Por venir presto vesti
Lo que mâs presto me allè,
Porque viendo, que èl me llama,
Dormiendo yo sin afan,
Saltè presto de la cama,
Que parezco un gavilan
Hermoso como una dama.
Fis. Mas es tu bovedad tanta,
Que vienes desta fecion.
San. Dè mi vestido se espanta,
De noche sirve de manta,
Y de dia de ropon.
Fis. Embiôme el Rey a llamar
Otra vez.
San. Y a mi.
Fis. Y a ti.
San. Y êl que presta allâ sin mi?
Fis. Que puedes tu aprovechar?
San. Yo se lo dirê de aqui,
Si por la ventura quiere
Para que le dè consejo

Quan-

Quando doliente estuviere,
Digo, coma, si pudiere,
Y beba buen vino anejo,
Porque este es el licor,
Que dà fuerça, y es sabroso,
Que segun dizen, señor,
Vino letificar cor
Hominis, & le es provechoso.
Fis. Ya sabes la medicina,
Que Avicena nos refiere.
San. Pues señor, porque es divina,
Pero el Rey que le quiere,
Que manda, ò que determina.
Fis. El Principe està doliente.
San. Oh mesquino, & que mal ha?
Fis. Y a ti necio, que te vâ.
San. Oh señor, que es mi pariente.
Fis. Gracioso el bovo està,
Y pues dime por tu fê,
Llorarâs si se muriere?
San. No llorarè,
Empero, señor, harè
La peor cara, que pudiere.
Fis. Ea bovo vê corriendo,
Y ensilla la mula ayna.
San. Vengala ensillar mejor.
Fis. Oh vellaco, y sin sabor.
San. Yo por cierto no lo entiendo,
Pero una melecina
Le è de pedir, Dios queriendo,
Porque ando atribulado,
Y no sê parte de mi.

Con

Com este nuevo cuidado,
Para un sayo esfarrapado,
Que me dizen ay alli.
Fis. Hora ensilla, y nunqua biva,
Pues sufro tus desatinos.
San. Señor passion no reciva,
Ya cavalga Calaino
A la sombra de una oliva.

Aqui se sae bolindo com a almofaça, &
acorda o Principe, & diz.

Princ. Oh bella vista, & humana
Por quem tanto mal sostenho,
Oh Princeza soberana
Como nos braços vos tenho,
Ou este sonho me engana:
Pois como sonho tambem
Me queres vir magoar,
E para me atormentar
Mostrasme a sombra do bem
Para assi mais me enganar.
Assi que com quanto canso
Jâ naõ posso achar atalho,
Pois que o sono quieto, & manso,
Que os outros tem por descanso
Me vem a mim por trabalho:
Pois hahi tantos enganos,
Que condenaõ minha sorte,
Naõ o tenho jà por sorte,
Se à volta de tantos danos
Viesse tambem a morte.

Aqui

Aqui entra elRey com o Fisico, diz elRey.

Rey. Andai, & vede se achais
O rasto deste segredo,
Que me dizem, que alcançais,
Ainda que tenho medo,
Que lhe seja por demais.
Fis. Plega a Dios que aqueste sea,
Para salud, y remedio
Desta dolencia tan fea:
Yo buscarè todo el medio,
Que presto sano se vea.

Aqui lhe toma o Fisico o pulso, & diz.

Fis. Aflo xen, señor, sus ays,
Como se alsa en su penar?
Princ. Como me acho perguntais?
E como se póde achar
Quem sempre se perde mais?
Fis. La respuesta abre el camino,
Imagina de contino.
Princ. Naõ tenho outro mantimento,
Nem outro contentamento
Senaõ o em que imagino.

Aqui entra a Raynha, & diz.

Raynh. Como se sente, senhor,
Tem a febre mais pequena?

Princ.

Princ. Respondalhe minha pena?
Fis. Conocido es su dolor,
Hora sea en orabuena,
Tomada está la tristeza
A las manos, que sentiò:
Uz ... ê de sutileza.

Diz contra ElRey.

Compleme que solo yo
Platique con vuestra Alteza:
Rey. Cheguemonos para cà.
Raynh. Naõ deve desesperar,
Que emfim se bem atentar,
Para tudo o tempo dá
Tempo para se curar.
Princ. Que cura poderá ter,
Quem tem a cura, senhora,
No impossivel haver?
Rayn. Ficaivos, señor, embora;
Que vos naõ sei responder.

Vaise a Raynha, & diz ElRey:

Rey. Neste mal, que naõ comprendo,
Que me yo dais de conselho?
Fis. Señor, nada entiendo dello,
Y supuesto que lo entiendo,
Yo quiziera no entendello.
Rey. Porque?
Fis. Porque he entendido
Lo màs malo de entender,

Para

Para lo que puede ser,
Porque anda, señor, perdido
De amores por mi muger.
Rey. Santo Deos, que tal amor
Lhe dà doença tam fera!
Que remedio achais melhor?
Fis. Forçado será, que muera,
Porque no muera mi honor:
Rey. Pois como a hum sò herdeiro
Deste Reyno, naõ dareis
Vossa mulher, pois podeis,
Que tudo faz o dinheiro:
Pois este naõ o engeiteis,
Daislha, porque eu espero
De vos dar dinheiro, & honra,
Quanto eu para elle quero:
Fis. No tira el mucho dinero
La mancha de la deshonra.
Rey. Ora bem pouco defeito,
He pequice conhecida,
Quando deixa de ser feito,
Porque com elle dais vida
A quem vos darâ proveito:
Fis. Quan facilmente aporfia
Quien en tal nunqua se viò
Del consejo, que me diô,
Vuestra Alteza; que haria
Si agora fuesse yo?
Rey. A mulher, que eu tivesse
Darlhahia, exalâ,
Que elle a Raynha quizesse.
Fis. Pues dela, si le parece,

Que

Que por ella muerto està:
Rey. Que me dizeis:
Fis. La verdad:
Rey. Sem duvida tal sentistes?
Fis. Sin duda, sin falsedad,
Pues, señor, aora tomad
Los consejos, que me distes.
Rey. Certamente, que eu o via
Em tudo quanto fallava,
Como o vistes? porque via?
Fis. Nel pulso, que se alterava
Si la via, ò si la oia.
Rey. Que maneira ha de haver,
Que eu certo me maravilho,
Possa mais o amor do filho,
Do que pòde o da mulher:
Finalmente eilha de dar,
Que a ambos conheço o centro,
Queroo ir levantar,
E iremos para dentro
Neste caso praticar.

Diz contra o Principe.

Levantaivos filho d'hi
O melhor, que vôs puderdes,
E vindevos para aqui,
Porque emfim, o que quizerdes
Tudo havereis de mi.
Pag. Ha senhores, oulá, ou?
Port. Viestes em conjunção
A melhor, que pòde ser,

Haveis aqui de fazer
Acrosquia a hum rifaõ.
Pag. Deixaime, señor, dizer,
Haveis isto de acabar,
Coração hi bugiar,
No esteis preso en cadenas,
Que pois o amor vos deu penas,
Que vos lanceis a voar:
Port. Por certo, que bem comprou.
Pag. Hora sabeis o que vai,
Antioco, que casou
Com a molher de seu pay,
E o mesmo pay o ordenou?
Port. Isso como?
Pag. Nam o sei,
Porque dizem, que a amava,
E que sò por ella andava
Para morrer, & ElRey
Deoa a quem a desejava:
Port. Se o caza por querer bem
Com a moça, a quem elle ama,
Direi que a mim me inflama,
O amor mais que a ninguem:
Pag. Pois pedilhe a nossa dama:
Port. Por Sam Gil, que eilos cà vem,
Elle pela mão com ella.

Entra ElRey, & Antioco com a Raynha pela mão, & diz ElRey.

Rey. Que mais ha, que esperar
Olhai, que estranheza vai

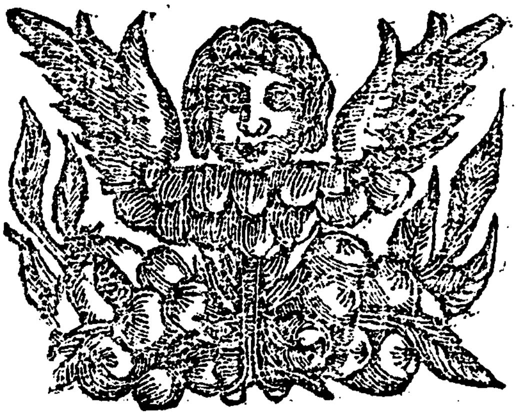
O mui.

O muito amor ordenar,
Hirse o filho namorar
De hũa molher de seu pay,
Querer bem foi sua dor,
Negarlha será crueldade,
Assi que jà foi bondade
Usar eu de tal amor,
E de tal humanidade.
Ella deixou de reynar
Como fazia primeiro
Por se com elle casar,
E por amor verdadeiro
Tudo se póde deixar.
Eu que nella tinha posto
Todo o bem de meu cuidado,
Deixei mais, que ella há deixado,
Que mais se deixa no gosto,
Que no poderoso estado:
Mas jâ que tudo isto vemos,
Hajaõ festas de prazer,
As que melhor possaõ ser,
Porque em tam grandes estremos,
Estremos se haõ de fazer.
Hajão cantos para ouvir,
Jogos, prazeres sem fundo,
Porque se quereis sentir
Deste modo entrou o mundo,
E assi ha de sahir,

Aqui vem os musicos, & cantão, & depois de cantarem saemse todas as figuras; & diz Martim Chinchorro.

Hora, senhor, tomemos tambem nosso pandeiro, & vamos festejar os noivos, ou vamos consoar com as figuras, porque me parece, que esta he a mòr festa, que póde ser. Mas espere v. m. ouviremos cantar, & na volta das figuras nos acolheremos. Moço acende esse molho de cavacos, porque faz escuro, nam vamos dar comnosco em algum atoleiro, onde nos fique o ruço, & as canastras:

Estacio da Fonseca. Nam senhor, mas o meu Pilarte irà com elles com hum par de tiçoẽs na mão, & perdoem o mao agasalhado, mas daqui em diante sirvaõse desta pousada, & nam tenhaõ isto por palavras, porque essas, & plumas o vento as leva.



COMEDIA

DOS ANFITRIOẼS.

COMPOSTA POR LUIS DE CAMOENS.

Em a qual entraõ as figuras ſeguintes.

Anfitriaõ.
Almena ſua mulher.
Soſea ſeu moço.
Bromia ſua criada.
Belferraõ patraõ.
Aurelio primo della cõ ſeu moço.
Jupiter.
Mercurio.

Entra logo Almena ſaudoſa do marido, que he na guerra, & diz.

Almena.

HA Señor Anfitriaõ,
onde eſtà todo meu bẽ,
pois meus olhos vos não
falarei co coração (vem,
que dentro nalma vos tem?
auſentes duas vontades,
qual corre mores perigos,
qual ſofre mais crueldades,
ſe vòs entre os inimigos,
ſe eu entre as ſaudades?
Que a ventura, que vos traz
tam longe de voſſa terra,
tantos deſconcertos faz,
que ſe vos levou â guerra,
nam me quis leixar em paz;
Bromia, quem com vida ter
da vida jà deſeſpera,
que lhe poderàs dizer?
Brom. Que nunca ſe vio prazer,
ſenam quando nam ſe eſpera.

E por tanto nam devia
de ter triste a fantesia,
porque vossa merce crea,
que o prazer sempre salteia,
quem delle mais desconfia
eu tenho no coração,
do señor Anfitriaõ
venha hoje algũa nova,
não receba alteração,
que a verdadeira affeição
na longa ausencia se prova.

Alm. Dizei logo a Feliseo,
que chegue muito apressado,
ao cais,& busque meyo
de saber se algum recado
do porto Persico veyo,
& mais lhe aveis de dizer,
isto vos dou por officio,
dalgũa nova saber,
em quanto eu vou fazer
aos deoses o sacrificio.

Vaise Almena, & diz
Bromia.

Brom. Saudades de minha ama,
chorinhos & devaçoẽs,
sacrificios & oraçoẽs
me haõ de lançar nũa cama.
certamente
nós molheres de semente
somos sedenho tam tosco,
que com qualquer vento,q̃ vẽte,
queremos forçadamente,
que os deoses vivão comnosco.

Quero Feliseo chamar,
& dizerlhe aonde ha de ir,
mas elle como me vir,
logo ha de querer rinchar,
de travesso,
eu que de zombar nam cesso,
por ficar com elle em salvo,
lançolhe hũ & outro remesso,
aos seus furtolhe o alvo,
& então elle fica avesso.

Porq̃ o milhor destas danças
com hũs vindiços assi,
he trazelos por aqui
o cheiro das esperanças
por viver
ha os homem de trazer
nos amores assi mornos,
sô para ter que fazer,
& despois ao remeter
lançalhe a capa nos cornos.

Feliseo,se estais á mão,
chegai cà; vem como hũ gamo,
bẽ sei, que naõ chamo em vão.

Vem Feliseo.

Fel. Chamaisme,tãbẽ voschamo
porem eu ouço,& vós naõ,
señora, que me matais,
se vós jà nunca me ouvis,
ou me ouvis, & vós falais,
dizei porque me chamais
se me vós a mim fogis?

Brom. Eu vos fujo?
Fel. Fogis digo
de dar a meus males cabo.
Brom. Sabei que desse perigo
naõ fujo como de imigo,
fujo como do diabo.
Fel. Dai ao demo essa tenção,
usai antes de cortés,
cay vòs nesta razão.
Brom. Do perigo fogem os pés,
do diabo o coração.
Fel. Dizeisme, que nessa briga
do meu coração fogis?

Brom. Ainda, qu'eu isso diga.
Fel. A minha doce mimiga,
bem sinto, que me sintis,
mas para que me chamais?
Brom. Mandavos minha señora
que cheguëis daqui ao cais,
& algũas novas saibais
d'Anfitrião nessa ora.

Fel. Quem as não sabe de si,
doutriem como as saberà?
Brom. Não nas sabeis vós de mi?
Fel. Mà trama venha por ti,
duna feyticeira mà,
porque não me olhas direito,
cadela, que alli me cortas.

Bromea.

Porque vos quero dar portas,
que s'eu olhar doutro geito,
trarey cem mil vidas mortas.
Fel. E pois para que me andais
enganando ha cem mil annos?
Bro. Douvos vida cõ enganos,
Fel. Nesses enganinhos tais
acho crueis desenganos.
Bro. Quãta esses vos q̃ro eu dar,
vòs cuida s, que estais na sela,
pois podeis vos decer della,
qu'eu nunca vos pude olhar,
Fel. Jugais comigo à panela?

Tendes me ha tanto cativo,
& desenganaisme agora?
tudo isso he o que privo
assi, que he isso senhora,
dochelo morto, dochelo vivo?
se me vòs desenganais
no cabo de tantos annos,
direi, se licença dais,
daisme vida com enganos,
desenganos jà chegais.

Mas se isso avia de ser
dizei, mà desconhecida,
desterro de meu viver
que vos custava dizer
amor busca tua vida?
Bro. Zõbais, falaisme coprinhas?
Fel. Rirvoseis se vem à mão:
copras não, mas isto saõ
ansias y passiones minhas
dos bofes, & coração.
Brom. Isvos fazẽdo dũs fengos.
Fel. Perdoneme Dios si peco.
Bro. Nesses dẽtinhos framẽgos
conheço, que sois hum peco,
de todos quatro avoengos.
Fel. Tudo vos levo em capelo,
jà qu'estais tanto em agraço;
porém falando singelo,
a furto desse mao zelo,
quereisme dar hum abraço?

Brom. Ora digo que não posso
usar comvosco de fero,
tomayo.
Fel. Jà o não quero,
porque esse abraço vosso
sabei, que he engano mero.
Brom. O vòs sois dũs sensabores
abraço pedis assim
s'eu remango dum chapim?
Fel. Tudo isso saõ favores
zombai, vingaivos de mim.

Brom. Vòs de furioso touro
as garrochas não sentis.
Fel. Vedes cõ isso so mouro,
quando cuido que sois ouro,
achovos toda ceitis.
Brom. Emfim sanha de vilão
vos fez perder hum bom dia.
Fel. Jà agora o eu tomaria,
quereismo dar.
Brom. Hora não,

coceyvos eu todavia.
Fel. Pois, senora, a quẽ vos ama,
sois tam desarrazoada,
quero tomar outra dama,
que nam digão os d'Alfama,
que nam tenho namorada.
Brom. Deixaime.
Fel. Vòs me deixais.
Brom. Deixaime.
Fel. Zombais de mi?
Br. Deixaime, pois me engeitais:
eu me ausentarei daqui,
onde me mais nam vejais.

Fel. Boa està a zombaria.
Br. Nã são essas minhas manhas.
Fel. Porem isvos todavia?
Br. Voyme a las tierras estrañas
a do ventura me guia.

Vaise Bromia, & diz Feliseo.

Fel. Fantesias de donzellas,
nam ha, quẽ como eu as quebre,
porque certo cuidão ellas,
que com palavrinhas bellas
vòs vendem gato por lebre.

Esta tem là para si
qu'eu sou porela finado,
& cre que zomba de mi,
& eu digolhe, que si,
sou por ella esperdiçado.
Prezase de hũas figuras,
& eu não quero mais Frandes,
doulhe trela às travessuras,
porque destas cossaduras
se fazem as chagas grandes.

Qu'estas, q̃ andão sẽpre á vela,
estas vos digo eu, que cosso,
porque de firmes na sella,
crem, que falsaõ a costella,
& ficão pelo pescosso,
que quando estas damas tais
me cachão então recacho,
mas disto agora no mais,
querome ir daqui ao cais
ver se algũas novas acho.

Vaise Feliseo, & vem Iupiter, & Mercurio, & diz Jupiter.

Iup. O grande, & alto destino,
ò potencia tam profana,
que a seta d'um minino
faça, que meu ser divino
se perca por cousa humana!
que me aproveitão os ceos,
onde minha essencia mora,
com tanto poder; se agora,
a quem me adora por Deos,
sirvo eu como a señora?

O que estranha afeição
quem em baixa cousa vai pòr
a vontade & o coração,
sabe tam pouco d'amor,
quão pouco amor de razaõ,
mas que remedio ey de ter
contra molher tam terribel,
que senaõ pòde vencer?
Merc. Alto senhor teu poder,
o deficil faz possivel.
Iup. Tu naõ ves qu'esta molher
se preza de virtuosa?
Merc. Senhor, tudo pòde ser,
que para quem muito quer,
sempre a feição he manhosa;
seu marido està ausente
na guerra longe daqui,
tu, que es Jupiter potente,
tomaràs sua forma em ti,
que o faràs muy facilmente.

E eu

E eu me transformarei
na de Sosea criado seu,
& ao arrayal me irei,
onde logo saberei
como se a batalha deu;
& alli poderàs entrar,
em lugar de seu marido;
& para que sejas crido,
poderàs tambem contar,
quanto eu là tiver sabido.

Iup. Quẽ arde em tamanho fogo
tiralhe a virtude a cor
de sotil & sabedor,
& quem fóra està do jogo
enxerga o lanço melhor,
mas tu, que dos sabedores
tanto avante sempre estàs,
se Deos es dos mercadores,
seloàs dos amadores,
pois tal remedio me dàs.

Ponhase logo em effeito,
que nam sofre dilação,
quem o fogo tem no peito,
& tu vai logo direito
Aonde anda Anfitrião.

Vaõse, & vem Feliseo, & Calisto; & diz Feliseo.

Fel. A do bueno por aqui,
tam longe do acostumado?
Cal. Mais longe vou eu de mi,
d'ir perto de meu cuidado.
Fel. No andar vos conheci.
Cal. E vòs onde vos lançais,
com vossa contemplação?
Fel. Eu chego daqui ao cais
a saber de Anfitrião,
nam sei se vou por demais.

Cal. Porque, por demais dizeis?
Fel. Porque nada alli he certo.
Cal. Novas lâ naõ nas busqueis,
porq̃ aqui as tendes mais perto.
Fel. Pois daimas já, se as sabeis.
Cal. Hum navio he jâ chegado
â barra, que vem de lâ,
traz de Anfitriaõ recado,
diz, que o deixa embarcado,
para se vir para cà.

Tem vencido aquelle Rey,
& diz, segundo lhe ouvi,
que esta noite serà aqui.
Fel. Essas novas levarei
A Almena, que torne em si,
porque ella tem mayor guerra,
cos temores de perdelo,
que elle co Rey dessa terra.
Cal. Onde amor lançar o selo,
nenhũa cousa o desterra.

Porq̃ inda que o pensamento
vos fique, señor, em calma,
por morte, ou apartamento,
sempre vos là ficão nalma
as pégadas do tormento.
Fel. Isso he hum segredo mero,
a que o amor nos obriga,
por isso em caso tam fero,
señor, nunca ninguem diga,
jà lho quis, & nam lho quero.

Eu quis bem a hũa molher,
que vòs conhecestes bem,
& com muito lhe querer,
casouse.
Cal. O, & com quem,
que ainda o nam posso crer?
Fel. Cõ hũ mercador, que veyo
agora do Egypto rico.
Cal. Isso traz agoa no bico,
esse homẽ he parvo, ou feyo.
Fel. Pois vedes, disso me pico.

E em

E em pago desta treição,
a fóra outros mil descontos,
que tras consigo a afeição,
sempre os finais destes pontos
trarey no meu coração.
Cal. Vistela mais?
Fel. Señor vi,
na janelinha da grade,
passei, & dissellhe, alli;
casada sem piedade,
porque não na aveis de mim?

Cal. Que vos disse?
Fel. Là no centro
lhe enxerguei pouca alegria,
& como quem lhe doya,
metendose para dentro
disse jà passò, solia.

Calisto.

Ah mà sem conhecimento,
quem lhe desse mil chofradas!
Fel. Señor, como saõ casadas,
casaõse co esquecimento
das cousas, que saõ passadas.
Cal. Lembranças de vos deixar
picarvoshão como tojos.
Fel. Señor aveis d'assentar,
que onde amor vos quer matar,
sempre alha miran ojos,
hum motete lhe mandei,
hum dia estando com febre,
sò da payxão, que tomei.
Cal. Pois vejamos, quẽ tẽ lebre.
Fel. Señor eu volo direi.

Mote.

Vós por outrem eu por vòs,
vòs contente, & eu penado,
vós casada, & eu cansado,
polos santos de minha dona.

Cal. Señor, vòs sò o fizestes?
Fel. Si, que ninguem me ajudou.
Cal. Se vòs sò o compusestes;
crede, que estremo dissestes,
nunca Orlando tal falou,
señor, fizesteslhe pé?
Fel. Señor, si todo hum anno
vòs zombais se naõ m'engano.
Cal. Naõ, mas douvos minha fé
que nunca vi tam bom pano.

Fel. Ora olhe vossa merce.

Volta.

Olhai em quão fundos vaos
por vossa causa me afogo,
que outro me ganha o jogo,
& eu triste pago os paos,
olhos travessos & maos.
inda eu veja o meu cuidado
por esse vosso trocado.

Cal. No mais, qu'isso me degola,
señor, eu aja perdão:
fezestes esse rifaõ
em algum jogo de bola,
& foilhe elle ter á mão?
Fel. Digovos q̃ o vio, & lho leo;
hum moçozinho d'escola.
Cal. Està isso assi do ceo;
sabe ella jugar a bola?
Fel. Não.
Cal. Pois não vos entendeo.

Ora eu jà cheguei a ler
Petrarca, & crede de mi
que nunca tal cousa vi:
onde mora o bom saber,
logo dá sinal de si,
onde casada posestes,
dizei porque não dissestes,
la que yo vi por mi mal

Fel

Fel. Renunciava o metal,
q̃ em refõeszinhos como estes,
ha se de pôr tal com tal.

Que a trova trigo tremes
ha de ser toda dum pano,
que parece muito Ingres
num pelote Portugues,
todo hum quarto castelhano.
Ouvi outra tambem minha,
que fiz a certa terção,
clara, levẽ, bonitinha,
de feição, que esta trovinha,
he trovinha de feição.

Como eu hum dia me visse
morto, & a mão na candea,
& ella não me acodisse,
fizlhe esta; porque sentisse
que dava os fios á tea:
& o proposito he
andar eu hum dia sò,
& para que ouvesse dò
de mim, & de minha fé,
lamenteilhe como Jó.

Cal. Andastes, señor; mui bem.
Fel. Ora señor, atentai,
& vede o saibo, que tem,
se he para a ver alguem,
Cal. Ora dizei.
Fel. Eyla vai.

Trova.

Coração de carne crua,
velo teu amor aqui,
que esmorecido por ti
jaz no meyo desta rua.

Cal. Na rua señor jazia,
& era em tempo de lama?
Fel. Señor, quẽ fala a quẽ ama
de si mesmo senão fia,
aveis de mentir à dama.
Cal. Volta disso?
Fel. Singular,
senão que he muito sentida,
farvosha, señor, chorar.
Cal. O, diga por sua vida.
Fel. Farei, o que me mandar.

Volta.

Porque não ás delle magoa
ò dura mais, que ninguem,
que anda o triste, que não tem
quem lhe dé hũa vez dagoa;
nam lhe negues teu querer
pois te nam custa dinheiro,
que emfim por derradeiro
a terra te ha de comer.

Cal. Tal trova nunca se vio,
agorentastela jà?
Fel. Señor nam, ainda està
como a sua mãy pario,
& nam está muito mà.
Cal. He trova, que tem por seis
nam na posso mais gabar;
mas pois tal cousa fazeis,
señor, nam me ensinareis
donde vém tambem trovar?

Fel. Naõ hè a cousa tão pequena
como, señor, a fizestes,
essa, que agora dissestes,
mas porem vou dar a Almena,
estas novas, que me destes.
depois, señor, nos veremos
ficay jà roendo esse osso.
Cal. O roer, señor, he vosso.
Fel. Pois eu por mais, ẽzõbemos
ey de ser vosso, & revosso.

Cal. Oh escusayvos d'estremos,
que

que isso, señor, me atarraca,
mas nós nós encontraremos,
& sobre isso envidaremos
dous reales mais de saca.

Vãose ambos, & vem Jupiter, & Mercurio transformados, Jupiter na forma de Anfitrião, Mercurio na de Sosea escravo, & diz Jupiter.

Iup. Mercurio pois sou mudado
nesta forma natural,
olha & nota com cuidado,
se está em mim o pintado
aparente co real?
Mer. Quẽ tã proprio se trãsfor-
tenho por opiniaõ, (ma,
que na tal transformação
lhe prestou natura a forma,
com que fez Anfitrião.

Iup. Pois tu no gesto, & na cor
estàs Sosea escravo seu.
Merc. Muito mais faràs, señor.
Iup. Nam no faz senaõ o amor,
que nisto póde mais qu'eu.
Merc. Jà, señor, te fiz menção,
como deo Anfitrião
a el-Rey Terela a morte,
que na guerra igual a sorte
pòde mais, que o coração.

E despois de ser tomada
toda a Cidade com gloria
D'Anfitrião bem ganhada,
como em final de victoria,
esta copa lhe foy dada.
por ella bebia el-Rey,
em quanto a vida queria,
& eu porque te compria,
a seu escravo a furtey,
que nũa caixa a trazia.

Esta poderàs levar
a Almena, por lhe mostrar
verdadeiro, o que he fingido,
& desta arte seràs crido,
sem mais outro ardil buscar.

Jupiter.

Pois tudo tẽs ordenado
por tam nova, & sotil arte,
como me vires entrado,
iràs dar este recado
a Febo de minha parte.

Que faça mais de vagar
seu curso neste Emispherio,
que o que soe acostumar,
que esta noite ey de ordenar
hum caso de alto mysterio,
& à Esphera mais alta
mandaràs, que fixa esteja,
porque a noute mayor seja;
porque sempre o tempo falta,
onde alegria he sobeja.

E teràs tamanho tento,
que como isto se ordenar,
venhas aqui vigiar,
porque meu contentamento
ninguem mo possa estorvar.
Merc. Seja feito sem debate
tudo, como te convem.
Iup. Pois nam parece ninguem
como homem de casa bate,
& muda a falla tambem.

Bate Mercurio à porta.

Mer. O de la casa, en buena ora,
darmean de cenar aqui?
Brom. Sosea parece, que ouvi,
alvi-

alviçaras, minha señora,
que na fala o conheci.

Entra Almena, & Bromia.

Al. zõbais, Bromia, por vẽtura?
Brom. Señora, nam zombo, nam.
Alm. Vejo eu Anfitrião,
ou a vista me afigura,
o qu'està no coração?

Iup. Olhos, diante dos quais,
desejei mais este dia,
que nenhũa outra alegria
señora, nunca creais
que lhe minta a fantesiã.
Alm. Oh presença mais querida
que quantas formou amor,
isto he verdade, señor?
acabese aqui a vida,
por nam ver prazer mayor.
Iup. Pois esta ora de vos ver
alcançar, señora, pude,
para mais contente ser,
conformẽ co este prazer
novas de vossa saude.
Alm. Vida foy pesada, & crua
à saude qu'eu sostinha,
que em quanto, señor, a tinha,
temer perigo na sua,
me fez descuidar da minha.

Merc. Y pues mi señora Almena
pesia al demonio malvado,
no dirà a un su criado,
vengaes Sosea norabuena?
Alm. Sejais, Sosea, bẽ chegado.
Brom. Bem mal cri eu, q̃ podesse
verte, Sosea, hoje aqui.
Merc. Pues tãbien yo no crey,
que en mi vida te viesse,
segun las muertes, que vi.

Alm. Muito señor folgarei
com novas de vencimento.

Iup. De tudo quanto passei,
por vos dar contentamento,
em suma vos contarei,
trago, señora, a victoria
daquelle Rey tam temido,
com fama clara & notoria,
porem mayor foy a gloria
de me ver de vós vencido.

Sem me terem resistencia,
os grandes me obedecerão,
como el Rey morto tiverão,
em final de obediencia
esta copa me trouxerão,
ElRey por ella bebia,
ella & tudo o mais he nosso,
por onde claro se via,
que tudo me obedecia,
pois tinha nome de vosso.

Merc. Si, mas luego de rondon
la Fortuna diò la buelta.
Alm. Como?
Merc. Fue gran perdicion:
porque en aquella rebuelta,
me hurtaron mi jubon.
Pero bien me lo pagaron,
quando comigo riñeron,
que aunque me despojaron,
si uno de seda llevaron
otro de açotes me dieron.

Alm. Señor, nam posso gostar
de gosto, que he tam immenso,
senaõ muito de vagar,
façame merce d'entrar,
& contarmoa por estenso.

Vãose.

Vãose, & fica Mercurio.

Merc. Yo tambien te contaria,
Bromia, se quedas atras,
que una noche, enojarteas?
Brom. Que?
Merc. Soñava, que te tenia;
no me atrevo a dezir más.

Brom. Dize.
Merc. Pardies no diré,
soñava.
Brom. Bem que sonhavas?

Mercurio.

Que quando en la cama estavas
que yo en fin recordé.
Brom. Pois tudo isso receavas?
Merc. Sabe Dios, q̃ yo acà siẽto,
sola una alma vive en dos,
la qual anda dentro en vòs
Brom. E que quer ella cà dẽtro?

Mercurio.

Tambien esso sabe Dios.

Vaise Bromia, & diz
Mercurio.

Merc. Bem se poderà enganar
Bromia, segundo ora estou,
como Almena s'enganou,
mas cumpreme ir ordenar,
o que meu pay me mandou,
& porque seja guardada
esta porta & vigiada
de toda a gente nacida,
me será cousa forçada,
ser tam depressa a tornada,
quão prestes faço a partida,

Vaise Mercurio, & vem Sosea
co recado d'Anfitrião.

Sos. Anfitrion esforçado,
bravo và por la batalha.
siete cabeças llevava
de las mejores, que ha hallado.

Falla.

Quien viene de tierra agena,
y de la muerte escapó,
la razon le permitió,
que cante como sirena,
como agora hago yo,
y pues canto tan gentil
fuera llanto si muriera,
quiero cantar como quiera,
una y otra, y mâs de mil,
que digan desta manera.

Canta.

Dongolõdrõ cõ dõgolõdrera,
por el camino de otera
rosas coge en la rosera
dongolondrõ cõ dõgolõdrera.

Falla.

Quando yo vengo à pensar,
que uno matarme quisiera,
no hago sino temblar,
porque creo si muriera,
no pudiera màs cantar,
porque estando a un rincon
de la casa, a do quedé,
senti muy grande ronron,
y mirando que, miré,
vi que era un gran raton.

Empero yo nunca sigo,
sino

sino consejos muy sanos,
que en estos casos livianos,
quien desprecia el inimigo,
mil vezes muere a sus manos,
pero mi señor alli
matò al Rey de los gilpazos,
yo como muerto le vi,
juro a mi fé, que le di
màs de dós mil cuch llazos.

Y por me librar de afan,
me voy siempre a cosa hecha,
provar mi mano derecha,
que aquel es buen capitan,
que del tiempo se aprovécha;
que quien ha de pelear,
ha de buscar tiempo y ora,
pero quiero caminar,
que me muero por cantar
todo aquesto a mi señora.

Vem Mercurio, & diz.

Mil vezes comigo vejo,
para que meu pay se afoute,
pois em tam pequeno ensejo
lhe mandei talhar a noute,
á medida do desejo,
& pois que como possante,
a mi tudo se reporta,
chego agora neste instante
a estorvar, qu'este bargánte
me nam chegue a esta porta.

Sos. No se que miedo, ò locura
neste pecho se me cria,
por Dios, que se me afigura,
q̃ ha mucho qu'es noche escura,
sin que venga el claro dia:
mas sabed, que pienso yo
qu'el sol, que no se acordó
de con el dia venir,
que a noche quando cenó
algun buen vino bebió,
que le haze tanto dormir.

Merc. Jà sintes cõprida a noute
que eu assi mandei fazer,
pois mais te quero dizer,
que sintirás muito açoute,
se cá quiseres vir ter.
Porem pois este bargante
tem medroso coração,
querome fingir ladrão,
ou fantasma, & por diante
nam irà, se vem à mão.

E com tudo se passar,
a falla quero mudar,
na sua de tal feição,
que couces & persiar,
lhe fação hoje assentar,
que eu sou Sosea, elle nam.

Fala Castelhano.

No veo passar ninguno,
en quien yo me pueda hartar.
Sos. A quien oygo aqui hablar?
mande Dios no sea alguno,
que me quiera aporrear.
Merc. La carne de algũ humano
me seria muy sabrosa.
Sos. Oh que boz tan temerosa!
hombres comes, ò mi hermano,
no es mejor otra cosa?
carne humana es mui mezquina
ò no comas desso no,
antes carne de gallina;
pero se màs se avezina,
que màs gallina, que yo?
Merc. Una boz de hõbre aora
a la oreja me bolò.
Sos. Pesate quien me parió,
la boz traygo boladora?
ella quisiera ser yo,

pues

pues mi boz pudo bolar,
do la pudiesses oyr,
por contigo no reñir,
me devieras de prestar
las alas para huir.

Mercurio.

Que buscas cabe essa puerta,
hombre? se qu'eres ladron.
Sos. Ay qu'el alma tẽgo muerta
ò Jupiter me convierta
las tripas en coraçon.
Merc. Quiẽ eres? quieres hablar?
Sos. Soy quiẽ mi volũtad quiere.
Merc. Piẽsas, q̃ puedes burlar?
Sos. E tu puedes me quitar,
que yo sea quien quisiere?

Mercurio.

Osas hablar tan osado,
d'un vellaco bovarron?
di quien eres.
Sos. Hum criado
del señor Anfitrião
por nombre Sosea llamado.

Mercurio.

Pienso qu'el seso perdiste;
como te llamas mal hombre?
Sos. Sosea soy, sino me oyste.

Mercurio.

Como en persona tan triste,
osas dençuziar mi nombre?

Estos puños llevaràs
pues tener mi nombre quieres:
quieres me dizer, quien eres?
Sos. Oh señor no me des màs,
que yo seré, quien tu quisieres.
Merc. Con tan nueva falsedad
andais por esta ciudad,
delante de quien os mira?
pues si sois, Sosea, tomad.
Sos. Si me dâs por la verdad,
que me haras por la mentira?

Mercurio.

Y que verdad es la tuya?
Que te quiero dar castigo?
Sos. Sino soy Sosea, que digo,
que Jupiter me destruya.
Merc. Mirad el falso inimigo,
tomad este bofeton,
que yo soy Sosea, y no vos.
Sos. Tu Sosea?
Merc. Sosea por Dios,
escravo d'Anfitrion.
Sos. De modo que tiene dos?
Merc. No ternà, aunq̃ tu quieres
que a mi solo conociò.
Sos. Pues luego di quiẽ soy yo?
Merc. Si tu no sabes, quien eres
quieres que yo lo sepa?
Sos. En fin as me de hazer crer,
que yo no soy, quien ser solia.
Merc. Quien solias tu de ser?
Sos. Tregoas me as de prometer
dirte lo he sin porfia.
Merc. Prometo.
Sos. No me daras?
Merc. No, sino fuere razon.
Sos. Pues hermano, tu sabrás
que mi amo Anfitrion.
Merc. Tu amo? pues llevaràs:
mi amo es, que tuyo no.
Sos. Ay q̃ un braço me quebrò.
Merc. Mas q̃ luego te matasse.
Sos. Oxalà Dios ordenasse
que tu aora fuesses yo
y yo que te desmembrasse.

Merc

Merc. Essa tu tema tan loca,
puños te la han de quitar,
dime di verguença poca,
que hablas?
Sos. Que puedo hablar,
si me as quebrado la boca?
Merc. Di quien eres, sin fatiga.
Sos. Soy un hõbre, ẽ quiẽ tu dàs.
Merc. Dime pues, que nõbre as.
Sos. Como quieres tu, que diga,
para que no me des màs?

Mercurio.

No me as de hablar cõtrahecho
Sos. Toda mi vida passada
Sosea fuy, y con despecho
aora soy que? no nada,
que tus manos me an desecho.
Merc. Cuyo eres, pues las siẽtes,
dexando consejos vanos;
la verdad, que si me mientes,
dàs cõ la lengua en los dientes,
y yo doyte con las manos.

Sos. No conoces Anfitrion?
Merc. Hombre sin seso te llamo,
tan fuera estàs de razon:
piensas de mi, bovarron,
que no conozco a mi amo?
Sos. En su casa conociste
uno que es Sosea, llamado,
hombre despreciado y triste?
Merc. Dessa suerte lo dixiste
yo soy triste y despreciado?

Pues sabe que te allegò
a la muerte tu Fortuna.
Sos. Pues luego si yo no soy yo,
aunque nadie me matò,
soy luego cosa ninguna,
ò dioses, que desconcierto
yo por ventura soy muerto,
ò muriome la razon,
yo no soy de Anfitrion,
el no me mandò del puerto?

Yo no se q̃ no estoy loco,
de mi madre no naci?
no ando, no hablo aqui?
Merc. Pues sossiega aora ũ poco
que yo tambien diré de mi;
yo no se que yo soy yo,
yo no te di con mis manos,
mi señor no me llevò,
a la guerra a do matò,
aquel Rey de los Thebanos?

Sos. Yo esso muy bien lo se,
empero tu, que hazias
quando la batalla vias?
Merc. Escucha yo lo diré,
y cessaran tus porfias;
quando mi señor andava
peleando, y derramava
la sangre de algun mesquino,
con una bota de vino
yo el mio acrescentava.

Sos. Dize lo que yo hazia:
con todo saber queria
sola una cosa, si puedo,
tu pecho Anton, que sentia?
Merc. Del beber grande alegria,
y del pelear gran miedo.
Sos. Y despues.
Merc. Muy reposado
a dormir me eche de grado,
desdel Sol hasta la Luna.
Sos. Todo lo tiene contado,
en fin tengo averiguado
que yo no soy cosa ninguna.

Pues de todo en un instante,
me as echado de mi fuera,
aconsejame si quiera,

quien seré daqui adelante
pues no soy quien d'antes era.
Merc. Quãdo yo no ser quisiere
esse, que tu ser desseas,
despues, que ya Sosea no fuere,
dartehe, si te pluguiere,
licencia, que todo seas.

Y acogete luego amigo
a buscar tu nombre digo,
pues Dios vida te dexó,
que el Sosea queda comigo.
Sos. Pues contigo quedo yo,
Dios quede hermano contigo,
aora quiero yr allà,
a do mi señora està,
contarle, como es venido
mi señor, mas ò perdido,
si otro yo tiene allà,
todo lo terna sabido.

Merc. A hombre.
Sos. Mi voz sonò.
Merc. A onde buelves aora.
Sos. Por Dios no sé onde vò,
porque si yo no soy yo,
ni Almena es mi señora.
Merc. Adonde vàs?
Sos. Con mensaje
del señor Anfitrion,
para Almena:
Merc. A do salvaje,
pues quebraste la omenaje,
ahi veràs tu perdicion.

Yo doyte consejos sanos,
y porfias otra vez?
Sos. Altos Dioses soberanos,
pues me no valen las manos,
foge. Aqui me valgan los pies.
Merc. Desta arte enseñan aqui,
a hurtar el nombre ageno,

Vaise, & torna Sosea, & diz.

Sos. Ay Dios como me acogi
ò Jupiter alto, y bueno,
quan cerca la muerte vi?

Quiero me yr a mi señor
contarle quanto he passado,
y el me dirâ de grado,
si yo soy su servidor,
en que cosa me he tornado.

Vaise Sosea; & vem Iupiter, & Almena, & diz Iupiter.

Iup. Toda a pessoa discreta
terá, señora, assentado,
que hum bem muito desejado
se ha de alcançar por dieta,
para ser sempre estimado.

E quem alcançado tem
tamanho contentamento,
por conservalo convem,
que tome por mantimento
a fome de tanto bem,
& por isso ey de tomar
este tempo tam ditoso,
para a frota visitar,
& despois, quando tornar,
tornarei mais desejoso.

Que pois tão bom cativeiro
me tem presa a liberdade,
eu lhe prometo em verdade,
que torne ainda primeiro,
que mo peça a saudade.
Alm. Ainda que se possa ir
mais asinha do que creyo,
como ey de eu consintir,
que se aja de partir

na

na mesma noite, que veyo?

Iup. Forçada he minha tornada
mas muito cedo virei,
porque desque foi chegada
a este porto a armada,
ainda a nam visitei.
Al. Pois señor, taõ pouco estais
com quem vistes inda agora,
façase como mandais.
Iup. Vós me vereis cá, señora,
primeiro do que cuidais.

Vãose, & vem Anfitrião, & Sosea, & diz Anfitrião.

Anf. Emfim tu, que estàs aqui,
estavas jà là primeiro.
Sos. Señor, crea qu'es ansi.
Anf. Eu nunca entendi de ti,
que eras tambẽ chocarreiro.
Sos. Señor yo qu'estoy presente,
no soy Sosea su criado?
Anf. Creo que nam certamẽte,
porque Sosea era avisado,
& tu es muy diferente.

Sos. Pues señor en mi se ve,
que no soy quien d'antes era,
buelvome.
Anf. Y para que?
Sos. Verse a dicha me quedé
durmiendo por la galera.
Anf. Pois me queres fazer crer
hũa doudice tam raza,
mais quero de ti saber,
como nam entraste em casa
d'Almena minha molher?

Sos. Aunque Sosea quisiesse
la verdad no negarà;
aquel yo que allà està
no quiso, que a casa fuesse
estotro yo, que yva allà;
y con furia tan crecida
a mi se vino aquel hombre,
que yo me puse en huyda,
y ansi le dexé mi nombre,
por me dexar el la vida.

Anf. Quem seria tam ousado,
que tanto mal te fizesse?
Sos. Yo mismo Sosea llamado
que a casa era ya llegado,
antes que de acà partisse.
Anf. Tu chegaste antes de ti?
este he gentil desbarate.
Sos. Pues màs le digo de aqui
que vengo huyendo de mi,
porque yo mismo no me mate.

Anf. Erão dous, ou era hũ sò,
quem te fez assi fogir?
Sos. Pesete quien me parió;
digo, que era un solo yo,
mil vezes lo he de dezir?
puede ser, que naceria
daquel hombre otro alguno,
como aquel de mi nacia,
porque aunque fuesse el uno,
por màs de quatro tenia.

El tenia mi aparencia,
empero yo nunca vi
tal fuerça, ni tal potencia:
esta sola differencia
le tengo hallado de mi.
Anf. Pudeste delle saber
cujo era?
Sos. Quien? aquel yo?
tuyo señor dixo ser.
An. Nũca eu tive mais, q̃ hũ sò,
& esse nam quisera ter.

Sos. Pues señor si el biẽ doblado
te lo muestra agora Dios,
deve ser de ti alabado,
pues de un solo criado
te ha hecho agora dos.
Anf. Antes para que conheças,
que consa he mao servidor,
me pesarâ se assi for,
que de tam ruins cabeças,
quantas mais tanto pior.

E já que saõ tam incertos
teus ditos para se crer,
muito milhor deve ser,
que deixe teus desconcertos,
& vá ver minha molher.

Váose, & entra Almena,
& diz.

Alm. Que fado, que nacimento
de gente humana nacida,
que d'escasso, & avarento
nunca consentio na vida
perfeito contentamento.

Anfitrião, que mostrou
hum prazer tam desejado,
a quem tanto o desejou,
na noite, que foi chegado,
nessa mesma se tornou?
de se tornar tam asinha
sinto tanto entristecer
o sentido, & alma minha,
que certo, que me adivinha
algum novo desprazer.

Mas parece este, que vem,
senam estou enganada;
se elle he, venha com bem,
pois que com sua tornada,
tam trastornada me tem.

Entra Anfitrião, & Sosea,
& diz Anfitrião.

Anf. Cõ que palavras, señora,
poderei engrandecer
tam soblimado prazer,
como he ver chegada a ora,
em que vos pudesse ver.

Certo grão contentamento
tive de meu vencimento,
mas mayor o ey de mim
de me ver posto na fim
de tam longo apartamento.
Alm. Jà eu disse, o que sentia
de vinda tam desejada;
mas digame todavia,
como nam foy ver a armada,
que me disse oje este dia?

An. Della venho eu inda agora
desejoso de vos ver,
muito mais, que de vencer;
mas que me dizeis, señora,
que oje me ouvistes dizer?
Alm. Senam estava remota
certamente, que lhe ouvi,
quando oje partio daqui,
que tornava a ver a frota,
porque era forçado assi.

Anf. Sosea.
Sos. Señor, aqui estoy yo.
Anf. Tu ouves tal descõcerto?
Sos. Grandes orejas ganò,
pues estando en casa oyó,
quien estava allá nel puerto.
An. Quãdo dizeis, q̃ me ouvistes
Alm. Oje quando vos partistes.
Anf. Donde
Alm. Daqui de me ver.
Anf. Nunca vi grande prazer,
que

que nam tenha os cabos tristes.

Quantos males d'improviso,
que causaõ grandes mudanças,
que molher de tanto aviso,
agora minhas lembranças
a tem fóra de juizo.
Alm. Quereisme fazer cuidar,
que poderia sonhar,
o que pelos olhos vi?
nunca vos eu merecì
quererdesme exprimentar.

Anf. Posto que he para pasmar
ver hum caso tam estranho,
todavia ey de atentar,
se poderei concertar
hum desconcerto tamanho.
Quando dizeis, que vim cà?
Al. Esta noite, que passou.
An. Daime alguẽ, q aqui se achou
que me visse.
Alm. Esse, que ahi està,
Sosea, que comvosco andou.

Anf. Sosea podeste lembrar,
que ontem me viste aqui?
Sos. Nunca yo supe de mi,
que me pudiesse acordar
daquello, que nunca vi.
Alm. Ora eu creo, & he assi
que ambos vindes conjurados,
para zombardes de mim,
mas eu darei hoje aqui
sinais, que sejão provados.

Anf. Que sinais póde ahi aver
de mentira tam notoria,
que nem foi, nem póde ser?
Alm. Donde vim eu a saber
novas de vossa victoria?
Anf. Que novas?
Alm. Dirvolasey,
assi como mas cõtastes,
que na batalha matastes
aquelle soberbo Rey,
& tudo desbaratastes.

Nam fazendo resistencia
nũa batalha tam crua,
dandovos obediencia,
vos derão hũa copa sua,
lavrada por excelencia.
Anf. Sosea he culpado sò
nestes acontecimentos.
Sos. Señor, son encantamiẽtos,
porque aquel hõbre, que es yo,
le contaria estos cuentos.

Anf. Quẽ he esse, que vos deu
tais novas? saber queria.
Alm. Quem mo pergunta.
Anf. Quem eu?
quereisme fazer sandeu?
Alm. Mas vòs me fazeis sandia.
Anf. Ora quero perguntar,
que fiz sendo aqui chegado?
Alm. Pusemonos a cear.
Anf. E despois de ter ceado?
Alm. Fomonos ambos deitar.

Anf. Nũca queira Deos, q̃ possa
acharse na minhã honra
nenhũa falta, nem mossa,
seja isto doudice vossa,
antes que minha deshonra.
Sof. Bien lo supe yo entender,
que era esto encantaciones,
y aora me aurà de crer,
que dos Soseas puede aver,
pues ay dos Anfitriones.

Alm. Com me quererdes tẽtar
tam trovada me fizestes,
que me nam póde lembrar,
que vos mandasse mostrar

a copa,que me ontem déstes.
Anf. Eu copa se isso ahi ha,
que estou doudo cuidarei.
Sos. Señor, bien guardada está.
Alm. Bromea.
Brom. Señora.
Alm. Day cà
a copa, que ontem vos dey.

Sos. Pues yo pari otro yo,
y vos otro Anfitrion,
no es mucha admiracion,
si la copa otra parió,
ni aun fuera de razon.

Entra Bromia com a copa, & diz.

Eis àqui a copa vem,
testemunho da verdade.
Anf. O estranha novidade!
Alm. Poderme à dezir alguẽ,
que o que digo he falsidade?

Anf. Sosea, quãdo ontẽ cá vi-
podermeas negar, ladrão (nhas,
que lhe déste as novas minhas,
& mais a copa, que tinhas
guardada na tua mão?
Sos. Señor, que no pude, no,
ver a mi señora Almena,
si aquel esso acà ordenó
no lleve este yo la pena
del mal, que hizo el otro yo.

Anf. Ora eu naõ sey entender
tal caso, nem lhe acho fundo,
com tudo venho a dizer,
que ha tantas cousas no mundo
que tudo se pòde crer,
se vos trouxer, quem vos diga,
como esta noite dormi,
na naõ crereis, que he assi?

Alm. Nenhũa cousa me obriga,
a que não crea, o que vi.
Anf. Se o patrão aqui vier,
que he homem d'autoridade,
crereis, o que vos disser?
Alm. Sim, q̃ ninguẽ pòde aver
que me negue esta verdade:
Anf. Eu estou em concrusaõ
d'oje desembaraçar
tam enleada questão,
à não me quero tornar
a trazer cà Belferraõ.

Sosea, até minha tornada
fica nesta casa em vela,
qu'eu armarei tal silada,
a quem ma mim tem armada,
que venha hoje a caiŕ nella.

Vaise, & diz Almena.

Al. Oh molher triste, & suspẽsa
da mais alta confusaõ,
que nunca vio coração,
em que mereces a offensa,
que te faz Anfitrião?

Sempre de mim foi amado,
tanto quãto em mi seu sente,
co coração tam liado,
que se de mim era ausente,
nelle o via figurado;
& pois molher, que comprisse
milhor qu'eu fidelidade,
nam na vi, nem quem me visse,
que dos limites sahisse
hum pouco da honestidade.

Pois porq̃ he tam maltratada
innocencia tam singela,
que a pena mais apertada,
he a culpa levantada
ao coração livre della?

mas

mas jà que minh'alma està
sem culpa, do que padeço,
seja o que for, qu'eu conheço,
que a verdade me porá
nó qu'eu pola ter mereço.

Bromia.
Brom. Señora.
Alm. Hi mandar
a Feliseo, que vâ
meu primo Aurelio chamar,
que lhe quero perguntar,
que conselho me darà?
& pois que Anfitrião
vay buscar somente, quem
lhe ajude a sua tenção,
quero eu ter aqui tambem,
quem me defenda à razão.

Vaise Bromia, & vem Jupiter,
& diz Jupiter.

Iup. Grão desconcerto tẽ feito
Anfitrião com Almena,
qualquer delles tem direito,
eu sou o que venço o preyto,
& ambos pagão a pena,
quero me ir lá desfazer
tam trabalhosa demanda,
por nos tornarmos a ver,
porque emfim, quẽ muito quer,
cõ qualquer desculpa abranda.

E pois que a afeição
Ha de mudar tam asinha,
quero ir alcançar perdão
da culpa, que sendo minha,
parece de Anfitrião.
Alm. Parece que torna cà
Anfitrião, que jà se hia:
nam sei a que tornarà,
senam se lhe peza jà
dos enganos, que tecia.

Iup. Señora nam aja error
que tantos males me faça,
porque se o contrario for,
pequeno será o amor,
que manencoria desfaça,
& pois com tanta alegria
de tantos perigos vim,
pesarmea se achar no fim,
que hũa leve zombaria
vos possa agravar de mim.

Alm. Cõ palavras de deshõra
nam se ha de tratar, quem ama,
nem zombaria se chama,
por exprimentar a honra
pòr em tal perigo a fama,
bem tive eu para mim,
que era aquillo experiencia.
Iup. Errey, no que cometi,
bem me basta a penitencia,
de quanto me arrependi.

E se fiz algum error,
com que vosso amor se mude,
de quem volo tem mayor,
nam exprementei virtude,
mas exprementei amor.
Que se com caso tam vario
folguey de vos agastar,
foy amor acrescentar,
porque às vezes hũ contrario
faz seu contrario avisar.

Daqui vẽ, que a leve magoa
firmeza, & afeiçoẽs augmenta,
como bem se vé na fragoa,
onde o fogo se acrescenta,
borrifandoo com pouca agoa,
se hum mal grande se alevanta
num coração, que maltrata,
à afeição desbarata,
porque onde a agoa he tanta,
o fogo d'amor se mata.

E pois tive tal tenção,
perdoai,senhora,a culpa
deste vosso coração.
Alm. Nam se alcãça assi perdão
d'erro, que nam tem desculpa.
Iup. Ora pois assi tratais,
quem em tanto risco pos
o amor, que vòs negais,
eu m'ausentarei de vós,
onde mais me nam vejais.

Que pois desculpa nam tem
coração que tanto quer,
voume,que nam serà bem,
que quẽ vòs nam podeis ver,
que possa ma s ver ninguem.
Se algũa ora meu cuidado
vos dér dor,em que pequena,
peçovos pois fuy culpado,
que vos nam pese da pena,
de quem vos foi tam pesado.

E despois que a desventura
puser neste coração
debaixo da sepultura,
as letras na pedra dura
vossa dureza dirão,
isto vos ey de dizer,
que m'ensinou minha dor,
se quiserdes leda ser,
nunca esprimenteis amor,
em quem volo nam tiver.

Deixaime ir nam me tenhais.
Alm. Anfitrião nam choreis,
Anfitrião.
Iup. Que quereis,
ou para que nomeais
homem, que ver nam podeis?
Alm. Anfitrião s'eu causei
com manencoria pequena
cousa,com que o magoey,
eu quero cair na pena
dessa culpa,que lhe dei.
Iup. Sempre serei magoado,
se vossa má condição
me nam perdoa o passado.
Alm. Perdoo, & peço perdão
de lhe nam ter perdoado.
Sos. No le perdone,señora,
hasta que con devocion
tambien me pida perdon,
que bien se me acuerda aora
que me ha llamado ladron.

Iup. Sosea.
Sos. Señor.
Iup. Vai buscar
o Piloto Belferrão
dirlhas se desembarcar,
que me parece razão,
que venha hoje cà cear.
Sos. Si señor,voy a la ora.
Iup. De nenhũa calidade
cures de fazer demora;
& nòs vamonos,senhora,
confirmar nossa amizade.

Vãose, & vem Mercurio,
& diz.

Grandes revoltas vão là,
grandes acontecimentos,
cumpreme,que esteja cà,
em quanto meu pay está
em seus desenfadamentos,
porque vio Anfitrião
vir da nào muy apressado,
& tendo corrido & andado
nam pode achar Belferrão,
que lhe era bem escusado,

Pareceme,que virà
ver se lhe abre aqui alguem;
mas porem se chega cá,
jà póde ser que se vá

mais

mais confuso, do que vem.

Entra Anfitrião, & diz.

Anf. Quis nos nossa natureza
com tal condição fazer,
que já temos por certeza
nam aver grande prazer,
sem mestura de tristeza.

Este decreto espantoso,
que instituyo nossa sorte,
he tal, & tam rigurosо,
que ninguem antes da morte
se pòde chamar ditoso,
com esta justa balança
o fado grande, & profundo
nos refrea a esperança,
porque ninguem neste mundo
busque bemaventurança.

Eu, que cuidei de viver
sempre contente de mi,
com tamanho Rey vencer,
venho achar minha molher,
de todo fòra de si,
mas doutra parte, que digo,
que sé verdade, o que vi,
& o que ella diz he assi,
virei a cuidar comigo,
que eu sou a fóra de mi.

Quero ver se a acho já
fóra de tam secos nòs;
ou de casa.
Merc. O de alla
quien sois?
Anf. Abre.
Merc. Santo Dios
pues no os conocen acà?
Anf. O que gentil desvarió,
abrime ora se quiserdes.
Mer. No haré, que en mi cófio,
que de fuera dormiredes,
que no comigo amor mio.

Que cancion para oyr.
Anf. A Sosea zombas de mi?
Ora querome fingir,
que ainda o nam conheci,
por ver se me quer abrir.
A señor, nam abrireis?
Merc. q̃ quereis hõbre por Dios?
Anf. Duas palavras de vòs.
Merc. Tengo dicho màs de seis,
& aorá me pedis dos?

De fuera podeis dormir,
que entrar no podeis acà.
Anf. Ora acabay abri là.
Merc. Digo, q̃ no quiero abrir,
dixe dos palabras ya.
Anf. Ora sus bargante abri.
Merc. Si no te buelves de aqui,
a gran peligro te ofreces.
Anf. Velhaco, nã me conheces,
ou estàs fóra de ti?

Merc. Bonico venis amor,
quien sois, q̃ hablais tan osado?
Anf. Abre que sou teu señor.
Merc. Buelvase dessotro lado,
y conocerlee mejor.
Anf. Sosea moço.
Merc. Assi me llamo
huelgome que lo sepais,
empero digo, que os vays,
que Anfitrion es mi amo,
vòs hi buscar, quien seays.

Anf. Pois quero saber de ti,
eu quem sou.
Merc. Y quien sois vós?
como os llaman?
Anf. Abri.
Merc. A vòs os llaman abri?

pues abri,andad con Dios.
Anf. Quẽ ha, que possa sofrer
em sua honra tal destroço,
que para me endoudecer
me tem negado a molher,
& agora me nega o moço?

Merc. Mira el encantador
como se lastima y llora,
y fuesse tomar aora
la forma de mi señor,
para engañar mi señora,
pues esperà, y no os vays,
por un espacio pequeño,
verna,quien representais,
y el os hara,que bolvais
el falso gesto a su dueño.

Anf. Vay velhaco, & chama cà
esse falso feiticeyro,
que se elle lá dentro está
esta espada julgarà
qual de nós he o verdadeiro.

Vaise Mercurio, & vem Sosea,
& Belferraõ, & diz Bel-
ferraõ.

Belf. Ora ninguẽ presumira,
que tinhas tam pouco siso,
pois vàs achar d'emproviso
tambem forjada mentira,
que me faz cair de riso,
hum moço,que alevantou
tal graça,nunca naceo,
porque vos jura,que achou,
que ou elle em dous se perdeo,
ou de hum dous se tornou.

Sos. Patron,que no burlo no,
en uno son dos unidos,
y en dos cuerpos repartidos,
yo soy el, y el es yo
de un padre y madre nacidos.
Bel. Esse tu que la estàs
tam velhaco he como ti.
Sos. Mas aũ pienso,que es màs,
por delante,y por detras
todo se parece a mi.

Y fue gran merced de Dios
ajuntar a mi màs uno,
que peor fuera de nós,
si Dios me hiziera ninguno,
que no de uno hazer dos.
Belf. Assi que se te perdeste
vieste a cobrar mais hum,
muy gentil conta fizeste,
pois que perdido soubeste
Que eras dous, sendo nenhum.

Sos. Pues teneis por abusion
verdad tan clara,y tan rasa,
aunque pone admiracion,
quiera Dios,que alla en casa
no halleis otro patron?
Anf. O patrão,que fuy buscar
parece,que vejo vir,
nam sei quem o foi chamar;
mas que me â de aproveitar
nam me quererem abrir?

A Belferraõ.
Belf. A señor
jà sinto,que fuy culpado,
porque quem he convidado,
se tam vagaroso for,
merece nam ser chamado.
Anf. A vós, quẽ vos cõvidou?
Belf. Sosea,por mandado seu.
Anf. Disso Patraõ nam sei eu
que Sosea já me negou,
& jà senam dà por meu.

E se alguem vos foi dizer,
qu'eu vos chamo à minha mesa,
mal

mal vos darà de comer,
quem de todo lhe he defesa
a casa,& mais a molher.
Belf. Quem he esse tam ousado,
que vos isso faz señor?
Anf. Sosea creo, q̃ enganado,
por algum encantador,
que a honra me tem roubado.

Belf. Se elle aqui comigo vem,
isso como póde ser?
Anf. Ha,que a ira,que vou ter
tam cega a vista me tem
que mo nam deixava ver,
porque razão,cavaleiro,
não me abris quãdo vos mãdo?
vòs fazeisvos chocarreiro?
Sos. Yo señor,y como,y quãdo?

Anfitrião.

Quereislo saber primeiro.
Esperay, dirvoloha,
mas serà por outro son.
Sos. Ah señor Anfitrion,
porque matandome està,
sin delito y sin razon?
Anf. Agora, que vòs eu dou,
me chamais Anfitrião,
& para me abrirdes nam?
Belf. Este moço, em que pecou,
porque pena sem razão.

Nõ mais por amor de mi.
Anf. Nao,q̃ naó sou seu señor
eu sou hum encantador,
nam no dizeis vòs assi,
ladrão,perro,enganador?
Sos. Porque fuy presto a llamar
por su mandado al Patron,
me quiere aora matar?
Anf. Quẽ volo mandou buscar.
Sos. Sino ay otro Anfitrion,
vuestra merce sin dudar.

Anf. Eu te mandei?
Sos. Si señor,
si otro no.
Anf. Otro àqui,
por quem tu zombes de mi?
pois sò desse encantador
me quero vingar de ti.
Sos. Oh Jupiter a quien bramo
por su bondad que me vala,
pues porq̃ Sosea me llamo,
yo mismo,y despues mi amo
me dieron venida mala.

Entra Jupiter, & diz.

Iup. Quem he o tam atrevido,
que aqui ousa de fazer
tam revoltoso arroydo,
com meus moços, sem temer,
que fuy sempre tam temido?
quem aqui faz união,
toma muy grande despejo.
Belf. Oh q̃ grande admiração!
vejo eu outro Anfitrião,
ou he sonho isto,que vejo?

Sos. No mirais la encantacion,
que aquel hizo a mi señor?
el que sale,Belferron,
es el cierto Anfitrion,
qu'estotro es encantador.
Iup. Sosea.
Sos. Mi señor ya vò.
Iup. Patrão sò por vòs espero,
Sos. No os lo dezia yo,
que este era el verdadero,
y esse que alla queda no?

Anf. Bargante adõde te vàs?
fazes teu señor sandeo?

pois

pois espera, & levarâs.
Iup. Oulà tornai por detràs,
nam deis no moço, que he meu.
Anf. Vosso?
Iup. Meu.
Anf. Pòde isto aver,
que outrẽ minhas cousas tome?
vòs galante aveis de ser,
o que me tomais o nome,
casa, moços, & molher.

Eu vos farei conhecer,
com quem tendes esse trato.
Iup. Sosea.
Sos. Señor.
Iup. Vai dizer,
que aparelhem de comer,
em quanto este doudo mato.
Bel. Oh señor, nam seja assim,
haja em vòs concerto algum,
& senam, pois aqui vim,
farei que sò tome em mim
os golpes de cada hum.

Iup. Patrão vossa boa estrella
me farà deixar com vida,
quem me nam merece tella.
An. Não na tenho eu merecida
pois que vos deixo com ella.
Bel. O homem que for sesudo
nũa tam grande questão,
ha de tomar por escudo
a justiça, & a razão,
que estas armas vencem tudo.
E pois essa natureza
muitos homẽs faz igoais
dé qualquer de vòs sinais
de quem he, para certeza
da forma, que ambos mostrais.
Iup. Sou contente de mostrar
pelos sinais, que vos dou
que saõ este sem faltar.
Anf. Que sinais podeis vòs dar,
para que sejais quem sou?
Iup. Estes, que logo vereis
se saõ vãos, se de raiz:
Patrão vòs sede juiz,
que vòs logo enxergareis
qual mais verdade vos diz.
Belf. Eu nam sinto onde cõsista
a cura desta doeuça,
que ha tam pouca differença,
que aquelle é que ponho a vista
por esse dou a sentença.

Mas señor vòs, que ordenastes,
que o juiz disto fosse eu,
quando se a batalha deu,
dizei, que me encomendastes,
que ficasse a cargo meu.
Iup. Deivos cargo, que estivesse
toda armada a bom recado,
& se mal vos succedesse:
que para os vivos ouvesse
o refugio aparelhado.
Belf. Ora vòs quantos dobroẽs
esse dia m'entregastes?
An. Tres mil, e vós os cõtastes.
Belf. Ambos sois Anfitrioẽs
pelos sinais, que mostrastes.
Iup. Para ser mais conhecida
a tenção deste sandeu,
Vede estoutro sinal meu,
que he neste braço a ferida,
que me el-Rey Terela deu.

Belf. Mostrai vòs señor tambẽ.
Anf. Aqui o podeis olhar.
Belf. Oh cousa para espantar!
que ambos a ferida tem
dum tamanho, em hum lugar!

Vem Sosea.

Sos. Dizemi señora Almena,
que no se ha de assi d'estar

con

con un bobo a razonar,
que se le enfria la cena.
Iup. Belfarrão vamos cear.

Anf. Belfarrão não me deixeis
como, tambem me negais?

Iup. Andai nam vos detenhais,
vamos comer se quereis,
nam cuçais hum doudo mais.

Anf. Ah maos assi me ordenais
offensa tam mal olhada,
eu farei se me esperays,
com que todos conheçais
os fios da minha espada.

Iup. As portas prestes fechemos,
nam entre este doudo cà.
Sos. De fuera se dormirà
entretanto, que cenemos,
puede passearse allâ.

Vãose dentro, & fica Anfitrião
sò, & diz.

An. Oh ira para senão crer,
em que minh'alma se abrasa,
que me faz endoudecer,
& nam me ajuda a romper
as paredes desta casa,
& porque? nam tenho eu
forças, que tudo destrua,
pois que tanto a salvo seu,
outrem àcho, que possua
a milhor parte do meu?

Eu irei oje buscar,
quem me ajude a vir queimar
toda esta casa sem pena,
donde veja arder Almena,
com quem a vejo enganar.

Sae Anfitrião por hũa porta, &
entra por outra, vem Aure-
lio, & hum seu moço,
& diz.

An. No hallo a mis males culpa
para que merezca pena
la causa, que me condena.
Moç. Essa està gentil desculpa,
para oje dar a Almena.
Temno mandado chamar,
& elle està tam descuidado.
Aur. Moço, queresme matar?
que desculpa posso eu dar
milhor qu'este meu cuydado?
Moç. E não ha mais, q̃ fazer,
com isso a boca me tapa
para mais nada dizer?
Aur. Ora dame cá essa capa,
& vamos ver, o que quer.

Nam trates de mais razão,
pois nam ha quem te resista,
que veyo outra novação.
Moç. Que he?
Aur. Ou me mente a vista,
ou eu vejo Anfitrião.
Moç. Eu ouvi a Feliseo,
quando cà trouxe o recado,
como elle era chegado,
& quis me dizer, que veyo
do siso desconcertado.

Aur. Isso quero eu ir saber,
pois que tal cousa se soa;
señor podese dizer,
que a vinda seja muy boa.
Anf. Essa nam pòde ella ser.
Aur. Porque nam?
Anf. Porque he roubada
minha honra sem temor,
& minha casa tomada,

& vossa prima enganada
por hum grande encantador.

Aur. Isso he certo?
Anf. E manifesto,
& tudo tem jà por seu
adultero, & deshonesto,
tem me tomado o meu gesto,
& fazlhe crer, que saõ eu.
Aur. Contais hũ caso d'espãto,
& pois nam podeis entrar,
defendeime por em tanto,
que eu ey de lá de chegar
para ver, quem pòde tanto.

Vaise Aurelio dentro, & diz Anfitrião.

Anf. Se ver deshonra tão clara
me nam tivera o sentido,
totalmente endoudecido,
que gravemente chorara,
ver tam grande amor perdido?
& quando vejo a verdade
do nosso amor & amizade
desfeito com tanta magoa,
enchemseme os olhos d'agoa,
& a alma de saudade.

Assi que quis minha estrella
para nunca ser contente,
que agora estando presente
viva mais saudoso della,
que quando della era ausente,
esta porta vejo abrir
com impeto demasiado,
que poderei presumir?
que vejo Aurelio sair,
como homem desatinado.

Vem Aurelio, & Belferrao, & Sosea, & diz Aurelio.
Aur, Oh estranha novidade,
ó causa para nam crer.
Belf. Venho cego de verdad,
que nam podérão sofrer
meus olhos a claridade.
Sos. Oh triste que vengo ciego
con rayos, y con visiones,
y destas encantaciones
si nuestra casa arde en fuego,
han se de arder mis colchones.

Aur. Vamos a Anfitrião
contarlhe cousas tamanhas.
Anf. Que vay là, q̃ cousas vão?
Aur. Maravilhas tam estranhas
que me treme o coração,
porque aquelle homẽ, que assi
tantos enganos teceo,
como era cousa do ceo,
tanto, que eu apareci,
logo desapareceo.

E em desaparecendo
com ruydo grande, & horrendo
toda a casa alumiou,
& d'arte nos inflamou,
que nos viemos acolhendo,
do rayo què nos cegou:
estes acontecimentos
nam saõ de humana pessoa,
vòs ouvis a voz, que soa
escutai, estai atentos
vejamos, o que pregoa.

Voz de Jupiter de dentro.

Anfitrião, que em teus dias
vees tamanhas estranhezas,
nam te espantem fantesias,
que às vezes grandes tristezas
parem grandes alegrias.
Jupiter saõ manifesto
nas obras de admiração,
que por mi causadas saõ,

quis

quis me vestir em teu gesto,
por honrar tua geração.

Tua molher parirà
hum filho de mim gerado,
que Hercules se chamarà,
o mais valente, & esforçado,
que no mundo se acharà.
Com este, teus successores
se honraraõ de serem teus,
& darlhehaõ os escriptores
por doze trabalhos seus,
doze milhoẽs de louvores.

E dessa illustre fadiga
colherás muy rico fruito,
emfim a razão me obriga,
que tem pouco della diga,
porque o tempo dirà muito.

Protestação da Fé.

Aquella sancta barca, que se emprega
Segura no alto mar com bom governo,
Que ao pobre pescador firme se entrega,
Por mão do universal Senhor Eterno:
Que pois vê claro o porto, a que navega,
Sempre ondas vencerà do escuro Inferno,
A Catholica mãy Romana Igreja,
Quanto digo & disser, sujeito seja.

LAVS DEO.

TERCEIRA PARTE DAS RIMAS

DO PRINCEPE DOS POETAS PORTVGVESES

LVIS DE CAMOENS,

TIRADAS DE VARIOS MANVSCRIPTOS muitos da letra do mesmo Autor,

POR D. ANTONIO ALVAREZ da Cunha

OFFERECIDAS A SOBERANA ALTEZA DO PRINCEPE

DOM PEDRO.

Por Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de S. ALTEZA, & à sua custa impressas. *Anno* 1668.

LICENÇAS.

VIstas as informações que se houverão, podese imprimir a Terceira parte das Rimas de Luis de Camoẽs, na fórma que vai emendada, & despois de impressa tornará ao Conselho para se conferir, & se dar licẽça para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 21. de Ianeiro de 1667.

Pacheco. Sousa. Fr. Pedro de Magalhães.
Rocha. Magalhães de Meneses.
D. Verissimo de Lancastro.

POdese imprimir. Lisboa 3. de Fevereiro de 1667.

F. Bispo de Targa.

POdese imprimir, vistas as licenças do Ordinario, & S. Officio, & impresso tornará a esta Mesa, & sem isso não correrá. Lisboa 1. de Março de 667.

Monteiro. Magalhaens de Meneses. Lemos.
Miranda. Carneiro.

DEDICATORIA

SENHOR.

COM infelice fortuna (pòr que rara vez he propicia aos benemeritos) começàraõ a vagar pello mundo as obras que hoje admiraõ do Princepe dos Poetas Luis de Camoẽs; não posso crer tanta ignorancia naquelles tempos, que lhe diminuisse a estimaçaõ a falta de entendellas, pois nesses mesmos vejo, que pello que quizemos entender ousamos a dominar novas terras, & a concular não conhecidos mares: a falta de Princepe, q̃ as favorecesse foi a causa de lhe diminuir aquella veneração, a que depois nos trouxerão mais os echos estranhos, que as vozes proprias; pois naõ ha hoje lingua na Europa, em que se não vejão traduzidas as suas Lusiadas, que o mesmo Poeta deu á estampa pellos annos de 1572. na me-

noridade

noridade do ſenhor Rey D. Sebaſtião, cuja deſgraciada perda depois acabou de tirar de todo o credito a eſte admiravel poema, porq̃ os animos eſtavão então mais para lamentar deſgraças, q̃ para aplaudir deſcripçoẽs. Com eſte receo, os que depois manifeſtàrão as ſuas Rimas, imprimírão ſò aquellas que mais facilmente puderão alcançar; & eu me perſuado, que a alta Providencia deixou eſtas para ſatisfazer o merecido a eſte tão inſigne Autor, encobrindoas com as trevas do eſquecimento mais de cem annos, para que ſahiſſem a luz entregues á protecção de V. A. cujos rayos lhe darão aquelle reſplandor, que lhe havião tirado as ſombras, ou da enveja, ou da ignorancia.

Não lhe pareça a V. A. infructuoſo aplicarſe tambẽ a eſta lição entre aquellas, em que tão utilmente aplica as horas, ſem que atègora ſe pudeſſe queixar o governo de tão dilatada Monarchia, porque o valor de Achiles, a peregrinação de Eneas, & a Conquiſta de Gotfredo corrérão igual

for-

fortuna de muitos outros iguaes Heroes, se os Homeros, os Virgilios, & os Tassos os naõ fizeraõ immortaes; suou a estatua de Orfeo em Pieria, aos progressos de Alexandre, mostrando naquella ancia o Oraculo os Poetas, que se haviaõ de cançar em referilos aos seculos vindouros, & eu cuido que a pezar do marmore que cobre as cinzas do cadaver do nosso Orfeo em S. Anna manifestará o calor, que ainda guarda para repartir por muitos engenhos, que todos se haõ de aplicar em eternizar no mundo as acçoens de V. A. como divida ao amparo que agora alcançaõ suas obras. Guarde Deos a Real Pessoa de V. A. Lisboa.

D. Antonio Alvarez da Cunha.

LEITOR.

Convidovos neste volume com os versos, que ainda não vistes do nosso grande Poeta Luis de Camoẽs, que os trabalhos dos estudos nos trouxerão à mão, de varios manuscriptos, muitos da letra propria do Autor; pouco hey mister para vos fazer crer esta verdade, porque elles mesmos testemunhão quem os fez, & se como Prothogenes conheceis a linha de Apelles, esta offerta que vos faço, sirva de peita à vossa benignidade, para outras que vos hei de fazer. VALE.

SONETO 1.

FOrtuna em mim guardando seu direito,
Em verde derrubou minha alegria,
O quanto se acabou naquelle dia,
Cuja triste lembrança arde em meu peito!
Quando contemplo tudo, bem sospeito
Que a tal bem, tal descanço se devia,
Por não dizer o mundo, que podia
Acharse em seu engano bem perfeito:
Mas se a Fortuna o fez por descontarme
Tamanho gosto, em cujo sentimento
A memoria não faz se não matarme:
Que culpa póde darme o sofrimento,
Se a causa que elle tem de atormentarme,
Eu tenho de sofrer o seu tormento.

SONETO 2.

AH Fortuna cruel, à duros Fados,
Quaõ asinha em meu dano vos mudastes
Passou o tempo, que me descançastes,
Agora descançaes com meus cuidados:
Deixastesme sentir os bens passados,
Para mòr dor da dor, que me ordenastes,
Entam nhũa hora juntos mos leuastes
Deixando em seu lugar males dobrados:
Ah quanto melhor fora não vos ver
Gostos, que assi passaes tam de corrida,
Que fico duvidoso se vos vi:
Sem vôs ja me não fica que perder,
Senão se for esta cançada vida,
Que por mór perda minha não perdi.

SONETO 3.

QVe doudo pensamento he o que sigo!
Apoz que vão cuidado vou correndo!
Sem ventura de mim, q̃ não me entẽdo,
Nem o que callo sei, nem o que digo:
Pelejo com quem trata paz comigo,
De quem guerra me faz, não me defendo,
De falsas esperanças, que pretendo!
Quem do meu proprio mal me faz amigo!
Porque, se naci livre, me cativo!
E pois o quero ser, como não quero!
Porque me engano mais com desenganos!
Se jà desesperei, que mais espero!
E se inda espero mais, como não vivo!
Esperando algum bem de tantos danos!

SONETO 4.

ONde porei meus olhos, que não veja
A causa, donde nace meu tormento?
Ou a que parte irei com o pensamento,
Que para descançar parte me seja!
Enganase quem busca, ou quem deseja
Em vão a mòr firmeza no contento,
Que todo seu prazer he nevoà ao vento;
Onde sempre o bem falta, & o mal sobeja:
Anda minha alma cega, anda enganada,
A luz não busco, nem me desengano,
Nem curo de razão, busco o desejo:
Apoz hum não sei que, apoz hum nada,
Onde he certo o perigo, & certo o dano;
Que quanto mais me chego, menos vejo.

SONETO 5.

QUando cuido no tempo, que contente
Vi as perolas, neve, rosa, & ouro,
Como quem vé por sonhos hum thesouro,
Parece tenho tudo aqui presente:
Mas tanto que se passa este accidente,
E vejo o quam distante de vòs mouro,
Temo quanto imagino por agouro,
Porque de imaginar tambem me ausente:
Ja forão dias, em que por ventura
Vos vi, senhora, se assi dizendo posso
Com o coração seguro estar sem medo:
Agora em tanto mal não mo assegura
A propria fantasia, & nojo vosso,
Eu não posso entender este segredo.

SONETO 6.

QVando, senhora, quiz Amor que amasse
Essa gram perfeiçaõ, & gentileza,
Logo deu por sentença, que a crueza
Em vosso peito Amor acrecentasse:
Determinou que nada me apartasse,
Nem desfavor cruel, nem aspereza,
Mas que em minha rarissima firmeza
Vossa izenção cruel se executasse:
E pois tendes aqui offerecida
Esta alma vossa a vosso sacrificio,
Acabai de fartar vossa vontade:
Naõ lhe alargueis senhora mais a vida,
Acabarà morrendo em seu officio,
Sua fè defendendo, & lealdade.

SONETO 7.

EU vivia de lagrimas izento
Num engano tão doce, & deleitoso;
Que em q outro amante fosse mais ditoso,
Não valião mil glorias hum tormento:
Vendome possuir tal pensamento,
De nenhũa riqueza era envejoso,
Vivia bem, de nada receoso
Com doce amor, & doce sentimento:
Cobiçosa a fortuna, me tirou
Deste meu tão contente, & alegre estado;
E passouse este bem, que nunca fora:
Em troco do qual bem, sò me deixou
Lembranças, que me matão cada hora,
Trazendome à memoria o bem passado.

SONETO 8.

INdo o triste Pastor todo embebido
Na sombra de seu doce pensamento,
Taes queixas espalhava ao leve vento
Cum brando suspirar da alma sahido:
A quem me queixarei, cego perdido!
Pois nas pedras naõ acho sentimento!
Cõ quem fallo! a quẽ digo meu tormento!
Que onde mais chamo, sou menos ouvido:
O bella Nimpha, porque não respondes?
Porque o olharme, tanto me encareces!
Porque queres que sempre me querelle?
Eu quanto mais te vejo, mais te escondes!
Quãto mais mal me ves, mais te endureces?
Assim que co mal cresce a causa delle.

SO-

SONETO 9.

SE a fortuna inquieta, & mal olhada,
Que a justa Ley do Ceo consigo infama,
A vida quieta, que ella mais desama
Me concedera honesta, & repousada:
Pudera ser que a musa alevantada
Com luz de mais ardente, & viva flama
Fizera ao Tejo là na patria cama
Adormecer co som da lyra amada:
Porèm, pois o destino trabalhoso,
Que me escurece a musa fraca, & laça
Louvor de tanto preço não sustenta:
A vossa de louvarme pouco escaça
Outro sogeito busque valeroso,
Tal qual em vòs ao mundo se apresenta.

SONETO 10.

A D. Simaõ da Sylveira em reposta de outro seu, pellos mesmos consoantes, mandandolhe pergũtar quem fora o primeiro Poeta que fizera Sonetos.

DE hum tam felice engenho, produzido
De outro, que o claro Sol não vio maior
He trazer cousas altas no sentido
Todas dignas de espanto, & de louvor:
Museo foi antiquissimo Escriptor,
Filosofo, & Poeta conhecido,
Discipulo do Musico amador,
Que co som teve o inferno suspendido:
Este pode abalar o monte mudo,
Cantando aquelle mal, que eu ja passei
Do mancebo de Abydo mal sizudo:
Agora contão ja (segundo achei)
Tasso, & o nosso Boscam, que disse tudo
Dos segredos, que move o cego Rey.

SONETO 11.

ESte amor, que vos tenho limpo, & puro
De pensamento vil nunca tocado,
Em minha tenra idade começado,
Telo dentro nesta alma sô procuro:
De haver nelle mudança estou seguro,
Sem temer nenhum caso, ou duro fado,
Nem o supremo bem, ou baixo estado,
Nem o tempo presente, nem futuro:
A bonina, & a flor asinha passa,
Tudo por terra o Inverno, & Estio deita,
Sò para meu amor he sempre Mayo:
Mas ver vos para mim senhora escassa,
E que essa ingratidão tudo me engeita,
Tras este meu amor sempre em desmayo.

SONETO 12.

QVem presumir, senhora, de louvarvos
Com humano saber, & naõ divino,
Ficarâ de tamanha culpa digno,
Quamanha ficaes sendo em contemplarvos;
Naõ pretenda ninguem de louvor darvos,
Por mais que raro seja, & peregrino,
Que vossa fermosura eu imagino,
Que Deos a elle sò quiz compararvos;
Ditosa esta alma vossa, que quizestes
Em posse pôr de prenda taõ subida,
Como, senhora, foi a que me destes:
Melhor a guardarei, que a propria vida,
Que pois mercê tamanha me fizestes,
De mim serâ jamais nunca esquecida.

SONETO 13.

QVem poderá julgar de vós, senhora,
Que com tal fee podia assi perdervos,
E vir eu por amor a aborrecervos,
Que hei de fazer sem vós somente hũ hora?
Deixastes quem vos ama, & vos adora,
Tomastes quem qu'içà naõ sabe vervos,
Eu fui o que naõ soube merecervos,
E tudo entendo, & choro triste agora.
Nunca soube entender vossa vontade,
Nem a minha mostrarvos verdadeira,
Inda que està taõ clara esta verdade:
Em mim vivirà ella sempre inteira,
E se para perder ja a vida he tarde,
A morte naõ farà, que vos naõ queira.

SONETO 14.

VEncido està de amor meu pensamento,
O mais que pòde ser vencida a vida,
Sogeita a vos servir instituida,
Offerecendo tudo a vosso intento:
Contente deste bem louva o momento,
Ou hora em que se vio taõ bem perdida,
Mil vezes desejando a tal ferida,
Outra vez renovar seu perdimento:
Com essa pretençaõ està segura
A causa que me guia nesta empreza,
Taõ estranha, tão doce, honrosa, & alta:
Jurando naõ seguir outra ventura,
Votando só por vòs rara firmeza,
Sem ser no vosso amor achado em falta.

SONETO 15.

SEmpre, cruel senhora, receei,
Medindo vossa graõ desconfiança,
Que dèsse em desamor vossa tardança,
E que me perdesse eu, pois vos amei:
Percase em fim ja tudo o que esperei,
Pois noutro amor ja tendes esperança,
Taõ potente será vossa mudança,
Quanto eu encobri sempre o que vos dei:
Deivos a alma, a vida, & o sentido,
De tudo o que em mim ha vos fiz senhora,
Prometeis, & negais o mesmo amor:
Agora tal estou, que de perdido
Naõ sei por onde vou, mas algum hora
Vos dará tal lembrança grande dor.

SONETO 16.

ESses cabellos louros, & escolhidos,
Que o ser ao claro Sol estaõ tirando,
Esse ar tam peregrino, em que cuidando
Estaõ continuamente meus sentidos:
Esses furtados olhos taõ fingidos,
Que minha morte, & vida estaõ causando,
Essa fermosa graça, que em fallando
Finge meus pensamentos naõ ser cridos:
Esse compasso certo, essa medida,
Que faz dobrar no corpo a gentileza,
Essa beldade em terra taõ subida:
Amostre piedade, & naõ crueza,
Que saõ laços, que Amor tece na vida,
Em mim de sofrimento, & em vôs dureza.

SONETO 17.

Dizei, senhora, da belleza idea
Para fazerdes esse aureo crino,
Onde fostes buscar esse ouro fino,
De que escondida mina, ou de que vea?
Dos vossos olhos essa luz Phebea,
Esse respeito de hum Imperio digno,
Se o alcançastes com saber divino,
Se com encantamentos de Medea?
De que escondidas conchas escolhestes
As perlas preciosas Orientaes,
Que fallando mostraes no doce riso?
Pois vos formastes tal, como quizestes,
Vigiai vos de vós, não vos vejaes,
Fugi das fontes, lembrevos Narciso.

SONETO 18.

NA ribeira de Eufrates assentado,
Discorrendo me achei pella memoria
Aquelle breve bem, aquella gloria,
Que em ti doce Syaõ tinha passado:
Da causa de meus males perguntado
Me foi: como não cantas a historia
De teu passado bem, & da victoria,
Que sempre de teu mal has alcançado?
Não sabes, que a quem canta se lhe esquece
O mal, inda que grave, & rigoroso,
Canta pois, & não chores dessa sorte:
Respondi com suspiros: Quando crece
A muita saudade, o piedoso
Remedio he naõ cantar, senaõ a morte.

SONETO 19.

EL vaso reluziente, y cristalino,
De Angeles agua clara, y olorosa,
De blanca seda ornado, y fresca rosa,
Ligado con cabellos de oro fino:
Bien claro parecia el don divino
Labrado por la mano artificiosa
De aquella blanca Ninfa graciosa,
Mâs que el rubio luzero matutino:
Nel vaso vuestro cuerpo se affigura,
Raxado de los blancos miembros bellos,
Y en el agua vuestra anima pura:
La seda es la blancura, y los cabellos
Son las prisiones, y la ligadura
Con que mi libertad fue afsida dellos.

SONETO 20.

PVes lagrimas tratais mis ojos tristes,
Y en lagrimas passais la noche, y dia,
Mirad si es llanto este que os embia
Aquella por quien vos tantas vertistes.
Sentid mis ojos bien esta que vistes,
Y si ella lo es, ò gran ventura mia,
Por muy bien empleadas las avria,
Mil cuentos, que por esta sola distes:
Mas una cosa mucho desseada,
Aunque se vea cierta, no es creida,
Quanto mas esta, que me es embiada:
Pero digo que aunque sea fingida,
Que basta que por lagrima sea dada,
Porque sea por lagrima tenida.

SONETO. 21.

QUando se vir com a agoa o fogo arder,
E misturar co dia a noite escura,
E a terra se vir naquella altura,
Em que se vem os Ceos prevalecer:
O Amor por rezão mandado ser,
E a todos ser igual nossa ventura,
Com tal mudança vossa fermosura,
Entaõ a poderei deixar de ver.
Porém não sendo vista esta mudança
No mundo (como claro está não verse)
Não se espere de mim deixar de vervos;
Que basta estar em vós minha esperança
O ganho de minha alma, & o perderse,
Para não deixar nunca de querervos.

SONETO 22.

CHorai Ninfas os Fados poderosos
Daquella soberana fermosura,
Onde forão parar na sepultura
Aquelles reaes olhos graciosos?
Oh bens do mundo fallos, & enganosos!
Que magoas para ouvir, que tal figura
Jaza sem resplendor na terra dura
Com tal rostro, & cabellos tão fermosos:
Das outras que será! pois poder teve
A mor te sobre cousa tanto bella,
Que ella eclipsava a luz do claro dia:
Mas o mundo não era digno della,
Por isso mais na terra não esteve,
Ao Ceo sobio, que ja se lhe devia.

SONETO 23.

AH imiga cruel, que apartamento
He este, que fazeis da patria terra?
Quem do paterno ninho vos desterra,
Gloria dos olhos, bem do pensamento?
Is tentar da Fortuna o movimento,
E dos ventos crueis à dura guerra,
Ver brenhas de agoa, & o mar feito ẽ serra,
Levantado de hum vento, & de outro vẽto:
Mas ja que vos partis, sem vos partirdes,
Parta com vosco o Ceo tanta ventura,
Que seja mór que aquella que esperardes.
E sò nesta verdade ide segura,
Que ficão mais saudades com partirdes,
Do que breves desejos de chegardes.

SONETO 24.

SEnhora ja desta alma perdoai
De hum vencido de amor os desatinos,
E sejão vossos olhos tão beninos,
Como este puro amor, que d'alma sai:
A minha pura fee sòmente olhai,
E vède meus extremos se são finos,
E se de algũa pena forem dignos,
Em mim, senhora minha, vos vingai:
Não seja a dor, que abrasa o triste peito,
Causa por onde pene o coração,
Que tanto em firme amor vos he sugeito:
Guardaivos do que alguns, dama, dirão,
Que sendo raro em tudo vosso objeito
Possa morar em vòs ingratidão.

SO-

SONETO 25.

QUem vos levou de mim, saudoso estado,
Que tanta semrazam comigo usastes?
Quem foi por qnem taõ presto me negastes
Esquecido de todo o bem passado?
Trocastesme hum descanço em hum cuidado
Tão duro, tão cruel, qual me ordenastes,
A fee, que tinheis dado, me negastes,
Quando mais nella estava confiado:
Vivia sem receo deste mal,
Fortuna, que tem tudo a sua merce,
Amor, com desamor me revolveo:
Bem sei que neste caso nada val,
Que quem naceo chorando justo he,
Que pague com chorar o que perdeo.

SONETO 26.

DIversos casos, varios pensamentos
Me trazem tão confuso o entendimẽto,
Que em nada vejo ja contentamento,
Senão quando se vaõ contentamentos:
Em varios casos varios sentimentos
Succedem, por mostrar ao fundamento,
Que he o que se deseja tudo vento,
Pois pinta haver descanço em vãos intẽtos;
Vese em grandes discursos o desejo,
Quando âs ocasiões os tempos mudão,
Não ha cousa impossivel a hum cuidado:
O injusto co justo he ja trocado,
Os duros montes seus assentos mudão,
Eu sò não posso ver meu mal mudado.

SONETO 27.

DOce sonho, suave, & soberano,
Se por mais longo tempo me durára;
Ah quem de sonho tal nunca acordára,
Pois havia de ver tal desengano:
Ah deleitoso bem, ah doce engano,
Se por mais largo espaço me enganára;
Se entaõ a vida mísera acabâra,
De alegria, & prazer morrèra ufano:
Ditoso, não estando em mim, pois tive
Dormindo o que acordado ter quizera
Olhai com que me paga meu destino!
Em fim fôra de mim ditoso estive,
Em mentiras ter dita razaõ era,
Pois sempre nas verdades fui mofino.

SONETO 28.

DIana prateada esclarecia
Com a luz, que do claro Phebo ardente,
Por ser de natureza transparente,
Em si, como em espelho reluzia:
Cem mil milhoẽs de graças lhe influîa,
Quando me appareceo o excellente
Rayo de vosso aspecto, differente
Em graça, & em amor do que sohia:
Eu vendome taõ cheo de favores,
E tão propinquo a ser de todo vosso,
Louvei a hora clara, & a noite escura;
Pois nella dêstes cor a meus amores,
Donde colijo claro que naõ posso
De dia para vôs ja ter ventura.

SO-

SONETO 29.

Em lingoa Gallega.

ALlà en Monte Rey, en Bal de Leça,
A Biolante bi beira de hum rio,
Tam fermosa em berdá, que quedè frio
De ber alma inmortal em mortal maça:
De hum alto, & lindo copo a seda laça
A Pastora sacaba fio a fio,
Quando lhe disse, morro, corta o fio,
Bolveo, não cortarei, seguro passa:
E como passarei, se eu acà quedo,
Se passar, respondi, não bou seguro,
Que este corpo sem alma morra cedo:
Com a minha, que lebas, te asseguro
Que não morras Pastor; Pastora ei medo,
O quedar me parece mais seguro.

SONETO 30.

POrque me faz Amor inda acâ torto,
O mal te faga Deos desbergonçado,
Rapaz bil, descortez, que me has guiado
A ber a Biolante, que me ha morto:
Bila, por más non berme tomar porto
En repouso ningun desbenturado,
Mas para chorar sempre quede a badó
As agoas dos meus olhos som conforto:
Bem vir ser tua madre Cypriana
Una mundana astrosa, deshonesta,
Cruel, falsa, sem ley, dura, & tirana:
Que a bós ella ser outra, & não ser esta,
Não tiberas bontá tão deshumana,
Nem fora contra mim tão cruda besta.

SONETO 31.

OLhos fermosos, em quem quiz natura
Mostrar do seu poder altos sinais,
Se quizerdes saber quanto possais,
Vedeme a mim, que saõ vossa feitura:
Pintada em mim se vè vossa figura,
No que eu padeço retratada estais,
Que se eu passo tormentos desiguais,
Muito mais pôde vossa fermosura:
De mim não quero mais que o meu desejo,
Ser vosso, & só de ser vosso me arreyo,
Porque o vosso penhor em mim se asselle:
Não me lembro de mim, quando vos vejo,
Nem do mundo, & não èrro, porque creyo
Que em lembrarme de vós cumpro cõ elle.

SONETO 32.

EM quanto Phebo os montes acendia
Do Ceo com luminosa claridade,
Por evitar do ocio a castidade,
Na caça o tempo Delia despendia:
Venus, que então do furto descendia,
Por cativar de Anchises a vontade,
Vendo Diana em tanta honestidade,
Quasi zombando della, lhe dizia:
Tu vâs com tuas redes na espessura
Os fugitivos cervos enredando,
Mas as minhas enredão o sentido:
Melhor he (respondia a Deosa pura)
Nas redes leves cervos ir tomando,
Que tomarte alli nelles teu marido.

SO-

SONETO 33.

A Dynamene morta nas agoas.

AH minha Dynamene, assi durfaste,
Quem não deixâra nunca de quererte?
Ah Ninfa minha, ja não posso verte,
Taõ azinha esta vida desprezaste?
Como ja para sempre te apartaste
De quem tão longe estava de perderte?
Poderaõ estas ondas defenderte,
Que naõ visses quem tanto magoaste?
Nem fallarte sòmente a dura morte
Me deixou, que taõ cedo o negro manto
Em teus olhos deitado consentiste;
O mar, ô Ceo, ô minha escura morte?
Que pena sentirei, que valha tanto,
Que ainda tenho por pouco o viver triste?

SONETO 34.

O Rigurosa ausencia receada
De mim sempre, mas nunca conhecida,
Saudade outro tempo tão temida,
Quanto em meu dano agora exprimentada:
Ja rigurosamente começada
Tendes vossa aspereza em minha vida,
Tanto que temo ja que de oprimida
Sejaes com ella mui cedo acabada:
Os dias mais alegres me entristecem,
As noites em cuidados as desconto,
Em que sem vòs sem conto me parecem:
Em desejo, & esperança as horas conto,
Mas com a vida em fim elles fallecem,
Não me posso valer de assistir pronto.

SONETO 35.

SE de vosso fermoso, & lindo gesto
Nacêrão lindas flores para os olhos,
Que para o peito saõ duros abrolhos,
Em mim se vé mui claro, & manifesto;
Pois vossa fermosura, & vulto honesto
Em os ver, de boninas vi mil mólhos,
Mas se meu coração tivera antolhos,
Não vira em vós seu dano o mal funesto?
Hum mal visto por bem, hum bem tristonho,
Que me traz elevado o pensamento
Em mil, porém diversas, fantasias;
Nas quaes eu sempre ando, & sempre sonho,
E vós não cuidaes mais q̃ em meu tormẽto,
Em que fundaes as vossas alegrias.

SONETO 36.

NVm taõ alto lugar de tanto preço
Este meu pensamento posto vejo,
Que desfallece nelle inda o desejo,
Vendo quanto por mim o desmereço;
Quando esta tal baixeza em mim conheço,
Acho que cuidar nelle he gram despejo,
E que morrer por elle me he sobejo,
E mòr bem para mim do que mereço:
O mais que natural merecimento
De quẽ me causa hum mal tão duro, & forte
O faz que vá crescendo de hora em hora;
Mas eu naõ deixarei meu pensamento,
Porque inda que este mal me causa a morte
Vn bel morir tutta la vita honora.

SO-

SONETO. 37.

QVando a ſuprema dor muito me aperta,
Se digo que deſejo eſquecimento,
He força que ſe faz ao penſamento,
De que a vontade livre deſconcerta:
E aſſi de erro tão grave me deſperta
A luz do bem regido entendimento,
Moſtrando que he engano, ou fingimento
Dizer que em tal deſcanço mais ſe acerta:
Porque eſſa meſma imagem, que na mente
Me repreſenta o bem de que careço,
Me faz de hum certo modo ſer preſente:
Ditoſa he logo a pena que padeço,
Pois que da cauſa della em mim ſe ſente
Hum bem, que inda ſem vervos reconheço.

SONETO 38.

QVantas penas Amor, quantos cuidados,
Quantas lagrimas triſtes ſem proveito,
De que mil vezes olhos, roſto, & peito
Por ti cego, me viſte ja banhados:
Quantos mortaes ſuſpiros derramados
Do coração, por tanto a ti ſogeito,
Quantos males em fim tu me tens feito,
Todos forão em mim bem empregados:
A tudo ſatisfaz (confeſſote iſto)
Hũa ſò viſta branda, & amoroſa,
De quem me cativou minha ventura:
O ſempre para mim hora ditoſa,
Que poſſo temer já, pois tenho viſto
Com tanto goſto meu, tanta brandura?

SONETO 39.

SE como em tudo o mais fostes perfeita,
Foreis de condiçaõ menos altiva,
Vida pòde esperar esta cativa
Vida, que a vossos pès morta se deita:
Mas quanto de vòs vè, quanto sospeita,
Estorvos saõ, para que mais naõ viva,
E para maior mal a morte esquiva,
Vēdo que me engeitaes, tambē me engeita:
Se nisto contradiz vossa vontade,
Mandailhe vòs, senhora, que dê fim
A vida taõ cercada de tristeza:
Pois ella naõ o faz por piedade,
Que tenha do meu mal, mas porq̃ em mim
Vivendo fareis vós vossa crueldade.

SONETO 40.

O Tempo acaba, o Anno, o Mez, & a Hora,
A Força, a Arte, a Manha, a Fortaleza,
O Tempo acaba a Fama, & a Riqueza,
O Tempo o mesmo Tempo de si chora:
O Tempo busca, & acaba o onde mora
Qualquer ingratidão, qualquer dureza,
Mas naõ póde acabar minha tristeza,
Em quanto não quizerdes vòs senhora:
O Tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledo prazer em choro triste,
O Tempo a tempestade em grão bonança:
Mas de abrandar o tempo estou seguro,
O peito de diamante, onde consiste
A pena, & o prazer desta esperança.

SONETO 41.

POsto me tem Fortuna em tal estado,
E tanto a seus pés me tem rendido,
Não tenho que perder ja de perdido,
Nem tenho que mudar ja de mudado:
Todo o bem para mim he acabado,
De aqui dou o viver ja por vivido,
Que aonde o mal he taõ conhecido,
Tambem o viver mais será escusado:
Se me basta querer, a morte quero,
Que bem outra esperança não convem,
E curarei hum mal com outro mal.
E pois do bem tão pouco bem espero,
Ja que o mal este só remedio tem,
Naõ me culpem em querer remedio tal.

SONETO 42.

IA não fere o Amor com arco forte,
As settas tem lançadas ja por terra,
Como sohia ja naõ nos faz guerra,
Porque a que nos faz he de outra sorte:
Com olhos pellos olhos nos dà morte,
E para acertar o que não erra,
Os vossos escolheo, em quem se encerra
Mais bem do que ha do Sul ao Norte:
Concedevos o Amor taõ graõ poder,
Que vós sejaes do seu livre, & izenta:
Apagouse a candea no meio da consoante.
Por isso Feliza se vos não contenta,
Não vades com o soneto por diante,
Que he sonho o que a fantesia representa.

SO-

SONETO 43.

LEmbranças, que lembraes meu bẽ passado;
Para que sinta mais o mal presente;
Deixaime (se quereis) viver contente,
Naõ me deixeis morrer em tal estado:
Mas se tambem de tudo està ordenado
Viver (como se vê) tão descontente,
Venha (se vier) o bem por accidente,
E dè a morte fim a meu cuidado:
Que muito melhor he perder a vida,
Perdendose as lembranças da memoria,
Pois tanto danno fazem ao pensamento:
Assi que nada perde, quem perdida
A esperança trâs de sua gloria,
Se esta vida ha de ser sempre em tormento.

SONETO 44.

DOce contentamento ja passado,
Em que todo meu bem ja consistia,
Quem vos levou de minha companhia,
E me deixou de vôs tão apartado:
Quem cuidou que se visse neste estado,
Naquellas breves horas de alegria!
Quando minha ventura consentia,
Que de enganos vivesse meu cuidado:
Fortuna minha foi cruel, & dura
Aquella, que causou meu perdimento,
Com a qual ninguem póde ter cautela;
Nem se engane nenhũa creatura,
Que não póde nenhum impedimento
Fugir do que ordena sua estrela:

SONETO 45.

MVito ha que eu soube da ventura
A vida, que me tinha destinada,
Que a longa experiencia da passada
Me dava claro indicio da futura:
Amor fero, & cruel, Fortuna escura,
Bem tendes vossa força exprimentada,
Assolai, destrui, não fique nada;
Vingaivos desta vida, que inda dura:
Soube da dita Amor, que eu a não tinha,
Porque sentisse mais a falta della,
De imagens impossiveis me mantinha:
Mas vós, senhora (pois que minha estrella
Não foi melhor) vivei nesta alma minha,
Que não tem a Fortuna poder nella.

ELEGIA I.

A morte de Dom Miguel de Meneses, filho de D. Henrique de Meneses, Governador da Casa do Civel, que morreo na India.

QVe novas tristes são, que novo dano!
Que mal inopinado incerto soa,
Tingindo de temor o vulto humano?
Que vejo ás prayas humidas de Goa
Ferver com gente attonita, & torvada,
Do rumor, que de boca em boca soa.

He

He morto Dom Miguel, ah crua espada,
E parte da lustrosa companhia,
Que se ẽbarcou na alegre, & triste armada,
E de espingarda ardente, & lança fria
Passado pello torpe, & iniquo braço,
Que nossas altas famas injuria.
Naõ lhe valeo rodèla, ou peito de aço,
Nem animo de Avòs altos herdado,
Com que se defendeo tamanho espaço.
Naõ terse em derredor todo cercado
De corpos de inimigos, que ex halavão
A negra alma do corpo traspassado.
Naõ com palavras fortes, que voavaõ
A animar os incertos companheiros,
Que fortes caem, & timidos viravaõ.
Mas ja postos nos termos derradeiros,
Passados por mil partes, & cortados
Os membros sô do nobre esforço inteiros.
Os olhos de furor acompanhados,
Que inda na morte as vidas amedrentaõ
Dos fracos inimigos espantados.
Postos no Ceo, parece que apresentaõ
A pura alma à Suprema Eternidade,
Por quem os Ceos, & terra se sustentaõ.
E pedindo dos erros, que na idade
Verde, & quasi innocente, ja fazia,
Perdaõ á pia, & justa Magestade.
As Rosas apartou da neve fria,
E como flama fraca, a quem fallece
Seu humido licor, de que vivia.
Nas maõs do choro Angelical, que dece,
Se entrega, & vai gozar da vida eterna,
Que com taõ justa morte se merece.

Vaite

Vaite alma em paz â gloria ſempiterna,
Vai, que quem pella Ley ſanta, & divina
Morre, a dâ a Deos, que os Ceos governa.
Quando pella razaõ devida, & dina
Do Rey, da Patria, & honra dos paſſados
Sacrificar a vida nos enſina.
Nos aſſentos de eſtrellas eſmaltados
Lhe dá lugar a altiſſima Clemencia
Entre os Heroes â gloria deſtinados.
Mas ah, quem ſofrerá perpetua auſencia
De taõ charo Senhor, taõ fido amigo!
Quem porá contra magoas reſiſtencia!
Aquelle animo grande, que do antigo
De ſeus mayores era alto retrato,
Deſprezador de todo o vil perigo.
Miſturado com doce, & brando trato
Cos iguaes juntamente, & cos menores
A todos amoroſo, a todos grato.
Aquelle eſprito nobre, onde mayores
Eſperanças creſciaõ, ſe o taõ duro
Caſo, as naõ cortàra em novas flores!
Em verde idade, ſiſo ja maduro,
Alegre riſo, ledo, & aberto peito,
Em repouſado eſpirito ſeguro.
Não ſoberbo, & por arte contrafeito,
Mas todo puro, & em fim da natureza,
Mais para o Ceo, que para a terra feito.
Tambem do corpo a humana gentileza,
O bem talhado geſto, que moſtrava
Forças iguaes, & manhas com deſtreza,
A cor, que o freſco roſto matizava
As roſas, flores novas de alegria,
Com que o Verão as faces adornava.

Tudo os fios da morte, que desvia
Dos propositos nossos, & saltea,
Cortàrão cruamente, quando abria.
Deixa pois tu, fermosa Cytherea,
Do gentil filho, & neto de Cyniras
O pranto pella morte horrenda, & fea.
E tu dourado Apollo, que suspiras
Pello crespo Hyacinto, moço charo,
Por quem a clara luz ao mundo tiras.
Vinde, & chorai hum moço ao mundo raro,
Não de ferino dente vulnerado,
Nem de animal algum, que haja reparo.
Mas sô do fero imigo traspassado,
Que sem duvida incerta, ou pio medo
A vida pôz nas mãos de Marte irado.
Està tu tambem moço Idalio quedo,
Deixa de dar o venenoso mel
A beber pellos olhos triste, & ledo.
Que ja os fermosos olhos de Miguel
Cubertos são do negro, & escuro manto
Da ley geral a todos, mais cruel.
E vòs filhas de Thespis, que do canto
Podeis bem mitigar a ley immensa
Dos irmãos generosos, & alto pranto.
Não consintaes que fação larga offensa
A grande integridade, que se devem;
Não são agoas do dano recompensa.
Que ja diante os olhos me descrevem,
Quando as bocas da fama voadora
Ao patrio, & claro Tejo as novas levem.
A profunda tristeza, que em hum hora
Tal posse tomarà dos altos peitos,
Que a razão quasi quasi deite fòra.

Alli de dor os coraçoens ſogeitos
Pezadas lhe ſeraõ conſolaçoens,
E pezados exemplos, & reſpeitos.
Pequena he certo a dor, que com razoens
Se pôde refrear, nem com memoria
De outros antigos, & integros varoens.
Mas porèm ſe igualaes a vida á gloria
Meu grande Dom Phelippe, & pretendeis
Deixar de voſſas obras larga hiſtoria.
Eu naõ vos admoeſto, que eſtreiteis
O coraçaõ na Eſtoica diſciplina,
Onde livre de effeitos vos moſtreis,
Que mal natura noſſa determina
Medo, eſperanças, dores, & alegria,
Como o Cynico velho nos enſina.
Immanidade eſtupida diria
O Sulmonenſe canto, & vil rudeza
He naõ ſentir effeitos, que a alma cria.
Porèm ſe naõ ſentir nada, he bruteza,
E ſe paixão de vida ſe conſente,
Tambem o ſentir muito he ja fraqueza.
Se doe a opinião do mal preſente,
E medo, & opinião do mal futuro,
São em fim tudo opinioens da gente.
O verdadeiro ſabio eſtâ ſeguro
De leves alegrias, & de eſpanto
De dor, que turba da alma o licor puro.
Inda antes que aconteça o riſo, & o pranto
Os tem ja no ſentido meditados,
Livre eſtà de alvoroço, & de quebranto.
E como de alta torre vê cuidados
Humanos vaõs, & aquella differença
De ambiçoens, & cobiças, & peccados.

Todo caso acha nelle só presença,
Que como as febres saõ da carne humana,
Assi os effeitos d'alma saõ doença.
Se esta doutrina credes, que he profana,
Ponde os olhos na nossa, que he divina,
E sobre todas santa, & soberana.
Vereis Aram, que naõ se contamina
Sobre os montes, seus, que defendida
A dor lhe foi da santa disciplina.
Naõ chega a ver parentes, que da vida
Partidos saõ, que na alma a Deos agrada,
Que nenhũa afflicçaõ do mundo impida.
Nòs somos geração a Deos dicada
Sacerdotal, que em tempo nenhum deve
Do gentilico culto ser tocada.
Se dos antigos Padres já se escreve,
Que chorando, aos mortos enterrárão
Com dor, & pranto publico, & não leve.
Era porque inda as portas não quebrárão
Do Ceo sereno aquellas mãos cravadas,
Que os antigos contagios alimpárão.
E tambem por ornar as sempre usadas
Pompas do funeral enterramento
Com publicas exequias costumadas.
Esta alta fortaleza, & sofrimento
Como a forte Varão vos he devido,
E como ley do santo documento.
Bem conheço, que o corpo assi perdido,
Que do sepulchro nobre aqui carece
Será de aves, ou feras consumido.
Mas tambem nisto vi que se parece
Co do gram Bisavò, que pella vida
Real a sua às lanças offerece.

Fazendo com ſeus membros impedida
A paſſagem aos feros Tingitanos,
Ficou ſem ſepultura merecida.
E lá nos apoſentos ſoberanos
O recebem da palma coroado,
Deſprezando do corpo baixo os danos.
E elle diz, que das gentes enterrado
Qualquer corpo ſerâ, mas quem morreò
Por Deos, he ſò dos Anjos ſepultado.
Que mais rico, & fermoſo Mauſoleo,
Que pyramides altas, que figura
De mortalha, que chegue a eſtar no Ceo!
Facil he a perda aqui da ſepultura;
Diogenes prudente, & Theodoro
Pouco ſentem do corpo eſſa jactura.
Aſſi fermoſo, inteiro, aſſi decoro,
Adora quem o tem, como o tomou
Quando ſe ouvir o extremo ſom ſonoro.
Mas oh, que temor ſupito occupou
Voſſo peito famoſo, ò Portugueſes,
Que pavido temor vos lanceou.
Que lançadas, que golpes, que reveſes,
Vos fizerão fazer tamanha injuria
Aos Luſitanos bellicos arneſes?
Ou ja de Capitão ſobeja incuria?
Ou a fraqueza? Naõ, que elle ſuſtentava
Co ſeu corpo dos barbaros a furia.
Ou do ferreo cano a força brava
Com eſtrondos, que atroaõ mar, & terra,
Que os coraçoens no peito congelava.
Ou quem vos fez que os impetos da guerra
Não ſuſtenteis com valòr ſempre ouſado,
Deſprezando o furor, que a vida enterra.

A vida pellá patria, & pello estado
Pondo, vossos Avòs a nòs deixârão
Terras, mares, & exemplo sublimado.
Elles a desprezar nos ensinárão
Todo o temor, pois como agora os netos
Subitamente assi degeneràrão.
Não podem certo não viver quietos
Com fea infamia peitos generosos
Em publicos lugares, nem secretos.
Mortos os Espartanos valerosos,
Da fera multidaõ fazendo estremos
Taes Epitaphios tinhão gloriosos.
Dirâs hospede tu, que aqui jazemos
Passados do inimigo ferro, em quanto
As santas leys da patria obedecemos.
Fugindo os Persas vaõ com frio espanto,
Mas achaõ as mulheres no caminho
Amostrandolhe o ventre sem ter manto,
Pois fugis do perigo, que he visinho,
Fracos, vinde escondervos (lhe dizião)
Outra vez no materno escuro ninho.
Vedes quaes com mais gloria ficarião
Se aquelles que em fim morrẽ pello estado,
Se os outros, que as mulheres injuriaõ.
Mas tu claro Miguel, que ja acordado
Deste sonho taõ breve estâs naquella
Torre do Ceo seguro, & repousado.
Onde com Deos unida a forte, & bella
Alma, com teus mayores reluzindo,
Por cada chaga tens hũa clara estrella.
Os pés o cristalino Ceo medindo,
Pizando essas luciferas Esferas,
Ja da terrena os olhos encobrindo.

Agora

Agora hum curso, & outro consideras,
Agora a vaidade dos mortaes,
Que tu tambem passàras, se viveras
Mais a pena cantára, a poder mais.

ELEGIA II.

A morte de Dom Tello, que matàrão na India: achouse em hum manuscripto do Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha, feito no anno de 1568.

SAyão desta alma triste, & magoada
Palavras magoadas de tristeza,
E seja ao mundo a causa declarada.
Saya do peito a voz, com que a graveza
Sogiga, doma, & as gentes move tanto,
Por mais, & mais que tenhaõ de dureza.
E vòs meus olhos tristes entretanto
Em lagrimas esta alma derretida
Chorai, que amargo choro he o meu canto.
Quanto de mim a causa foi sentida,
Seja de vòs chorada, & juntamente
Choremos hũa morte, & hũa vida.
A bondade choremos innocente,
Cortada em flor, que pella acerba morte
Nos foi arrebatada dentre a gente.
E aquella immensa dor, & dura sorte
Da magoada mãy, cuja alma triste
Tambem cortada foi com agudo corte.

O eſpirito gentil, que ao Ceo ſubiſte,
Porque engeitaſte á minha companhia,
E acompanharte eu naõ conſentiſte.
Eſte he o canto heroico, & de alegria,
Que eu ja em teu louvor aparelhava,
Como o tornou a morte em Elegia.
Eſta he a eſperança, que nos dava
De tí, tua tenra, & alegre mócidade,
De quem taõ grandes couſas ſe eſperava?
O Hymineo, que em maes perfeita idade
Com honras mil te andava aparelhando
A mãy, de quem naõ ouveſte piedade.
Que agora, como Hecuba, anda bramando,
Buſcando em vam a caſa em toda a parte
Amado Filho meu, por ti bradando.
Quem me vedou os olhos teus ſerrarte,
Que em tam amarga, & triſte deſpedida
Pudera eſta alma minha acompanharte.
Quem te privou da chara, & doce vida,
Meu filho tão fermoſo, & mal logrado
Dous coraçoens paſſou hũa ſó ferida.
Em terra de deſterro, ay filho amado,
Deixandome ſem ti deſemparada,
Quizeſte ſer de eſtranhos ſepultado.
Se hias para fazer tão grão jornada,
Não levarâs em tua companhia
Eſta miſera mãy deſconſolada,
Quiçaes que algum ſoccorro te ſeria,
Que vendo vir a eſpada em alto erguida,
Filho, com hum grito meu te aviſaria.
Ou recebéra o golpe neſta vida,
Metendome no meio, & tu viveras,
Fartàra de meu ſangue eſſe homicida.

Ay

Ay filho, meu amor, que tu sô eras
  Quem com tua vida alegre algum descanço
  A meu viver cançado dar puderas.
E tu serâs tambem quem manço a manço
  Me acabaràs a vida, que eu queria
  Sem ti ver acabada de hum só lanço.
E vòs tambem mulheres, que paristes
  Ajudaime a chorar, porque em mal tanto
  Não satisfazem só meus olhos tristes.
Assi com grave dor de canto a canto
  Atè nos coraçoens de môr dureza
  Soa hũa voz confusa, hum amargo pranto.
O tu, honra, & primor da natureza,
  Illustre, & fermosissima Maria,
  Não trates mal, senhora, tal belleza.
Pois só custodia es, donde alegria
  Defunta, & tal chorada em dia amargo
  Resurgirá em outro alegre dia.
Que a ti deu o movedor do mundo o cargo
  De alegrares a mãy chorosa, & triste,
  Que alegre vivirá por tempo largo.
Posto que a dor do irmão muito sentiste
  Naõ destruas as lindas tranças bellas,
  Pois o remedio nisso naõ consiste.
Naõ trates mal as nitidas estrellas
  Dos olhos teus com lagrimas ardentes,
  Pois tem mais resplendor que todas ellas.
Não offendas as faces refulgentes,
  Obra de Deos, com mão despiedosa,
  Da patria honra, & louvor das gentes.
Mas vai com doce voz, branda, & amorosa
  Consola a triste mãy desconsolada
  Com tua vista alegre, & taõ fermosa.

Pro-

Prometelhe, que em si resuscitada
Verá sua alegria ja perdida,
De todos taõ sentida, & taõ chorada.
Pois teu remedio està sò em sua vida,
Que haja de ti materna piedade,
Naõ dè tanto lugar â dor crecida.
Bem se permitte a fraca humanidade
Por filho tal, & tanto tempo ausente
Hum moderado pranto, hũa saudade.
Mas taõ continua dor, que espante a gente,
E poem em tal estremo a vida amada,
Nẽ o mundo o quer, nẽ Deos naõ o cõsente.
Não foi a morte de Heitor sempre chorada
Da triste mãy, que alem de filho amado,
Era por elle só Troya amparada.
Mas ja despois de morto, & arrastado
Com Grego applauso, vozes, & alarido,
O corpo houve às maõs desconjuntado.
Perdida a cor, o collo recaido,
Naõ parecia Heitor, que dantes era,
De pò, de sangue, & de suor tingido.
Com seus olhos lavoulhe a chaga fera,
Com suas maõs o rosto lhe alimpava
Sem alma, & sangue, ja de cor de cera.
Mas vendo em fim quaõ pouco aproveitava
Seu choro, & nẽ por mais q̃ em vaõ bradãdo
Chamava Heitor, Heitor resuscitava.
De lagrimas os olhos enxugando,
Desenganada ja do Filho amado
Se foi com a amada filha consolando.
Nem sempre o fero Achiles foi chorado
De Thetis sua mãy, do branco coro,
Princepe Grego taõ assinalado.
Tam-

Tambem pagou à morte o antigo foro,
E à Deosa não valeo ser prevenida,
Nem suspiros valêraõ, nem seu choro.
Tambem a este acabou mortal ferida,
Sendo meio immortal, & filho amado
Da Deosa de Nereo taõ querida.
Nas agoas de Acheronte foi banhado,
Porque em batalhas, como o fero Marte,
Do ferro naõ pudesse ser cortado.
Mas a agoa naõ chegou âquella parte,
Que esquadrinhou a setta aguda, & forte,
Que contra ella não val engenho, & arte.
Choràraõ as Gregas gentes sua morte,
Os Phocas, & Delphins tambem choràraõ,
Chorou do gram Nereo toda a corte.
Tantas lagrimas tristes derramâraõ,
Tanto chorou a mãy, que muito o amavã,
Que o Xanto, & o Simois acrescentàrão.
Mas vendo que o chorar naõ aproveitava,
E que era dor perdida, & desatino,
Os seus fermosos olhos alimpava.
E com alegre rosto de ar benino
O Ceo, a Terra, o Mar, tudo alegrando,
E os cidadaõs do Reyno cristalino;
Os seus verdes cabellos espalhando
Ao vento, de mil Ninfas rodeada,
Tornando a vista atraz de quãdo em quãdo.
De Pausilipe, & Oricia acompanhada,
De Doris, Menalipe, & de Melento,
Se foi para Nereo consolada.
Deixai pois ja, senhora, o amargo pranto,
A pena, a dor, o mal, que tanto crece,
E dai lugar ao meu inculto canto.

Com grão difficuldade se offerece
A grandes desventuras taes como esta,
A darlhe iguaes palavras, quaes merece.
Por tanto eu senhora, agora nesta
Naõ ás hei de buscar por consolarte,
Que aos tristes consolar só a razaõ presta.
Tambem seraõ perdidas nesta parte
Consolaçoens, que em choro de amargura
Força naõ tem, por mais que tenhão d'arte.
Se as lagrimas naõ vence a razão pura,
Fortuna sempre a outras acrescenta,
Guardete Deos de mór desaventura.
Naõ digo, que a alma esté de magoa izenta,
Porque humano he sentir, mas he fraqueza,
Naõ sofrer o que Deos nos apresenta.
Naõ he este mundo a nossa natureza,
Estrada si, por onde caminhamos,
Pretendendo chegar á Summa Alteza.
Neste caminho hum passo estreito achamos;
Morte se chama horrenda, & desabrida,
Divida, que Adam fez, & nós pagamos.
A todos he commum esta partida,
Quem morre, não morreo, partio primeiro,
E o que ha depois da morte he eterna vida.
Todo animal que nace está foreiro
A passar este passo estreito tanto,
Todos lá havemos de ir por derradeiro.
Deixa, senhora, deixa o amargo pranto,
Teu filho està no Ceo resplandecente,
Ja entre os Cidadaõs do Coro santo.
Nossas memorias tristes não as sente,
Ja livre, & de theatro está olhando
Com olhos immortaes a immortal gente.

Da

Dà Visaõ Beatifica gozando,
Sem medo, ou sobresalto de perdella
O mundo, & seus afagos desprezando.
Dalli contempla de hũa, & de outra estrella,
Ou fixa, & errante, o curso, & movimento,
Tendo, sem se mover, os pês sobre ella.
*V*eloz, qual o ligeiro pensamento,
Passa de polo a polo, & o Ceo conhece
Que seu caminho faz com passo lento.
E porque o mar continuo mingoa, & crece,
Comprẽde, & a quinta essencia pura, & neta,
E com que luz a Lua resplandece.
Nem nos espanta no ar qualquer cometa,
Os pontos sabe de hum, & de outro signo,
Por onde faz seu curso o graõ Planeta.
Hum Anjo novo tens, santo, & benino,
Vive senhora alegre, & consolada,
Que por ti roga ao Padre de contino.
O alma pura em alto alevantada,
Que là estás nesse Ceo luzente, & claro,
Desta mortal prisaõ ja desatada.
O senhor meu Dom Telo, amigo charo,
Que do terreno Sol, onde viveste
Te arrebatou sem tempo o tempo avaro.
Se ao passar de Lethe naõ perdeste
A memoria de mim, que tanto te amo,
E por intimo amigo me tiveste.
Com attençaõ escuta o meu reclamo,
Naõ desprezes de ouvir là dessa altura
A baixa, & rouca voz, com que te chamo.
Que quando concedido da ventura
Me for o que eu por ti agora peço,
Naõ borrarâ o teu nome a fama escura.

Em tanto as baixas Rimas te offereço
Em penhor da vontade, & amor profundo,
Atê cumprir o que hora aqui profeço,
Que entaõ te cantarà por todo o mundo,
Com linguas mil a fama soberana,
E occupará teu nome sem segundo
Do patrio Tejo alem da Taprobana.

ELEGIA III.

A hũa Dama.

NAõ me julgueis, senhora a atrevimento
O que me faz fazer hum mal tão forte,
Que naõ me basta nelle o sofrimento.
Que tal me traz ja agora minha sorte,
Que me faz buscar vossa crueldade,
Donde sô por remedio espero a morte.
Naõ vos pude callar esta verdade,
Porque força não tem poder humano
Contra outro, que não tem humanidade.
Amor, que tudo faz para mòr dano
Me deu o mal; levoume o sofrimento,
Ah duro Amor, cruel, & deshumano.
Naõ vos lembre, senhora, meu tormento,
Que este bem o merece a ousadia
De eu empregar em vôs meu pensamento.
Lembrovos hum amor, que cada dia
Em mim taõ verdadeiro, & firme crece,
Que alheo me traz ja do que sohia.

Naõ

Naõ peço que o pagueis, como merece,
Que naõ mereço eu tanto, mas sò peço,
Que por mim naõ cuideis que desmerece.
Porque se sò por si he de tal preço,
Que a suprir basta seu merecimento
Quanto eu de minha parte desmereço.
Bem vejo que em tomar o sofrimento
Para viver, melhor remedio fora,
Que hum taõ desordenado atrevimento.
Mas eu, que do viver menos já agora
Que de todo à livro, pois crescendo
Vaõ com a vida os males cada hora.
Vos quiz manifestar meu mal, sabendo
A quanta desventura se aventura,
Quem pretende fazer o que eu pretendo.
Quizesse, ò oxalà, minha ventura,
Que castigasseis vòs esta ousadia
Com hũa cruel morte triste, & dura,
Que naõ seria morte, mas seria
Hum suave remedio doce, & brando
Deste mal, que me mata cada dia.
Atè quando, senhora, & atè quando
Terà lugar em vòs vossa crueza,
E a morte naõ em mim, q̃ a estou chamãdo?
Abrande meu amor vossa dureza,
Que esta alma em si trãsforma com tal cura,
Que ja naõ he amor, mas natureza.
Abrande já hũa vida, em que só dura
A alma, porque veja, & exprimente,
Que naõ tem fim a graõ desaventura.
Abrande ja hũa dor, que juntamente
A vida penetrou, & a alma triste,
E lhe roubou o estado seu contente.

Mostrai

Moſtraivos poderoſa em quem reſiſte
Em deſobedecer, ou enojarvos,
E naõ ja contra quem vos naõ reſiſte.
Em quem cuidar que digno foi de amarvos,
Moſtrai voſſo poder, pois o merece,
Em mim naõ, q̃ o naõ ſou taõ ſó de olharvos.
Attentai por hũa alma, que ſe eſquece
De ſi, porque em vós poz ſua lembrança,
E tal, que em nenhum tempo desfallece.
Nem ſoſpeito que poſſa aver mudança,
Num coraçaõ, que mais que a ſi vos ama,
Dailhe ja morte, ou vida, ou eſperança,
Que tudo ſerà gloria por tal dama.

Traducçaõ dos Verſos Propheticos da Sibilla Erithrea, que refere Santo Agoſtinho l. 18. c. 23 da Cidade de Deos, nos quaes pellas primeiras letras ſe lem Ieſu Chriſto Filho de Deos, & Salvador.

IUizo eſtremo, horrifico, & tremendo,
E Juiz ſempiterno, alto, & celeſte
Significarâ a terra humedecendo.
Ver ſeha nella hum ſuor, que manifeſte
Como em carne virâ Deos, a quem veja
O credulo, & incredulo terreſte.
Rey juſto, que almas, & que corpos reja
Juiz ſerà, quando eſte mundo inculto
Sobre eſpinhos crueis deitado ſeja.

Todo

Todo o vao simulacro, & rico culto
Ousará engeitar a gente, & guerra
Farà cõ mar o fogo, & cru tumulto.
Immensa a luz, que as carnes desenterra,
Lançarâ fóra as portas vãas do Averno,
Os justos seus levando à santa terra.
Outros, que saõ os maos, no fogo eterno
Deitarâ, descobrindose os segredos,
E sendo claro todo o feito interno.
Desfarseha a terra, os montes, & os penedos,
E serà tudo pranto, & estridor duro,
Obras de grande dor, & tristes medos.
Será tornado o Sol de todo escuro,
E destruida a machina do mundo,
Sem luz a Lua, Estrellas, & Orbe puro;
Altos serão os valles, & em profundo
Lugar se abaixàráõ os altos montes,
Verseha no mar o vento furibundo.
Haverá sò de fogo vivas fontes,
Da trombeta medrosa o som terribel
Ouvido fará pálidas as frontes,
Responderà dos maos gemido horribel.

A. B. C. *Feito em motes.*

A. A. A. A.

ANna quizestes que fosse
O vosso nome da pia
Para môr minha agonia.
Apelles se fora vivo,
E a vervos alcançára,
Por vós retratos tirára;

D Achilles

Achilles morreo no templo
Contemplando de giolhos;
Eu quando vejo esses olhos.
Artemisa sepultou
A seu irmaõ, & marido;
Vós a mim, & a meu sentido.

B.

BEm vejo que sois senhora
Estremo da fermosura,
Para minha sepultura.

C. C.

CLeopatra se matou,
Vendo morto a seu amante,
E eu por vós em ser constante.
Cassandra disse de Troya,
Que havia ser destruida,
E eu por vós d'alma, & da vida.

D. D.

DIdo morreo por Eneas,
E vós mataes quem vos ama,
Julgai se sois cruel dama.
Dianira innocente
Da mà morte causadora,
Vòs da minha sabedora.

E. E.

EUridice foi a causa
De Orpheo hir ao inferno,
Vôs de ser meu mal eterno.

F. F.

FEdra sò de puro amor
Morreo por seu enteado,
Eu morro de desamado.
Febo vai escurecendo
Ante vossa claridade,
E eu sem ter liberdade.

G. G.

GAlatea sois senhora,
Da fermosura estremo,
E eu perdido Polyphemo.
Genebra, que foi Rainha,
Se perdeo por Lançarote,
E vòs por me dar a morte.

H. H.

HErcules, hũa camisa
De chamas, ó consumio,
Minha alma desque vos vio.
Hebis, & Dido morrèrão
Com o rigor da mudança,
Eu vendo vossa esquivança.

I. II

Iudith, que o duro Holofernes
Degolou, se viva fora,
Mate lhe dereis senhora.
Iulio Cesar conquistou
O mundo com fortaleza,
Vòs a mim com gentileza.

L. L

Leandro se afogou,
E foi sua causa Hero,
E a mim o que vos quero.
Leandro se afogou
No mar de sua bonança,
Eu no de vossa esperança.

M. M.

MInerva dizem que foi,
E Pallas Deosas da guerra,
E vòs, senhora, da terra.
Medêa foi mui cruel,
Mas não chegou a metade
De vossa gram crueldade.

NArciso o siso perdeo
Em vendo a sua figura,
Eu por vossa fermosura,

Nim.

Nimphas enganaõ mil Faunos,
Com seu ar,& fermosura,
E a mim vossa figura.

O. O.

OS olhos choraõ o dano,
Que em vos verem sentirão,
Mas eu pago o que elles virão.
Orpheo com a doce Arpa
Venceo o reyno de Plutaõ,
Vòs a mim com perfeiçaõ.

P. P.

PAris a Helena roubou,
Por quem Troya foi perdida,
E vós a mim alma,& vida.
Pyrrho matou Policena
Perfeita em todos sinaes,
E vós a mim me mataes.

Q. Q.

QVanto mais desejo vervos,
Menos vos vejo senhora,
Naõ vos ver melhor me fora.
Querendo ver a Diana,
Acteon perdeo a vida,
Que eu por vós trago perdida,

R, R.

REmedio nenhum não vejo,
Que remedee meu mal;
Nem crueza á vossa igual.
Roma o mundo sogeita
Com armas, saber, temor,
Vós a mim só por amor.

S.

SErena na mòr Fortuna
Com enganos vai cantando
E vòs sempre a mim matando.

T. T.

THisbe morreo por Pyramo,
A ambos matou o Amor,
A mim vosso disfavor.
Thisbe pello seu amante
Morreo com amor sobejo,
Mas eu mais morto me vejo.

V. V.

VEnus, que por mais fermosa
Lhe deu Paris a maçãa,
Não foi quanto vòs louçãa.
Venus levou a maçãa,
Por vòs não serdes senhora
Nacida naquella hora.

X. X.

XPõ vos acabe em graça,
E vos faça piedosa,
Tanto, quanto sois fermosa.
Xantopea tornou atraz
Por Aponio a invocar,
E vòs naõ a meu chamar.

J. J.

JUlio Cesar se livrou
Dos imigos com abrolhos,
Eu naõ posso desses olhos.
Jaziase o Minotauro
Preso no seu laberinto,
Mas eu mais preso me sinto.

ESTANCAS

Na medida antiga, que tem duas contrariedades, louvando, & deslouvando huma Dama.

Sois hũa dama De grão merecer,
Das feas do mũdo sois bem apartada,
De toda a má fama andaes alongada
Sois cabo profũdo do bem parecer.
A vossa figura Bem claro mostraes
Naõ he para ver em vós fealdade,
Em vosso poder naõ ha hi maldade,
Naõ ha fermosura, que não precedaes.

Fostes dotada De fresco caraõ,
De toda a maldade, vos vejo ausente,
Perfeita beldade em vòs he presente
De vós he tirada a mà condiçaõ.
Sois muito acabada Em ter perfeiçaõ
De tacha, & de glòsa mui alhea estaes,
Pois quãto a fermosa mui muito alcançaes.
Em vós naõ ha nada De pouca razaõ.

MOTTE.

Catherina bem promete,
Ora mâ, como ella mente.

1 CAtherina he mais fermosa
Para mi, que a luz do dia,
Mas mais fermosa seria,
Se naõ fosse mentirosa:
Hoje a vejo piedosa,
A menhãa taõ differente,
Que sempre cuido que mente.
2 Prometeome ontem de vir,
Nunca mais appareceo,
Creo que não prometeo,
Senão sò por me mentir:
Fezme em fim chorar, & rir,
Rio, quando me promete,
Mas choro quando me mente.
3 Iuroume aquella cadella
De vir pella alma, que tinha,
Enganoume, & tinha a minha,
Deulhe pouco de perdella:
A vida gasto apoz ella,
Porque ma dá, se promete,
Mas tirama, quando mente.
4 Má, mentirosa, malvada,
Dizei, porque me mentis,
Prometeis, & então fugis,
Pois sem tornar, tudo he nada:
Naõ sois bem aconselhada,
Que quem promete, se mente,
O que perde naõ o sente,

5 Tudo vos consentiria
Quanto quizesseis fazer,
Se este vosso prometer
Fosse pormeter hum dia;
Todo entaõ me desfaria
Com gosto, & vòs de contente,
Zombarieis de quem mente.
6 Mas pois folgaes de mentir,
Prometendo de me ver,
Eu vos deixo o prometer,
Deixaime vôs o servir;
Haveis entaõ de sentir
Quanto a minha vida sente
O servir à quem lhe mente.
7 Catherina me mentio
Muitas vezes, sem ter lei,
E todas lhe perdoei
Por hũa sò que cumprio:
Se como me consentio
Fallarlhe, o mais me consente,
Nunca mais direi que mente.

MOTTE.

Sem vòs, & com meu cuidado.

GLOSA.

QUerendo Amor escondervos,
Em parte que vos naõ visse,
Com estremos de querervos,
Cegoume os olhos com vervos
Levouos, sem que os visse.

Eu

Eu cego, mas atinado,
Quando vi que vos não via,
Do mesmo Amor indignado,
Ja vedes qual ficaria
Sem vós, & com meu cuidado.

MOTTE.

A alma, que està ofrecida
A tudo, nada lhe he forte,
Assi passa o bem da vida,
Como passa o mal da morte.

GLOSA.

DE maneira me succede,
O que temo, & o que desejo,
Que sempre o que temo, vejo
Nunca o que a vontade pede.
Tenho tam offerecida
Alma, & vida a toda a sorte,
Que isso me dera da morte,
Como ja me dà da vida.

MOTTE.

Ferro, fogo, frio, & calma
Todo o mundo acabarão,
Mas nunca vos tirarão
Alma minha da minha alma.

GLOSA.

NAõ vos guardei quando vinha
Em torre, força, ou engenho
Que mais guardada vos tenho
Em vós, que sois alma minha.

Alli nem frio, nem calma,
Naõ podem ter jurdiçaõ,
Na vida sim, porèm não
Em vòs, que tenho por alma.

MOTTE.

Esperei, ja não espero
De mais vos servir senhora,
Pois me fazeis cada hora
Tanto mal, que desespero.

GLOSA.

POis sei certo que folgaes,
Quando mais mal me fazeis,
E que nunca descançaes,
Senaõ quando me mostraes
Quaõ pouco bem me quereis.
Servirvos mais naõ espero,
Pois meu viver empeora,
Com me fazerdes, senhora,
Tanto mal, que desespero.

ELEGIA IV.

NAõ porque de algum bem tenha esperança
Vos escrevo meu mal em tal estado,
Que sei, que em vòs farà pouca mudança.

Mas

Mas ja perdido,trifte,& magoada
Para remedio tomo efcrever dores,
Efperar de vòs outro he efcufado.
O que não faz Amor em meus amores,
O que lagrimas triftes não fizeraõ,
Bem menos o faraõ caufas menores.
Pois onde as mais tègora fe perdèraõ,
Percaõfe eftas palavras de meu fer,
Que pouco me doem ja,ja me doeraõ.
Sempre defte meu mal tive fofpeita,
Não que de todo em todo me faltaffe
Hũa efperança vãa em fim desfeita.
Faziame o defejo que efperaffe,
A razaõ doutra parte,que temeffe,
E de efperanças vãas naõ confiaffe.
Que olhaffe,que por ellas naõ perdeffe
A doce liberdade,o rifo,o canto,
De que depois em vão me arrependeffe.
Amor,que tudo pòde,pode tanto,
Que para ver o mal em que me vejo,
Me naõ deu olhos mais que para pranto.
Naõ curei a razaõ,fegui o defejo,
Outras coufas fegui,de qualidade,
Que choro,& callo,por naõ fer fobejo.
Pella voffa neguei minha vontade,
Logo como vos vi,no mefmo ponto
Vos entregou a vida a liberdade.
O que paffou depois,naõ vo lo conto,
De que ferve contar coufas fobejas,
A quem lhe foube dar hum tal defconto.
Ah efperanças minhas,ja perdidas,
Agora,para mais ter que contar,
Soube que foftes vãas,foftes fingidas.

Em

Em que posso, ou que devo hoje esperar,
Onde acharei de novo outros enganos,
Que possaõ desenganos enganar.
Mas he vento cuidar enganar danos,
O triste, que nem na alma tem alento?
Tem seu remedio sô no fim dos annos.
Ja naõ espero ver contentamento,
Perdi quanto esperei numa sô hora,
E não perdi em muitas o tormento.
E sobre tantas perdas, inda agora,
Que esperava de vôs a vôs queixarme,
Não mo consente Amor, que na alma mora.
Poemse diante, a fim sò de estorvarme,
Que vos offenderei, mostrando aqui,
Que tanta fè pagaes com maltratarme.
E entaõ este temor deixame assi,
Alem de magoado, frio, & mudo,
Rependido de quanto escrevi.
Cousas de vosso gosto ainda cudo,
Como se naõ cuidasse, o que não creo,
Naõ perder isto, como perdi tudo.
Mas vasse o medo ja, pois que ja veo
O desengano, sem se ter sabida,
Que a certeza podia ter receo.
Agora naõ me dà perder a vida,
Nem a deve recear quem a despreza,
Mataime, se de mim sois offendida.
Senaõ mateme ja minha tristeza,
Que este sò bem me fica, este me val,
Se mo não estorvar vossa crueza.
Quem se naõ espantará, vendome tal!
Temer, que o triste fim, que me ordenastes,
Mo negueis por remedio de meu mal.

Entre silvestres feras vos criastes,
  Pois dais por galardaõ do que esperava
  Cruezas desusadas do que usastes.
Quãntas lagrimas triste derramava,
  Quantos suspiros dava noite, & dia,
  Se vos naõ via, & em quanto vos olhava.
Tremia diante vòs, ausente ardia,
  Abrandava este mal ter para mim,
  Que sentia meu fogo essa alma fria.
Mas muito differente foi o fim
  De tudo o que cuidava no começo,
  Por onde de hum mal noutro, a tantos vim.
Vida para tal vida não vos peço,
  Morte para tal morte qual me mata
  Me podeis dar, que bem vo lo mereço.
Porque com a dor a lingoa se desata,
  E com gritos vos chama, & com razão
  Sem fê, desamoravel, cruel, ingrata.
Por isso acabai ja vossa tençaõ,
  Fartai, senhora, ja vossas cruezas
  No sangue desse triste coração.
Acabai de acabar tantas tristezas,
  Pois acabastes ja vãas esperanças,
  Acabem ja tãmbem minhas firmezas.
Acabe a vida, acabarão lembranças,
  Mas tudo está por vôs taõ acabado,
  Como muitas em mim as confianças,
  Que tanto me trouxerão enganado.

ELEGIA V.

Foime alegre o viver, jâ me he pezado,
Que do contentamento que sentia
A minha custa estou desenganado.
Ao regaço da morte a dor me guia,
Porèm, porque com vida mais me mata,
Dilatandoma vai de dia em dia.
Mandame Amor fugir da morte ingrata,
Pois naõ sofre limite em vós amor)
Que elle os laços ordena, elle os desata.
Lancei contentamentos a voar,
Tarde os espero ver, que he seu costume
Ter azas ao fugir, freyo ao tornar.
O pensamento posto em alto cume,
Para sacrificarse à vossa vista,
No coraçaõ me guarda eterno lume.
Com o pensamento os olhos tem conquista,
Pois sempre em vòs està, porque os naõ leva,
Que elle muro naõ tem, que lhe resista.
Ainda que minha alma em vòs se enleva,
Em todo tempo não deixa de arder,
Quãdo o mõte arde ẽ calma, ou quãdo neva?
Vivei cuidados em quanto eu viver,
Ou porque em sombras vossas sempre viva,
Ou porque me apresseis para morrer.
Vontade minha, sempre sois cativa,
Meu pensamento, nunca sois mudado,
Flamma de amor, sereis sempre em mi viva.

Suave cativeiro, doce estado,
Brando fogo de Amor, que em vòs guardaes
A fim de meu desejo retratado.
Nunca nesta alma minha, aonde estaes,
Faltèis, porque então falta a esperança,
Sem quem me falta a vida muito maes.
Senhora, em cujo peito odio, & mudança
Lançaõ fòra o Amor, & sua firmeza,
Que daes esquecimento por lembrança.
Armada dos espinhos da crueza,
Trazeis por apparencias a brandura
No rosto, a qual o peito pouco preza.
Mostroume hum leve bem minha ventura,
Pagueyo logo com longo tormento,
Que o gosto foge sempre, & a pena dura.
A tanta dor hum leve sentimento
Nunca em vós pude ver, quãto em vão digo,
Mais mudavel que o vento o dais ao vento.
No principio meu Fado me foi amigo,
Naveguei pello mar deste desejo,
Que leva de hum perigo a outro perigo.
Em vôs he pouco o amor, em mim sobejo,
Cresce em mim, falta em vòs, & de maneira,
Que de quanto em vòs vi, ja nada vejo.
Mostrouseme o tormento na primeira
Com rostro alegre, para que o seguisse,
E lanceime ao seguir nesta cegueira.
Fortuna, porque quiz, que eu o sentisse,
Mostrase, por mostrar qual dentro era,
Eu choro meu engano, & ella risse.
Quem em contentamentos vãos espera,
Espere cedo de desenganarse,
Que tem breves limites sua espera.

E Porém

Porèm quem ha, que mais queira livrarse
De tão doce prisaõ, ou quem deseja
Dos nôs desses cabellos desatarse.
Os olhos, a quem as luzes tem inveja,
Que em vòs o Amor de amor tẽdes vẽcido,
Quem ha que vos nāo ame, & vos não veja.
Rosto fermoso, em quem està esculpido
O mòr bem, que se pòde ver na terra,
Quem ha não queira ser por vòs perdido?
Olhai, senhora, as horas apressadas,
Que vem cobrindo o ouro dos cabellos
De neve, & torna as rosas descòradas.
Ireis ver ao cristal os olhos bellos,
E ja os naõ vereis quaes dantes eraõ,
Pois quaes entaõ seraõ, naõ queiraes vellos.
Usai dos bens, que vaõ como nascèraõ,
Olhai, que tudo desce de alto estado,
Que tambem os prazeres meus deceram;
Mas não descerá nunca meu cuidado.

ELEGIA VI.

NUnca hum apetite mostra o dano
Antes de ser de todo effeituado,
Mas no fim vem mostrar o desengano.
Dureza a causa, & eu desesperado,
Pello que imaginou o pensamento,
Ando por esta serra desterrado.
Espalhando a voz ao leve vento,
Delle sò consolado, delle ouvido,
O faço sabedor de meu tormento.

Que

Que monte ha, que naõ tenha ja movido,
Que aſpera montanha, ou roca dura,
A força de meu mal naõ merecido.
Nas duras pedras achaſe brandura,
Falta neſſe cruel humano peito,
Quem vio nunca mayor deſaventura!
Pouco pôde em ti amor perfeito,
Quando de hum movimento vive indigno,
Que ja mais ſe negou à hum ſogeito.
Da ventura; de vôs, de meu deſtino,
Pois todos contra mim ſaõ conjurados,
Eſte valle farei de meu mal digno.
Co elle a noite, & o dia meus cuidados
Paſſarei em acerba, & longa vida
Em queixas, & em ſuſpiros deſuſados.
Porque ſei que ſerâs diſſo ſervida,
Naõ deixarei dos montes a dureza,
Até tua vontade ſer movida.
Aqui me ſobirei na môr alteza
Da ſerra, onde logo contemplada
Serà tua perfeiçaõ, tua crueza.
A alma em ti ſò prompta, & occupada
Eſtando de tormento eſquivo, & duro,
Oprimida ſerâ de ti levada.
Diſcorrendo hum paſſo, & outro eſcuro,
De mal em mal, de hum em outro dano,
A paga tal verá de hum Amor puro.
E vendo aqui taõ claro o deſengano,
Cos olhos feitos fontes mudarâ
Lugar tão infelice, & deshumano.
E o que môr tormento lhe dará
A lembrança de algum contentamento,
Que inda que pequeno, magoará,

Farâ por divertir o pensamento
Desta parte tristissima mudando
Hũa lembrança chea de tormento;
Alli algum espaço porfiando,
Tendo por impossivel esquecerte,
Ficará ao vento vozes dando.
Alli se queixarà de conhecerte,
Alli dura, cruel, despiedosa
Dirà: Dize, que podes ja moverte.
Mais que Venus (dirà) dize, fermosa,
Quando nessa belleza pura, & rara
Se verà hũa hora piedosa.
Alli dirà, cruel, & quem cuidàrà
De hum espirito taõ resplandecente
Tão fera condiçaõ, & taõ avara.
Alli vivera triste, alli ausente,
O costumado mal por si sofrendo,
De o quereres tu tanto contente,
Como o mundo està ja conhecendo,

ELEGIA VII.

LA sierra fatigando de contino
Los passos vagarosos voy moviendo,
Perdiendo de la vida todo el tino,
De mis suspiros tristes no pudiendo
El alma apartar, y el pensamiento
De aquella por quien yo estoy muriendo:
Que aunque la ausencia es grave tormento,
Que te olvide en ello es impossible,
Que con amor no puede apartamiento.

Veote con ſpirito invisible
En el muy vivo tengo aquel meneo
Tan fiero para mi, y tan terrible.
Todo lo màs alegre triſte veo,
El freſco valle, el monte, la eſpeſſura,
La clara fuente enoja aun el deſeo.
El dia ſe me buelve en noche eſcura,
No puede amanecer de dò auſente
Tus claros ojos ſon, de tu hermoſura.
Permitte ya, ſeñora, que preſente,
Do quiera que tu luz es detenida
Sean el alma, y vida juntamente.
En tu ſervicio alli prompta la vida
Pornè en alma ſola en contemplarte,
Aunque me ſeas ſiempre endurecida.
El mal que hazes dulce en toda parte,
Sabroſo es el tormiento, yo lo quiero,
Pues es tu voluntad no ablandarte.
Que quando una hora venga, que no eſpero,
Piedoſa, y blanda más que las paſſadas,
Y me quieras oir, viendo que muero.
Las triſtes no ſeran de mi dexadas,
Que no ſabrè vivir ſin el eſtado
De penas, tanto tiempo ya provadas.
Hablo como furioſo, y tranſportado,
Pido lo que me es màs enojoſo,
Holgando de me ver tan olvidado.
Quien fatigado es, no dá repoſo,
Que ſufras con paciencia te conviene,
Las quexas del, que a ſi ſe es odioſo.
Al tiempo que bolando ya más viene
Mis deſuſadas bozes encomienda,
Que aſſi la triſte voz en ti detiene.

La fuerça del dolor ninguna emienda
Puede tomàr en mi, que satisfaga
Lo menos que la quexa en mi te ofienda.
Incurable parece una llaga,
Y lo es, que reciba de tu mano,
No quiera Amor, que yo jamâs deshaga
Su voluntad en esto, que es en vano.

ELEGIA IIX

DE peña en peña muevo las passadas,
La tristissima voz al ayre dando
Voy cantando mis quexas desusadas:
Incierto en el camino, que pisando
De un monte esquivo, al otro me encamina,
En medio dél estoy en ti pensando,
O rigoroso passo, y quan indigna
El alma veo aqui de sola una hora
Poder en ti pensar cosa tan digna.
Si el alma aun no es merecedora
Purissima, y perfecta, y que me puede
De esperança quedar en ti, señora?
Mas que puedo querer, Fortuna ruede,
Llevandome de un triste en otro estado,
Y si es tu voluntad un bien no quede.
En mi no vive ya, es transformado
En ti, el triste espirito, que tenia
De ti sola se quiere ver mirado,

Que

Que aunque en fatigas passe noche, y dia
De tu mano se viesse, ó en passo estrecho
La firme voluntad no mudaria.
Y si por realeza un blando pecho,
Que tanto tiempo fue endurecidó
Quisiesse ya mostrar un nuevo hecho.
Adó me llegaria aquel sonido
De tu nueva mudança, y mí ventura,
Al eco, al valle, al monte empedernido.
Dò no se cantaria tu blandura,
En que region estraña, ó nueva parte
Quedara por loar a tu hermosura.
Quien no pusiera estudio, ingenio, y arte,
Y quando todo nô, mucho dixiera,
Mostrando que cupiera en ti ablandarte.
Que roble, que leon, que tigre huviera,
Que aspera montaña intratada,
Que mis mudadas vozes no oyera.
Mas no quiere Amor, que la usada
Quexa, en estas sierras esparzida
De tanto tiempo ya sea dexada.
Ni tu querràs que yo dexe la vida,
Para me dar tormiento aun màs fiero,
Ni con tan luenga usança interrompida.
Cada hora más aspera te espero,
Que vengas pido, el mal sea mâs duro,
Que el que puedo sufrir, ya no lo quiero.
Pruevase este amor perfecto, y puro
En fatigas mayores, en crueza,
Quanto fuere mayor, es más seguro.
Excedes en las fieras en dureza,
Quando se ha visto en esta pura, y rara
Gracia, del duro monte la aspereza.

De los bienes que puedes dar avara
Al que puedes dar vida, y por ti pena,
Pues niegas lo que el mundo no pensâra,
Haze en tu voluntad, como ella ordena.

ELEGIA

Ao illustre senhor Pedro da Sylva.

Illustre, & nobre Sylva descendido
Do gram filho de Anchises valeroso,
Por armas, & por sangue esclarecido.
Que como forte, ousado, & piedoso
Aas costas salvou o pay de longos annos,
E o filho pella mão tenro, & mimoso.
E os Penates, que tinhão os Troyanos,
Tirou no mòr conflicto da Cidade,
Em que Gregos fizerão tantos danos.
Crescendo foi de hũa em outra idade
Esta illustre progenie generosa
Em virtude, valor, honra, & bondade.
Atè chegar â nossa tam ditosa,
Pois nelle o Ceo a ti Sylva nos deu,
Que a fazes com tuas obras mais fermosa.
Aonde o inclito Rey de motu seu,
Movido pello Spirito, que o guia
A mayores proesas, que a Theseo.
Pellas partes, que em ti ja conhecia,
Ou decreto de cima te escolheo
Por começo do fim que pretendia.

De

De Capitão de Tanger te proveo
Em tempo que o Maluco assaz valente
O grande Imperio de Africa venceo.
E sendo esta eleiçaõ do Rey valente,
Da cega inveja foste mormurado,
Porque ninguem escapou ao maldizente.
Naõ te negárão seres esforçado,
Mas dizião, que á guerra em tal idade
Servia Capitão exprimentado.
E que em tempo de tal necessidade
Convinha velho amparo, & forte escudo,
Em quem não possa haver temeridade.
Mas bem ao contrario se vio tudo,
Pois prudencia, & esforço juntamente
Em ti exprimentou o Mouro rudo.
Quando com gram conselho, & pouca gente
Atravessaste os campos Africanos,
Como gram Capitaõ, velho, valente.
E foste a parte, onde os Mauritanos
Naõ tinhaõ visto lança de Christãos
Havia longos tempos, longos annos.
Tomaste descuidado hum Capitão
No tempo, & assi na guerra exprimentado,
Em quem se confiava Tetuaõ.
Alafe, irmão de Alafe, nomeado,
Que naõ só o seu campo defendia,
Mas entrava no nosso confiado.
Este, que toda a grande Berberia
Tinha, por mui prudente, & animoso,
Agora o tens na tua estrebaria.
Que póde aqui dizer pois o envejoso,
Onde taõ claro vé, que nessa idade
Supre o nobre sangue generoso.

Não te dirâ, que foi temeridade
Para feito como este taõ valente,
Com ter seguro o campo, & a cidade.
Nem te pòde negar seres prudente,
Pois tempo, & conjunçaõ foste escolher
Em que naõ arriscaste a tua gente.
Mas assi te soubeste recolher
Com gram despojo feito, dènso dano,
Sem hum dos que levaste se perder.
O felice Varaõ, Sylva Troyano,
Quem te póde louvar, como venceste,
Pois no dia menor, que tinha o anno
O mayor feito em Africa fizeste.

SEXTINA,

A huns olhos, cujo rigor, & brandura celebra.

A Culpa de meu mal só vem meus olhos,
Pois que deraõ a Amor entrada na alma,
Para que perdesse eu a liberdade,
Mas quem póde fugir a hũa brandura,
Que depois de vos pór em tantos males,
Dà por bens o perder por ella a vida!
Assaz de pouco faz quem perde a vida
Por condiçaõ taõ dura, & brandos olhos,
Pois de tal qualidade saõ meus males;

Que

Que o mais pequeno delles toca na alma,
Não se engane com mostras de brandura
Quem quizer conservar a liberdade.

Roubadora he de toda a liberdade
(E oxalà perdoasse á triste vida?)
Esta, que o falso Amor chama brandura.
Ay, meus antes imigos, que meus olhos,
Que mal vos tinha feito esta vossa alma,
Para vòs lhe fazerdes tantos males!

Creção de dia em dia embora os males,
Percase embora a antiga liberdade,
Transformese em Amor esta triste alma:
Padeça embora esta innocente vida,
Que bem me pagão tudo estes meus olhos,
Quando de outros, se os vẽ, vem a brãdura.

Mas como nelles pòde haver brandura,
Se causadores saõ de tantos males!
Engano foi de Amor, porque meus olhos
Dessem por bem perdida a liberdade,
Jà não tenho que dar, senão a vida,
Se a vida ja não deo, quẽ ja deo a alma.

Que pòde ja esperar, quem a sua alma
Cativa eterna fez de hũa brandura,
Que quando vos dà morte, diz que he vida!
Forçado me he gritar nestes meus males,
Olhos meus, pois por vòs a liberdade
Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.

Chorai meus olhos sempre danos da alma,
Pois dais a liberdade a tal brandura,
Que para dar mais males, dà mais vida.

SEXTINA

SEXTINA,

A morte de Natereia, como a Egloga 15. & nella se vem muitos pensamentos ajustados a este Poema.

O Triste, ó tenebroso, ó cruel dia
Amanhecido sô para meu dano?
Pudesteme apartar daquella vista
Porquem vivia com meu mal contente!
Ah! se o supremo foras desta vida,
Que em ti se começara a minha gloria.
Mas como eu não naci para ter gloria,
Senão pena, que creça cada dia,
O Ceo me està negando o fim da vida,
Porque não tenha fim com ella o dano,
Para que nunca possa ser contente,
Da vista me tirou aquella vista.
Suave, deleitosa, alegre vista,
Donde pendia toda a minha gloria,
Porquem na mòr tristeza fui contente;
Quando serà que veja aquelle dia,
Em que deixe de ver tam grave dano;
E em que me deixe tam penosa vida?
Como dezejarei humana vida
Auzente de hũa mais, que humana vista,
Que tam glorioso me fazia o dano?
Vejo o meu dano sem a sua gloria,
Aa minha noite falta já seu dia:
Triste tudo se vè, nada contente.

Pois

Pois sem ti ja naõ posso ser contente,
Mal posso desejar sem ti a vida,
Sem ti ja ver não posso claro dia:
Naõ posso sem te ver desejar vista,
Na tua vista só se via a gloria,
Naõ ver a gloria tua, he ver meu dano.
Não via mayor gloria, que meu dano,
Quando do dano meu eras contente,
Agora me he tormento a mayor gloria;
Que pòde prometerme Amor na vida,
Pois tornarte não póde á minha vista,
Que sò na tua achára a luz do dia.
E pois de dia em dia cresce o dano,
Não posso sem tal vista ser contente,
Sò com perder a vida acharei gloria.

SEXTINA,

Composta ao mesmo intento da passada.

SEmpre me queixārei desta crueza
Que Amor usou comigo, quando o tempo,
A pesar de meu triste, & duro Fado,
A meus males queria dar remedio,
Em apartar de mim aquella vista,
Por quem me contentava a triste vida.
Levarame, oxalá, com ella a vida,
Para que naõ sentìra esta crueza
De me ver apartado de tal vista,

E prasa Deos naõ veja o proprio tempo
Em mim, sem esperança de remedio,
A desesperaçaõ de hum triste Fado.
Porém ja acabe o triste, & duro Fado,
Acabe o tempo ja taõ triste vida,
Que em sua morte só tem seu remedio.
O deixarme viver he mòr crueza,
Pois desespero ja de em algum tempo
Tornar a ver aquella doce vista.
Duro Amor, se pagàra só tal vista
Todo o mal, que por ti me fez meu Fado,
Porque quizeste que o levasse o tempo?
E tambem se quizeste, porque a vida
Me deixas, para ver tanta crueza,
Quando em não vella sô vejo o remedio?
Tu só de minha dor eras remedio,
Suave, deleitosa, & bella vista,
Sem ti, que posso eu ver, senão crueza,
Sem ti, qual bem me póde dar o Fado,
Senaõ consentir que acabe a vida?
Mas elle della me dilata o tempo.
Azas para voar vejo no tempo,
Que com voar, a muitos foi remedio,
E sò naõ voa para a minha vida,
Para que a quero eu sem tua vista?
Para que quer tambem o triste Fado,
Que naõ acabe o tempo tal crueza.
Não poderáõ fazer crueza, ou tempo,
Força de Fado, ou falta de remedio,
Que essa vista me esqueça em toda a vida.

ODE

ODE.

Amores de Peleo com Thetis, & como de entrambos nasceo o forte Achilles.

NAquelle tempo brando,
Em que se vè do mundo a fermosura,
Que Thetis descançando
De seu trabalho esta fermosa, & pura,
Cançava Amor o peito
Do mancebo Peleo de hum duro affeito.
Com impeto forçoso
Lhe avia ja fugido a bella Nympha,
Quando no tempo aquoso
Noto irado revolve a clara lympha,
Serras no mar erguendo,
Que os cumes dos outeiros vem lambendo.
Esperava o mancebo
Com a profunda dor, que na alma sente
Hum dia, em que ja Phebo
Começava a mostrarse ao mundo ardente,
Soltando às trenças de ouro,
Em que Clycie de amor faz seu thesouro.
Era no mez, que Apollo
Entre os irmãos celestes passa o tempo,
O vento enfrea Eolo,
Para que o deleitoso passatempo
Seja quieto, & mudo,
Que a tudo Amor obriga, & vence tudo.

O

O luminoso dia
Os amorosos rayos despertava
As cega idolatria,
Que ao peito mais contenta, & mais agrava,
Onde o cego menino
Faz que os humanos creaõ que he divino.
Quando a fermosa Nympha
Com todo o ajuntamento venerando
Na cristalina lympha
O cristalino corpo està banhando,
Nas agoas, o qual vendo
Nelle, alegre de o ver, se está revendo.
O peito diamantino,
Em cuja branca teta Amor se cria,
O gesto peregrino,
Cuja presença torna a noite em dia,
A graciosa boca,
Que a Amor cõ seus amores mais provoca.
Os rubìs gtaciosos,
As pèrolas, que escondem vivas rosas
Dos jardins deleitosos,
Que o Ceo plantou em faces taõ fermosas,
O transparente collo,
Que ciumes a Daphne faz de Apollo.
O subtil movimento
Dos olhos, cuja vista a Amor cegou,
A Amor, que com tormento
Glorioso, nunca delles se apartou,
Pois elles de contino
Nas meninas o trazem por menino.
Os fios derramados
Daquelle ouro, que o peito mais cobiça,
Donde Amor, enredados
Nos

Nos coraçoens humanos fogo atiça,
E donde com deſejo
Mais ardente, começa a ſer ſobejo.
O mancebo Peleo,
Que de Neptuno eſtava aconſelhado,
Vendo na terra o Ceo,
Em tão bella figura trasladado,
Mudo hum pouco ficou,
Porque Amor logo a falla lhe tirou.
m fim querendo ver
Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A viſta foi perder,
Porque de puro amor, Amor não via,
Vioſe aſſi cego, & mudo,
Por a força de Amor, que póde tudo.
Agora ſe aparelha
Para a batalha, agora remetendo,
Agora ſe aconſelha,
Agora vai, agora eſtá tremendo,
Quando ja ce Cupido
Com nova ſetta o peito vio ferido.
Remete o moço logo
Para onde eſtava a chaga ſem ſocego,
E com o ſobejo fogo,
Quanto mais perto eſtava, então mais cego,
E cego, & cum ſuſpiro,
Na ferm ſa Donzella emprega o tiro.
Vingado aſſi Peleo,
Naſceo deſte amoroſo ajuntamento
O forte Lariſſeo,
Deſtruiçaõ do Phrygio penſamento,
Que por não ſer ferido,
Foi nas agoas Eſtygías ſubmergido.

ODE II.

IA a calma nos deixou
Sem flores as ribeiras deleitosas,
Ia de todo secou
Candidos lyrios, rubicundas rosas,
Fogem do grave ardor os passarinhos
Para o sombrio amparo de seus ninhos.
Menea os altos freixos
A branda viraçaõ de quando em quando,
E de entre varios seixos
O liquido cristal sae murmurando
As gotas, que das alvas pedras saltaõ,
O Prado, como perolas, esmaltaõ.
Da caça ja cançada
Busca a casta Titanica a espessura,
Onde â sombra inclinada
Logre o doce repouso da verdura,
E sobre o seu cabello ondado, & louro
Deixa cair o bosque o seu thesouro.
O Ceo desempedido,
Mostrava o lume eterno das Estrellas,
E de flores vestido
O campo, brancas, roxas, & amarellas,
Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.
Porém como o menino,
Que a Iupiter por a Aguia foi levado
Ao cerco cristalino,

Por

Por do amante de Clicie visitado,
O Bosque chorarâ, chorarà a Fonte,
O Rio, o Arvoredo, o Prado, o Monte;
O mar, que agora brando,
He das Nereidas candidas cortado,
Logo se irà mostrando
Todo em crespas escumas empollado;
O soberbo furor do negro vento
Farà por toda a parte movimento.
Ley he da natureza
Mudarse desta sorte o tempo leve;
Succeder à belleza
Da Primavera o fruto, a elle a neve;
E tornar outra vez por certo fio
Outono, Inverno, Primavera, Estio.
Tudo em fim faz mudança;
Quanto o claro Sol vé, quanto alumia;
Não se acha segurança
Em tudo quanto alegra o bello dia,
Mudaõse as condiçoens, mudase a idade;
A bonança, os estados, & a vontade.
Sómente a minha imiga
A dura condição nunca mudou,
Para que o mundo diga,
Que nella ley tão certa se quebrou;
Em naõ verme, ella sô sempre está firme,
Ou por fugir de Amor, ou por fugirme.
Mas ja sofrivel fora,
Que em matarme ella sò mostra firmeza;
Se naõ achàra agora,
Tambem em mim mudada a natureza;
Pois sempre o coraçaõ tenho turbado,
Sempre de escuras nuvẽs rodeado.

Sempre exprimento os fios,
Que em continuo receo Amor me manda;
Sempre os dous caudaes rios,
Que em meus olhos abrio quẽ nos seus anda
Correm, sem chegar nunca o Verão brando,
Que tamanha aspereza vá mudando.
O Sol sereno, & puro,
Que no fermoso rosto resplandece,
Envolto em manto escuro,
Do triste esquecimento, não parece;
Deixando em triste noite a triste vida,
Que nunca de luz nova he soccorrida.
Porèm seja o que for,
Mudese por meu dano a natureza,
Perca a inconstancia Amor,
A fortuna inconstante ache firmeza,
Tudo mudavel seja contra mi,
Mas eu firme estarei no que emprendi.

CAN-

CANÇAM I.

Celebrase hũa rara fermosura natural sem enfeite algum, & em cada ramo pondera hũa parte sua, dizendo que com ella podia render hum Planeta.

Nem roxa flor de Abril,
Pintor do campo ameno, & da verdura
Colhida entre outras mil
Foi nunca assi agradavel â donzella
Cortez, alegre, & bella,
De sua mão cuidado, & gloria pura;
Como a mi foi a inculta fermosura
Natural, que pudera
A Saturno render na sua esfera.

Natural fonte agreste,
Naõ lavrada de artifice excellente,
Nem por arte celeste
Derivada de rustico penedo,
Naõ fez ja mais taõ ledo
Cançado caçador por sesta ardente,
Quanto o cuidado a mi me faz contente
De ver taõ descuidado,
Que faz sereno a Jupiter irado.

Fruita, que sem concerto
Naturalmente em ramos se pendura,
Achada por acerto,

A quem pintada a vé de sangue, & leite,
Não lhe dará o deleite,
Que essa graça me dá sem compostura,
Ornamento da mesma fermosura,
E o toucado sem arte,
Que tornarà Pastor ao bravo Marte.
A menhãa graciosa,
Que derramando sae dentre os cabellos
A Flor, o Lyrio, a Rosa,
Sem ajuda de ornato, ou de artificio,
Não faz o beneficio,
Que faz a luz de vossos olhos bellos
A quem os vè taõ puros, & singellos,
E esse innocente riso,
Por quem Apollo o Tejo torna Amphryso.
Outeiros coroados
Das arvores, que fazem a espessura
Com os ramos copados,
Alegre, que mão destra os não cultiva,
Graça tão excessiva
Não tem na sua natural verdura,
Quanta na desses olhos clara, & pura
Deposita a esperança,
Com q̃ Amor gosto, a mãy tormento alcãça.
Dos simples passarinhos
A musica sem arte concertada,
De entre os verdes raminhos
Taõ suave naõ he, taõ deleitosa,
A quem na selva umbrosa
Com mente, ouvindoa está toda elevada,
Quanto a mim essa falla doce agrada,
E o natural aviso,
Que roubaõ a Mercurio cetro, & siso.

De frescos rios agoa,
Que clara entre arvoredos se deriva,
Caindo de alta fragoa,
Esmaltando de perolas no prado
O verde delicado,
Com brando som aos olhos fugitiva,
Não nos alegra quanto a graça esquiva
De essa luz soberana,
Que faz cortez a rustica Diana.
A tal luz (ò Canção, que ousaste vella)
Vendo estàs ja postrado
Saturno triste, Iupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,
E Mercurio, & Diana, & toda Estrella.

As tres Cançoens seguintes andão cõ muitos erros impressas nas Miscellaneas de Miguel Leytão, he certo serem de Luis de Camoens, como se colhe de alguns manuscritos, a quem seguimos, & com quem as emmendamos.

CANÇAM 2.

A hum Pomar.

O Pomar venturoso,
Onde com a natureza
A subtil arte tem demanda incerta;
Que em sitio tão fermoso
A maior subtileza
De engenho, em ti nos mostra descuberta:
Nenhum juizo acerta
De cego, & de enlevado,
Se tem em ti mais parte
A natureza, ou a arte;
Se terra, ou Ceo de ti tem mais cuidado,
Pois em feliz terreno
Gozas de hum ar mais puro, & mais sereno.
De teu fermoso pelo
Se mostra o monte ledo,
E o caudeloso Zezare te estranha;
Porque olhas com despreso
Seu cristal puro, & quedo,
Que com Pera os teus pès rodea, & banha.
Em ti pintura estranha,
A que Apelles cedera,
Enigmas intricados,
E mirtos animados,
Vemos, que o proprio Escopas não fizera:
Em ti co a paz interna
Tem o santo Prazer morada eterna.

Os

Os jardins da famosa
Babel tão nomeados,
Por maravilha o mundo não levante,
Inda que com gloriosa
Voz, que estaõ pendurados
Do instavel àr a Fama antiga cante?
Nem haja quem se espante
Dos famosos de Alcino,
Nem as mais doctas penas
Cantem os de Mecenas,
Cultor de todo engenho peregrino,
Mas onde quer que voe,
De ti sò falle a Fama, & te pregoe.

Que se era antigamente
De pomos de ouro bellos
O jardim das Hesperidas ornado,
E a pesar da serpente,
Que os guardou só colhellos
Pode o famoso Alcides de esforçado:
Tu mais avantejado,
Mostras a huma alma casta
Seguir o que dezeja,
Fugir da torpe inveja
(Pomos de ouro, que o tempo não côtrasta)
Em fim cõ a charidade,
Vencer o Inferno, abrir a Eternidade.

Por tanto da ventura,
Para ti reservada,
Te deixa o Ceo gozar perpetuamente,
Porque sejas figura
Da gloria avantejada
Delle mesmo, & que em si se represente;
Porque em quanto sustente

O Ceo,

O Ceo, o Mar, & a Terra
Seus feitos milagrosos,
Mysterios mais gloriosos,
Com que a morte das almas nos desterra,
Por onde em nossas almas
Com mais pompas triũfa, & cõ mais palmas.

Goza pois longamente
Teu venturoso Fado,
Da mãy do teu Author bem possuido,
Que em ti sempre contente
De seu sublime estado
A alma dos seus alegra, & o sentido,
Cada qual preferido
Nas grandes qualidades
Ao sabio Nestor seja,
Para que o mundo os veja
Exceder as longuissimas idades,
E com a longa vida
Seja sua memoria ennobrecida.

Canção, pois mais famosa
Por ti naõ podem ser
Deste monte as estancias deleitosas,
Bem póde succeder,
Que aquelle que os teus numeros governa
Por querellas cantar te faça eterna.

CANÇAM

Moſtra o Poeta não produzirem as cauſas ſeus communs effeitos nelle, mas outros contrarios.

QUem com ſolido intento
Os ſegredos buſcar da natureza,
Quanto de Athenas preza,
Entregue ao mar *irado*, ao *leve vento*;
Em forjar meu tormento
Nova Philoſophia
De experiencias feita Amor me *enſina*.
Das leys do antigo tempo bem *declina*,
Que Amor, & a natureza em mim *varia*,
Donde eſcolas de ſabios nunca vio
Em natural ſogeito,
Quanto Amor em meu peito deſcobrio.
As aves no ar ſereno,
O gado de Protheo nas agoas pace,
Vive o homem, & nace
Neſte mundo, qual mundo mais pequeno;
Eu tudo deſordeno
Em todos dividido,
Na boca o ar, na terra o entendimento:
Dame eſſe Amor, dame eſta o penſamento,
O coração no fogo he conſumido:
Mas a agoa, que dos olhos ſempre deſce
Tem effeito tão vario,
Que em hũ humor contrario o fogo creſce.

Da

Da vista Amor sohia
Abrir ao coraçaõ segura entrada;
Ley he ja profanada,
Que quando a luz de hũs olhos me feria,
Amando o que naõ via,
Qual de escopeta o lume,
Primeiro o querer vi, que a causa visse,
Quem o desejo com a esperança unisse
Cego iria apoz cego, & vil costume,
Que eu desta alma das leyes do mũdo izẽta,
Morta a esperança vejo,
Onde sempre o dezejo se sustenta.

Em vaõ se considera
Que hum semelhante á outro busca, & ama,
E que foge, & desama
Todo mortal a morte esquiva, & fera,
Seja hũa linda fera
Que esconde em vista humana
Coração de diamante, & peito de aço,
De meu sangue faminta, & satisfaço
Com cruel morte a sede deshumana:
Assi que sendo em tudo differente
Corro apoz minha sorte,
E se me entrego á morte estou contente.

Cõ e em mayor deffeito
Quem cuida ser sciencia clara, & certa,
Que a causa descuberta
Sempre produz assi conforme o effeito:
Rendeome hum lindo objeito,
Que sendo neve pura
Vivo me abrasa, & o fogo interno aviva?
Que esta fermosa fera fugitiva,
Com ser neve de fogo se assegura:

Don.

Donde infiro por certo(& cesse a fama
Vãa,mentirosa,& leve)
Que não desfaz a neve ardente chama.
Bem no effeito se sente
Cessar,cessando a causa donde pende;
Que o fogo mais se acende,
Estando à vista donde mais ausente;
Mas na alma vivamente
A trazem dibuxada,
De noite Amor,de dia o pensamento,
E quando Apollo deixa o claro assento,
Por entre sombras vejo a Nympha amada,
Pois se sem luz Amor os olhos ceva,
Cego,se não concede,
Que em nada Amor impede a escura treva.
Erra quem atrevido
Pregoa ser maior que a parte o todo:
Amor me tem de medo,
Que estou numa alma minha convertido:
Desta gloria ha nacido
O temor de perdella,
E posto que o receo a muitos finge
Lá na imaginação Chymera,& Esfinge,
De mal futuro,que urde imiga estrella,
Vejo em mim,por incognito segredo,
Quando estou mais contente,
Que só do bem presente nasce o medo.
Temse por manifesto
Parecer se ao sogeito o accidente,
Mas inda em mim se sente
O pensamento,a cor,o riso,o gesto,
Da vida ja perdido
Neste tormento meu tão duro,& esquivo,

E sendo

E sendo morto ja vive o sentido,
Porque sente que na alma despedida,
Pòde em meu mal unirse
O ficar, & o partirse, a morte, & a vida.
Destas razoẽs, Canção, infiro, & creo,
Que ou se mudou em tudo a fórma usada
Da natural firmeza,
Ou tenho a natureza em mi mudada.

CANÇAM

Sua materia tem l. de C. tambem na Cançaõ 1. & 4. & na Ecl. 2. & 3. que saõ sonhos.

QUe he isto? sonho? ou vejo a Ninfa pura,
Que sempre na alma vejo!
Ou me pinta o desejo
O bem, que em vão cada hora me assegura?
Mal pòde a noite escura
Amando a sombra fria,
Mandarme em sonho a luz fermosa, & bella,
Qne se naõ torne em dia
De seus luzentes rayos inflamada.
O vista desejada
De graciosa Nympha, & viva estrella!
Que ha tanto que por este mar navego,
(Sem ver meu claro Polo) escuro, & cego.

Nesses

Nesses fermosos olhos de enlevado
Minha alma se escondeo,
Quando ordenava o Ceo,
Que vivesse comigo desterrado.
Vòs a mais certa estrada
De ver a Summa Alteza,
Do effeito a causa abris a esta alma minha,
Assi mortal belleza
Sò della nasce, & della se resume,
Assi celeste lume
Là dos Ceos se deriva, & là caminha,
Pois como a Deos unirme a vista possa,
Porque a negaes, meu *Sol*, a esta alma vossa.

Se me quereis prender a parte a parte
Cabello ondado, & louro,
Teceime a rede de ouro,
Em que prẽdeo Vulcano a Cypria, & Marte;
Desque com gentil arte
Vestis de flores bellas
A terra, em que tocaes com a bella planta;
Quantas vezes com vellas,
Quiz numas dessas flores transformarme?
Porque vendo pisarme
De esse candido pè, que a neve espanta,
Póde ser que na flor mudado fora,
Que deu a Iuno irada a linda Flora.

Mas onde te acolheste (ò doce vida)
Mais leve, & presurosa,
Do que na selva umbrosa,
Cerva de aguda setta vai ferida?
Se para tal partida
Meus olhos vos abristes,
Cerraravos o somno eternamente;

Antes

Antes que vervos triftes,
Perdendo taõ fuave,& doce engano:
Agora,com meu daño,
Vedes,para môr magoa,claramente,
Nefte bem fugitivo,& fomno leve,
Que mal naõ ha mais lõgo,q̃ hũ bem breve.
Ditofo Endimião, que a Deofa cara,
Que a noite vai guiando,
Teve em braços fonhando?
Ah,quem de fonho tal nunca acordára!
Tu fó, Aurora avara,
Quando os olhos ferifte,
Me matafte,cruel, de inveja pura:
Mas fe defta alma trifte
A negra efcuridão vencer quizefte,
Sabe,que em vão nafcefte,
Que para desfazerfe a nevoa efcura
De meus olhos, importa eftar prefente
Outro Sol,outra Aurora,outro Oriente.
Se a luz de meu Planeta
Naõ me aviva, Canção,branda, & quieta,
Qual flor de chuva em breve confumida
Verás desfeita em lagrimas a vida.

CANÇAM

POr meyo de hũas serras mui fragosas,
Cercadas de sylvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm peremnes agoas deleitosas:
Na ribeira de Buina, assi chamada,
Celebrada;
Porque em prados
Esmaltados
Com frescura
De verdura,
Assi se mostra amena, assi graciosa,
Que excede a qualquer outra mais fermosa.
As correntes se vem, que aceleradas,
As aves regalando, & as boninas,
Se vaõ a entrar nas agoas Neptuninas,
Por diversas ribeiras derivadas:
Com mil brancas conchinhas la aurea area,
Bem se arrea;
Voaõ aves,
Mil suaves
Passarinhos
Nos raminhos
Acordemente estão sempre cantando
Com doce accento os ares abrandando.
O doce Roixinol num ramo canta,
E do outro o Pintasirgo lhe responde,
A Perdiz, de entre a mata, em q̃ se esconde,
O caçador sentindo, se levanta:
Voando vai ligeira mais que o vento,
Outro assento
Vai buscando;

Porém quando
Vai fugindo
Retinindo,
Tras ella mais veloza setta corre,
De que ferida logo cae, & morre.
Aqui Progne de hum ramo em outro ramo,
Com o peito ensanguentado anda voando,
Cibato para o ninho anda buscando,
A leda Codorniz vem ao reclamo
Do sagaz caçador, que a rede estende,
E pretende
Com engano
Fazer dano
Aa coitada,
Que enganada
De huns esparzidos graõs do louro trigo,
Nas maõs vai a cair de seu imigo.
Aqui soa a Calhandra na parreira,
A Rola geme, palra o Estorninho,
Sae a candida Pomba de seu ninho,
O Tordo pousa em cima da oliveira:
Vaõ as doces abelhas sussurrando,
E apanhando
O rocio
Fresco, & frio,
Por o prado
De erva ornado,
Com que o bravo licor fazem, que deu
Aa humana gente a industria de Aristeu.
Aqui as uvas luzidas penduradas
Das pampinosas vides resplandecem,
As frondiferas arvores se ofrecem,
Com differentes fruitos carregadas:

Os

Os peixes na agoa clara andão saltando,
Levantando
As pedrinhas,
Eas conchinhas
Rubicundas,
Que as jocundas
Ondas consigo trazem, crepitando
Por a praya alva com ruido brando.
Aqui por entre as selvas se levantão
Animaes calidonios, & os Veados
Na fugida inda mal assegurados,
Porque do som dos proprios pès se espantão:
Sae o Coelho, a Lebre sae manhosa,
Da frondosa
Breve mata,
Donde a cata
Caõ ligeiro,
Mas primeiro,
Que ella ao contrario fèrvido se entregue,
A vezes deixa em branco a quem a segue.
Luzem as brancas, & purpureas flores,
Com que obrando Favonio a terra esmalta,
O fermoso Iacinto alli não falta,
Lembrado dos antigos seus amores:
Inda na flor se mostraõ esculpidos
Os gemidos;
Aqui Flora
Sempre mora,
E com Rosas
Mais fermosas,
Com lirios, & boninas mil fragrantes
Alegra os seus amores inconstantes.
Aqui Narciso em liquido cristal
Senamora de sua fermosura, Nel-

Nelle os pendentes ramos da espessura,
Dibuxandose estaõ ao natural,
Adonis, com que a linda Cytherea
Se recrea,
Bem florido,
Convertido
Na bonina,
Que Ericina
Por imagem deixou de qual seria
Aquelle, por quem ella se perdia.

Lugar alegre, fresco, acomodado,
Para se deleitar qualquer amante,
A quem com sua ponta penetrante
O cego Amor tivesse derribado:
E para memorar ao som das agoas
Suas magoas
Amorosas,
As cheirosas
Flores vendo,
Escolhendo
Para fazer preciosas mil capellas,
E dar por graõ penhor a Nymphas bellas.

Eu dellas por penhor de meus amores,
Hũa capella à minha Deosa dava,
Que lhe queria bem, bem lhe mostrava
O bem me queres entre tantas flores:
Porém, como se fora mal me queres,
Os poderes
Da crueldade
Na beldade
Bem mostrou;
Desprezou
A dadiva de flores, não por minha,
Mas porque muitas mais ella em si tinha.

A ElRey D. Sebaſtião.

REY bemaventurado, em quem parece
Aquella alta eſperança ja comprida,
De quanto o Ceo,& a terra te offerece.
De Deos fermoſa planta, concedida
A lagrimas de Amor, & lealdade,
Bem noſſo sô,de noſſa vida vida.
Em quanto eſta innocente,& branda idade,
Por Deos creſcendo vai felicemente,
Tè o mundo encher de nova claridade.
Em quanto eſte teu Povo,& do Oriente
Novo acreſcentamento por ti eſperaõ,
De outros Reys,doutras terras, doutra gente.
Taes promeſſas os Ceos de ti nos derão
No teu tão milagroſo naſcimento,
E eſprito igual em ti a ellas puzerão.
Eu levado de amor,de ſanto intento
(Quem ante eſſa brandura temeria)
Deterte com meu verſo hum pouco eſpero.
Depois virà hum tão ditoſo dia,
Que as tuas Reaes Quinas deſpregadas
Na multidão de toda a Berberia.
As vitorioſas frotas carregadas
Das cativas Coroas,& bandeiras,
De outro eſprito mayor ſejão cantadas.
Agora ouve,Senhor,as verdadeiras
Muſas,que levão os Reys a eſta alta gloria,
Tendo por armas ſó vèlas ligeiras.
Quantas armadas conta a antiga hiſtoria,
Quantos grandes exercitos perdidos,

Deixàrão aos mais pequenos a victoria.
Esses tanto no mundo conhecidos,
Cujos nomes vencèrão tantos annos,
Não foraõ sò por força obedecidos.
Não se subjigaõ coraçoens humanos
De boa vontade,à força hum peito aberto
Os vence de bom amor,sem arte, & enganos.
Nesta sombra,onde tudo anda encuberto,
Quem da verdade vè mais que a figura!
Quem seu passo direito leva,& certo!
Huns fallos longes de hũa vãa pintura,
Com sua cor,ao parecer lustrosa,
Quantos detem com falsa fermosura!
Não tem cores,nem dobras a fermosa
Verdade,que buscaes,ò gente cega,
Humilde,& nua està,não tão custosa:
Não he hum sò Cupido,que almas cega,
Mais ha no mundo que huns sós vãos amores,
Que he tudo o que à vontade mal se entrega.
Aquelles, que do Amor foraõ pintores,
Que os olhos lhe tiràrão,& o descubrìrão,
Pintarão para Reys,& Emperadores.
Altos engenhos,que em figura virão
As forças deste proprio amor imigo,
Que moço,& cego,& nu,&cruel fingírão.
Cada hum traz em si mesmo seu perigo,
Herdado desta natural fraqueza,
Que tanto fazem homem de si amigo.
Iguaes somos,Senhor,na natureza,
Assi entramos na vida,assi sahimos,
O entendimento he nossa fortaleza.
Igualmente de hum sò principio vimos,
Igualmente a hum fim todos corremos,

E hũa

E hũa estrada commum igual seguimos.
Na terra a morte, a vida nos Ceos temos,
Quanto esta terra mais que os Ceos olhamos,
Tanto caminho do bom fim perdemos.
Cegos de nòs, que nos tão mal trocamos,
Que a parte vil, & baixa senhorea,
E o mais alto ao mais baixo cativamos.
Força cruel, que dentro em nôs guerrea,
Vemos a cega vontade, a razão clara,
E leva assi de nós victoria fea.
Aquelle lume, que a alma illustra, & aclara,
Apagado por nòs, nelle he perdido,
Como mortos nos deixa, & a desampara:
Deu o remedio Deos, eis hum erguido
Por elle em poder alto, do que o povo
He ja por bem levado, ou constrangido.
Não he nome de Rey titulo novo,
Co elle começou o mundo, & dura,
Por fabulas antigas não me movo.
Depois que daquella alta fermosura
Veyo o primeiro homem, & a triste sorte
O envolveo nesta sombra grossa, & escura,
Fugio a luz, entrou armada a morte,
Cumprio nova vigia, & guarda, & ley,
Que o cego mostre a luz, & obrigue o forte.
Elegeo Deos Pastor a sua Grey,
Vio tambem a razão necessidade,
Eis aqui eleito hum Rey, eis outro Rey.
Conforme, & junto o povo nũa vontade,
Num sò por bem commum todos poderes,
Prometendo obediencia, & fieldade,
Obrigaraõ suas vidas, seus averes,
Prometeo o bom Rey justiça, & paz,

E remedio, & soccorro a seus misteres.
Dalli sogeito ao Rey o povo jaz,
Dalli sogeito o Rey à boa razão,
Da mesma luz, que em si està força traz.
A quem todos seus bens, & vidas dão
Por os livrar da injuria, & violencia,
Se lhas elle fizer, a quem se irão?
Serà juiz a justa consciencia,
E aquelle santo, & natural preceito
Deve à ley o que a fez obediencia.
Quem o caminho ha de mostrar direito,
Se troce delle, & segue a falsa estrada,
Como terà seu povo à ley sogeito?
Poz Deos na mão do Rey a vara alçada
Para guia do povo errado, & cego,
Mas não foi sò ao seu desejo dada.
Como destro Piloto no alto pego
Co leme guia a nao, hora a hũa parte,
Hora a outra a desvia do vao cego.
Não valem alli forças, val sò arte,
Arte vence do mar a ira espantosa,
Arte sem ferro vence o fero Marte.
Hydra de mil cabeças enganosa,
Pègo de tantos ventos revolvido,
Não se vence, senhor, com mão forçosa.
Em duas iguaes partes repartido
Te deu Deos teu poder em premio, em pena,
Desse a cada hum o que lhe for devido.
Aquelle que á sua vontade ordena
Todas as cousas, olha com que amor
Paga o bem logo, & devagar condena.
Não se acha alli respeito, nem favor,
Tanto val cada hum, quanto merece,
Iguaes

Iguaes ante elle saõ servo,& senhor.
Olhate bem, gram Rey,& a ti conhece,
Nacido sò para reger a tantos,
E dessa grande Alteza o teu fim dece.
Vertehas igual na humanidade a quantos
Mandas,veràs o fim taõ duvidoso,
Como quem tambẽ morre, & nace em prãtos.
Que presta ser na terra poderoso,
Se o alto fim do Ceo se poem em sorte,
Que atè ao Filho de Deos foi tão custoso.
Corte o bom Rey primeiro por si, corte,
Mais vence o exemplo bom,q̃ o ferro,&o fogo,
Não pòde errar quem contra si he forte.
Nem a propria affeição,nem brando rogo
Tire a força à razão,ou à igualdade,
Nem se lhe faça sempre falso jogo.
Sòmente em Deos razão he a vontade,
Absoluto poder não o ha na terra,
Antes fora injustiça,& crueldade.
Que vontade mortal,senhor,não erra,
Se a justa ley,& razão a não enfrea,
De que nasce a injustiça,& cruel guerra.
Cada hum pinta em seu peito aquella idea,
A qual ou mal,ou bem,se se affeiçoa,
Assi lhe sae fermosa,ou lhe sae fea.
A boa guia he a inclinação boa,
A qual nasce do claro entendimento,
E com facil discurso ao melhor voa.
Tanto val,tanto pòde o santo intento,
Que só por si a honra,& louvor crece,
E a obra que val dez,faz valer cento.
E quando humanamente erro acontece,
(Quem pòde acertar sempre)a culpa he leve,
E todo

E todo o bom juizo a compadece.
Que injustiça serà, que não releve
Não sahir à vontade a obra igual,
Pois pello intento sò julgar se deve.
No livre peito, & coração real
Està o bem commum sempre fundado,
Não pòde de tal fonte manar mal.
Ama o povo o bom Rey, & he delle amado,
Ledo, & facil em crer, & julgar bem,
Imigo de todo o animo dobrado.
Sempre a mão larga, sempre aberto tem
O generoso peito ao premio justo,
E triste, & vagaroso à pena vem.
Este he chamado Bom, & Grande, Augusto,
Da Patria Pay, Prazer, & Amor do mundo,
Mortal imigo do tyrano injusto.
Este logo de hum alto, & de hum facundo
Engenho atè as Estrellas bem cantado,
Voando vai na terra sem segundo.
Tal nos crece, gram Rey, por Deos ja dado,
Inda mayor que as nossas esperanças,
Mayor que sua Estrella, & alto Fado.
Cedo teu esprito vencerà as tardanças
Do tempo, & idade, & cedo renovando
Iràs dos santos Reys altas lembranças.
Começate ja agora ir costumando
A pòr em nòs teus olhos Reaes serenos,
O mansissimo Avò teu imitando
Inteiro, & humano aos grãdes, & aos pequenos.

MOTTE.

MOTTE.

Descalça vay para a fonte,
Leonor pella verdura,
Vay fermosa, & não segura.

VOLTA.

LEva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote:
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura,
Vai fermosa, & não segura.
Descobre a touca a garganta,
Cabellos de ouro o trançado,
Fita de cor de encarnado,
Tão linda, que o mundo espanta:
Chove nella graça tanta,
Que dà graça à fermosura,
Vai fermosa, & não segura.

MOTTE.

Quem disser que a barca pende,
Dirlhehei mana que mente.

VOLTA.

SE vos quereis embarcar,
E para isso estaes no caes,

Entrai

Entrai logo; que tardaes?
Olhai que està preamar:
E se outrem, por vos fretar,
Vos disser que esta que pende,
Dirlhehei, mana, que mente.
Esta barca he de carreira,
Tem seus aparelhos novos,
Não ha como ella outra em Povos,
Boa de leme, & velleira:
Mas se por ser a primeira,
Vos disser alguem que pende,
Dirlhehei, mana, que mente.

MOTTE.

Com razão queixarme posso
De vós, que mal vos queixais,
Pois, senhora, vos sangrais,
Que seja hum corpo vosso.

VOLTAS.

EU para levar a palma,
Com que ser vosso mereça,
Quero que o corpo padeça
Por vós, que delle sois alma:
Vòs do corpo vos queixais,
Eu queixarme de vòs posso,
Porque tendo hum corpo vosso,
Na minha alma vos sangrais.
E sem fazer differença,
No que de mim possuis,
Pello pouco, que sentis,
Dais à minha alma doença.

Pois que dous a venturaès,
Oh não seja o dano nosso,
Sangrèse este corpo vosso,
Porque minha alma vivaes.
E inda, se atentardes bem,
Seguis medicina errada,
Porque para ser sangrada
Hũa alma sangue naõ tem:
E pois em mim sarar posso
Males, que á minha alma dais,
Se inda outra vez vos sangrais,
Seja neste corpo vosso.

MOTTE.

Retrato vòs naõ sois meu,
Retrataraõ vos mui mal,
Que a sereis meu natural,
Foreis mofino como eu.

GLOSA.

INda que em vòs a arte vença,
O que o natural tem dado,
Não fostes bem retratado,
Que ha em vòs mais differença,
Que no vivo do pintado:
Se o lugar se considera
Do alto estado, que vos deu
A sorte, que eu mais quizera,
Se he que eu sou quem dantes era
Retrato vós não sois meu,

Vòs na minha gloria posto,
Eu na vossa sepultura,
Vòs com bens, eu com desgosto,
Pareceisvos ao meu rosto,
E nãaja à minha ventura.
E pois nella, & vòs erràrão,
O que em mim he principal,
Muito em ambos se enganàrão,
Se por mim vos retratàrão,
Retratarãovos mui mal.
Mas se esse rosto fingido,
Quizereis representar,
Ouvera por bom partido,
Darlho a alma do sentido,
Para a gloria do lugar.
Vireis posta nessa alteza,
Que vos não ha cousa igual,
E que nem a mayor mal
Podeis vir, nem mór baixeza,
Que serdes meu natural.
Por isso não confesseis
Serdes meu, que he desatino,
Com que o lugar perdereis,
Se conservarvos quereis,
Blasonai, que sois divino.
Que se nesta occasião
Conhecessem que ereis meu,
Por meu vos derão de mão,
Foreis mofino, como eu.

MOTTE.

Foise gastando a esperança,
Fui entendendo os enganos,

Do mal ficârão meus danos,
E do bem só a lembrança.

GLOSA.

NUnca em prazeres passados
Tive firmeza segura,
Antes tão arrebatados,
Que inda não erão chegados,
Quando mos levou ventura.
E como quem desconfia,
Ter em tal sorte mudança,
No meyo desta porfia,
De quanto bem pretendia,
Foise gastando a esperança.
Não tive por desatino
A occasião de perdella,
Mas foi culpa do destino,
Que ninguem como mais dino
Amor pudera sostella.
Deilhe tudo o que era seu,
Não receando taes danos,
Deste, a quem alma lhe deu,
Quando ja não era meu,
Fui entendendo os enganos.
Fiquei deste mal sobejo,
A quem a causa compete,
Dizerlhe tudo o que vejo,
Que Amor aceita o desejo,
Mas mente no que promete.
Que se a mim se me obrigou
A darme bens soberanos,
Foi engano, que ordenou,
Que do bem tudo levou,
Do mal ficàrão meus danos.

É se dor tão desigual
Sofro em mim com padecellos,
Quero de novo sofrellos,
Que por a causa ser tal,
Não determino offendellos.
Dobrese o mal, falte a vida,
Creça a fè, falte a esperança,
Pois foi mal agradecida;
Fique a dor nalma imprimida,
E do bem sò a lembrança.

MOTTE.

Ojos, herido me haveis,
Acabad ya de matarme,
Mas muerto bolvè a mirarme,
Porque me resuciteis.

VOLTA.

PUes me distes tal herida,
Con gana de darme muerte,
El morir me es dulce suerte,
Pues con morir me dais vida.
Ojos, que os deteneis?
Acabad ya de matarme,
Mas muerto, bolvè a mirarme,
Porque me resuciteis.
La llaga cierto ya es mia,
Aunque, ojos, vòs no querrais,
Mas si la muerte me dais,
El morir me es alegria,
Y assi digo, que acabeis,
Ojos, de resuscitarme,
Mas muerto, bolvè a mirarme,
Porque me resusciteis.

SONETO.

HOras breves de meu contentamento,
Nunca me pareceo, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha,
Em huns tão longos dias de tormento:
As altas torres, que fundei no vento,
O vento as levou logo, que as sostinha,
Do mal, que me ficou, a culpa he minha,
Pois sobre cousas vãas fiz fundamento:
Amor com falsas mostras apparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura,
E logo no melhor desapparece:
Eu o quiz, pois o quiz minha ventura,
Que gemendo, & chorando conhecece
Quam fugitivo elle he, quam pouco dura.

SONETO.

SUstenta meu viver hũa esperança
Dirivada de hum bem tão desejado,
Que quando nella estou mais confiado,
Mòr duvida me poem qualquer mudança:
E quando inda este bem na mór pujança
De seus gestos me tem mais enlevado,
Me atormenta então ver eu, que alcançado
Será, por quem de vòs não tem lembrança:
Assi, que nestas redes enlaçado,
A penas dou a vida, sustentando
Hũa nova materia a meu cuidado:
Suspiros dalma tristes arrancando,
Dos silvos de hũa pedra accompanhado,
Estou materias tristes lamentando.

SONETO.

JÀ não sinto, senhora, os desenganos,
Com que minha affeição sempre tratastes,
Nem ver, o galardão, que me negastes,
Merecido por fè, ha tantos annos:
A magoa choro sò, sò choro os danos
De ver, por quem, senhora, me trocastes,
Mas em tal caso vòs só me vingastes
De vossa ingratidão, vossos enganos:
Dobrada gloria dà a qualquer vingança,
Que o offendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com cousa justa:
Mas eu de vossos males, & esquivança,
De que agora me vejo bem vingado,
Não o quizera eu tanto à vossa custa.

SONETO.

QVe pòde ja fazer minha ventura,
Que seja para meu contentamento?
Ou como fazer devo fundamento
De cousa, que o não tem, nem he segura?
Que pena pòde ser tão certa, & dura,
Que possa ser mayor, que meu tormento?
Ou como recearà meu pensamento
Os males, se com elles mais se apura?
Como quem se costuma de pequeno
Com peçonha criar por mão sciente,
Da qual o uso ja o tem seguro:
Mas eu acostumado ao veneno,
E uso de sofrer meu mal presente
Me faz não sentir ja nada o futuro.

SONETO.

LOs ojos que con blando movimiento
Al passar enternecen la alma mia,
Si detenerse viesse solo un dia
Mi pecho librarian de tormento:
Pues de tan amoroso sentimiento
El importuno mal se acabaria,
O assi el accidente creceria,
Que la vida acabasse en un momento:
O si tu esquivez lo permitiesse,
Que en presencia de tu semblante hermoso
A manos de tus ojos me muriesse:
O si los destruyesse, quan dichoso
Seria aquel momento, en que me viesse
Cobrar ellos la vida, y el reposo.

SONETO.

A Fermosura desta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar destes ribeiros,
Donde *toda a tristeza se desterra;*
O rouco som do *mar, a estranha terra,*
O esconder do Sol pellos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pello ar a branda guerra:
Em fim tudo o que a rara natureza
Com tanta variedade nos ofrece,
Me està (se não te vejo) magoando:
Sem ti tudo me enoja, & me aborrece,
Sem ti perpetuamente estou passando
Nas mòres alegrias, mòr tristeza.

SONETO.

SOſpechas, que en mi triſte fanteſia
Pueſtas hazeis la guerra a mi ſentido,
Bolviendo, y rebolviendo el afligido
Pecho con dura mano noche, y dia:
Ya ſe acabò la reſiſtencia mia,
Y la fuerça del alma ya rendido,
Vencer de vós me dexo arrepentido
De averos contraſtado en tal porfia:
Llevadme a aquel lugar tan eſpantable,
Que por no ver mi muerte alli eſculpido,
Cerrados haſta aqui tuve los ojos:
Las armas pongo ya, que concedida
No es tan larga defenſa al miſerable;
Colgad en vueſtro carro mis deſpojos.

SONETO.

NO baſtava que Amor puro, y ardiente
Por terminos la vida me quitaſſe,
Sinò que deſamor ſe apreſuraſſe
Con un tan deshumano accidente:
Mi alma no reſiſte, ni conſiente,
Que el amoroſo curſo ſe l'atajaſſe,
Porque nunca jamàs ſe exprimentaſſe,
Que muera a deſamor quien amor ſiente:
Mas vueſtra voluntad tan poderoſa,
Como vueſtra hermoſura, me ordenaron
Impoſſible crueldad, jamàs oida:
Aquel fiero deſden, y la amoroſa
Furia, de un golpe ſolo me quitaron
Con dòs muertes contrarias una vida.

FINIS.

SONETO I.

VOs, que escutais em Rimas derramado
Dos suspiros o som, que me alentava
Na juvenil idade, quando andava
Em outro em parte do que sou mudado:
Sabei, que busca só doja cantado,
No tempo, em que ou temia, ou esperava
De quem o mal provou, que eu tanto amava,
Piedade, & não perdaõ, o meu cuidado:
Pois vejo que tamanho sentimento
Sò me rendeo ser fabula da gente
(Do que comigo mesmo me envergonho)
Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheção claramente,
Que quanto ao mũdo apraz he breve sonho.

SONETO 2.

DE Amor escrevo, de Amor trato, & vivo,
De Amor me nasce amár, sem ser amado,
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto não seja ser de Amor cativo:
De Amor, que a lugar alto voe altivo,
E funde a gloria sua em ser ousado,
Que se veja melhor purificado
No immenso resplãdor de hũ rayo esquivo:
Mas ay, que tanto amor sò pena alcança!
Mais constante ella, & elle mais constante,
De seu triunfo cada qual só trata.
Nada, em fim, me aproveita, que a esperança
Se anima algũa vez a hum triste amante,
Ao perto vivifica, ao longe mata.

SONETO 3.

MOradoras gentis, & delicadas
Do claro, & aureo Tejo, que metidas
Estaes em suas grutas escondidas,
E com doce repouso sossegadas:
Agora estaes de amores inflamadas,
Nos cristalinos passos entretidas,
Agora no exercicio embevecidas
Das tellas de ouro puro matizadas:
Movei dos lindos rostros a luz pura
De vossos olhos bellos, consentindo,
Que lagrimas derramem de tristura;
E assi com dor mais propria hireis ouvindo
As queixas, que derramo da ventura,
Que com penas de amor me vai seguindo.

SONETO 4.

BRandas agoas do Tejo, que passando
Por estes verdes campos, que regaes,
Plantas, ervas, & flores, & animaes,
Pastores, Ninfas, ides alegrando:
Não sei (ah doces agoas!) naõ sei quando
Vos tornarei a vèr, que magoas taes,
Vendo como vos deixo, me causaes,
Que ja vou de tornar desconfiado:
Ordenou o destino, desejoso
De converter meus gostos em pezares,
Partida, que me vai custando tanto:
Saudoso de vòs, delle queixoso,
Encherei de suspiros outros ares,
Turbarei outras agoas com meu pranto.

SONETO 5.

NOvos casos de Amor, novos enganos,
Envoltos em lisonjas conhecidas,
Do bem promessas falsas, & escondidas,
Onde do mal se cumprem grandes danos:
Como não tomais ja por desenganos
Tantos ais, tantas lagrimas perdidas,
Pois em a vida naõ basta, nem mil vidas
A tantos dias tristes, tantos annos:
Hum novo coraçaõ mister havia
Com outros olhos menos agravados,
Para tornar a crer o que eu naõ cria:
Andais comigo, enganos, enganados,
E se o quizeres ver, cuidai hum dia
O que se diz dos bem acutilados.

SONETO 6.

IA do Mondego as agoas apparecem
A meus olhos, naõ meus, antes alheos,
Que de outras differentes vindo cheos,
Na sua branda vista inda mais crecem:
Parece que tambem forçadas decem,
Segundo se detem em seus rodeos,
Triste! por quantos modos, quantos meos
As minhas saudades me entristecem!
Vida de tantos males salteada,
Amor a poem em termos, que duvida
De conseguir o fim desta jornada;
Antes se dà de todo por perdida,
Vendo que naõ vai da alma acompanhada,
Que se deixou ficar onde tem vida.

SONETO 7.

HVm firme coraçaõ posto em ventura,
Hum desejar honesto, que se engeite,
De vossa condiçaõ, sem que respeite
A meu tam puro Amor, à fè tam pura:
Hum ver vòs, de piedade, & de brandura,
Sempre inimiga, faz me que sospeite
Se algũa Hircana fera vos deu leite,
Ou se nascestes de hũa pedra dura:
Ando buscando causa que disculpe
Crueza tão estranha, porèm quanto
Nisso trabalho mais, mais mal me trata:
Donde vem, que não ha quem nos naõ culpe,
A vós, porque matais quem vos quer tanto,
A mim, por querer tanto a quem me mata.

SONETO 8.

AR, que de meus suspiros vejo cheyo,
Terra cançada ja com meu tormento,
Agoa, que com mil lagrimas sustento,
Fogo, que mais acendo no meu ceyo:
Em paz estais em mim, & assim o creyo,
Sem esse ser o vosso proprio intento,
Pois em dor onde falta o sostimento,
A vida se sustem por vosso meyo:
Ay imiga Fortuna! ay vingativo
Amor! a que discursos por vós venho,
Sem nunca vos mover com minha magoa!
Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo, se contrarios tenho
Amor, Fortuna, Ar, Terra, Fogo, & Agoa.

S O-

SONETO 9.

IA claro vejo bem, ja bem conheço
Quanto aumentando vou o meu tormento,
Pois sei q̃ fundo em agoa, escrevo em vento,
E que o cordeiro manso ao lobo peço:
Que Aracne, pois ja com Pallas teço,
Que a Tigres em meus males me lamento,
Que reduzir o mar a hum vaso intento,
Aspirando a esse Céo, que naõ mereço:
Quero achar paz em hum confuso inferno,
Na noite do Sol puro à claridade,
E o suave Veraõ no duro Inverno:
Busco em luzente Olympo escuridade,
E o desejado bem no mal eterno,
Buscando amor em vossa crueldade.

SONETO 10.

DE cà donde sòmente o imaginarvos
A rigurosa ausencia me consente,
Sobre as azas de Amor, ousadamente
O mal sofrido esprito vai buscarvos:
E se naõ receâra de abrasarvos
Nas chamas, que por vossa causa sente,
Lá ficára comvosco, & vós presente
Aprendèra de vòs a contentarvos:
Mas pois que estar ausente lhe hè forçado,
Por senhora de cà vos reconhece,
Aos pès de imagens vossas inclinado:
E pois vedes a fê, que vos offerece,
Ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,
E darlheeis inda mais do que merece.

SONETO II.

NAõ ha louvor que arribe á menor parte
De quanto em vòs se vê, bella senhora,
Vós sois vosso louvor, quem vos adora
Reduz sómente a este o engenho, & arte:
Quanto por muitas damas se reparte
De bello, & de fermoso, em vòs agora
Se ajunta em modo tal, que pouco fora
Dizer, que sois o todo, ellas a parte;
Culpa logo, naõ he, se vou louvarvos
Ver incapazes todos os louvores,
Pois tanto quiz o Ceo aventajarvos:
Seja a culpa de vossos resplandores,
E a que elles tem vos dou, só para darvos
O mór louvor de todos os mayores.

SONETO 12.

NAõ vás ao monte, Nise, com teu gado,
Que eu lá vi, que Cupido te buscava,
Por ti somente a todos perguntava
No gesto menos placido, que irado:
Elle publica, em fim, que lhe has roubado
Os melhores farpoẽs da sua aljava,
E com hum dardo ardente assegurava
Traspassar esse peito delicado:
Fuge de verte là nesta aventura,
Porque se contra ti o tens iroso,
Póde ser que te alcance com mão dura:
Mas ay! que em vão te advirto temeroso,
Se à tua incomparavel fermosura
Se rende o dardo seu mais poderoso.

SONETO 13.

A Violeta mais bella, que amanhece
No valle por esmalte da verdura,
Com seu pallido lustre, & fermosura,
Por mais bella, Violante, te obedece.
Perguntasme porque? porque apparece
Seu nome em ti, & sua çor mais pura,
E estudar em rosto sò procura
Tudo quanto em beldade mais florece:
O luminosa flor! ô Sol mais claro?
Unico roubador de meu sentido,
Não permittas que Amor me seja avaro:
O penetrante setta de Cupido!
Que queres? que te peça por reparo
Ser neste valle Eneas, desta Dido,

SONETO 14.

TOrnai essa brancura á alva Açucena,
E essa purpurea cor ás puras Rosas,
Tornai ao Sol as chamas luminósas
Dessa vista, que a roubos vos condena:
Tornai á suavissima Sirena
Dessa voz as cadencias deleitosas,
Tornai a graça âs graças, que queixosas
Estão de a ter por vôs menos serena:
Tornai à bella Venus a belleza,
A Minerva o saber, o engenho, & a arte,
E a pureza á castissima Diana:
Despojaivos de toda essa grandeza,
De does, & ficareis em toda a parte
Com vosco sò, que he sò ser inhumana.

SONETO 15.

DE mil ſuſpeitas vans ſe me levantaõ
Trabalhos, & deſgoſtos verdadeiros,
Ay! Que eſtes bens de Amor ſaõ feiticeiros,
Que com hũ naõ ſei que, toda alma encãtão!
Como Sereas docemente cantão,
Para enganar os triſtes marinheiros,
Os meus aſſim me atraem liſongeiros,
E depois com horrores mil me eſpantaõ.
Quando cuido que tomo porto, ou terra,
Tal vento ſe levanta em hum inſtante,
Que ſubito da vida deſconfio:
Mas eu ſou quem me faz a maior guerra,
Pois conhecendo os riſcos de hum amante,
Fiado a ondas de Amor, dellas me fio.

SONETO 16.

MIl vezes determino não vos ver,
Por ver ſe abranda mais o meu penar,
E ſe cuido de aſſim me magoar,
Cuidai o que ſerâ, ſe ouver de ſer:
Pouco me importa ja muito ſofrer,
Depois que Amor me poz em tal lugar,
E o que inda me doe mais, he ſò cuidar,
Que mal ſem eſta dor poſſo viver.
Aſſi naõ buſco eu cura contra a dor,
Porque buſcando algũa, entendo bem,
Que neſſe meſmo ponto me perdi:
Quereis que viva, emfim, neſte rigor?
Sômente o querer voſſo me convem:
Aſſi quereis que ſeja? ſeja aſſi.

SONETO 17.

A Chaga que, senhora, me fizestes,
Naõ foi para curarse em hum sò dia,
Porque crecendo vai com tal porfia,
Que bem descobre o intento que tivestes:
De causar tanta dor vos naõ doestes?
Mas a doervos, dor me naõ seria,
Pois ja com esperança me veria,
Do que vòs, que em mim visse não quizestes:
Os olhos, com que todo me roubastes,
Foraõ causa do mal, que vou *passando*,
E vòs estaes fingindo, o não causastes:
Mas eu me vingarei, & sabeis quando?
Quando vos vir queixar, porque deixastes
Irse a minha alma nelles abrasando.

SONETO 18.

SE com desprezos, Ninfa, te parece,
Que podes desviar do seu cuidado
Hum coraçaõ constante, que se ofrece
A ter por gloria o ser atormentado:
Deixa a tua porfia, & reconhece,
Que mal sabes de Amor desenganado,
Pois naõ sêtes, nem vês, q̃ em teu mal crece,
Crecendo em mim, de ti mais desamado:
O esquivo desamor com que me tratas
Converte em piedade, se naõ queres,
Que creça o meu querer em teu desgosto:
Vencerme com cruezas nunca esperes,
Bem me podes matar, & bem me matas,
Mas sempre ha de viver meu presuppôsto.

SONETO 19.

SEnhora minha, se eu de vòs ausente
Me defendera de hum penar severo,
So speito, que offendèra o que vos quero,
Esquecido do bem de estar presente:
Tras este logo sinto outro accidente,
E he ver que se da vida desespero,
Perco a gloria, que vendo vos espero,
E assi estou em meus males differente:
E nesta differença meus sentidos
Combatem com tão aspera porfia,
Que julgo este meu mal por deshumano:
Entre si sempre os vejo divididos,
E se a caso concordaõ algum dia,
He só conjuraçaõ para meu dano.

SONETO 20.

NO regaço da Maem Amor estava,
Dormindo, taõ fermoso, que movia
O coraçaõ, que mais izento via,
E a sua propria mãy de amor matava:
Ella com os olhos nelle contemplava
A quanto estrago o mundo reduzia,
Elle, porèm, sonhando lhe dizia,
Que todo aquelle mal ella causava:
Soliso, que graduado em seus amores,
De saber de ambos mais teve a ventura,
Assi soltou a duvida aos Pastores;
Se bem me ferem sempre, sem ter cura,
Do Minino os ardentes passadores,
Mais me fere de Maem a fermosura,

SONETO 21.

ESte terreste Caos com seus vapores
Não pòde condensar as nuvens tanto,
Que o claro Sol não rompa o negro manto
Com suas bellas, & luzentes cores:
A ingratidaõ esquiva de rigores
Opposta nuvem he, que dura em quanto
Nos naõ converte o Ceo em triste pranto
Suas vans esperanças, seus favores:
Pòdese contrapor ao Ceo a terra,
E estar o Sòl por horas eclypsado,
Mas não pòde ficar escurecido:
Póde prevalecer a vossa guerra,
Mas a pesar das nuvens declarado
Ha de ser vosso Sol, & obedecido.

SONETO 22.

HUma admiravel erva se conhece,
Que vai aõ Sol seguindo de hora em hora,
Logo que elle do Eufrates se vê fòra,
E quando està mais alto, então florece:
Mas quando o Occeano ao carro dece,
Toda a sua belleza perde Flora,
Porque ella se emmurchesse, & se desfeora,
Tanto co a luz ausente se entristece:
Meu Sol, quando alegraes esta alma vossa,
Mostrandolhe esse rostro, que dâ vida,
Cria flores em seu contentamento:
Mas logo em naõ vos vendo, entristecida
Se murcha, & se consume em graõ tormẽto,
Nem ha quem vossa ausencia sofrer possa.

SO.

SONETO 23.

CRecei desejo meu, pois que a ventura
Iá vos tem nos seus braços levantado,
Que a bella causa de que sois gerado,
O mais ditoso fim vos assegura:
Se aspiraes por ousado a tanta altura,
Naõ vos espante haver ao Sol chegado,
Porque he de Aguia Real vosso cuidado,
Que quanto mais o sofre, mais se apura:
Animo, coraçaõ, que o pensamento
Te pôde inda fazer mais glorioso,
Sem que respeite a teu merecimento:
Que creças inda mais, he ja forçoso,
Porque se foi de ousado o teu intento,
Agora de atrevido he venturoso.

SONETO 24.

HE o gozado bem em agoa escrito,
Vive no desejar, morre no effeito,
O desajado sempre he mais perfeito,
Porque tem parte algũa de infinito:
Dar a hũa alma immortal gozo prescrito
Em verdadeiro amor, fora deffeito,
Por modo superior, não imperfeito,
Sois exceiçaõ de quanto aqui limito:
De hũa esperança nunca conhecida,
Da fé do desejar naõ alcançada
Sereis mais desejada possuida:
Naõ podeis da esperança ser amada,
Vista podereis ser, & então mais crida,
Porèm naõ sem agravo comparada.

SO-

SONETO 25.

DE quantas graças tinha a natureza
Fez hum bello, & riquissimo thesouro,
E com Rubins, & Rosas, Neve, & Ouro,
Formou sublime, & Angelica belleza:
Poz na boca os Rubins, & na pureza
Do bello rostro as Rosas, por quem mouro,
No cabello o valor do metal louro,
No peito a neve, em que a alma tenho acesa;
Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez delles hum Sol, onde se apura
A luz mais clara, que a do claro dia:
Em fim, senhora, em vossa compostura
Ella a apurar chegou quanto sabia
De Ouro, Rosas, Rubins, neve, & Luz pura.

SONETO 26.

NUnca em Amor danou atrevimento,
Favorece a fortuna á ousadia;
Porque sempre a encolhida cobardia
De pedra serve ao livre pensamento:
Quem se eleva ao sublime firmamento,
A estrella nelle encontra, que lhe he guia,
Que o bem que encerra em si a fantesia,
Saõ hũas illusoens, que leva o vento:
Abrirse deve passos á ventura,
Sem si proprio ninguem serà ditoso,
Os principios sómente a sorte os move:
Atreverse he valor, & naõ loucura;
Perderá por covarde o venturoso,
Que vos vé se os temores naõ remove.

SONETO 27.

A Morte, que da vida o nó desata,
Os nós, que dâ o Amor cortar quizera,
Co a ausencia, que he sobre elle espada feia,
E com o tempo, que tudo desbarata:
Duas contrarias, que hũa â outra mata,
A morte coutra Amor junta, & altera
Huma razão coutra a Fortuna austéra,
Outra contra á razão Fortuna ingrata:
Mas mostre a sua imperial potencia
A morte, em apartar de hum corpo a alma,
Duas almas o Amor num corpo una:
Para que assi triunfante leve a palma
Da Morte Amor, a graõ pesar da ausencia,
Do Tempo, da Razão, & da Fortuna.

SONETO 28.

GEntil senhora, se a Fortuna imiga,
Que contra mim cõ todo o Ceo conspira,
Os olhos meus de ver os vossos tira,
Porque em mais graves casos me persiga:
Comigo levo esta alma, que se obriga
Na mòr pressa de mar, de fogo, & de ira.
A darvos a memoria, que suspira,
Sò por fazer com vosco eterna liga:
Nesta alma, onde a Fortuna pòde pouco,
Taõ viva vos terei, que frio, & fome,
Vos não possaõ tirar, nem mais perigos;
Antes com som de voz tremulo, & rouco,
Por vós chamando, sò com vosso nome
Farei fugir os ventos, & os imigos.

SONETO 29.

QUe modo taõ ſubtil da natureza
 Para fugir ao mundo, & ſeus enganos!
 Permitte, que eſconda em tenros annos,
 Debaixo de hum burel tanta belleza:
Mas naõ pôde eſconderſe aquella alteza,
 E gravidade de olhos ſoberanos,
 A cujo reſplandor entre os humanos
 Reſiſtençia naõ ſinto, ou fortaleza:
Quem quer livre ficar de dor, & pena,
 Vendoa jâ, jâ trazendoa na memoria,
 Na meſma razão ſua ſe condena:
Porque quem mereceo ver tanta gloria,
 Cativo ha de ficar, que Amor ordena,
 Que de juro tenha ella eſta victoria.

SONETO 30.

NA margem de hum ribeiro, que fendia
 Com liquido criſtal hum verde prado,
 O triſte Paſtor Lizo debruçado,
 Sobre o tronco de hum freixo, aſſi dizia:
Ah! Natareia cruel? quem te deſvia
 Eſſe cuidado teu, do meu cuidado?
 Se tanto hei de penar deſenganado,
 Enganado de ti viver queria:
Que foi daquella fè, que tu me dêſte?
 Daquelle puro amor, que me moſtraſte?
 Quem tudo trocar pode tam aſinha?
Quando eſſes olhos teus noutro puzeſte,
 Como te naõ lembrou, que me juraſte
 Por toda a ſua luz, que eras ſô minha?

SONETO 31.

SE me vem tanta gloria sò de olharte,
He pena desigual deixar de verte,
Se presumo com obras merecerte,
Graõ paga de hum engano he desejarte:
Se aspiro, por quem es, a celebrarte,
Sei certo, por quem sou, q̃ hei de offenderte,
Se mal me quero a mi, por bem quererte,
Que premio querer posso, mais que amarte?
Porque hum taõ raro Amor naõ me soccorre?
O humano thesouro! ó doce gloria!
Ditoso quem à morte pòr ti corre!
Sempre escripta estarâs nesta memoria,
E esta alma viverá, pois por ti morre,
Porque ao fim da batalha he a victoria.

SONETO 32.

CRiou a natureza damas bellas,
Que foraõ de altos plectros celebradas,
Dellas tomou as partes mais prezadas,
E a vòs, senhora, fez do melhor dellas:
Ellas diante vós saõ as estrellas,
Que ficaõ com vos ver logo eclypsadas,
Mas se ellas tem por Sol essas rosadas
Luzes de Sol mayor, felices ellas!
Em perfeiçaõ, em graça, & gentileza,
Por hum modo, entre humanos, peregrino,
A todo o bello excede essa belleza:
O quem tivera partes de divino,
Para vos merecer! mas se pureza
De Amor val ante vòs, de vòs sou dino.

SO-

SONETO 33.

QUe esperais, esperança? Desespero.
Quem disso a causa foi? Hũa mudança.
Vòs vida, como estais? Sem esperança.
Que dizeis coraçaõ? Que muito quero.
Que sentis alma vòs? Que Amor he fero.
E em fim, como viveis? Sem confiança.
Quem vos sustenta logo? Hũa lembrança.
E sò nella esperais? Sò nella espero.
Em que podeis parar? Nisto em que estou.
E em que estais vòs? Em acabar a vida.
E tendelo por bem? Amor o quer.
Quem vos obriga assi? Saber quem sou.
E quem sois? Quem de todo està rendida.
A quem rendida estais? A hum sò querer.

SONETO 34.

SE algum hora essa vista mais suave
A caso a mim volveis, em hum momento
Me sinto com hum tal contentamento,
Que naõ temo que dano algum me agrave:
Mas quando com desdem esquivo, & grave,
O bello rosto me mostrais izento
Hũa dor provo tal, hum tal tormento,
Que muito vem à ser, que não me acabe:
Assi està minha vida, ou minha morte
No volver desses olhos, pois podeis
Dar cuma volta delles morte, ou vida:
Ditoso eu, que o Ceo quer, ou minha sorte,
Que ou vida para darvola me deis,
Ou morte, para haver morte querida.

SONETO 35.

TAnto se foraõ, Ninfa, costumando
Meus olhos a chorar tua dureza,
Que vaõ passando ja por natureza,
O que por accidente hiaõ passando:
No que ao sono se deve estou velando,
E venho a velar sò minha tristeza,
O choro não abranda esta aspereza,
E meus olhos estaõ sempre chorando:
Assi de dor em dor, de magoa, em magoa,
Consumindose vaõ inutilmente,
E esta vida tambem vão consumindo:
Sobre o fogo de Amor inutil agoa!
Pois eu em choro estou continuamente,
E do que vou chorando, te vâs rindo.

SONETO 36.

EU me aparto de vòs, Ninfas do Tejo,
Quando menos temia esta partida,
E se a minha alma vai entristecida,
Nos olhos o vereis, com que vos vejo:
Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade, que a razão leva vencida,
Presto veraõ o fim â triste vida,
Se vos naõ torno a ver como desejo:
Nunca a noite entre tanto, nunca o dia,
Veraõ partir de mim vossa lembrança,
Amor, que vai comigo o certifica:
Por mais que no tornar haja tardança,
Me faraõ sempre triste companhia
Saudades do bem, que em vòs me fica.

SONETO 37.

DIvina companhia, que nos prados
Do claro Eurotas, ou no Olimpo monte,
Ou ſobre as margens da Caſtalia fonte,
Voſſos eſtudos tendes mais ſagrados:
Pois por deſtino dos immoveis fados,
Quereis que em voſſo numero me conte
No eterno templo de Belerofonte,
Ponde em bronze eſtes verſos entalhados:
Soliſò (porque em ſeculos futuros
Se veja da belleza o que merece
Quem de ſabia doudice a mente inflama:
Seus eſcriptos da ſorte ja ſeguros
A eſtas aras em hũa maõ ofrece,
E a alma em outra á ſua bella Dama.

SONETO 38.

A La margen del Tajo en claro dia,
Con rayado marfil peinando eſtava
Natareia ſus cabellos, y quitava
Con ſus ojos la luz al Sol, que ardia;
Soliſo, que qual Clicie la ſeguia,
Lexos de ſi, mas cerca della eſtava,
Al ſon de ſu zamphoña celebrava
La cauſa de ſu ardor, y aſſi dizia:
Si tantas, como tu tienes cabellos,
Tuviera vidas yo, me las lleváras,
Colgada cada qual del uno dellos;
De no tenerlas tu me conſoláras,
Si tantas vezes mil como ſon ellos,
En ellos, la que tengo, me enredàras.

SONETO 39.

POr gloria tuve un tiempo el ser perdido,
Perdiame de puro bien ganado,
Ganè quando perdi ser libertado,
Libre agora me veo mâs vencido:
Venci, quando de Nize fui rendido,
Rendime, por no ser della dexado,
Dexóme en la memoria el bien passado,
Passo agora a llorar lo que he servido:
Servia al premio de la luz, que amava,
Amandola, esperavale por cierto,
Incierto me saliò quanto esperava:
La esperança se queda en desconcierto,
El concierto en el mal, que no pensava
El pensamiento con un fin incierto.

SONETO 40.

REbuelvo en la incessable fantasia,
Quãdo me he visto en mâs dichoso estado,
Si agora, que de Amor vivo inflamado,
Si quando de su ardor libre vivia:
Entonces desta llama solo huìa,
Despreciando en mi vida su cuidado,
Agora con dolor de lo passado,
Tengo por gloria aquello que temia:
Bien veo, que era vida deleitosa
Aquella que lograva sin temores,
Quando gustos de Amor tuve por viento:
Mas viendo oy a Natareia tan hermosa,
Hallo en esta prision glorias mayores,
Y en perderlas, por libre, hallo tormento.

SONETO 41.

LAs peñas retumbavan al gemido
Del misero zagal, que lamentava
El dolor, que a su alma lastimava
De un obstinado desamor nacido:
El mar, que las batia su bramido,
Con los retumbos dellas ayuntava,
Confuso son al viento derramava
En cavernosos valles repetido:
Responden a mi llanto duras peñas,
Ay de mi! (dixo) la mar brama, y gime,
Los eccos suenan de tristeza llenos:
Y tu por quien la muerte en mi se imprime,
De oir las ansias mias te desdeñas,
Y quando lloro más, te ablando menos.

SONETO 42.

EN una selva al despuntar del dia,
Estava Endemion triste, y lloroso,
Buelto al rayo del Sol, que presuroso
Por la falda de un monte decendia:
Mirando al turbador de su alegria,
Contrario de su bien, y su reposo,
Tras un suspiro, y otro congoxoso,
Razones semejantes le dizia:
Luz clara, para mi la más escura,
Que con esse passeo apresurado,
Mi Sol con tu tiniebla escureciste:
Si allá pueden moverte en essa altura
Las quexas de un Pastor enamorado,
No tardes en bolver adó saliste.

SO-

SONETO 43.

ORphêo enamorado, que tañia
Por la perdida Ninfa, que buſcava,
En el arco implacable, donde eſtava,
Con la Arpa, y con la voz la enternecia:
La nuda de Ixion no ſe movia,
Ningun atormentado ſe quexava,
Las penas de los otros ablandava,
Y todos las de todos èl ſentia:
El ſon pudo obligar de tal manera,
Que en dulce galardon de lo cantado,
Los infernales Reyes condolidos,
Le mandaron bolver ſu compañera,
Y bolviòla à perder el deſdichado,
Con que fueron entrambos los perdidos.

00100096

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016